

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

AQUISIÇÃO DO QU-*IN SITU* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO FRANCÊS

(versão corrigida)

CLARIANA LARA VIEIRA

São Paulo

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

AQUISIÇÃO DO QU-*IN SITU* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO FRANCÊS

(versão corrigida)

CLARIANA LARA VIEIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Elaine Bicudo Grolla

São Paulo

2023



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Clariana Lara Vieira

Data da defesa: 16/06/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Elaine Bicudo Grolla

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 11 / 08 / 2023

Profa. Dra. Elaine Bicudo Grolla
Departamento de linguística – FFLCH/USP
Orientadora

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

V657a Vieira, Clariana
Aquisição do QU-in situ no português brasileiro e no francês / Clariana Vieira; orientador Elaine Grolla - São Paulo, 2023.
317 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. português brasileiro. 2. francês. 3. perguntas-QU. 4. QU-in situ. 5. aquisição de linguagem. I. Grolla, Elaine, orient. II. Título.

*Ao Gustavo,
que me ensinou a sonhar*

Agradecimentos

Agradeço, antes de tudo, à Prof^a. Dr^a. Elaine Grolla, pela sábia orientação desde a Iniciação Científica e que, desde as primeiras aulas de Psicolinguística da graduação, despertou a minha curiosidade por essa belíssima área de estudo, a qual nunca me cansarei de investigar. E por também despertar meu interesse pelas perguntas-QU e pelo curioso caso da aquisição do QU-*in situ*. Sem seu apoio constante, as leituras minuciosas e as reuniões para decifrar (e filtrar) os resultados e as análises, este trabalho não seria possível.

Aos professores do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo a quem devo minha sólida formação. Em especial, à Prof^a. Dr^a. Raquel Santana Santos, pelo compartilhamento do banco de dados utilizado neste trabalho e pelos direcionamentos referentes aos aspectos fonológicos das perguntas; aos professores doutores Jairo Morais Nunes e Renato Lacerda, pelo curso de Estrutura Informacional que contribuiu para as reflexões presentes neste trabalho; ao Prof. Dr. Marcelo Barra Ferreira, pela instigante aula de Pragmática Formal, que me respondeu várias perguntas e despertou outras ainda por responder. À Prof^a. Dr^a. Livia Oushiro, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, pelas instigantes aulas de R que me ajudaram a entender melhor o quebra-cabeça da estatística.

Agradeço também às professoras membras de minha banca de qualificação e da minha banca de defesa, pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições: Maria Cristina Figueiredo Silva, Raquel Santana Santos e Marina Rosa Ana Augusto.

A todos os colegas do Laboratório de Estudos em Aquisição de Linguagem (LEAL) pelo acolhimento e pelas discussões ao longo deste percurso de nove anos. E, principalmente, à Karina Gomes Bertolino, cuja consultoria em estatística foi fundamental para que eu analisasse todos os meus dados.

Aos meus companheiros de pós-graduação que conheci nestes últimos anos e que foram fundamentais para que as experiências nos cursos, nas reuniões e nas discussões extracurriculares se tornassem ainda mais gratificantes. Agradeço, em especial, ao Antonio Codina, à Camilla de Rezende, à Claudia Souza e ao Jonathan Torres.

Agradeço também aos pesquisadores Aliyah Morgenstern (Université Sorbonne Nouvelle) e Christophe Parisse (Université Paris Ouest) pela disponibilização do *corpus*

naturalístico do francês no banco de dados CHILDES, com isso rompendo as fronteiras da ciência.

Agradeço aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado durante esta empreitada. Ao Bruno, pelos 25 anos de amizade que, mesmo agora em outra cidade, está sempre a um telefonema de distância; à Daniella, pelos mais de 11 anos de convivência que ela sabiamente preencheu com acolhimento irrestrito; à Darlene, pelos cafés-com-lágrimas (e franquias) que me salvaram nos momentos de maior desamparo.

Ao Gustavo, que me inspirou todos os dias a ser uma pessoa mais corajosa e obstinada e que plantou em mim a semente de um sonho. Sem sua paciência e compreensão nos momentos mais desafiadores, este trabalho teria permanecido apenas uma ideia. Agradeço também aos meus pais que sempre apoiaram meus estudos e que não deixaram a conformidade tomar espaço em minha vida. Agradeço também a minha família-pet – à Zoe, ao Link e ao recém-chegado Kili – pelo carinho incondicional e por exigirem um passeio e uma brincadeira nos momentos em que eu precisava me desligar um pouco.

Por fim, agradeço ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa.

Resumo

Em português brasileiro (PB) e francês, as perguntas-QU podem envolver ou não o movimento do constituinte interrogativo para a periferia esquerda, sendo esse movimento aparentemente opcional. Caso as estruturas sejam de fato opcionais, é esperado que o QU-*in situ* seja a estratégia-QU mais produtiva nos primeiros estágios de desenvolvimento linguístico da criança, uma vez que ela aparentemente não envolve movimento do elemento-QU, portanto, é derivacionalmente mais econômica. A literatura especializada, no entanto, tem demonstrado uma assimetria entre fala infantil e adulta nas duas línguas: enquanto no PB a criança (quase) nunca produz a construção (SIKANSI, 1999; GROLLA, 2000, 2009), sendo produtiva na fala adulta (LOPES-ROSSI, 1996); no francês, as crianças a produzem massivamente (HAMANN, 2006), enquanto os adultos a desfavorecem (ZUCKERMAN, 2001). Tendo em vista essa assimetria entre o que se observa no *input* e na fala infantil, o presente trabalho procura investigar o comportamento de crianças brasileiras e francesas frente às interrogativas-QU, com destaque ao QU-*in situ*. Para tanto, investigamos dados espontâneos de 8 crianças e seu *input* contendo fala dirigida à criança. O *corpus* contou com aproximadamente 264 horas de gravação e com perguntas-QU produzidas por: (i) 4 crianças adquirindo PB como primeira língua, com faixa etária entre 1;02.28 e 5;06.07, e a fala dos 23 adultos com quem elas interagem durante as gravações (*corpus* SANTANA-SANTOS); (ii) 4 crianças adquirindo francês como primeira língua, com faixa etária entre 1;03.15 e 5;11.18, e 42 adultos com quem elas interagem (*corpus* Paris contido no banco de dados CHILDES (MACWHINNEY, 2000)). Os resultados sugerem que a assimetria encontrada nas duas línguas não é tão acentuada como antes se acreditava: o adulto brasileiro, por exemplo, produz aproximadamente 10% da construção, ou seja, ela não é de fato tão produtiva na fala dirigida à criança; já o adulto francês não demonstra preferência por nenhuma das formas interrogativas, produzindo aproximadamente 50% de cada uma. A criança adquirindo o PB parece seguir as pistas deixadas pelo *input*, produzindo menos de 2% do QU-*in situ*; por outro lado, a criança francesa produz massivamente o QU-*in situ* (~87%) mesmo diante de um *input* ambíguo. Para explicar essa tendência, consideramos o contraste entoacional entre a interrogativa e outros tipos de sentença, que, nos primeiros estágios de aquisição, parece servir como pista para a criança francesa “desambiguar” seu *input*.

Palavras-chave: português brasileiro; francês; perguntas-QU; QU-*in situ*; aquisição de linguagem.

Abstract

In Brazilian Portuguese (BrP) and French Wh-questions, Wh-phrases can either move to the left periphery or remain *in situ*, and this displacement is apparently optional. In case the structures are truly optional, the Wh-*in situ* should be the most productive strategy in the first stages of language acquisition, since it apparently does not involve movement, thus being the most economical option. However, the literature has suggested an asymmetry between infant and adult speeches in both languages: while in BrP, children (almost) never produce the Wh-*in situ* (SIKANSI, 1999; GROLLA, 2000, 2009), although it is productive in adult data (LOPES-ROSSI, 1996), in French, children produce it massively (HAMANN, 2006), even though it is disfavored in adult data (ZUCKERMAN, 2001). Bearing in mind this asymmetry between what is observed in the input and in the children's speech, the present work seeks to investigate the behavior of Brazilian and French children when faced with Wh-questions, with emphasis on Wh-*in situ*. Therefore, we looked at spontaneous data from 8 children and their input containing child directed speech. The *corpus* had approximately 264 hours' worth of recording with Wh-questions asked by: (i) 4 children acquiring BrP as first language, ages between 1;02.28 and 5;06.07, and the speech of 23 adults with whom they interacted during the recordings (*corpus* SANTANA-SANTOS); (ii) 4 children acquiring French as first language, ages between 1;03.15 and 5;11.18, and the 42 adults with whom they interacted (*corpus* Paris found in the CHILDES database (MACWHINNEY, 2000)). Our results suggest that the asymmetry found in both languages are not as pronounced as previously believed: the Brazilian adults, for example, produce approximately 10% of Wh-*in situ*, which means it is not very productive in child directed speech; on the other hand, the French adult does not show preference for any of the interrogative forms, producing approximately 50% of each one. Children acquiring BrP seem to follow the cues left by the input itself, producing less than 2% of Wh-*in situ*; contrariwise, French children produce it massively (~87%), even facing an ambiguous input. To account for this trend, we consider the intonational contrast between the Wh-*in situ* and other sentence types, which, in the first stages of acquisition, could function as a cue for the French children to “disambiguate” their input.

Keywords: Brazilian Portuguese; French; WH-questions; WH-*in situ*; language acquisition.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
2. PORTUGUÊS BRASILEIRO	29
2.1. ASPECTOS SINTÁTICOS	30
2.2. ASPECTOS FONOLÓGICOS	47
2.3. ASPECTOS PRAGMÁTICOS	51
2.4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	71
3. FRANCÊS	73
3.1. ASPECTOS SINTÁTICOS	74
3.2. ASPECTOS FONOLÓGICOS	87
3.3. ASPECTOS PRAGMÁTICOS	95
3.4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	108
4. AQUISIÇÃO DO QU-<i>IN SITU</i>	111
4.1. PORTUGUÊS BRASILEIRO	111
4.1.1. DADOS ESPONTÂNEOS	112
4.1.2. DADOS EXPERIMENTAIS	119
4.1.3. SUMÁRIO DA SEÇÃO	122
4.2. FRANCÊS	123
4.2.1. DADOS ESPONTÂNEOS	124
4.2.2. DADOS EXPERIMENTAIS	128
4.2.3. SUMÁRIO DA SEÇÃO	134
4.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	135
5. DADOS DA PESQUISA	138
5.1. OBJETIVOS	139
5.2. PERGUNTAS DE PESQUISA	140
5.3. APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	140
5.4. METODOLOGIA	143
6. VISÃO GERAL DOS RESULTADOS	151
6.1. DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS	151
6.2. QU- <i>EX SITU</i> X QU- <i>IN SITU</i>	155
6.3. TODOS OS TIPOS DE PERGUNTA-QU	165
6.4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	183
7. INFLUÊNCIA DE FATORES MORFOSSINTÁTICOS	187
7.1. PALAVRA-QU	187
7.2. FUNÇÃO SINTÁTICA DO CONSTITUINTE INTERROGATIVO	201
7.3. COMPLEXIDADE DO CONSTITUINTE-QU	214
7.4. TIPO DE VERBO: CÓPULA VS. LEXICAL	220
7.5. REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA	224
7.6. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	235
8. INFLUÊNCIA DE FATORES PRAGMÁTICOS	238
8.1. CONTEXTO EM PERGUNTAS-QU OPCIONAIS	238
8.2. CONTEXTO EM PERGUNTAS-QU NÃO OPCIONAIS	250
8.3. REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA	255
8.4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	258
9. INFLUÊNCIA DE FATORES FONOLÓGICOS	262
9.1. PORTUGUÊS BRASILEIRO	262

9.2. FRANCÊS	271
9.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	278
10. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	280
10.1. QU- <i>EX SITU</i> X QU- <i>IN SITU</i>	280
10.2. ESTRATÉGIAS COM QU- <i>EX SITU</i>	287
10.3. INFLUÊNCIA DOS FATORES MORFOSSINTÁTICOS	290
CONSIDERAÇÕES FINAIS	301
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	306

Lista de abreviaturas

PB	<i>Português brasileiro</i>
PE	<i>Português europeu</i>
QU	<i>Refere-se aos pronomes interrogativos, como 'o que', 'quem', 'como' etc</i>
GB	<i>Government and Binding (modelo da Regência e Ligação)</i>
PF	<i>Phonetical form (Forma Fonética)</i>
LF	<i>Logical form (Forma Lógica)</i>
DAT	<i>Dativo</i>
PP	<i>Prepositional Phrase</i>
CP	<i>Complementizer Phrase</i>
IP	<i>Inflectional Phrase</i>
Spec	<i>Especificador</i>
EXPL	<i>Expletivo</i>
CL	<i>Clítico</i>
AUX	<i>Auxiliar</i>
ACC	<i>Acusativo</i>
SG	<i>Singular</i>
NOM	<i>Nominativo</i>
EPP	<i>Princípio de Projeção Estendido</i>
PR	<i>Peso Relativo</i>
MLU	<i>Mean length of utterance (comprimento médio do enunciado)</i>
Comp	<i>Complementizador</i>
OP	<i>Operador</i>
NSR	<i>Nuclear Stress Rule</i>
FPR	<i>Focus Prosody Rule</i>
F	<i>Foco</i>
F0	<i>Frequência fundamental</i>
OBJ	<i>Objeto</i>
QUD	<i>Question under discussion</i>
ESK	<i>Complementizador 'est-ce que' do francês</i>
NEG	<i>Negação</i>

Introdução

“The Road goes ever on and on
Down from the door where it began.
Now far ahead the Road has gone,
And I must follow, if I can,
Pursuing it with eager feet,
Until it joins some larger way
Where many paths and errands meet.
And whither then? I cannot say”

– J.R.R. Tolkien, *The Fellowship of the Ring*

A interação de uma criança com seu cuidador é marcada por muitas perguntas e, fazendo uso delas, o adulto procura instigá-la a participar dos eventos e das brincadeiras. Mais tarde, o aprendiz, ávido por entender e descobrir o ambiente ao seu redor e, com isso, participar cada vez mais das relações interpessoais, começa a fazer perguntas para sanar sua curiosidade. Sendo um fenômeno rico desde os primeiros estágios de aquisição, não é de hoje que as perguntas têm despertado interesse dos estudiosos em Linguística. Questões como a ordem de emergência dos diversos pronomes interrogativos, a inversão ou não do sujeito-auxiliar verificada em algumas línguas; tipos de erros cometidos pelas crianças nos primeiros estágios de aquisição; e a existência ou não do movimento do elemento-QU são alguns dos aspectos investigados pelos pesquisadores da área.

Interlinguisticamente, temos, por exemplo, questões como a variação do movimento do elemento interrogativo: em línguas como o inglês, o constituinte-QU deve obrigatoriamente se mover para a periferia esquerda da sentença; já em línguas como o chinês, esse elemento deve permanecer *in situ*, ou seja, no lugar em que foi gerado, para que a sentença seja gramatical; mas há também línguas em que ambas as opções são permitidas, como o português brasileiro (doravante PB) e o francês: ou o elemento-QU aparece *in situ*, ou ele aparece na periferia

esquerda da sentença – opção para a qual adotaremos o nome *QU-ex situ* neste trabalho¹. Essa aparente opcionalidade levanta, no entanto, questionamentos para uma abordagem minimalista, uma vez que nela o movimento de sintagmas e núcleos não é livre e apenas deve ser realizado quando necessário. Como, então, devemos tratar línguas que permitem tanto o *QU-ex situ* como o *in situ*? Estamos realmente diante de uma opcionalidade? E, ainda mais importante para esta tese, como as crianças em processo de aquisição de uma língua com movimento-QU opcional se comportam diante dessas estruturas?

Tendo como pano de fundo esses questionamentos iniciais, esta tese tem como objetivo central investigar a aquisição do *QU-in situ* por crianças falantes de PB e de francês como primeira língua, duas línguas em que há movimento-QU supostamente opcional. Seguiremos, para tanto, o arcabouço teórico gerativo, segundo o qual somos geneticamente dotados de um componente especificamente dedicado à linguagem que nos permite, diferentemente de outros animais, adquirir linguagem de forma rápida, universal e diante de um *input* empobrecido. Mais especificamente, este trabalho se sustenta sobre o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 1999) que assume a teoria gerativa em sua versão Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e, com ele, exploraremos a questão da opcionalidade entre perguntas-QU, procurando trazer aspectos de cunho pragmático, sintático e fonológico que as diferenciam, mesmo que sutilmente, impedindo-as de serem completamente intercambiáveis.

As línguas naturais podem ser classificadas em três grupos distintos, a depender da posição que o constituinte-QU ocupa em PF: (i) línguas em que esse constituinte ocupa consistentemente a posição inicial da sentença, movendo-se para a periferia esquerda abertamente, como é o caso do inglês (1); (ii) línguas em que o elemento-QU permanece obrigatoriamente *in situ*, como o chinês (2); e (iii) línguas em que o elemento interrogativo pode aparecer *ex situ* ou *in situ*, conhecidas como línguas de movimento-QU opcional, como o português brasileiro (3) e europeu, francês (4), espanhol (5), grego, entre outras²:

¹ A literatura mais recente tem adotado as nomenclaturas *QU-ex situ* para a estruturas como “O que o gato comeu ___?”, em que a palavra-QU aparece em posição diversa daquela em que foi gerada, contrapondo-se à estrutura *QU-in situ*, “O gato comeu o quê?”, em que a palavra-QU não sofre deslocamento aparente. Adotaremos essa nomenclatura durante todo o trabalho para maior conveniência, sabendo que estruturas *ex situ* podem tomar diferentes formas em PB, como os exemplos abaixo:

- (i) O que_i o gato comeu t_i?
- (ii) O que_i que o gato comeu t_i?
- (iii) O que_i é que o gato comeu t_i?

² As glosas e traduções para o PB de exemplos retirados de outros trabalhos foram feitas pela própria autora.

- (1) **What** did you buy?
 O que AUX-você comprar
“O que você comprou?”
- (2) Hufei mai-le **shenme**? (CHENG, 2003:1)
 Hufei comprou o quê
“Hufei comprou o quê?”
- (3) a. **O que** você comprou?
 b. Você comprou **o quê**?
- (4) a. **Qu’est-ce que** tu as acheté?
 o que 2ª pessoa AUX-comprar
“O que você comprou?”
- (5) b. Tu as acheté **quoi**?
 Você AUX-comprar o que
“Você comprou o quê?”
- (6) a. **Lo que** has comprado?
 O que AUX-comprar
“O que você comprou?”
 b. Ha comprado **lo que**?
 AUX-comprar o que
“Você comprou o quê?”

O PB e o francês são línguas, como várias outras, em que o movimento do elemento-QU é, à primeira vista, opcional³. Essa aparente opcionalidade resulta do fato de que os dois tipos de interrogativas parecem intercambiáveis. Assim, diante de duas estruturas verdadeiramente opcionais, o falante seria capaz de escolher entre duas formas diferentes para transmitir a mesma mensagem. Para Zuckerman (2001:17), duas estruturas são opcionais se e somente se:

- (i) uma numeração específica n produz tanto S como S’;
- (ii) tanto S como S’ convergem na interface;

³ Algumas outras línguas que apresentam tanto QU-*in situ* como QU-*ex situ* são: espanhol (JIMÉNEZ, 1997; REGLERO, 2004; URIBE-ETXEBARRIA, 2002; BIEZMA, 2018, a.o.); dialetos do italiano, como o trevigiano ou belunês (MUNARO 1999, POLETTO; POLLOCK, 2015; BONAN, 2021, a.o.); e grego (ROUSSOU; VLACHOS; PAPAZACHARIOU, 2014; VLACHOS; CHIOU, 2021, a.o.).

(iii) as derivações resultantes de S e S' produzem representações idênticas em LF⁴.

A opcionalidade, para o autor, pode ser resultado de operações de movimento como a das perguntas-QU: “se, em um ponto da derivação, o movimento de um elemento específico é opcional – ou seja, se sua ocorrência ou não ocorrência não apresenta implicações para o *status* gramatical ou semântico – então o resultado será duas estruturas opcionais” (ZUCKERMAN, 2001:17)⁵. Gramaticalmente, em PB e em francês, tanto o QU-*ex situ* como o *in situ* são possíveis e aceitos pelos falantes das línguas em contextos de pedido genuíno de informação e parecem semanticamente equivalentes.

Para Hamblin (1973:48), “uma pergunta configura uma situação de escolha entre um conjunto de proposições, nomeadamente, aquelas proposições que contam como resposta para ela”⁶. Em uma pergunta como “O João comprou o quê?”, podemos ter um conjunto de proposições como “O João comprou um disco”; “O João comprou um tênis”; “O João comprou um livro” como respostas possíveis para a pergunta. Nesse caso, haveria três respostas possíveis para preencher o valor do elemento-QU, a saber, $\varphi?$: disco, tênis, livro. Diferente da declarativa que denota um conjunto com apenas uma proposição, “a interrogativa denota um conjunto com tantas proposições quanto há entidades no domínio” (DAYAL, 2016:26)⁷.

Karttunen (1977), interessado também em perguntas indiretas do tipo “*I ask you whether it is raining*” (“eu te perguntei se está chovendo”), considera que a hipótese de Hamblin não dá conta da relação entre perguntas diretas e indiretas e escolhe um tratamento diferente para as interrogativas. Para ele, “perguntas denotam um conjunto de proposições expressas por suas respostas *verdadeiras*, ao invés do conjunto de proposições expressas por suas possíveis respostas”⁸ (KARTTUNEN, 1977:10), em contraste com as declarativas, que são interpretadas como proposições.

Quer consideremos a proposta de Hamblin (1973), para quem as perguntas denotam um conjunto de proposições expressas por suas possíveis respostas; quer consideremos a de

⁴ “Optionality: S and S' are optional structures if and only if: (i) a specific numeration set n yields both S and S'; (ii) both S and S' converge at the interface; (iii) the derivations leading to S and S' yield identical LF representations” (ZUCKERMAN, 2001:17).

⁵ “If, at a certain point in the derivation, the movement of a specific element is optional --that is, if its occurrence or non- occurrence carries no implications for grammaticality status or semantic status-- it will result in two optional structures” (ZUCKERMAN, 2001:17).

⁶ “[...] a question sets up a choice-situation between a set of propositions, namely, those propositions that count as answers to it” (HAMBLIN, 1973:48).

⁷ “[...] an interrogative denotes a set with as many propositions as there are entities in the domain” (DAYAL, 2016:26).

⁸ “[...] questions denote the set of propositions expressed by their true answers instead of the set of propositions expressed by their possible answers” (KARTTUNEN, 1977:10).

Karttunen (1977), para quem as perguntas denotam um conjunto de proposições expressas por suas respostas verdadeiras, devemos analisar sob o mesmo espectro semântico as perguntas-QU, seja com o elemento-QU movido para posição inicial da sentença, seja com o elemento-QU em posição *in situ*. Ambas denotam um conjunto de proposições expressas por suas respostas possíveis ou verdadeiras. Assim, sob esse aspecto, as perguntas com QU-*ex situ* ou QU-*in situ* possuem essencialmente a mesma denotação e a posição sintática do elemento-QU, seja qual for, não parece acarretar implicações para o *status* semântico das interrogativas.

Além disso, ambas as formas devem atender às condições de felicidade abaixo para a boa formação de perguntas:

Ato de fala de questionar:

Falante questiona Ouvinte sobre a proposição *p* se e somente se

- (iv) F não sabe a verdade sobre *p*.
- (v) F quer saber a verdade sobre *p*.
- (vi) F acredita que O saiba a verdade sobre *p*.

(DAYAL, 2016:4)⁹

Por exemplo, no diálogo em (7), não há nenhuma razão para crer que A já saiba qual livro B está lendo quando pergunta “que livro você está lendo?”. A parece genuinamente curioso sobre essa informação. Assim como também não há razão para crer que ele já saiba em que lugar B comprou o livro.

(7) A aborda B que está lendo um livro.

A: Oi, Miguel, **que livro você está lendo?**

B: O sol é para todos.

A: Ah, que legal. Sempre quis ler esse livro. **E você comprou ele onde?**

B: Na Amazon. Eles entregam rapidinho.

As perguntas em (7), então, foram produzidas em um contexto em que o Falante A não sabe a verdade sobre as proposições, i. e., ele não sabe qual livro B está lendo ou em que lugar ele o comprou. Ademais, todo o diálogo sugere que o Falante A queira saber as respostas para suas perguntas e que ele acredita que o Ouvinte B saiba qual livro ele mesmo está lendo e onde o comprou. Por isso, ambas as perguntas, tanto a primeira com QU-*ex situ*, como a segunda com QU-*in situ*, são realizadas em um contexto em que o Falante não sabe a resposta para sua

⁹ “SPEECH ACT OF QUESTIONING - Speaker questions Hearer about proposition *p* iff: (i) *S* does not know the truth about *p*; (ii) *S* wants to know the truth about *p*; (iii) *S* believes *H* knows the truth about *p*” (DAYAL, 2016:4).

indagação e espera que o Ouvinte possa sanar sua dúvida. Ou seja, as duas estruturas atendem às condições para sua boa formação. Além disso, na primeira pergunta de A, é possível também produzir o QU-*in situ*, sem prejuízo à denotação, uma vez que o contexto extralinguístico o permite (como discutiremos adiante); e, na segunda, é cabível também a utilização do QU-*ex situ*.

Portanto, as estruturas parecem, a princípio, intercambiáveis pois o uso de uma ou de outra aparentemente não apresenta consequências para o *status* semântico ou gramatical da sentença. As duas, segundo a definição de Krifka (2011:1744), “criam uma proposição aberta deixando partes de sua descrição não especificadas”¹⁰, compelindo o interlocutor a preencher essas lacunas deixadas pelo constituinte-QU. Semanticamente, então, os dois tipos de pergunta parecem equivalentes.

Sintaticamente, temos consistentemente assumido, dentro da teoria Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), que nas perguntas de constituinte os sintagmas interrogativos são licenciados via movimento da posição onde foram gerados para uma posição localizada à periferia esquerda, visando à especificação da sentença como interrogativa (CHENG, 1991). Esse movimento, grosso modo, poderia ocorrer de forma aberta (8a) ou coberta, i.e., em Forma Lógica (LF), de modo que seus efeitos não sejam lidos pela interface fonética (8b)¹¹:

- (8) a. O que_i o gato comeu t_i?
b. O gato comeu o quê?

Assim, a diferença entre as formas acima seria o ponto da derivação em que o movimento do sintagma interrogativo ocorre: na primeira teríamos o deslocamento do elemento-QU na sintaxe aberta e, com isso, a palavra-QU aparece em uma posição diversa daquela em que foi gerada, em outras palavras, *ex situ*; na segunda, teríamos a estrutura com o elemento-QU *in situ*, tendo sofrido movimento na sintaxe coberta (HUANG, 1982) – inclusive,

¹⁰ “Constituent questions create an open proposition by leaving parts of the description of the proposition unspecified” (KRIFKA, 2011:1744).

¹¹ Huang (1982), em seu trabalho seminal, argumenta em prol da existência de movimento coberto no QU-*in situ*, em que a palavra-QU se move em LF para uma posição c-comandando a sentença. Ele identifica, por exemplo, que no chinês o elemento-QU, quando *in situ*, deve obedecer a restrições de ilha, com exceção de algumas palavras-QU, e isso serve como evidência de um movimento coberto do constituinte interrogativo. Estendendo essa análise para o PB, teremos tanto no QU-*ex situ* como no *in situ* o movimento do elemento-QU para Spec,CP, com a única diferença de que o deslocamento nesse último caso teria lugar apenas em LF. Alguns autores defendem que o movimento coberto é mais econômico do que o aberto, tendo em vista sua natureza, ausente de consequências visíveis à interpretação fonética (CHOMSKY, 1995; ZUCKERMAN, 2001; HAMANN, 2006; a.o.). Outros advogam contra a existência de evidências robustas para considerar um movimento coberto como mais econômico do que um aberto (BECKER; GOTOWSKI, 2015; a.o.).

esse tipo de dependência a distância foi crucial na defesa em prol de LF e de movimentos após *Spell-out*¹².

Em um contexto minimalista, contudo, o movimento não é livre e somente ocorre quando necessário. Assim, a opcionalidade de movimento é, a princípio, incompatível com uma abordagem minimalista, uma vez que este ocorre apenas quando motivado pela necessidade de checar algum traço e, na presença desse gatilho, o movimento é sempre obrigatório. Quando de fato o movimento ocorre, ele deve respeitar ao Princípio de Economia Derivacional e fazê-lo da forma mais econômica possível. Zuckerman, tendo isso em vista, destaca dois princípios de economia: o movimento necessário, para o qual o movimento deve ocorrer para que a derivação seja bem-sucedida; e a do menor esforço, que:

“dita que derivações que usam menos movimentos abertos são preferíveis a derivações que incluem mais operações de movimento. O primeiro sendo considerado ‘menos custoso’ que o último. Especificamente, o princípio do menor esforço define o movimento aberto como menos econômico do que o movimento coberto; assim movimento aberto não deve ocorrer a menos que especificamente requerido” (ZUCKERMAN, 2001:14)¹³.

Sua proposta, então, é que diante de alternativas as crianças usem princípios de economia para escolher entre elas e isso resulta em estruturas com menos operações ou, se necessário, com movimento coberto. O autor, ainda, considera que não havendo competição entre as duas derivações, ou seja, sendo elas fruto de numerações diferentes, não há necessidade de a criança se guiar pelo princípio de menor esforço (ZUCKERMAN, 2001:14). Por exemplo, caso o que diferencie as duas estratégias de pergunta não seja apenas a ordem de palavras, mas também outros fatores que resultem em derivações diferentes, as alternativas não estariam realmente em competição entre si e, por isso, não seria necessário um princípio de economia para escolher entre elas.

A pergunta que se impõe agora é: devemos considerar como realmente opcionais as duas formas interrogativas, dado que elas são semanticamente análogas, como vimos acima? Ou há

¹² Há motivações empíricas e teóricas para a postulação de um movimento coberto em perguntas com QU-*in situ*. A título de exemplo, podemos citar as violações de *crossover*, identificadas mesmo quando o sintagma-QU permanece *in situ*:

- (i) *Quem_i ele_i disse que t_i comprou o carro?
- (ii) *Onde ele_i disse que o Pedro encontrou quem_i?

¹³ “The principles of least effort dictate that derivations using fewer overt movement operations are preferred to derivations that include more movement operations. The former are considered ‘less costly’ than the latter. Specifically, the least effort principle defines overt movement as less economical than covert movement; thus overt movement should not occur unless it is specifically required by the attracting head” (ZUCKERMAN, 2001:14).

alguma outra diferença entre as estratégias que não apenas a ordem de palavras? Como vimos, dentro do Programa Minimalista, uma total opcionalidade seria conceitualmente problemática. A fim de interpretar esses dados supostamente opcionais de modo a torná-los compatíveis com o arcabouço teórico, autores como Bošković (1998), Cheng & Rooryck (2000) entre outros procuraram dar conta desse fenômeno.

A título de exemplo, Bošković (1998) defendeu que no francês o QU-*in situ* é resultado de uma inserção em LF do complementizador fonologicamente nulo C^o para checagem do traço-QU, o que diferencia a construção do QU-*ex situ*, que sofreria movimento aberto. Partindo de outro ponto de vista, Cheng & Rooryck (2000) propuseram que o QU-*in situ* difere do *ex situ* quanto ao contorno entoacional e, portanto, aquele possui um morfema entoacional responsável pela checagem do traço-QU. Já em uma abordagem pragmática, alguns trabalhos, como o de Chang (1997), procuram estabelecer uma diferença entre as duas formas interrogativas no que diz respeito aos contextos em que elas são licenciadas. Nessa linha, também não há opcionalidade, dado que a permanência do elemento-QU ou seu movimento é motivado por um pré-requisito contextual. Ou seja, podemos diferenciar as perguntas-QU *ex situ* e *in situ* sob diferentes pontos de vista, seja de cunho sintático, fonológico ou pragmático. Na verdade, uma das descobertas facilitadas pelo Programa Minimalista é que muitos dos fenômenos antes explicados com base puramente sintática hoje são reavaliados diante de sua relação com suas interfaces (KANDYBOWICZ, 2017). As perguntas com QU-*in situ* e *ex situ*, portanto, parecem estar sujeitas a restrições sintáticas, fonológicas e pragmáticas, que as diferenciam, o que quer dizer que elas não podem ser analisadas como completamente opcionais.

O QU-*in situ* do PB e do francês, conforme veremos adiante, estão sujeitos a restrições sintáticas amplamente discutidas na literatura tanto do PB (MIOTO, 1994; 2011; KATO, 2004; 2013; MIOTO; KATO, 2005; HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005; FIGUEIREDO SILVA; GROLLA, 2015; LACERDA, 2020, a.o.), como do francês (DENHAM, 1997; BOŠKOVIĆ, 1998; POLLOCK, 1998; CHENG; ROORYCK, 2000; STARKE, 2001; ADLI, 2006; ROWLETT, 2007; OIRY, 2011; DEROMA, 2011; BAUNAZ, 2011; SHLONSKY, 2012; POLETO; POLLOCK, 2015; ZIMMERMANN; KAISER, 2019, a.o.). Além das restrições sintáticas, discutiremos também aspectos fonológicos das interrogativas, principalmente com relação à entoação das variantes interrogativas, exploradas na literatura do PB (DE MORAES, 1998; KATO, 2004, 2013; NUNES; SANTOS, 2007; BARILE; MAIA, 2008; FROTA; DE MORAES, 2016, a.o.), e do francês (DI CRISTO, 1998; CHENG; ROORYCK, 2000; KREIN, 2007; BAUNAZ; PATIN, 2009; HAMLAOUI, 2010; DÉPREZ;

SYRETT; KAWAHARA, 2013; GRYLLIA; CHENG; DOETJES, 2016; WIKLUND; RIIPPA, 2021). Por fim, veremos, ao longo deste trabalho, também restrições referentes à pragmática das interrogativas-QU. Nos últimos anos, vários trabalhos se dedicaram a estudar as distinções pragmáticas entre as variantes interrogativas, tanto em PB (PIRES; TAYLOR, 2007; ALVAREZ, 2009; OUSHIRO, 2010; DEROMA, 2011; VIEIRA, 2018; VIEIRA; GROLLA, 2020), como em francês (CHANG, 1997; BOECKX, 1999; BOECKX; STATEVA; STEPANOV, 2001; BAUNAZ, 2005, 2011, 2016; HAMLAOUI, 2011; LARRIVÉE, 2019; GLASBERGEN-PLAS, 2021; GARASSINO, 2022; BAUNAZ; BONAN, no prelo, a.o.). Alguns autores adotam uma abordagem mais conservadora, considerando o QU-*in situ* aceitável apenas em um conjunto restrito de casos; enquanto outros admitem um tratamento menos conservador, aceitando a construção também em contextos com menor ativação da pressuposição, conforme discutiremos nos capítulos dois e três.

Evidentemente, muito dessa assimetria entre os tratamentos do QU-*in situ* advém de uma variação individual e há diferenças consideráveis dentro do grupo de línguas de movimento-QU supostamente opcional quanto à frequência e maior aceitabilidade da construção. Kaiser & Quaglia (2015) observaram a produção de QU-*in situ* em quatro línguas românicas, a saber, francês, italiano, espanhol e português brasileiro e, para tanto, utilizaram como *corpus* três novelas de detetive escritas entre 1945-2000 por Jean-Claude Izzo e suas traduções para as respectivas línguas. Em uma das novelas, *Total Khéops* (única para a qual os autores encontraram tradução em todas as línguas analisadas), os autores encontraram o QU-*in situ* em 34,9% das perguntas-QU no francês, em 2,2% no PB, em 0,7% no italiano e em 0% no espanhol, conforme mostra o quadro abaixo:

Tabela 1 – perguntas-QU extraídas da novela *Total Khéops* escrita em francês e traduzida para as outras línguas

Línguas	QU-<i>in situ</i>	QU-<i>ex situ</i>	Total
Francês	34,9% (51)	65,1% (95)	146
PB	2,2% (3)	97,8% (131)	134
Italiano	0,7% (1)	99,3% (135)	136
Espanhol	0% (0)	100% (132)	132

Fonte: tabela traduzida e extraída de Kaiser & Quaglia (2015:98).

Os resultados fazem com que os autores questionem se o PB pode ser, de fato, considerado uma língua de movimento-QU opcional, da mesma forma como o francês: “ou o francês e o PB diferem quanto às condições estilísticas para o uso da opção *in situ*, ou o PB na verdade instancia um tipo de língua mais próxima do italiano e do espanhol”, que, por sua vez, se distanciam do francês (KAISER; QUAGLIA, 2015:99)¹⁴. Os autores, observando as perguntas com QU-*in situ* realizadas, notam que em italiano, PB e espanhol a construção foi utilizada apenas diante de uma configuração pragmática específica. Enquanto isso, o francês parece ser mais liberal, aceitando perguntas desse tipo realizadas também em situações *out-of-the-blue*, conforme ilustra o diálogo a seguir:

(9) “– *Ça va?*

Je fis oui de la tête, fermai les yeux. Malgré la faible lumière, j’avais du mal à les garder ouverts. Elle enleva le gant de mon front. Puis elle le reposa. Il était de nouveau froid. C’était bon.

– *Il est quelle heure?* - je dis.

– *Trois heures vingt.*

– *T’as une cigarette?*

Elle en alluma une et me la mit entre les lèvres. J’aspirai, puis amenai ma main gauche pour l’ôter de mes lèvres. Ce seul mouvement me déchira le ventre. J’ouvris les yeux.

– *Tu fais quoi là?*

– *Fallait que je te voie. Enfin quelqu’un. J’ai pensé à toi.*

– *T’as eu mon adresse où?*

– *Le Minitel”*

(KAISER; QUAGLIA, 2015:100)¹⁵

¹⁴ “Either French and Portuguese differ as far as the stylistic conditions for the use of the *in-situ* option are concerned, or Portuguese actually instantiates a language type that is closer to Italian and Spanish” (KAISER; QUAGLIA, 2015:99).

¹⁵ “- Você está bem?

Eu acenei e fechei meus olhos. Apesar da luz fraca, eu achei difícil manter meus olhos abertos. Ela tirou a luva da minha testa e, em seguida, a colocou de volta. Ficou frio de novo. Estava bom.

- **São que horas?** – eu perguntei

- Três e vinte.

- Você tem cigarros?

Ela acendeu um para mim e colocou entre meus lábios. Eu inspirei, depois ergui minha mão esquerda para tirar da boca. Foi um pequeno movimento, mas que me deu uma dor excruciante no estômago. Eu abri os olhos.

- **Você está fazendo o quê aqui?**

- Eu precisava te ver. Quer dizer, eu precisava ver alguém e daí pensei em você.

- **Você conseguiu meu endereço onde?**

- No Minitel.”

(KAISER; QUAGLIA, 2015:100 – tradução livre)

As perguntas destacadas foram, segundo os autores, feitas de sopetão. Para eles, parece haver uma diferença quanto ao grau de pressuposição requerido pelo QU-*in situ* nas diferentes línguas. Evidentemente, Kaiser & Quaglia defendem uma posição mais conservadora sobre o que seria considerado um contexto *out-of-the-blue* e que, segundo eles, dificultaria o emprego da construção em línguas como o PB, espanhol e o italiano. Aqui, não teremos nada a dizer sobre o italiano e o espanhol, mas será interessante utilizar uma mesma régua contextual no tratamento do PB e do francês, que parecem se comportar de formas bem diferentes quanto às proporções de uso pelos falantes.

Guardadas as limitações desse trabalho – visto que os autores lidam com traduções em língua escrita, o que nos impede de fazer aqui uma comparação mais adequada –, ele acerta em suas previsões sobre o PB: de fato, o QU-*in situ* é bem menos utilizado nessa língua em comparação ao francês, aproximando-se então do espanhol e do italiano e, curiosamente, também de outras línguas com predomínio do QU-*ex situ*, como o inglês¹⁶. No PB, o QU-*in situ*, embora não tão frequente quanto o *ex situ*, pode ser também encontrado na língua escrita, conforme apontam os dados de Oushiro (2011), coletados a partir de textos do jornal *Folha de São Paulo* da década de 2000. Em outras palavras, a construção é aceita tanto no registro coloquial como em contextos mais formais. No entanto, a baixa frequência da construção nos dados da pesquisadora (1,6%) indica que ela é menos aceita na língua escrita do que na falada e que a oralidade exerce alguma influência sobre o fenômeno, já que os poucos exemplos encontrados no jornal foram retirados de diálogos, entrevistas transcritas e comentários de leitores. Essa maior produtividade da construção no PB falado pode ser explicada por uma questão pragmática – na língua oral temos, além da camada linguística, uma camada adicional que agrega à situação discursiva pistas contextuais que podem servir aos participantes da conversa na produção do diálogo (e.g. um contexto extralinguístico). Assim, no PB, parece haver uma restrição pragmática quanto ao uso do QU-*in situ*, sendo ele preferível quando ancorado a uma situação aqui-e-agora carregada de pistas contextuais para uso dos participantes da conversa, mas ele não parece ser uma construção notavelmente banida da gramática normativa.

Já no francês, uma boa parte da literatura tem sugerido que o QU-*in situ* é uma estratégia-QU bastante produtiva na fala coloquial, ou *français familier*, ou em diálogos escritos que procuram imitar a fala coloquial, como é o caso das novelas detetivescas investigadas acima

¹⁶ Conforme discutiremos no capítulo dois, o inglês também licencia o QU-*in situ* em configurações pragmáticas (e sintáticas) específicas.

(COVENEY, 1996; ADLI, 2006; TAILLEUR, 2013; BAUNAZ; BONAN, no prelo). Segundo Tailleux (2013:52), as estratégias-QU estão em competição pois o QU-*in situ* é específico de um registro coloquial, tomando, por isso, uma função específica na língua. Nesse caso, o QU-*in situ* é mais utilizado em situações informais e banido da fala formal por pressões da gramática normativa, que prescreve outras estratégias-QU como preferíveis (BAUNAZ; BONAN, no prelo).

Há, então, uma maior produtividade da construção por falantes de francês que não existe no PB (ao menos aquele falado no sudeste do Brasil, como discutiremos), o que pode ser explicado tomando diferentes perspectivas: (i) há uma maior flexibilidade pragmática da construção no francês em relação a outras línguas de movimento-QU opcional; (ii) há uma diferença de registro entre as estratégias-QU e, sendo o QU-*in situ* um fenômeno oral – ou próprio de trabalhos que procuram imitar essa fala, como é o caso das novelas investigadas por Kaiser & Quaglia – seu uso tende a aumentar nesses contextos em que não há pressão da Norma; (iii) há uma questão histórica, visto que o QU-*in situ* é definido como um fenômeno relativamente novo no francês coloquial. Isto é o que sugerem os dados de Baunaz & Bonan (2023) que, investigando *corpora* de francês falado entre 1970 e 2010, demonstram que o uso da estrutura tem aumentado consideravelmente e que “por volta de 2010, o francês hexagonal já havia se alterado para um sistema interrogativo predominantemente *in situ*, e as construções *in situ* já tinham ganhado independência com relação aos contextos linguísticos que as cercavam” (BAUNAZ; BONAN, no prelo, p. 35)¹⁷. A questão pragmática será discutida no decorrer da tese, o que nos possibilitará uma comparação entre as duas línguas quanto às possibilidades do QU-*in situ*. Sendo ele uma estratégia-QU de fato mais “livre” de condições pragmáticas no francês, esperamos neste trabalho encontrar a construção nessa língua em contextos em que ela não seria aceitável no PB, contribuindo assim para esse debate. Quanto às duas outras questões, a saber, a variação diafásica e histórica, futuras investigações devem ser empreendidas na comparação entre as línguas.

Quanto à aquisição das estruturas, a literatura tem demonstrado que em línguas de movimento-QU obrigatório ou proibido, no geral, as crianças não parecem ter dificuldade em reconhecer, logo nos primeiros estágios de aquisição, o que sua gramática alvo permite, produzindo consistentemente o QU-*ex situ* em línguas como o inglês e o *in situ* em línguas como o chinês. Guasti (2000), por exemplo, examinou as transcrições de quatro crianças

¹⁷ “Our data demonstrated that by the 2010s, Hexagonal French had already moved to a predominantly *in-situ* interrogative system, and *in-situ* constructions had gained independence from the surrounding linguistic context” (BAUNAZ; BONAN, no prelo, p. 35).

falantes de inglês com idades entre 1;6 e 5;1 anos e de todas as 2.809 perguntas-QU produzidas, apenas em 1% foi empregado o QU-*in situ* e provavelmente todos com leitura eco. Também em línguas de movimento-QU proibido, como o chinês, as crianças reconhecem logo cedo que devem fazer perguntas com elemento-QU *in situ*. Chang (1992) notou que interrogativas de constituinte surgiram a partir do segundo estágio de aquisição na fala das crianças observadas que, segundo a divisão da autora, compreendem enunciados com MLU entre 1.75 e 2.25; e essas nunca eram produzidas com o deslocamento aberto do constituinte-QU.

As crianças adquirindo inglês ou chinês, por exemplo, parecem desde cedo entender que sua língua exige ou proíbe o movimento do elemento-QU. Por outro lado, quando passamos para línguas de movimento-QU opcional, essa definição depende de um *input* ambíguo¹⁸, em que a criança entra em contato tanto com perguntas com movimento-QU aberto, como com perguntas sem movimento aberto. Caso as estratégias interrogativas sejam, de fato, opcionais, como a criança se comporta diante dos dados que recebe do ambiente? Suas perguntas serão mais produtivas com alguma das opções e menos produtivas com a outra? Alguma das estratégias será adquirida antes? Se sim, o que explica essa maior produtividade? *A priori*, devemos definir então se as estratégias são completamente opcionais e, caso não sejam, o que as diferencia e como as crianças acessam esse conhecimento.

No PB, Lopes-Rossi (1996) coletou dados espontâneos de adultos e reportou uma frequência de 32,4% de QU-*in situ* no *corpus* televisivo e 12,5% em gravações do NURC/SP, i.e., a construção parece produtiva na fala adulta¹⁹. Por outro lado, essa produtividade não ocorre na fala infantil. Sikansi (1999a) observou dados longitudinais de uma criança entre 2;4 e 3;10 anos de idade e notou que em todo o *corpus* não houve ocorrências de QU-*in situ* na fala da criança. Grolla (2000) observou os dados espontâneos de uma criança com idade entre 2;0 e 4;0 anos e das 520 perguntas-QU produzidas por ela, apenas 1,7% das ocorrências foi de QU-*in situ*. A autora também notou uma emergência tardia da estrutura nos dados infantis, uma vez que suas poucas ocorrências se deram apenas a partir de 3;9 anos, embora ela tenha demonstrado conhecer construções bem mais sofisticadas já a partir dos 2 anos e meio. Os dados de Sikansi (1999a) e Grolla (2000) curiosamente apontam em uma direção oposta ao que se observa nos dados adultos de Lopes-Rossi (1996). O QU-*in situ*, que é uma construção aparentemente produtiva na fala adulta, foi minimamente produzido pelas crianças observadas

¹⁸ Neste trabalho, usaremos o termo '*input* ambíguo' para designar o *input* contendo pistas que sugerem que a língua possui movimento-QU e pistas que sugerem que a língua não possui esse deslocamento. Assim, em PB, a criança ouve perguntas tanto com movimento-QU quanto sem o movimento.

¹⁹ Os dados de língua falada coletados por Lopes-Rossi (1996) provêm de falas espontâneas em programas televisivos, tais como entrevistas e debates ao vivo, e de gravações de oito informantes do Projeto NURC/SP.

a partir de dados espontâneos. O mais curioso, entretanto, é que o QU-*in situ* seja a estratégia menos produzida pelas crianças, embora pareça a menos custosa em termos de economia derivacional, posto que, à primeira vista, não envolve nenhuma operação de movimento sintático. Resta explicar, então, por que as crianças evitam massivamente a construção supostamente mais econômica, distanciando-se do que aparentemente encontram no *input*.

Uma explicação razoável para essa assimetria encontrada no PB seria postularmos uma diferença no que diz respeito ao emprego de perguntas-QU entre o que os adultos produzem em entrevista com outros adultos – como é o caso do banco de dados NURC/SP ou da fala televisiva, de onde Lopes-Rossi (1996) coletou o *corpus* analisado – e o que eles empregam em sua fala dirigida à criança. Se esse for o caso, não é possível comparar a fala infantil a um estudo que se baseia em conversas entre adultos, pois seu *corpus* não equivaleria a dados de um *input* em potencial. Por exemplo, se no PB os adultos produzem junto a seus pares muito mais QU-*in situ* do que produziriam com uma criança, haverá então uma diferença entre a fala dirigida à criança e a fala entre adultos. Por isso, esperamos encontrar dados mais adequados para comparação entre as produções da criança e a fala dirigida a ela e, com isso, justificamos a escolha de dados naturalísticos neste trabalho.

No francês, outra língua de movimento-QU supostamente opcional, notamos um cenário bastante diferente do PB. Nos dados adultos, observamos uma alta produtividade na fala espontânea, conforme sugere Hamlaoui (2009), que encontrou 47,3% de QU-*in situ* (105 ocorrências) na fala de uma repórter da rádio francesa *Là-bas si j'y suis*, conhecida por utilizar consistentemente a variedade do francês coloquial. Por sua vez, nos dados espontâneos infantis, parece haver uma preferência massiva pelo QU-*in situ*. Hamann (2006), por exemplo, compara a produção de três crianças falantes de francês como primeira língua e todas elas produziram mais QU-*in situ* – em uma média de 81,5% das perguntas-QU – do que QU-*ex situ* – empregado em 18,5% das vezes. Em um estudo mais recente, Becker & Gotowski (2015) analisaram 50 arquivos de um *corpus* composto pela fala de 20 crianças com idades entre 2;09 - 3;10 e de seu professor. Nele, as autoras encontraram uma assimetria entre fala adulta e infantil: enquanto o adulto privilegiou o emprego de QU-*ex situ* (um total de 83,4%), produzindo em contrapartida 16,6% de QU-*in situ* (125 ocorrências), as crianças optaram majoritariamente pelo QU-*in situ*, 88,2% (97 ocorrências), produzindo apenas 13 perguntas com o elemento-QU frontado (11,8%).

Zuckerman (2001), observando essa assimetria entre fala adulta e infantil, argumenta que o QU-*in situ* no francês é menos custoso que a versão *ex situ*. Diante das duas alternativas permitidas pela língua, a criança francesa, guiada pelo princípio de economia, faz uma escolha

pela derivação menos custosa e isso ordena suas produções nos primeiros estágios de aquisição, até que ela se torna ciente das diferenças entre as duas estratégias e caminha para uma gramática adulta, produzindo menos perguntas com *QU-in situ* e mais das outras estratégias interrogativas presentes em seu *input*. Para o autor, os princípios de economia são os únicos capazes de guiar a criança nessa fase inicial quando ela está diante de alternativas aparentemente opcionais, uma vez que, nos primeiros estágios de aquisição, ela ainda não é sensível às diferenças pragmáticas e estilísticas existentes entre as estruturas.

Conforme vimos, porém, as crianças brasileiras produzem muito pouco da construção, indo em direção oposta às francesas: enquanto as últimas empregam o *QU-in situ* massivamente, as primeiras quase nunca o fazem, embora ele pareça produtivo na fala adulta. Isso quer dizer que as crianças brasileiras, diferente das francesas, não sejam guiadas pelo Princípio da Economia? E se a explicação recai sobre o Princípio da Economia, precisaríamos então postular que o *QU-in situ* no PB é derivacionalmente mais complexo que o do francês?

Além disso, como nota Palasis, Faure & Lavigne (2019), se a economia derivacional é o único princípio guiando a criança frente a estruturas aparentemente opcionais nesse primeiro estágio de aquisição, seriam esperados alguns erros em línguas como inglês, já que existe no *input* dessas crianças perguntas desse tipo (embora em pequena quantidade) que seriam, teoricamente, mais econômicas do que a opção com movimento. No entanto, não é isso o que a literatura do inglês tem observado, já que a criança nunca produz o *QU-in situ* como pedido genuíno de informação, sequer como um erro das fases iniciais (STROMSWOLD, 1995). Além disso, Becker & Gotowski (2015) questionam se o movimento coberto envolvido no *QU-in situ* deve ser considerado realmente mais econômico do que o movimento aberto envolvido na versão *ex situ* e, se isso procede, quão mais econômico o *QU-in situ* precisaria ser no francês para que as crianças o produzam em tais proporções, desfavorecendo o *QU-ex situ* em contrapartida.

Uma outra possibilidade para a assimetria encontrada no PB e que tem sido explorada na literatura seria a hipótese de o *QU-in situ* não ser de fato a estratégia de pergunta-QU mais econômica, conforme discutiremos no segundo capítulo (KATO, 2004, 2013). Essa possibilidade poderia dar conta de porque no PB a criança demora a adquirir o *QU-in situ*, mas não no francês. Precisaríamos, no entanto, explicar que pistas as crianças usariam para concluir que o *QU-in situ* é menos econômico do que sua contraparte *ex situ*, o que, a princípio, parece contraintuitivo.

Para dar conta das assimetrias encontradas nas duas línguas, defenderemos neste trabalho que o *QU-ex situ* e o *QU-in situ* não são alternativas em competição, estando

associados a restrições de cunho sintático e pragmático que as distanciam. Parece haver um feixe de diferenças entre as construções e, não à toa, as restrições a que o QU-*in situ* está submetido estão conectadas, o que clama por uma reavaliação das estruturas do ponto de vista das interfaces pragmática, sintática e fonológica. Portanto, neste trabalho, advogaremos contra a livre opcionalidade entre o QU-*ex situ* e QU-*in situ* e, para tanto, discutiremos detalhadamente os aspectos que podem estar influenciando na produção de QU-*in situ* pelos adultos e, conseqüentemente, na emergência da construção na fala infantil das duas línguas.

A partir de uma coleta robusta de dados das duas línguas, contendo a fala espontânea de crianças e adultos com quem elas interagem, destacaremos também o papel exercido pelo *input* na produção infantil nos primeiros estágios de aquisição. Ademais, há notavelmente uma diferença grande no uso de QU-*in situ* por falantes de PB e de francês: enquanto os de francês parecem restringir o uso da construção à língua coloquial, preferindo outras estratégias-QU na fala formal, no PB a oralidade parece ser bastante importante, mas por uma questão pragmática e não por uma pressão da gramática normativa. Por fim, para dar conta das diferenças entre as duas línguas, recorreremos às diferenças entoacionais observadas nas estruturas relevantes que parecem servir como pista para a criança diante de um *input* ambíguo.

O trabalho se divide em dez capítulos. No próximo capítulo, discutiremos os aspectos sintáticos, fonológicos e pragmáticos envolvidos no QU-*in situ* e no QU-*ex situ* no PB. No terceiro, discutiremos os mesmos aspectos para o francês. No quarto capítulo, discutiremos a aquisição do QU-*in situ* nas duas línguas, abordando as assimetrias internas encontradas no PB e no francês e as assimetrias observadas entre elas. No quinto, apresentaremos o *corpus* de dados espontâneos infantis e adultos, bem como a metodologia utilizada em seu tratamento. No sexto, traremos uma visão geral dos resultados encontrados nas duas línguas. No sétimo, analisaremos as possíveis influências morfossintáticas na produção das perguntas-QU nas duas línguas, como o pronome utilizado, sua função sintática e a complexidade do constituinte interrogativo. No oitavo capítulo, analisaremos as possíveis influências pragmáticas na produção das perguntas-QU em PB e francês. No nono capítulo, analisaremos as influências dos padrões entoacionais de sentenças relevantes, estabelecendo uma comparação entre as línguas. No décimo capítulo, apresentaremos as discussões dos resultados. Por último, traremos nossa conclusão.

Português Brasileiro

Conforme vimos na introdução, o PB é uma língua de movimento-QU supostamente opcional, o que significa dizer que o elemento interrogativo pode aparecer *in situ*, i.e., no lugar onde foi gerado (1a) ou se mover abertamente, no caso de (1b), do local onde nasce como objeto direto do verbo ‘querer’, para uma posição à esquerda do sujeito, deixando uma cópia com mesmo índice do elemento movido, aparecendo, dessa forma, em posição *ex situ*:

- (1) a. Ele quer **o quê**?
b. **O que_i** ele quer ___i?

Além dessas duas opções principais, o PB também prevê algumas outras variações para a possibilidade com deslocamento do constituinte interrogativo: (i) o acréscimo do complementizador ‘que’ (2a); (ii) o acréscimo da expressão ‘é-que’ (2b); (iii) a duplicação do complementizador ‘que’ e adição da expressão ‘é-que’ (2c). A todas essas opções que envolvem movimento aberto do constituinte-QU chamaremos de QU-*ex situ*:

- (2) a. **O que_i** que ele quer ___i?
b. **O que_i** é que ele quer ___i?
c. **O que_i** que é que ele quer ___i?

O movimento do elemento-QU ou sua permanência *in situ* estão, conforme veremos ao longo do capítulo, sujeitos a restrições sintáticas e, aparentemente, também pragmáticas. Além disso, como esperado, o deslocamento ou não desse constituinte acarreta consequências também à fonologia prosódica das perguntas. Todos esses fatores foram considerados pela literatura especializada, cada um a seu momento, como cruciais para a produção do QU-*in situ* e/ou distinção em relação à sua contraparte movida. Portanto, ao longo deste capítulo discutiremos os aspectos sintáticos, fonológicos e pragmáticos das perguntas-QU, com maior atenção ao QU-*in situ*, com o objetivo de obter uma visão geral do quebra-cabeça, para, ao fim, separarmos as peças que podem de fato nos ajudar a entender o processo de aquisição dessa construção no PB e como ela se diferencia do francês.

Vamos, primeiro, apresentar as restrições sintáticas impostas às estratégias interrogativas e algumas propostas que procuraram dar conta da suposta opcionalidade do movimento-QU, comprometendo-nos com uma delas ao final; em seguida, apresentaremos uma descrição do sistema entoacional das perguntas-QU no PB, comparando-as às declarativas, perguntas sim/não e perguntas-eco; na terceira seção, trataremos dos aspectos pragmáticos concernentes ao QU-*in situ*, que distanciam a construção de sua contraparte movida em termos discursivos; na quarta seção, faremos as considerações finais sobre o capítulo.

2.1. Aspectos sintáticos

Em uma breve descrição das perguntas-QU em PB, Hornstein, Nunes & Grohmann (2005:42-43) relatam as seguintes restrições sintáticas impostas ao movimento-QU:

A) “O movimento-QU em sentenças matrizes é opcional com um C^o foneticamente nulo (3), mas obrigatório com um complementizador interrogativo aberto”²⁰ (4):

- (3) a. **Como** você consertou o carro?
b. Você consertou o carro **como**?
- (4) a. **Como** que você consertou o carro?
b. *Que você consertou o carro **como**?

B) “O movimento-QU em interrogativas indiretas é obrigatório independente de haver complementizador nulo ou aberto”²¹ (5):

- (5) a. Eu perguntei **como** (que) você consertou o carro.
b. *Eu perguntei (que) você consertou o carro **como**.

C) “O movimento-QU (de argumentos) de dentro de uma sentença encaixada é opcional se nenhuma ilha for cruzada (6), mas proibido se ilhas intervêm”²² (7):

- (6) a. **Que livro** você disse que ela comprou?
b. Você disse que ela comprou **que livro**?
- (7) a. ***Que livro** você conversou com o autor [que escreveu]?

²⁰ “*Wh-movement in matrix clauses is optional with a phonetically null interrogative C^o, but obligatory with an overt interrogative complementizer*” (HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005:42).

²¹ “*Wh-movement within embedded interrogative clauses is obligatory regardless of whether the complementizer is null or overt*” (HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005:43).

²² “*Wh-movement (of arguments) from within embedded clauses is optional if no island is crossed, but prohibited if islands intervene*” (HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005:43).

b. Você conversou com o autor [que escreveu **que livro**]?

D) “O movimento-QU de elementos inerentemente *non-D-linked* é obrigatório”²³ (8):

(8) a. Que diabo você bebeu?

b. *Você bebeu **que diabo**?²⁴

Além das restrições apontadas acima, Figueiredo Silva & Grolla (2015:264) destacam a obrigatoriedade do QU-*in situ* nos seguintes casos:

E) sentenças com sujeito nulo dêitico ou anafórico, como em (9):

(9) A: Eu falei...Eu falei...

B: Falou **o quê**?

B': ***O que** falou?

F) estruturas em que aparentemente não há uma projeção funcional para onde o elemento-QU poderia ser movido (10):

(10) a. O dodói **de quem**?

b. ***De quem** o dodói?

Para aprofundamento da questão, selecionamos alguns outros exemplos encontrados no *corpus* do PB aqui analisado. Quanto à proibição em (E), identificamos exemplos como (11a), cuja contraparte *ex-situ* “o que lembra?” é agramatical, ou (11b), cuja contraparte “o que tomou, Larissinha?” também é agramatical.

(11) a. Mãe: o que a gente vai mistura(r)? (*corpus* Maria, 4;02.07)

Criança: mas lembra?

Mãe: **lembra o quê**?

Criança: lembra que tem que me...tem que...

Mãe: isso. Um pouquinho de água.

b. Irmã: eu tomei...eu tomei... (*corpus* Leonardo, 3;08.16)

Mãe: **tomou o quê, Larissinha**?

²³ “*Wh-movement of inherently non-D-linked elements is obligatory*” (HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005:43).

²⁴ Embora a construção com elemento *non-D-linked in situ*, como “você bebeu que diabo?”, seja bastante degenerada no dialeto paulista, Lessa-de-Oliveira (2003) destaca sua existência e aceitabilidade no dialeto baiano de Vitória da Conquista. Em comunicação pessoal, uma falante do Recôncavo, Bahia, também relatou uma produtividade da fórmula “que diabo” em posição *in situ*, que, inclusive, aceita variações do tipo “você fez que desgrama?”, entre outras. Há, portanto, uma variação dialetal na aceitabilidade da expressão em posição *in situ*.

Irmã: tomei...
 Mãe: o que que você tomou?
 Irmã: o...o...
 Mãe:...leite?

Acima, temos exemplos com sujeito nulo que, em PB, seriam incompatíveis com o movimento do sintagma-QU. Segundo Figueiredo Silva (1996), a agramaticalidade de sentenças como em (9) e (11) sugere que “o sujeito nulo referencial do PB apresenta interferências relativamente fortes com as estruturas-QU” (p. 121). Com isso, as representações em (12) para uma sentença com sujeito nulo e sintagma-QU seriam excluídas, uma vez que, para a autora, “se é verdade que um operador nulo mantém em todo o caso as características de um operador e que por isso ele deve ocupar uma posição compatível com essa especificação, somos levados a concluir que o que exclui [12] é a concorrência do operador nulo e do sintagma-QU pela mesma posição” (p. 129). Nas representações abaixo, XP seria igual a CP em (12a) e igual a FocusP em (12b).

- (12) a. *[_{XP} OP [+pessoa]_i [_{FocusP} o que (que) [_{AgrP} *cv*...
 b. *[_{CP} o que (que) [_{XP} OP [+pessoa]_i [_{AgrP} *cv* ...

(FIGUEIREDO SILVA, 1996:128)

Além dessas restrições, notamos também que o QU-*in situ* é a única contraparte possível, se construída a partir de um fragmento de uma sentença anteriormente explicitada (13a-b).

- (13) a. Criança: eu vou falar. (corpus Leonardo, 4;05.11)
 Mãe: **falar o que?**
 b. Tia: (es)tá comendo? (corpus Túlio, 3;02.21)
 Criança: (es)to(u).
 Tia: **comendo o que?**

Ademais, o movimento do sintagma-QU também é incompatível com sentenças no imperativo, como em (14). E, novamente, em todos os casos abaixo, a pergunta é construída a partir de um fragmento do discurso anterior.

- (14) a. Criança: mamãe, toma! (corpus Maria, 1;10.24)
 Mãe: **toma o quê?**
 b. Criança: ajuda. (corpus Maria, 1;09.12)

Mãe: **ajuda o quê?**

c. Criança: faz, mãe!

(*corpus* Luana, 2;00.29)

Mãe: **faz o quê?**

Os exemplos apresentados em (11), (13) e (14) possuem sujeito nulo, o que os poderia incluir na restrição que prevê incompatibilidade entre o movimento-QU e o sujeito nulo (E). No entanto, o sujeito nulo, nesse tipo de QU-*in situ*, não é o único elemento a poder ser elidido, conforme vimos em (13).

Interpretativamente, essas sentenças também se diferenciam das perguntas genuínas, uma vez que elas parecem possuir (e aqui emprestamos um termo usado por Ambar (2000)) um “sabor de eco”, na medida em que a presença de um argumento nulo na sentença imediatamente anterior gera uma estrutura similar a uma pergunta-eco, que tem um ruído na pronúncia do argumento²⁵. Em outras palavras, esses casos – ainda que não tenham sido produzidos em contexto-eco – são intrinsecamente dependentes de um antecedente imediatamente anterior e pedem um preenchimento ou esclarecimento do argumento nulo da sentença. Em (15a), por exemplo, temos uma pergunta-eco, em que se pede uma repetição ou confirmação do constituinte [um rato] ou por surpresa ou por ruído na escuta; em (15b), por sua vez, temos um argumento nulo – o que é comido? –, o que gera um pedido de esclarecimento por parte de B²⁶.

(15) a. A: Eu tô comendo um rato.

B: você tá comendo O QUÊ?

b. A: Eu tô comendo __.

B: comendo o quê?

Ainda que possuam uma lógica de preenchimento de lacunas similar a das perguntas-eco, a pergunta em (15b) não é um mero pedido de repetição e apresenta uma curva entoacional diferente daquela observada na de leitura eco, com ascendência final característica (15a). E esse mesmo fenômeno é observado também em línguas de movimento-QU obrigatório, como o inglês. Veja que em ambos os diálogos em (16) o movimento-QU é impossível, o que poderia

²⁵ Eu agradeço ao Prof. Dr. Jairo Nunes por trazer a minha atenção esses julgamentos (comunicação pessoal).

²⁶ Badan & Crocco (2021:762) descrevem para o italiano o uso de QU-*in situ* como um pedido de esclarecimento. A construção é feliz “quando ela expressa um pedido por esclarecimento apoiando-se a um contexto discursivo precedente e quando o pedido por informação é enfático, como, por exemplo, no contexto escolar”.

(i) *a ved-ere cosa?*
para ver-INF o que
“para ver o quê?”

(BADAN; CROCCO, 2021:772)

ser explicado em termos de incompatibilidade entre sujeito nulo (não aceito em inglês) e movimento-QU, mas também por essas perguntas serem construídas a partir de um fragmento de sentença – explícito, no caso de (16a), ou implícito, no caso de (16b) – pedindo, com isso, maiores detalhes sobre o que foi dito anteriormente.

- (16) a. Diálogo entre pai e filha sobre a nova cuidadora que ela contratou para supervisionar o pai com Alzheimer – filme “Meu pai” (2021):

A: She is here to help you.

“Ela está aqui para te ajudar”

B: **help me do what?**

ajudar-me fazer o que

“Me ajudar a fazer o quê?”

- b. Diálogo entre dois personagens na série televisiva “Sweet Tooth” (2021):

A: Come back with me!

“Volte comigo!”

B: **And go where?**

e ir onde

“E ir aonde?”

Chamaremos essas perguntas de **Pedidos de Esclarecimento**, seguindo Badan & Crocco (2021) e, sobre elas, tenhamos em mente as seguintes propriedades:

- (i) elas são construídas a partir de um antecedente imediatamente anterior, seja ele explícito ou implícito;
- (ii) elas possuem um ‘sabor de eco’ (AMBAR, 2000) por solicitarem um preenchimento do argumento nulo da sentença imediatamente anterior, assim como acontece na presença de argumentos com ‘ruído’, típicos de perguntas-eco;
- (iii) elas geralmente são construídas com sujeito nulo dêitico ou anafórico, verbos no gerúndio, infinitivo ou imperativo, ou quando a extração gera estruturas que não possuem uma projeção funcional mais alta para onde o sintagma-QU poderia se mover, i.e., elas são construídas a partir de um fragmento da sentença anterior.

Por fim, há um outro tipo de QU-*in situ* que foi pouquíssimo explorado na literatura: as *Probe Questions* (NGUYEN; LEGENDRE, 2021) ou **Perguntas de sondagem**. As autoras, com base no inglês, observam um tipo específico de interrogativa que ocorre principalmente em contextos de sala de aula ou *quizzes* e interrogatórios. Elas, diferente dos outros tipos de

QU-*in situ*, não solicitam novas informações, mas também não pedem uma repetição do que já foi dito, como faz a pergunta-eco. Diferentemente de suas irmãs, as Perguntas de sondagem procuram acessar o conhecimento do interlocutor, em um processo de “*fill-in-the-blanks*”. Veja o seguinte exemplo:

(17) Teacher: I need to know about displacements. **They have a what?**
eu preciso saber sobre deslocamentos. Eles têm uma o que
“*Eu preciso saber sobre deslocamentos. Eles têm uma o quê?*”

2nd student: Distance.

“*Distância*”

Teacher: **They have a fixed distance and fixed what?**

eles têm uma fixa distância e fixa o que

“*Eles têm uma distância fixa e uma fixa o quê?*”

3rd student: Direction.

“*Direção*”

Teacher: And fixed direction. Fixed distance and fixed direction.

e fixa direção. Fixa distância e fixa direção.

“*E direção fixa. Distância fixa e direção fixa*”

[...]

Teacher: Tell us what you have, Kim. **A displacement of how many?**

diga nos o que você tem, Kim. Um deslocamento de quantos

“*Diga-nos o que você tem, Kim. Um deslocamento de quanto?*”

(NGUYEN; LEGENDRE, 2021:7)

Alguns exemplos de nosso *corpus* podem ser incluídos nessa categoria. Em (18a), a tia aponta um conjunto de figuras e pede que a criança as nomeie; já em (18b), a mãe procura relembrar uma situação vivenciada em conjunto com a criança, tentando acessar seu conhecimento sobre os acontecimentos.

(18) a. Tia: um sol com espelho.

Criança: e isso?

Tia: uma nuvem com arco-íris.

Criança: e isso?

Tia: **isso aqui é um o quê?**

Tia: um bodinho?

Criança: não.

Criança: uma girafinha.

(*corpus* Túlio, 3;03.19)

b. Tia: você escolheu o vestido e deu pra ela.

Mãe: **você disse que o vestido era muito o quê?**

Criança: muito grande.

(*corpus* Túlio, 3;03.15)

Diferente da pergunta-eco, as Perguntas de sondagem não possuem curva entoacional marcadamente ascendente e não são construídas a partir de um ‘ruído’. Mas, distintas também do QU-*in situ* comum, elas não pedem informações completamente novas. Note que, em ambos os exemplos em (18), o valor que deve preencher o elemento-QU é conhecido pelo falante e, ele espera, também pelo interlocutor. Esse tipo de pergunta é usado, então, quando o “locutor está mais interessado em acessar o conhecimento de seu interlocutor do que a própria resposta” (NGUYEN; LEGENDRE, 2021:7). Isso fica ainda mais evidente ao observamos o modo como se constroem essas perguntas, com o constituinte para o qual se solicita a resposta parcialmente preenchido: [um QU] em (18a) e [muito QU] em (18b). Veja que isso não pode ser dito sobre as Perguntas de esclarecimento ou o QU-*in situ* opcional, uma vez que, em ambos, o falante não tem nenhuma ideia de qual pode ser o valor do elemento-QU e, por isso, sua pergunta se justifica (vide (15b)).

Com isso, temos quatro tipos de QU-*in situ*:

- a) **Pergunta-eco**: com prosódia característica, ele não é um pedido de informação nova, mas pede uma repetição ou confirmação do que foi dito anteriormente;
- b) **Perguntas de sondagem (*Probe Questions*)**: com estrutura superficial similar às perguntas-eco, elas constituem um pedido para que o interlocutor preencha as lacunas, que ficam evidentes pelo modo como a pergunta é construída; elas procuram acessar seu conhecimento, sem, contudo, solicitar informações novas;
- c) **Perguntas de esclarecimento**: elas não possuem contraparte movida, pois são construídas a partir de um fragmento do discurso anterior, explícito ou implícito; mas, diferente das perguntas-eco e de sondagem, elas pedem novas informações, desconhecidas pelo falante e são, justamente por isso, realizadas;
- d) **QU-*in situ* opcional**: possuem contraparte movida e solicitam novas informações.

Obviamente, consideramos a possibilidade de que qualquer pergunta-QU, independente de movida ou *in situ*, possa ter seu valor-QU já conhecido pelo falante. A intenção das autoras

ao diferenciar as Perguntas de sondagem de outras com QU-*in situ* é observar que as primeiras possuem uma estrutura particular, com uma lacuna marcada, e uma intenção específica. Ao invés de apenas buscar a resposta, esse tipo de interrogativa procura identificar se o interlocutor também a detém, para checar, por exemplo, o aprendizado em contextos de sala de aula. Essa situação é análoga à que vemos em muitas das interações adulto-criança, em que o adulto pergunta para checar o conhecimento ou lembrança do aprendiz.

Para fins de simplificação da apresentação dos dados e por ser a Pergunta de sondagem rara em nosso *corpus*, optamos por separar os tipos de QU-*in situ* a partir de critérios estruturais: **QU-*in situ* opcional**, em que é possível a contraparte movida; **QU-*in situ* obrigatório**, em que a contraparte movida é impossível, como acontece nas Perguntas de sondagem, de esclarecimento, com sujeito nulo e em contextos de ilha. No que se segue, as perguntas-eco não serão consideradas.

De modo geral, há menos contextos sintáticos em que há uma real opcionalidade entre os dois tipos de pergunta, do que uma não opcionalidade. O movimento-QU aberto parece, à primeira vista, opcional em apenas um caso (1), obrigatório em alguns (4, 5, 8) e impossível em outros (7, 9, 10, 11, 13, 14). Ainda assim, o PB parece, a princípio, menos restritivo que algumas outras línguas de movimento-QU opcional quanto à permanência do constituinte interrogativo *in situ*. O espanhol, por exemplo, está sujeito ao *Sentence Final Requirement* e, por isso, o QU-*in situ* é possível apenas quando o elemento-QU é a última palavra da sentença, não podendo haver qualquer outro material à sua direita, segundo descreve Jiménez (1997). E no PE, o QU-*in situ* exige a não inversão entre o sujeito e o verbo, fenômeno observado em perguntas com QU-movido, conforme destaca Mito & Kato (2005)²⁷. Nenhuma dessas restrições, contudo, é observada no PB.

²⁷ O PE e o PB parecem se diferenciar substancialmente com relação às perguntas-QU. O PE, por exemplo, exige a adjacência entre o elemento-QU e o verbo finito, restrição que resultaria em agramaticalidade em vários casos no PB (i,ii). Além disso, a estratégia com inclusão apenas do complementizador ‘que’ não é gramatical em PE, embora o seja em PB (iii). Já a estrutura copular, QU-é-que, é comum às duas línguas (iv) (MIOTO; KATO, 2005:172):

(i) Como reagiu o Adriano Pinto?	PE/*PB
(ii) *Como o Adriano Pinto reagiu?	*PE/PB
(iii) *Onde que você estava em 82, Artur Jorge?	*PE/PB
(iv) Onde é que você estava em 82, Artur Jorge?	PE/PB

Além dessas estratégias, há também no PE a possibilidade de permanência do elemento-QU *in situ* (v), sujeita à restrição que impede a inversão entre sujeito e verbo nessas perguntas, como vemos em (vi), fenômeno, por sua vez, observado em perguntas com QU-movido (i).

(v) Os jovens terão o seu bacharelado para quê?	PE/PB
(vi) *Terão os jovens o seu bacharelado para quê?	*PE/*PB

Uma outra diferença entre PE e PB é que em PE as perguntas são rotineiramente produzidas com QU-é-que, sem que sejam interpretadas como enfáticas (Ana Lúcia Santos, comunicação pessoal com a orientadora deste trabalho,

Uma proposta para explicar o licenciamento das perguntas com QU-*in situ* e que potencialmente daria conta de línguas como o PB foi aventada por Cheng (1991). A autora, baseada no chinês, japonês e inglês, empreende uma tipologia das línguas com respeito à formação de perguntas-QU. Ela adota a *Hipótese da classificação de oração* (CHOMSKY; LASNIK, 1977), segundo a qual toda sentença deve ser identificada como um ‘tipo de sentença’, a saber, afirmativa, interrogativa, presumptiva, entre outros. Cheng, então, propõe que, em línguas como o inglês, a classificação de interrogativa é realizada a partir do movimento do constituinte-QU para a periferia esquerda (19a). Por outro lado, em línguas como o chinês, em que o movimento é proibido, a classificação é realizada a partir de uma partícula-Q, destacada em (19b).

- (19) a. Who_i did you see t_i? (CHENG, 1991:1)
 quem AUX você ver
 “*Quem você viu?*”
- b. Qiaofong mai-le shenme ne? (CHENG, 1991:30)
 Qiaofong comprar o que Q_{wh}
 “*Qiaofong comprou o quê?*”

Assumindo que línguas de QU-*in situ* possuem uma partícula interrogativa (CHENG, 1991:24), a autora prevê que as que dispõem da partícula-Q para classificar as perguntas mantêm o elemento-QU *in situ* e as que não possuem devem movê-lo, em uma operação do tipo último recurso. Cheng, debruçando-se sobre línguas de movimento-QU aparentemente opcional, como o árabe egípcio, o indonésio e o palauense, observou que, nas sentenças com constituinte-QU deslocado, o complementizador é realizado abertamente e este também é utilizado em construções clivadas, que, curiosamente, se comportam de maneira similar às interrogativas-QU em contextos de ilha.

Partindo dessas observações, Cheng propõe que em línguas de movimento-QU opcional não há realmente um movimento do constituinte-QU nas perguntas com QU-*ex situ*. Ao invés disso, essas sentenças são orações reduzidas de clivadas, em que o elemento-QU é gerado diretamente em Spec,CP e a cópula apagada. Já as perguntas com QU-*in situ* dispõem de uma partícula-Q responsável por sua classificação, que, diferentemente de línguas como o chinês, seria fonologicamente nula.

Elaine Grolla), ou seja, os falantes produzem perguntas como (iv) mesmo em contextos neutros. Já em PB, perguntas assim parecem mais marcadas.

Trazendo a análise de Cheng para o PB, teríamos as estruturas em (20): sendo (20a) uma clivada; (20b) uma pergunta com QU-que reduzida de uma clivada e; (20c) uma pergunta derivada de uma pergunta com QU-que reduzida de uma clivada com apagamento do complementizador ‘que’. Já no QU-*in situ*, não haveria nenhum movimento do elemento-QU, este permanecendo na base, e a classificação da pergunta seria realizada via partícula-Q sem expressão fonológica.

- (20) a. É [CP [DP o João] [CP OP_i que [IP a Maria viu t_i]]]
 b. É [CP [DP quem] [CP OP_i que [IP a Maria viu t_i]]]
 c. É [CP [DP quem] [CP OP_i ~~que~~ [IP a Maria viu t_i]]]

Essa proposta apresenta consequências para a aquisição. Em primeiro lugar, esperaríamos que uma criança adquirindo PB começasse produzindo uma sentença como (20a) antes de uma sentença como (20c) já que a última deriva da primeira. Contudo, conforme veremos no quarto capítulo, no *corpus* observado por Grolla (2005), as crianças começam produzindo as perguntas do terceiro tipo por volta dos 2;03 anos, muito antes de produzirem uma clivada, empregada apenas a partir de 3;02 anos.

Seguiremos, então, Mioto (1994), Sikansi (1999), Grolla (2009), entre outros, ao propor que o QU-movido junto ao QU-que correspondem a estruturas distintas em relação ao QU-é-que, não sendo aquelas resultado do mero apagamento da cópula da última. Nesse cenário, o QU-que possui a mesma estrutura do QU-movido, com o preenchimento do núcleo C pelo complementizador “que”. Teríamos, então, a estrutura em (21a) para o QU-movido, sem complementizador aberto; a estrutura em (21b) correspondendo ao QU-que, com lexicalização do traço [+QU] em uma estrutura de COMP duplamente preenchido e, finalmente em (21c), o QU-é-que, com uma estruturada derivada da sentença clivada, conforme as representações abaixo:

- (21) a. [CP O que_i [IP o João comprou t_i]]
 b. [CP O que_i [C que] [IP o João comprou t_i]]
 c. [CP₂ O que_{iC} [IP *pro* é [CP₁ t_i [C que]] [IP o João comprou t_i]]]

(GROLLA, 2009:86-87)

Quanto à análise proposta por Cheng (1991) para dar conta do licenciamento do QU-*in situ*, seria realmente plausível considerar a existência de uma partícula fonologicamente nula em PB responsável por classificar a interrogativa como tal. No entanto, conforme pontua Grolla, seriam necessárias evidências suplementares para postular a existência de tal partícula nula em

PB (e outras línguas semelhantes), visto que a autora elabora sua tese apenas com base em línguas que possuem uma partícula-Q aberta. Por conta desses fatores, uma análise com base em Cheng (1991) não parece ser suficiente para dar conta dos dados em PB.

Também procurando explicar a opcionalidade do movimento-QU, Hornstein, Nunes & Grohmann (2005:44) fundamentam-se em uma abordagem minimalista, na qual o movimento é motivado pela necessidade de checagem de algum traço. Eles assumem que estes podem ser de dois tipos: fortes ou fracos. Como os traços-QU fortes não são interpretáveis pelo componente de interface, eles precisam ser checados antes do *Spell-out*. Já os fracos, que são fonologicamente legíveis, podem ser checados apenas em LF.

Assim, os autores concluem que o complementizador interrogativo nulo encaixado existente em perguntas indiretas como (22a); o complementizador interrogativo aberto ‘que’ (22b) e o elemento inerentemente *non-D-linked*, como ‘que diabo’ em (22c), portam todos um traço-QU forte que desencadeia o movimento aberto. Dessa forma, na presença desses itens, o movimento da expressão-QU deve ser visível na Forma Fonética.

- (22) a. Eu perguntei como **(que)** você consertou o carro.
b. O que **que** o gato está usando?
c. **Que diabo** você bebeu?

Além disso, eles assumem também a existência de dois C^o matrizes interrogativos nulos, um com um traço-QU forte, responsável pela derivação das perguntas com movimento aberto do elemento-QU, e outro com traço-QU fraco, encarregado da derivação do QU-*in situ*. Desse modo, não haveria uma real opcionalidade entre as diferentes perguntas-QU representadas em (1), já que cada uma delas estaria associada a um C^o diferente, portanto, o movimento aberto ou coberto dependeria de qual C^o seria selecionado na Numeração²⁸.

Consideremos, então, que o PB não dispõe de uma partícula-Q fonologicamente nula para classificar sua pergunta com QU-*in situ* (como proporia Cheng (1991)), mas o licenciamento e a marcação de escopo dessa forma interrogativa ainda são necessários. Isso poderia ser feito com o movimento do elemento-QU na sintaxe coberta (HUANG, 1982), ou, mais especificamente, do traço-QU em LF (CHOMSKY, 1995; HORNSTEIN; NUNES;

²⁸ Essa abordagem baseada em força dos traços também poderia ser usada para descrever dados de línguas como o inglês, em que o movimento do elemento-QU é obrigatório, e de línguas como o chinês, em que o elemento-QU deve sempre permanecer *in situ*. Chomsky (1995) considera o traço-QU um traço interpretável e somente quando forte desencadeia o movimento. Para ele, a diferença entre o inglês e o chinês está na força desse traço – se fraco, como em chinês, o elemento-QU permanece *in situ*; se forte, como em inglês, o constituinte interrogativo se move, pois, lembremos, apenas traços fortes devem ser checados na sintaxe aberta.

GROHMANN, 2005). Caso essa proposta esteja no caminho certo, teremos no QU-*in situ* a procrastinação para LF da checagem do traço [+QU], que, no QU-*ex situ*, é realizada em sintaxe aberta. Nesse caso, não há opcionalidade, pois cada forma interrogativa estaria associada a uma Numeração diferente e, mais que isso, alguns contextos sintáticos (como a presença da expressão ‘que diabo’) carregariam necessariamente o traço-QU forte que desencadeariam o movimento aberto. Sintaticamente, portanto, as duas estratégias não seriam completamente opcionais.

Consideremos, então, apenas exemplos como (1) em que as duas opções são igualmente possíveis em PB. Nesse cenário, algumas questões empíricas se colocam:

- (i) Havendo dois C^o, um com traço forte e outro com traço fraco, como se dá a escolha entre um e outro? Que fatores (sintáticos, fonológicos, pragmáticos) guiam os falantes?
- (ii) Quais as consequências disso para o processo de aquisição? Nos casos em que não há opção real (e.g. na presença da expressão ‘que diabo’), a criança não enfrenta problemas e não precisa se orientar, por exemplo, pelo Princípio da Economia ao escolher entre as estratégias, posto que não representam estruturas verdadeiramente opcionais. Mas e em casos em que existe uma aparente opcionalidade, como em (1)? O que, então, guiaria a criança nesse processo?

Uma outra proposta para o licenciamento do QU-*in situ* tem sido hoje em dia bastante discutida, não apenas no PB, mas em outras línguas de movimento-QU opcional: a possibilidade de essa estrutura envolver não um movimento coberto, mas dois.

Ambar (2002), por exemplo, procurou explicar nesses termos as diferenças entre o QU-*in situ* e o *ex situ* em PE. A autora começa assumindo a estrutura em (23a) para a projeção CP, em que WhP é o local de pouso de constituintes-QU e AssertiveP é projetado para dar conta de estruturas com interpretação factiva. A autora assumiu também que todos os traços são fortes e, portanto, tanto no QU-*ex situ* (23b) como no *in situ* (23c), o elemento-QU deve se mover para Spec,WhP para fins de checagem do traço-QU. Na opção *ex situ*, a derivação pararia por aí; já na *in situ*, haveria um segundo lance: o movimento do IP remanescente para AssertiveP. Isso aconteceria pois, na Numeração do QU-*in situ*, o IP carregaria o traço [+assertivo] e, por isso, seria necessário checá-lo com o movimento de IP para AssertiveP.

- (23) a. XP [EvaluativeP [Evaluative' [AssertiveP [Assertive' [XP [WhP [Wh' [FocusP [Focus' [XP [IP
 b. XP [AssertiveP [Assertive' [XP [WhP quem_i [Wh' [FocusP t_i [Focus' [XP [IP o Pedro
 encontrou t_i]]]]]]]]]

c. XP [_{AssertiveP} [O Pedro encontrou t_i]_k [_{Assertive'} [XP [_{WhP} quem_i [_{Wh'} [_{FocusP} t_i [_{Focus'} [_{XP} [_{IP} t_k]]]]]]]]]]]

(AMBAR, 2002:16-20)

A evidência para isso está, segundo Ambar, em dois aspectos: (i) o QU-*in situ* parece estar associado a um contexto de pressuposição enriquecida, o que seria explicado pela checagem do traço [+assertivo]; (ii) a curva entoacional do QU-*in situ* é distinta do *ex situ*, o que, para a autora, é resultado do movimento remanescente de IP.

Seguindo essa mesma linha, Kato (2004, 2013) faz algumas considerações para o PB. De acordo com a autora, há dois tipos de perguntas-QU com o elemento interrogativo *in situ*: as genuínas, que de fato pedem novas informações e que possuem contorno descendente; e as eco, que não são pedidos de informações e que possuem contorno marcadamente ascendente, similar à das perguntas sim/não. Para ela, a pergunta-eco é o QU-*in situ* canônico, ou seja, nessa forma interrogativa o elemento-QU permanece verdadeiramente *in situ*. Por sua vez, a pergunta comum apresenta um falso *in situ*, envolvendo, na realidade, dois movimentos: um curto do elemento-QU para uma posição baixa de FocP para checagem do traço-QU e um segundo movimento remanescente de IP. Para isso, a autora assume que toda pergunta tem um operador Q encabeçando ForceP para especificar o tipo de sentença como ‘interrogativa’ e que corresponderia às partículas interrogativas encontradas em línguas como o japonês. Ademais, ela admite, seguindo uma abordagem cartográfica (RIZZI, 1997), as projeções FocP na periferia esquerda da sentença e uma projeção medial de FocP, adjacente a vP (BELLETTI, 2004), resultando assim nas seguintes projeções:

(24) [_{ForceP} Q... [_{FocP} ... [TP... [_{FocP}...[_{vP} [VP]]]]]]]

(KATO, 2013:70)

Kato, adotando Miyagawa (2001), assume que o constituinte-QU na pergunta com QU-*in situ* se move para uma posição baixa de FocP, onde recebe uma curva entoacional descendente para checagem do traço-QU. Segundo a autora, esse movimento curto seria capaz de explicar a falta de restrições do PB quanto à permanência do QU-*in situ* em perguntas encaixadas e em contextos de ilha, visto que assim não haveria violação da Condição de Subjacência. Após essa primeira operação, haveria um segundo movimento remanescente de IP para satisfação do Princípio de Projeção Estendido em CP, conforme derivação abaixo²⁹:

²⁹ Uma análise similar à de Kato foi recentemente empreendida por Bonan (2018, 2021). A autora, baseada em dados do trevigiano, dialeto do italiano falado em Treviso, argumenta que o QU-*in situ* da língua envolve

(25) Você viu quem?

[Q [TP VOCÊ viu [FP **quem**[VP t_{você} t_{viu} [VP t_{viu} t_{quem}]]]]

(KATO, 2013:70)

Essa é uma análise bastante interessante, que teria um poder explicativo adicional, posto que daria conta também da assimetria que vemos entre a produção adulta e infantil com relação ao QU-*in situ*. A saber, nos dados espontâneos de aquisição do PB, as crianças falantes dessa língua pouco produzem a opção com QU-*in situ* que, segundo Kato, seria a menos econômica por envolver dois movimentos, em relação ao QU-*ex situ* que envolveria apenas um. Todavia, alguns problemas se impõem a essa análise.

A começar, Miotto (2011) alega que a análise de Kato falha ao não conseguir explicar por que o complementizador ‘que’ não poderia ser aberto também no QU-*in situ* (26a), assim como pode ser no *ex situ* (26b), já que este é a lexicalização do traço [+QU] que atrairia o movimento do elemento-QU para FocP – o que aconteceria em ambas as estratégias interrogativas. Ademais, ainda seria necessário dar conta da agramaticalidade de (27a), em que o elemento-QU em posição de sujeito se move para FocP e o IP remanescente se coloca à esquerda do sujeito, i.e., seguindo essa proposta, seria necessário postular uma diferença

movimento do elemento-QU para uma posição medial da sentença (BELETTI, 2004). Nesse dialeto, a ordem canônica das declarativas com três argumentos apresenta o objeto direto precedendo o indireto. Segundo a autora, as perguntas consideradas QU-*in situ* genuínos apresentam uma inversão da ordem canônica da declarativa, sendo produzido o objeto indireto, no caso o constituinte-QU, antes do direto (i). Já na pergunta-eco, também com elemento-QU pós-verbal, temos a ordem canônica da declarativa, com objeto direto antes do indireto (ii).

(i) ghe gatu dato **a ki** i pomi ____i? (pedido por informação)

3.DAT tem-você dado a quem as maçãs

“Você deu a quem as maçãs?”

(ii) ghe gatu dato i pomi **a ki**? (pergunta-eco)

3.DAT tem-você dado as maçãs a quem

“Você deu as maçãs a quem?”

(BONAN, 2021:7)

Para a autora, essa inversão dos argumentos presente no QU-*in situ* genuíno é resultado de um movimento para meio de campo do constituinte-QU, *a ki* “para quem” em (i). Em outras palavras, nessa interrogativa com QU-*in situ* – ou, mais acuradamente, pós-verbais, já que pela simples inversão dos objetos já não podem mais ser consideradas *in situ* – a única ordem possível é quando o elemento-QU se move para uma posição mais alta que a do objeto direto. Baseada, então, na observação de que o foco contrastivo em trevigiano também aparece em posição medial na sentença, Bonan propõe que o local de pouso para o constituinte-QU é FocP, assim como propuseram outros autores para diferentes línguas, como malayalam (JAYASEELAN, 1996); persa (KAHNEMUYIPOUR, 2001); kwa (ABOH, 2007); francês (MUNARO; POLETTI; POLLOCK, 2001); português brasileiro (KATO, 2004, 2013); a.o. Mas, diferente do que pontua Bonan para os dados do dialeto italiano, no PB, perguntas com QU-*in situ* são permitidas em ambas as ordens abaixo: com o constituinte interrogativo sucedendo o objeto direto ou precedendo-o. Além disso, a leitura em (iii), permitida em trevigiano apenas em perguntas-eco, é aceitável em PB como pergunta comum.

(iii) Eu dei as maçãs **para quem**?

(iv) Eu dei **para quem** as maçãs?

adicional com relação ao movimento-QU quando o constituinte interrogativo cumpre papel de objeto ou sujeito.

- (26) a. *Os jovens terão seu bacharelado para que **que**?
b. Para que **que** os jovens terão seu bacharelado?
- (27) a. *Comeu o bolo quem?
b. *[Q [TP comeu o bolo [FP **quem**[VP t_{quem} t_{comeu} o bolo [VP t_{comeu} o bolo]]]]]

Além disso, para Miotto (2011), se postulamos a existência de uma periferia esquerda do vP em que os traços podem ser checados, é preciso assumir também que esta serve para derivar todas as perguntas-QU, do mesmo modo que a de CP. E, com isso, teríamos duas periferias redundantes com as mesmas propriedades interpretativas, em que seria possível checar o traço [+QU]. E, se assumirmos que essas duas periferias possuem propriedades interpretativas diferentes, associando o FocP de vP a um “sabor de eco”, estaríamos contrariando “o espírito da análise de Belletti (2004) que é desenvolvida para tratar do foco de informação” (MIOTTO, 2011:61)³⁰.

Ademais, a postulação de dois movimentos para dar conta de uma estrutura com elemento-QU supostamente *in situ* pode ser, de certo modo, contraintuitiva, principalmente para a criança em processo de aquisição de linguagem, posto que não parece haver evidências positivas para a postulação de dois movimentos e, à primeira vista, a estrutura parece ser gerada sem nenhum movimento. A geração de dois movimentos ao invés de um coberto, a princípio, poderia explicar por que no PB a criança demora a adquirir tal interrogativa, mas teríamos de ser capazes de reconhecer também que evidências o falante do PB teria para postular a existência de dois movimentos, ao invés de apenas um movimento coberto. Caso a hipótese resista à navalha de Occam³¹, como a criança saberia da existência de dois movimentos, uma

³⁰ Nesse trabalho, analisamos foco como o constituinte que representa ‘nova informação’, que, nos termos de Chomsky (1971), seria a informação da sentença não pressuposta a partir do contexto, sendo, portanto, acentuada em relação à informação velha. No exemplo abaixo, o constituinte focalizado, “um remédio para enxaqueca” representa um foco informacional, recebendo acento e sendo a informação nova, oferecida por B como uma resposta apropriada à pergunta posta por A. Não consideraremos aqui outros tipos de foco, como o contrastivo ou *verum focus*.

- (i) A: O que você comprou na farmácia ontem?
B: Ontem eu comprei [um remédio para enxaqueca]_F.

Seria possível, todavia, analisar o foco seguindo a abordagem da semântica de alternativas (ROOTH, 1985, 2016). Segundo Krifka (2008), o que se costuma chamar de ‘nova’ informação é o valor selecionado em favor de um conjunto de alternativas e geralmente esse valor tende a ser ‘novo’ no contexto, mas nem sempre isso acontece. Contudo, não nos aprofundaremos nesse debate que está além do escopo deste trabalho.

³¹ Navalha de Occam é um princípio da investigação científica que postula que, de duas hipóteses que conseguem dar conta de todos os fatos, a hipótese mais simples é a mais provável de estar certa.

vez que o que ela tem de concreto é, na realidade, duas formas interrogativas: uma em que não há movimento aparente e outra em que há?

Os desafios à análise de Kato, contudo, não acabam por aí. Lacerda (2020) aponta ainda alguns outros problemas. O autor começa sua argumentação mostrando que, no PB, é possível focalizar qualquer elemento da sentença em sua posição *in situ*, conforme os exemplos abaixo. Em (28) e (29), são focalizados, respectivamente, o objeto direto e o objeto indireto em posição canônica com função contrastiva – em (28B), “um livro” é uma correção à sentença de (A2) e oferece uma alternativa para “um celular”, enquanto em (29B), “pra Maria” contrasta com “pra Carol” da sentença (A2), corrigindo-a. A focalização *in situ*, marcada apenas por meio da prosódia, é possível tanto em focos de informação, como em focos contrastivos, não sendo exigido qualquer deslocamento em nenhum dos casos.

- (28) A1: O que o João deu pra Maria no Natal?
A2: O João deu um celular pra Maria no Natal.
B: O João deu *um livro*_F pra Maria no Natal.
- (29) A1: Pra quem o João deu um livro no Natal?
A2: O João deu um livro pra Carol no Natal.
B: O João deu um livro *pra Maria*_F no Natal.

(LACERDA, 2020:57)

Em PB, é possível ainda haver deslocamento de constituintes focalizados, embora, conforme aponta o autor, isso não dependa do foco em si, mas de fatores externos que podem coocorrer com o foco e não são exclusivos de construções com ele, por exemplo a presença de partículas sensíveis ao foco, como o operador exaustivo ‘só’, exemplificado em (30). Ainda que tenhamos exemplos como esse, com uma sentença em que o movimento de foco é possível em PB, Lacerda (2020) conclui que não é o foco que requer o fronteamto, já que na ausência de efeitos interpretativos adicionais, o foco sozinho não dispara movimento, conforme vemos em (31). Para o autor, portanto, não seria possível dizer que nesta língua há um movimento guiado pelo foco.

- (30) Só a Maria_i o João convidou t_i pra festa.
- (31) A: No fim, o que o João comprou?
B1: Ele acabou comprando *um carro*_F, no fim das contas.
B2: #*Um carro*_F, ele acabou comprando, no fim das contas.

(LACERDA, 2020:61)

Tradicionalmente, considera-se que o sintagma-QU em perguntas de constituinte funciona como uma instância do foco, correspondendo exatamente ao que seria o foco informacional em uma resposta congruente (HORVATH, 1986). Desde Rizzi (1997)³², há uma tradição em vincular o foco e o sintagma-QU a uma mesma posição na estrutura sintática. Nesse caso, o operador interrogativo em perguntas matrizes ocuparia a posição de especificador de FocP, a mesma ocupada por constituintes focalizados. E as similaridades entre os constituintes não são apenas estruturais. Parece haver também uma afinidade semântica entre o foco e o constituinte-QU: assim como aquele implica a existência de alternativas (ROOTH, 1985, 2016)³³, também as perguntas-QU pressupõem diferentes possibilidades (ECKARDT, 2007).

Considerando em paralelo, então, o foco e o sintagma-QU, Lacerda argumenta que, embora um elemento possa ser focalizado em sua posição canônica – em (32B1) o sintagma “do Chomsky” contrasta com “do Pinker” em A2 –, quando produzido no meio de campo, ele produz sentenças malformadas como (32B2). E o mesmo efeito pode ser observado também em sentenças com sintagma-QU: em (33), por exemplo, vemos que a focalização do constituinte interrogativo no meio de campo é agramatical, assim como em (33B2), embora seja possível na periferia esquerda ou *in situ*.

- (32) A1: De que autor o João resenhou um livro ontem?
 A2: O João resenhou um livro do Pinker ontem.
 B1: O João resenhou um livro *do Chomsky*_F ontem.
 B2: *O João resenhou *do Chomsky*_F um livro ontem.
- (33) a. *De que autor* o João resenhou um livro ontem?
 b. Um livro *de que autor* o João resenhou ontem?
 c. O João resenhou um livro *de que autor* ontem?
 d. *O João resenhou *de que autor* um livro ontem?

Essas evidências levam o autor a concluir que o movimento de um sintagma-QU para o meio de campo é impossível na língua e “ao contrário da periferia esquerda, que pode hospedar

³² Rizzi (1997) propõe uma expansão do CP nos moldes do IP-cindido de Pollock (1989). Segundo ele, a periferia esquerda seria analisada com um CP cindido, com uma projeção ForceP, indicando a força ilocucionária da sentença e; FinP, representando a finitude da sentença, entre essas duas projeções haveria as estruturas de Tópico e Foco, como em (i) abaixo. Nessa abordagem, o tópico e foco seriam realizados em posições absolutas da estrutura sentencial.

(i) [ForceP [TopP [FocP [TopP [FinP [IP]]]]]] (RIZZI, 1997: 297)

³³ Seguindo a Semântica de Alternativas (ROOTH, 1985, 2016), o foco de uma expressão α acarreta a existência de um conjunto de alternativas a α e que poderiam ser usadas em seu lugar naquele contexto.

foco diante de circunstâncias semânticas e pragmáticas especiais, mover um foco para uma posição medial leva à agramaticalidade” (LACERDA, 2020:80)³⁴. Por todos os motivos elencados acima, descartaremos a proposta de Kato (2004, 2013). Para fins descritivos, assumiremos juntamente com DeRoma (2011) e Lacerda (2020) que os sintagmas-QU são constituídos pelo sintagma-QU e um operador Q, não adjacentes em PF. Quando *in situ*, o sintagma interrogativo não sofre movimento coberto para uma projeção de foco (LACERDA, 2020) – considerando a expressão-QU uma instância de foco – mas é ligado por um operador coberto, via *Unselective binding*³⁵. Isso permitiria que o sintagma-QU fosse licenciado por seu operador, mesmo dentro de ilhas. O resultado da associação entre o constituinte-QU e o foco reflete diretamente no *status* sintático, fonológico e pragmático do constituinte-QU. Sintaticamente, como já descrevemos, ele estará associado à projeção FocP na periferia esquerda (i); fonologicamente, ele receberá acento – ou, segundo Rochemont (1986), carregará proeminência – em relação à informação velha³⁶; pragmaticamente, ele será identificado como informação nova, portanto, não pressuposta a partir do contexto.

2.2. Aspectos fonológicos

Conforme discutimos na seção anterior, Kato (2004, 2013) chama nossa atenção para a importância da prosódia³⁷ no tratamento das perguntas-QU e constrói sua argumentação em defesa de um QU-*in situ* fruto de dois movimentos. Segundo a autora, o QU-*in situ* normal possuiria entoação descendente, enquanto a pergunta-eco apresentaria curva marcadamente ascendente, similar à das perguntas sim/não, o que, para ela, serviria como evidência para

³⁴ “Unlike the left periphery, which may host fronted foci under special semantic and pragmatic circumstances, moving a focus to a medial position leads to straight-up ungrammaticality” (LACERDA, 2020:80).

³⁵ Na proposta de Reinhart (1998), um sintagma-QU, em uma pergunta com QU-*in situ*, é ligado em sua própria posição canônica por meio de um operador-Q e esta ligação é realizada via *Unselective binding*. Em seu sistema, o operador-Q ligaria todas as variáveis *in situ* de mesma função de forma não seletiva.

³⁶ Isso não implica dizer que todo constituinte acentuado deverá ser identificado como foco ou que todo foco deverá receber acento. Embora correlacionados, acento e foco nem sempre andam juntos, principalmente no caso de sintagmas-QU. Nas diferentes possibilidades aceitáveis abaixo, Rochemont (1986:26) demonstra que o acento em B não é consequência da focalização, mas da *Nuclear Stress Rule* (que atribui acento à categoria lexical mais à direita), diferente de B’, em que a palavra-QU recebe acento e marcação de foco.

- (i) A: John went to England to buy something for Mary.
 “João foi para a Inglaterra comprar algo para a Maria”
 B: What did John buy for MARY?
 “O que o João comprou pra MARIA?”
 B’: WHAT did John buy for Mary?
 “O QUE o João comprou pra Maria?”

³⁷ Para uma visão mais detalhada do inventário entoacional do português brasileiro, recomendamos a leitura de Frota et al. (2015). Neste estudo de grande escala, os autores apresentam um panorama do sistema entoacional do português, incluindo a comparação entre oito variedades do português, sendo quatro do PB, que cobrem a área entre a Bahia e o Rio Grande do Sul.

separar derivacionalmente os dois tipos de pergunta: a pergunta-eco, nesse caso, seria o QU-*in situ* canônico, i.e., o elemento-QU permaneceria verdadeiramente *in situ*; enquanto o QU-*in situ* comum apresentaria dois movimentos, um para uma posição medial de Foco e outro remanescente de IP para satisfação do EPP.

Uma evidência contrária a essa separação entre o QU-*in situ* eco e comum foi apresentada por Nunes & Santos (2007). Em uma análise que leva em conta diferentes tipos de categorias vazias, os autores pontuam que categorias vazias se comportam de maneiras diferentes quanto à mudança de acento: um sujeito nulo, *pro*, bloqueia a retração de acento, enquanto um vestígio deixado por movimento não, sendo a mudança de acento sintaticamente condicionada (SANTOS, 2002, 2003). Na pergunta-eco, o objeto direto nulo parasitático seria um *pro*, já no QU-*in situ* comum teríamos um vestígio. Enquanto o *pro* de (34a) bloquearia a retração acentual entre “comprou” e “ontem”; o vestígio deixado pelo elemento-QU em (34b) não bloquearia, portanto, a retração acentual seria possível. No entanto, segundo os julgamentos reportados pelos autores, as perguntas com QU-*in situ* sempre são do tipo em (34a), não ocorrendo a mudança de acento que seria permitida na presença de um vestígio.

- (34) a. Você recomendou QUE LIVRO_i depois que ela com**PROU** *pro*_i **ON**tem?
b. # Você recomendou QUE LIVRO_i depois que ela **COM**prou *t*_i **ON**tem?

Essa evidência sugere que não há diferenças entre o QU-*in situ* comum e o eco, ao menos no que diz respeito à categoria vazia relacionada ao elemento-QU. Caso o QU-*in situ* envolvesse realmente dois movimentos, deixando um vestígio, a retração seria possível. Mas isso nunca acontece, segundo os julgamentos encontrados pelos autores.

A partir da proposta de Kato, seria possível também prever que uma pergunta com QU-*in situ* comum compartilharia com as sentenças declarativas com foco no objeto uma curva entoacional similar, uma vez que o elemento-interrogativo e o objeto se moveriam para a mesma posição em FocP. Tendo isso em vista, Figueiredo Silva & Grolla (2015) testam as hipóteses de Kato e as confirmam apenas parcialmente. Segundo as autoras, realmente, as perguntas-eco e sim/não possuem contorno ascendente ao final (figura 1). Contudo, apesar de o QU-*in situ* apresentar curva similar à da sentença declarativa com foco no objeto, as variações do contorno entre elas ainda são diferentes: “embora seja verdade que ambas as sentenças exibem um tom ascendente no verbo e um tom descendente ao final, é também claro que as

variações do movimento (do contorno entonacional) são bem diferentes”³⁸ (FIGUEIREDO SILVA; GROLLA, 2015:275), conforme vemos na Figura 2.

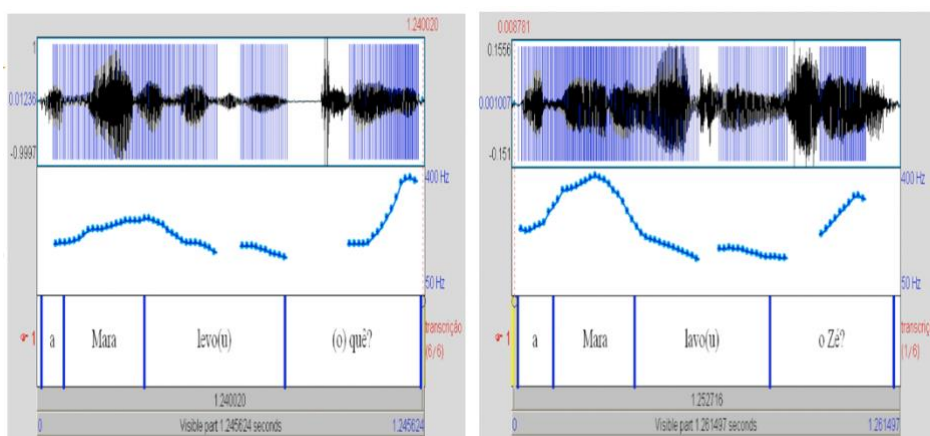


Figura 1: curvas entoacionais das perguntas: (a) eco “A Maria levou o quê?”; e (b) sim/não “A Maria lavo(u) o Zê?” (imagens retiradas de FIGUEIREDO SILVA; GROLLA, 2015:275).

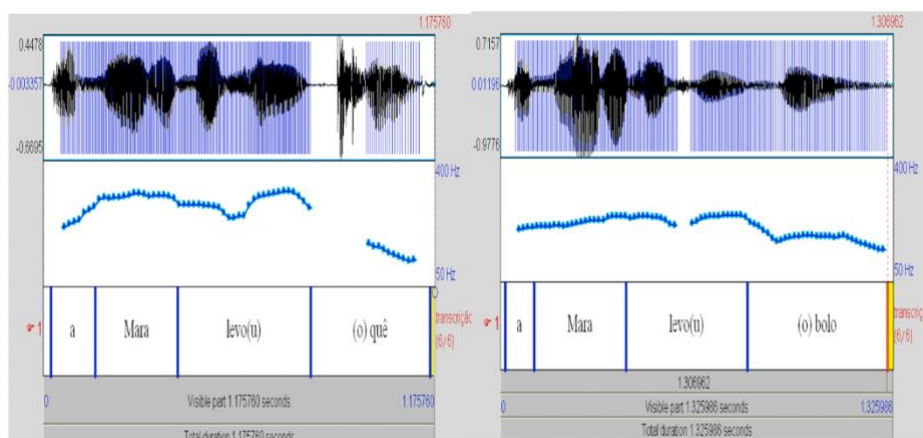


Figura 2: curva entoacional da pergunta com QU-*in situ* genuíno “A Mara levou o quê?”; e da declarativa “A Mara lavo(u) o bolo” (imagens retiradas de FIGUEIREDO SILVA; GROLLA, 2015:276).

Embora precisemos descartar a hipótese de Kato para o QU-*in situ* no PB em vista dos diferentes argumentos apresentados nesta seção e na anterior, vale ressaltar que a importância dada pela autora à prosódia contínua, para nós, bastante válida, conforme veremos ao longo do trabalho. Além disso, a associação do constituinte interrogativo à projeção de Foco será mantida via *Unselective binding* (DEROMA, 2011; LACERDA, 2020), segundo discutimos na seção anterior³⁹.

³⁸ “[...] although it is true that both sentences exhibit a raising tone on the verb and a final falling tone, it is also clear that the range of the movements are very different” (FIGUEIREDO SILVA; GROLLA, 2015:275).

³⁹ Essa associação entre Foco e QU-*in situ* não foi considerada apenas por Kato (2004, 2013) para o PB. De acordo com Zubizarreta (1998), as perguntas-QU podem ser licenciadas de duas maneiras diferentes: com o movimento do elemento interrogativo para checagem do traço-QU, ou com a atribuição do acento nuclear. Para ela, a interação

Devemos, a seguir, considerar algumas outras características do PB com relação à prosódia que serão de grande importância na comparação entre as línguas aqui analisadas. De Moraes (1998:183), descrevendo o sistema entoacional do PB, destaca que o “o padrão de uma declarativa neutra é caracterizado por uma queda na frequência fundamental (F0) ao fim da sentença (mais precisamente, na tônica final) enquanto o *pitch* inicial permanece em nível médio”⁴⁰. Uma pergunta sim/não, por sua vez, apresentaria uma curva ascendente ao final (conforme já vimos com Kato (2004, 2013)), mais especificamente na última sílaba acentuada. Além disso, o *pitch* inicial dessa interrogativa é levemente mais alto do que seria o de uma declarativa (DE MORAES, 1998:184).

Em uma pergunta de constituinte com QU-*ex situ*, é possível notar uma elevação do *pitch* na palavra-QU inicial (DE MORAES, 1998:186) e logo em seguida uma descida que se estabiliza até o fim da sentença. Por fim, temos no QU-*in situ* uma elevação antes da palavra-QU seguida de uma descida, que parece ser a curva entoacional típica, conforme apontam Barile & Maia (2008)⁴¹ e que é possível observar na imagem à esquerda da Figura 2 acima. Kato (2004, 2013) dá a esse padrão o nome de “curva descendente”, mas é importante salientar que

entre a *Nuclear Stress Rule* (NSR) e a *Focus Prosody Rule* (FPR) é responsável pelo segundo tipo de licenciamento. A NSR determina que, nas línguas românicas, “o elemento mais baixo na ordem assimétrica do c-comando deve receber proeminência” (ZUBIZARRETA, 1998:40). Enquanto isso, a FPR determina que um elemento marcado como [+F] e, portanto, focalizado, deve receber o acento nuclear. Na pergunta com QU-*in situ*, a NSR atribui proeminência ao constituinte interrogativo, marcando-o como [+F] e este, com a subsequente aplicação da FPR, recebe acento nuclear. Já no QU-*ex situ*, o elemento-QU se move para Spec,CP e, por isso, deixa de ser o elemento mais baixo na cadeia de c-comando, não podendo, assim, receber o acento nuclear. Seguindo essa lógica, o QU-*ex situ* é licenciado sintaticamente, movendo-se para Spec,CP, o que o torna automaticamente inelegível para receber acento nuclear pela FPR. Já no QU-*in situ*, o elemento-QU que permanece abaixo na cadeia de c-comando recebe acento nuclear, licenciando prosodicamente a construção. Com isso, Zubizarreta defende que é possível licenciar as perguntas-QU de duas formas: “ou sintaticamente ou prosodicamente, mas nunca das duas formas” (ZUBIZARRETA, 1998:93). A autora faz uma ampla análise da prosódia do foco em seu livro com um apêndice dedicado às interrogativas no qual associa o QU-*in situ* a essa posição. Para ela, se a parte focalizada da sentença é conhecida a sua parte não-pressuposta, ou seja, sua informação nova, então o foco de uma pergunta-QU deve ser obrigatoriamente a palavra-QU, sobre a qual o questionamento se coloca. Entretanto, nas perguntas com QU-*ex situ*, a parte focalizada não está na palavra-QU, pois, para a autora, essa construção não é licenciada pelo foco. Ela é, na realidade, licenciada sintaticamente ao ocupar a posição de especificador de CP na qual checa o traço-QU.

⁴⁰ “In Portuguese, as in most known languages, the neutral declarative pattern is characterised by a drop in fundamental frequency (F0) at the end of the utterance (more precisely, on the final tonic) while the initial pitch is at a mid level” (DE MORAES, 1998:183).

⁴¹ Barile & Maia (2008) aplicam três experimentos de julgamento de gramaticalidade com QU-*in situ* dentro de ilhas, dando especial atenção à entoação descendente para as perguntas normais e ascendente para as perguntas-eco. Seus resultados sugerem que as frases envolvendo ilhas são significativamente mais aceitas quando produzidas com entoação supostamente eco (ascendente) do que quando produzidas com entoação de pergunta real (descendente), conforme esperado. Entretanto, é possível que o que tenha levado os sujeitos observados a aceitarem mais as perguntas com entoação eco do que a suposta entoação de pergunta real seja uma questão de ordem experimental. Os autores apontam que a condição a receber menor índice de aceitação do QU-*in situ* com entoação de pergunta real foi construída de forma a imitar a prosódia sugerida por Kato, enquanto a outra condição, em que as frases foram produzidas de forma natural pelos próprios falantes, foi aceita em 74% das vezes e essa diferença entre as naturezas das frases avaliadas pode ter levado a diferentes julgamentos.

há, primeiro, uma elevação antes do constituinte interrogativo – mais especificamente na sílaba acentuada imediatamente anterior – para depois a curva abaixar.

Em suma, a tendência das curvas entoacionais dos diferentes tipos de sentença analisados contribui para identificar sua tipologia, assim como acontece em várias outras línguas: (a) as declarativas são caracterizadas por uma queda em F0 ao fim da sentença, mantendo-se relativamente estável no restante; (b) as perguntas polares são produzidas com uma clara elevação do *pitch* ao final; (c) o QU-*ex situ* é caracterizado pela proeminência, ainda que sutil, no constituinte-QU com um posterior abaixamento que se mantém até o fim da sentença; (d) o QU-*in situ* é identificado pela elevação um pouco antes da palavra-QU – mais especificamente na última sílaba tônica antes do elemento interrogativo – e posterior abaixamento ao fim da sentença. Atribuímos essa elevação do *pitch* nas perguntas de constituinte, comum ao QU-*ex situ* e ao QU-*in situ*, à associação do sintagma-QU ao Foco, conforme proposta que seguimos no presente trabalho.

A discussão sobre os padrões entoacionais realizada nesta seção nos ajudará na comparação entre as línguas, conforme veremos no capítulo nove. Antes, passemos à discussão dos aspectos pragmáticos envolvidos nas perguntas com QU-*in situ*.

2.3. Aspectos pragmáticos

Diversos trabalhos discutiram, no PB, e principalmente no francês, a percepção de que o QU-*in situ* exige um grau maior de pressuposição em relação ao *ex situ*. Por “pressuposição”, tomemos a definição de Stalnaker (1978:321), para o qual “pressuposição é o que é tomado pelo falante como *Common Ground* entre os participantes da conversa, o que é tratado como conhecimento comum ou mútuo”⁴². Em outras palavras, pressuposição é a informação discursiva ou extralinguística que o falante assume como parte do fundo conversacional comum aos participantes da conversa. Para que uma dada proposição seja reconhecida como *Common Ground*, é necessário que todos os membros da conversa a aceitem e a tomem como verdade e acreditem também que todos os outros a aceitam e a tomam como verdade (paráfrase de Stalnaker (2002:716))⁴³. Nesse cenário, para cada proposição proferida no discurso, os participantes da conversa fazem suas próprias avaliações do que deve ser considerado

⁴² “*Presuppositions are what is taken by the speaker to be the Common Ground of the participants in the conversation, what is treated as their Common Knowledge or Mutual Knowledge*” (Stalnaker, 1978:321).

⁴³ “*It is common ground that ϕ in a group if all members accept (for the purpose of the conversation) that ϕ , and all believe that all accept that ϕ , and all believe that all believe that all accept that ϕ , etc*” (STALNAKER, 2002:716, grifos do autor).

informação nova e do que já foi anteriormente compartilhado. Assim, pressuposição é, *à la* Stalnaker, a informação tratada pelos membros da troca como conhecimento mútuo.

Devemos entender *Common Ground* como um conjunto de proposições que os participantes da conversa em dado momento *t* assumem como certas. Uma asserção como “O João faz faculdade de Letras” deve ser entendida como informativa e, desde que nenhum dos membros da troca se oponha, ela atualiza o *Common Ground*, excluindo dele todos os mundos possíveis em que João não frequenta a faculdade de Letras. A partir daí, a informação passa a ser compartilhada pelos participantes da conversa e pode ser resgatada a qualquer momento durante a troca. Uma vez aceita, ela passa a ser tomada como informação reconhecida como certa e compartilhada por todos os membros: por exemplo, em uma troca entre A e B, A sabe que “João faz faculdade de Letras” (P) e a pressuposição semântica desencadeada a partir dela “João faz faculdade” (p); B sabe que P e que p; A sabe que B sabe que P e que p e; B sabe que A sabe que P e que p. Em outras palavras, A e B sabem que a proposição e, conseqüentemente, também a sua pressuposição são compartilhadas por eles e que ambos sabem disso.

Tomemos um exemplo simples: a criança, no meio de uma brincadeira de Lego com a mãe, pede ajuda para colocar uma mochila nas costas. É senso comum que, estando dentro de casa, não andamos por aí com mochilas nas costas, e, quando o fazemos, é porque estamos nos preparando para sair. Assim, em um diálogo como o que se segue, a mãe evidentemente espera que a criança tenha a intenção de sair para algum lugar e a questiona sobre isso:

- (35) Criança: ai, ajuda!
Criança: ai, ajuda!
Mãe: ajudo.
Mãe: isso.
Mãe: coloca nas costas.
Mãe: vem cá.
Mãe: vem cá.
Mãe: **(vo)cê vai p(a)ra onde, Luana?**
Criança: ah, eu vou p(r)a escola.

(*corpus* Luana, 2;08.12)

No diálogo acima, criança e mãe compartilham a informação extralinguística, possibilitada pela atenção conjunta, de que a criança carrega uma mochila nas costas. A mãe, então, assume que a criança tem intenção de ir para algum lugar. Nesse caso, a informação compartilhada é, grosso modo, “criança colocou a mochila nas costas, pois está indo para algum

lugar” e, com isso, o *Common Ground* pode ser atualizado para “criança está indo para lugar x”. Nesse primeiro diálogo, a informação nova, portanto, não conhecida pela mãe é o local para onde a filha pretende ir, o que a leva a fazer a pergunta: “você vai pra onde, Luana?” ao que a criança responde “ah, eu vou p(r)a escola”. O *Common Ground* é novamente atualizado com a informação “criança quer ir para a escola”.

A partir desse exemplo, já podemos definir a que tipo de abordagem do conceito de pressuposição estamos nos referindo. A abordagem semântica afirma que uma pressuposição é aquilo que se dá como certo em uma relação entre uma sentença e uma proposição, ou seja, em “foi o Léo quem trouxe a sobremesa” temos a pressuposição de que “alguém trouxe a sobremesa” (CHIERCHIA, 2003:541). Já em uma perspectiva pragmática, “uma enunciação A pressupõe pragmaticamente uma proposição C se e somente se A for adequada apenas no caso de B ser mutuamente conhecida pelos participantes” (LEVINSON, 2007:260). Nessa segunda abordagem, a relação pela qual se preza é a que se estabelece entre os participantes da conversa e, por isso, uma informação pressuposta é aquela que todos os membros da conversa compartilham entre si e sabem que compartilham entre si. Logo, uma falha na pressuposição pragmática resulta na infelicidade da sentença naquele determinado contexto, não na sua falsidade (como seria o caso de uma pressuposição semântica).

Segundo Levinson (2007), o propósito dessa segunda abordagem da pressuposição é mostrar que há limitações pragmáticas a que os falantes devem estar atentos ao usar uma determinada sentença. Uma frase como “eu preciso telefonar hoje para o meu irmão” pressupõe semanticamente que o falante “tem um irmão”; mas, se proferida por A em uma conversa entre A e B, em que B não tem ideia de que A tem um irmão, ela pode causar estranhamento, tendo em vista que a informação “A tem um irmão” não fazia parte do *Common Ground* entre eles. O uso da frase acima é, portanto, infeliz em um contexto em que B não sabe previamente sobre a existência do irmão de A, embora semanticamente não apresente nenhum problema: a verdade da frase “eu preciso telefonar hoje para o meu irmão” resulta na verdade de “eu tenho um irmão”. Aqui estamos lidando com uma abordagem da pressuposição pragmática e, para tanto, devemos ter em mente ao longo do trabalho os conceitos de felicidade/infelicidade e *Common Ground*, uma vez que a relação que se almeja verificar é aquela entre os participantes da conversa e a validação de determinada sentença é dada pela sua adequação ao contexto.

Na continuação do diálogo acima, a mãe, tendo em seu conjunto de informações compartilhadas com a filha o conhecimento de que quando ela vai para uma escola, ela geralmente vai para a Escola da Vila, pergunta, assumindo que sua suspeita será confirmada:

(36) (...)

Mãe: (vo)cê vai pra escola da vila, é?
Criança: não.
Mãe: não vai pra escola da vila, não?
Mãe: (vo)cê vai pra que escola, Luana?

(*corpus* Luana, 2;08.12)

Vemos aqui que a criança descarta a pressuposição da mãe, negando que irá para a Escola da Vila, para onde normalmente vai. A mãe, então, precisa ACOMODAR a nova informação fornecida e atualizar seu *Common Ground*. Lewis (1979) delineou o conceito de Acomodação de Pressuposição, em seu texto seminal no qual compara a linguagem a um jogo de *baseball*:

(i) Regra de Acomodação para Pressuposição:

“Se em dado momento *t* algo é dito que requer que a pressuposição *P* seja aceitável, e se *P* não é pressuposto antes de *t*, então – todo o resto constante e dentro de certos limites – a pressuposição *P* vem à existência em *t*” (LEWIS, 1979:172)⁴⁴.

Conforme demonstra o autor, o “jogo da linguagem” difere de uma partida de *baseball*, pois o placar no jogo da linguagem pode ser ajustado conforme a conversa progride: “o placar da conversa tende a evoluir conforme requerido de forma a fazer com que qualquer coisa que aconteça conte como uma jogada correta”⁴⁵ (LEWIS, 1979: 178). Em outras palavras, diferente de uma partida de *baseball* em que uma jogada não prescrita nas regras não conta como um movimento aceitável, ao longo de uma conversa podem surgir novas informações não pressupostas pelos falantes, mas que, a partir da acomodação, passam a ser pressupostas, desde que não haja objeção de nenhum dos participantes.

Para os propósitos da argumentação, tomemos então o exemplo acima e o analisemos conforme as diretrizes postas por Lewis: o placar inicia-se com o primeiro movimento da criança ao pegar a mochila, o que leva à pressuposição *P* de que a criança vai ao lugar *x*. A mãe, a partir da pressuposição *P*, pergunta para onde a criança vai e sua resposta confirma *P*, “eu vou para a escola”, atualizando o placar com a nova informação. A mãe, pressupondo que a criança

⁴⁴ “If at time *t* something is said that requires presupposition *P* to be acceptable, and if *P* is not presupposed just before *t*, then – *ceteris paribus* and within certain limits – presupposition *P* comes into existence at *t*” (LEWIS, 1979:172, grifo do autor).

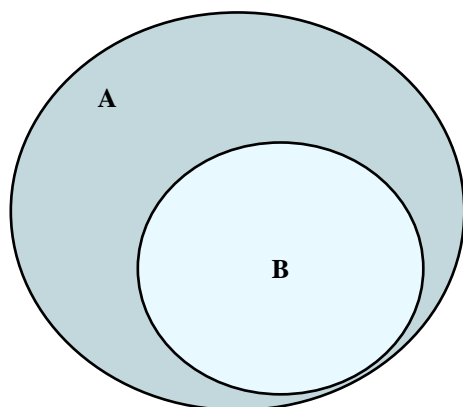
⁴⁵ “[...] conversational score does tend to evolve in such a way as is required in order to make whatever occurs count as correct play” (LEWIS, 1979: 178)

vai para a escola da Vila, para a qual ela geralmente vai, ou seja, pressupondo S, pergunta à filha “(vo)cê vai pra escola da vila, é?” ao que recebe uma resposta negativa inesperada, contestando sua pressuposição S. A mãe, com isso, precisa ACOMODAR a nova informação “criança vai para alguma escola, mas não para a Escola da Vila – ou seja, ela vai para a escola y” e segue daí seu questionamento sobre y.

Foi preciso, então, que a mãe se recuperasse da pressuposição S que não foi confirmada pela filha e acomodasse uma nova informação para que o “placar do jogo” evoluísse. É possível perceber, dessa forma, que a pressuposição, nesse caso, não é intrínseca à sentença, mas sim ao ato comunicativo e, por isso, é natural que o *Common Ground* seja frequentemente atualizado conforme o “placar” da conversa evolui. Esse conceito de acomodação capturado por Lewis (1979) pode ser estendido para explicar a aceitabilidade de certos usos em contextos inadequados.

O juízo dominante da maior parte dos estudos em pragmática nas duas línguas, conforme discutiremos também para o francês no próximo capítulo, é que o QU-*in situ* precisa ser licenciado por um contexto específico, ou um *Common Ground* entre os participantes da conversa, enquanto o *ex situ* é mais livre para ocorrer em quaisquer contextos, mesmo situações *out-of-the-blue*, em que a princípio não haveria compartilhamento de informação prévia com relação à pergunta realizada. O uso pragmático dos dois tipos de pergunta-QU pode ser, nesse cenário, representado pelo Diagrama de Venn abaixo: enquanto o QU-*ex situ* pode ocorrer em situações *out-of-the-blue* e com um *Common Ground* definido; o QU-*in situ* é supostamente aceitável apenas quando há ancoramento no contexto, seja discursivo, extralinguístico ou baseado em conhecimento prévio.

Figura 3: Representação do uso das interrogativas-QU



A representa os contextos *out-of-the-blue* e B representa os contextos com *Common Ground* saliente.

QU-*in situ* é possível em B

QU-*ex situ* é possível em A e $B \subset A$

Pires & Taylor (2007) defendem que no PB há diferenças pragmáticas entre as duas estratégias de pergunta-QU. Os autores propõem que o QU-*in situ* deve estar associado a um contexto de *Common Ground* e, por isso, ele não pode aparecer em situações *out-of-the-blue*, isto é, contextos sem qualquer antecedente, seja ele discursivo ou extralinguístico. Assim, em um diálogo como o abaixo, em que a pergunta é realizada de sopetão, o QU-*ex situ* é supostamente mais aceitável em relação ao *in situ*:

- (37) Duas pessoas se encontram em um restaurante em São Paulo pela primeira vez. Na tentativa de se conhecerem melhor e, quem sabe, iniciar algum relacionamento, ambas se envolvem em um diálogo.
- A: Você vem sempre nesse restaurante?
B: Ah, de vez em quando. Eu moro nas redondezas.
A: **O que você gosta de fazer no seu tempo livre?**
B: Eu gosto de ler.
A: **Você gosta de ler que tipo de livro?**
B: Ah, eu gosto muito de ler fantasia.

Em um encontro entre dois desconhecidos, não há teoricamente ainda nenhuma informação inserida no *Common Ground*, e, no decorrer da conversa, novos dados são adicionados a ele. Esse, portanto, é um contexto *out-of-the-blue* ideal para ser aqui analisado: A e B, no início da conversa, não compartilham quaisquer informações, a não ser aquelas que dizem respeito à aparência de cada um, sua localização naquele dado momento, informações extralinguísticas que podem emergir durante a troca conversacional ou fatos universais e culturais comuns aos sujeitos em foco (trataremos mais desses fatos quando discutirmos os trabalhos desenvolvidos por Oushiro (2009, 2010, 2011)).

Nesse diálogo, uma pergunta com QU-*in situ* proferida por A em lugar de “O que você gosta de fazer no seu tempo livre?” seria, para Pires & Taylor, e para a autora deste trabalho, menos aceitável. Ao produzir o QU-*in situ* “Você gosta de fazer o quê no seu tempo livre?”, o falante A pressupõe que B “tem tempo livre” e que “gosta de fazer alguma coisa nesse tempo”. E essas pressuposições poderiam ser facilmente negadas por B: “não tenho tempo livre, pois trabalho muito” ou “não gosto de fazer nada nesse tempo”. Também na opção com QU-*ex situ* essas pressuposições emergem, uma vez que as duas estratégias são semanticamente equivalentes. No QU-*in situ*, entretanto, essas pressuposições são tomadas como GARANTIDAS pelo falante, sendo negadas com maior dificuldade, seguindo a proposta de pressuposição do falante (STALNAKER, 2002). Assim, caso A fizesse a primeira pergunta do

diálogo acima utilizando a estratégia *in situ*, ele estaria tomando como CERTO que B “tem tempo livre” e que “gosta de fazer alguma coisa nesse tempo” e tanto A como B compartilhariam essa mesma informação.

Na continuação do diálogo, porém, as coisas mudam de figura: B responde que “gosta de ler” em seu tempo livre e, com isso, essa nova informação é adicionada ao *Common Ground*. Isso permite com que A faça a segunda pergunta a B utilizando o QU-*in situ* “você gosta de ler que tipo de livro?”, uma vez que ambos já compartilham a informação de que “A gosta de ler”.

Precisamos ter em mente, claro, que o uso da modalidade com QU-*in situ* em contextos *out-of-the-blue* nunca será impossível, mas apenas menos aceitável que a opção *ex situ*, por exigir uma informação compartilhada previamente. Contudo, como vimos com o conceito de Acomodação, a pressuposição necessária para que a pergunta seja feliz em determinado contexto pode ser incorporada ao *Common Ground*, sendo, então, compartilhada pelos falantes.

Essa aparente diferença entre as duas estratégias de pergunta foi notada por Sikansi (1999b), que, observando os dados espontâneos de três crianças, estendeu a proposta, antes considerada para outras línguas como o francês (CHANG, 1997), também para o PB. No exemplo abaixo, a criança RAQ formula sua pergunta com QU-*in situ* – “Lavá **quem**?” – e o faz desse modo pois compartilha um conhecimento com seu interlocutor sobre as possíveis respostas para a sua pergunta – o que a faz, inclusive, oferecer uma possibilidade como valor para o elemento-QU “Lavá **o meu**?”. De acordo com a autora, apenas quando os valores possíveis estão incluídos no conjunto de conhecimentos compartilhados entre os falantes envolvidos na interação é que o QU-*in situ* passa a ser uma opção válida na língua.

(38) DAN: Depois eu vô lavá outro.

RAQ: Lavá quem? Lavá o meu? (3;0.7)

(SIKANSI, 1999b:46)

Note, todavia, que a pergunta “Lavá quem?” é impossível em sua contraparte movida “*Quem lavá?” (em uma interpretação em que ‘quem’ é objeto de ‘lavar’). Ou seja, a única possibilidade nesse caso, sem incorrer em reformulações da sentença, é o QU-*in situ*. Este é um daqueles casos que analisamos na primeira seção deste capítulo como Perguntas de esclarecimento, construídas a partir de um antecedente imediatamente anterior, com o propósito de preencher a lacuna deixada pelo argumento nulo e que, por isso, possuem um ‘sabor de eco’. A partir disso, então, é mais provável que o que tenha motivado a criança RAQ a produzir a pergunta com QU-*in situ* nesse contexto seja não o compartilhamento das possíveis respostas, mas sim a falta de um argumento na sentença anterior que motiva um preenchimento da lacuna

– assim como aconteceria com argumentos com ruído na pronúncia que resultam nas perguntas-eco.

Em uma abordagem semelhante, Pires & Taylor (2007) analisam o QU-*in situ* no PB e no inglês – língua em que é comumente assumido que o movimento do elemento-QU é obrigatório, exceto em perguntas-eco. No entanto, os autores observam que isso não é verdade, já que no inglês o QU-*in situ* é de fato aceitável, mas apenas em contextos pragmáticos específicos. Os mesmos contextos também permitem o QU-*in situ* em PB. São eles:

- (A) **[+specific] Qs:** contextos que “pedem informações mais específicas sobre algo dito imediatamente antes”⁴⁶ (p. 3):
A: Eu fiz sobremesas.
B: Você fez que tipo de sobremesas?
- (B) **Expect Qs:** “ocorre quando outros questionamentos por novas informações são esperados, como em interrogatórios legais”⁴⁷ (p. 3):
A: Eu estava dirigindo na Avenida dos Andradas.
B: E você estava dirigindo em que direção?
- (C) **Reference Qs:** “pedem por uma paráfrase ou repetição de um antecedente imediato”⁴⁸ (p. 4):
A: Eu não vendi aquelas pinturas estranhas
B: Você não vendeu que pinturas estranhas?
- (D) **Contexto extralinguístico:** a construção pode ser realizada quando a situação extralinguística o torna possível – esse caso, no entanto, só pode ser verificado em PB, não no inglês:
B vê amigo lendo alguma coisa (*Common Ground* extralinguístico)
B: Você está lendo o quê?

Para os autores, as duas estratégias não são livremente intercambiáveis, pois o QU-*in situ* é feliz apenas em contextos que estabelecem um *Common Ground* entre os participantes da conversa. E, segundo eles, o que deve fazer parte do *Common Ground* é um conjunto de possíveis respostas (PIRES; TAYLOR, 2007:5). Por conta disso, uma pergunta com QU-*in situ*

⁴⁶ “[+specific]Qs request more specific information about something mentioned immediately prior” (PIRES; TAYLOR, 2007:3, negrito do autor).

⁴⁷ “Expect-Qs occur when further questioning for new information is expected, as in legal questioning” (PIRES; TAYLOR, 2007:3, negrito do autor).

⁴⁸ “Ref-Qs (Reference-questions) [...] ask for a paraphrase or repetition of an immediately prior antecedent” (PIRES; TAYLOR, 2007:4, negrito do autor).

como A' abaixo seria infeliz em um contexto totalmente *out-of-the-blue*, embora o QU-*ex situ* em A seja bem aceito.

(39) A chega em B de sopetão e pergunta:

A: Com licença, onde fica a banca de jornal mais próxima?

A': # Com licença, a banca de jornal mais próxima fica onde?

De fato, parece realmente que o inglês permite perguntas com QU-*in situ*, mesmo fora de contextos-eco⁴⁹, embora seja uma língua de movimento-QU obrigatório. No exemplo abaixo, recolhido de uma série televisiva de língua inglesa, as interrogativas adequam-se à análise de Pires & Taylor (2007) e podem ser encaixadas na classificação sugerida por eles, Expect-Qs:

(40) Cena de interrogatório na série *Gangs of London* (2020):

Policia: You were present at Hotel Reno last night. Correct?

“Você esteve presente no Hotel Reno ontem a noite. Correto?”

Suspeito: Correct.

“Correto”

Policia: **And you came in contact with Sean Wallace at what time?**

E você veio em contato com Sean Wallace em que tempo

“E você entrou em contato com Sean Wallace em que momento?”

Suspeito: Around...04:00, 04:30. Between those two times.

“Entre...04h, 04h30. Entre esses dois horários”

Policia: **And you left the location at what time?**

e você deixou o local em que tempo

“E você deixou o local em que momento?”

Suspeito: I don't know.

“Eu não sei”

Em ambas as perguntas-QU do policial no exemplo (40), ele pede mais informações em uma situação de interrogatório em que novos questionamentos são esperados⁵⁰. A interrogativa,

⁴⁹ Biezma (2020) analisa essas perguntas com QU-*in situ* em inglês como Perguntas declarativas que, diferente das comuns, atualizam o *Common Ground* assim como as asserções. Sua proposição, no entanto, atualiza o contexto estabelecendo que ele é compatível com diferentes possibilidades, a depender da resposta oferecida.

⁵⁰ Conforme aponta DeRoma (2011), este contexto em que o QU-*in situ* é permitido em inglês foi também previsto nas Gramáticas da Língua Inglesa de Quirk et al. (1985) e de Huddleston & Pullum (2002). Em ambos os trabalhos, os autores concordam que, embora a construção seja possível apenas nesses contextos mais restritivos como

de acordo com os autores, deve supostamente procurar sua resposta em um conjunto pré-estabelecido no contexto – no caso da primeira pergunta, a resposta correta estaria em um conjunto que contém os horários da noite anterior, por exemplo: C{21h; 22h; 23h; 00h; 01h; 02h; 03h; 04h; 05h}. A segunda, por sua vez, procurará seu valor em um conjunto contendo os horários após 04h ~ 04h30 até o momento do interrogatório, conforme a resposta anterior fornecida pelo sujeito.

Para os autores, o que deve fazer parte do *Common Ground* é um conjunto pré-estabelecido de possíveis valores para o elemento-QU, no qual a pergunta deve buscar sua resposta. Dito isso, seria necessário que os participantes da conversa compartilhassem a totalidade de valores potenciais para o constituinte interrogativo. Essa, todavia, é uma abordagem deveras restritiva e não dá conta de explicar o QU-*in situ* no PB, no francês (conforme veremos no próximo capítulo) e mesmo no próprio inglês. Por ora, analisemos apenas um contraexemplo a essa análise:

(41) Diálogo entre dois personagens na série televisiva “Sweet Tooth” (2021):

A: Come back with me!

vem volta com eu-OBJ

“Volta comigo!”

B: And go where?

e ir onde

“E ir para onde?”⁵¹

No diálogo acima, o personagem A convida B para ir embora com ele, mas sem necessariamente ter algum outro lugar em mente. A intenção é apenas sair de onde estão naquele ponto da história. E nele é possível ver que nenhum dos dois tem em mente um conjunto específico de lugares que poderiam servir como resposta ao questionamento de B. A pergunta com QU-*in situ* poderia se encaixar na classificação de Pires & Taylor (2007) como [+specific] Qs, pois ela pede informações mais específicas sobre o que foi dito antes. No entanto, não há no discurso anterior, nem como informação implícita, um conjunto de valores possíveis para a pergunta.

quizzes e interrogatórios em que novos questionamentos são esperados, as perguntas diferem da interrogativa-eco, pois novas informações são solicitadas.

⁵¹ Este caso pode também ser analisado como uma pergunta retórica, com o significado: “ir para onde? Não há para onde ir”.

Perceba, em verdade, que (41) é um daqueles casos em que apenas o QU-*in situ* é possível – não sendo elegível a possibilidade com movimento “*and where go?” – uma vez que a pergunta é construída a partir de uma sentença imediatamente anterior, solicitando com ela o preenchimento da lacuna faltante. Interessante notar que o fragmento da sentença a partir do qual a pergunta é derivada não precisa necessariamente estar explícito no discurso, i.e., o verbo utilizado na interrogativa não precisa ser diretamente transposto do antecedente. No diálogo em (41), a porção não-QU pode ser calculada a partir da sentença anterior: mais especificamente, ‘voltar’ significa ‘ir de um local a outro do qual se partiu’.

No PB, o mesmo fenômeno pode ser observado. No diálogo em (42), por exemplo, a porção não-QU não faz parte do antecedente, mas é calculada a partir dele: nesse caso, a criança quer ir ao posto, o que nos faz inferir que ela tem algum objetivo naquele lugar, justificando a pergunta materna “fazer o quê?”.

(42) Mãe: vamos no posto?

Criança: é.

Mãe: **faze(r) o quê?**

Criança: vo(u) compra(r)...

(*corpus* Leonardo, 3;08.16)

Além disso, o próprio exemplo apresentado pelos autores para explicar a aceitabilidade do QU-*in situ* no PB em contextos extralinguísticos parece enfraquecer a ideia de que é necessário um conjunto de possíveis respostas presente no *Common Ground* para que a estratégia seja possível. A partir apenas da situação em que B vê o amigo A lendo algum livro, não é possível prever um conjunto finito de livros que A possa estar lendo e possam servir como resposta à pergunta de B.

Um outro contraexemplo foi apresentado por DeRoma (2011) que, analisando o PB, também salienta o papel fundamental do *Common Ground* para a produção do QU-*in situ*. A autora propõe que exemplos como (43) enfraquecem a análise de Pires & Taylor (2007), pois não se pode recuperar a partir do contexto um conjunto de valores possíveis que sirvam como resposta à pergunta da mãe em (43a) ou de A em (43b).

(43) a. Filha: Ah, mãe, não vou lá não!

Mãe: **Mas não vai por quê?**

Filha: Que mico!

b. [A começa a falar com B e vê B fazendo as malas]

A: Tônia, tô indo almoçar. Que que é isso? **Vai para onde?**

B: Búzios.

(DEROMA, 2011:113)

Em ambos os exemplos, não há qualquer evidência das possíveis respostas à pergunta no *Common Ground*. A mãe em (43a) genuinamente não sabe por que a filha não quer ir ao lugar; e A não tem ideia de para onde a amiga está indo. Partindo de casos como esses, DeRoma (2011:15) propõe que “o que precisa fazer parte do *Common Ground* não são as possíveis respostas, mas a pressuposição da porção não-QU da própria pergunta”⁵². Para ela, a interrogativa em (43a) só é possível, pois a porção não-QU da pergunta da mãe “mas **não vai** ___” já foi inserida no discurso anterior pela própria filha, quando esta diz “**não vou** lá não”. Por sua vez, em (43b), a porção não QU “**vai para** ___” já está pressuposta no contexto, uma vez que A vê B fazendo as malas e, usualmente, uma pessoa faz as malas quando planeja **ir para** algum lugar.

Já em uma pergunta como (44), a autora argumenta que o uso do QU-*in situ* é menos aceitável que o *ex situ*, uma vez que, em um contexto *out-of-the-blue*, a porção não-QU da pergunta “**você vai votar** ___” não é pressuposta. Isso leva o interlocutor B a negar a pressuposição de que “haverá uma eleição”, causando o estranhamento que se observa.

(44) A: Você vai votar em quem?

B: # Tem eleição?

(DEROMA, 2011:120)

É necessário notar, não obstante, que essa construção seria possível caso A e B estivessem em época de eleição, no Brasil, e B tivesse mais de 18 anos e, portanto, fosse obrigado a votar. O uso do QU-*in situ* seria, nesse caso, mais aceitável pois o contexto cultural o permitiria. Esse é um dos pontos que Oushiro (2010) defende. Para a autora, a construção é mais aceitável em contextos cujo *Common Ground* contém pressuposições de três tipos diferentes:

(A) **Pressuposição discursiva**: “a pressuposição da interrogativa é estabelecida como fundo comum entre os interlocutores depois que o falante A a coloca no discurso”

(p. 635):

A: (...) aí ele fazia remo né.

B: Nossa por que ele começou a fazer remo?

⁵² “[...] what needs to be in the *Common Ground* is not the possible answers, but the presupposition of the non-Wh part of the question itself” (DEROMA, 2011:15).

(B) **Pressuposição universal:** compartilhada, em teoria, por todos e, por isso, não precisam ser redundantemente mencionadas no discurso “o falante pode, portanto, assumir que essas pressuposições são ‘naturalmente’ compartilhadas” (p. 635). No exemplo abaixo, A pressupõe que todas as pessoas tiveram de nascer em algum momento e isso torna o QU-*in situ* aceitável.

A: e você nasceu quando?

(C) **Pressuposição cultural:** compartilhada, em teoria, por todos aqueles que convivem em uma mesma cultura “ainda que possa ser negada, existe uma expectativa cultural de que seja verdadeira” (p. 635). No exemplo abaixo, A espera que, estando a pessoa sobre a qual se fala em uma determinada faixa etária economicamente ativa, ela deve estar trabalhando.

A: e ela trabalha com o quê?

Oushiro consegue, então, capturar três tipos de pressuposição que devem fazer parte do *Common Ground* para que o QU-*in situ* seja aceitável no PB. Até então, os autores lidavam apenas com o primeiro, a pressuposição discursiva, e mesmo ela era sujeita a diferentes propostas do que deveria estar presente no discurso para tornar a construção interrogativa possível. A partir da proposta de Oushiro, podemos conceber perguntas com QU-*in situ* em contextos *out-of-the-blue* desde que estejam vinculadas a pressuposições culturais, largamente conhecidas pelos membros de uma mesma comunidade, ou universais, teoricamente compartilhadas por todos, como acontece nos exemplos abaixo. Em (45), a tia questiona sobre onde o polvo vive, partindo do pressuposto de que todos os seres vivos vivem necessariamente em algum lugar, portanto, fazendo uso de uma pressuposição universal.

(45) Tia: o polvo.

Tia: **o polvo vive na onde?**

Tia: na terra o(u) na água?

Criança: na água.

Tia: então vamo(s) procura(r) na água.

(*Corpus* Túlio, 4;05.03)

Já em (46), a criança pede para cantar parabéns e, dentro de uma cultura em que há o costume de fazer isso sempre que alguém faz aniversário, o pressuposto assumido pela mãe é que, se a criança quer cantar parabéns, ela deve querer cantar para alguém. Segue daí sua pergunta.

(46) Criança: toca(r) pa(r)abéns!

Mãe: **vai canta(r) parabéns p(a)ra quem?**

(*Corpus Luana*, 2;05.07)

Nessa perspectiva, dificilmente encontraríamos um contexto completamente *out-of-the-blue*, posto que os falantes, estando inseridos em comunidades, compartilham informações culturais e universais, como bem aponta Oushiro (2010:634):

“é difícil imaginar contextos em que, de fato, não há qualquer grau de fundo comum: como vivemos em sociedade, há muitas crenças mútuas que os falantes podem projetar sobre seus interlocutores pelo simples fato de pertencerem a uma determinada comunidade, serem de determinado sexo/gênero, idade, classe social”

Em um corpus de 53 gravações do português falado em São Paulo, a autora encontrou 378 perguntas-QU com emprego de QU-*in situ* em 31,5% das ocorrências. A construção foi favorecida em contextos cuja pressuposição é universal (Peso Relativo (PR) .71); menos favorecida em contextos de pressuposição cultural (PR .55); e desfavorecida em contextos com pressuposição discursiva (PR .38). Isso indica, segundo ela, que “quanto mais ‘compartilhada’ é a pressuposição da interrogativa, maior é a tendência de emprego de interrogativas Q-*in situ*” (OUSHIRO, 2010:637). Ou seja, a pressuposição que mais favorece o uso da construção, a universal, é a mais compartilhada pelos falantes da conversa e é independente da interação em que eles se encontram naquele dado momento.

Nesse cenário, uma pergunta como (47a) seria possível em um contexto *out-of-the-blue*, uma vez que ela carregaria a pressuposição cultural de que uma boa parte dos brasileiros, e na maioria das culturas também, almoçam todos os dias. Por outro lado, uma pergunta como (47b) seria aceitável apenas diante de um contexto discursivo que a torne possível, tendo em vista que não há nenhuma pressuposição cultural ou universal que a justifique. Novamente, em ambos os casos o QU-*ex situ* também seria possível e as mesmas pressuposições emergiriam da pergunta – a diferença crucial é, no entanto, que o falante, ao proferir uma pergunta com QU-*in situ*, segundo o conceito de pressuposição do falante, estaria tomando como **garantida** aquela pressuposição. Em (47b), por exemplo, seria dado como **certo** que o interlocutor “vai para algum lugar” e essa pressuposição seria mais dificilmente negada pois já estaria contida no *background* conversacional. Já a opção *ex situ* não necessariamente tomaria como **garantida** a pressuposição desencadeada. No exemplo em (47b) seria necessário, então, um antecedente saliente no discurso ou na situação conversacional para que o QU-*in situ* fosse aceitável.

- (47) a. Você almoçou o quê hoje?
b. Você vai para onde hoje?

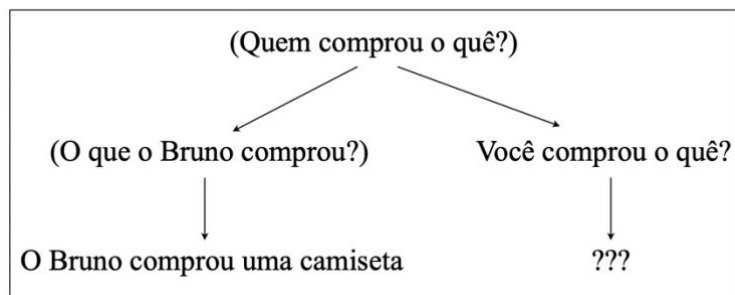
Nos dados de Oushiro, a pressuposição discursiva foi a que menos favoreceu o emprego de QU-*in situ*. Isso poderia explicar por que as crianças em PB utilizam muito pouco a construção nos primeiros estágios da aquisição: elas ainda estão construindo seu arsenal de informações culturais e universais e conforme vão ficando mais velhas se tornam mais aptas a usá-las em suas perguntas.

Recapitulando, em (48a), temos um exemplo mais restritivo que se encaixa na proposta de Pires & Taylor (2007). Nele, A apresenta um conjunto de valores possíveis no qual a pergunta busca sua resposta verdadeira (meia, saia, camiseta, tênis e shorts). Já vimos, todavia, que esta é uma situação muito restritiva e não dá conta de abarcar todas as possibilidades do PB. Em (48b), não é possível recuperar os valores possíveis para o elemento-QU, mas A introduz explicitamente a porção não-QU da pergunta “você comprou ___” em sua fala, o que torna possível a pergunta com QU-*in situ* de B, segundo DeRoma (2011). A proposta da autora também daria conta das sentenças em (48a) e (48c) se assumirmos que a porção não-QU pode estar implícita no discurso. Veja que, embora na fala de A em (48a) e (48c) não encontremos explicitamente a porção não-QU da pergunta “você comprou ___”, seria possível pressupor que tendo as duas pessoas ido ao shopping, ambas compraram algo. Assim, em (48a) e (48c) teríamos a porção não-QU implícita, enquanto em (48b) a teríamos de forma explícita.

- (48) a. A: Ontem eu e minha mãe fomos ao shopping e ela comprou meia, saia, camiseta, tênis e shorts.
B: (E) você comprou o quê?
b. A: Ontem eu fui ao shopping comprar algumas coisas que eu precisava.
B: (E) você comprou o quê?
c. A: Eu e o Bruno fomos ontem ao shopping. Ele comprou uma camiseta.
B: (E) você comprou o quê?

Uma outra maneira de interpretar esses dados foi oferecida por Biezma (2018) para o espanhol. Segundo a autora, o QU-*in situ* em (48c) é possível na língua pois pede novas informações para obter uma resposta completa ao questionamento em discussão – QUD ou *Question under discussion* (ROBERTS, 2012) –, a saber “Quem comprou o quê?”. A autora argumenta que o QU-*in situ* é uma pergunta de *follow-up*, que propõe uma continuidade no

questionamento, como previsto por Pires & Taylor (2007) com a categoria Expect-Qs. Adotando essa proposta, teremos para (48c) então o seguinte esquema:



Quadro 1: *Question under discussion* (QUD), suas sub-perguntas e respostas correspondentes.

Para obter uma resposta exaustiva à QUD “quem comprou o quê?”, precisamos saber ‘o que o Bruno comprou’ e ‘o que interlocutor comprou’. A fala de A já apresenta a primeira resposta: Bruno comprou uma camiseta; para obter a segunda resposta, então, B realiza a pergunta de *follow-up*. O QU-*ex situ* também seria possível nesse caso, mas a opção *in situ*, segundo a autora, sinaliza que o questionamento ainda está em andamento e que ainda há uma QUD dominando-o que não foi completamente respondida. Em (49), por exemplo, a QUD dominando o diálogo é “quem senta onde?”: a criança oferece a resposta para a primeira parte da QUD, a saber, ‘onde a tia deve se sentar’, restando ainda a segunda parte, ‘onde a criança deve se sentar’. Para respondê-la, a tia faz então sua pergunta e, com a resposta que se segue, a QUD é totalmente resolvida.

- (49) Criança: você senta aqui?
 Tia: eu sento aí?
 Tia: **e você senta aonde?**
 Criança: aqui.

(*Corpus* Túlio, 2;07.24)

Para Biezma, o QU-*in situ* é, assim, um gatilho pressuposicional, ou seja, ele “sinaliza/desencadeia uma pressuposição estrutural-discursiva”⁵³ (BIEZMA, 2018:14) que pressupõe a existência de um evento no discurso ao qual a pergunta se refere. Diferente do QU-*ex situ*, o *in situ* sinaliza sua dependência de um discurso prévio em andamento. E essa dependência fica clara dos exemplos em (48) acima ao notarmos que o QU-*in situ* parece sempre permitir a presença da conjunção *e*, conforme destacam Vlachos & Chiou (2020)

⁵³ “*WIQs signal/trigger a discourse-structure presupposition [...]*” (BIEZMA, 2018:14)

analisando o grego. De fato, a conjunção *e* sugere o ancoramento a um discurso anterior, o que parece crucial ao QU-*in situ*. Para os autores, a conjunção aditiva (*ke*, no grego) estaria sempre presente nesse tipo de pergunta no grego, mesmo que foneticamente não realizada. No PB, poderíamos também hipotetizar a presença, mesmo que implícita, da conjunção aditiva, considerando principalmente os casos em que o QU-*in situ* funciona como um movimento de *follow-up*, ou seja, um movimento para dar continuidade a um discurso prévio.

Essa análise, inclusive, daria conta dos exemplos em inglês trazidos neste trabalho, como o diálogo em (40), cujo fragmento está repetido abaixo em (50).

(50) Policial: Você esteve presente no Hotel Reno ontem a noite. Correto?

Suspeito: Correto.

Policial: **E você entrou em contato com Sean Wallace em que momento?**

Suspeito: Entre...04h, 04h30. Entre esses dois horários.

Nesse exemplo, o detetive formula a pergunta com QU-*in situ* como um movimento de *follow-up*, dando continuidade ao interrogatório em que novos questionamentos são esperados – ele sabe que o suspeito fez contato com Sean Wallace no dia anterior e podemos ter aqui duas situações: (i) uma em que o suspeito sabe que o policial sabe que ele teve contato com Sean Wallace, portanto, essa informação já está presente no *Common Ground* ou; (ii) uma em que o suspeito não sabe que o policial sabe sobre o contato com Sean Wallace, sendo assim, essa informação não faz parte do *Common Ground* e, por meio da Acomodação, está sendo inserida pela primeira vez no *background* conversacional. O mais interessante, nessa última possibilidade, é o fato de o policial ter escolhido justamente o QU-*in situ* para fazer sua pergunta, embora pudesse usar o *ex situ*, forma canônica de sua língua. O fato de ele ter usado essa forma interrogativa diz muito sobre o que ele espera atingir com isso: o QU-*in situ* traz com ele a inferência adicional de que o policial compartilha de mais informações do que o suspeito imagina, ou seja, ele sabe que o suspeito fez contato com Sean Wallace e ele quer tornar essa informação incontestável. Assim, ao usar o QU-*in situ*, ele toma a pressuposição ‘você entrou em contato com Sean Wallace’ como **garantida**, diminuindo as chances de o suspeito negá-la. Em outras palavras, o policial projeta sobre seu interlocutor a obrigatoriedade de responder à pergunta, inserindo no *Common ground* a porção não-QU, sem dar chances de o suspeito contradizê-la.

Nos dois diálogos do inglês citados no trabalho, o QU-*in situ* atuou como uma pergunta de *follow-up*, em que novos questionamentos eram esperados para dar continuidade à conversa ou interrogatório. No PB, esse tipo de ocorrência também é verificado. No exemplo abaixo, o

avô incentiva a criança a continuar a história do macaco – história essa já conhecida pelos participantes da conversa.

(51) Mãe: eu começo a história, vovô.

Mãe: era uma vez um macaco.

Mãe: e esse macaco morava em uma floresta.

Mãe: agora o Tutu vai continuar a história.

Criança: esse... o macaco comeu o coco.

Avô: **e ele subiu aonde?**

Criança: e ele subiu num galho muito grande que chama á(r)vore.

(*corpus* Túlio, 3;04.19)

A análise de DeRoma (2011), por sua vez, não daria conta de explicar o uso de *QU-in situ* no diálogo acima, pois a porção não-QU destacada não está explícita ou sequer pressuposta no discurso.

Em suma, nenhuma das análises discutidas aqui parece dar conta sozinha das possibilidades de uso do *QU-in situ* no PB. Sikansi (1999b) e Pires & Taylor (2007), a começar, propõem a existência de um conjunto de valores possíveis presente no *Common Ground* no qual a pergunta deve buscar sua resposta verdadeira. Entretanto, como vimos, nem todos os exemplos se adequam a essa proposta e ela parece efetivamente restritiva para dar conta do fenômeno na língua. Já a análise de DeRoma (2011), para quem a porção não-QU deve estar explícita ou pressuposta no discurso para que o *QU-in situ* seja possível, à primeira vista, parece bastante apropriada, visto que dá conta de um leque grande de ocorrências da interrogativa no PB, a saber, as ocorrências com antecedente discursivo. Ela falha, todavia, ao se deparar com casos de pressuposição universal e cultural, para as quais Oushiro (2010) nos chama sabiamente a atenção, recuperando, juntamente com essas pressuposições antes ignoradas, também aquela desencadeada pelo discurso; ou perguntas de *follow-up*, nos moldes da proposta de Biezma (2018).

Por enquanto, temos, então, a possibilidade de ocorrência do *QU-in situ* em contextos extralinguísticos e junto a pressuposições discursivas, universais e culturais. Há, entretanto, uma outra forma de ancorar informações ao *Common Ground* para, posteriormente, poderem ser recuperadas: compartilhando experiências em interações prévias, que, embora não seja um modo de ancoragem inédito, foi preterido na literatura de *QU-in situ*. Em (52), por exemplo, a criança e o avô relembram a ocasião em que viram uma garça mergulhando na água para comer

um peixe. A pergunta com QU-*in situ* somente é possível pois avô e criança compartilham a informação de que ‘a garça estava fazendo alguma coisa’ na situação vivenciada por eles.

(52) Avô: como que chamava aquela aquela ave?

Criança: humm?

Avô: como chamava?

Criança: humm?

Avô: garça!

Avô: **a garça (es)tava lá fazendo o que?**

Criança: xxx [= incompreensível] peixinho.

Avô: e ela tchigum [= imita som de água] dentro...

Avô: pegava o pe(i)xe com a boca e...

Criança: comeu.

(*Corpus* Túlio, 3;01.16)

Finalizamos, portanto, com três categorias que, pensamos, podem abarcar todos (ou a maioria) dos casos do PB (e do francês, como veremos): contexto extralinguístico, antecedente discursivo explícito ou implícito e conhecimento prévio, seja ele proveniente de interações vivenciadas pelos sujeitos envolvidos em situações anteriores à conversa, ou de pressupostos universais e culturais.

Incluímos na categoria ‘antecedente discursivo explícito ou implícito’ também a proposta de Biezma (2018), para quem o QU-*in situ* tem o papel de completar um questionamento ainda em aberto. Gostaríamos de recuperar, com a descrição de sua proposta nesta seção, a noção de gatilho pressuposicional, juntamente com a hipótese de Vlachos & Chiou (2020), para quem o QU-*in situ* sempre pressupõe a existência – mesmo que invisível – de uma conjunção aditiva. Ambos apontam uma característica fundamental desse tipo de pergunta: sua ancoragem a um antecedente, seja ele compartilhado a partir de uma situação extralinguística, discursiva ou bem anterior à discussão em pauta. O QU-*in situ* no PB, embora menos restritivo do que as análises anteriores propuseram, parece necessariamente funcionar como um gatilho pressuposicional. A partir de seu uso, não por acaso, o falante deixa claro que construiu sua pergunta a partir de um pressuposto e, mais importante, espera que seu interlocutor também reconheça essa intenção, conforme vimos nos casos do inglês de interrogatórios, que poderiam ser, sem nenhum prejuízo, transpostos para o PB. Justamente por isso, o uso dessa estratégia parece sempre acompanhar uma partícula aditiva – explícita ou nula – responsável por ancorar a pergunta ao evento ao qual se refere.

Lembremos, contudo, que o QU-*ex situ* é possível nesses mesmos contextos, por ser uma estratégia de pergunta mais neutra da língua. Mas, diferente do QU-*in situ*, ele é possível também em situações *out-of-the-blue*, conforme mostra o exemplo abaixo:

(53) Contexto: mãe e filha brincam na sala, quando o irmão vem de outro cômodo, de repente, interrompendo as duas e colocando a mãe em apuros.

Mãe: esse daqui é um pouquinho mais difícil.

Mãe: esse daí o ano que vem (vo)cê vai consegui(r) faze(r) melhor, né filha?

Mãe: vai (es)ta(r) mais alfabetizada.

Criança: não.

Mãe: né Luana?

Irmão: ow mãe.

Mãe: que é, filho?

Irmão: **o que é logaritmo?**

Mãe: logaritmo?

Mãe: deixa eu ve(r).

Mãe: acho que vou te(r) que aprende(r) isso pra minha pesquisa.

Mãe: não sei.

Mãe: pergunta lá pro seu pai!

Irmão: o pai também não sabe.

Mãe: olha no dicionário.

(*Corpus Luana*, 4;02.14)

No diálogo em (53) temos uma situação tipicamente *out-of-the-blue*, em que um falante aparece repentinamente e, sem antes introduzir um tópico de conversa, faz uma pergunta sem relação com a discussão em jogo, não necessariamente vivenciada por eles, uma vez que a mãe demonstra surpresa, e que não faz parte de pressupostos culturais ou universais. Nesse caso, uma pergunta com QU-*in situ* – “logaritmo é o quê?” –, embora perfeitamente gramatical, parece menos aceitável, por não estar ancorada a nenhum evento anterior.

Para encerrar esta seção, retomemos a análise de DeRoma (2011), atualizada por Lacerda (2020), para vermos como ela se encaixaria considerando agora também os aspectos pragmáticos da construção. Nela, temos uma associação do elemento-QU à projeção de Foco (LACERDA, 2020) que, no QU-*in situ*, poderia ser realizada via *unselective binding* (DEROMA, 2011). As duas principais estratégias de pergunta estariam, nesse caso, associadas

a essa mesma projeção que – como vimos na seção anterior – parece conferir proeminência ao constituinte interrogativo.

Nesse cenário, teríamos um sintagma-QU como uma instância de foco e uma porção não-QU que poderia ser informação nova – casos de foco largo – ou dada – casos de foco estreito. A diferença principal entre as duas perguntas, isso posto, é que o QU-*in situ* poderia ocorrer apenas junto à informação dada, enquanto a opção *ex situ* poderia também ser utilizada em contextos de informação totalmente nova, como (54a), produzida em contexto *out-of-the-blue* (HAMLAOUI, 2011). Embora seja possível produzir sentenças como (54b), parece ser necessário um antecedente saliente, seja no discurso ou na situação extralinguística, que deixe claro que algo de fato aconteceu.

- (54) a. O que aconteceu?
b. Aconteceu o quê⁵⁴?

2.4. Considerações sobre o capítulo

Neste capítulo, discutimos que uma total opcionalidade entre as estratégias-QU não pode ser sustentada, dado que elas possuem restrições sintáticas, com consequências fonológicas e pragmáticas que as tornam não completamente intercambiáveis na língua.

Quanto às restrições sintáticas, vimos que em alguns casos o movimento-QU é opcional, em outros, obrigatório. Além disso, identificamos sentenças em que o QU-*in situ* é a única possibilidade, por exemplo: (i) perguntas de esclarecimento, em que a interrogativa é construída a partir de um fragmento da sentença anterior; e (ii) perguntas de sondagem, que procuram acessar o conhecimento do interlocutor. E vimos também que, de modo geral, o PB parece, a princípio, menos restritivo que algumas outras línguas de movimento-QU supostamente opcional quanto à permanência do constituinte interrogativo *in situ*.

Com relação aos fatores fonológicos, identificamos uma tendência entoacional para o QU-*in situ*, que envolve uma curva ascendente antes da palavra-QU e descendente após seu início. Discutimos também o padrão de outros tipos de sentença relevantes, como a declarativa,

⁵⁴ O QU-*in situ* se torna consideravelmente mais aceitável quando ancorado ao discurso ou a uma situação extralinguística e, principalmente, se acompanhada de um conjuntivo “e”.

- (i) A: Maria estava dançando com o Pedro.
B: E a Helen estava dançando com quem?
- (ii) A: Nós saímos de casa.
B: E vocês foram pra onde?

Exemplos adaptados de Vlachos & Chiou (2020:113-114)

a pergunta sim/não e o QU-*ex situ*, que também envolve uma proeminência na palavra-QU. Essa elevação do *pitch* nas perguntas de constituinte, comum ao QU-*ex situ* e ao QU-*in situ*, parece estar associada à posição ocupada pelos sintagmas interrogativos na derivação aqui seguida, o Foco.

Quanto aos fatores pragmáticos, vimos que autores como Pires & Taylor (2007), DeRoma (2011) e Oushiro (2010) defendem a associação do QU-*in situ* no PB a um contexto de *Common Ground*, sendo ele infeliz em situações *out-of-the-blue*. Eles, no entanto, discordam quanto a que informação deve fazer parte do *background* conversacional para que o QU-*in situ* seja possível. Por isso, analisando as hipóteses colocadas, propomos que o QU-*in situ* deve estar ancorado a um pressuposto compartilhado pelos participantes da conversa, que deve estar saliente seja no discurso, na situação extralinguística ou em situações vivenciadas anteriormente.

A fim de unir todos esses fatos da língua, assumimos, juntamente com DeRoma (2011) e Lacerda (2020), que os sintagmas-QU são constituídos pelo sintagma-QU e um operador Q, não adjacentes em PF e, quando *in situ*, o elemento-QU não sofre movimento coberto, mas é ligado à posição de foco por um operador, via *Unselective binding*. As consequências dessa derivação sintática são refletidas na interface fonológica, já que o elemento-QU recebe proeminência; e na pragmática, uma vez que ele é identificado como informação nova e, portanto, não pressuposta a partir do contexto.

No que se segue, discutiremos os aspectos sintáticos, fonológicos e pragmáticos das perguntas-QU, e especialmente do QU-*situ*, no francês.

– 3 –
Francês

Assim como no PB, o francês é uma língua de movimento-QU opcional, visto que permite o fronteamo do constituinte interrogativo (1a) ou sua permanência *in situ* (1d). Além disso, a língua também prevê variações junto ao movimento: a inversão V-para-C⁵⁵ (1b) ou a inserção de um complementizador aberto *est-ce que* (ESK)⁵⁶ (1c).

- (1) a. **Qui** tu as vu? (QU-movido)⁵⁷
quem você AUX-visto
“*Quem você viu?*”
- b. **Qui** as-tu vu? (QU-movido + inversão)
quem AUX-você visto
“*Quem você viu?*”
- c. **Qui** est-ce que tu as vu? (QU-movido + ESK)
quem ESK você AUX-visto
“*Quem que você viu?*”
- d. Tu as vu **qui**? (QU-*in situ*)
você AUX-visto quem
“*Você viu quem?*”

⁵⁵ Zuckerman & Hulk (2001:72) apontam três tipos de inversão em perguntas com QU-movido + inversão: (i) inversão clítica, em que o verbo finito antecede o sujeito clítico; (ii) inversão estilística, em que o sujeito nominal segue o verbo auxiliar e o particípio passado; (iii) inversão complexa, com um sujeito na forma ‘sujeito frasal, verbo finito, sujeito clítico’.

- (i) Comment as-tu fait ça?
como AUX-você feito isso
“*Como você fez isso?*”
- (ii) Où est (allé) ton père?
onde é ido teu pai
“*Aonde está (foi) seu pai?*”
- (iii) À quelle heure le train est-il parti?
A que horas o trem é-ele partido
“*A que horas o trem partiu?*”

⁵⁶ Segundo Rooryck (1994:216), ESK é um complementizador interrogativo complexo, gerado diretamente na base e restrito apenas a perguntas matrizes no francês padrão, embora na variedade coloquial também possa aparecer em interrogativas indiretas.

⁵⁷ Os exemplos em (1) são de autoria própria.

E, assim como no PB, o movimento do elemento-QU (e suas variações) ou sua permanência *in situ* estão sujeitos a restrições sintáticas e, aparentemente, também pragmáticas, e prosódicas. Assim, seguiremos Zuckerman (2001) ao postular que, também no francês, essas perguntas não são inteiramente opcionais. Por isso, exploraremos, ao longo deste capítulo, os aspectos envolvidos na produção do QU-*in situ* e sua distinção em relação à estratégia *ex situ*, com o objetivo de traçar um panorama do processo de aquisição das estruturas interrogativas no francês e uma comparação com o PB, uma língua que, apesar de também admitir a ‘opcionalidade’ no movimento-QU, parece apresentar um perfil oposto ao do francês no que concerne a aquisição de QU-*in situ*.

Visando a uma comparação adequada, o capítulo se organiza conforme o anterior: primeiro, discutiremos as restrições sintáticas envolvidas nas estratégias interrogativas e exploraremos algumas propostas que procuraram explicar essa aparente opcionalidade do movimento-QU; na segunda seção, descreveremos o sistema entoacional das perguntas-QU e de outras sentenças relevantes para comparação; na terceira seção, abordaremos os aspectos pragmáticos envolvidos na produção do QU-*in situ* que, a princípio, diferenciam-no de sua contraparte *ex situ*; na quarta seção, faremos as considerações finais.

3.1. Aspectos sintáticos

Já é um consenso entre os linguistas que o movimento do elemento-QU ou sua permanência *in situ* estão sujeitos a restrições sintáticas, no entanto, ainda há muita discordância a respeito dessas restrições, quais verdadeiramente operam na língua ou se os julgamentos são, na realidade, uma variação individual. De acordo com Bošković (1998:4-5), por exemplo, a distribuição do QU-*in situ* no francês é limitada, não sendo este permitido em perguntas de longa distância, como (2a); com negações (2b) e na presença do complementizador aberto *que* (2c). Chang (1997:19-20) e Cheng & Rooryck (2000:11-13) também reportam restrições à permanência do elemento-QU em posição argumental, não sendo esta possível em perguntas indiretas (2d); com modais (2e) e quantificadores (2f). Em todos esses casos, o constituinte interrogativo deve se mover.

(2) a. *Jean et Pierre croient que Marie a vu **qui**?⁵⁸

⁵⁸ Boeckx, Stateva & Stepanov (2001:59) reportam que no francês o QU-*in situ* é permitido em sentenças encaixadas, apenas quando o verbo da matriz é não intensional, como em (i).

(i) Jean sait/ regrette/ a découvert que Marie a acheté quoi?

“Jean sabe/ se arrepende/ descobriu que Maria comprou o quê?”

Jean e Pierre creem que Marie tem visto quem

“Jean e Pierre creem que Marie viu quem?”

b. *Jean ne mange pas **quoi**?

Jean NEG come NEG o que

“Jean não come o quê?”

c. *Que tu as vu **qui**?

que você tem visto quem

“Ele viu quem?”

d. *Je me demande que Jean a acheté **quoi**.

eu me pergunto que Jean tem comprado o quê

“Eu me pergunto o que Jean comprou”

e. *Il peut rencontrer **qui**?

ele pode encontrar quem

“Ele pode encontrar quem?”

f. *Il admire toujours **qui**?

ele admira sempre quem

“Ele sempre admira quem?”

Adli (2006), desafiando os dados em (2), apresenta evidências da aceitabilidade de QU-*in situ* com encaixadas, negações, modais e quantificadores. 80% dos adultos entrevistados pela autora sobre o QU-*in situ* em perguntas com encaixamento aceitaram as sentenças e enfatizaram que eles frequentemente usam o QU-*in situ* em sentenças encaixadas no registro coloquial. Enquanto isso, 65% deles aceitaram perguntas de QU-*in situ* com negações; 100% aceitaram a construção com modais e 85% aceitaram o QU-*in situ* com quantificadores. Dois dos entrevistados, inclusive, relataram produzir mais a estratégia nessas situações.

Oiry (2011) também reporta evidências da aceitabilidade de perguntas QU-*in situ* com encaixadas em um estudo experimental de produção eliciada com 32 crianças e 18 adultos falantes de francês, dado que é corroborado também por outros autores contrários à avaliação das perguntas QU-*in situ* em sentenças encaixadas como inaceitáveis na língua (POLLOCK, 1998; STARKE, 2001; BAUNAZ, 2011; SHLONSKY, 2012; POLETO; POLLOCK, 2015; ZIMMERMANN; KAISER, 2019). É possível, então, que estejamos diante de uma mudança em curso, ou que não haja tais restrições no *français familier* (língua coloquial), em contraste com o que ocorre no *français cultivé* (língua culta e aceita na escrita). Em verdade, Adli (2006)

afirma que o próprio QU-*in situ* é mais aceito no *français familier* e, por isso, ele é banido da modalidade escrita.

Além das restrições acima, Zuckerman & Hulk (2001:75) também destacam aquelas concernentes à distribuição dos pronomes *que* e *pourquoi*: *que*, por exemplo, não aceita o movimento sem a presença do complementizador ESK ou inversão (3a vs. 3b e 3c) e, quando *in situ*, deve ser sempre produzido em sua forma *quoi* (3d vs. 3e); enquanto isso, *pourquoi* não é permitido *in situ*.

- (3) a. ***Que** tu fais?
o que você faz
“O que você está fazendo?”
- b. **Que** fais-tu?
o que faz-você
“O que você está fazendo?”
- c. **Qu’**est-ce que tu fais?
o que ESK você faz
“O que que você está fazendo?”
- d. *Tu fais **que**?
você faz o que
“Você está fazendo o quê?”
- e. Tu fais **quoi**?
você faz o que
“Você está fazendo o quê?”
- (4) a. *Il est parti **pourquoi**?
ele é-partido por quê
“Ele foi embora por quê?”
- b. **Pourquoi** il est parti?
por que ele é-partido
“Por que ele foi embora?”

Quanto à inaceitabilidade de perguntas *in situ* com *pourquoi* (2c), Bošković (1998) segue Rizzi (1990) ao assumir que esse advérbio sentencial deve ser gerado diretamente em CP, não sendo então fruto de movimento-QU. Por sua vez, Becker & Gotowski (2015) apontam ser possível o *pourquoi* em posição final, mas há no francês uma diferença interpretativa entre essa estratégia interrogativa e sua contraparte movida. Em (5a) abaixo, *pourquoi* denota ‘a razão

por que ele está indo embora’, enquanto em (5b), ou seja, com o *pourquoi in situ*, temos o significado de propósito.

- (5) a. **Pourquoi** il part?
por que ele parte
“*Por que ele está indo embora?*”
- b. Il part **pourquoi**?
ele parte por que
“*Ele está indo embora com que propósito?*”

Em nosso *corpus*, encontramos 15 ocorrências de *pourquoi* ao fim da sentença (de um total de 419 perguntas com o pronome, totalizando 3,58%), sendo apenas uma delas produzida na fala infantil. Ou seja, parece realmente que essa palavra-QU, embora possível também *in situ*, é consideravelmente mais aceita em sua forma *ex situ*. Quanto à interpretação, embora se possa argumentar que em (6) *pourquoi* recebe interpretação de ‘com que propósito’, conforme argumentam Becker & Gotowski; isso não é necessariamente verdade em todas as suas ocorrências. Observe o exemplo em (7).

- (6) Criança: eh...quitter chausson.
eh tirar chinelo
“*Eh...(eu vou) tirar chinelo*”
- Avó: **tu quittes les chaussons pourquoi?**
você tira os chinelos por que
“*Você está tirando os chinelos com que propósito?*”
- Criança: pour fauteuil.
para poltrona
“*Por causa da poltrona*”

(*Corpus Antoine*, 2;05.23)

- (7) Observador: il y a deux petits cadeaux en plus, hein?
ele-y tem dois pequenos presentes a mais hein
“*Existem mais dois presentinhos, hein?*”
- Mãe: et t(u) as pas tout regardé!
e você tem NEG tudo viu
“*E você não viu tudo!*”
- Observador: parce que t(u) as trois ans il y a trois cadeaux!

porque você tem três anos EXPL-y tem três presentes
“*Porque você tem três anos, tem três presentes!*”

Criança: **et moi j'ai des cadeaux pourquoi?**

e eu eu tenho os presentes por que
“*E eu, eu ganhei os presentes por qual razão?*”

Observador: parce que tu vas bientôt avoir trois ans!

porque você vai logo ter três anos
“*Porque você logo vai ter três anos!*”

(*Corpus Théophile, 2;11.28*)

Essa restrição, como vemos, ainda é de difícil avaliação. Sua aceitabilidade parece variar de falante para falante, bem como sua interpretação. Uma vez que o *pourquoi* ao fim da sentença é uma estrutura pouco usada, na descrição dos resultados, seguiremos a literatura tradicional para a qual o *pourquoi* é mais aceito com a contraparte movida (ou gerada na base no início da sentença). Assim, pretendemos separá-lo dos outros pronomes em nossas análises para que os resultados não sejam enviesados.

Sobre as restrições quanto à coocorrência do QU-*in situ* com modais e quantificadores, encontramos em nosso *corpus* alguns exemplos que contrariam essa avaliação. Dessas, no entanto, a restrição quanto ao uso com modais parece mais flexível (8 e 9) – ocorrendo mesmo em perguntas comuns – enquanto os quantificadores estão restritos, ao menos nos dados encontrados, a perguntas-eco e a perguntas de esclarecimento, construídas a partir de um fragmento da sentença anterior (10).

(8) *Contexto: mãe e pai preparam a refeição.*

Mãe: des carottes...non?

as cenouras não
“*Cenouras, não?*”

Pai: c'est un peu fade là.

isso-é um pouco brando aí
“*Fica um pouco sem graça.*”

Mãe: **bah...tu peux rajouter quoi?**

bah você pode adicionar o que
“*Ah, você pode adicionar o quê?*”

Mãe: tu veux quoi?

você quer o que

“Você quer o quê?”

Pai: je sais pas.

eu sei-NEG

“Eu não sei.”

Pai: on va mettre du sel déjà.

nós ir-3ªSG colocar o sal já

“Vamos colocar o sal já”

(corpus Théophile, 1;11.25)

- (9) *Contexto: brincando com peões com um colega adulto, o observador e a mãe.*

Colega: je le mets où?

eu o coloco onde

“Eu coloco ele onde?”

Criança: beh, à-côté de toi.

beh perto de você

“Ah, perto de você”

Observador: ah ben, il y en a des... il y en a plein des violets.

ah bem EXPL-y en tem os EXPL-y en tem cheio os roxos

“Ah, bem, tem os...tem muitos roxos”

Colega: **on doit en prendre combien des pions?**

nós dever-3ªSG en pegar quanto os peões

“Nós devemos pegar quantos peões?”

Mãe: ben vous pouvez tous les...

bem vocês podem todos os

“Bem, vocês podem todos os...”

Colega: on a plusieurs chances

nós ter-3ªSG várias chances

“Temos várias chances”

(corpus Théophile, 4;06.20)

- (10) Observador: mais pourquoi tu préfères les vacances?

mas por que você prefere as férias

“Mas por que você prefere as férias?”

Criança: parce que c'est tout ça.

porque isso-é tudo isso

“Pourque isso é tudo”

Mãe: **c'est tout quoi les vacances?**

isso-é tudo o que as férias

“É tudo o que as férias?”

Criança: c'est bien aussi les vacances.

isso-é bem também as férias

“As férias são boas também”

(*corpus* Théophile, 4;03.28)

Por fim, no que concerne ao uso de QU-*in situ* em perguntas de longa distância, encontramos também algumas ocorrências no *corpus* analisado.

(11) *Contexto: mãe e criança falam sobre uma boneca.*

Mãe: c'est son bébé tu crois?

isso-é seu bebê você acha

“Você acha que esse é seu bebê?”

Criança: beh, oui.

ah sim

“Ah, sim”

Criança: il est tout petit.

ele é todo pequeno

“Ele é bem pequeno”

Mãe: bah oui.

ah sim

“Ah, sim”

Mãe: il a quel âge?

ele tem qual idade

“Ele tem que idade?”

Mãe: **tu crois qu'il a quel âge?**

você acha que ele tem qual idade

“Você acha que ele tem que idade?”

(*corpus* Anaé, 4;01.17)

(12) Contexto: *mãe lê um livro para a criança.*

Mãe: “les femmes s'écartent sur son chemin épouvantées”

as mulheres se desviam sobre seu caminho apavoradas

“As mulheres desviam de seu caminho apavoradas”

Mãe: **tu crois qu'il va s(e) passer quoi après?**

você acha que ele vai se acontecer o que depois

“Você acha que vai acontecer o que depois?”

Mãe: qu'est-ce que c'est?

o que é-isso que isso-é

“O que é isso?”

Criança: je sais pas.

eu sei-NEG

“Eu não sei”

(corpus Anaé, 4;04.10)

Assim como no PB, no francês apenas o QU-*in situ* é possível no contexto sintático que chamamos de Perguntas de esclarecimento. Elas, conforme discutimos no capítulo anterior, são geralmente construídas a partir de um fragmento do discurso anterior e, por isso, carecem de sujeito⁵⁹ (13), flexão (14) ou de uma projeção para a qual o elemento-QU possa ser movido (15). São perguntas que usualmente pedem por um maior detalhamento sobre determinado argumento não especificado, de forma análoga às perguntas-eco que pedem repetição do argumento com ruído. Diferente das últimas, no entanto, elas pedem novas informações e não são motivadas por um ruído no argumento ou surpresa com o que foi dito.

⁵⁹ Sendo uma língua não pro-drop, o francês exige um sujeito aberto nas sentenças finitas, que pode ser um DP, um pronome pessoal (*je, tu, nous...*), o demonstrativo *ce*, que ocorre apenas junto à cópula ‘ser’ (i) ou o pronome de 3ª pessoa, *on*, usado em seu significado genérico ‘a gente/o povo’ (iia) ou em substituição a ‘nós’ (iib) (ROWLETT, 2007:132-134).

- (i) a. Une pomme, c'est bon.
uma maçã isso-é bom
“Uma maçã é boa”
b. *Une pomme, ce coûte cher.
uma maçã isso custa caro
“Uma maçã custa caro”
- (ii) a. En France on boit le café sans lait.
na França nós beber-3ªSG o café sem leite
“Na França se bebe café sem leite”
b. On part à la mer.
nós partir-3ªSG a a mar
“Nós estamos indo ao mar”

(13) Pai: Omer, pousse toi! Ça s(e) mange pas! C'est des cartes!

Homero avançar você isso se come NEG isso-é as cartas

“Homero, saia daí! Isso não se come! São as cartas!”

Criança: **mange quoi?**

come o que

“Come o quê?”

(*corpus Anaé, 1;10.17*)

(14) CHI: enlever!

tirar

“Tira!”

Mãe: **enl(e)ver quoi?**

tirar o que

“Tirar o quê?”

Mãe: je peux rien enl(e)ver!

eu posso nada tirar

“Eu não posso tirar nada!”

(*corpus Anaé, 1;09.04*)

(15) Mãe: c'est pour quoi faire les lunettes?

isso-é para o que fazer os óculos

“Para que serve os óculos?”

Criança: pour faire marcher.

para fazer funcionar

“Para fazer funcionar”

Mãe: **pour faire marcher quoi?**

para fazer funcionar o que

“Para fazer funcionar o quê?”

Criança: peut-être...

pode-ser

“Talvez...”

(*corpus Anaé, 2;02.16*)

Nesses casos com fragmentos de sentença, em que não é possível a contraparte movida, podemos observar também o QU-*in situ* com negações (que não seria possível de acordo com Bošković (1998)), mas que acontece, nos parece, justamente por não ser possível fazê-la de outra forma. E as pouquíssimas ocorrências de QU-*in situ* com negação (apenas 13 em todo o *corpus*) foram realizadas nesse contexto sintático.

(16) Observador: qu'est-ce que tu regardes là?

que é-isso que você olha aí

“O que você está olhando aí?”

Criança: a pas beaucoup.

tem-NEG muito

“Não tem muito”

Mãe: **il y a pas beaucoup quoi?**

EXPL-y tem-NEG muito o que

“Não tem muito o quê?”

(*corpus* Antoine, 2;03.15)

Além disso, também encontramos nessa língua as Perguntas de sondagem, que procuram acessar o conhecimento do interlocutor (NGUYEN; LEGENDRE, 2021). Elas não são, lembremos, um pedido por novas informações, como as perguntas de esclarecimento ou as de QU-*in situ* comum, mas pedem um ‘preenchimento das lacunas’ que ficam evidentes a partir de um DP incompleto, como em (17) com o DP [*une classe* ____], que a mãe pretende que o filho complete com *mélangée*.

(17) Mãe: **et c'est une classe comment?**

e isso-é uma classe como

“E é uma classe como?”

Criança: bien.

“Boa”

Mãe: bien?

“Boa?”

Mãe: c'est une classe mélangée, non?

isso-é uma classe mista não

“É uma classe mista, não?”

Criança: oui...oui...c'est une classe mélangée.

sim sim isso-é uma classe mista

“*Sim, sim. É uma classe mista.*”

(*corpus* Antoine, 5;04.27)

Para Glasbergen-Plas (2021:113), os efeitos intervenientes, como a negação, os quantificadores, os modais e o *pourquoi* são anulados por contextos de leitura eco e foco estreito⁶⁰, ou seja, perguntas cuja porção não-QU é menos informativa. Em nosso *corpus*, isso parece verdade para alguns intervenientes, mas não para outros. Conforme vimos, o emprego de *pourquoi in situ* parece realmente depender de uma porção não-QU dada no contexto discursivo: os exemplos (6) e (7) retirados de nosso *corpus* sugerem que essa palavra-QU parece bem mais aceita com leitura de foco estreito ou eco. Podemos dizer isso também da ocorrência de QU-*in situ* com negações, visto que as poucas sentenças desse tipo em nosso *corpus* possuíam foco estreito e, inclusive, foram construídas a partir de um fragmento da sentença anterior (16). Os quantificadores parecem também restritos da mesma forma, ocorrendo em nossos dados apenas com foco estreito (10). Já os modais parecem mais flexíveis, ocorrendo também quando a porção não-QU não está explicitamente no contexto discursivo (8 e 9). Por fim, os exemplos de QU-*in situ* em perguntas de longa distância em (11), produzido com foco estreito, e (12), produzido com foco largo, sugerem que as duas possibilidades são aceitas na língua.

Considerando, então, as evidências apresentadas por Adli (2006), outros autores, e encontradas, inclusive, em nosso *corpus*, é possível questionar o paradigma das restrições sintáticas ao QU-*in situ* já propostas na literatura do francês. Conforme vimos, o emprego de *pourquoi* nessa construção é possível, embora seja pouco frequente e varie quanto à aceitabilidade e interpretação acessada pelos falantes; o uso com modais também, mesmo fora de perguntas eco ou de extração do antecedente (aceitação de 100% no estudo de Adli); já os quantificadores parecem mais associados a essas leituras (com aceitação de 85% segundo Adli); a construção em perguntas de longa distância também parece possível, principalmente, como destaca Adli, no francês coloquial; por sua vez, a negação, aceita por 65% dos falantes entrevistados por Adli, foi encontrada em nossos dados apenas em perguntas de esclarecimento,

⁶⁰ Glasbergen-Plas (2022:8) adota uma distinção entre dois tipos de foco: estreito (*narrow focus*) e largo (*broad focus*). O foco produzido em um contexto neutro, em que nenhuma parte da sentença é saliente, é chamado foco largo – em (i), o foco recai sobre toda a sentença, pois toda ela contém informação nova. Se, no entanto, parte da informação já fizer parte do *background* conversacional, teremos um foco estreito apenas na porção da sentença contendo informação nova – em (ii), temos um foco estreito em “Maria”, pois o fato de que ‘alguém convidou o João’ já é informação velha.

(i) [A Maria convidou o João]_F
(ii) [A Maria]_F convidou o João

que não permitem a contraparte *ex situ*. Restam, então, as restrições quanto à coocorrência de um QU-*in situ* e um complementizador aberto na periferia esquerda (2c) e perguntas indiretas (2d). Temos, então, no francês um padrão semelhante ao que encontramos no PB, menos restritivo do que antes se concebia.

Para explicar o sistema interrogativo do francês, algumas propostas baseadas na sintaxe foram consideradas. Aqui, discutiremos algumas delas brevemente. Para Denham (1997), o francês é uma língua de movimento apenas aparente, juntamente com línguas como árabe egípcio ou akan. Nelas, o movimento-QU não é realizado para checagem do traço interrogativo, mas como um requerimento de outra natureza, por exemplo, a focalização. O movimento-QU supostamente sofrido pelo QU-*ex situ* seria, na verdade, um movimento de foco. Rowlett (2007:182-183) mostra, no entanto, que o francês – assim como Lacerda (2020) argumentou para o PB – prefere o uso da topicalização e do deslocamento para esquerda, ao invés do foco. Além disso, seria necessário mostrar uma diferença interpretativa entre as duas variantes: nesse caso, a palavra-QU funcionaria como um foco quando movida, mas não quando *in situ*.

Bošković (1998), por outro lado, baseado nas restrições com relação a perguntas de longa distância e negações, assume que há no QU-*in situ* movimento em LF para checagem do traço forte, em contraste com o QU-*ex situ*, que envolveria movimento aberto. Assim, em francês, o elemento-QU não precisa se mover, pois há inserção de um complementizador C com traço-QU forte em LF. Segundo o autor, o elemento-QU se move após *Spell-out* para uma posição A' e, por isso, é bloqueado por outras posições A' intervenientes, como C e Neg, e isso explica por que o QU-*in situ* seria proibido, para o autor, em (2a) e (2b). E, assim como no PB, sempre que houver um complementizador foneticamente realizado (2c), o movimento-QU será obrigatório, uma vez que o 'que' foi inserido na sintaxe aberta.

Uma outra proposta foi empreendida por Rowlett (2007:196), que, observando que traços-QU fortes devem ser checados na sintaxe aberta (CHOMSKY, 1995), propõe que no francês o traço-QU sempre seja forte, mas que sua presença seja opcional. Dessa forma, ele estaria presente em perguntas com QU-*ex situ*, resultando em um movimento aberto, e ausente no *in situ*. Nessa análise, no entanto, seria necessário explicar a motivação para a seleção ou não do traço-QU forte.

Uma outra linha de análise para explicar o sistema interrogativo do francês e considerada também para o PB é a de que o QU-*ex situ* seria fruto da redução de uma sentença clivada, na linha do que propõe Cheng (1991) para línguas de movimento-QU opcional. Nessa análise, não haveria opcionalidade na seleção do traço-QU, sendo o traço-QU sempre fraco e não necessitando de movimento aberto para sua checagem. Segundo Tailleur (2013:86), a

pergunta-QU mais utilizada por francófonos da região do Quebec é o QU-movido + ESK (aproximadamente 80%), e, para ela, o marcador *est-ce que*, presente nessa interrogativa *default*, é uma reminiscência de uma clivada completa. Houve, então, um processo de gramaticalização, em que o *est* perdeu seu *status* de cópula que antes tinha na estrutura clivada, podendo hoje ser interpretado como a realização do traço-QU em posição de núcleo, sem significado aparente. O sintagma-QU seria, nessa análise, gerado na base no início da sentença – sem necessidade de movimento – e um operador nulo seria responsável tanto pela ligação entre a frase clivada e a encaixada nessas perguntas com QU-fronteado, como pela checagem a distância do traço-QU na pergunta com QU-*in situ*.

De acordo com os julgamentos de gramaticalidade conduzidos por Marcotte (2020), falantes de francês falado em Quebec julgam a inserção das marcas de clivagem, como em (18), sempre possível, o que sugere que as marcas de clivagem se encontram implícitas na pergunta com QU-*ex situ*.

(18) a. (C'est) à qui (que) tu as donné ton téléphone?

(isso é) a quem (que) você tem dado teu telefone

“Foi para quem que você deu teu telefone?”

b. (C'est) où (que) tu crois qu'elle va?

(isso é) onde (que) você acredita que ela vai

“É para onde que você acha que ela está indo?”

(MARCOTTE, 2020:65)

A aproximação do QU-*ex situ* da clivada não é, de forma alguma, um consenso na literatura. Boeckx (1999), por exemplo, considera não o QU-*ex situ*, mas o *in situ* uma clivada ‘coberta’, baseado, conforme veremos ainda neste capítulo, nos aspectos pragmáticos da construção.

Propostas como a de Bošković (1998) e Rowlett (2007) descrevem o sistema do francês com soluções que ainda se agarram à ideia de opcionalidade, que a princípio seria excluída em uma abordagem minimalista: na primeira temos a opcionalidade de inserção do traço-QU antes ou após *Spell-out*, enquanto na segunda temos a opcionalidade na presença ou ausência do traço. Por outro lado, nas propostas de Denham (1997) e Tailleux (2013), essa opcionalidade seria apenas aparente. Para uma, o suposto movimento-QU seria acionado por mecanismos independentes da checagem do traço-QU, enquanto para a outra, teríamos no QU-*ex situ* uma estrutura derivada da clivagem (ao menos no dialeto falado em Quebec, onde a versão com QU-movido + ESK é a construção *default* de pergunta).

Para explicar o francês, DeRoma (2011) assume que, assim como no PB, o sintagma-QU é constituído pelo elemento-QU e um operador Q e, quando *in situ*, o sintagma é ligado por esse operador a distância. Baseada nas restrições supostamente sofridas pelo QU-*in situ* no francês, como o emprego de QU-*in situ* em perguntas de longa distância (BOŠKOVIĆ, 1998), DeRoma propõe que, diferentemente do PB, em que o operador é não adjacente ao sintagma-QU em PF, o operador Q no francês é gerado junto da expressão-QU e depois se move para Spec,CP. A ligação, então, deve ser realizada via *Selective binding*⁶¹, sujeita, portanto, a efeitos de interveniência, o que exclui o uso de QU-*in situ* nesses casos.

Conforme vimos com evidências apresentadas na literatura (POLLOCK, 1998; STARKE, 2001; ADLI, 2006; OIRY, 2011; BAUNAZ, 2005, 2011) e os dados encontrados em nosso *corpus*, o francês parece bem menos restritivo do que antes se concebia, aproximando a língua do PB nesse aspecto. As restrições parecem ser menos uma questão de agramaticalidade, do que uma inadequação ao francês formal, visto que o QU-*in situ* é supostamente um fenômeno mais aceito na modalidade coloquial, na qual encontramos a estrutura concorrendo com modais, quantificadores, negação, *pourquoi* e em perguntas de longa distância. Sendo esse o caso, poderíamos analisar o QU-*in situ* no PB e no francês da mesma forma, com uma ligação via *Unselective binding*, responsável por ligar o operador e o sintagma relevante *in situ*.

3.2. Aspectos fonológicos

Uma das mais conhecidas análises do Francês a propor o licenciamento das perguntas-QU a partir da prosódia foi a de Cheng & Rooryck (2000). Os autores defendem que o QU-*in situ* compartilha com a pergunta sim/não a mesma entoação ascendente, diferente do *ex situ*. Por isso, eles propõem que essa entoação seja representada por um morfema entoacional [sim/não] na sintaxe aberta, responsável por checar o traço-QU em C, licenciando, assim, o QU-*in situ*. Já na opção *ex situ*, essa checagem seria realizada por meio do movimento do

⁶¹ Para DeRoma (2011), o operador Q no francês é gerado junto da expressão-QU e depois se move para Spec,CP e, por isso, a ligação entre o operador-Q e as variáveis *in situ* de mesma função deve ser feita de forma seletiva. Para que isso ocorra, não deve haver nenhum interveniente entre o operador Q deslocado e o constituinte interrogativo que permanece *in situ*. Para a autora, a diferença entre o QU-*in situ* no PB e no francês é a natureza do operador Q: na primeira, ele é gerado diretamente na periferia esquerda; enquanto na segunda, ele é gerado junto à expressão-Q e depois se move. Por conta disso, o francês estaria, segundo ela, sujeito a efeitos de interveniência – como a proibição de QU-*in situ* com negações ou modais etc. – que não são observados no PB. Nesta tese, no entanto, após a análise de diferentes estudos e de nossos próprios achados, concluímos que os diferentes julgamentos quanto à proibição de QU-*in situ* nesses casos podem ser tratados como diferenças dialetais ou diafásicas e, por isso, consideraremos aqui para ambas as línguas um operador Q de mesma natureza, cuja ligação com a expressão-QU é realizada via *Unselective Binding*.

constituente interrogativo. Nesse caso, também teríamos uma opcionalidade apenas aparente, já que esse morfema entoacional poderia ou não ser selecionado na Numeração e, quando fosse, o elemento-QU deveria permanecer *in situ*, já que a checagem do traço-QU já teria sido realizada via morfema.

Os autores sugerem que esse morfema seja subespecificado em francês, podendo receber em LF tanto o valor [Q: y/n] como [Q: wh] e essa subespecificação seria resolvida com o movimento do traço-QU para C em LF. Assim, esse movimento, diferente da análise de Bošković (1998), não resulta na checagem do traço-QU, que já é realizada pelo morfema entoacional, mas sim na especificação do morfema, que, por *default*, recebe o valor [Q: y/n]. Para eles, o QU-*in situ* não é permitido em perguntas indiretas, pois a inserção em LF é feita na raiz, sendo o morfema entoacional incapaz de licenciar esse tipo de interrogativa; ele também é proibido com modais e quantificadores, pois a inserção em LF de um traço-QU é sensível a tais intervenientes.

Partindo dessa mesma previsão sobre o compartilhamento da curva ascendente pelas perguntas sim/não e QU-*in situ*, Krein (2007) propõe a existência em ambos os tipos de perguntas de um complementizador C, que, diferente da proposta anterior, não precisa se mover no QU-*in situ* para checagem do traço-QU, que seria feita por meio de Agree em CP. Esse complementizador possuiria um traço de Acento Nuclear, responsável por licenciar a derivação prosodicamente. Além disso, ao C faltaria o traço EPP, portanto, ele não requereria movimento para Spec,CP: nem do núcleo T, que faria a inversão do sujeito-auxiliar em perguntas sim/não, como acontece em muitas línguas; nem da palavra-QU para Spec, CP (KREIN, 2007:18).

Contrários a esses julgamentos, Mathieu (2002) afirma que a curva *default* do QU-*in situ* apresenta, na realidade, uma descendência final, o que também é observado por Di Cristo (1998:206): em perguntas desse tipo, o padrão geral é similar ao de declarativas, com “subida inicial até o final do VP seguido de uma descida final na palavra interrogativa”⁶². Corroborando esse diagnóstico, Adli (2006:182), em um estudo experimental, aponta que as perguntas com QU-*in situ* não recebem, por regra, curva ascendente e são perfeitamente aceitáveis sem ela⁶³. Além disso, o padrão observado nessas perguntas e nas de sim/não não é idêntico, o que coloca em dúvida o licenciamento das duas estruturas por um mesmo morfema entoacional. Adli (2004:205-206), a propósito, destaca que, em um *corpus* de 150 ocorrências de interrogativas-

⁶² “[...] *an initial rise up to the end of the VP followed by a terminal fall on the question word*” DI CRISTO, 1998:205).

⁶³ Adli (2006) solicitou de três entrevistados que descrevessem o contorno entonacional do QU-*in situ* e da pergunta sim/não e eles afirmaram que, enquanto a pergunta sim/não recebe sempre o contorno ascendente, as com QU-*in situ* são bem formadas com contorno ascendente ou descendente.

QU lidas e gravadas por 6 falantes de língua francesa (3 mulheres e 3 homens), 70,7% das perguntas com QU-*in situ* foram produzidas com o mesmo padrão entoacional das com *ex situ*, 19,7% com o padrão de declarativa e que apenas 9,5% possuíam a curva típica das perguntas sim/não. A autora, então, atribui o julgamento de Cheng & Rooryck a uma confusão entre o QU-*in situ* genuíno, aceito com os três contornos entoacionais, com o QU-*in situ* eco, produzido tipicamente com ascendência final (ADLI, 2004:207).

Hamlaoui (2009) também encontrou no francês uma variedade de padrões entoacionais nas ocorrências analisadas de um *corpus* televisivo de 222 perguntas e apenas em 15% dos casos com QU-*in situ* houve proeminência da palavra-QU. No entanto, foram analisados poucos dados e, por isso, é possível delinear a partir deles apenas uma tendência geral.

Para testar a hipótese de Cheng & Rooryck, Déprez, Syrett & Kawahara (2013) aplicaram um experimento de produção em 12 falantes nativos de francês e 9 dos 12 participantes atribuíram ao QU-*in situ* um contorno ascendente. Contudo, comparando o padrão entoacional observado ao das perguntas sim/não, os autores encontraram uma diferença: enquanto as perguntas sim/não sempre acompanham um contorno final ascendente, o das perguntas QU-*in situ* não é sempre assim e, quando é, a elevação não é tão pronunciada como das perguntas sim/não, como vemos nos contornos em vermelho (QU-*in situ*), em roxo (pergunta sim/não sem *est-ce que*) e em azul (pergunta sim/não com *est-ce que*):

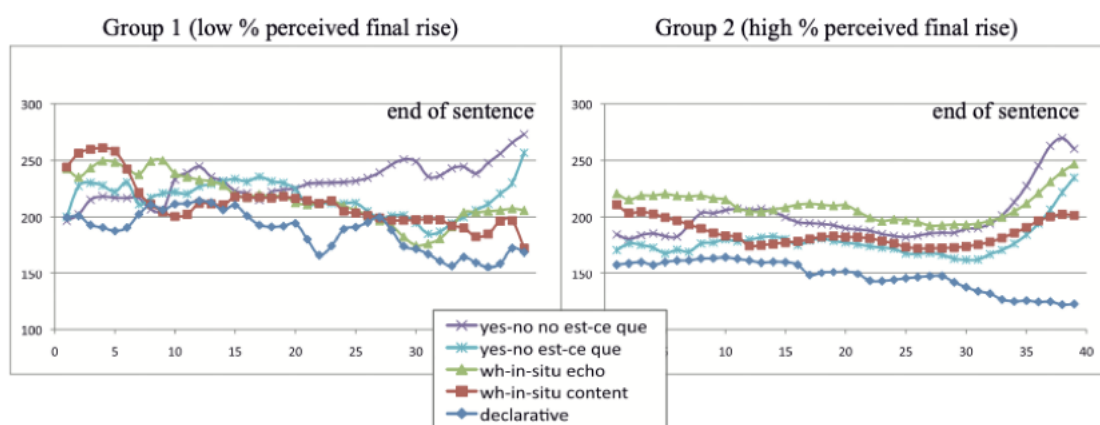


Figura 1: esquemas retirados de Déprez et al. (2013:12), no qual são representados os contornos entoacionais de final de sentença para cinco tipos de sentenças: perguntas sim/não sem *est-ce que* (roxo) e com *est-ce que* (azul claro); QU-*in situ* eco (verde), QU-*in situ* comum (vermelho) e sentença declarativa (azul escuro). Os 12 participantes do experimento foram divididos em dois grupos: no Grupo 1, estão os três participantes que atribuíram ao QU-*in situ* o contorno ascendente em apenas 25% das sentenças; no Grupo 2, estão os nove participantes que atribuíram à construção o contorno ascendente em mais de 75% das sentenças.

Baunaz & Patin (2009) e Baunaz (2011) apontam, inclusive, que os diferentes padrões entoacionais percebidos pelos falantes de francês estão associados a contextos distintos, que

discutiremos com mais detalhes na próxima seção. O padrão ascendente observado por Cheng & Rooryck, segundo os autores, é típico do QU-*in situ* não-pressuposicional, possível também em situações *out-of-the-blue*. Já o padrão descendente é produzido quando há um conjunto de valores no discurso capaz de preencher o constituinte-QU questionado. Por fim, o padrão em que se observa um acento na palavra-QU pertence ao contexto que Baunaz (2011:47-48) chama de ‘específico’, em que há no *common ground* entre os participantes da conversa um referente em potencial para o valor-QU.

Essas evidências nos sugerem, então, que o QU-*in situ* não necessariamente está associado a uma entoação ascendente, enquanto na pergunta com sim/não a curva ascendente já é bastante marcada, assim como em perguntas-eco. É curioso, então, que um mesmo morfema entoacional (CHENG; ROORYCK, 2000) ou um mesmo complementizador (KREIN, 2007) sejam responsáveis pelo licenciamento prosódico tanto do QU-*in situ* como da pergunta sim/não.

Glasbergen-Plas (2021:90-92), a partir de um experimento conduzido com 20 estudantes da Universidade de Nantes no qual observou a produção de 622 sentenças, notou uma diferença entre dois tipos de QU-*in situ*: um com foco largo (*broad-focus*), em que nenhuma parte da pergunta é mencionada no discurso anterior⁶⁴ e um com foco estreito (*narrow-focus*), em que os elementos presentes na pergunta já fazem parte do contexto discursivo⁶⁵. Os resultados da

⁶⁴ Exemplo de QU-*in situ* com foco largo (GLASBERGEN-PLAS, 2021:77):

Contexto: você e Ernestine, tua esposa, conversam. Ela parte em alguns dias para uma viagem de negócios, voltando na quarta-feira para seu aniversário. Você diz:

A: Bon voyage ma chérie. Tu as bien ton passeport?

“Boa viagem, querida. Você pegou seu passaporte?”

B: Oui merci. Ah voilà mon taxi.

“Sim, obrigada. Ah, ali está meu táxi”

A: Tu m’envoies un texto quand tu es arrivée à Londres?

“Você me envia uma mensagem quando chegar em Londres?”

B: Oui, oui bien sûr. A mercredi; pour ta dernière soirée de trentenaire!

“Sim, claro. Te vejo na quarta, para sua última noite dos trinta anos”

A: Moque-toi; dans six mois c’est ton tour. D’ailleurs tu ne m’as pas dit. **Tu as réservé quel resto pour jeudi soir?**

“Brinca mesmo! Em 6 meses é tua vez. Aliás, você não me contou. Você reservou que restaurante para quinta à noite?”

B: Surprise...

“É surpresa...”

⁶⁵ Exemplo de QU-*in situ* com foco estreito (GLASBERGEN-PLAS, 2021:82):

Contexto: Você é violinista em uma orquestra amadora e você está no ensaio. Enquanto os flautistas ensaiam uma passagem complicada, você conversa com sua vizinha. Você diz:

A: Tu pars en déplacement cette semaine?

“Você viaja essa semana?”

B: Non pour une fois, je suis là toute la semaine. Ça tombe bien, c’est la remise de diplôme de ma fille jeudi. Du coup, nous allons en famille au restaurant.

“Não, dessa vez, eu fico aqui a semana toda. Caiu como uma luva, é a entrega do diploma da minha filha na quinta. Então, nós vamos em família ao restaurante.”

análise acústica indicaram que, no foco largo, figura 2, há uma proeminência na palavra-QU *quel* “qual” que se estende até o fim do sintagma-QU, descendo no PP *pour jeudi soir* “para quinta à noite” e terminando, por fim, em uma subida; já no foco estreito, figura 3, diferentemente do primeiro, não há proeminência associada à palavra-QU, que permanece baixa até a última sílaba do sintagma interrogativo *quel resto* “qual restaurante”, em que F0 sobe consideravelmente para depois descer um pouco no PP que se segue e, por fim, subir ao final da sentença.

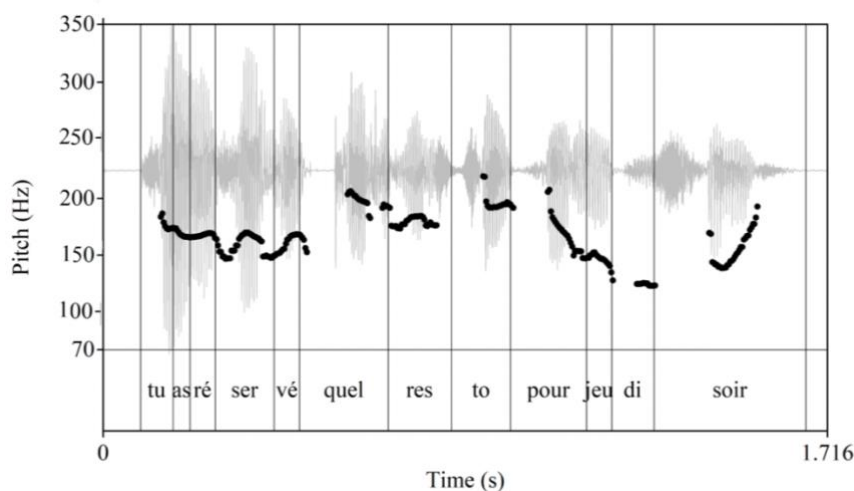


Figura 2: curva entoacional da pergunta *Tu as réservé quel resto pour jeudi soir?* “Você reservou qual restaurante para quinta à noite”, produzida com foco largo (imagem retirada de Glasbergen-Plas (2021:91)).

-
- A: C’est marrant, Fleur m’a raconté la même chose.
“É engraçado, Fleur me contou a mesma coisa”
- B: Oui, elle m’a dit qu’elle a réservé au Pavillon pour jeudi soir.
“Sim, ela me disse que reservou no Pavillon para quinta à noite.”
- A: **Et toi, tu as réservé quel resto pour jeudi soir?**
“E você, você reservou qual restaurante para quinta à noite?”
- B: Le Bord du Lac.
“Le Bord du Lac.”

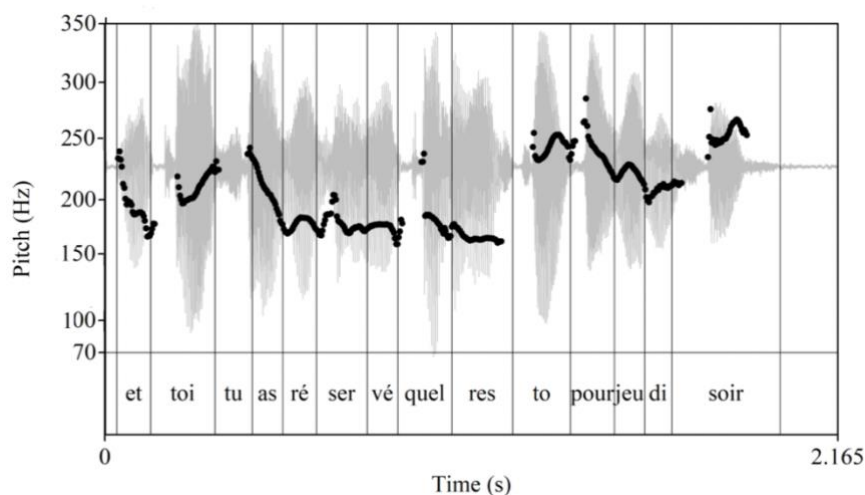


Figura 3: curva entoacional da pergunta *Et toi, tu as réservé quel resto pour jeudi soir?* “E você, você reservou qual restaurante para quinta à noite?”, produzida com foco estreito (imagem retirada de Glasbergen-Plas (2021:92)).

Enquanto isso, na pergunta-eco⁶⁶, figura 4, a área que precede o sintagma-QU é produzida com F0 baixo, que sobe na palavra-QU *quel* “qual” e se torna ainda mais proeminente na última sílaba do sintagma interrogativo *quel resto* “qual restaurante”. A sentença é finalizada com uma ascendência coincidindo em altura com a F0 ao fim do sintagma-QU (GLASBERGEN-PLAS, 2021:90).

⁶⁶ Exemplo de QU-*in situ* com leitura eco (GLASBERGEN-PLAS, 2021:80):

Contexto: você é o diretor de uma escola primária pequena. Na próxima semana, é a volta às aulas dos alunos. Mas, amanhã, quarta-feira, é o encontro entre os professores. Você está na escola com a Axelle, tua secretária, para organizar as últimas coisas. Você diz:

A: Et c’est reparti pour un an!

“Et lá vem mais um ano!”

B: Oui et avec deux classes et deux nouvelles maîtresses de plus.

“Sim, e com mais duas turmas e duas novas professoras.”

A: C’est bien qu’on ait prévu ce petit dîner pour faire plus ample connaissance.

“É legal que a gente tenha planejado este jantar para nos conhecermos melhor.”

B: Oui, d’ailleurs je voulais te dire, pour qu’on soit au calme pour parler, j’ai réservé le resto « chez Monette » pour jeudi soir.

“Sim, aliás eu queria te falar, para que fiquemos tranquilos para conversar, eu reservei o restaurante ‘chez Monette’ para quinta à noite.”

A: **Tu as réservé quel resto pour jeudi soir?**

“Você reservou qual restaurante para quinta à noite?”

B: Chez Monette, dans la petite salle du fond, on devrait être tranquilles.

“O ‘Chez Monette’. Na pequena sala ao fundo, a gente deve ficar tranquilo.”

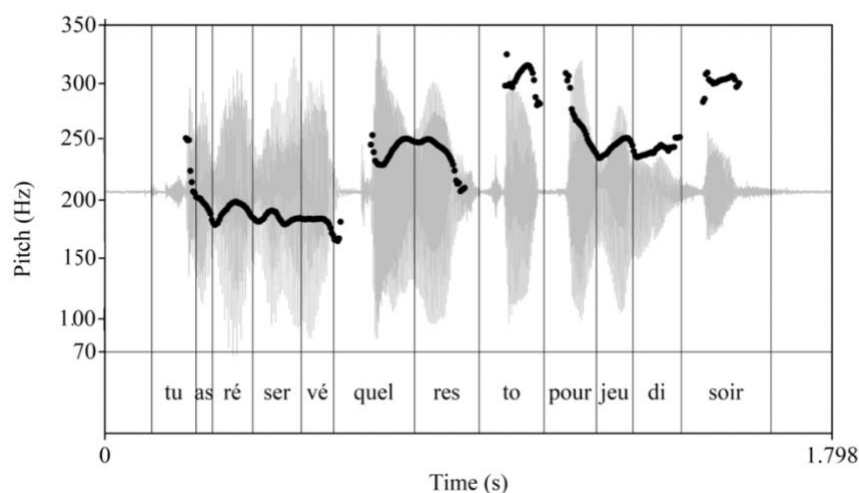
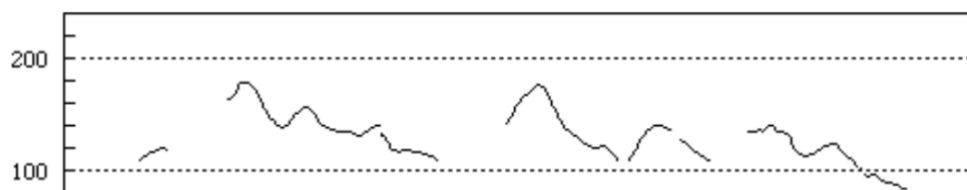


Figura 4: curva entoacional da pergunta *Tu as réservé quel resto pour jeudi soir?* “Você reservou qual restaurante para quinta à noite?”, produzida com entoação eco (imagem retirada de Glasbergen-Plas (2021:92)).

A autora conclui, então, que para os três tipos de QU-*in situ* há uma ascendência final, mesmo que pequena, e uma proeminência ao fim do sintagma-QU (GLASBERGEN-PLAS, 2021:99). A pergunta com foco estreito tem curva similar à eco em alguns pontos: ambas possuem um *pitch* mais baixo na área que precede o sintagma-QU; possuem F0 mais alta tanto ao fim do sintagma-QU como ao fim da sentença; a ascendência final é mais ampla; e a sílaba final tem curta duração. Em comparação, a pergunta com foco largo não tem uma variação considerável de *pitch* no sintagma-QU, diferente dos outros dois tipos: nela, *quel resto* “qual restaurante” é produzido com F0 mais alto do que o restante da sentença, enquanto no foco estreito e na eco apenas a sílaba final do constituinte-QU é mais alta.

Com relação aos outros tipos de sentença relevantes, recorreremos à descrição detalhada de Di Cristo (1998). Para uma declarativa simples (formada por um NP + VP), o autor observa um padrão *rise-fall* ou circumflexo (p. 200), conforme figura 5 abaixo. Em perguntas sim/não, ele nota “um *pitch* mais alto na última sílaba do primeiro grupo acentual seguido de um declínio no *pitch* até a ascendência final”⁶⁷ (p. 203), o que podemos observar a partir da figura 6, padrão compartilhado também por perguntas-eco. E, como podemos perceber na comparação das duas figuras, o *pitch* global é parecido nos dois tipos de sentença, com exceção da subida final típica da interrogativa.

⁶⁷ “an initial pitch peak situated on the last syllable of the first stress group followed by a declining pitch until the final rise” (DI CRISTO, 1998:203).



2a. Le FILS du DIRECTEUR a VU le PRESIDENT.

Figura 5: curva entoacional da declarativa *Le fils du directeur a vu le président* “o filho do diretor viu o presidente”, retirada de Di Cristo (1998:203).



2b. Le FILS du DIRECTEUR a VU le PRESIDENT?

Figura 6: curva entoacional da pergunta sim/não *Le fils du directeur a vu le président?* “o filho do diretor viu o presidente?”, retirada de Di Cristo (1998:203).

Por sua vez, as perguntas com *QU-ex situ* exibem, assim como as declarativas, uma descida final, com proeminência na sílaba tônica da palavra-QU, que pode ser atribuída à posição de foco que o constituinte-QU ocupa na árvore sintática, conforme análise defendida na seção anterior. Segundo Delais-Roussarie (2015:89), as perguntas com *QU-ex situ* são “geralmente marcadas pela presença de um movimento ascendente na palavra-QU ou em uma das sílabas da locução interrogativa *est-ce que*”⁶⁸. O final da sentença é geralmente marcado por uma descida.

⁶⁸ “[...] are mostly marked by the presence of a rising movement associated with the *wh*-word or with one of the syllables of the *wh*-locution *est-ce que*” (DELAIS-ROUSSARIE, 2015:89)

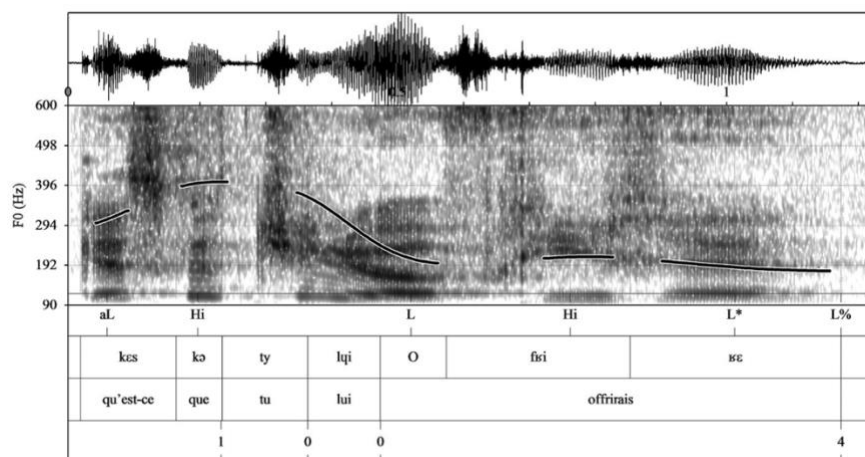


Figura 7: curva entoacional da pergunta com QU-*ex situ* “*Qu’est-ce que tu lui offrirais?*” (O que você daria para ele?), retirada de Delais-Roussarie (2015:90).

Em suma, parece não haver consenso quanto ao padrão entoacional do QU-*in situ* no francês. E essa discrepância de julgamentos pode ocorrer, na verdade, devido à variação dialetal ou usos contextuais diferentes, conforme destaca Baunaz (2011). Essas evidências nos mostram, sobretudo, que não há um padrão por regra para esse tipo de interrogativa, mas parece haver sim uma tendência geral. Reinhardt (2019:236) observa, a partir de um *corpus* composto por 814 perguntas-QU coletadas de *reality shows*, que a curva entoacional ascendente é mais produzida em perguntas com QU-*in situ* do que com QU-*ex situ* e, embora as duas estratégias possam ocorrer com diferentes padrões, a opção *in situ* é mais provável de ser produzida com essa entoação. Com isso, concluímos que a curva mais produtiva para o QU-*in situ*, ainda que opcional, apresenta final ascendente, não idêntico a de perguntas sim/não; e o padrão mais frequente do QU-*ex situ*, também não obrigatório, é similar a de declarativas simples, com entoação descendente e esses padrões podem variar de acordo com dialeto ou contexto em que as interrogativas são empregadas.

3.3. Aspectos pragmáticos

Em seu trabalho seminal, Chang (1997) defende que no francês há diferenças pragmáticas entre as duas estratégias de pergunta-QU. A autora propõe que as perguntas com QU-*in situ* devem estar associadas a um contexto ‘fortemente’ pressuposto. Para a autora, uma interrogativa com QU-*ex situ* como (19a) pode ser utilizada em um contexto neutro, enquanto (19b), com o elemento-QU *in situ*, deve ser utilizada apenas quando o falante assume que ‘Antoine comprou algo’.

- (19) a. Qu'est-ce que Antoine a acheté?
 que ESK Antoine tem-comprado
 "O que que o Antoine comprou?"
- b. Antoine a acheté quoi?
 Antoine tem-comprado o que
 "O Antoine comprou o quê?"

Chang (1997) classifica o QU-*in situ* em francês como menos aceitável em situações *out-of-the-blue*, estando ele sujeito a contextos mais restritivos. Além disso, a autora compara as construções clivadas a essas perguntas. Para tanto, ela segue Jackendoff (1972) ao assumir que construções clivadas definem pressuposições existenciais, em que o constituinte focalizado pode ser considerado uma variável quantificada existencial (CHANG, 1997:40). Assim,

- (20) a. $\exists x$ Pressup_s(x) é um conjunto coerente no discurso presente
 é bem definido no discurso presente
 é passível de/está em discussão
- b. Focus $\in \lambda x$ Pressup_s(x)

(JACKENDOFF, 1972:246)⁶⁹

Uma sentença clivada, então, pressupõe a existência no discurso de um conjunto de valores sobre a qual a proposição p incide e pelo menos um dos membros desse conjunto deve satisfazer p. Na construção clivada em (21a), portanto, há a pressuposição de existência de que alguém comeu o bolo e há no discurso um conjunto de valores, digamos "Maria", "Pedro" e "Bernardo", no qual um dos membros, "Maria", satisfaz a proposição. Nessa mesma sentença, segundo a autora, seria inaceitável substituir "Maria" por "ninguém" (21b), posto que a proposição carrega a pressuposição de existência de que "alguém comeu o bolo", mas o NP "ninguém" a nega. Por outro lado, seria possível substituir "Maria" por algum outro membro do contexto (21c), sem prejuízo à pressuposição de que "alguém comeu o bolo".

- (21) a. Foi a Maria que comeu o bolo.
 b. ?? Foi ninguém que comeu o bolo.
 c. Foi o Bernardo que comeu o bolo.

⁶⁹ "a. $\exists x$ Pressup_s(x) is a coherent set in the present discourse
 is well-defined in the present discourse
 is amendable to/under discussion

b. Focus $\in \lambda x$ Pressup_s(x)"

(JACKENDOFF, 1972:246)

Estendendo a análise para paradigmas de pergunta-resposta, a autora argumenta que uma resposta negativa é feliz com QU-*ex situ* (22a), embora infeliz tanto com perguntas clivadas (22b) como com QU-*in situ* (22c). Notem:

(22) a. A: Qu'est-ce que Marie a acheté?
que-ESK Maria tem-comprado
"O que que Maria comprou?"

B: Rien.
"Nada"

b. A: C'est quoi que Marie a acheté?
isso-é o que que Maria tem-comprado
"Foi o que que Maria comprou?"

B: ?? Rien.
"Nada"

c. A: Marie a acheté quoi?
Maria tem-comprado o que
"Maria comprou o quê?"

B: ?? Rien⁷⁰.
"Nada"

Para a autora, o QU-*in situ*, assim como a construção clivada, carrega uma pressuposição existencial. Então, (23c) pressupõe a existência de um conjunto de membros passíveis de preencher o valor do elemento-QU e pelo menos um dos membros satisfaz a proposição *Maria comprou x*, resultando na formalização abaixo:

(23) a. A Maria comprou o quê?
a'. $\exists x$ tal que Maria comprou x

Isso não quer dizer, no entanto, que para a ocorrência do QU-*in situ* é necessário que no contexto possamos encontrar um conjunto de respostas possíveis para a pergunta. A própria autora apresenta o seguinte exemplo:

(24) A: Je téléphonerai à Marie avant de partir.

⁷⁰ Os julgamentos variam. Mathieu (2004), por exemplo, argumenta que *rien* "nada" é perfeitamente aceitável como resposta a uma pergunta como "*Marie a acheté quoi?*" (Maria comprou o quê?) no francês coloquial, dado o contexto apropriado.

eu telefonarei a Maria antes de partir
“*Eu telefonarei para Maria antes de sair.*”

B: Vous partez quand?
vous partez quand
“*Você vai embora quando?*”

(CHANG, 1997:45)

No diálogo acima, não há no contexto um conjunto limitado e pré-estabelecido de possíveis datas que possam preencher o valor do elemento-QU. A propósito, não há nenhuma razão para crer que B, ao perguntar “você vai embora quando?”, tenha necessariamente em mente algum conjunto de potenciais respostas para a sua pergunta.

Uma segunda contribuição de Chang (1997) foi propor uma classificação para as perguntas em: **perguntas neutras** – interrogativas genuínas que pedem novas informações em contextos neutros, ou seja, sem qualquer antecedente saliente; perguntas **de precisão** – interrogativas que pedem mais detalhes sobre dado evento/objeto explícito ou pressuposto; e **perguntas de reprise** – ou perguntas-eco, que pedem uma repetição do que foi dito anteriormente. Segundo a autora, as perguntas com QU-*in situ* devem ser classificadas como perguntas de precisão, pois, apesar de pedirem novas informações, fazem-no a partir de um contexto previamente estabelecido, solicitando sobre ele mais detalhes. Imaginamos, embora a autora não comente, que o QU-*ex situ* poderia ser ora classificado como uma pergunta neutra, ora como uma pergunta de precisão, sendo uma opção menos restrita da língua.

Chang (1997), com seu trabalho, abre uma corrente de estudos no francês sobre a interpretação contextual do QU-*in situ* e, por isso, até hoje é citada por suas contribuições. Muitos estudos que vieram depois, tanto em francês como em outras línguas de movimento-QU supostamente opcional, concordam que há uma diferença pragmática entre as construções, sendo o QU-*in situ* mais restrito. Apesar disso, há ainda discordâncias quanto ao que precisa fazer parte do *Common Ground* para que esse tipo de pergunta seja adequado e há os que discordam sobre o grau de pressuposição que deve estar envolvido na construção e se ela é, de fato, diferente da opção *ex situ* no que tange ao licenciamento pragmático. Um grande problema dessa hipótese, levantado por Baunaz & Bonan (2023), é que não há uma explicação clara na literatura para o que de fato significa algo ser ‘fortemente’ pressuposto. Se a todas as perguntas-QU corresponde uma pressuposição, como em (25) abaixo, não fica clara então qual deve ser a diferença entre o QU-*ex situ* e o *in situ*.

(25) Où vas-tu pour les vacances?

onde vai você para os férias

“Para onde você vai nas férias?”

Pressuposição: interlocutor está indo a algum lugar para suas férias.

(BAUNAZ; BONAN, no prelo, p. 8)

Vejam os a seguir algumas propostas para lidar com essa diferença entre as variantes. Boeckx (1999), por exemplo, seguindo a linha de Chang, considera o QU-*in situ* um tipo de clivada ‘coberta’, tendo em vista a relação pragmática entre as duas estruturas, que, para os autores, não poderiam receber respostas negativas. Boeckx (1999) e Boeckx, Stateva & Stepanov (2001), baseados na análise de Percus (1997) para as clivadas, propõem que a pressuposição existencial é codificada por um determinante nulo e refletida na forma morfológica dos sintagmas-QU *in situ*, que não estaria presente no *ex situ*. Para os autores, esse determinante fonologicamente nulo “é responsável pela existência da pressuposição, e também pela implicação singular em perguntas com QU-*in situ*”⁷¹ (BOECKX et al., 2001:64). Já o QU-*ex situ* não pressuposicional não seria encabeçado por esse determinante. A estrutura interna de um elemento-QU *in situ* seria algo como (26):

(26) [DP D [wh-phrase]] (BOECKX et al., 2001:64)

O traço-QU poderia ser checado tanto pelo elemento-QU, com movimento para a periferia esquerda, como pelo determinante nulo, com permanência do elemento-QU *in situ*. Assim, “o traço D, agora em C, induz um contexto pressuposicional”⁷² (BOECKX et al., 2001:65). Os autores, além disso, destacam uma diferença crucial entre as perguntas de QU-*in situ* genuínas e eco: as primeiras, como em (23), carregam a pressuposição de que ‘Maria comprou alguma coisa’ e essa proposição faz parte do *Common Ground*; já a segunda carrega, além da pressuposição, também a resposta, que faz parte do discurso e que, por razões externas, não foi ainda aceita pelo interlocutor (BOECKX et al., 2001:61).

Na contramão dessa análise, Mathieu (2004) propõe que a principal distinção entre o QU-*in situ* e o *ex situ* não é a pressuposição, já que para ele não há diferença nesse sentido entre a versão *ex situ* em (22a) e a *in situ* em (22c): ambas pressupõem que ‘Maria comprou algo’, senão a pergunta sequer seria feita e, nos dois casos, uma resposta negativa, possível nos dois

⁷¹ “The D head is responsible for the existence presupposition, and also for the uniqueness implication in questions with *wh-in situ*” (BOECKX et al., 2001:64).

⁷² “The *wh*-phrase itself remains *in situ* and the D feature, now in C, induces the presuppositional context” (BOECKX et al., 2001:65).

casos, teria um efeito de quebra de expectativa do interlocutor. A diferença está, todavia, no fato de a primeira ser um tipo de DP-cindido, compartilhando com ele, inclusive, uma prosódia similar. Compare, por exemplo, o DP-cindido abertamente em (27a) e não cindido em (27b).

(27) a. **Combien_i** as-tu lu t_i **de livres?**

quanto tem-você lido de livros

“Quanto você leu de livros?”

b. **Combien de livres_i** as-tu lu t_i ?

quanto de livros tem-você lido

“Quanto de livros você leu?”

(MATHIEU, 2004:1093)

Analogamente, em uma pergunta de QU-*in situ*, o operador-Q seria separado de seu nominal, como podemos ver em (28):

(28) Tu vois qui ce soir

[_{Spec-CP} OP_i Tu vois t_i qui ce soir]?

você ver quem esta noite

“Você vai ver quem esta noite?”

(MATHIEU, 2004:1093)

Para formular esse raciocínio, Mathieu baseia-se no fato de que o QU-*in situ* e “DP-cindido” estão sujeitos às mesmas restrições no francês quanto à proibição em negativas e encaixadas (29). Segundo o autor, os DPs cindidos introduzem referentes discursivos, que são tipos especiais de tópico e o QU-*in situ* é um tipo de novo tópico que envolve um referente não proeminente, enquanto o *ex situ*, canonicamente associado ao foco, envolve um referente saliente no discurso.

(29) a. *Il ne voit pas qui?

ele NEG-ver-NEG quem

“Ele não vê quem?”

b. *Combien_i n’as-tu pas lu t_i de livres?

quanto NEG-tem-você-NEG lido de livros

“Quanto você não leu de livros?”

(MATHIEU, 2004:1093-1094)

O autor, no entanto, baseia sua análise em restrições sobre a ocorrência de QU-*in situ* em encaixadas e com negações, embora, conforme já vimos, elas não sejam um consenso na literatura.

Adli (2006) também apresenta evidências contrárias à análise de Chang (1997) baseada na premissa de que o QU-*in situ*, no francês, pertence à língua falada coloquial e não requer um contexto pressuposicional forte diferente de uma pergunta com QU-*ex situ*, posto que a língua falada já está relacionada a um suporte contextual mais marcado em relação à língua escrita (ADLI, 2006:184)⁷³. Em um experimento informal, por exemplo, a autora recolheu dados de QU-*in situ* utilizados em contextos “de sopetão”, como em (30).

- (30) Pardon, il est quelle heure? (ADLI, 2006:184)
Perdão, EXPL-é que horas
“Perdão, são que horas?”

A pergunta em (30), considerada de sopetão por Adli (2006), é baseada em uma pressuposição universal, seguindo a abordagem de Oushiro (2010) traçada para o PB. Portanto, a pergunta “*il est quelle heure?*” (são que horas?) não seria completamente destituída de contexto. Garassino (2022), inclusive, descreve esse tipo de pergunta como ‘pergunta de rotina’ e, baseado em Clark (1996) para quem essas interrogativas seguem um *script* social, o autor considera este um uso adequado para o QU-*in situ* em francês, mesmo em início de conversa⁷⁴. Essas perguntas de rotina incluiriam também exemplos como (31a), dirigida a um vendedor, e que é baseada em uma pressuposição cultural de que ‘produtos custam dinheiro’ (OUSHIRO, 2010) ou (31b), que indaga sobre o nascimento do interlocutor e, portanto, baseada na pressuposição universal de que ‘todo mundo nasce em algum lugar’ (OUSHIRO, 2010).

- (31) a. Ça fait combien, s’il vous plaît? (ROSSI-GENSANE; URSI, 2020:154)
isso faz quanto se ele você agrada
“Ficou quanto, por favor?”
b. Alors, vous êtes né où? Ici à Bayonne? (GARASSINO, 2022:11)
então você é nascido onde aqui a Bayonne
“Então você nasceu onde? Aqui em Bayonne?”

⁷³ Coveney (1996) também argumenta, baseado em análise de *corpora*, que o QU-*in situ* é preferencialmente usado em *français familier*, ou fala coloquial.

⁷⁴ Boucher (2010:108) observou em seus *corpora* que as perguntas com QU-*in situ* tendem a ocorrer em certas situações sociais, como pedidos em restaurantes, compras ou em interrogatórios policiais. Segundo o autor, nesses contextos, o conjunto de possíveis respostas é mais restrito, o que torna uma resposta negativa menos aceitável.

Quanto à aceitabilidade de QU-*in situ* com respostas negativas, Déprez, Syrett & Kawahara (2012:145-146) apresentam um exemplo relevante. Imagine que você está passando sua tarde com alguns amigos e decide convidá-los a um jantar na mesma noite, começando a conversa com (32a) ou (32b). Em ambos os casos, o falante espera uma resposta negativa, para que o convite possa ser realizado e, enfim, aceito. Parece, então, que nem sempre esse tipo de resposta é infeliz com o QU-*in situ* e, dado um contexto apropriado como o abaixo, ela é, inclusive, preferível.

- (32) a. Alors, vous faites quoi ce soir?
então vocês fazem o que esta noite
“Então, vocês vão fazer o que hoje à noite?”
- b. Alors, qu'est-ce que vous faites ce soir?
então o que ESK vocês fazem esta noite
“Então, o que que vocês vão fazer hoje à noite?”

Vemos, então, que há discrepâncias na interpretação do *status* pressuposicional do QU-*in situ* no francês, com autores defendendo que a construção dispara um gatilho pressuposicional ‘forte’ (CHANG, 1997; BOECKX, 1999; CHENG; ROORYCK, 2000; BOECKX et al., 2001), enquanto outros julgam não haver diferença entre as alternativas nesse quesito (STARKE, 2001; MATHIEU, 2004; OIRY, 2011; ZIMMERMANN; KAISER, 2019).

Para Hamlaoui (2011:141), por exemplo, a diferença entre as construções está não no constituinte-QU, mas na porção não-QU. Segundo ela (e posteriormente Mathieu (2016)), o sintagma-QU é uma instância do foco e o QU-*in situ* é possível apenas quando a porção não-QU da sentença não tiver nenhuma informação nova. Essa parte já pressuposta, sendo informação dada, será desacentuada e, por conseguinte, o constituinte-QU acabará recebendo o foco estreito da sentença (p. 147). Enquanto isso, o QU-*ex situ* receberá o foco largo, podendo conter informação nova. Ela então destaca que utilizar o QU-*in situ* no lugar do *ex situ* em contexto de informação dada “é mais apropriado no sentido de ele ser menos redundante por não atribuir acento a um item dado”⁷⁵ (p. 150) e sim ao elemento-QU, o que não aconteceria na opção *ex situ*, que no francês exibe um acento primário à direita e um secundário na palavra-QU. Em outras palavras, o acento fixo à direita, próprio da língua, seria não redundante no QU-*in situ* pois coincidiria com o acento da informação nova, mas redundante na opção *ex situ*, pois

⁷⁵ “[...] the *in-situ* wh-question is more appropriate in the sense that it is less redundant as it does not assign stress to a given item” (HAMLAOUI, 2011:150)

nela haveria dois acentos, o último, inclusive, podendo cair em uma porção com informação nova. Notem o paradigma abaixo:

(33) A: Tu sais qui il a vu ce matin?

você sabe quem ele tem-visto esta manhã

“*Você sabe quem ele viu esta manhã?*”

B: Non, il a vu qui?

não ele tem-visto quem

“*Não, ele viu quem?*”

B’: #Non, qui est-ce qu’il a vu?

não quem ESK ele tem-visto

“*Não, quem que ele viu?*”

(HAMLAOUI, 2011:149)

Conforme Hamlaoui nota, o emprego do QU-*ex situ* em (33B’) é possível, embora menos econômico, pois atribui acento à informação mais a direita que, por acaso, já é dada no contexto. Por sua vez, o uso de QU-*in situ* com informação nova também é possível, mas depende de uma acomodação por parte do interlocutor (p. 156). Seus argumentos seguem na mesma direção de seus achados de 2009, trabalho em que a autora observa um *corpus* de 222 perguntas produzidas por uma repórter francesa conhecida por utilizar em sua fala a modalidade informal da língua. Seus resultados indicam que o QU-*in situ* é, de fato, mais frequente em conjunto com porções não-QU menos informativas, i.e., dadas no contexto (HAMLAOUI, 2009:7).

As análises acústicas de Glasbergen-Plas (2021), discutidas na seção anterior, nos sugerem, contudo, que o QU-*in situ* não precisa necessariamente de uma leitura de foco estreito e que um foco largo, que para Hamlaoui seria típico do QU-*ex situ*, também é possível na construção. Flexibilizando, então, a proposta de Hamlaoui, podemos dizer que mais frequentemente o QU-*in situ* é produzido com foco estreito, sendo, nesses casos, dependente de um antecedente saliente, embora possa ocorrer independente dele no francês.

Baunaz (2005, 2011, 2016), procurando esclarecer os julgamentos contraditórios sobre a necessidade ou não de um contexto ‘fortemente’ pressuposicional no QU-*in situ*, propõe uma divisão do QU-*in situ* no francês em três tipos:

- **Partitivo:** não pode ocorrer em contexto *out-of-the-blue* e deve buscar sua resposta em um conjunto de respostas possíveis pré-definidas. No exemplo abaixo, há um *set* disponível de alternativas {garrafa de champagne, um CD, uma jaqueta} e LN não

tem ideia de qual item Fred escolheu, mas sabe que a resposta deve estar dentro desse conjunto previamente estabelecido, ativando uma leitura partitiva. Em (34), *quoi* “o que” é produzido com entoação levemente descendente.

(34) Contexto: Vanessa e Hélène conversam sobre o presente de Aurélien.

V: Fred hesitou muito entre uma garrafa de champagne, um CD, uma jaqueta...

LN: **OH! Et il a fini par acheter quoi?**

Oh e ele tem-acabado por comprar o que

“*Oh, e ele acabou comprando o quê?*”

V: Uma garrafa de champagne / # nada

(BAUNAZ, 2011:47-48)

- **Específico:** também não pode ocorrer em contexto *out-of-the-blue*, uma vez que dispara a pressuposição de que o interlocutor já possui um referente em mente como resposta à pergunta e o falante dá isso como garantido. No exemplo abaixo, o jornalista procura identificar o culpado já familiar à testemunha com quem ele conversa, i.e., ‘existe um culpado conhecido pela testemunha e o jornalista sabe que ele a conhece e gostaria de saber quem é’. Em (35), a autora identifica uma curva entoacional *fall-rise*, descendo um pouco antes da palavra-QU e subindo na palavra em si.

(35) Contexto: três pessoas são suspeitas de um assassinato envolvendo quatro testemunhas. Um jornalista conversa com uma das testemunhas sobre o julgamento, em que um dos suspeitos é apontado como culpado.

J: **et les témoins ont reconnu qui dans le box des accusés?**

e as testemunhas são-reconhecido quem em o banco dos acusados

“*E as testemunhas reconheceram quem no banco dos réus?*”

(BAUNAZ, 2011:50)

- **Não pressuposicional:** o terceiro e o último tipo de QU-*in situ* pode ser realizado *out-of-the-blue* e sobrevive ao teste de negação (CHANG, 1997; BOECKX, 1999), não envolvendo, portanto, um comprometimento com a pressuposição existencial. Segundo a autora, ele é produzido quando o interlocutor não tem ideia de qual possa ser o referente ou o conjunto de alternativas possíveis como resposta. Em (36), a entoação é percebida como ascendente.

(36) Contexto: Fred e H el ene são bons amigos e conversam por telefone sobre as novas fofocas. Após um tempo, Fred muda de assunto e pergunta.

Fred: **Ah, au fait, tu vois qui vendredi soir?**

ah a propósito você vê quem sexta noite

“Ah, a propósito, você vai ver quem na sexta à noite?”

(BAUNAZ, 2016:142)

Ao contrário do QU-*in situ* n o pressuposicional, o Partitivo e o Específico envolvem uma pressuposi o existencial e, por isso, uma resposta negativa seria menos aceitável. Isso resolveria, portanto, as contradi oes de julgamentos: o QU-*in situ*   possível em ambos os casos, associado ou n o a um contexto com pressuposi o marcada e, no primeiro caso, uma resposta negativa, de fato, seria infeliz.

Na linha de Baunaz (2016), Garassino (2022) propõe uma análise baseada em uma pequena amostra de *corpora* espontâneo do francês e do italiano. Para o autor, o QU-*in situ* não requer necessariamente uma ‘proposi o ativada’ e pode sim introduzir um novo t pico ao discurso, diferentemente do italiano, que depende de um ancoramento em material dado discursiva ou extralinguisticamente, sendo, por isso, uma estrutura mais rara na língua. O autor divide as ocorrências de QU-*in situ* em seu *corpus* em **perguntas de elabora o**, realizadas para pedir um esclarecimento ou maior detalhamento sobre um t pico corrente e que corresponde às categorias **partitivo** e **específico** de Baunaz (2016), como o exemplo em (37a); e **perguntas com fun o de novo t pico**, usadas para iniciar novos t picos, portanto, comparáveis às **não pressuposicionais** de Baunaz (2016), conforme o exemplo em (37b).

(37) a. CYR: Donc...donc moins tu le vois plus tu as de chance.

então então menos você o vê mais você tem de sorte

“Então quanto menos você o vê, mais feliz você fica”

VAL: Non, non...c’est pas  a.

não não isso é NEG isso

“Não, não é isso”

VAL: C’est que pour l’instant... pour me faire   l’idée...

isso é que para o momento para me fazer a a ideia

“  que no momento...para me acostumar com a ideia...”

VAL: c’est bien qu’il soit pas trop pr t.

isso é bom que ele seja NEG muito pronto

“  bom que não seja tão rápido”

CYR: Pour te faire à l' idée de quoi?

para te fazer a a ideia de que

“Para se acostumar com a ideia de quê?”

(GARASSINO, 2022:26)

b. Contexto: mãe e filham conversam ao telefone.

MAM: Voilà...et toi? Qu'est-ce que tu deviens?

veja-lá e você o que ESK você torna

“E aí, o que você tem feito?”

EST: Oh, bien rien. Je travaille. Il pleut. Alors bon...

oh bom, nada eu trabalho EXPL chove então bom

“Ah, bom, nada. Eu estou trabalhado, está chovendo, então bom...”

MAM: Tu travailles, il pleut, tu restes à la maison...

você trabalha EXPL chove você fica a a casa

“Você está trabalhando, está chovendo, você está ficando em casa”

EST: Je monte un peu à cheval et puis voilà, qu'est-ce qu'il dit papa?

eu monto um pouco a cavalo e depois veja-lá que ESK ele diz papai

“Eu estou montando à cavalo e só. O que que o papai fala?”

MAM: Ton discours à Grenoble il est pour quand?

teu discurso a Grenoble ele é para quando

“Sua fala em Grenoble vai ser quando?”

(GARASSINO, 2022:32)

Note que a pergunta em (37b) é baseada em informações previamente compartilhadas entre os participantes da conversa: a mãe sabe que a filha fará um discurso em Grenoble, e só precisa de mais detalhes sobre a data. Nesse caso, o autor considera que o QU-*in situ* “reativa e reelabora em cima de uma informação que já faz parte do *common ground*”⁷⁶ (GARASSINO, 2022:33). Ainda assim, a pergunta está trabalhando com uma informação não ativada no discurso corrente, portanto, segundo Garassino, ela tem função de introduzir um novo tópico na conversa. Com relação ao QU-*in situ* em (37a), note que ele é um ‘QU-*in situ* obrigatório’,

⁷⁶ “[...] *the discourse-new in situ reactivates and elaborates on information that is already part of the common ground*” (GARASSINO, 2022:33).

não sendo possível a contraparte movida nesse caso por não haver um local de pouso na periferia esquerda que possa abrigar o elemento-QU.

Segundo Larrivéé (2019b), em um estudo diacrônico, o QU-*in situ* é uma construção relativamente nova que, embora tenha sido atestada já no século 15 em textos teatrais, somente a partir do século 18 tornou-se de fato produtiva. Para o autor, antes do século 19 a construção era empregada raramente com referência a antecedentes explícitos, ou, nas palavras dele, a partir de uma ativação discursiva. Apenas no francês contemporâneo a construção passou a ser empregada independente de um antecedente explícito no contexto, podendo introduzir um novo tópico discursivo. Para ele, enquanto as raras ocorrências da construção antes do século 19 tinham um valor pragmático categórico, o QU-*in situ* atual não exige uma ativação discursiva, não tendo, portanto, esse mesmo valor. O autor, inclusive, estende brevemente sua análise ao PB, observando que Pires & Taylor (2007) descrevem casos de QU-*in situ* com valor pragmático categórico, notando que também nessa língua a construção parece estar ‘evoluindo’, podendo abarcar casos em que a ativação ocorre de maneira implícita.

Baunaz & Bonan (2023) reconhecem limitações no estudo de Larrivéé, que se limita apenas à ocorrência de uma palavra-QU, *comment* “como”. Por isso, as autoras ampliam o recorte, considerando outros pronomes e um *corpus* maior. Notando que as categorias propostas por Larrivéé – conteúdo proposicional ativado explicitamente no discurso ou não ativado – não dariam conta de todos os dados, as autoras propõem uma terceira categoria: conteúdo proposicional ativado implicitamente. O novo estudo corrobora os achados de Larrivéé, sugerindo um aumento do QU-*in situ* entre 1970 e 2010, que passou de 19% a 62%, e a perda do valor pragmático categórico, visto que a construção não apenas ocorreu diante de ativação explícita, mas também implícita e em contextos sem ativação discursiva⁷⁷.

Em suma, parece ainda não haver um consenso quanto a que contextos são mais favoráveis ao emprego do QU-*in situ* no francês. Segundo os mais conservadores, a construção seria restrita a casos com antecedente saliente ou com um conjunto de respostas possíveis que pode ser inferido a partir do contexto. Por sua vez, há também os que consideram a construção perfeitamente aceitável em contextos *out-of-the-blue*. O quadro no francês parece ainda mais enigmático em relação ao PB na medida que os julgamentos se diferenciam em relação aos fatores pragmáticos (e mesmo sintáticos e prosódicos, conforme vimos neste capítulo). Uma

⁷⁷ Para Baunaz e Bonan (2023), a mudança do francês de uma língua com predomínio de QU-*ex situ* para uma língua com predomínio do QU-*in situ* pode ter sido resultado de um relaxamento das normas sociais com o avanço da internet, por exemplo. Nesse cenário, nenhuma mudança gramatical teve lugar de fato e a maior produtividade do QU-*in situ* ocorreu por este ter deixado de ser uma estratégia mais informal, restrita à fala coloquial.

explicação para essa divergência, conforme apontam Baunaz & Bonan (2023), é a influência da gramática normativa nesses julgamentos de gramaticalidade, pois, conforme já vimos, o QU-*in situ* parece um fenômeno mais restrito à fala coloquial. Segundo Coveney (1996), por exemplo, o QU-*in situ* é preferencialmente usado em *français familier*, ou fala coloquial em contraste com o que ocorre no *français cultivé* (língua culta e aceita na escrita). E esse dado é corroborado quando comparamos pesquisas como as de Al (1976), que encontrou uma taxa de 33% de uso de QU-*in situ* em francês coloquial, com os números reportados por Zuckerman (2001), que observou 5% da construção na fala adulta em *setting* experimental, que contribui a uma maior monitoração da fala. Isso poderia, inclusive, explicar a diferença em julgamentos dos contextos sintáticos em que o QU-*in situ* é aceitável⁷⁸.

3.4. Considerações sobre o capítulo

Neste capítulo vimos que, assim como no PB, no francês também o movimento do elemento-QU ou sua permanência *in situ* estão sujeitos a restrições sintáticas e pragmáticas que parecem refletir diretamente no *status* fonológico da construção. No entanto, ainda há muita discordância a respeito dessas restrições.

Quanto às restrições sintáticas, Bošković (1998), Chang (1997) e Cheng & Rooryck (2000) observam que o QU-*in situ* não é permitido em perguntas de longa distância, com negações, com a palavra-QU *pourquoi*, na presença do complementizador aberto, em perguntas indiretas, com modais e quantificadores. Contudo, uma boa parte da literatura atribui esses julgamentos mais conservadores a uma variação individual ou à maior aceitabilidade da construção no francês coloquial, registro no qual não haveria tais restrições (POLLOCK, 1998; STARKE, 2001; ADLI, 2006; OIRY, 2011; BAUNAZ, 2011; SHLONSKY, 2012; POLETO; POLLOCK, 2015; ZIMMERMANN; KAISER, 2019). As únicas restrições para as quais não encontramos disputa na literatura referem-se à coocorrência de um QU-*in situ* com um complementizador aberto e em perguntas indiretas. Temos, nesse cenário, um padrão menos conservador e semelhante ao que encontramos no PB.

Quanto aos fatores fonológicos, observamos uma discrepância entre os julgamentos. Boa parte da literatura considera que o QU-*in situ* deva ser produzido com curva ascendente.

⁷⁸ Baunaz (2011) sugere uma divisão do francês em duas variedades – coloquial padrão e não padrão – atribuindo à última um alto grau de produtividade do QU-*in situ*, em contextos que não seriam aceitáveis à primeira variedade, como em perguntas de longa distância ou com modais.

No entanto, isso ainda não é consenso, o que parece ocorrer devido a uma variação dialetal ou a diferentes usos contextuais. O que parece se confirmar para o francês é que, embora opcional, a curva entoacional mais produtiva para o QU-*in situ* apresenta final ascendente, mais sutil que a de perguntas sim/não. Já o padrão mais frequente do QU-*ex situ*, também não obrigatório, é similar a de declarativas simples, com entoação descendente.

Quanto aos fatores pragmáticos, o trabalho de Chang (1997) inicia uma corrente de estudos que se debruça sobre as diferenças pragmáticas entre o QU-*in situ* e o *ex situ*. Segundo a autora, no francês, as perguntas com QU-*in situ* devem estar associadas a um contexto ‘fortemente’ pressuposto e solicitam mais detalhes sobre dado evento/objeto explícito ou pressuposto, enquanto sua versão *ex situ* pode ser utilizada em um contexto neutro. Com isso, o QU-*in situ* é menos aceitável em situações *out-of-the-blue* e pareado a respostas negativas, que contradizem a pressuposição estabelecida na pergunta. Esses julgamentos, todavia, também não são um consenso na literatura: nem sempre a resposta negativa parece infeliz com o QU-*in situ* e, dado um contexto apropriado, ela é, inclusive, preferível (DÉPREZ; SYRETT; KAWAHARA, 2012). Além disso, um problema da análise de Chang é que não fica claro o que significa um contexto ser ‘fortemente’ pressuposto (BAUNAZ; BONAN, no prelo). Em outras palavras, é preciso definir ainda o que precisa fazer parte do contexto para que o QU-*in situ* seja feliz. A partir daí, alguns trabalhos procuraram estabelecer o contexto ideal para surgimento da construção e se de fato existe essa diferença entre as estratégias-QU (HAMLAOUI, 2011; BAUNAZ, 2005, 2011, 2016; LARRIVÉE, 2019b; GARASSINO, 2022; BAUNAZ; BONAN, no prelo). Há, nesse embate, autores mais conservadores, para os quais o QU-*in situ* é restrito a casos com antecedente saliente ou com um conjunto de respostas possíveis presente no contexto; e autores mais liberais, para os quais a construção é aceitável, inclusive, em contextos *out-of-the-blue*. Possíveis explicações para essa divergência são, conforme apontam Baunaz & Bonan (2023), a influência da gramática normativa nos julgamentos de gramaticalidade, visto que o QU-*in situ* parece um fenômeno mais restrito à fala coloquial, e a presença de diferentes variedades dialetais nos julgamentos dos autores.

Por fim, a partir de todos esses aspectos, é possível oferecer uma descrição apropriada ao QU-*in situ*. Retomando, DeRoma (2011) propõe, baseada nas restrições supostamente sofridas pelo francês que o operador-Q é gerado junto da expressão-QU e depois se move para Spec,CP. Nesse caso, a ligação entre eles deve ser realizada via *Selective binding*, portanto, sujeita a efeitos de interveniência, o que exclui o uso de QU-*in situ* em perguntas de longa distância, com negação, entre outros. Entretanto, conforme observamos na primeira seção deste capítulo, as restrições parecem ser menos uma questão de agramaticalidade, e mais de uma

inadequação ao francês formal. Sendo esse o caso, analisaremos o QU-*in situ* no francês da mesma forma como fizemos no PB: em ambas as línguas, o sintagma-QU, quando *in situ*, é ligado a distância ao operador Q (que estaria em posição de foco seguindo a proposta de Lacerda (2020) feita para o PB) via *Unselective binding*. E, recebendo *status* de foco, o elemento-QU é identificado como informação nova e recebe acento, ou proeminência, em relação à informação dada.

Aquisição do QU-*in situ*

Neste capítulo, discutiremos a principal polêmica acerca do QU-*in situ* que motivou a presente tese e, principalmente, a comparação entre o francês e o PB. Conforme veremos abaixo, as crianças falantes de PB, mais especificamente do dialeto paulista, favorecem majoritariamente o emprego de QU-*ex situ*, quase nunca produzindo o QU-*in situ*, a despeito de aparentemente ser uma estratégia-QU bastante produtiva na fala adulta. Por sua vez, as crianças francesas, principalmente no dialeto falado em Paris, empregam massivamente a construção, desfavorecendo o emprego das formas que envolvem o movimento-QU, embora a construção não seja igualmente produtiva na fala adulta (ainda que pareça ser mais do que no PB). Ou seja, nas duas línguas as crianças parecem encontrar uma produtividade da construção em seu *input*, mas em uma elas (quase) nunca a utilizam, enquanto na outra elas o fazem massivamente.

Para visualizarmos esse cenário bastante curioso, a seguir discutiremos trabalhos que se basearam em dados espontâneos e experimentais com crianças e adultos falantes das duas línguas. Na seção 4.1, discutiremos dados infantis do PB separados em espontâneos e experimentais, comparando-os a dados adultos; na seção 4.2, faremos o mesmo procedimento, dessa vez com dados do francês; na seção 4.3, apresentaremos as considerações sobre o capítulo.

4.1. Português Brasileiro

No PB, parece haver uma assimetria entre os dados adultos e infantis quanto à produção do QU-*in situ*. Antes de discutirmos a produção infantil propriamente dita, observemos brevemente os dados adultos: Lopes-Rossi (1996:68), por exemplo, coletou dados espontâneos de adultos e reportou no *corpus* televisivo uma frequência de **32,4%** de QU-*in situ* contra 67,6% de estratégias com QU-*ex situ* (de um total de 279 ocorrências) e no *corpus* contendo gravações do NURC/SP, ela encontrou **12,5%** de QU-*in situ* contra 87,5% de perguntas envolvendo QU-

ex situ (de um total de 72 ocorrências)⁷⁹. Oushiro (2012:57), por sua vez, observou um *corpus* sociolinguístico com 53 gravações do português paulistano e encontrou, de um total de 999 perguntas-QU, **22,7%** de QU-*in situ* e 77,3% de QU-*ex situ*. Esses dados, com exceção talvez das gravações do NURC/SP (LOPES-ROSSI, 1996), indicam uma produtividade do QU-*in situ* na fala adulta, o que, conforme veremos, não se verifica na fala infantil.

4.1.1. Dados espontâneos

Sikansi (1999a) observou dados longitudinais de uma criança (G.) entre 2;4 e 3;10 anos e notou que em todo o *corpus* não houve ocorrências de QU-*in situ* em sua fala, enquanto o QU-movido foi produzido em 97,5% dos casos e o QU-(é)-que em 2,5% (de um total de 124 ocorrências) já a partir de 2;08.16 anos. Na fala dos adultos que interagem com ela, a autora encontrou 22,5% de QU-movido, 73,75% de QU-(é)-que e 3,75% de QU-*in situ*, conforme podemos melhor visualizar na Tabela 1 abaixo. Para a autora, a inexistência de QU-*in situ* na fala de G. é evidência de que a estrutura com o elemento-QU *in situ* é adquirida somente mais tarde pela criança.

Tabela 1 – Frequência das perguntas-QU na fala do adulto e da criança G.

Sujeito	<i>In-situ</i>	<i>Ex-situ</i>		Total
		Com “(é) que”	Sem “(é) que”	
Adulto	24 (3,75%)	470 (73,75%)	144 (22,5%)	639
Criança (G.)	0 (0%)	3 (2,5%)	121 (97,5%)	124
Total	24	473	265	762

Fonte: tabela adaptada de Sikansi (1999a:99).

Abaixo, seguem alguns exemplos de construções infantis observadas por Sikansi (1999a: 97-99):

- (1) a. Mamãe, essa, como chama esse? (2;08.16)
- b. Por que esse chama Zezé? (2;08.16)
- c. Que que (vo)cê (es)tá fazendo aqui, o(lha)? (3;00.10)

⁷⁹ Os dados de língua falada coletados por Lopes-Rossi (1996) provêm de falas espontâneas em programas televisivos, tais como entrevistas e debates ao vivo, e de gravações de oito informantes do Projeto NURC/SP.

Em seu trabalho posterior, Sikansi (1999b) investigou a produção espontânea de mais duas crianças e encontrou apenas duas perguntas com QU-*in situ* (0,1%), enquanto o QU-*ex situ* foi produzido em 207 perguntas (99,9%). Segundo a autora, o QU-*ex situ* possui uma interpretação mais neutra, enquanto no *in situ*, o conjunto de valores a que o elemento-QU faz referência deve fazer parte do *Common Ground*. Essa proposta, no entanto, foi descartada para o PB no capítulo anterior por ser um tanto restritiva para dar conta dos dados da língua.

Em seu primeiro trabalho sobre o tema, Grolla (2000:41) observou os dados espontâneos de uma criança (N.) com idade entre 2;0 e 4;0 anos. Das 520 perguntas-QU produzidas por ela, apenas 1,7% das ocorrências foi com QU-*in situ* (8), enquanto o QU-movido foi realizado em 66% dos casos (344), o QU-que em 29,4% (153) e o QU-é-que em 2,9% (15), conforme podemos visualizar melhor na Tabela 2 abaixo.

Tabela 2 – Frequência das perguntas-QU na fala da criança N.

Tipo de pergunta	Ocorrências	Porcentagem
QU-movido	344	66%
QU-que	153	29,4%
QU-é-que	15	2,9%
QU-<i>in situ</i>	8	1,7%
Total	520	100%

Fonte: tabela extraída de Grolla (2000:41).

Abaixo, seguem alguns exemplos de construções infantis observadas por Grolla (2000: 40-56):

- (2) a. Por que você vai durmi aqui? (2;6)
- b. Pra quem que o papai tá telefonando? (3;1)
- c. Como que é que eu faço isso? (3;2)
- d. Pá í aondi? (3;9)
- e. Pá fazê o quê? (3;11)
- f. Eu quero brincar com quê? (3;11)

A autora também notou quão tardia foi a emergência do QU-*in situ* nos dados infantis, uma vez que as poucas observações da estratégia se deram apenas a partir de 3;9 anos, embora ela tenha demonstrado conhecer construções bem mais sofisticadas já a partir dos 2 anos e meio. A criança, por exemplo, produziu nessa idade a primeira estrutura de tópico-comentário, “Tudo

você tem”; e com 2;6 anos sua primeira sentença clivada, “O papai que jogou fora...no lixo...aqui”. Ainda mais complexa foi a primeira oração relativa que apareceu no *corpus* aos 2;10 anos. Em outras palavras, a criança produziu orações aparentemente bem mais complexas que o QU-*in situ* muito antes de a primeira ocorrência dessa construção emergir em seus dados. Todo o panorama das construções A-barras oferecido pela autora evidencia como o QU-*in situ* surgiu tardiamente nos dados de N., uma vez que, antes dos 3;9, ela já produzia sentenças bem mais complexas.

Interessante notar ainda que das três perguntas reportadas acima com QU-*in situ*, apenas uma delas (2f) possibilita a contraparte movida – “com que eu quero brincar?”. As outras duas (2d-e) não oferecem um local de pouso apropriado ao elemento-QU na periferia esquerda – “*aondi pá í?” e “*o que pá fazê?” –, visto que, provavelmente, foram construídas a partir de um antecedente discursivo imediatamente anterior. Ou seja, considerando apenas as perguntas com QU-*in situ* de fato opcional teríamos uma frequência ainda menor do que a reportada pela autora de 1,7%.

Para explicar seus achados, Grolla assume que a criança inicia sua aquisição com a marcação do parâmetro que rege o movimento-QU no valor [+Movimento-QU], produzindo apenas o QU-*ex situ*, posto que não encontra uma *pista* saliente e não ambígua de que sua língua permite perguntas sem movimento, como, por exemplo, uma partícula de pergunta similar em línguas como o chinês e o japonês. Mais tarde, a criança, encontrando uma *pista* em seu *input*, altera a marcação para [+/- Movimento-QU], passando a produzir também o QU-*in situ*. Essa *pista*, segundo a autora, seria o [pro_{especial}], existente em construções como “Quem que você gosta [pro_{especial}]?”, em que não há conectividade categorial entre o verbo (que seleciona um PP) e o argumento (um DP). Tais estruturas surgiram nos dados apenas a partir dos 3;5 anos. Para ela, a existência de um [pro_{especial}] indica a ausência de movimento do elemento-QU “quem” da posição argumental para a periferia esquerda, que seria gerado diretamente na base, na projeção de Foco. A criança, então, percebendo a existência de dependências-A’ criadas sem movimento, altera a marcação do parâmetro tornando-se capaz de produzir sentenças com o QU-*in situ*.

Mais tarde, Lessa-de-Oliveira (2003), analisando as perguntas-QU de duas crianças adquirindo o dialeto falado em Vitória da Conquista/Bahia e com idades entre 18 e 30 meses, notou um cenário bastante diferente daquele encontrado em São Paulo. Enquanto no dialeto paulista, observado por Grolla (2000) e Sikansi (1999), as crianças não produziram quase nada de QU-*in situ* em suas interrogativas, no dialeto analisado por Lessa-de-Oliveira, a construção emergiu nos dados a partir de 1;07.09 e foi produzida em abundância, totalizando

aproximadamente 80% das perguntas-QU contra 20%, distribuído entre as outras estratégias *ex situ* (QU-movido, QU-que, QU-é-que e é-QU-que⁸⁰). Os resultados sugerem, assim, que a variação dialetal exerce influência sobre a aquisição das interrogativas de constituinte pelas crianças brasileiras, fazendo com que elas não sigam sempre o mesmo itinerário de emergência dos diferentes tipos de perguntas. Além disso, para a autora, a frequência com que a construção aparece no *input* desempenha papel fundamental na definição da ordem de emergência das estratégias, tendo em vista que o QU-*in situ*, forma interrogativa mais empregada pelas crianças de Vitória da Conquista, foi também a forma mais frequente no *input* recebido. Para ela, então, as crianças seguem um percurso de aquisição das estruturas interrogativas guiadas por sua frequência no *input*: a estratégia mais empregada pelas pessoas com quem elas interagem emerge primeiro na fala infantil, sendo também mais frequente nos primeiros meses de desenvolvimento linguístico.

Na tabela abaixo, vemos que a estratégia com QU-*in situ* foi a primeira a surgir na fala de L., sendo também a mais frequente em seu *input* e totalizando 81,7% das ocorrências.

Tabela 3 – Frequência no *input* da criança L. e ordem de emergência das perguntas-QU na fala de L.

Ordem	Por frequência no <i>input</i> de L.		Por surgimento nos dados de L.	
1 ^a	QU- <i>in situ</i>	81,7%	QU- <i>in situ</i>	1;7.9
2 ^a	QU-que	6,0%	QU-que	1;7.27
3 ^a	QU-movido	5,7%	QU-movido	1;8.6
4 ^a	QU-é-que	4,3%	QU-é-que	2;2.15
5 ^a	é-QU-que	2,3%	é-QU-que	2;3.6

Fonte: tabela extraída de Lessa-de-Oliveira (2003:409).

Já na tabela seguinte, referente aos dados de E., a autora destacou uma diminuição na frequência de QU-*in situ* produzida no *input*, o que causaria uma aquisição mais tardia da construção em relação ao QU-movido.

⁸⁰ A construção é-QU-que, que não é observada no dialeto paulista, é encontrada no dialeto estudado por Lessa-de-Oliveira (2003) em sentenças como “É o que que ele quer?”.

Tabela 4 – Frequência no *input* da criança E. e ordem de emergência das perguntas-QU na fala de E.

Ordem	Por frequência no <i>input</i> de E.		Por surgimento nos dados de E.	
1^a	QU- <i>in situ</i>	53,5%	QU-movido	1;6.9
2^a	QU-movido	25,4%	QU-<i>in situ</i>	1;9.6
3^a	QU-é-que	9,8%	QU-é-que	1;11.4
4^a	QU-que	9,4%	QU-que	2;1.14
5^a	é-QU-que	1,9%	é-QU-que	-

Fonte: tabela extraída de Lessa-de-Oliveira (2003:409).

Mais tarde, Grolla (2009) observou a fala espontânea de L., com idade entre 1;10 e 5;6 anos e adquirindo o PB falado em São Paulo, e comparou-a ao *input* recebido por ela e aos dados de N., investigados em Grolla (2000). Os resultados sugerem novamente uma baixa frequência do QU-*in situ* no *corpus* infantil – 1,7% (7 das 412 perguntas-QU) na fala de L. e 1,7% (8 das 520 perguntas-QU) na de N. Enquanto isso, no *input* de L. a construção foi empregada em 9,3% (67) das 719 perguntas-QU. Por outro lado, a estratégia mais produtiva na fala das crianças foi o QU-movido (com 73,5% nos dados de L. e 66% na fala de N.) e em segundo lugar o QU-que (com 20,9% em L. e 29,4% em N.). No *input* de L., o tipo de pergunta mais produzido foi o QU-que (32,2%) e em segundo lugar o QU-movido (31,1%). O QU-é-que foi a terceira estratégia mais produzida por elas (com 3,9% em L. e 2,9% em N.), sendo também a terceira estratégia no *input* de L. (21,4% dos casos). Além disso, a estratégia com QU-*in situ* foi a última a emergir na fala das duas crianças: aos 3;9 na fala de N. e aos 3;11 nos dados de L., enquanto o QU-movido surgiu já aos 2;2 em N. e 2;0 em L.

Tabela 5 – Frequência das perguntas-QU na fala de L. e N. e no *input* de L.

Tipo de pergunta	<i>Input</i> da Luiza	Luiza	Natália
QU-movido	224 (31,1%)	303 (73,5%)	344 (66%)
QU-que	274 (38,2%)	86 (20,9%)	153 (29,4%)
QU-é-que	154 (21,4%)	16 (3,9%)	15 (2,9%)
QU-<i>in situ</i>	67 (9,3%)	7 (1,7%)	8 (1,7%)
Total	719 (100%)	412 (100%)	520 (100%)

Fonte: tabela extraída de Grolla (2009:93).

Grolla argumenta, com isso, que seus dados não podem ser comparados diretamente aos de Lessa-de-Oliveira, tendo em vista serem frutos de dialetos que se comportam de maneiras diferentes no que concerne às perguntas-QU: por exemplo, enquanto no dialeto baiano, aceita-se a construção *non-D-linked* “que diabo” em posição *in situ*, no paulista, consideramo-la bastante degenerada. Além disso, Lessa-de-Oliveira relata também a observação da estrutura “é-QU-que”, como em “É o que que ele quer?”, que não encontramos no dialeto paulista.

A autora, então, lança a hipótese de que é possível que as estruturas nesses dois dialetos tenham derivações diferentes. Para tanto, Grolla se baseia na proposta de Kato (2004), para quem o QU-*in situ* seria uma opção derivacionalmente mais complexa do que o *ex situ*, como já discutimos no segundo capítulo. Para a autora, a construção com QU-*in situ* no dialeto paulista seguiria essa análise e envolveria, na realidade, dois movimentos, sendo, assim, a última estratégia a emergir nos dados das crianças que seguiriam o Princípio da Economia nos primeiros estágios da aquisição. Já no dialeto baiano, o QU-*in situ* envolveria uma estrutura diferente, com nenhum movimento do elemento-QU, sendo então uma estrutura derivacionalmente mais econômica do que o *ex situ*, o que explicaria sua aquisição precoce.

Um outro estudo que utilizou dados espontâneos em sua análise foi o de Silveira (2011) que observou amostras transversais e longitudinais de 17 e 6 crianças, respectivamente, com faixa etária entre 1;10 e 5;0 anos de idade. Os dados foram coletados no Rio de Janeiro e em São Paulo e o autor encontrou ocorrências de QU-*in situ* já a partir de 2;04 anos, conforme exemplos em (3). Em seu trabalho, ele não apresenta a frequência da construção na fala das crianças observadas, mas já é possível constatar uma aquisição não tão tardia da estrutura, comparado ao que antes foi relatado por Grolla (2000, 2009). Ainda assim, o QU-*in situ* emergiu, segundo o autor, de forma tardia em relação às outras estratégias e estruturas A-barras mais sofisticadas, seguindo a ordem: QU-movido > QU-que > QU-é-que/QU-*in situ* (SILVEIRA, 2011:185).

- (3) a. Bota o quê? (2;5)
c. É o quê? (2;5)
d. Eles vão beber o quê? (2;10)
e. Ele tá fazendo o que num barco? (2;10)

(SILVEIRA, 2011:139)

Baseado em Soares (2004), o autor defende que a ordem de emergência pode ser explicada pela complexidade estrutural das construções. Seus resultados, então, corroboram a análise de Grolla (2009), segundo a qual as crianças iniciam a aquisição optando pelas

alternativas derivacionalmente mais econômicas (QU-movido/QU-que), que envolveriam supostamente apenas um movimento; e somente mais tarde produzem as estratégias computacionalmente mais complexas (QU-é-que/QU-*in situ*), que envolveriam dois movimentos.

Além da questão concernente ao QU-*in situ*, os resultados discutidos até agora surgem como evidência contrária à proposta de Kato & Raposo (1994), segundo a qual as interrogativas do tipo QU-movido, como “Quem me deu o CD?”, seriam derivadas de orações clivadas. De acordo com os autores, a partir da estrutura da oração clivada em (4a), poderíamos ter o alçamento aberto do foco para Spec,FP da oração matriz resultando na interrogativa em (4b) do tipo QU-é-que. A partir de (4b), poderíamos também ter o apagamento da cópula, resultando em uma pergunta com QU-que (4c) e; a partir de (4c), poderíamos ter o apagamento do complementizador “que”, resultado, por fim, no QU-movido (4d).

- (4) a. Estrutura da oração clivada:
 [FP [TP pro copula [α_i] [DP (o N)_i] [CP (que)_i] [TP ...t_i...]]]]
 b. Quem_i é t_i que me deu o CD?
 c. Quem que me deu o CD?
 d. Quem me deu o CD?

(KATO; RAPOSO, 1994:8)

Segundo essa análise, a interrogativa com QU-é-que seria derivada de uma oração clivada e daria origem à estratégia com QU-que que, por sua vez, daria origem ao QU-movido. No entanto, Grolla (2005) observa que a criança investigada começou a produzir suas interrogativas com QU-movido aos 2;03 anos, bem antes de suas primeiras orações clivadas emergirem nos dados, o que aconteceu apenas aos 3;02 anos (conforme vimos também na crítica à análise de Cheng (1991)). Ou seja, a oração clivada que supostamente seria a origem das outras estruturas surgiu nos dados quase um ano depois do QU-movido, que seria o último estágio da derivação proposta pelos autores.

Além disso, as crianças produzem majoritariamente o QU-movido (73,5% nos dados de L.), sendo o QU-é-que bem pouco produzido por elas (3,9% nos dados de L. em Grolla (2009:93)). Curioso pensar então que o QU-é-que seja a pergunta que dá origem ao QU-movido e ao QU-que, sendo ela a menos utilizada e de aquisição mais tardia em relação às outras duas estratégias. Em verdade, o QU-movido é o mais produtivo na fala infantil e, nessa análise, seria o último estágio da derivação, surgindo apenas após o alçamento do foco para FP (resultando em QU-é-que), apagamento da cópula (QU-que) e apagamento do complementizador (QU-

movido). Os dados de aquisição corroboram, então, a análise de Miotto (1994), Sikansi (1999) e Grolla (2009) discutida no segundo capítulo, para os quais o QU-que possui a mesma estrutura do QU-movido, com o preenchimento do núcleo C pelo complementizador “que” e o QU-é-que deriva da sentença clivada, sendo, conseqüentemente, adquirido de forma mais tardia.

Discutiremos, a seguir, dois estudos experimentais realizados no PB com o objetivo de eliciar perguntas com QU-*in situ*, que, conforme vimos, é uma construção bastante escassa na fala infantil espontânea.

4.1.2. Dados experimentais

O primeiro estudo a ser discutido aqui é o de Alvarez (2009), que procurou explorar a influência do *Common Ground* na produção de QU-*in situ* por crianças adquirindo PB. Partindo da proposta de Pires & Taylor (2007), apresentada acima, Alvarez conduziu um experimento com 18 crianças adquirindo PB, com idades entre 3;8 a 6;5. Seu experimento foi composto por duas partes, uma **não controlada**, em que o entrevistador, usando um fantoche anteriormente introduzido, fazia perguntas à criança do tipo “você mora onde?”/“o que você gosta de desenhar?”, e pedia que ela também fizesse perguntas para satisfazer sua curiosidade sobre o fantoche; e outra **controlada**, em que o entrevistador introduzia uma discussão entre duas personagens, Shrek e Fiona, e pedia que a criança mediasse a conversa entre eles. No exemplo abaixo, a fala de Shrek devia ser usada como base para as perguntas da criança:

- (5) Shrek: Você pode me ajudar? Eu quero muito saber o lugar em que a Fiona foi. Ela foi pra algum lugar e agora voltou. Você não quer perguntar pra ela?

Sua previsão era que o modo como o experimento fora conduzido aumentaria o emprego do QU-*in situ* pelas crianças, já que, de acordo com Pires & Taylor (2007), o *Common Ground* – colocado no jogo pela fala de Shrek – facilita o surgimento dessa construção. Todavia, nenhuma ocorrência de QU-*in situ* foi observada na parte controlada do estudo. Por sua vez, em contextos em que o *Common Ground* não fora linguisticamente estabelecido, na parte não controlada, obteve-se uma frequência de 5,45% de QU-*in situ* na fala dos adultos e 7,2% na das crianças (6). Os resultados o levaram a concluir que a introdução de um *Common Ground* entre o sujeito entrevistado e o fantoche parece não motivar a produção de perguntas com QU *in situ*, ao contrário do que se esperava.

- (6) a. Contexto: após responder “o futebol” à pergunta “o que você gosta de ver na TV?”.

Adulto: “Torce pra que time?”

b. Contexto: a criança pega um papel com nomes de alguns colegas e tenta lê-los.

Criança: “Aqui tá escrito o quê?”

(ALVAREZ, 2009:7-8)

Para o autor, o QU-*in situ* parece ser mais produtivo quando o *Common Ground* deixa de ser construído apenas a partir do discurso linguístico e passa a abarcar também outros itens contextuais, como pressuposições universais e culturais, seguindo a proposta de Oushiro (2010), discutida no segundo capítulo. Isso explicaria por que o QU-*in situ* é tão pouco produtivo na fala infantil, uma vez que pressuposições desse tipo são menos comuns no universo da criança nas primeiras fases da aquisição.

O segundo estudo que discutiremos foi conduzido por Vieira (2018), autora desta tese. Nele, elaboramos uma tarefa de produção eliciada, com a qual entrevistamos 52 crianças com idades entre 4;6 e 5;6 e 60 adultos para formar o grupo controle. Seguindo Pires & Taylor (2007) e DeRoma (2011), propomos uma metodologia para controlar a proeminência ou não proeminência do *Common Ground*. Para tanto, optamos por um jogo em que as crianças, a partir de instruções, completavam imagens de animais realizando alguma ação.

Na condição com *Common Ground* proeminente, o fantoche recebia um conjunto de cartas com animais comendo bolo, tocando algum instrumento, entre outras ações. Já a criança recebia cartas incompletas e cartelas de adesivos com as quais ela poderia montar um cenário igual ao da carta escolhida pelo fantoche. O fantoche, então, selecionava uma carta (que não era mostrada à criança) e oferecia dicas sobre ela, como no exemplo em (7), para que a criança pudesse completar a sua carta de modo análogo à do fantoche:

(7) Fantoche: Eu tenho um gatinho na minha carta. Meu gatinho está comendo alguma coisa.

Perguntas esperadas: - Seu gatinho está comendo o quê?

- O que o seu gatinho está comendo?

- O que que seu gatinho está comendo?

- O que é que seu gatinho está comendo?

Já na segunda condição, com *Common Ground* menos proeminente, a criança recebia cartas incompletas e cartelas de adesivos, podendo montar o cenário que desejasse. O fantoche, que ficava escondido atrás de um aparato, não tinha permissão para ver a carta feita pela criança, precisando adivinhar o cenário escolhido por ela a partir das perguntas. O entrevistador

conduzia o teste de forma que a criança fizesse as perguntas ao fantoche e para isso ele seguia um *script* como exemplificado abaixo.

(8) Contexto: a criança monta uma carta com um gato dentro de uma piscina.

Entrevistador: fala para o fantoche qual animalzinho você escolheu.

Criança: eu escolhi um gato.

Entrevistador aponta para a piscina e convida a criança: agora vamos fazer uma pergunta sobre esse objeto aqui?

Algumas perguntas esperadas: - Dentro de que o gato está?

- Onde o gato está nadando?

- O gato está dentro do quê?

Como nesse contexto a criança era livre para perguntar utilizando quaisquer verbos e montar quaisquer cenários, sem precisar se restringir à dica do fantoche, por isso a variação entre as perguntas esperadas era maior. As previsões gerais eram que: (i) o QU-*in situ* seria facilitado em contextos com *Common Ground* mais proeminente, ou seja, contextos com um antecedente discursivo saliente em que o sujeito só precisava pedir mais informações sobre ele, como na primeira condição; (ii) o QU-*in situ* seria desfavorecido em contextos no qual o *Common Ground* era menos proeminente, como na segunda condição.

Os resultados do estudo acompanharam as previsões e, de fato, o estabelecimento de um *Common Ground* teve relevância na produção da estrutura interrogativa, tanto na fala adulta como infantil, e ambos os grupos produziram mais QU-*in situ* na condição em que a porção não-QU era oferecida como antecedente (χ^2 , p-valor < 0,001). Os adultos produziram a construção em 49,5% das perguntas-QU na condição com *Common Ground* proeminente, enquanto na condição não proeminente ela foi produzida em 33,5% das vezes. Já as crianças a empregaram em 26% das perguntas-QU na condição proeminente e em 15,7% na não proeminente.

Esse estudo indica que, dado o contexto adequado para emergência da estrutura, as crianças a utilizam em taxas produtivas, nunca antes observadas na literatura de PB paulista. Ainda assim, os adultos a empregaram em aproximadamente o dobro de oportunidades. Os resultados, então, sugerem que as crianças observadas, entre 4;6 e 5;6 anos – mais velhas que aquelas estudadas nos estudos longitudinais – possuem a estrutura em sua gramática, mas ainda a utilizam pouco em relação ao adulto, preferindo outras estratégias que envolvam o movimento do elemento-QU, mesmo nos contextos que mais a favorecem.

4.1.3. Sumário da seção

Os estudos com dados espontâneos envolvendo o dialeto paulista sugerem que as crianças pouco utilizam a construção com QU-*in situ*, apesar de esta parecer uma forma produtiva na fala adulta. Além disso, a estrutura emerge tardiamente na fala infantil em relação aos outros tipos de pergunta, e mesmo em relação a outras estruturas A-barra mais sofisticadas. Considerando, então, que os dados de Lopes-Rossi (1996) e de Oushiro (2012) indicam uma produtividade do QU-*in situ* na fala adulta, resta explicar por que as crianças possuem taxas tão baixas de produção da estrutura no dialeto paulista, distanciando-se do adulto.

Uma explicação razoável seria postularmos uma diferença no que diz respeito ao emprego de perguntas-QU entre o que os adultos produzem em entrevista com outros adultos, como é o caso de entrevistas sociolinguísticas ou fala televisiva, e o que eles empregam em sua fala dirigida à criança (*child directed-speech*, CDS). Se este for o caso, não é possível comparar a fala infantil a um estudo como o de Lopes-Rossi (1996) e Oushiro (2012), pois seus *corpora* não equivaleriam a dados de um *input* em potencial. Em outras palavras, se os adultos produzem junto a seus pares muito mais QU-*in situ* do que produziriam com uma criança, haverá uma diferença entre o que a criança ouve e a fala não dirigida a ela. Por isso, esperamos encontrar dados interessantes na comparação entre as produções das crianças observadas e a fala dirigida a elas durante as seções.

Os trabalhos de Grolla (2009) e Sikansi (1999a) já sugeriam uma diferença no emprego do QU-*in situ* entre a CDS e aquela não dirigida à criança (LOPES-ROSSI, 1996; OUSHIRO, 2012). Grolla, por exemplo, relatou um emprego de 1,7% de QU-*in situ* na fala infantil, enquanto o adulto o produzia a taxas de 9,3%. Já Sikansi não encontrou nenhuma ocorrência da construção nos dados da criança, ao passo que seu *input* produziu 3,75%. Nos dois trabalhos, o QU-*in situ* foi a forma interrogativa menos utilizada tanto pelas crianças como pelos adultos com quem elas interagem, o que parece sugerir uma influência da frequência no *input* no itinerário de aquisição, como observou Lessa-de-Oliveira (2003).

Apesar de concordarmos com o papel crucial exercido pelo *input* nessa questão e, com efeito, pretendemos explorar essa hipótese mais adiante, esta não pode ser a história completa. A relação entre *input* e fala infantil, como vimos acima, nem sempre é direta: as crianças observadas por Grolla (2009) e Sikansi (1999a), por exemplo, produziram mais o QU-movido, enquanto em seu *input* havia mais QU-que. Inclusive, os próprios dados de Lessa-de-Oliveira (2003) apontam isso: no *input* de E., o QU-*in situ* foi a estrutura significativamente mais empregada (em 53,5% dos casos) e mesmo assim não foi a primeira forma interrogativa a

emergir na fala infantil. E isso implica dizer que uma mera coincidência entre *input* e aquisição não daria conta de explicar tudo o que encontramos nos dados infantis.

Estudos em psicolinguística têm argumentado que uma alta frequência no *input* de dada construção pode guiar as construções infantis nos primeiros estágios de aquisição (DIESEL; TOMASELLO, 2000; BYBEE; HOPPER, 2001; HUTTENLOCHER et al., 2002; BOD et al., 2003). E, de fato, notamos essa coincidência em diversos fenômenos e estudos, como é mostrado por Lessa-de-Oliveira (2003). Por outro lado, Yang (2015), a partir de um *corpus* robusto do inglês infantil contendo 3 milhões de palavras, observou que palavras irregulares bastante frequentes são tão suscetíveis a passarem por erros de sobre regularizações quanto palavras menos frequentes: *blew*, por exemplo, foi a palavra mais sobre regularizada, embora tenha sido bastante frequente no *input* recebido pela criança. Em outras palavras, embora o *input* tenha um papel fundamental no processo de aquisição, e muitas vezes a ordem e frequência das estruturas pareça caminhar lado a lado com ele, isso nem sempre acontece e, por isso, o *input* não pode ser a única explicação para o que notamos nos dados infantis.

Uma outra possibilidade que, todavia, não exclui as outras, é de que o QU-*ex situ* e o QU-*in situ* não são alternativas em competição livre, estando elas associadas a aspectos de cunho sintático e pragmático que as distanciam. Defenderemos, aqui, que o QU-*ex situ* é uma opção mais neutra de pergunta que pode ser empregada tanto em contextos *out-of-the-blue* como vinculados a uma pressuposição enriquecida, enquanto o *in situ* não pode ocorrer em todas as situações, tornando-se mais restrito. Além disso, há menos contextos sintáticos em que as estratégias são de fato opcionais, o que diminui consideravelmente a distribuição das perguntas-QU. Com isso, adaptaremos a proposta de Zuckerman (2001) ao postular que, em um primeiro momento da aquisição, as crianças podem não ser sensíveis a essas restrições. Elas, então, optam pela opção mais neutra de pergunta (e não a mais econômica, conforme propõe o autor) e que pode ser produzida em todos os contextos pragmáticos.

4.2. Francês

Nesta seção, trataremos da aquisição do francês, língua na qual as crianças se comportam de forma oposta ao PB. Enquanto no PB as crianças parecem desfavorecer o uso de QU-*in situ*; no francês elas o favorecem, produzindo altas porcentagens da estrutura em dados de fala espontânea. No entanto, conforme veremos, os resultados de estudos disponíveis na literatura são bastante variáveis, principalmente quando comparados os dados espontâneos aos experimentais. Além disso, há ainda uma segunda controvérsia a ser analisada nesta seção: há

nessa língua uma assimetria entre fala adulta e infantil, uma vez que, enquanto as crianças geralmente produzem mais QU-*in situ*, os adultos tendem ao equilíbrio entre as duas formas (ao menos nos estudos com fala coloquial).

Antes de passar aos dados infantis, consideremos então alguns dados adultos para comparação. Hamlaoui (2009), por exemplo, utilizando um *corpus* de 222 perguntas produzidas por uma repórter da rádio francesa *Là-bas si j'y suis*, conhecida por utilizar consistentemente a variedade do francês coloquial, observou a produção de 47,3% de QU-*in situ* (105 ocorrências)⁸¹. Em contrapartida, Zuckerman (2001), utilizando um método experimental para eliciar perguntas-QU – sobre o qual trataremos com mais detalhes adiante – encontrou apenas 5% de QU-*in situ* na fala adulta.

Para Boucher (2010), essa variação entre os estudos evidencia que a construção faz parte de um registro mais informal, de fala ou escrita, e seu emprego aumentará em registros informais e decairá drasticamente em situações formais, como é o caso de um estudo experimental como o de Zuckerman (2001). Para corroborar sua hipótese, o autor traz dados coletados de diferentes tipos de registro, uns mais formais que outros, e aponta uma variação bastante surpreendente: no *corpus Julliot*, composto por conversas informais entre amigos, o autor observou 47% (63 ocorrências) de QU-*in situ*, enquanto no *corpus Chroniques*, composto por interrogatórios formais, a construção apareceu em apenas 11,11% (1 ocorrência).

A construção, portanto, é bastante produtiva na fala adulta informal, abrangendo quase metade das perguntas-QU. Vejamos, agora, como as crianças francesas se comportam com relação às interrogativas de constituinte, frente à produtividade tanto do QU-*in situ* quanto das estratégias com QU-*ex situ* na fala adulta.

4.2.1. Dados espontâneos

Nos dados espontâneos do francês, parece haver uma preferência geral das crianças pelo QU-*in situ*. Hamann (2006), por exemplo, compara a produção de três crianças falantes de francês como primeira língua e todas elas parecem preferir a construção com QU-*in situ* nos primeiros estágios da aquisição. Nas tabelas abaixo, esquematizadas a partir dos resultados de

⁸¹ Hamlaoui (2009) compara seus dados aos de Ashby (1977) para o Francês. Nele, 38,8% das ocorrências de pergunta-QU foram do tipo *in situ*, o que sugere, para a autora, um aumento histórico do uso da construção na fala coloquial.

Hamann (2006:162), observamos a produção infantil de Louis, Augustin e Marie divididas em três períodos⁸²:

Tabela 6 – Frequência das perguntas-QU no *corpus* de Louis

Louis	QU-<i>in situ</i>	QU-<i>ex situ</i>
1;09.26 – 2;00.08	62,5% (5)	37,5% (3)
2;01.04 – 2;02.04	84,2% (16)	15,8% (3)
2;02.17 – 2;03.29	88,6% (31)	11,4% (4)
Média %	78,4%	21,6%

Fonte: tabela adaptada de Hamann (2006:162).

Tabela 7 – Frequência das perguntas-QU no *corpus* de Augustin

Augustin	QU-<i>in situ</i>	QU-<i>ex situ</i>
2;00.02 – 2;03.10	66,7% (2)	33,3% (1)
2;04.01 – 2;06.16	94,4% (67)	5,6% (4)
2;09.02 – 2;09.30	85% (17)	15% (3)
Média %	82%	18%

Fonte: tabela adaptada de Hamann (2006:162).

Tabela 8 – Frequência das perguntas-QU no *corpus* de Marie

Marie	QU-<i>in situ</i>	QU-<i>ex situ</i>
1;08.26 – 2;01.07	90,9% (10)	9,1% (1)
2;01.18 – 2;03.03	81,2% (26)	18,8% (6)
2;03.13 – 2;06.10	80,6% (25)	19,4% (6)
Média %	84,2%	15,8%

Fonte: tabela adaptada de Hamann (2006:162).

Todas as crianças produziram mais QU-*in situ*, em uma média de 81,5% das perguntas-QU, do que QU-*ex situ*, empregado em 18,5% das vezes. Comparando seus dados aos de

⁸² No texto original, Hamann (2006) utiliza a nomenclatura “*fronted-Wh*” (QU-deslocado) para a categoria QU-*ex situ*. Aqui, para mantermos a uniformidade na apresentação dos dados, faremos essa adaptação do termo nas tabelas a seguir.

Philippe, criança francesa observada por Crisma (1992), cujos resultados estão esquematizados na tabela 9, Hamann nota uma disparidade significativa em relação aos seus achados.

Tabela 9 – Frequência das perguntas-QU no *corpus* de Philippe

Philippe	QU-<i>in situ</i>	QU-<i>ex situ</i>
2;01.19 – 2;02.17	0% (0)	100% (35)
2;02.26 – 2;03.21	1,3% (1)	98,7% (78)
2;06.13 – 2;07.18	40,7% (81)	59,3% (118)
Média %	14%	86%

Fonte: tabela adaptada de Hamann (2006:162).

A criança, a despeito do que os dados de Louis, Augustin e Marie apontam, desfavoreceu o emprego de QU-*in situ* nos três períodos em que fora observado. Philippe não produziu nenhuma pergunta com QU-*in situ* entre 2;1.19 a 2;2.17 anos de idade; no segundo período (2;2.26 a 2;3.21 anos), produziu 1,3% de QU-*in situ* contra 98,7% de QU-*ex situ*; e apenas após os 2;6 anos a taxa de QU-*in situ* chegou a 40,7%, enquanto a de QU-*ex situ* decaiu para 59,3%. Embora haja uma lacuna de três meses entre a faixa etária do segundo período e do terceiro que não existe entre o primeiro e o segundo, que poderia indicar uma aquisição mais gradual da construção, os achados ainda são curiosos.

Hamann explica esses resultados notando que não há, em um primeiro momento, perguntas desse tipo no *input* de Philippe e, apenas após contato com o entrevistador, que produz a construção, ele parece notar a possibilidade de manter o elemento-QU *in situ*. Para a autora, apenas o fato de a estrutura começar a fazer parte do *input* de Philippe, já é o suficiente para que ele passe a empregá-la, no terceiro momento, em taxas produtivas, visto que a construção, segundo Hamann, é mais econômica em relação ao QU-*ex situ*. O *input*, portanto, teve papel crucial na produção infantil, pois foi somente a partir do contato com a estrutura que a criança começou a produzi-la.

Em um estudo mais recente, Becker & Gotowski (2015) analisaram 50 arquivos do *corpus* espontâneos Palasis 2010, disponível na Plataforma CHILDES (MACWHINNEY, 2000), composto pela interação entre 20 crianças com idades entre 2;09 - 3;10 e seu professor. Comparando a produção de *qu'est-ce que* e *quoi*, o pronome “o que” e sua contraparte *in situ* respectivamente, as autoras encontraram uma assimetria entre fala adulta e infantil: enquanto o adulto privilegiou o emprego de QU-*ex situ* (um total de 83,4%), produzindo em contrapartida

16,6% de QU-*in situ* (125 ocorrências), as crianças optaram majoritariamente pelo QU-*in situ*, 88,2% (97 ocorrências), produzindo apenas 13 perguntas com o elemento-QU fronteado (11,8%), conforme observamos na tabela abaixo⁸³:

Tabela 10 – Frequência das perguntas-QU em dados espontâneos do francês

Grupo	QU-<i>in situ</i>	QU-<i>ex situ</i>
Crianças	88,2% (97)	11,8% (13)
Adultos	16,6% (125)	83,4% (626)

Fonte: tabela adaptada de Becker & Gotowski (2015:5).

Seus resultados corroboram aqueles encontrados por Hamann (2006), posto que também em seu *corpus* as crianças favoreceram o emprego de QU-*in situ*. E, de fato, parece haver no francês uma assimetria entre a preferência do adulto e a da criança no que se refere às estratégias de pergunta, o que sugere que a frequência no *input* não parece ser o único fator a guiar a criança na produção das interrogativas-QU.

Segundo Becker e Gotowski, essa maior produtividade do QU-*in situ* demonstrada pelas crianças pode ser explicada em termos pragmáticos. Para elas, em perguntas com QU-*ex situ*, o elemento-QU é o elemento focalizado, ou seja, é a informação que não pode ser pressuposta a partir do contexto; no QU-*in situ*, por outro lado, o valor do elemento-QU já está presente no *Common Ground* e pode ser capturado a partir de seus antecedentes discursivos. A criança pode, em um primeiro momento, interpretar o antecedente como suficientemente saliente mesmo quando ele não é, produzindo, assim, maiores taxas de QU-*in situ*. Mais tarde, a criança passa a perceber que o QU-*in situ* é utilizado apenas quando o valor do seu elemento-QU pode ser recuperado a partir do contexto e começa a diminuir seu uso da construção, aproximando-se da língua alvo.

As autoras analisam o QU-*in situ* como um novo tópico, seguindo Mathieu (2004), que compara a construção aos Split-DPs, uma vez que neles há uma separação entre a palavra-QU e seu DP (9a) e no QU-*in situ*, uma separação entre o Operador e a palavra-QU (9b). Para o autor, as estruturas são similares também por estarem sujeitas às mesmas restrições, como a não

⁸³ No texto original, Becker & Gotowski (2015) utilizam a nomenclatura “*fronted-Wh*” (QU-deslocado) para a categoria QU-*ex situ*. Aqui, para mantermos a uniformidade na apresentação dos dados, faremos essa adaptação do termo na tabela a seguir.

aceitabilidade em perguntas com negações, que, como vimos no capítulo anterior, é ainda uma restrição controversa na literatura do francês.

- (9) a. Combien_i as-tu lu t_i de livres?
quanto tem-você lido de livros
“*Quanto você leu de livros?*”
b. [Op_i [Tu as lu quoi_i]]
você tem lido o quê
“*Você leu o quê?*”

(BECKER; GOTOWSKI, 2015:6)

Caso o QU-*in situ* seja de fato uma espécie de tópico no francês, o elemento-QU deve sempre encontrar um antecedente no *Common Ground* que possa preencher seu valor. Ou seja, os valores possíveis como resposta à pergunta estão já no contexto e são compartilhados entre os falantes da conversa. Mas as crianças, ainda nos primeiros estágios, não fariam essa distinção e atribuiriam em demasia o referente ao discurso, contando com o compartilhamento egocêntrico de suas crenças e com a atenção conjunta entre ela e seu interlocutor.

4.2.2. Dados experimentais

Zuckerman (2001), procurando entender como as crianças falantes de francês lidam com uma opcionalidade⁸⁴ tal qual a das perguntas-QU, aplica uma tarefa de eliciação de perguntas-QU com 33 crianças entre 4;0 e 5;9 e 22 adultos falantes nativos da língua. O método consistiu na introdução de um fantoche tímido disposto a conversar apenas com crianças (e não com adultos). A criança, por isso, deveria fazer perguntas ao boneco a partir da instrução dada pelo entrevistador. Tendo estabelecido o contexto da brincadeira, o entrevistador apresentava perguntas-QU na forma indireta, conforme exemplo abaixo, para que o sujeito devolvesse a pergunta ao fantoche seja com QU-*in situ* ou qualquer uma das possibilidades com QU-*ex situ*.

- (10) Entrevistador: Je veux savoir où il est allé.
eu quero saber onde ele é ido
“*Eu quero saber aonde ele foi.*”

Possível pergunta: Il est allé où?

⁸⁴ Zuckerman (2001) explora também outras construções com aparente opcionalidade, tais como estruturas encaixadas com partícipio auxiliar e estruturas com auxiliar mais infinitivo do holandês; inversão sujeito-verbo do hebraico e interrogativas negativas do inglês.

ele é ido onde
 “Ele foi aonde?”

(ZUCKERMAN, 2001:99)

Os resultados sugerem que os adultos favorecem o emprego de QU-*ex situ*, com destaque para a forma com inversão, produzida em 62% das perguntas-QU, e desfavorecem o emprego de QU-*in situ*, usado em apenas 5% das ocorrências. Na fala infantil, houve, contrariando os dados espontâneos, maior produtividade de QU-movido (+KESK)⁸⁵ na fala infantil (89%), enquanto o QU-*in situ* foi empregado em uma proporção similar à adulta (6%).

Tabela 11 – Frequência das perguntas-QU em dados experimentais

Grupo	QU-movido + inversão	QU-movido + ESK	QU-movido (+KESK)	QU- <i>in situ</i>	Total
Crianças	5% (40)	0	89% (784)	6% (57)	881
Adultos	62% (412)	5% (36)	28% (188)	5% (32)	668

Fonte: tabela extraída de Zuckerman (2001:101).

A maior produtividade do QU-movido na fala infantil pode ser explicada pelo modo como o método foi conduzido, com um possível e provável efeito de *priming*⁸⁶ facilitando a

⁸⁵ Zuckerman (2001:94-95) inclui na categoria QU-movido também as construções com ‘*qu’est-ce que*’ (o que que) que, para ele, diferem de construções com outros pronomes-QU + ESK, como ‘*comment est-ce que*’ (como que). O autor analisa ‘*qu’est-ce que*’ como uma única palavra (nomeado por ele como KESK) que emerge na fala infantil ao mesmo tempo que o QU-movido, enquanto outras palavras-QU com a partícula ESK surgem apenas mais tarde. Philippe, por exemplo, produz sua primeira pergunta com KESK aos 2;01.19, juntamente com seu primeiro QU-movido. Somente aos 3;03.12 a criança passa a produzir a partícula com outros pronomes, como ‘*où est-ce que*’ (onde que).

⁸⁶ Branigan, Pickering, Liversedge, Stewart & Urbach (1995:489) observam que “o *priming* sintático é um fenômeno no qual a exposição a uma sentença com uma construção sintática particular pode afetar o processamento subsequente de uma outra sentença com a mesma (ou, talvez, relacionada) estrutura”. Experimentos sugerem que o sistema cognitivo é sensível à relação entre estruturas correlacionadas, por exemplo (i) e (ii) que são semanticamente e lexicalmente diferentes, mas sintaticamente idênticas.

- (i) The teacher gave the boy the exercise.
o professor deu o garoto o exercício
“O professor deu ao garoto o exercício.”
- (ii) The man showed the woman the letter.
o homem mostrou a mulher a carta
“O homem mostrou à mulher a carta.”
- (iii) [[DetN]_{NP} [V [Det N]_{NP} [Det N]_{NP}]_{VP}]

(BRANIGAN et al.,1995:491).

Nos exemplos acima, se o processamento de (i) facilitar o processamento de (ii), dizemos que ocorreu um *priming* sintático. Nesse caso, há maior facilidade em produzir a segunda sentença após o contato com a primeira, já que o esforço associado ao processamento das sentenças semelhantes foi diminuído. No estudo de Zuckerman (2001), o entrevistador usava uma pergunta-QU na forma indireta, como em (iv). Perceba que na forma destacada temos

estrutura movida. Devemos salientar ainda que as crianças entrevistadas por Zuckerman são mais velhas do que aquelas observadas por Crisma (1992), Hamann (2006) e Becker & Gotowski (2015). O autor considera, assim, que suas crianças já estejam em um estágio posterior em sua gramática, produzindo menos QU-*in situ* e se aproximando da gramática adulta. Além disso, o autor encontrou uma associação entre o uso de QU-*in situ* e a idade das crianças, posto que quanto mais novas, mais elas optaram pela construção e, embora com uma média final (6%) muito semelhantes à dos adultos (5%), ele conclui que, ainda assim, as crianças utilizam mais QU-*in situ*. Em outras palavras, no francês parece haver uma tendência à diminuição da produção da construção conforme a idade do sujeito aumenta. Essa observação, junto às pesquisas com dados espontâneos, faz com que o autor defenda um percurso na aquisição que comece com a opção mais econômica (QU-*in situ*), passando pelas intermediárias (QU-movido e QU-movido + ESK), até chegar à menos econômica (QU-movido + inversão).

Zuckerman (2001) assume, portanto, que existe uma noção de economia linguística que guia as produções dos falantes. Segundo ele, “a noção de economia representa uma certa tendência do sistema gramatical em diminuir o processamento a um mínimo e preferir simplicidade”⁸⁷ (p. 5) e, munidas desse princípio, as crianças tendem a optar pela derivação menos custosa, a saber, o QU-*in situ*, que envolve apenas um movimento coberto, considerado pelo autor mais econômico em relação ao movimento aberto sofrido pela opção *ex situ*. A criança começaria produzindo a opção mais econômica e, assim que obtivesse evidência suficiente das outras construções presentes em seu *input*, moveria para o próximo estágio de aquisição, produzindo outras estratégias e se aproximando da gramática adulta. O autor argumenta, com isso, que as “crianças adotam os princípios da economia para selecionar entre alternativas no processo de aquisição. Quando um caso de aparente opcionalidade emerge no

uma pergunta com QU-*ex situ* (única possibilidade em casos de perguntas indiretas). Se tivermos o fenômeno de *priming* em funcionamento, é esperado que a pergunta feita pelo entrevistado seja também com QU-*ex situ* (v), ao invés do QU-*in situ* (vi), com uma estrutura superficial diferente da sentença anteriormente ouvida.

- (iv) Je veux savoir **où il est allé.**
eu quero saber onde ele é ido
“Eu quero saber aonde ele foi.”
- (v) **Où il est allé?**
onde ele é ido
“Aonde ele foi?”
- (vi) **Il est allé où?**
ele é ido onde
“Ele foi aonde?”

(ZUCKERMAN, 2001:99)

⁸⁷ “The notion of economy represents a certain tendency of the grammatical system to decrease computation to a minimum and to prefer simplicity” (Zuckerman, 2001:5).

input, o candidato mais econômico é escolhido”⁸⁸ (p. 53). Ademais, as crianças, nos primeiros estágios de aquisição, apenas utilizam os princípios de economia por não serem ainda sensíveis às diferenças pragmáticas e estilísticas entre as variantes.

Assim como no estudo de Zuckerman (2001), também o experimento conduzido por Oiry & Demirdache (2006) apontam em uma direção diferente daquela encontrada nos dados espontâneos: o QU-*in situ* não parece ser a preferência geral das crianças em *settings* experimentais. Testando 20 crianças com idades entre 3;02 e 5;11 a partir de um método de eliciação de perguntas em que a criança era induzida a questionar o fantoche, as autoras observaram de um total de 124 ocorrências uma prevalência do QU-*ex situ* (65%) sobre o *in situ* (22,5%)⁸⁹. Além disso, diferente de Zuckerman, as autoras não encontraram nenhuma correlação entre idade e produção de QU-*in situ*: crianças mais jovens não produziram mais ocorrências com essa estrutura do que as mais velhas (OIRY; DEMIRDACHE, 2006:309).

Strik (2007), também defendendo que as crianças começam sua aquisição pelas estruturas derivacionalmente menos complexas, ou seja, QU-*in situ*, e somente mais tarde adquirem as mais complexas, ou seja, QU-*ex situ*, conduz um experimento com 36 crianças e 24 adultos falantes de francês como primeira língua a fim de checar a produção das perguntas-QU nos diferentes grupos etários. Para verificar os efeitos de idade, a autora testou 12 crianças com idade entre 3;2 e 3;8, 12 entre 4;0 e 4;6 e 12 entre 6;4 e 6;8. O método foi conduzido de forma que o sujeito era incentivado a fazer perguntas a um fantoche robô que vinha de outro planeta, conforme *script* abaixo que elicia uma pergunta de sujeito.

(11) Experimentador: quelqu'un lit des histoires à Tommy. Demande lui qui.
qualquer um lê as histórias a Tommy pergunte ele quem
“Alguém está lendo as histórias para o Tommy. Pergunte a ele quem é”.

Possível pergunta: Qui te lit des histoires?
quem te lê as histórias
“Quem está lendo as histórias?”

(STRIK, 2007:11)

⁸⁸ “Children adopt the principles of economy to select among alternatives in the process of acquisition. When a case of apparent optionality arises in the input, the most economical candidate will be chosen” (Zuckerman, 2001:53).

⁸⁹ O restante das sentenças, 12,5% (15 ocorrências), foram respostas ambíguas (OIRY; DEMIRDACHE, 2006:309).

Seus resultados sugerem que, com exceção das crianças de 3 anos, os sujeitos produzem mais perguntas com QU-*ex situ* do que *in situ*. Nos dados das crianças de 3 anos, houve um leve aumento de ocorrências de QU-*in situ*, que, no entanto, não foi significativa. Já nos dados das crianças de 4 e 6 anos e dos adultos houve uma produção significativamente maior de perguntas com QU-*ex situ* em relação ao *in situ*. Por fim, apenas os adultos produziram interrogativas com inversão, o que para a autora sugere uma maior complexidade sintática da construção⁹⁰.

De acordo com Strik, os dados confirmam parcialmente sua hipótese, já que as crianças mais novas (3 anos) produziram mais QU-*in situ* do que *ex situ*, embora os valores não tenham sido significativos. Quando mais velhas, as crianças equipararam-se aos adultos, visto que passaram a demonstrar preferência pela versão com movimento-QU. A autora ainda salienta que a baixa produtividade de QU-*in situ* na fala adulta pode ter ocorrido por conta do registro linguístico envolvido no contexto experimental, em que o sujeito tende a valorizar um registro menos coloquial, deixando de lado, por isso, o QU-*in situ*, típico do *français familier*.

Mais tarde, Strik (2008) realiza um segundo estudo experimental com crianças francesas adotando um método de eliciação similar ao do estudo anterior. Os sujeitos entrevistados foram 12 crianças com idades entre 3;3 e 3;7, 12 entre 4;0 e 4;7, 12 entre 6;5 e 6;9 e 12 adultos que compunham o grupo controle. Dessa vez, nenhum dos grupos etários demonstrou preferência pelo QU-*in situ* em perguntas de objeto: mesmo as crianças com 3 anos, que no estudo anterior tinham produzido mais interrogativas com essa estrutura, optaram mais vezes pelo movimento-QU, produzindo menos de ¼ de Q-*in situ* (STRIK, 2008: 252).

Comparando seus resultados aos anteriores, a autora nota uma variação significativa: enquanto no estudo de 2007, o QU-*in situ* em perguntas de objeto ocorreu em aproximadamente 50% nos dados de crianças com 3 anos e entre 25% e 30% na fala das crianças com 4 e 6 anos; nesse estudo mais recente, as crianças de 3 anos produziram menos de 25%. Para a autora, é possível que a partir dos 3 anos a operação de movimento-QU já faça parte da gramática infantil e, por isso, nessa idade elas já não demonstram mais preferência pela estrutura *in situ*, o que não se verificava nos dados espontâneos de Hamann (2006), que observou crianças com menos de 3 anos. Além disso, a autora também considera os efeitos de *priming* sintático da metodologia experimental que podem ter favorecido o emprego de QU-*ex situ*, visto que era utilizada uma pergunta indireta para eliciar as perguntas-QU das crianças. Esse problema,

⁹⁰ Strik (2007) não apresenta números absolutos ou porcentagens, apenas um gráfico com uma média da produção e os resultados estatísticos.

conforme observamos acima, pode também ter influenciado na maior incidência de *QU-ex situ* no estudo de Zuckerman (2001).

Mais recentemente, Gotowski (2017) conduziu um experimento de eliciação de perguntas-QU com 12 adultos e 19 crianças, com idades entre 3;09 e 5;08, falantes de francês como primeira língua. Seu método consistia em apresentar aos sujeitos, acompanhados de um fantoche, duas imagens diferentes com animais realizando ações como ‘pintar’. Eles então eram solicitados a fazer perguntas ao fantoche para checar se ele prestara ou não atenção. A autora esperava que as crianças, seguindo o princípio de economia, produzissem mais *QU-in situ*, evitando, assim, o movimento aberto do elemento-QU⁹¹.

Tabela 12 – Frequência das perguntas-QU em dados experimentais

Grupo	QU-<i>ex situ</i>	QU-<i>in situ</i>	Outras	Total
Crianças	51% (78)	12% (18)	37% (56)	100% (152)
Adultos	79% (76)	1% (1)	20% (19)	100% (96)

Fonte: tabela adaptada de Gotowski (2017:105).

Em seus resultados, os adultos produziram majoritariamente o *QU-ex situ* e apenas uma pergunta com *QU-in situ*. Da mesma forma, as crianças produziram mais a construção com movimento aberto do elemento-QU (51%), produzindo *QU-in situ* apenas em 12% das perguntas-QU. Além disso, as autoras não encontraram correlação entre idade e emprego de *QU-in situ*, ou seja, as crianças mais novas não produziram mais ocorrências da construção do que as mais velhas; em verdade, as duas crianças mais novas produziram apenas perguntas com *QU-ex situ*, enquanto uma das mais velhas (5;08) produziu várias ocorrências de *QU-in situ* (GOTOWSKI, 2017:106). A hipótese de que as crianças são guiadas pelo princípio da economia nos primeiros estágios da aquisição não foi confirmada nos resultados de Gotowski, já que, se isso estivesse ocorrendo, o contrário seria esperado: o *QU-in situ* seria a preferência das crianças mais novas, sofrendo diminuição na fala das mais velhas.

Quanto à produção adulta, a autora recorre à já comentada hipótese de o *QU-in situ* fazer parte de uma fala mais coloquial. Assim, em um contexto experimental, o sujeito sendo gravado monitora mais sua fala, prezando pela gramática normativa. Nesse cenário, o *QU-ex situ* é

⁹¹ No texto original, Gotowski (2017) utiliza a nomenclatura “*fronted-Wh*” (QU-deslocado) para a categoria *QU-ex situ*. Aqui, para mantermos a uniformidade na apresentação dos dados, faremos essa adaptação do termo na tabela a seguir.

considerado a forma mais “correta” (nas palavras da própria autora (GOTOWSKI, 2017:107)) e o QU-*in situ*, conseqüentemente, fica fadado a ser menos produzido.

4.2.3. Sumário da seção

Nesta seção, discutimos dados infantis espontâneos e experimentais, comparando com dados adultos do francês. Vimos primeiro que o QU-*in situ* é uma estratégia bastante produtiva na fala adulta (HAMLAOUI, 2009; BOUCHER, 2010). No entanto, essa produtividade varia conforme o registro de fala em análise: Boucher (2010), por exemplo, observou que em um *corpus* composto por conversas informais entre amigos, a construção ocorreu em 47% das perguntas-QU, enquanto em um *corpus* composto por interrogatórios formais, o QU-*in situ* apareceu em apenas 11,11%. A hipótese de que o QU-*in situ* é mais restrito à fala coloquial tem sido defendida por uma boa parte da literatura do francês (COVENEY, 1996; STARKE, 2001; ADLI, 2006; TAILLEUR, 2013; LARRIVÉE, 2019; ZIMMERMANN; KAISER, 2019; BAUNAZ; BONAN, no prelo a.o).

Também encontramos uma variação bastante marcada entre os dados espontâneos e experimentais do francês. Com relação aos dados espontâneos, o estudo de Hamann (2006) encontrou uma média de 80% da construção na fala de três crianças e notou que nos dados de Philippe, observado por Crisma (1992), a construção que antes não era empregada, passou a ser bastante produtiva após ser usada em seu *input* durante as entrevistas. A autora atribui então um importante papel ao *input* recebido pelas crianças que não só é responsável por introduzir a variante em sua gramática, fazendo-as reconhecerem que a língua permite o movimento coberto do elemento-QU, mas também por fazer com que elas produzam menos ocorrências com QU-*in situ* conforme ficam mais velhas, alcançando, por fim, a gramática adulta que, em registro coloquial, utiliza a variante em aproximadamente metade das perguntas-QU (HAMLAOUI, 2009; BOUCHER, 2010).

Segundo a autora, e outros defensores do Princípio da Economia como Zuckerman (2001), o QU-*in situ* é a opção preferencial das crianças francesas nos primeiros estágios de aquisição e basta que a variante seja introduzida em seu *input*, mesmo que de forma pouco robusta⁹², para que a criança a prefira em relação à opção *ex situ*. Para Zuckerman (2001), as crianças são guiadas por uma noção geral de economia linguística e, por isso, tendem a preferir derivações menos custosas, a saber, o QU-*in situ* que envolve apenas um movimento coberto.

⁹² Segundo Hamann (2006), os cuidadores de Philippe não utilizavam a variante *in situ* e a criança teve maior contato com ela somente a partir das interações com o entrevistador.

Mais tarde, elas passam ao próximo estágio de aquisição, produzindo também outras estratégias-QU, o que, para Hamann, seria ajustado conforme o *input* recebido. Elas adotam tal princípio da economia no início do processo, segundo Zuckerman, por ainda não serem sensíveis às diferenças pragmáticas e estilísticas entre as variantes, que são reconhecidas apenas com o tempo.

Becker & Gotowski (2015) corroboram esses resultados, observando que as crianças em seu *corpus* produziram majoritariamente o QU-*in situ* (88,2%), apesar de essa não ser a forma privilegiada pelo adulto com quem interagem (16,6%). Esse estudo, no entanto, incorre em um problema. Nele, as autoras analisam 50 gravações compostas pela interação entre 20 crianças e seu professor. Se, como vimos, o QU-*in situ* é mais restrito ao francês coloquial, um *corpus* em que o adulto a interagir com as crianças é um professor, inserido em um ambiente escolar que supostamente preza pela gramática normativa, talvez não seja o mais adequado. Esse mesmo problema parece ter sido enfrentado pelos estudos baseados em dados experimentais. Conforme notamos, nesses contextos, o QU-*in situ* não é a forma privilegiada pelas crianças: 6% (ZUCKERMAN, 2001); 22,5% (OIRY; DEMIRDACHE, 2006); 12% (GOTOWSKI, 2017) e menos de ¼ de acordo com Strik (2008). Mas, conforme vimos, é possível também que nesses estudos experimentais tenha ocorrido o efeito do *priming*, favorecendo a produção de QU-*ex situ*.

Por isso, neste trabalho optamos pela análise de *corpora* espontâneos do francês e do PB, em que as crianças interagem com adultos em situações cotidianas, como a hora do banho, o almoço, a brincadeira, entre outros. Observando as crianças inseridas, de fato, em um registro de *français familier*, ouvindo um discurso dirigido a elas, encontraremos um *input* potencial mais adequado.

4.3. Considerações sobre o capítulo

Neste capítulo, discutimos dados adultos do PB e do francês e como as crianças se comportam na produção das perguntas-QU nessas duas línguas que permitem tanto o QU-*in situ* como o *ex situ*.

A princípio, o que nos chama atenção no PB, mais especificamente no dialeto paulista, é a produtividade de QU-*in situ* na fala adulta – 22,7% (OUSHIRO, 2012) e 32,4% (LOPES-ROSSI, 1996) – que, no entanto, não é acompanhada pelas crianças – 0% em Sikansi (1999a) e 1,7% em Grolla (2000). Enquanto isso, no francês adulto a construção é também produtiva (HAMLAOUI, 2009; BOUCHER, 2010), mas as crianças, diferentemente do PB, produzem

altas taxas de *QU-in situ*, em média 80% em dados espontâneos (HAMANN, 2006). No francês, então, a construção é de fato mais produtiva, abrangendo quase metade das perguntas-QU, enquanto no PB, temos uma média de 27%. Isso, no entanto, ainda não parece suficiente para explicar por que as crianças falantes de PB (quase) nunca produzem a construção, enquanto as francesas o fazem na grande maioria de suas perguntas-QU.

Além disso, há também o fato de que no francês parece haver uma questão de informalidade ligada à variante interrogativa *in situ*. E isso fez com que muitos estudos experimentais obtivessem números inferiores da construção na fala adulta. O trabalho de Zuckerman (2001), por exemplo, reportou uma taxa de 5% de *QU-in situ* nos dados adultos coletados a partir de um método de produção eliciada. Essa frequência foi, por anos, considerada como base para comparação com os dados infantis de Hamann (2006), o que despertava ainda mais curiosidade e reforçava a hipótese de que a criança era guiada pelo princípio da economia: mesmo ouvindo apenas 5% de *QU-in situ*, ela produzia massivamente a construção, em aproximadamente 80% de suas perguntas-QU (HAMANN, 2006).

Esperamos, com este trabalho, contribuir para algumas dessas polêmicas, levando em consideração as seguintes perguntas. No *input* recebido pela criança francesa, há, em verdade, poucas ocorrências dessa construção, conforme relata Zuckerman (2001), ou, como observa Hamlaoui (2009) e Boucher (2010), o *QU-in situ* é uma estratégia-QU produtiva no registro coloquial do francês? E no PB, a criança de fato tem, no discurso dirigido a ela, tal produtividade relatada por Lopes-Rossi (1996) e Oushiro (2010), ou a construção é bem menos robusta em seu *input*? E se a construção é produtiva na fala adulta nas duas línguas, por que, então, as crianças se comportam de formas opostas? Seria o caso de postularmos que as crianças francesas são guiadas pelo Princípio da Economia, dando preferência à derivação menos custosa, mas não as crianças falantes de PB? Ou seria o caso de o *QU-in situ* ser mais econômico em francês, mas não em PB?

Visualizemos ainda o seguinte cenário: conforme Zuckerman (2001) argumenta, as crianças francesas são guiadas pela noção geral de economia, produzindo majoritariamente o *QU-in situ*, pois ainda não são sensíveis às diferenças pragmáticas e estilísticas entre as variantes interrogativas. Se, de fato, essas diferenças existem, as crianças francesas passariam a produzir menos *QU-in situ* conforme percebem que essa variante deve ser restrita a contextos ou registros de fala específicos, adotando, em seu lugar, outras estratégias de perguntas-QU e se aproximando da gramática adulta. Já as crianças falantes de PB começariam com a opção interrogativa menos restrita, o *QU-ex situ*, e só depois, quando fossem sensíveis às diferenças pragmáticas entre as variantes, passariam a empregar o *QU-in situ* nos contextos apropriados.

Em outras palavras, as crianças francesas começariam com uma variante mais específica, o QU-*in situ*, generalizando-a para todos os contextos, e mais tarde afunilariam seu uso, restringindo-a a apenas alguns casos; enquanto isso, as crianças falantes de PB começariam com a variante menos específica, o QU-*ex situ*, corretamente generalizando-a para todos os contextos e, mais tarde, passariam também a empregar o QU-*in situ* em casos específicos. Esse cenário, evidentemente, só pode ser considerado caso o QU-*in situ* esteja de fato associado a contextos pragmáticos específicos nas duas línguas, o que também pretendemos verificar neste trabalho. De toda forma, as crianças fariam um percurso oposto em francês e em PB, um fato que é por si só bastante curioso e que pode trazer impactos para o que sabemos sobre o que pode estar envolvido no processo de aquisição de linguagem de modo mais geral.

Dados da Pesquisa

Neste estudo, nos valeremos de dados espontâneos do português brasileiro e do francês que nos ajudarão a melhor compreender o desenvolvimento infantil com relação ao QU-*in situ*, com um olhar especial para os contextos em que ele é produzido, explorando aspectos sintáticos, fonológicos e pragmáticos da estrutura.

A coleta de dados espontâneos tem sido usada durante muito tempo na área de aquisição de linguagem como uma forma de acessar a produção infantil e formular respostas sobre como as crianças reconhecem as estruturas que são produzidas em seu *input* e as adquirem. O estudo longitudinal de Brown (1973) com três crianças falantes de inglês – Adam, Sarah e Eve – continua sendo até hoje uma fonte de dados confiável para os atuais pesquisadores. Os dados espontâneos são úteis por fornecerem um conjunto rico de informações sobre a fala infantil – com destaque para as produções nos primeiros estágios de aquisição, quando a criança pode ainda não responder adequadamente a metodologias experimentais – e sobre o próprio curso do desenvolvimento linguístico.

Uma outra vantagem do uso desses dados é o modo como a coleta é realizada: os trabalhos que usam fala espontânea são os menos prováveis de serem afetados pelas demandas adicionais das metodologias experimentais (STROMSWOLD, 1996:25), isto é, em um estudo de eliciação de perguntas-QU, as crianças podem não produzir a estrutura solicitada, não necessariamente por não dominarem dada construção, mas por não compreenderem a tarefa ou por ela exigir demandas adicionais para os quais o *parser* ainda é limitado. Além disso, para o presente trabalho há ainda uma vantagem adicional no uso de dados naturalísticos, pois para a construção de interesse – QU-*in situ* – foram analisados individualmente os contextos em que ela ocorria, visando traçar um panorama mais amplo de seu uso. Para isso, foi essencial uma coleta de dados espontâneos, uma vez que em um desenho experimental os contextos para sua ocorrência seriam restritos àqueles propostos pela tarefa.

Há, no entanto, algumas consequências diante da escolha de análise desse tipo de dado: embora o uso de dados naturalísticos seja uma importante ferramenta para o acesso à produção infantil, ele apresenta limitações. A ausência de uma dada construção no *corpus* não pode ser

prematuramente interpretada como sua ausência na gramática infantil: é possível que a criança já tenha essa estrutura em sua gramática, mas ela não apareceu durante as sessões de gravação. Por isso, uma estrutura mais complexa ou menos frequente na língua pode nunca surgir na amostra: este é o caso, por exemplo, de construções passivas que são relativamente pouco frequentes na produção infantil espontânea (DEMUTH, 1996:19). A ausência de dada estrutura pode também ser explicada pela falta de contextos apropriados à sua emergência, pelo acaso, ou por questões de ordem cognitiva, como desenvolvimento da memória de trabalho, funções executivas, teoria da mente, entre outros. Para tentarmos contornar essa dificuldade, coletamos dados de 4 crianças em cada língua, o que nos trará um *corpus* de dados maior com o qual trabalhar.

Neste capítulo, apresentaremos os *corpora* do PB e do francês utilizados no presente estudo, detalhando o processo de tratamento desses dados. Na primeira seção, discutiremos os objetivos do estudo que motivaram a utilização de dados naturalísticos; na segunda seção, traremos as perguntas de pesquisa, que esperamos responder a partir da análise desses dados; na terceira seção, apresentaremos os *corpora* do PB e o do francês; na quarta seção, apresentaremos a metodologia utilizada no tratamento dos dados, para posterior análise e comparação entre as línguas.

5.1. Objetivos

O objetivo geral deste estudo é investigar a aquisição de perguntas-QU por crianças falantes de PB e de francês como primeiras línguas, especialmente no que diz respeito ao QU-*in situ*. Para tanto, os objetivos específicos são:

- (i) observar a ordem de emergência e frequência das diferentes estratégias de pergunta-QU no PB e no francês;
- (ii) investigar a ordem de emergência e taxas de produção da palavra-QU, sua função sintática e a complexidade do constituinte interrogativo em cada língua;
- (iii) investigar as características entoacionais do QU-*in situ*, em relação a outras construções relevantes, para cada língua;
- (iv) investigar os contextos pragmáticos envolvidos na produção das diferentes estratégias de pergunta-QU nas duas línguas;

- (v) comparar as produções infantis às dos adultos, a fim de identificar semelhanças e diferenças entre os grupos etários e verificar a influência exercida pelo *input* na produção infantil de cada língua;
- (vi) comparar as duas línguas no que diz respeito à frequência, ordem de emergência, características sintáticas, fonológicas e, por fim, pragmáticas envolvidas na construção relevante.

5.2. Perguntas de Pesquisa

Este trabalho busca responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- (i) Que aspectos sintáticos (pronomes interrogativos, função sintática, complexidade do constituinte), fonológicos (curva entoacional da pergunta), ou externos à estrutura da sentença (frequência no *input* e contexto pragmático) influenciam na produção do QU-*in situ* no PB infantil?
- (ii) Que aspectos sintáticos (pronomes interrogativos, função sintática, complexidade do constituinte), fonológicos (curva entoacional da pergunta), ou externos à estrutura da sentença (frequência no *input* e contexto pragmático) influenciam na produção do QU-*in situ* no francês infantil?
- (iii) Quais desses aspectos justificariam o comportamento aparentemente oposto das crianças adquirindo francês e PB, com relação à aquisição e uso das interrogativas-QU?

5.3. Apresentação do *Corpus*

O material do PB coletado para este trabalho faz parte do *corpus* Santana-Santos, organizado pela Profa. Dra. Raquel Santana Santos (USP) contendo transcrições da fala espontânea das crianças: Leonardo, Luana, Maria Eliza e Túlio. O *corpus* analisado consiste em amostras longitudinais dessas quatro crianças, nascidas no estado de São Paulo, com faixa etária entre 1;02.28 e 5;06.07, e seu *input*. As interações foram gravadas em um total de 308 sessões com duração média de 30 minutos cada, totalizando aproximadamente 154 horas de gravação⁹³. O *input* foi composto por falas de familiares e conhecidos das crianças, com quem

⁹³ Para realizar o cálculo do tempo de gravação, consideramos uma média de trinta minutos por sessão, tendo algumas 45 e outras menos de 30 minutos, tempo médio estipulado para o projeto.

elas já possuíam afinidade, como os pais, tios, avós, empregadas, babás, entre outros, totalizando 23 adultos. A tabela abaixo sumariza a distribuição da amostra do PB:

Tabela 1 – distribuição do *corpus* espontâneo longitudinal do PB

Nome	Idade inicial	Idade final	Nº de sessões	Tempo de gravação	Perguntas infantis	Perguntas do <i>input</i>
Luana	1;07.12	5;06.07	167	83h30m	2832	9186
Leonardo	2;00.14	4;08.27	36	18h	365	1491
Túlio	2;00.07	4;11.12	70	35h	1078	2992
Maria E.	1;02.28	4;02.07	35	17h30m	141	2577
Total	-	-	308	154h	4416	16246

Por sua vez, a amostra do francês provém do *corpus* Paris (MORGENSTERN; PARISSE, 2007) contida no banco de dados CHILDES (MACWHINNEY, 2000), com as transcrições da fala espontânea de Anaé, Antoine, Théophile e Madeleine. O *corpus* analisado consiste em amostras longitudinais dessas quatro crianças falantes de francês como primeira língua, com faixa etária entre 1;03.15 e 5;11.18, bem como seu *input*. As interações foram coletadas em um total de 136 sessões com duração de 30 a 60 minutos cada, totalizando aproximadamente 110 horas e 30 minutos de gravação⁹⁴. Também nessa amostra, o *input* foi composto por falas de familiares e conhecidos das crianças, com quem elas já possuíam afinidade, como os pais, tios, avós, empregadas, babás, entre outros, totalizando 42 adultos. A tabela abaixo sumariza a distribuição da amostra do francês:

⁹⁴ Para realizar o cálculo do tempo de gravação, consideramos cada criança individualmente: Madeleine e Antoine, por exemplo, tiveram sessões de 1 hora de duração; Anaé teve sessões que variavam de 30 a 60 minutos, portanto, consideramos uma média de 45 minutos cada. Quanto ao Théophile, não há informações no banco de dados sobre a duração de suas gravações, assim, consideramos uma média de 30 minutos no cálculo total.

Tabela 2 – distribuição do *corpus* espontâneo longitudinal do francês

Nome da criança	Idade inicial	Idade final	Nº de sessões	Tempo de gravação	Perguntas infantis	Perguntas do <i>input</i>
Anaé	1;04.13	4;04.10	32	24h	652	4167
Madeleine	1;04.18	5;10.18	28	28h	312	1684
Antoine	1;03.15	5;11.18	41	41h	278	4275
Théophile	1;04.01	4;11.11	35	17h30m	221	1979
Total	-	-	136	110h30m	1463	12105

As sessões dos dois *corpora* encontram-se transcritas em formato CHAT, uma ferramenta utilizada na padronização dos dados da plataforma CHILDES (MACWHINNEY, 2000). Nesse formato, cada linha de transcrição corresponde a uma sentença, proferida pela criança ou pelas pessoas com quem ela interagia. Os falantes são indicados pelas siglas do inglês: criança (CHI), mãe (MOT), pai (FAT), tia (AUN), tio (UNC), babá/empregada (HSK), irmão (BRO), irmã (SIS), primo (COU), avô (GRF), avó (GRM) e investigador (INV). Além disso, nesse formato, as elisões feitas pelos próprios falantes são indicadas pelos parênteses, conforme veremos durante a apresentação de alguns exemplos. Em (1a), por exemplo, Túlio omite o tepe da palavra “prédio”; em (1b), Théophile omite a vogal em “tu” (você), produzindo uma *liaison* (não prevista pela gramática normativa) entre o pronome e o verbo.

- (1) a. qual p(r)édio ele mora? (Túlio, 3;10.11)
 b. et t(u) as quoi comme maladie? (Théophile, 4;11.11)
 e você tem o que como doença
 “*E você tem qual doença?*”

Todos os enunciados infantis serão seguidos do nome da criança que os proferiu e sua idade no formato ano;mês.dia. Os enunciados adultos, quando apresentados como exemplo, serão acompanhados do nome da criança com quem eles interagiam e a sessão em que ele foi produzido. Além disso, quando necessário, também apresentaremos o contexto extralinguístico em que a pergunta foi realizada, bem como os antecedentes e, quando houver, a resposta à pergunta posta.

As interrogativas, coletadas a partir de transcrições de vídeos, foram produzidas em situações cotidianas das crianças em interação com os adultos e crianças mais velhas, geralmente envolvidas em atividades como leituras de livros, brincadeiras diversas, alimentações, entre outros. Neste trabalho, portanto, foi considerada tanto a fala espontânea das crianças como a fala dirigida à criança, parte de seu *input* direto.

5.4. Metodologia

A fim de atender aos objetivos na análise das duas línguas, coletamos todas as perguntas-QU simples e as rotulamos seguindo os critérios abaixo:

Em primeiro lugar, separamos as ocorrências de acordo com os falantes: se produzida ou não pela criança e sua idade na sessão em que o dado ocorreu.

Tabela 3 – organização dos falantes na catalogação do *corpus*

Classificação	Itens	Exemplos
Participante	CHI (criança alvo) AUN, MOT etc. (adulto) BRO, COU etc. (criança não alvo)	-
Idade da criança	AA;MM.DD	1;02.03 (um ano, dois meses e três dias) 3;01.08 (três anos, um mês e oito dias)

Para as análises apresentadas nos próximos capítulos, incluímos apenas as perguntas simples, diretas e gramaticais. Excluímos todas as perguntas com entoação eco, com elisão do verbo, retóricas, múltiplas e imitadas a partir de um antecedente imediatamente anterior. Em algumas análises, outros critérios de exclusão serão necessários, por exemplo a supressão de perguntas cujo constituinte interrogativo tem função sintática de sujeito e, conseqüentemente, o movimento para a periferia esquerda não fica evidente; ou perguntas de *pourquoi* “por que” do francês, uma vez que boa parte da literatura considera que com essa palavra o movimento do elemento-QU é obrigatório na língua. Quando relevante para a análise, o uso desses critérios será evidenciado para clareza dos resultados.

A fim de atender ao objetivo (ii), classificamos cada ocorrência interrogativa seguindo critérios sintáticos como a função do constituinte interrogativo, com o propósito de verificar se ela influencia no emprego de QU-*in situ*; ou- se desacompanhada ou acompanhada de um NP -, com o propósito de identificar se a complexidade do constituinte poderia favorecer sua

permanência *in situ*; entre outros. O quadro abaixo sumariza as variáveis utilizadas na codificação dos dados do PB e as perguntas do francês foram classificadas utilizando os mesmos critérios.

Tabela 4 – organização dos critérios sintáticos na catalogação do *corpus*

Classificação	Itens	Exemplos
Palavra-QU	cadê	cadê o(u)t(r)o pato? ⁹⁵ (Túlio, 2;03.06)
	como etc.	como que põe? (Maria, 1;08.24)
Função sintática	objeto direto	qual (vo)cê que(r)? (Maria, 1;08.24)
	objeto indireto	o que que eu gosto? (Leonardo, 2;03.01)
	predicativo etc.	que bicho é esse? (<i>input</i> Túlio)
Tipo de pergunta	direta	como que faz? (Maria, 1;08.24)
	indireta	me conta que que (vo)cê fez hoje. (<i>input</i> Luana)
	será	como será que chama isso? (<i>input</i> Túlio)
Natureza da palavra-QU	<i>bare</i>	qual (vo)cê gosta mais? (<i>input</i> Maria)
	+ NP	que time você torce? (<i>input</i> Maria)
Há conectividade categorial entre o argumento e o verbo quando ele seleciona um PP?	sim	do que que (vo)cê precisa? (<i>input</i> Luana)
	não	o que se(r)ve esse? (Luana, 3;02.12)
Gramatical?	sim	onde pode se(r)? (Túlio, 2;07.24)
	não	*que que dessa p(r)ocura? (Túlio, 2;05.00)
Aceita a contraparte movida ou <i>in situ</i>?	sim	por que (es)tá baixa? → (es)tá baixa por quê? (Leonardo, 2;05.05)
	não	desenhando o quê? → *o que desenhando? (<i>input</i> Túlio)

Além disso, as interrogativas foram classificadas conforme a estratégia utilizada: QU-movido, QU-*in situ*, retórica, expressões cristalizadas da língua, a que demos o nome de perguntas ‘formulaicas’, entre outras. Para a classificação dessa variável, observamos a ocorrência das seguintes variantes no PB:

⁹⁵ As perguntas com “cadê” apresentavam sempre a forma ‘cadê + DP’, como “cadê o brinquedo?”. As perguntas apenas com o elemento interrogativo foram classificadas como ‘elemento-QU isolado’ e não foram contabilizadas nesta análise. Seguiremos Grolla (2000:50) ao analisar as construções fixas com ‘cadê + DP’: o elemento interrogativo se encontra em Spec,FocP, seguido pelo DP dentro de TP.

Tabela 5 – organização dos diferentes tipos de pergunta na catalogação do *corpus* do PB

Classificação	Exemplos
QU-movido	onde (vo)cê foi passear? (<i>input</i> Leonardo) como você chama? (Leonardo, 2;03.01) por que você (es)tá triste, mamãe? (Maria, 3;04.11)
QU-que	qual que (vo)cê vai pega(r) p(a)ra mim? (<i>input</i> Leonardo) que que (vo)cê (es)tá comendo? (Leonardo, 2;00.14) mas aonde que (es)tá essa peça? (Túlio, 4;05.03)
QU-é-que	e como é que faz o cavalo? (<i>input</i> Túlio) quem é que (es)tá na cama agora? (Luana, 2;10.14) como é que eu vou tira(r)? (Túlio, 3;02.11)
QU-<i>in situ</i>	vai cai(r) o quê? (<i>input</i> Túlio) tira o quê? (Túlio, 2;10.11) que(r) pega(r) qual? (Luana, 2;06.05)
QU-sujeito	quem (es)tá fazen(d)o isso? (Maria, 1;08.24) quem adora leite? (Luana, 2;11.12)
Palavra-QU isolada	cadê? (Luana, 1;10.11)
Formulaica	que é isso? (Luana, 2;10.14) que foi? (Maria, 2;07.25)
Retórica	(vo)cê pensa o quê? ⁹⁶ (<i>input</i> Maria Eliza) como pode? ⁹⁷ (<i>input</i> Túlio)
Múltipla	nossa, quem (es)tá comendo quem? (<i>input</i> Túlio) quem (es)tá onde? (Luana, 2;10.14)

No caso do francês, no que concerne à estratégia interrogativa empregada, observamos a ocorrência das seguintes variantes:

⁹⁶ Neste exemplo, o falante não requer novas informações e produz a pergunta como uma repreensão.

⁹⁷ Neste exemplo, o falante não requer novas informações e produz a interrogativa como uma forma de demonstrar sua descrença com a situação.

Tabela 6 – organização dos diferentes tipos de pergunta na catalogação do *corpus* do francês

Itens	Exemplos
QU-movido	pourquoi tu dis ‘ouais’? (Madeleine, 2;04.15) <i>“por que você diz ‘sim’?”</i> comment on fait? (Madeleine, 2;10.21) <i>“como nós fazemos?”</i> où tu es, Anaé? (<i>input</i> Anaé) <i>“onde você está, Anaé?”</i>
QU-movido + inversão	Christelle, où es-tu passée? (Madeleine, 2;10.21) <i>“Christelle, onde você estava?”</i> où vont-ils? (Antoine, 2;02.27) <i>“onde eles estão indo?”</i> comment vas-tu? (<i>input</i> Madeleine) <i>“como vai você?”</i>
QU-movido + ESK*	et qu'est-ce qu'il fait là? (Anaé, 3;04.27) <i>“e o que que ele está fazendo lá?”</i> où est-ce qu'elle est? (Antoine, 4;05.16) <i>“onde que ela está?”</i> comment est-ce qu'on joue? (<i>input</i> Madeleine) <i>“como que a gente joga?”</i>
QU-in situ	c'est quoi ça? (Théophile, 2;07.04) <i>“é o que isso?”</i> il s'appelait comment? (Anaé, 2;11.22) <i>“ele se chamava como?”</i> tu as quel âge? (<i>input</i> Anaé) <i>“você tem que idade?”</i>
QU-sujeito	qui mange ça? (<i>input</i> Antoine) <i>“quem está comendo isso?”</i>
Palavra-QU isolada	pourquoi? (Anaé, 3;03.00) <i>“por quê?”</i>
Retórica	comment ça tu veux pas? ⁹⁸ (<i>input</i> Antoine) <i>“como assim você não quer?”</i>
Múltipla	qui fait quoi? (<i>input</i> Théophile)

⁹⁸ Neste exemplo, o falante não requer novas informações e produz a pergunta com a intenção de expressar sua descrença com o fato de seu interlocutor não querer coisa alguma.

“quem faz o quê?”

et qui porte quoi? (*input* Madeleine)

“e quem veste o quê?”

* ESK corresponde ao marcador *est-ce que*.

Além disso, com a finalidade de atender ao objetivo (iv), analisamos para as duas línguas também o contexto em que cada pergunta foi produzida, identificando que tipo de antecedente a motivava, conforme sumarizado a seguir.

- **Antecedente explícito:** perguntas cuja porção não-QU é explicitada no discurso imediatamente anterior.

(2) Avô: então tira. (Túlio, 2;10.11)

Avô: o que?

Criança: **tira o que?**

(3) Mãe: il a eu un accident, le loup. (Madeleine, 2;04.15)

ele tem-tido um acidente o lobo

“*ele sofreu um acidente, o lobo*”

Criança: **pourquoi le loup il a eu un accident?**

por que o lobo ele tem-tido um acidente

“*por que o lobo, ele, sofreu um acidente?*”

- **Antecedente implícito:** perguntas cuja porção não-QU está implícita e os falantes devem pressupô-la a partir do discurso anterior. Em (4), a pergunta é possível, pois a mãe calculou a partir da ordem da filha que ela ‘queria alguma coisa’; já em (5), temos um caso de *Question under discussion* – ‘quem se fantasiou de quê?’, em que os referentes são o Tiago e o Enzo – e a pergunta é realizada como tentativa de resolvê-la completamente.

(4) Criança: dá. (Luana, 2;01.11)

Mãe: **(vo)cê que(r) o quê?**

(5) Mãe: Tiago il était déguisé comment?

Tiago ele estava fantasiado como

“*o Tiago, ele estava fantasiado como?*”

Mãe: bah je sais pas!

ah eu sei NEG

“*ah, eu não sei!*”

Criança: **Enzo il était déguisé en quoi?** (Anaé, 3;03.00)

Enzo ele estava fantasiado em que

“o Enzo, ele estava fantasiado de quê?”

- **Extralinguístico:** perguntas vinculadas diretamente a um contexto extralinguístico e que dizem respeito ao ambiente que cerca os falantes e/ou a ações não linguísticas dos sujeitos envolvidos.

(6) Contexto: criança aponta um objeto. (Luana, 2;05.07)

Criança: olha!

Mãe: (es)to(u) olhando!

Mãe: bonito, né?

Criança: **é que co(r)?**

(7) Contexto: criança mostra uma palavra em inglês à interlocutora.

Criança: **et là c'est écrit quoi?** (Théophile, 4;11.11)

e aqui isso-é escrito o que

“e aqui está escrito o quê?”

Observadora: pig.

“porco”

- **Conhecimento prévio:** perguntas vinculadas a pressuposições universais (8,9), culturais (10,11) ou a algum conhecimento compartilhado anteriormente pelos participantes da conversa, por exemplo, uma referência a alguma situação que eles experienciaram juntos (12,13).

(8) Criança: eu quero coloca(r)... (Túlio, 4;05.03)

Tia: o polvo.

Tia: **o polvo vive na onde?**

Tia: na terra ou na água?

Criança: na água.

Tia: então vamo(s) procura(r) na água.

(9) Mãe: **Anaé comment je m'appelle?** (Anaé, 2;03.29)

Anaé como eu me chamo

“Anaé, como eu me chamou?”

Criança: maman.

“mamãe”

- Mãe: maman comment?
“mamãe como?”
- Criança: maman Leroy.
“mamãe Leroy”
- (10) Criança: tem que fazer tudo, tudo de novo. (Maria E., 3;11.18)
 Criança: tudo, tudo.
 Pai: **filha, que time você torce?**
 Criança: pro Palmeiras.
 Pai: muito bem.
 Criança: Corinthians?
 Pai: não, senhora.
- (11) Contexto: mãe e filha montam árvore de Natal. (Anaé, 4;05.23)
 Mãe: ben on a qu'à dire que c'est Noël.
 bem nós temos que a dizer que isso-é Natal
“Bom, vamos só dizer que é Natal”
 Mãe: **alors qu'est-ce qu'on fait à Noël?**
 então o que ESK nós fazemos a Natal
“Então o que que a gente faz no Natal?”
 Criança: nous?
“nós?”
- (12) Mãe: Leonardo. (Leonardo, 2;09.21)
 Mãe: **foi aniversário de quem sexta-feira?**
 Mãe: domingo.
 Mãe: quem fez aniversário domingo?
 Criança: a Daniele.
- (13) Observador: et est-ce qu'il parle Antoine? (Théophile, 3;10.00)
 e ESK ele fala Antoine
“E o Antoine fala?”
 Criança: euh oui.
“ah, sim”
 Mãe: **qu'est-ce qu'il a dit ce soir?**
 o que ESK ele AUX-dito esta noite

“O que que ele disse esta noite?”

Criança: il avait dit ‘tétine’.

ele tinha dito mamilo

“Ele tinha dito mamilo”

Para algumas análises, os contextos ‘antecedente explícito’ e ‘antecedente implícito’ serão considerados juntos como ‘antecedente discursivo’. E não havendo nenhum contexto prévio, ou seja, sendo uma pergunta realizada de sopetão, identificamo-la a partir do rótulo ‘*out-of-the-blue*’. Por fim, perguntas realizadas no início da gravação ou das quais, por qualquer motivo, não pudemos recuperar o contexto, foram identificadas como ‘contexto indisponível’.

Visão geral dos resultados

Neste capítulo, faremos um panorama dos resultados, considerando uma comparação entre os dados infantis e os dos adultos com quem as crianças interagiam durante as sessões de gravação, tanto no PB como no francês. Em um primeiro momento, contraporemos o QU-*in situ* ao QU-*ex situ*, que engloba, como temos visto durante a tese, todas as estratégias com movimento aberto do elemento-QU, a saber, o QU-movido, QU-que e QU-é-que no PB e QU-movido, QU-movido+ESK e QU-movido + inversão em francês. Em um segundo momento, traremos também uma comparação entre todas as estratégias-QU individualmente, bem como a emergência de cada estrutura na fala infantil, a dispersão dos dados no decorrer dos meses e as variações individuais com relação às estruturas.

Para tanto, o capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 6.1, traremos um sumário dos resultados, com os números absolutos, a divisão entre os grupos etários e a distribuição dos dados das duas línguas conforme a progressão de idade das crianças observadas; na seção 6.2, faremos uma comparação entre a produção de QU-*ex situ* e QU-*in situ* na fala adulta e infantil nas duas línguas; na seção 6.3, analisaremos a produção de todos os tipos de pergunta-QU nos dois grupos etários; na seção 6.4, traremos considerações sobre os resultados apresentados neste capítulo.

6.1. Distribuição dos resultados

Após aplicados critérios de inclusão e exclusão explicitados no capítulo anterior, foram observadas para o PB **17.457** perguntas-QU, dentre as quais **3.255** foram produzidas pelas crianças e **14.202** pelos adultos. Para o francês, foram observadas **11.496** perguntas-QU, dentre as quais **986** foram produzidas pelas crianças e **10.510** pelos adultos. O sumário dos dados do PB pode ser observado abaixo:

Tabela 1 – número absoluto de perguntas-QU produzidas por cada grupo etário e por criança no *corpus* do PB

Grupo	Luana	Túlio	Leonardo	Maria E.	Total
Crianças (N=4)	2.273	646	240	96	3.255
Adultos (N=23)	8.239	2.576	1.206	2.181	14.202
Total	10.512	3.222	1.446	2.277	17.457

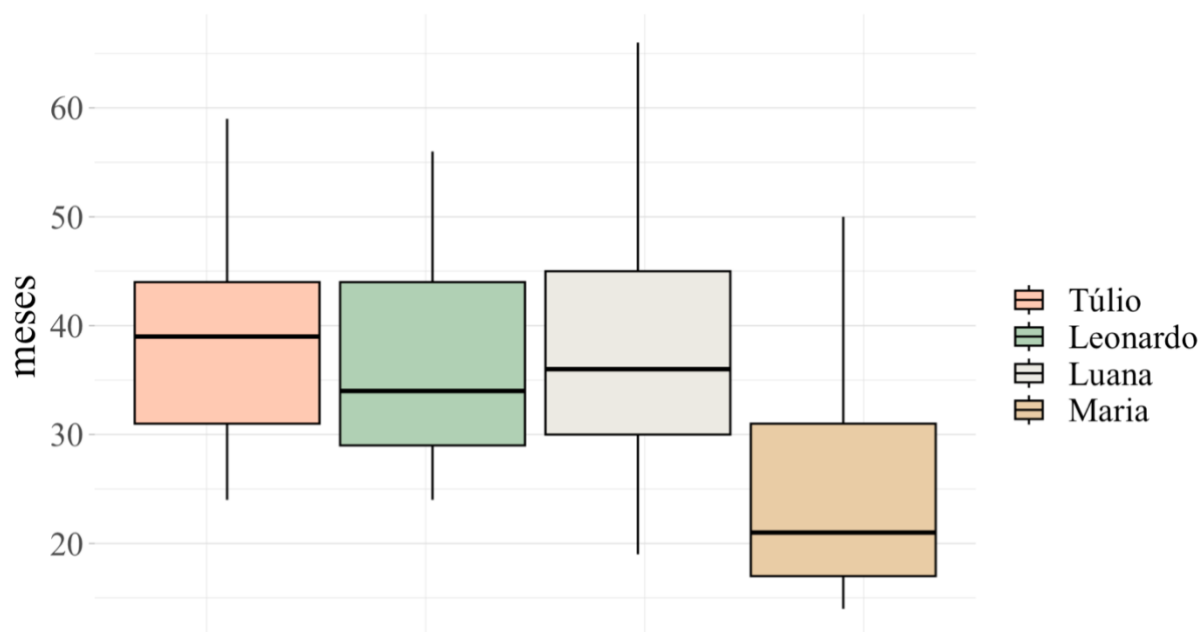
Já o sumário dos dados do francês está organizado a seguir:

Tabela 2 – número absoluto de perguntas-QU produzidas por cada grupo etário e por criança no *corpus* do francês

Perguntas	Anaé	Antoine	Madeleine	Théophile	Total
Crianças (N=4)	412	143	253	178	986
Adultos (N=42)	3.223	3.846	1.548	1.893	10.510
Total	3.635	3.989	1.801	2.071	11.496

No PB, a distribuição da idade de Túlio, Leonardo e Luana é bastante semelhante. As médias foram: Túlio com 38.6 meses; Luana com 38.1 meses; e Leonardo com 36.6 meses. A diferença entre a média da idade dessas três crianças e de Maria é alta, de mais de um ano (13.7 meses), com dados se concentrando em idade menor que das outras três crianças. Por isso, também verificaremos a variação individual das crianças na produção de perguntas-QU. As transcrições foram semanais, com algumas exceções: a partir dos 4;6 anos, as transcrições de Túlio ficaram mais raras, feitas apenas a cada dois meses; as de Leonardo passaram a ser mensais a partir dos 3;9 anos; as de Luana foram mensais no período entre 1;7 a 2;0 anos; e as de Maria foram realizadas duas vezes por mês, diferente das outras crianças.

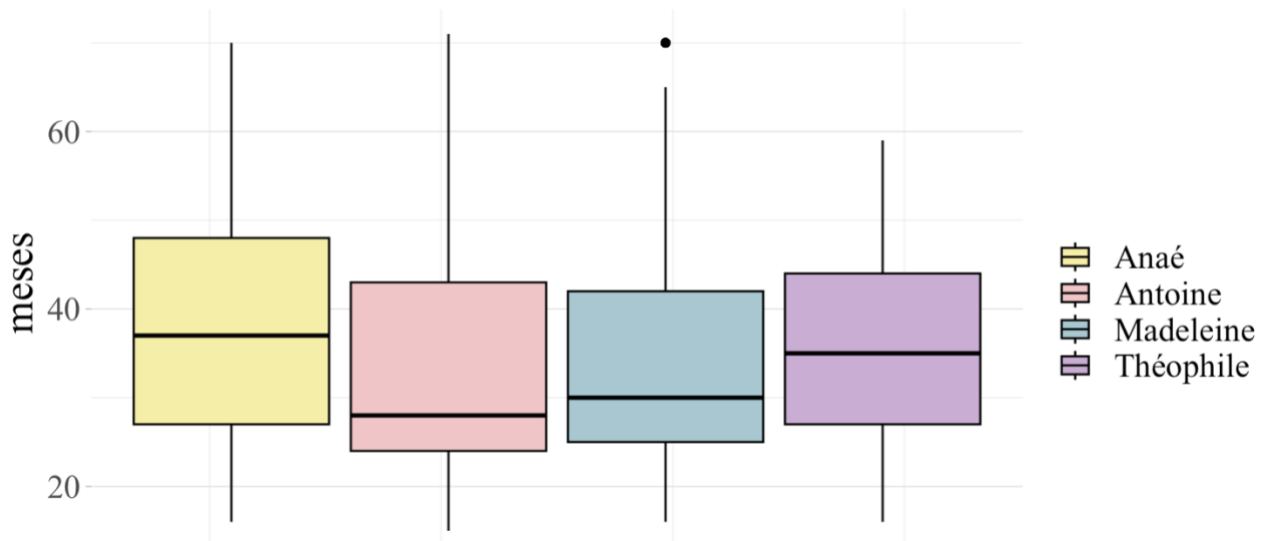
Gráfico 1 – Distribuição da idade das crianças em PB (N=4)



No francês, as transcrições das crianças se estendem dos 15 aos 70 meses, com exceção de Théophile, cuja idade vai até aproximadamente os 58 meses. As médias das idades de cada criança são: Anaé com 38.2 meses; Antoine com 34.0 meses; Madeleine com 33.4 meses, com um *outlier* aos 70 meses⁹⁹; e Théophile com 36.1 meses. As distribuições de idade de Anaé e Théophile são simétricas, o que indica um equilíbrio nas seções de gravação, sem concentração em uma idade específica. Os dois foram gravados em média uma vez por mês ou a cada dois meses. Já Madeleine e Antoine possuem transcrições com idades mais altas do que a mediana: as de Madeleine começam aos 1;04.18 mensalmente ou a cada dois meses, até os 3 anos, quando passam a ser feitas a cada 3 meses. Após os 4, elas ficam mais raras, com apenas 6 transcrições no período entre 4 e 5;10 anos. As de Antoine começam aos 1;03.15 anos e são feitas mensalmente ou duas vezes ao mês até os 3 anos, passando a uma a cada dois meses. A partir dos 4 anos, ficam mais raras, com transcrições a cada três meses, até os 5;11 anos.

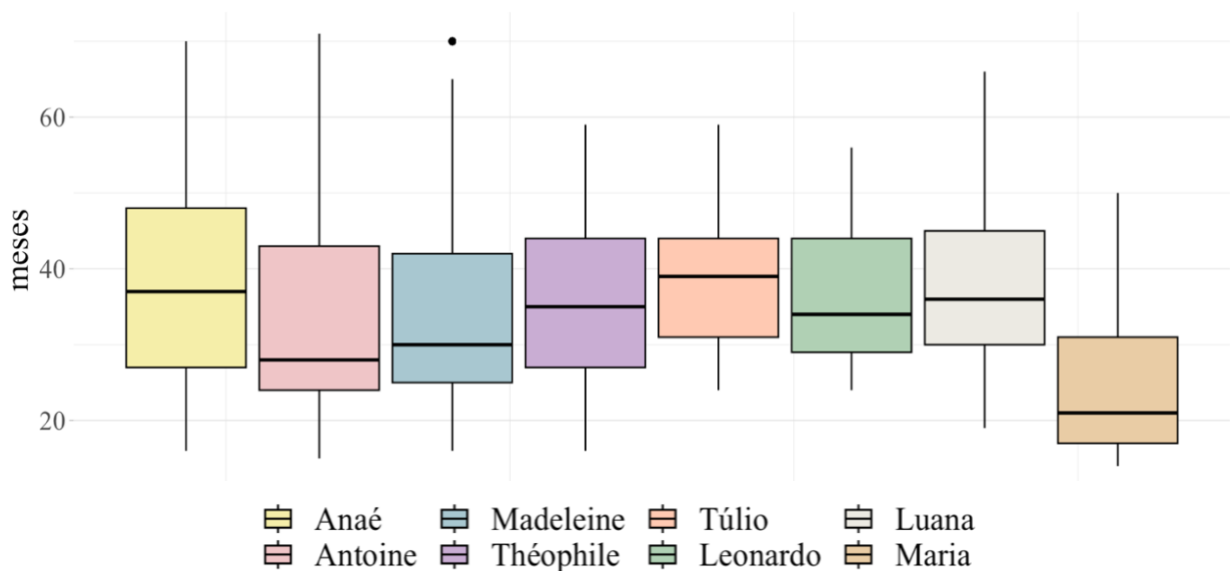
⁹⁹ Optamos por não remover o *outlier* por estar dentro da amplitude de idade das outras crianças.

Gráfico 2 – Distribuição da idade das crianças em francês (N=4)



Unindo as duas línguas para uma melhor comparação, temos o gráfico abaixo.

Gráfico 3 – Distribuição da idade das crianças em PB (N=4) e francês (N=4)



Conforme podemos observar, houve uma diferença maior na distribuição dos dados de Maria (PB), que se concentra em idade menor que de todas as outras crianças. Além disso, a criança Anaé (francês) tem uma distribuição de dados simétrica, que chega próxima aos 50 meses, ou seja, ela tem mais dados nessa faixa etária do que as outras crianças.

6.2. QU-*ex situ* x QU-*in situ*

Nas análises a seguir, optamos por interpretar as estratégias de QU-movido, QU-que e QU-é-que como subtipos de uma mesma categoria: QU-*ex situ*. Em outras palavras, as formas com ‘que’ e ‘é que’ seriam variações do QU-movido, com o preenchimento posterior do complementizador e/ou inserção da cópula. O mesmo procedimento será realizado para o francês, considerando o QU-movido simples, o movido com expletivo ESK e o movido com inversão entre auxiliar e sujeito como subtipos da categoria dominante: QU-*ex situ*. Em um segundo momento, também realizaremos as comparações para cada subtipo separadamente, mas o que nos interessa a princípio é a presença ou não de movimento do elemento-QU. Além disso, nas análises que se seguem, retiramos as perguntas de sujeito com QU-movido, como “quem vai pra loja?” em PB, ou “*qui va au magasin?*” em francês, uma vez que não é possível determinar se houve movimento-QU ou não¹⁰⁰. Retiramos, também, as perguntas com ‘cadê’ nas análises do PB¹⁰¹.

No PB, as crianças produziram 44 perguntas com QU-*in situ*, totalizando **1,8%** de seus dados, enquanto os adultos de seu *input* produziram 1.296, totalizando **10,9%**. Em contrapartida, foram produzidas 2.398 perguntas com o QU-*ex situ* na fala infantil, totalizando **98,2%**, enquanto o adulto produziu 10.589 dessas estruturas, ou **89,1%** das perguntas-QU. O gráfico abaixo indica a larga preferência tanto das crianças como dos adultos pelo movimento do elemento-QU¹⁰².

¹⁰⁰ Nesses casos, é impossível dizer se houve de fato movimento-QU para a periferia esquerda. No exemplo abaixo, há duas possibilidades lógicas: o elemento-QU ocupa Spec,IP ou Spec,CP. Assumimos para a língua adulta que esse elemento sobe para Spec,CP, todavia, para a infantil, preferimos não nos comprometer, uma vez que sua gramática ainda está em desenvolvimento e pode diferir da do adulto:

- (i) [Quem] vai pra loja?

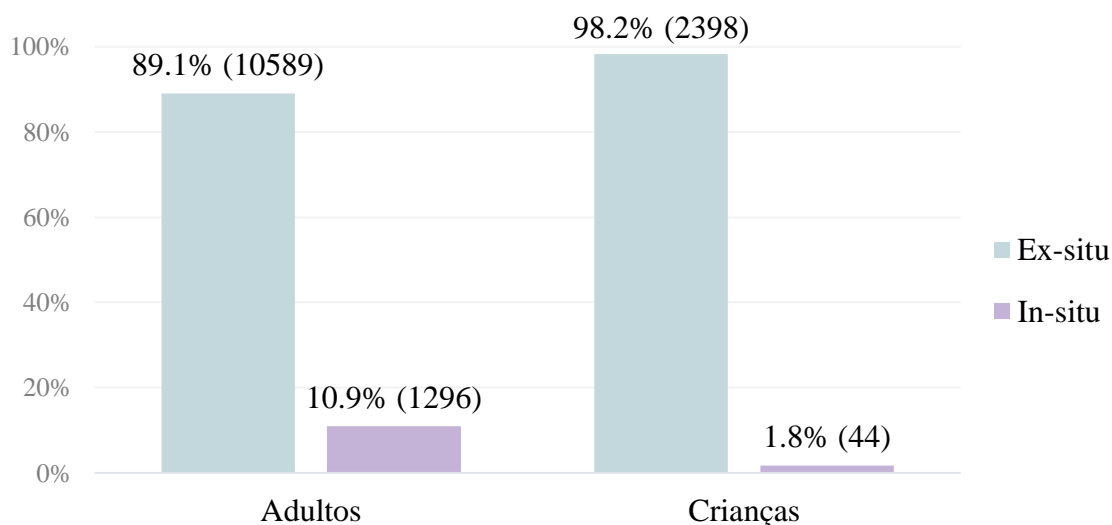
Nas análises que se seguem, portanto, consideraremos apenas as perguntas de sujeito com QU-que e QU-é-que, em que é possível detectar a ocorrência de movimento, já que há o preenchimento do complementizador:

- (ii) [Quem] que vai pra loja?
(iii) [Quem] é que vai pra loja?

¹⁰¹ As perguntas com “cadê” apresentavam sempre a forma “cadê + DP”, como “cadê o brinquedo?”. As perguntas apenas com o elemento interrogativo foram classificadas como “elemento-QU isolado” e não foram contabilizadas nesta análise. Seguiremos Grolla (2000:50) ao analisar as construções fixas com “cadê + DP”: nesse caso, o elemento interrogativo se encontra em Spec,FocP, seguido pelo DP dentro de TP.

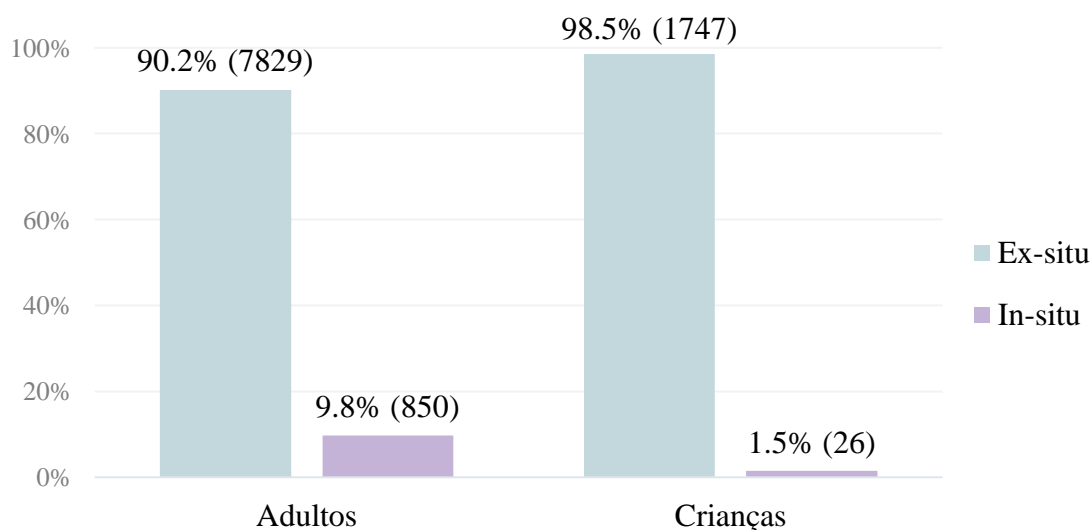
¹⁰² Para fins de uma breve comparação, observamos também os dados das crianças não alvo. Embora com poucos dados, essas crianças apresentam uma proporção de QU-*in situ* intermediária entre os adultos e as crianças alvo, totalizando 7,1% (2 ocorrências). Essas duas ocorrências de QU-*in situ* foram produzidas pelo irmão mais velho de Luana, em idade escolar no momento da gravação. Nas análises presentes nesta tese, consideraremos apenas os dados adultos, mas temos aqui indícios de uma progressão entre fala infantil e adulta com relação ao emprego de QU-*in situ*. Seria necessária, no entanto, uma análise quantitativa mais robusta com crianças mais velhas para identificar a natureza dessa progressão.

Gráfico 4 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* em PB adulto (N=23) e infantil (N=4)



Retirando agora as perguntas formulaicas, como “o que é isso?”, e as perguntas sem contraparte movida possível, como aquelas as Perguntas de esclarecimento, construídas a partir de um fragmento da sentença anterior, chegamos ao seguinte comparativo:

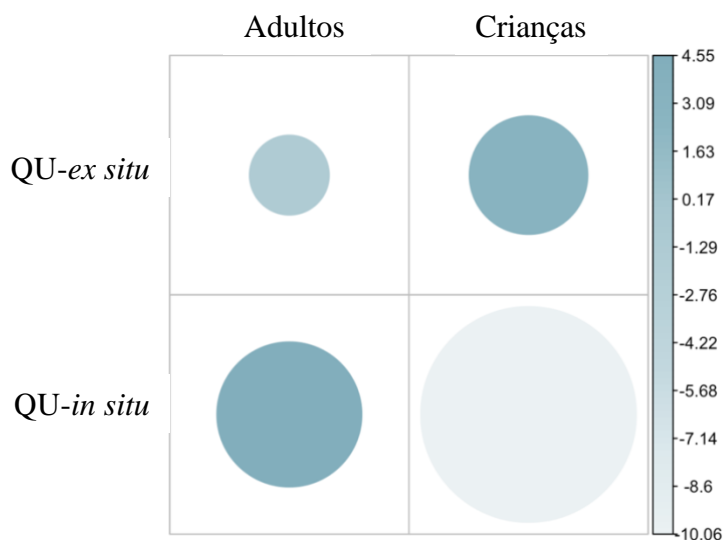
Gráfico 5 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* opcional em PB adulto (N=23) e infantil (N=4)



Conforme vemos acima, quando comparamos apenas perguntas-QU com real opcionalidade entre movimento e permanência *in situ*, a produção de QU-*ex situ* é acentuada na fala dos dois grupos, enquanto a de QU-*in situ* decresce ainda mais. Dentre as perguntas-QU com movimento opcional, em apenas **1,5%** delas o elemento-QU permanece *in situ* na fala infantil e em **9,8%** na fala adulta. O gráfico de correlação abaixo indica que o QU-*in situ* possui

uma associação forte e negativa com a fala infantil, sendo, em comparação, positivamente associado à fala adulta (*Pearson's Chi-squared test, p-value < 2.2e-16*)¹⁰³.

Gráfico 6 – Associação entre estratégias-QU e grupo etário em PB adulto (N=23) e infantil (N=4)



Comparando, agora, separadamente cada uma das crianças e os adultos com quem interagem, chegamos aos gráficos 7 a 10 abaixo. Conforme podemos notar, apenas duas crianças produziram *QU-in situ* e, curiosamente, também foram as crianças que mais ouviram a construção: Leonardo produziu 7,5% (9 ocorrências), tendo em seu *input* 12,3% (92 ocorrências); e Luana produziu 1,4% (17 ocorrências), tendo ouvido nas gravações 10,3% (483 ocorrências). Parece, assim, haver uma variação individual. De toda forma, as crianças, separadamente, produziram majoritariamente o *QU-ex situ* e na fala de nenhuma delas o *QU-in situ* foi verdadeiramente produtivo em comparação à sua contraparte movida.

¹⁰³ Na leitura dos gráficos de correlação, considere a seguinte instrução: quanto maior o círculo, maior é a associação com o nível da variável e quanto menor, menor é a associação. Quanto mais escura, mais positiva a associação e quanto mais clara, mais negativa. A associação positiva indica que as duas variáveis caminham juntas, ou seja, elas se relacionam; já a negativa indica que as variáveis caminham em direção oposta, pouco se relacionando. A escala à direita representa os resíduos.

Gráfico 7 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* opcional na fala de Túlio (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=5)

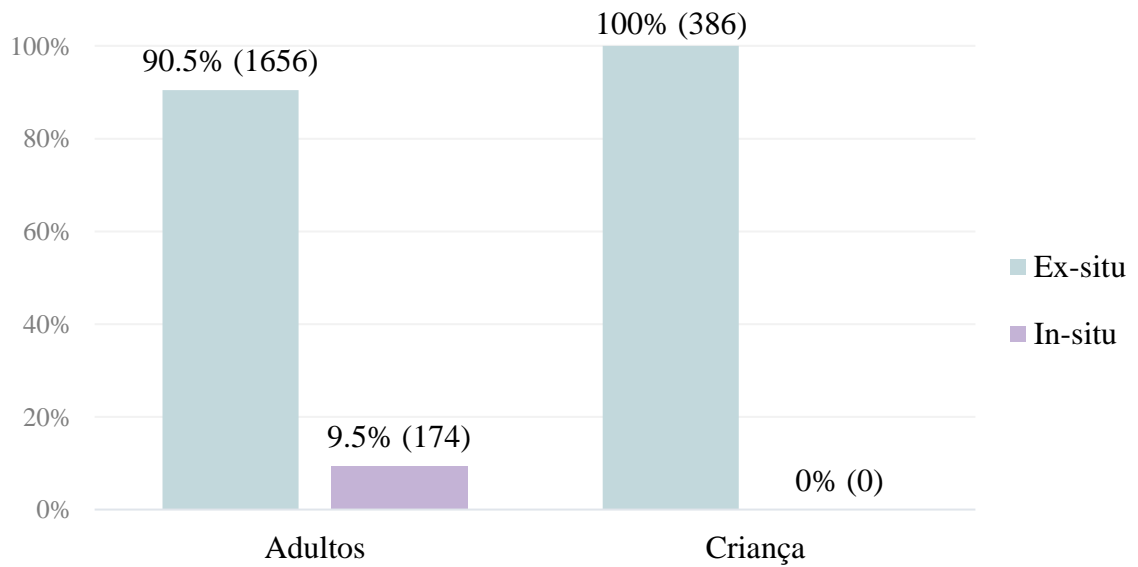


Gráfico 8 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* opcional na fala de Leonardo (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=7)

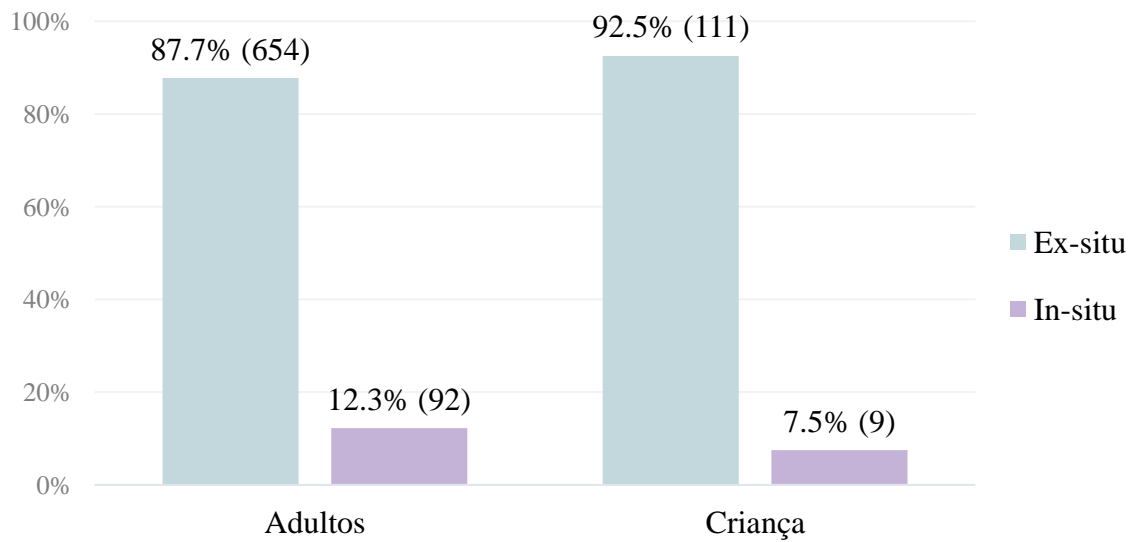


Gráfico 9 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* opcional na fala de Luana (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=4)

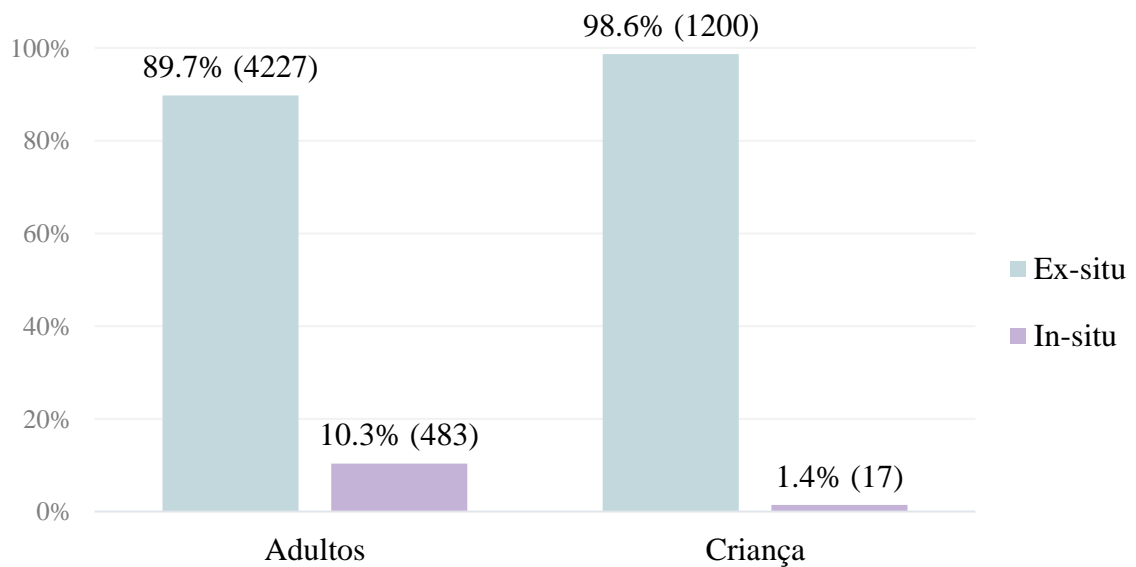
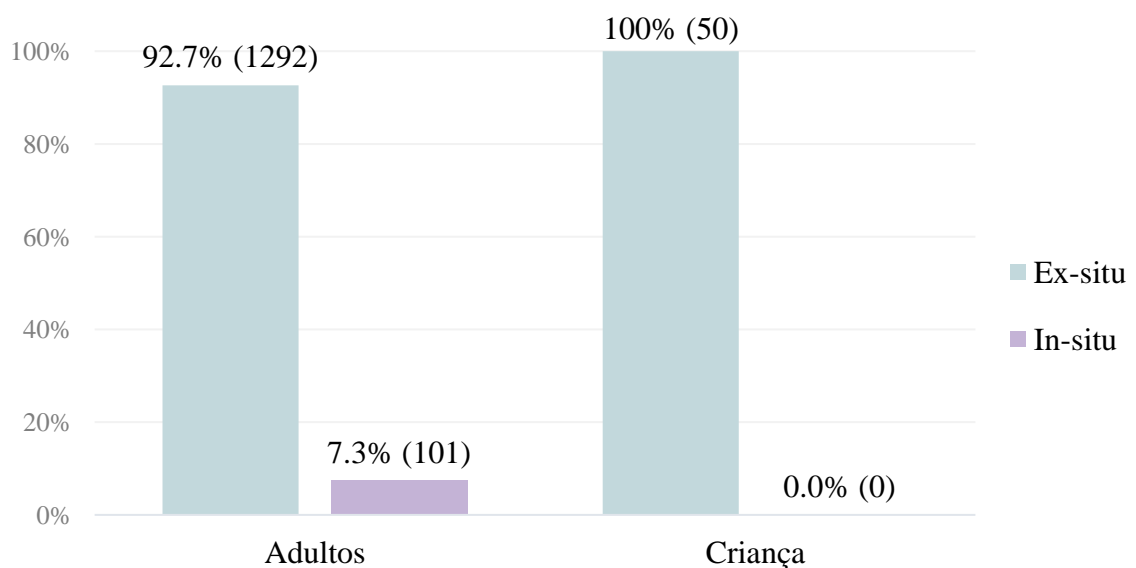


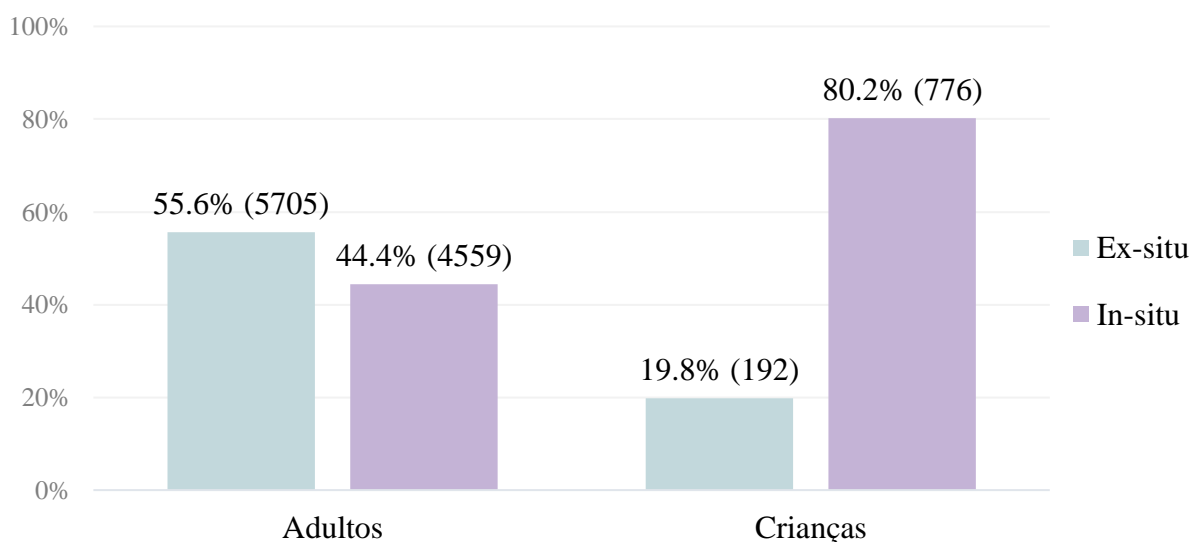
Gráfico 10 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* opcional na fala de Maria E. (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=7)



Por sua vez, no francês, as crianças produziram 776 perguntas com QU-*in situ*, totalizando **80,2%** das perguntas-QU coletadas, enquanto os adultos produziram 4559 ocorrências com essa estrutura, somando **44,4%** de suas perguntas-QU. Já o movimento-QU foi realizado em 192 ocorrências pelas crianças, em **19,8%** das perguntas, enquanto os adultos

o fizeram em **55,6%** das perguntas (5705 ocorrências), conforme observamos no gráfico abaixo¹⁰⁴:

Gráfico 11 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* em francês adulto (N=42) e infantil (N=4)



Os resultados acima, no entanto, incluem as perguntas com *pourquoi* que, segundo uma boa parte da literatura, é aceitável apenas com QU-*ex situ* (BOŠKOVIĆ, 1998; ZUCKERMAN; HULK, 2001 a.o). Em nosso *corpus* encontramos 15 ocorrências desse pronome com QU-*in situ* e 410 com QU-*ex situ*, o que sugere realmente uma maior produtividade do pronome com sua contraparte movida. Consideramos ainda a possibilidade de que essas raras ocorrências com QU-*in situ* possam ser uma variação individual ou até mesmo envolver uma breve pausa antes da palavra-QU, formando duas perguntas separadas (1a), mas transcritas conjuntamente como uma única pergunta, como ilustrado em (1b).

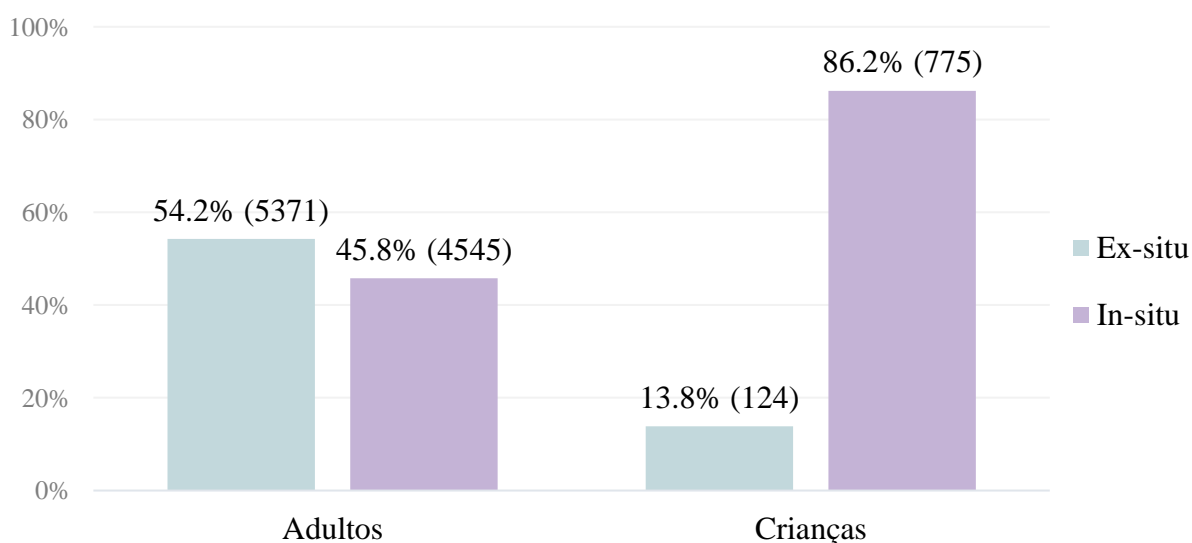
- (1) a. Tu es nul? Pourquoi?
você é inútil porque
“*Você é inútil? Por quê?*”

¹⁰⁴ Para fins de uma breve comparação, observamos também os dados das crianças não alvo. Notamos também no francês uma progressão entre as crianças e os adultos, com as crianças não alvo como um estágio intermediário. Essas produziram 67,7% (90 ocorrências) de QU-*in situ* e 32,3% (43 ocorrências) de QU-*ex situ*. As crianças não alvo mais produtivas foram a irmã de Madeleine que produziu 51 perguntas e no começo das gravações era 11 anos mais velha; e os irmãos de Anaé, que produziram 76 perguntas e no começo das gravações tinham aproximadamente 5 e 8 anos. Juntos, eles realizaram quase 90% das perguntas das crianças não alvo. No entanto, para verificar se há de fato uma progressão entre crianças mais novas e adultos, seria necessário conduzir um estudo quantitativo mais robusto com essa faixa etária, o que deixaremos para futuras empreitadas. Aqui, interessamos apenas o fato de que as crianças mais velhas parecem estar se aproximando da gramática adulta, produzindo menos o QU-*in situ* e mais o QU-*ex situ* em relação às crianças mais novas.

- b. Tu es nul pourquoi?
você é inútil porque
“Você é inútil por quê?”

(*corpus Antoine*, 5;04.27)

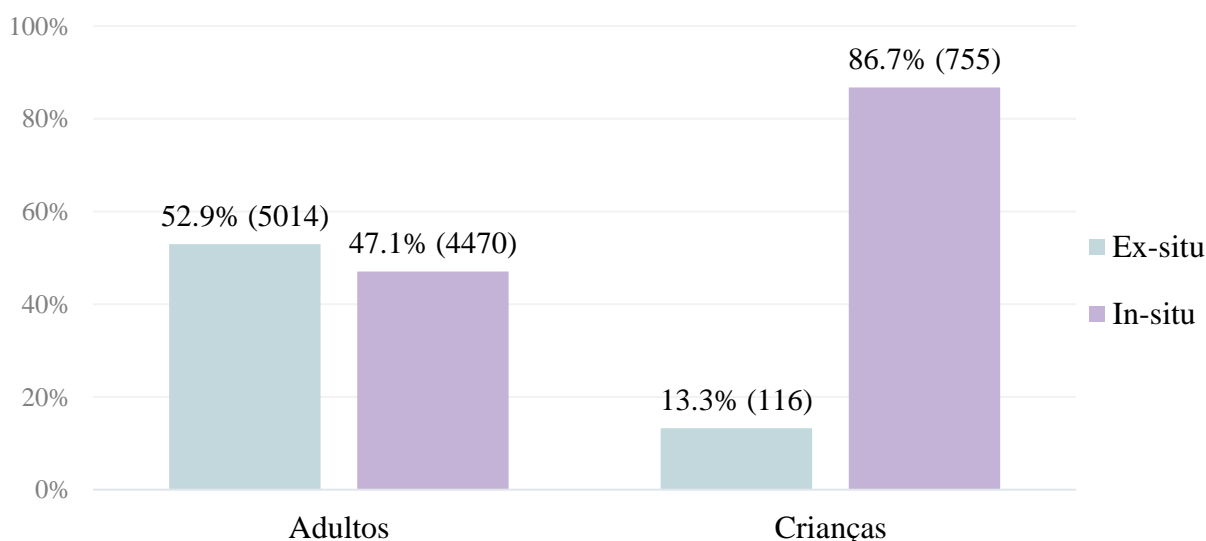
Gráfico 12 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* sem o pronome *pourquoi* em francês adulto (N=42) e infantil (N=4)



No gráfico acima, notamos que realmente a inclusão de *pourquoi* insuflava os dados em favor do QU-*ex situ* que, supostamente, seria a possibilidade mais aceitável para esse pronome. Nele, vemos que as crianças produzem **86,2%** (775) de QU-*in situ*, enquanto o adulto produz **45,8%** (4545). Já o QU-*ex situ* ocorre em **13,8%** (124) das construções infantis e em **54,2%** (5371) das adultas.

Finalmente, deixaremos apenas as perguntas de fato opcionais, retirando, dessa forma, aquelas com contraparte impossível, como “*enlever quoi?*” (tirar o quê?), em que não é possível o movimento do elemento-QU para a periferia esquerda, pois a estrutura é construída a partir de um fragmento da sentença anterior.

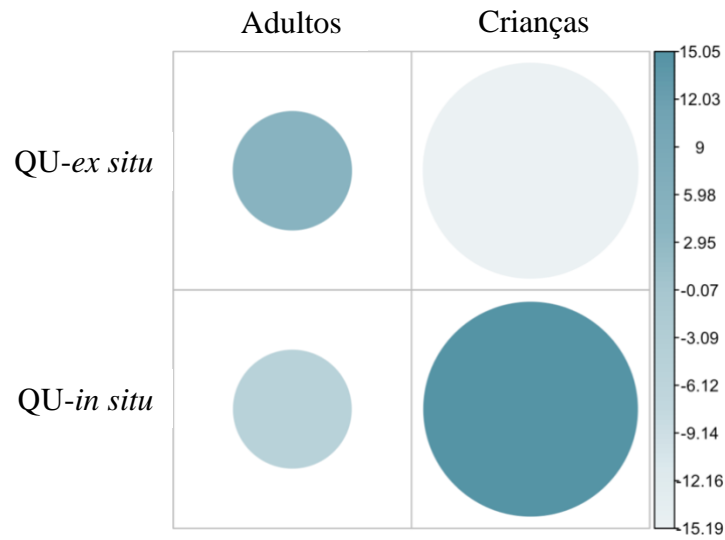
Gráfico 13 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* opcional em francês adulto (N=42) e infantil (N=4)



O gráfico acima sugere que, diante de estruturas realmente opcionais, as crianças produzem majoritariamente o QU-*in situ* em detrimento do QU-*ex situ*: com uma diferença de 73,4%. Já na fala adulta parece haver um equilíbrio entre as duas estruturas, i.e., esse grupo não parece ter preferência por nenhuma das estratégias-QU. E é isso o que o gráfico de correlação abaixo sugere. Enquanto na fala adulta não há uma associação forte com nenhuma das estratégias, a fala infantil possui uma associação forte e positiva com o QU-*in situ* e forte e negativa com o QU-*ex situ* (*Pearson's Chi-squared test, p-value < 2.2e-16*)¹⁰⁵.

¹⁰⁵ Em uma análise alternativa por sugestão da banca de defesa, excluímos da análise do gráfico 13 as perguntas cujos pronomes eram “*que*” ou “*quoi*”, visto que a primeira só pode ser empregada com deslocamento e acompanhada da partícula ESK, e a última apenas *in situ* ou se acompanhada de preposição. Nesse caso, a produção infantil é pouco alterada: as crianças continuam produzindo massivamente o QU-*in situ* (85,9%) e desfavorecendo o *ex situ* (14,1%). A maior diferença fica por conta da fala adulta: observamos um aumento na produção de QU-*in situ* (67,1%) com a exclusão desses pronomes, enquanto o *ex situ* foi produzido em 32,9% das ocorrências. Uma possibilidade para explicar essa diferença é que a estrutura “*qu’est-ce que*” – com pronome “*que*” + ESK – tenha insuflado a produção de QU-*ex situ* na fala adulta no gráfico 13. Essa estrutura, sendo analisada por Zuckerman (2001) como uma forma cristalizada da língua (a que ele chama de KESK), é apenas tardiamente produzida pela criança, após a entrada da partícula ESK em sua gramática, embora na fala adulta ela tenha se mostrado bastante produtiva, conforme vemos acima.

Gráfico 14 – Associação entre estratégias-QU e grupo etário em francês adulto (N=42) e infantil (N=4)



Comparando, agora, separadamente as crianças francesas e os adultos que fizeram parte de seu *input* durante as gravações, chegamos aos gráficos 15 a 18 abaixo:

Gráfico 15 – Comparação entre QU-ex situ e QU-in situ opcional na fala de Anaé (N=1) e dos adultos de seu input (N=8)

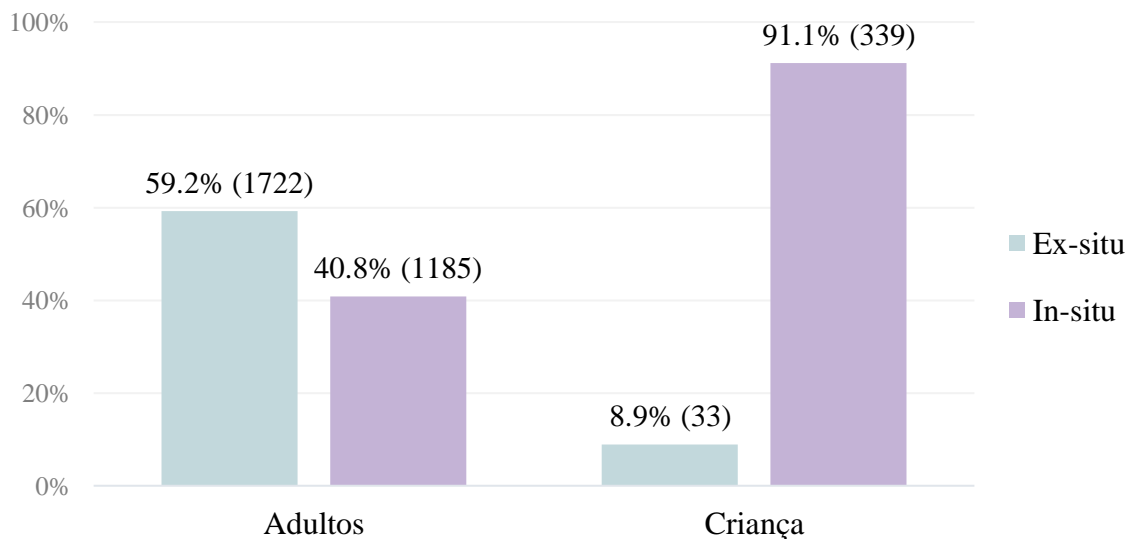


Gráfico 16 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* opcional na fala de Antoine (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=12)

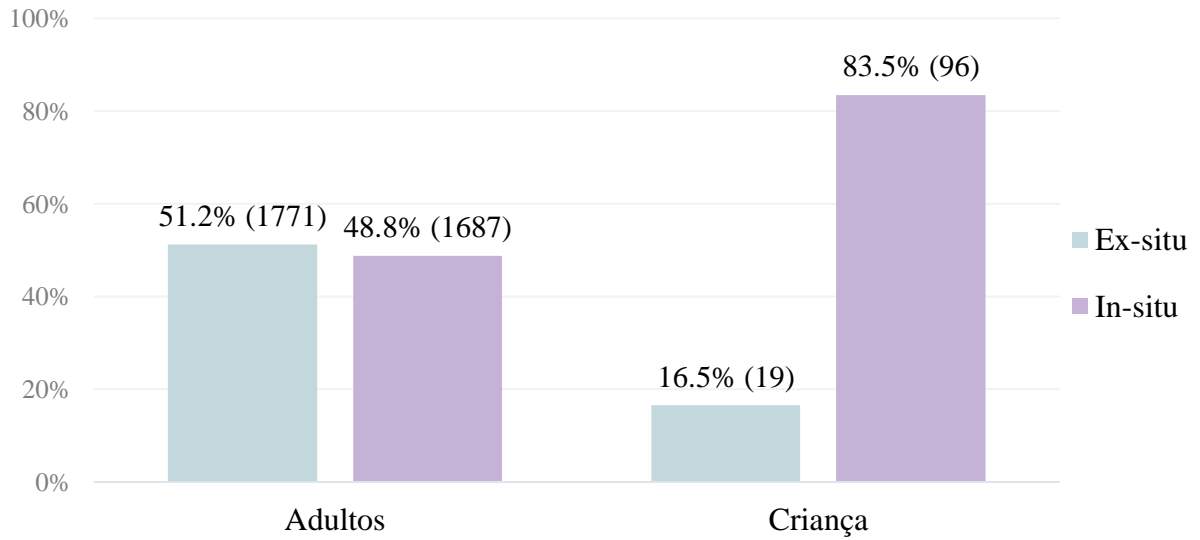


Gráfico 17 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* opcional na fala de Madeleine (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=7)

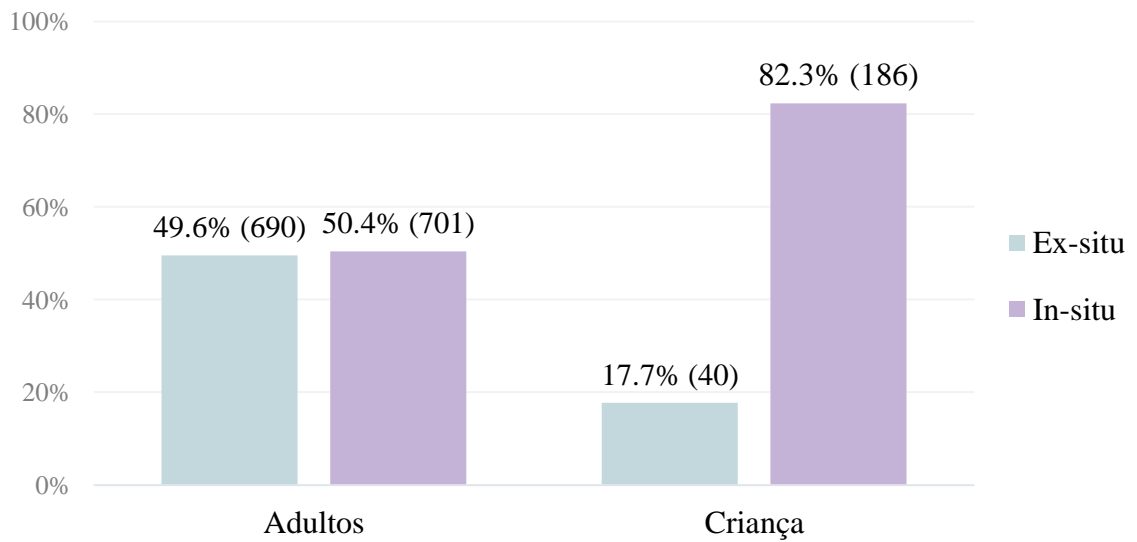
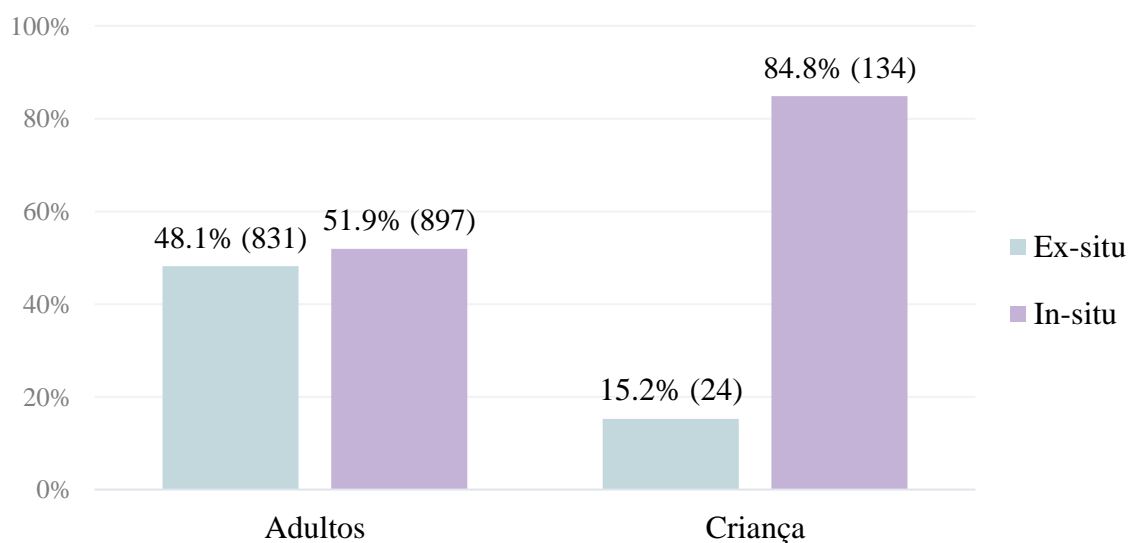


Gráfico 18 – Comparação entre QU-*ex situ* e QU-*in situ* opcional na fala de Théophile (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=15)



Todas as crianças empregaram majoritariamente o QU-*in situ*, em mais de 82% das perguntas-QU. Já na fala adulta, com exceção do *input* de Anaé, houve um equilíbrio entre o emprego ou não de movimento-QU. A criança que mais ouviu o QU-*ex situ* (Anaé) – 59,2% – foi a que menos o produziu – 8,9%. Enquanto isso, as outras ouviram em média ~50%, produzindo uma média de ~16%. Além disso, Anaé foi também a criança que menos ouviu QU-*in situ* – 40,8%, sendo a que mais o produziu – 91,1%. Já as outras crianças ouviram uma média de ~50%, produzindo em média ~83%.

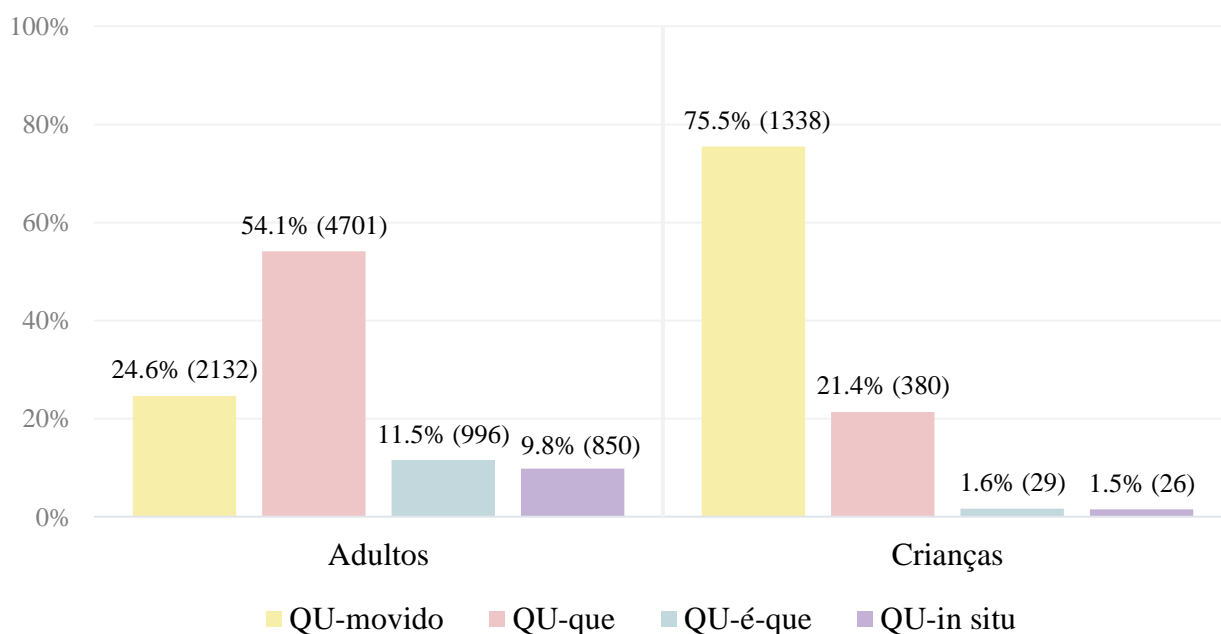
6.3. Todos os tipos de pergunta-QU

Nesta seção, analisamos todas as estratégias-QU separadamente: na análise do PB, separamos o QU-*ex situ* em QU-movido (“Quem a Maria visitou?”), QU-que (“Quem que a Maria visitou?” e QU-é-que (“Quem é que a Maria visitou?”), contrapondo-os ao QU-*in situ* (“A Maria visitou quem?”); e na análise do francês, separamos o QU-*ex situ* em QU-movido (“Où tu vas?” ou “Para onde você vai?”), QU+ESK (“Où est-ce que tu vas?” ou “Para onde que você vai?”), QU+inversão (“Où vas-tu?” ou “Para onde vai você?”), contrapondo-as novamente ao QU-*in situ* (“Tu vas où?” ou “Você vai para onde?”). Começamos então pelo PB.

No gráfico abaixo, identificamos que a estratégia mais produtiva na fala das crianças brasileiras foi o QU-movido, com **75,5%** de todas as perguntas-QU, seguida pelo QU-que, com

21,4%. Já as menos produtivas foram o QU-é-que, com **1,6%** e o QU-*in situ*, com **1,5%**. Os adultos, por sua vez, produziram mais QU-que, totalizando **54,1%** das perguntas-QU, seguido de QU-movido, com **24,6%**. As estratégias-QU menos produtivas na fala adulta foram o QU-é-que, com **11,5%**, e o QU-*in situ*, com **9,8%**.

Gráfico 19 – Comparação entre estratégias-QU em PB adulto (N=23) e infantil (N=4)



A primeira pergunta com QU-*in situ* emergiu no *corpus* aos **2;03.01**, na fala de Leonardo. O QU-movido, por sua vez, emergiu já aos **1;05.17** na fala de Maria. O QU-que também surgiu nos dados relativamente cedo, já a partir dos **1;07.12** na fala de Luana (inclusive, na fala dela antes do QU-movido). O QU-é-que, por fim, foi a última estratégia a aparecer nos dados, somente a partir dos **2;10** anos, na fala de Luana. Quanto à ordem de emergência das estruturas na fala de Leonardo e de Túlio, o QU-movido e o QU-que surgiram logo em suas primeiras sessões de gravação (aos 2;00.14 e 2;00.07), mas é provável que as estruturas tenham emergido antes em suas falas e não tenham sido capturadas pelas gravações, que começaram apenas mais tarde.

Tabela 3 – idade de emergência das estratégias-QU na fala das crianças brasileiras

Estratégias	Leonardo	Luana	Maria	Túlio
QU-movido	2;00.14	2;01.04	1;05.17	2;00.07
QU-que	2;00.14	1;07.12	1;08.24	2;00.07
QU-é-que	3;08.16	2;10.00	-	3;02.11
QU-<i>in situ</i>	2;03.01	2;05.07	2;11.30*	2;10.11*

*perguntas sem contraparte movida possível

O QU-*in situ* opcional foi produzido por apenas duas crianças, Leonardo e Luana. O QU-*in situ* obrigatório emergiu também na fala de Maria e de Túlio, aos 2;11.30 e 2;10.11 anos, respectivamente. O QU-*in situ* é, portanto, uma estrutura tardia em relação ao QU-movido, surgindo ~10 meses depois.

(2) Primeiras perguntas com QU-movido:

- a. que é isso aqui? (Leonardo, 2;00.14)
- b. que (vo)cê quer, mãe? (Luana, 2;01.04)
- c. que é esse? (Maria, 1;05.17)
- d. o que ele (es)tá fazen(d)o? (Túlio, 2;00.07)

(3) Primeiras perguntas com QU-que:

- a. que que (vo)cê (es)tá comendo? (Leonardo, 2;00.14)
- b. que qu(e) é esse? (Luana, 1;07.12)
- c. como que faz? (Maria, 1;08.24)
- d. que que tem aqui? (Túlio, 2;00.07)

(4) Primeiras perguntas com QU-é-que:

- a. como é que ela aparece aí? (Leonardo, 3;08.16)
- b. que é que (es)tá fazendo esse? (Luana, 2;10.00)
- c. como é que eu vou tira(r)? (Túlio, 3;02.11)

(5) Primeiras perguntas com QU-*in situ*:

- a. (es)tá aonde? (Leonardo, 2;03.01)
- b. é que co(r)? (Luana, 2;05.07)

- c. foram tintas que cor? (Maria, 2;11.30)
 d. tira o quê? (Túlio, 2;10.11)

Nos gráficos abaixo, podemos notar que essa preferência pelo QU-movido se manteve na fala de todas as crianças, que individualmente produziram mais da metade das perguntas-QU com essa estrutura. Apesar disso, em seus *inputs*, houve uma preferência pelo QU-que, com exceção dos adultos que interagiram com Leonardo, que produziram mais QU-movido. Curiosamente, Luana, a criança que mais produziu QU-movido (79,2%), foi também a que menos o ouviu (18,7%), produzindo, em contrapartida, menos QU-que (17,8%), tendo tido contato com a estrutura em 57,1% das perguntas-QU presentes nos dados.

A pergunta com QU-é-que foi produzida por 3 das 4 crianças, figurando como terceira opção mais produzida na fala infantil. E, conforme mencionado acima, o QU-*in situ* foi produzido apenas por Leonardo e Luana, figurando como a estratégia menos produzida.

Gráfico 20 – Comparação entre estratégias-QU em PB na fala de Túlio (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=5)

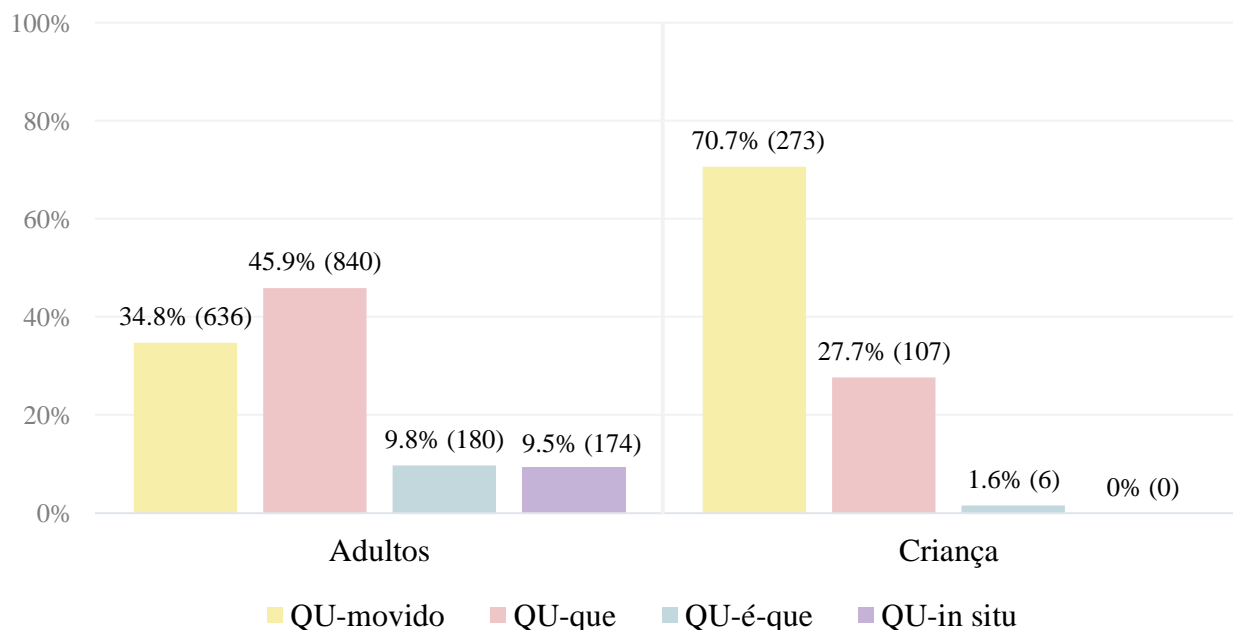


Gráfico 21 – Comparação entre estratégias-QU em PB na fala de Leonardo (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=7)

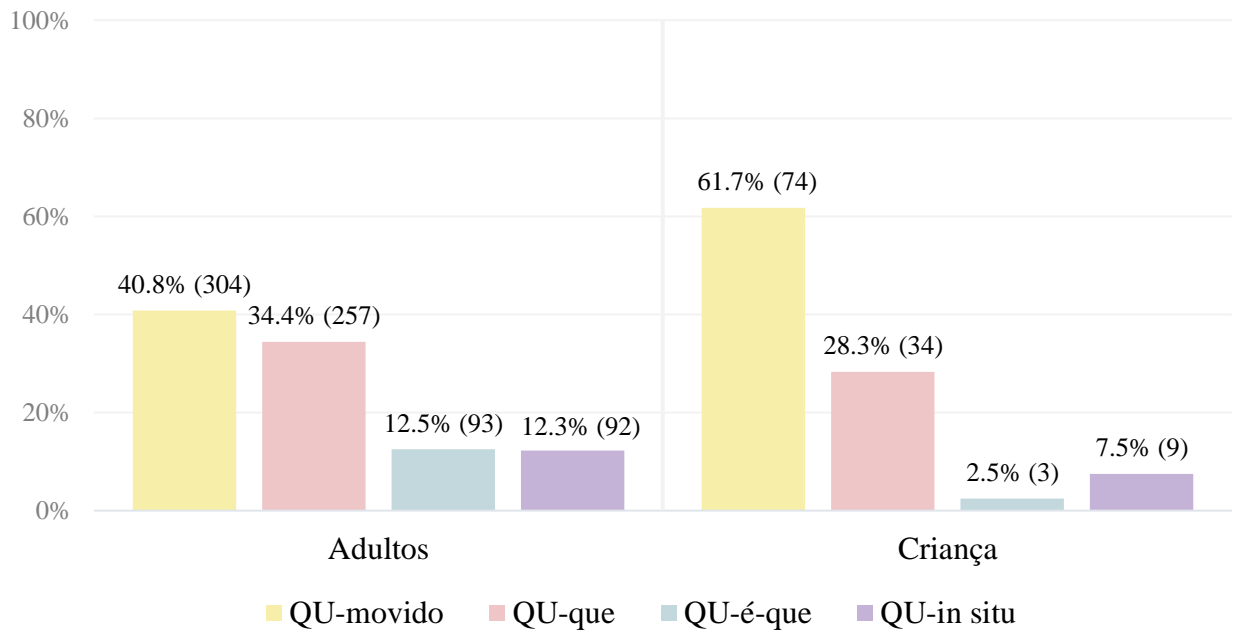


Gráfico 22 – Comparação entre estratégias-QU em PB na fala de Luana (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=4)

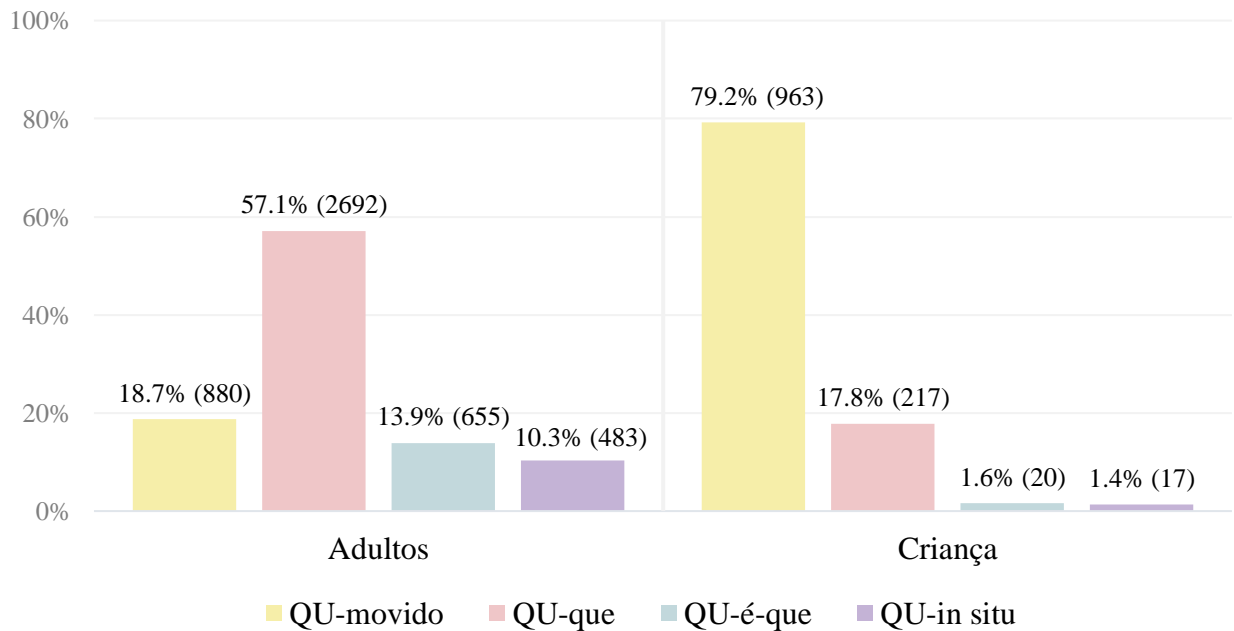
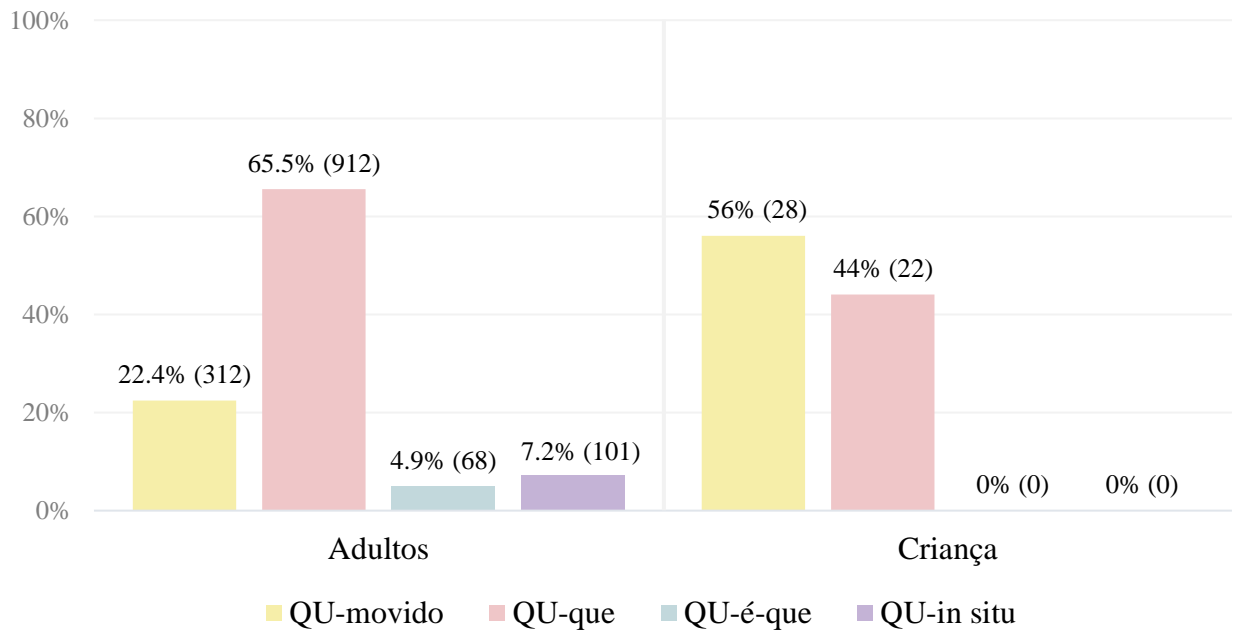
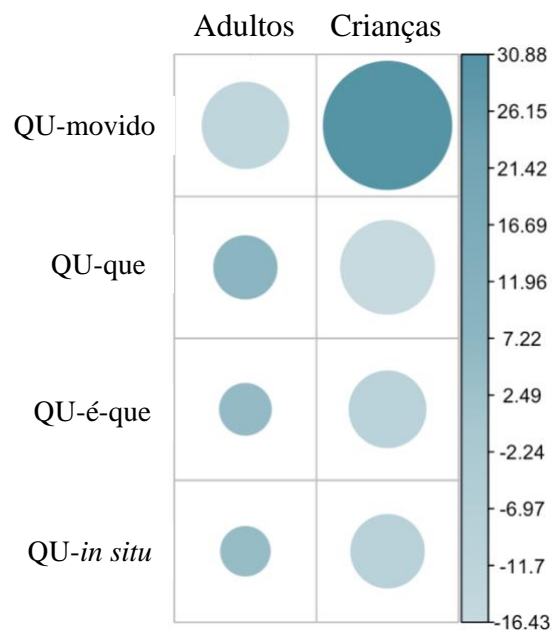


Gráfico 23 – Comparação entre estratégias-QU em PB na fala de Maria E. (N=1) e dos adultos de seu input (N=7)



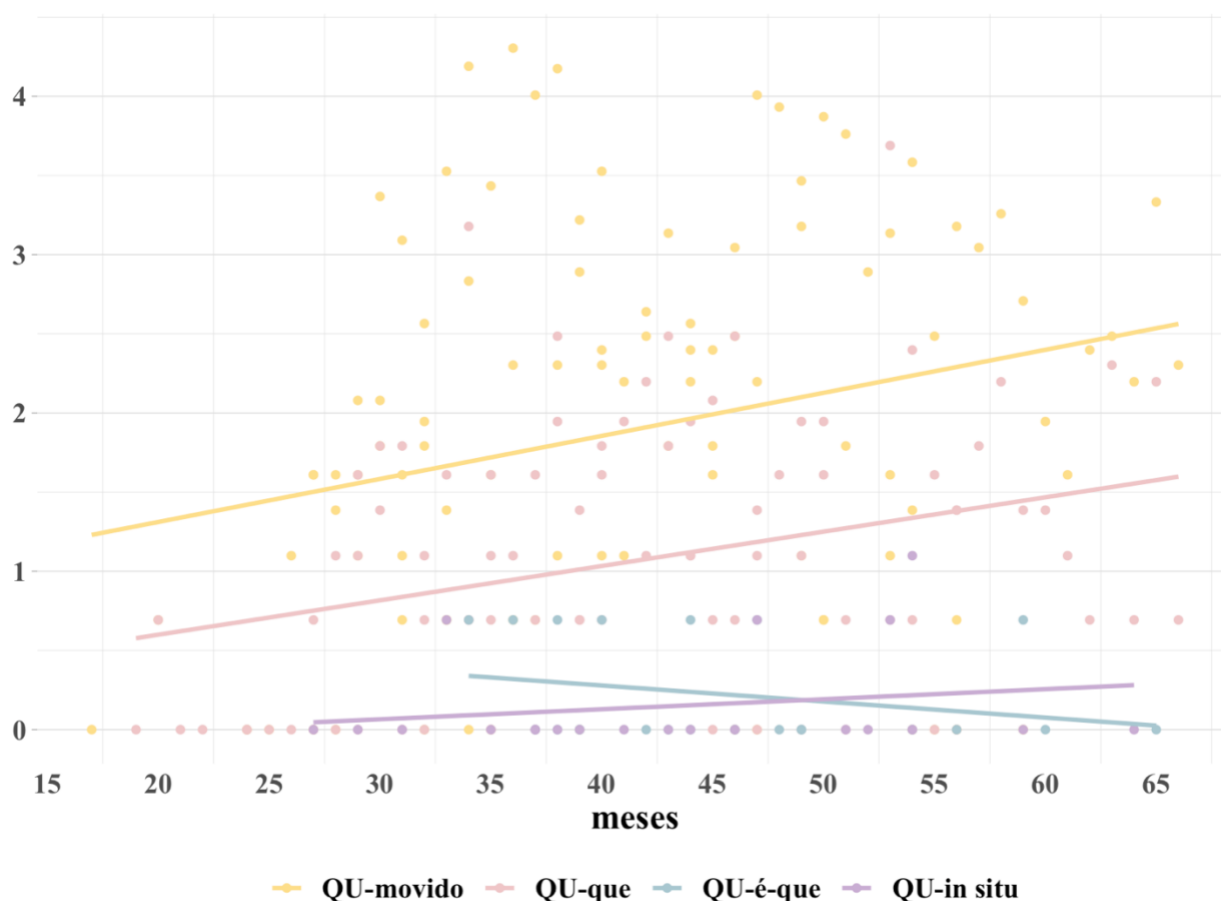
O gráfico de correlação abaixo sugere uma associação forte e positiva da fala infantil com o QU-movido. Há também associação negativa nos dados infantis com QU-que. Já a estratégia com QU-movido está negativamente associada aos dados adultos, mas não há nenhuma forte associação entre as estratégias-QU e a fala adulta (*Pearson's Chi-squared test*, $p\text{-value} < 2.2e-16$).

Gráfico 24 – Associação entre estratégias-QU e grupo etário em PB adultos (N=23) e crianças (N=4)



Por fim, no gráfico de dispersão abaixo é possível notar que não há uma estratégia-QU que se torna preferida conforme a idade. Veja que a distribuição de QU-movido (pontos amarelos) e QU-que (pontos rosas) se sobressaem e são produzidos em todos os meses, com uma distribuição menor de QU-é-que (pontos azuis), que emerge na faixa dos 35 meses; e de QU-*in situ* (pontos roxos), que emerge na faixa dos 25 meses. Os pontos estão bastante dispersos em torno das correspondentes retas, indicando que não há correlação entre idade e número de ocorrências de determinada estratégia-QU¹⁰⁶.

Gráfico 25 – Mudança de estratégia-QU no PB conforme a idade das crianças (N=4)

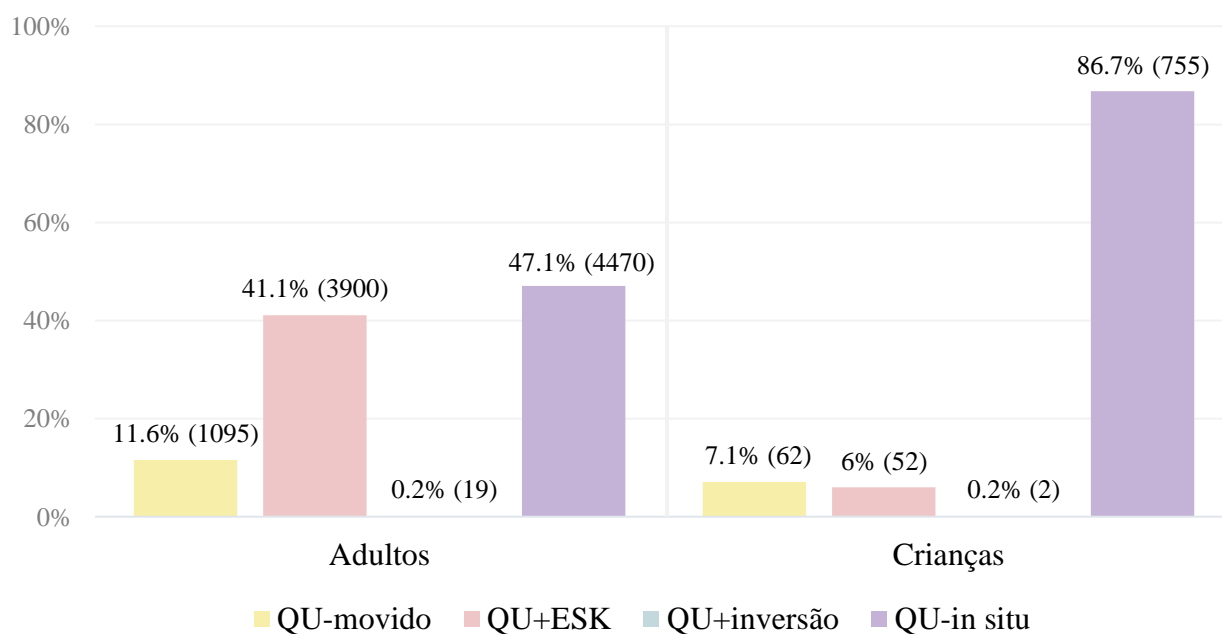


Passemos agora à análise do francês. As crianças francesas, conforme podemos notar no gráfico abaixo, produziram majoritariamente o QU-*in situ* (86,7%), sendo também a estratégia-QU mais produtiva na fala adulta (47,1%). O QU-movido foi produzido em proporções próximas na fala adulta a infantil – 11,6% e 7,1%, respectivamente. O QU-movido

¹⁰⁶ Realizando gráficos de dispersão para cada criança separadamente, ainda não foi possível notar correlação entre suas idades e as estratégias-QU.

+ inversão foi igualmente desfavorecido na fala dos dois grupos, sendo a estratégia-QU menos produtiva, com 0,2% na fala adulta e infantil. Já o QU-movido + ESK foi a segunda estratégia-QU mais produtiva na fala adulta, totalizando 41,1% das perguntas-QU, o que não foi seguido pelas crianças em nosso *corpus*, que produziram apenas 6% dessa construção.

Gráfico 26 – Comparação entre estratégias-QU em francês adulto (N=42) e infantil (N=4) 9484



As grandes diferenças entre os dados infantis e os dados presentes no *input* foram, portanto, a proporção de QU-movido + ESK, em que houve uma diferença de 35,1% de um grupo para o outro, e de QU-*in situ*, com uma diferença de 39,6%. Na fala infantil, então, houve uma produção massiva de QU-*in situ*. Já na fala adulta, o QU-*in situ* e o QU-movido + ESK foram as estratégias-QU mais utilizadas, com um leve aumento no emprego de QU-*in situ*.

Na tabela 4, abaixo, podemos observar a ordem de emergência das estruturas nas falas das quatro crianças:

Tabela 4 – idade de emergência das estratégias-QU na fala das crianças francesas

Estratégias	Anaé	Antoine	Madeleine	Théophile
QU-movido	2;06.26	2;02.27	1;11.03	2;11.28
QU-movido + ESK	2;05.29	4;05.16	2;09.17	2;10.27
QU-movido + inversão	-	2;02.27	2;10.21	-
QU-<i>in situ</i>	1;10.17	2;02.12	1.10.07	2;00.20

O *QU-in situ*, além de ser o mais produtivo na fala infantil, foi também o primeiro a emergir na fala de todas as crianças, a partir dos 1;10.07 anos. Na fala de Anaé, o *QU-in situ* surgiu a partir de 1;10 anos; o *QU-movido* e o *QU-movido + ESK* emergiram com uma diferença de apenas um mês (2;05 para o *QU-movido + ESK* e 2;06 para o *QU-movido*) e não houve nenhuma ocorrência de *QU-movido + inversão*. Na fala de Antoine, o *QU-movido* e o *QU-movido + inversão* emergiram apenas duas sessões após o *QU-in situ* (aos 2;02.27); já o *QU-movido + ESK* emergiu em seus dados apenas após os 4;05, o que, considerando a fala das outras crianças, é bastante tardia. Nos dados de Madeleine, temos o *QU-in situ* como primeira estratégia utilizada (aos 1;10), seguida apenas um mês depois pelo *QU-movido* (aos 1;11); e, ao final de seus dois anos, a criança passou a produzir perguntas com *QU-movido + ESK* (aos 2;09) e *QU-movido + inversão* (aos 2;10). Finalmente, nos dados de Théophile, a primeira estrutura a emergir foi o *QU-in situ* (a partir de 2 anos) e aos 2;10 e 2;11 surgiram as primeiras ocorrências de *QU-movido + ESK* e *QU-movido*, respectivamente; a opção com inversão não figurou em seus dados.

(6) Primeiras perguntas com *QU-in situ*:

- a. oh c'est quoi? (Anaé, 1;10.17)
oh isso-é o que
“Oh, isso é o quê?”
- b. elle est où l'étoile de mer? (Antoine, 2;02.12)
ela está onde a estrela de mar
“Onde está a estrela do mar?”
- c. euh i(l) est où? (Madeleine, 1;10.07)
euh ele está onde

“Euh, ele está onde?”

- d. c'est qui? (Théophile, 2;00.20)
este-é quem
“É quem?”

(7) Primeiras perguntas com QU-movido:

- a. où est le livre de vampire? (Anaé, 2;06.26)
onde está o livro de vampiro
“Onde está o livro do vampiros?”
- b. où sont messieurs, maman? (Antoine, 2;02.27)
onde estão senhores mamãe
“Cadê os senhores, mamãe?”
- c. où (i)l est le bleu? (Madeleine, 1;11.03)
onde ele está o azul
“Cadê o azul?”
- d. où (i)l est (le) papier? (Théophile, 2;11.28)
onde ele está o papel
“Cadê o papel?”

(8) Primeiras perguntas com QU-movido + ESK:

- a. qu'est-ce que c'est? (Anaé, 2;05.29)
que ESK este-é
“O que é isso?”
- b. où est-ce qu'elle est? (Antoine, 4;05.16)
onde ESK ela está
“Onde ele está?”
- c. qu'est-ce qu'il y a dans la montagne? (Madeleine, 2;09.17)
que ESK EXPL-y-tem dentro a montanha
“O que tem na montanha?”
- d. qu'est-(ce) que c'est que ça? (Théophile, 2;10.27)
que ESK este-é que isso
“O que é isso?”

(9) Primeiras perguntas com QU-movido + inversão:

- a. où vont-ils? (Antoine, 2;02.27)
onde vão eles
“Onde eles vão?”
- b. Christelle, où es-tu passée? (Madeleine, 2;10.21)
Christelle onde é-você passado
“Christelle, onde você foi?”

Analisando individualmente (gráficos 27 a 30 abaixo) a produção das crianças francesas, na fala de todas elas o QU-*in situ* foi a opção mais produtiva, com uma média de 85,4% das perguntas-QU. Essa estratégia-QU também foi a mais produtiva no *input* da maior parte das crianças, com exceção de Anaé, em que a opção mais produzida pelos adultos foi o QU-movido + ESK (47%), relegando o QU-*in situ* à segunda opção mais produtiva, com 40,8% das perguntas-QU. Mesmo assim, Anaé foi a criança que mais produziu a estrutura *in situ*, em 91,1% das ocorrências. Já no *input* das demais crianças, o QU-movido + ESK foi a segunda estratégia-QU mais produzida – entre 36,6% e 39,5% dos dados – mas foi pouco utilizada pelas crianças – entre 3,5% e 9,3% das perguntas. A terceira estratégia mais utilizada pelos adultos foi o QU-movido – entre 9,8% e 12,5% dos dados – sendo a segunda opção mais produtiva na fala de duas crianças (Antoine e Théophile) e a terceira na fala das outras duas (Anaé e Madeleine). Por fim, a produção de QU-movido + inversão é pareada com o *input*, sendo bem pouco empregada pelas crianças (apenas Madeleine e Antoine utilizam a construção em 0,4% e 0,8% das perguntas-QU, respectivamente) e também pelos adultos, em 0,1% a 0,5% das ocorrências.

Gráfico 27 – Comparação entre estratégias-QU em francês na fala de Anaé (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=8)

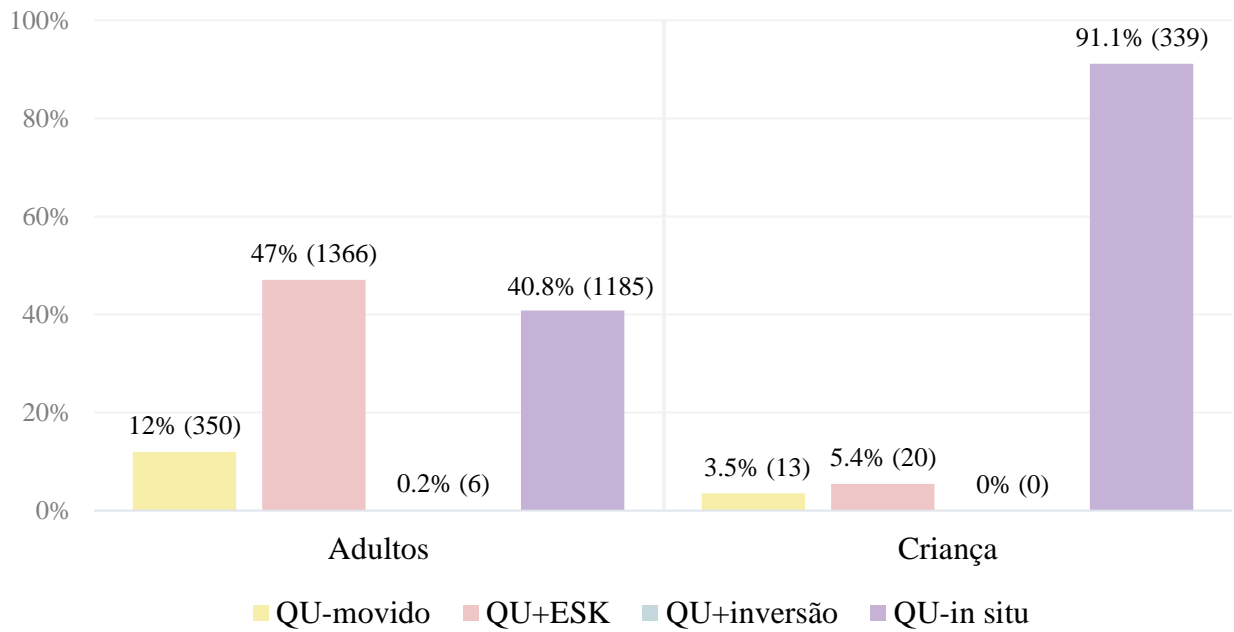


Gráfico 28 – Comparação entre estratégias-QU em francês na fala de Antoine (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=12)

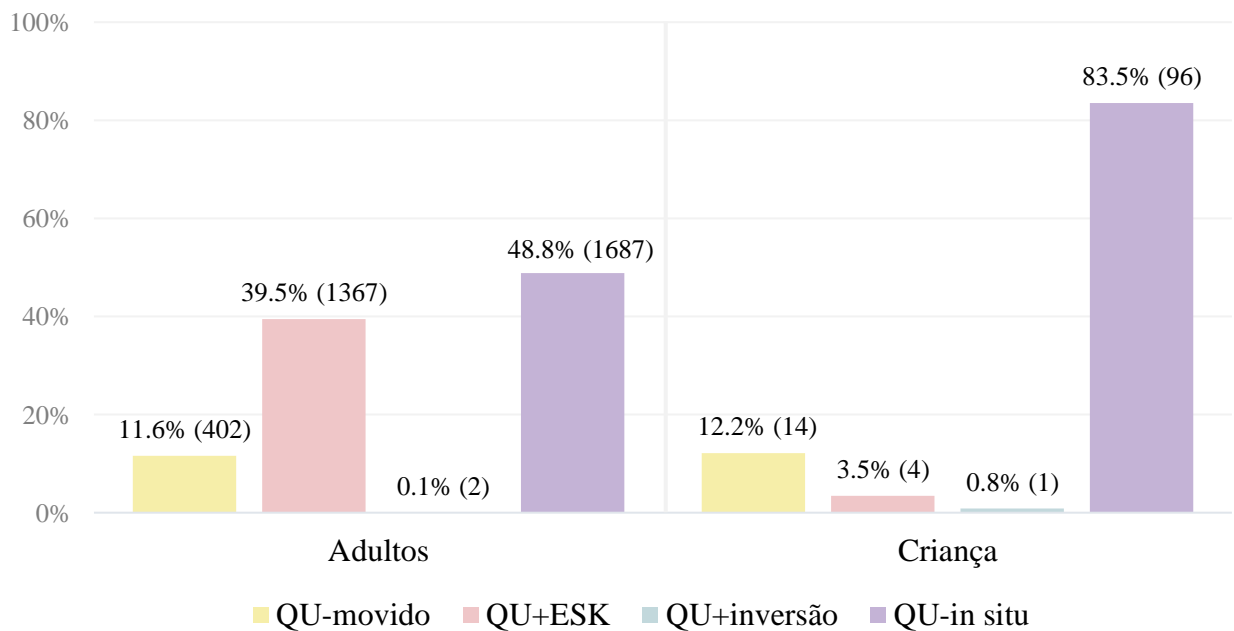


Gráfico 29 – Comparação entre estratégias-QU em francês na fala de Madeleine (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=7)

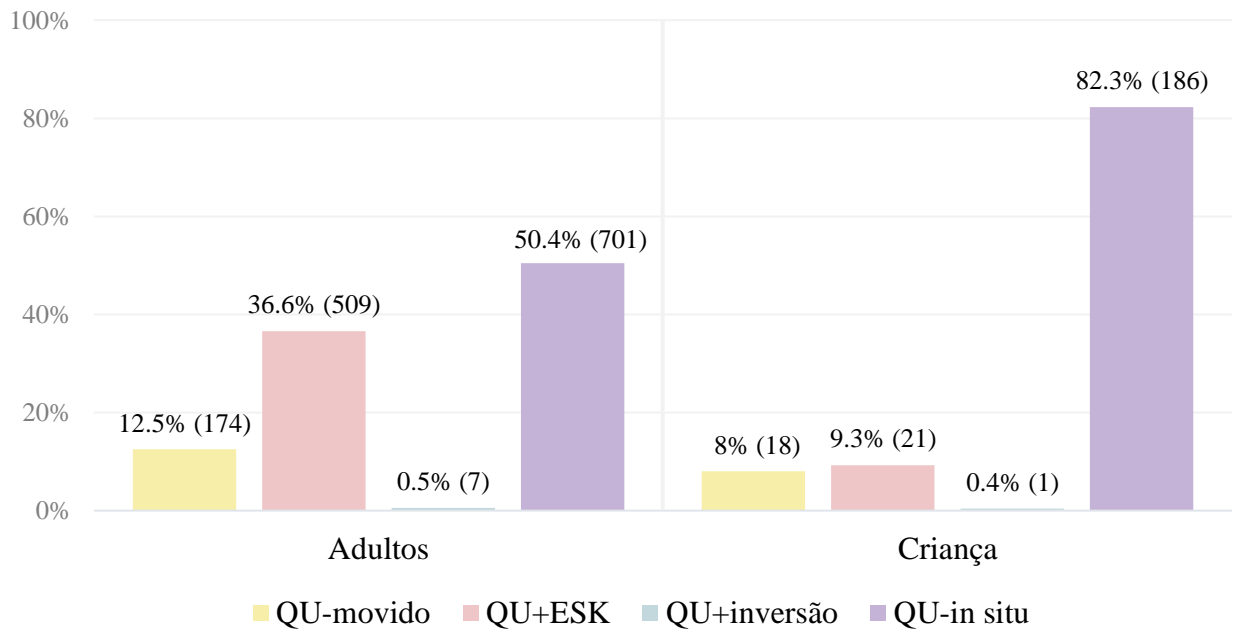
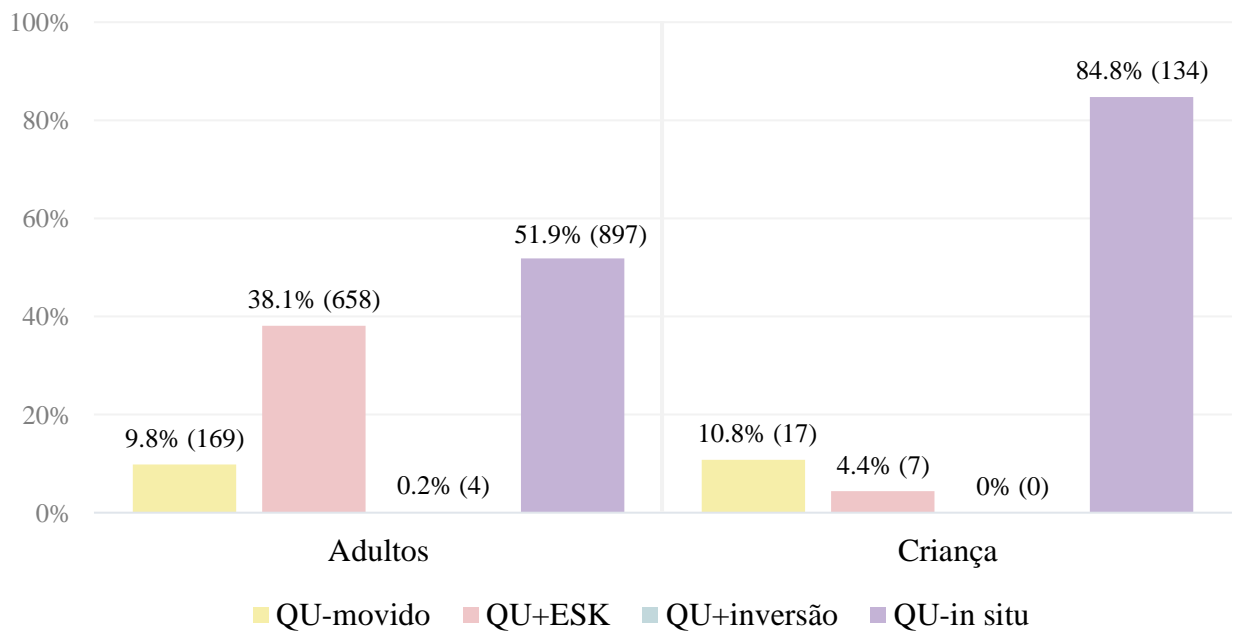
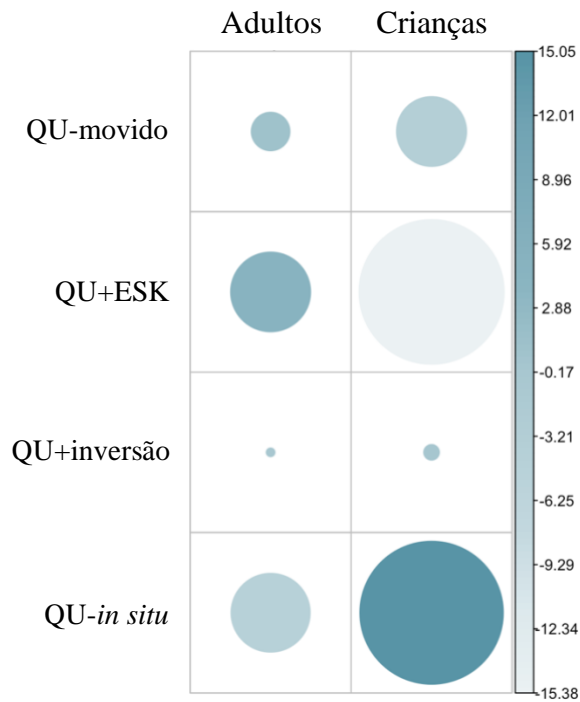


Gráfico 30 – Comparação entre estratégias-QU em francês na fala de Théophile (N=1) e dos adultos de seu *input* (N=15)



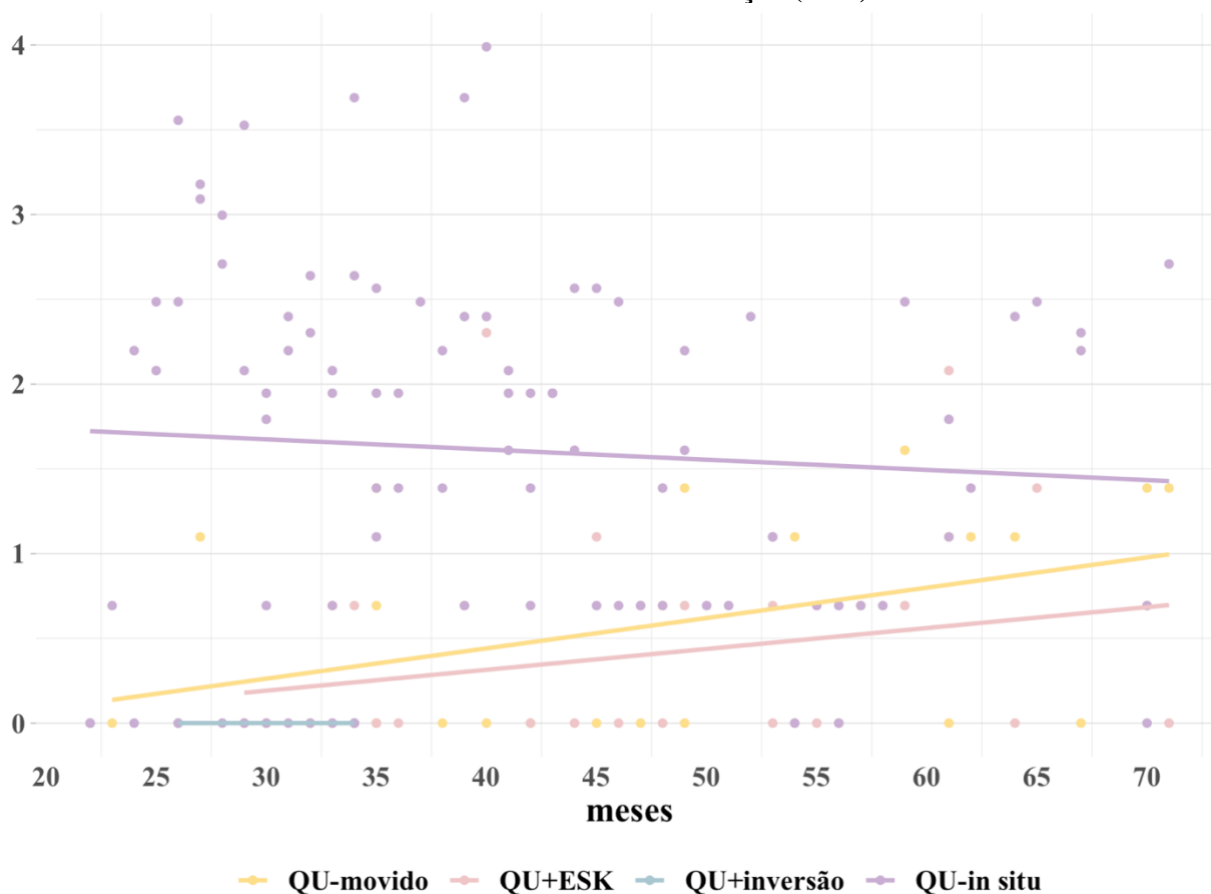
No gráfico 31 abaixo, notamos uma associação forte e positiva da criança com o *QU-in situ* e forte e negativa com o *QU-movido + ESK*. Houve também uma associação positiva da fala adulta com o *QU-movido + ESK* (*Pearson's Chi-squared test, p-value < 2.2e-16*).

Gráfico 31 – Associação entre estratégias-QU e grupo etário em francês adultos (N=42) e crianças (N=4)



No gráfico abaixo, vemos também uma grande dispersão entre os pontos, ou seja, não há uma estratégia-QU que se torna preferida conforme a idade. Veja que os pontos roxos (QU-*in situ*) se sobressaem ao restante, com alguns rosas (QU-movido + ESK); amarelos (QU-movido) e pouquíssimos azuis (QU-movido + inversão). Os pontos estão bastante dispersos em torno das correspondentes retas, indicando que não há correlação entre idade e número de ocorrências de determinada estratégia-QU.

Gráfico 32 – Mudança de estratégia-QU no francês conforme a idade das crianças (N=4)



Recordemos, ainda, que o QU-movido + ESK é uma estratégia tardia, surgindo na faixa dos 30 meses, mais especificamente aos 2;05.29 na fala de Anaé; aos 2;09 e 2;10 na fala de Madeleine e Théophile, respectivamente; e ainda mais tardia na fala de Antoine, aos 4;05.16. Consideramos, então, na próxima análise uma divisão em duas fases de desenvolvimento das perguntas-QU: antes e após a emergência da partícula ESK, uma vez que para fazer perguntas com ‘o que’, o pronome ‘que’ é usualmente acompanhado de ESK ou mais raramente da inversão; caso contrário, a pergunta é feita com a contraparte *in situ* ‘*quoi*’¹⁰⁷. Com isso,

¹⁰⁷ O pronome ‘*que/quoi*’ se move geralmente em associação ao ESK (i) e em inversões (ii), com as quais aparece como ‘*que*’; e em objetos de preposição, com a qual aparece em sua forma ‘*quoi*’ (iii) (PALASIS et al., 2023; ZUCKERMAN, 2001).

- (i) Qu’est-ce qu’il va faire?
o que ESK ele vai fazer
“O que é que ele vai fazer?”
- (ii) Que va-t-il faire?
o que vai ele fazer
“O que ele vai fazer?”
- (iii) De quoi tu parles?
de que você fala

pretendemos verificar o efeito que a aquisição dessa partícula tem na produção de perguntas-QU pelas crianças francesas, pois sua emergência pode ser um fator relevante para explicar a ordem em que as estratégias de pergunta surgem na fala das crianças francesas.

Note, nos gráficos abaixo, que na primeira fase há uma prevalência do QU-*in situ* – única opção produzida por Anaé e Théophile e produzida em mais de 92% das ocorrências na fala de Antoine e ~96% na de Madeleine. Ainda nessa fase, Antoine produz QU-movido e QU-movido + inversão e Madeleine produz apenas o QU-movido. Essas perguntas produzidas por Antoine e Madeleine contendo inversão ou apenas movimento do elemento-QU foram realizadas com os pronomes ‘où’ (10a), ‘comment’ (10b) ou junto a um NP (10c). Seguem abaixo alguns exemplos:

- (10) a. Où vont-ils? (Antoine, 2;02.27)
onde vão eles
“Onde eles vão?”
- b. Comment ça s(e) fait? (Madeleine, 2;03.03)
como isso se faz
“Como se faz isso?”
- c. Quelle carte tu veux, Lucas? (Madeleine, 2;05.12)
qual carta você quer Lucas
“Qual carta você quer, Lucas?”

Quanto à estratégia com QU-movido + ESK, evidentemente ela surgirá apenas na segunda fase nesse gráfico, com a emergência de ESK.

(iv) “Do que você está falando?”
? Que il va faire?
o que ele vai fazer
“O que ele vai fazer?”

Gráfico 33 – Frequência das estratégias-QU na fala de Anaé (N=1) separada em duas fases: antes e após a emergência de ESK

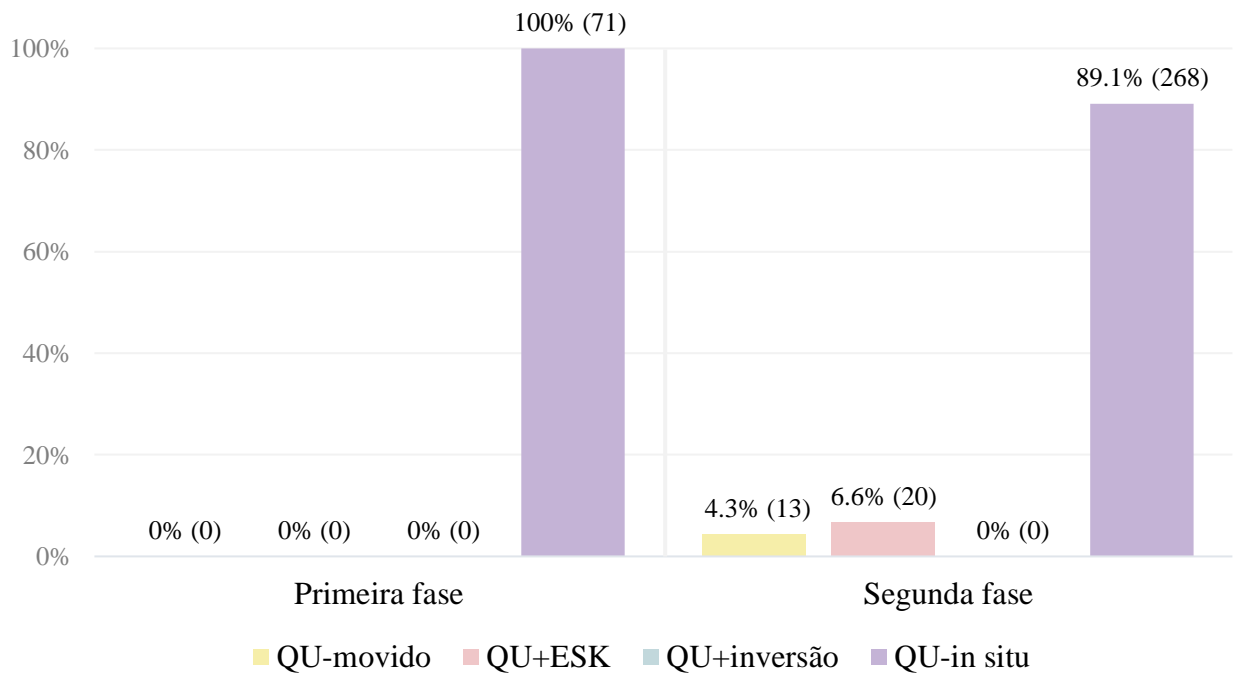


Gráfico 34 – Frequência das estratégias-QU na fala de Antoine (N=1) separada em duas fases: antes e após a emergência de ESK

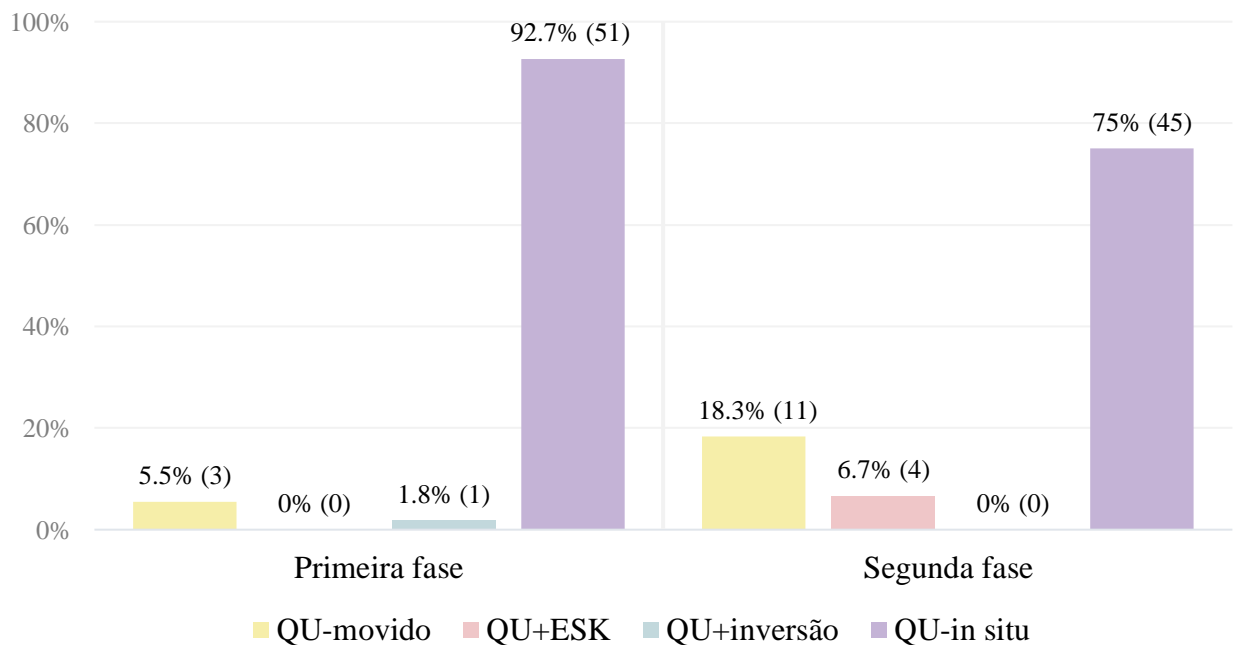


Gráfico 35 – Frequência das estratégias-QU na fala de Madeleine (N=1) separada em duas fases: antes e após a emergência de ESK

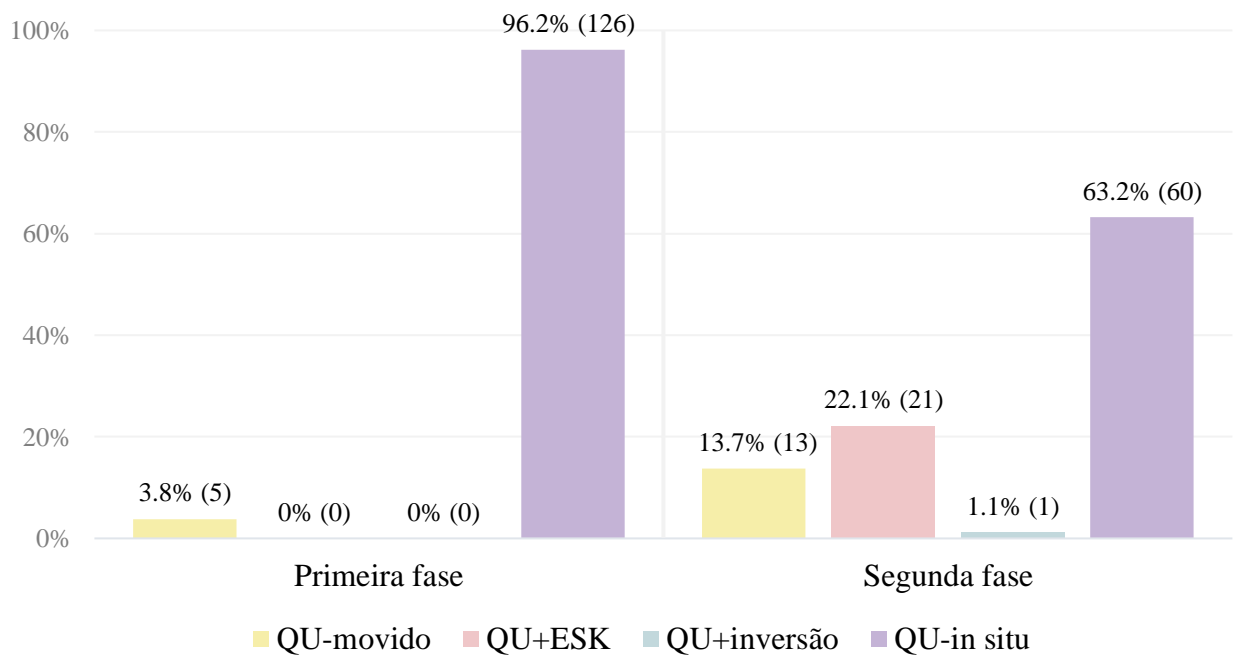
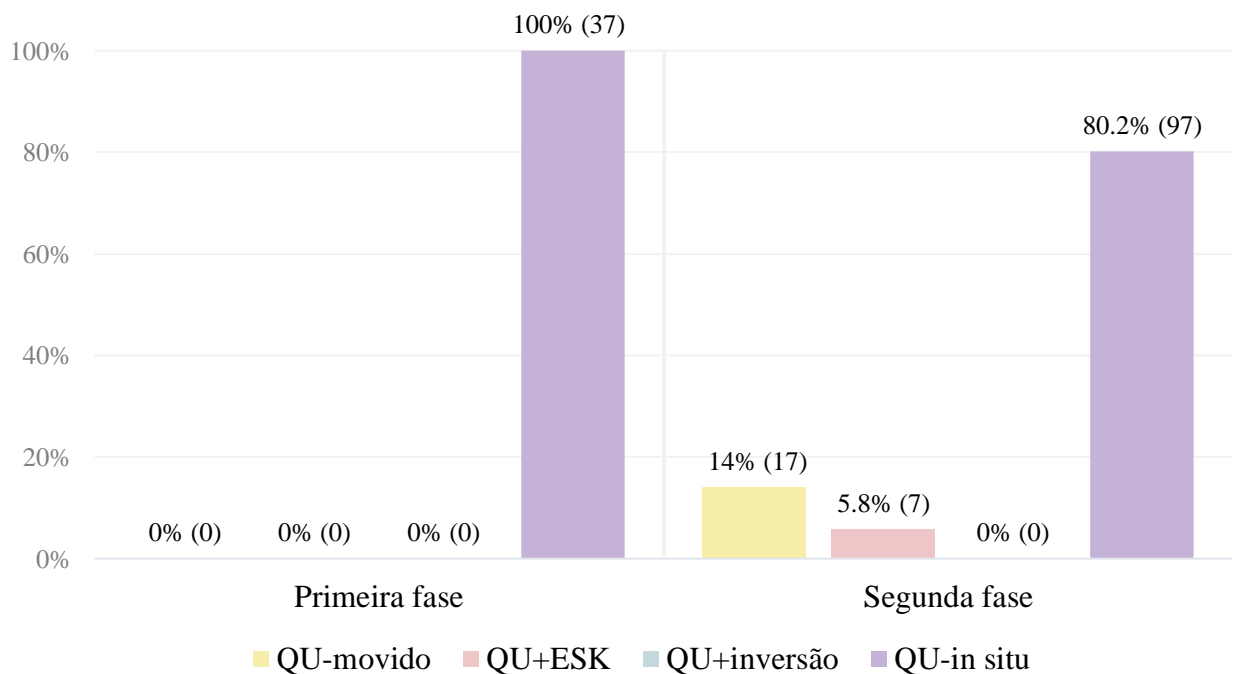


Gráfico 36 – Frequência das estratégias-QU na fala de Théophile (N=1) separada em duas fases: antes e após a emergência de ESK



Na primeira fase, perguntas com ‘o que’ foram realizadas apenas com o elemento-QU *in situ*. Como a opção com inversão é bastante restrita mesmo no *input* recebido, antes da

aquisição de ESK, a criança não tem muita escolha na produção de perguntas com o pronome ‘o que’ a não ser utilizá-lo *in situ*, em sua forma ‘*quoi*’. Apenas após a emergência de ESK em sua fala é que a criança começa a produzir perguntas com ‘*que*’ movido de forma mais frequente. Esse pronome, que seria um dos primeiros a ser adquirido pelas crianças principalmente por sua importância em interações do aqui-e-agora (TYACK; INGRAM, 1977; DE VILLIERS; ROEPER, 2003), fica então mais restrito ao QU-*in situ* na primeira fase. O que nos parece interessante nessa breve análise é que o leque de possibilidades da criança com relação ao emprego dos pronomes-QU parece aumentar com a emergência de ESK e, antes disso, fica mais restrito à estrutura com QU-*in situ*.

6.4. Considerações sobre o capítulo

Em suma, considerando apenas as perguntas de fato opcionais, em que o movimento ou a permanência do elemento-QU são estruturalmente possíveis, no PB, as crianças produziram apenas 1,5% (26) de QU-*in situ*, empregando majoritariamente sua contraparte movida, em 98,5% (1747) das perguntas-QU. Por sua vez, os adultos produziram 9,8% (850) de QU-*in situ*, preferindo o movimento-QU em 90,2% (7829) de suas perguntas. Enquanto isso, no francês, as crianças produziram 86,7% (755) de QU-*in situ*, empregando o movimento em 13,3% (116) de suas perguntas-QU e os adultos optaram pela construção em 47,1% (4470) das vezes, produzindo o QU-*ex situ* em 52,9% (5014) de suas perguntas, conforme observamos no sumário abaixo:

Tabela 5 – sumário das produções infantis (N=8) e adultas (N=65) no PB e no francês

	Português brasileiro		Francês	
	Crianças	Adultos	Crianças	Adultos
QU-<i>ex situ</i>	98,5% (1747)	90,2% (7829)	13,3% (116)	52,9% (5014)
QU-<i>in situ</i>	1,5% (26)	9,8% (850)	86,7% (755)	47,1% (4470)
Total	100% (1773)	100% (8679)	100% (871)	100% (9484)

Com isso, observamos que no PB as crianças tenderam a seguir o comportamento geral do adulto, produzindo majoritariamente a construção com que mais se depararam em seu *input*,

o QU-*ex situ*. Entretanto, elas não seguiram completamente, já que, ainda que tenham dado “preferência” ao movimento-QU, desfavoreceram o QU-*in situ* muito mais que os adultos de sua língua. Ou seja, caso as crianças falantes de PB estivessem seguindo seu *input* fielmente, seria esperada uma proporção similar de cada estratégia nos dois grupos etários, o que não acontece: nossos resultados estatisticamente significantes sugerem que a construção está positivamente associada à fala adulta em comparação à infantil.

Grosso modo, a tarefa das crianças, em um primeiro momento, é identificar em seu *input* se em sua língua as perguntas-QU são realizadas com movimento-QU ou com a permanência do elemento interrogativo *in situ*. No PB, observando que em ~90% das ocorrências a estrutura mais empregada é aquela com movimento, as crianças parecem adotar essa estratégia como a opção *default* de sua língua, acompanhando o adulto em sua “preferência” e produzindo pouquíssimas ocorrências de QU-*in situ*. É preciso analisar, então, porque as crianças levam um longo período para atingir a mesma taxa de produção dos adultos.

Já no francês, notamos um cenário oposto ao do PB: o QU-*in situ* é o mais utilizado pelas crianças francesas, em ~87% das perguntas-QU, e o QU-*ex situ*, embora produtivo na língua, é, nessa faixa etária, bastante desfavorecido. O *input* no francês, nesse cenário, se mostra “ambíguo”, pois a criança ouve quase metade de cada estrutura. Mesmo assim, ela produz massivamente apenas uma delas, o QU-*in situ*. Mas por que, então, as crianças favorecem o emprego de QU-*in situ* e desfavorecem o de *ex situ* se as estruturas são igualmente produtivas em seu *input*? Que pistas podem estar guiando a criança francesa para a produção massiva de apenas uma das estruturas? E ainda, por que as perguntas-QU não possuem a mesma distribuição na fala adulta e infantil? Por isso, nos próximos capítulos, continuaremos buscando as possíveis respostas a esses impasses.

Quanto às estratégias-QU como um todo, os resultados indicam que as crianças falantes de PB começam sua aquisição pelo QU-movido, aos 1;05, sendo também a estratégia mais produtiva em seus dados, com 75,5% de todas as perguntas-QU. O QU-que surge logo em seguida, aos 1;07, produzido em 21,4% dos dados. O QU-*in situ* emerge no *corpus* aos 2;03, sendo produzido em sua forma opcional por apenas duas das quatro crianças e raramente, com apenas 1,5% das perguntas-QU. Por fim, o QU-é-que é a última estratégia a aparecer nos dados, somente a partir dos 2;10 anos e totalizando 1,6% das perguntas. A ordem de emergência observada nos resultados é:

- (i) **QU-movido > QU-que > QU-*in situ* > QU-é-que.**

Individualmente, não houve muita diferença quanto às duas primeiras preferências infantis: todas as crianças produziram mais QU-movido e em segundo lugar, QU-que. Túlio e Maria não produziram QU-*in situ* em sua versão opcional, o que nos faz atribuir a eles uma aquisição mais tardia que a das outras duas crianças. Apenas Luana e Leonardo produziram QU-*in situ* opcional e a construção foi mais produtiva na fala de Leonardo (7,5%) que, interessantemente, foi também o que mais a ouviu em seu *input* (12,3%).

Maria não produziu o QU-é-que nem o QU-*in situ*, mas, conforme vimos acima, seus dados se concentraram mais em estágios anteriores, com uma diferença de mais de um ano (13,7 meses) entre ela e as outras crianças. É provável, então, que as gravações tenham conseguido capturar o QU-movido e o QU-que que surgiram mais cedo em seus dados, por ter havido mais sessões nesse período e, quando mais velha, com uma maior distância entre as gravações, não foi possível capturar as construções mais tardias.

Os adultos falantes de PB, por sua vez, produziram mais QU-que, totalizando 54,1% das perguntas-QU, seguido de QU-movido, com 24,6%. As estratégias-QU menos produtivas na fala adulta foram o QU-é-que, com 11,5%, e o QU-*in situ*, com 9,8%. A maior diferença entre as crianças e os adultos foi, portanto, a maior produtividade de QU-movido na fala infantil, embora o QU-que tenha sido mais produzido no *input*. Além disso, a frequência de QU-é-que e QU-*in situ*, ainda que sua emergência mais tardia possa ser superficialmente explicada pela baixa frequência nos dados adultos com relação às outras duas construções, ainda não se equipara ao *input*. Em outras palavras, se as crianças estivessem seguindo fielmente os dados que recebem do ambiente, esperaríamos uma produção similar de QU-é-que e QU-*in situ*, que foram produzidos em 11,5% e 9,8% na fala adulta, respectivamente, mas que, em contrapartida, foram consideravelmente desfavorecidos na fala infantil, totalizando 1,6% e 1,5% das perguntas-QU. E, mais ainda, esperaríamos que a primeira estratégia a emergir nos dados infantis e a mais frequente fosse o QU-que, sendo ela a mais produtiva nos dados adultos.

Essa assimetria, levantada na primeira seção, continuará a ser explorada durante os próximos capítulos e na discussão dos resultados. Podemos já concluir, no entanto, que as crianças não seguem completamente as preferências do *input* e que outros fatores devem entrar em jogo nesse processo, visto que elas produzem mais QU-movido em lugar do QU-que e não equiparam as proporções de uso de QU-é-que e QU-*in situ* aos dados adultos.

Quanto aos dados franceses analisados nessa seção, vimos que as crianças produzem majoritariamente o QU-*in situ*, em 86,7% das perguntas-QU, sendo também a estratégia-QU a primeiro emergir nos dados, aos 1;10 anos. Em segundo lugar, elas produziram mais QU-movido, que surgiu já aos 1;11 anos e totalizou 7,1% dos dados relevantes. Em terceiro lugar,

não tão distante do segundo, figurou o QU-movido + ESK, com 6% das perguntas-QU e com emergência mais tardia, apenas após os 2;05 anos. A emergência da partícula ESK, inclusive, parece ter ampliado o leque de possibilidades das crianças: enquanto perguntas com ‘*que/quoi*’ eram quase exclusivamente realizadas com QU-*in situ* antes do surgimento de ESK, após essa emergência, passaram a ser empregadas também em conjunto com movimento. Por fim, a inversão foi bem pouco produzida (por apenas duas das quatro crianças observadas), com 0,2% dos dados e emergência após os 2;02 anos. A ordem de emergência observada nos resultados foi então:

(ii) **QU-*in situ* > QU-movido > QU-movido + inversão > QU-movido + ESK.**

Individualmente, também não houve muita diferença quanto à produção geral infantil: todas as crianças observadas produziram mais QU-*in situ* (em mais de 82% das perguntas-QU) e desfavoreceram consideravelmente a opção com movimento e inversão (apenas 0,6% das perguntas-QU). Houve, no entanto, um equilíbrio entre as outras duas estratégias com movimento - ambas figuraram ora em segundo, ora em terceiro lugar, com proporções que não ultrapassaram 12,2%.

Por sua vez, nos dados adultos contidos no *input* do francês, houve um equilíbrio na produção do QU-*in situ* (47,1%) e do QU-movido + ESK (41,1%), sendo o primeiro mais produzido no *input* de três das quatro crianças. O QU-movido foi produzido na fala adulta em 11,6% das perguntas-QU, e o QU-movido + inversão foi igualmente desfavorecido na fala dos adultos, com 0,2% das perguntas-QU.

A maior diferença entre os dois grupos, então, é com relação às proporções de QU-*in situ* e de QU-movido + ESK. Enquanto houve uma produção similar entre as duas estruturas na fala adulta, na infantil apenas o QU-*in situ* foi produzido em altas proporções, em 86,7% das perguntas-QU. Com isso, vemos que a distribuição das perguntas-QU na fala infantil e adulta não é a mesma e parece haver outros fatores em jogo para guiar a criança no processo de aquisição.

Influência de fatores morfossintáticos

Neste capítulo, analisaremos as possíveis influências de fatores morfossintáticos na produção de QU-*in situ*. Na primeira seção, observaremos se a palavra-QU está associada ao movimento ou não movimento do elemento interrogativo e se o pronome influencia na escolha entre as estratégias envolvendo QU-*ex situ*; na segunda seção, verificaremos como a função sintática do constituinte interrogativo está relacionada à escolha entre QU-*ex situ* e *in situ* e se há influência da função na produção das estratégias envolvendo movimento-QU aberto; na terceira seção, analisaremos a influência do tipo de sintagma-QU (se uma palavra-QU nua ou acompanhada de NP), da presença de preposição e da complexidade do sintagma-QU na produção dos tipos de pergunta-QU; na quarta seção, verificaremos se o tipo de verbo da sentença (cópula ou lexical) está associado ao movimento ou não movimento do elemento interrogativo; na quinta seção, faremos uma regressão linear múltipla a fim de verificar a associação entre os fatores sintáticos e a produção de QU-*ex situ* e *in situ*; por fim, na sexta seção, faremos as considerações sobre o capítulo.

7.1. Palavra-QU

No português brasileiro, todas as palavras-QU favoreceram o emprego de QU-*ex situ* em relação ao *in situ*, conforme podemos notar nas tabelas 1 e 2. Na fala infantil, o pronome mais produtivo em estrutura *in situ* foi ‘quem’ (12% das perguntas-QU com ‘quem’), conforme exemplos (1d-e). Os pronomes ‘como’, ‘quando’ e ‘quanto’ não foram utilizados *in situ* pelas crianças. Já na fala adulta, os pronomes interrogativos mais produtivos com QU-*in situ* foram: ‘o que’ (24,4% das perguntas-QU com ‘o que’), ‘onde’ (16,9% das perguntas-QU com ‘onde’) e ‘quem’ (20,1% das perguntas-QU com ‘quem’), conforme exemplos (1a-c); o pronome ‘quando’ não foi produzido nenhuma vez com QU-*in situ*.

- | | | |
|-----|-----------------------------------|---------------------------|
| (1) | a. (Vo)cê (es)tá dirigindo o quê? | (input Luana, 4;08.28) |
| | b. As folhas estavam onde? | (input Túlio, 3;04.28) |
| | c. (Vo)cê (es)tá chamando quem? | (input Maria E., 1;06.19) |

- d. E você caso(u) com quem? (Leonardo, 3;10.08)
 e. Você torce p(a)ra quem? (Luana, 5;04.09)

Tabela 1 – distribuição de cada palavra-QU entre os tipos de pergunta nos dados infantis do PB (N=4)

Palavra-QU	QU- <i>ex situ</i>	QU- <i>in situ</i>	Total
Como	100% (194)	0% (0)	100% (194)
O que	98% (545)	2% (11)	100% (556)
Onde	97,4% (186)	2,6% (5)	100% (191)
Por que	99,7% (310)	0,3% (1)	100% (311)
Qual	99,2% (120)	0,8% (1)	100% (121)
Quando	100% (8)	0% (0)	100% (8)
Quanto	100% (15)	0% (0)	100% (15)
Que	98,6% (347)	1,4% (5)	100% (352)
Quem	88% (22)	12% (3)	100% (25)

Tabela 2 – distribuição de cada palavra-QU entre os tipos de pergunta nos dados adultos do PB (N=23)

Palavra-QU	QU- <i>ex situ</i>	QU- <i>in situ</i>	Total
Como	97,7% (1116)	2,3% (26)	100% (1142)
O que	75,6% (1316)	24,4% (425)	100% (1741)
Onde	83,1% (723)	16,9% (147)	100% (870)
Por que	94,3% (363)	5,7% (22)	100% (385)
Qual	96,3% (617)	3,7% (24)	100% (641)
Quando	100% (18)	0% (0)	100% (18)
Quanto	91,7% (111)	8,3% (10)	100% (121)
Que	97,1% (3163)	2,9% (95)	100% (3258)
Quem	79,9% (402)	20,1% (101)	100% (503)

O uso de ‘quem’ *in situ* pelas crianças, no entanto, foi sempre acompanhado de preposição, o que pode ter influenciado a permanência do elemento-QU em posição final, evitando, assim, o *pied-piping* do constituinte preposicionado. Mais adiante, verificaremos se há associação entre a presença de *pied-piping* e a produção de QU-*in situ*. Por enquanto, guardemos apenas a possibilidade de que o uso de ‘quem’ pós-verbal pode não ser influência da palavra-QU em si, mas sim de outros fatores.

Considerando, então, apenas o fator ‘palavra-QU’, houve uma forte e positiva associação entre o pronome ‘quem’ e o QU-*in situ* na fala infantil (*Pearson's Chi-squared test*, *p-value* = 0.008996), conforme aponta o gráfico 1 abaixo; e uma forte e positiva associação entre o pronome ‘o que’ e o QU-*in situ* na fala adulta (*Pearson's Chi-squared test*, *p-value* = 0.0004998), como sugere o gráfico 2 abaixo:

Gráfico 1 – Associação entre o QU-*ex situ* e o QU-*in situ* e as palavras-QU em PB infantil (N=4)

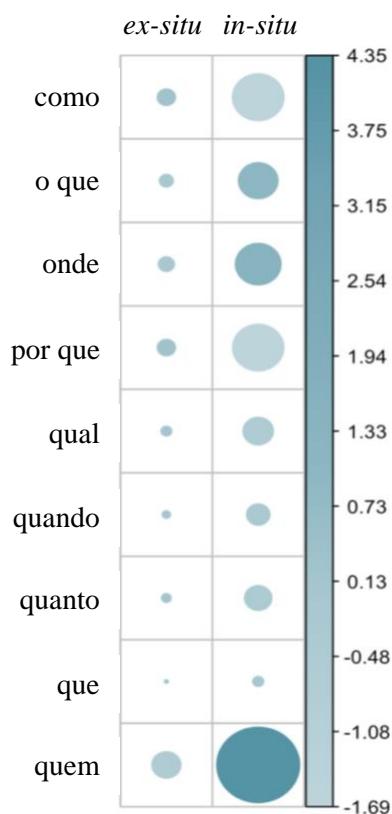
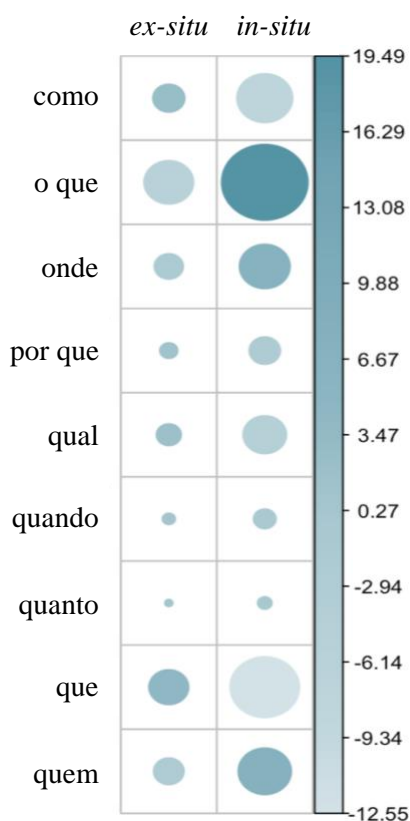


Gráfico 2 – Associação entre o QU-*ex situ* e o QU-*in situ* e as palavras-QU em PB adulto (N=23)



Desmembrando as estratégias com movimento, observamos que, na fala infantil, o QU-movido foi preferido com todas as palavras-QU, exceto com ‘onde’, em que houve preferência por QU-que. No caso de ‘quando’, ‘quanto’ e ‘quem’, como há poucos dados, foi difícil visualizar uma tendência. É importante lembrar que os usos de ‘quem’ com QU-movido não incluem perguntas de sujeito, como “quem foi para o parque?”, em que não é possível visualizar o movimento-QU. Veja tabela abaixo:

Tabela 3 – distribuição de cada palavra-QU entre as perguntas-QU *ex situ* nos dados infantis do PB (N=4)

Palavra-QU	QU-movido	QU-que	QU-é-que	Total
Como	70,6% (137)	26,3% (51)	3,1% (6)	100% (194)
O que	88,8% (484)	9% (49)	2,2% (12)	100% (545)
Onde	35% (65)	63,4% (118)	1,6% (3)	100% (186)
Por que	93,5% (290)	6,5% (20)	0% (0)	100% (310)

Qual	81,7% (98)	18,3% (22)	0% (0)	100% (120)
Quando	62,5% (5)	37,5% (3)	0% (0)	100% (8)
Quanto	86,7% (13)	13,3% (2)	0% (0)	100% (15)
Que	67,8% (235)	30,8% (107)	1,4% (5)	100% (347)
Quem	50% (11)	36,4% (8)	13,6% (3)	100% (22)

Também na fala adulta, observamos poucas ocorrências de ‘quando’ e, por isso, não é possível traçar uma tendência. Além disso, a estratégia-QU varia conforme a palavra-QU: com as preposições ‘onde’ e ‘quanto’, tivemos maior produtividade de QU-movido; com ‘o que’, ‘por que’, ‘que’ e ‘quem’ a estratégia predominante foi o QU-que; com a preposição ‘como’, a estratégia preferida foi o QU-é-que; com ‘qual’ tivemos apenas um pouco mais de ocorrências com QU-movido do que com QU-que. Veja tabela abaixo:

Tabela 4: distribuição de cada palavra-QU entre as perguntas-QU *ex situ* nos dados adultos do PB (N=23)

Palavra-QU	QU-movido	QU-que	QU-é-que	Total
Como	23,9% (267)	17,9% (200)	58,2% (649)	100% (1116)
O que	20,9% (275)	77,7% (1022)	1,4% (19)	100% (1316)
Onde	47,5% (343)	16,7% (121)	35,8% (259)	100% (723)
Por que	33,9% (123)	65,3% (237)	0,8% (3)	100% (363)
Qual	55,1% (340)	43,3% (267)	1,6% (10)	100% (617)
Quando	33,3% (6)	16,7% (3)	50% (9)	100% (18)
Quanto	95,5% (106)	3,6% (4)	0,9% (1)	100% (111)
Que	18,5% (584)	80,5% (2548)	1% (31)	100% (3163)
Quem	21,9% (88)	74,4% (299)	3,7% (15)	100% (402)

Na fala infantil tivemos, então, uma associação forte e positiva entre QU-que e ‘onde’ e negativa entre QU-que e ‘o que’ e ‘por que’; e QU-movido e ‘onde’ (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*), conforme indica o gráfico 3. Já na fala adulta, houve uma associação forte e positiva entre o QU-é-que e o ‘como’ (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*), conforme vemos no gráfico 4:

Gráfico 3 – Associação entre as perguntas-QU *ex situ* e as palavras-QU em PB infantil (N=4)

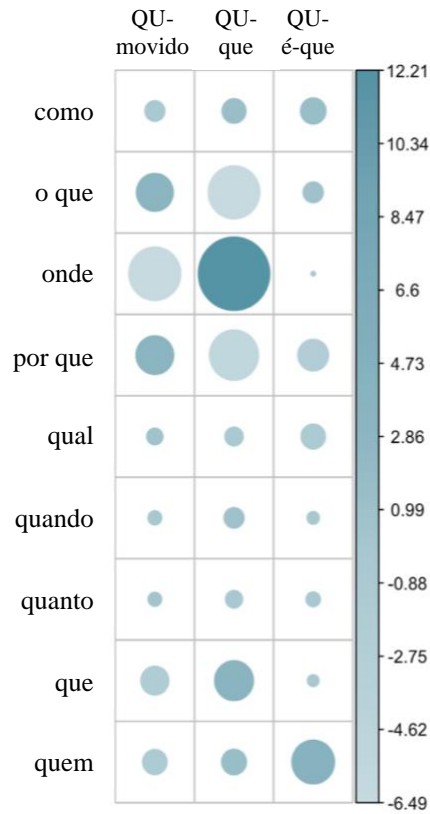
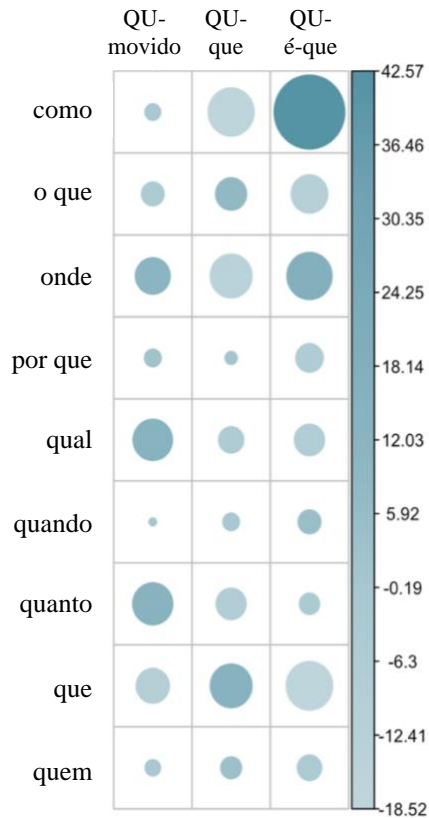


Gráfico 4 – Associação entre as perguntas-QU *ex situ* e as palavras-QU em PB adulto (N=23)



Para finalizar a análise do PB quanto às palavras-QU, observemos a emergência dos pronomes na fala de cada criança na tabela 5 abaixo. Interessa-nos aqui que apenas uma das palavras-QU, ‘onde’, na fala de apenas uma das crianças, Leonardo, emergiu pela primeira vez com QU-*in situ*. Todas as outras foram produzidas pela primeira vez com o elemento-QU deslocado:

Tabela 5 – idade de emergência das palavras-QU na fala das crianças brasileiras (N=4)

Palavra-QU	Leonardo	Luana	Maria	Túlio
que	2;00.14	1;07.12	1;05.17	2;00.07
como	2;03.01	3;04.00	1;08.24	2;04.03
o que	2;03.01	2;06.12	1;10.24	2;00.07
onde	2;03.01*	2;11.05	1;09.12	2;05.01
por que	2;05.05	2;10.21	2;07.04	2;08.07
qual	2;05.05	2;05.21	1;08.24	3;02.29
quando	-	2;06.05	4;02.07	-
quem	2;08.27	2;05.14	2;11.10	2;06.18
quanto	2;11.16	5;05.01	-	3;07.07

*palavra-QU realizada pela primeira vez com QU-*in situ*

Passando agora ao francês, a maioria das palavras-QU, com exceção de ‘*quand*’, ‘*pourquoi*’ e ‘*que*’, foram mais produzidas pelas crianças com QU-*in situ*. Lembremos, no entanto, que ‘*pourquoi*’ é mais aceitável com QU-*ex situ* e ‘*que*’ ocorre usualmente em conjunto com a partícula ESK ou com inversão; na ausência de ESK, ela é produzida *in situ* em sua forma ‘*quoi*’. Dentre as palavras-QU com movimento opcional, as palavras-QU mais produtivas com QU-*ex situ* foi o ‘*comment*’, com 39,7% das perguntas-QU com esse pronome, e o ‘*quand*’, com 100% das ocorrências. Não por acaso, nos parece, ‘*comment*’ e ‘*quand*’ foram as únicas palavras-QU (com exceção de ‘*pourquoi*’ e ‘*que*’) em que houve prevalência do QU-*ex situ*

sobre o *in situ* na fala adulta. Para todas as outras palavras-QU, o adulto produziu mais o QU-*in situ*¹⁰⁸:

Tabela 6 – distribuição de cada palavra-QU entre os tipos de pergunta nos dados infantis do francês (N=4)

Palavra-QU	QU- <i>ex situ</i>	QU- <i>in situ</i>	Total
Combien	20% (1)	80% (4)	100% (5)
Comment	39,7% (27)	60,3% (41)	100% (68)
Où	12,7% (34)	87,3% (234)	100% (268)
Pourquoi	98,6% (68)	1,4% (1)	100% (69)
Quand	100% (2)	0% (0)	100% (2)
Que	100% (50)	0% (0)	100% (50)
Quel	4,5% (1)	95,5% (21)	100% (22)
Qui	1% (1)	99% (101)	100% (102)
Quoi	0% (0)	100% (354)	100% (354)

Tabela 7: distribuição de cada palavra-QU entre os tipos de pergunta nos dados adultos do francês (N=42)

Palavra-QU	QU- <i>ex situ</i>	QU- <i>in situ</i>	Total
Combien	13,9% (24)	86,1% (149)	100% (173)
Comment	69,2% (716)	30,8% (319)	100% (1035)
Où	26,5% (446)	73,5% (1235)	100% (1681)
Pourquoi	96% (333)	4% (14)	100% (347)
Quand	53,6% (37)	46,4% (32)	100% (69)
Que	100% (3595)	0% (0)	100% (3595)
Quel	20,2% (98)	79,8% (388)	100% (486)
Qui	5,6% (39)	94,4% (652)	100% (691)
Quoi	3,4% (59)	96,6% (1695)	100% (1754)

¹⁰⁸ Nas tabelas 6 e 7, incluímos também as perguntas com ‘*pourquoi*’ e ‘*que*’ para verificar sua produção, embora sejam mais aceitáveis em sua versão *ex situ*. Nas análises de associação, todavia, elas não serão incluídas já que podem enviesar os dados.

O gráfico 5 sugere que, na fala infantil, houve uma associação forte e positiva entre o QU-*ex situ* e o pronome ‘*comment*’ e uma associação forte e negativa entre QU-*ex situ* e ‘*quoi*’, que ocorre nessa posição apenas quando é objeto de preposição. Há poucos dados com ‘*quand*’ e ‘*combien*’ na fala infantil para notarmos uma tendência (*Pearson's Chi-squared test, p-value* = 0.0004998). No gráfico 6, notamos nos dados adultos uma associação forte e positiva entre QU-*ex situ* e ‘*comment*’, e uma associação negativa entre QU-*ex situ* e ‘*quoi*’, assim como na fala infantil (*Pearson's Chi-squared test, p-value* = 0.0004998). Em outras palavras, as crianças se comportaram da mesma forma que os adultos na produção das perguntas-QU, com relação aos pronomes interrogativos:

Gráfico 5 – Associação entre o QU-*ex situ* e o QU-*in situ* e as palavras-QU em francês infantil (N=4)

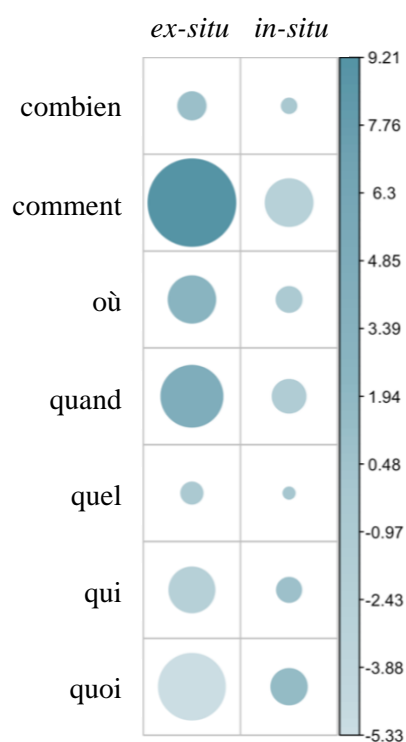
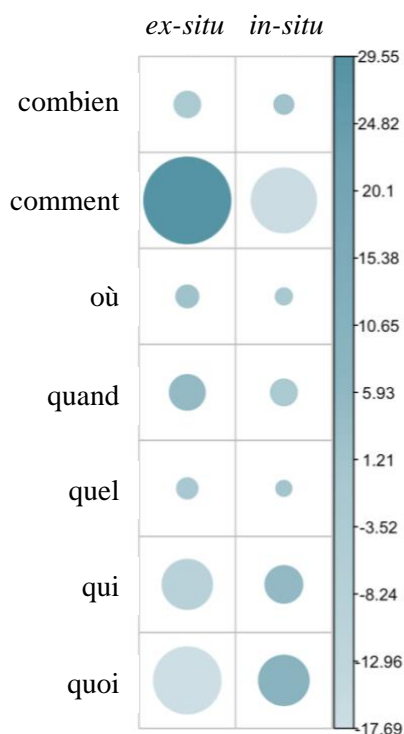


Gráfico 6 – Associação entre o QU-*ex situ* e o QU-*in situ* e as palavras-QU em francês adulto (N=42)



Desmembrando as estratégias-QU com movimento, observamos na fala infantil uma maior produtividade do QU-movido em conjunto com todas as palavras-QU, com exceção de ‘*que*’, que é mais utilizado junto a partícula ESK. Veja tabela 8:

Tabela 8 – distribuição das palavras-QU entre as perguntas-QU *ex situ* nos dados infantis do francês (N=4)

Palavra-QU	QU-movido	QU+ESK	QU+inversão	Total
Combien	100% (1)	0% (0)	0% (0)	100% (1)
Comment	96,3% (26)	3,7% (1)	0% (0)	100% (27)
Où	91,2% (31)	2,9% (1)	5,9% (2)	100% (34)
Pourquoi	98,5% (67)	1,5% (1)	0% (0)	100% (68)
Quand	100% (2)	0% (0)	0% (0)	100% (2)
Que	0% (0)	100% (50)	0% (0)	100% (50)
Quel	100% (1)	0% (0)	0% (0)	100% (1)
Qui	100% (1)	0% (0)	0% (0)	100% (1)
Quoi	0% (0)	0% (0)	0% (0)	-

Tabela 9 – distribuição das palavras-QU entre as perguntas-QU *ex situ* nos dados adultos do francês (N=42)

Palavra-QU	QU-movido	QU+ESK	QU+inversão	Total
Combien	87,5% (21)	0% (0)	12,5% (3)	100% (24)
Comment	98,5% (705)	1,1% (8)	0,4% (3)	100% (716)
Où	37,4% (167)	60,1% (268)	2,5% (11)	100% (446)
Pourquoi	97,3% (324)	2,7% (9)	0% (0)	100% (333)
Quand	29,7% (11)	70,3% (26)	0% (0)	100% (37)
Que	0,08% (3)	99,9% (3591)	0,02% (1)	100% (3595)
Quel	99% (97)	0% (0)	1% (1)	100% (98)
Qui	82,1% (32)	17,9% (7)	0% (0)	100% (39)
Quoi	100% (59)	0% (0)	0% (0)	100% (59)

O pronome ‘*que*’ foi utilizado pelas crianças apenas com a partícula ESK (2a). Os adultos empregaram-no majoritariamente com ESK, utilizando-o em apenas uma ocorrência com inversão (2b) e em algumas poucas construções com QU-movido (2c).

- (2) a. ah qu'est-ce qu'il fait le loup? (Anaé, 3;04.27)
 ah que ESK ele faz o lobo
 “Ah, o que o lobo está fazendo?”
- b. que fais-tu? (input Antoine, 1;10.10)
 que faz você
 “O que você está fazendo?”
- c. et que nous fait Anaé là? (input Anaé, 2;01.05)
 e que nós faz Anaé aqui
 “E o que a Anaé está fazendo com a gente aqui?”

O pronome ‘*combien*’ foi majoritariamente produzido com QU-movido por ambos os grupos (3a), mas há poucos dados com a palavra para traçarmos uma tendência. O pronome ‘*comment*’ também foi mais produzido com QU-movido e houve apenas uma ocorrência com ESK (3b).

- (3) a. combien de temps qu'on filme? (Antoine, 5;04.27)
quanto de tempo que a gente filma
“*Quanto tempo filmaremos?*”
- b. mais comment est-ce que c'est? (Théophile, 3;11.15)
mas como ESK isso-é
“*Mas como é?*”

Com os pronomes ‘*où*’ e ‘*quand*’ os adultos produziram mais QU+ESK, enquanto as crianças empregaram-nos mais com QU-movido. A única produção infantil *ex situ* de ‘*quel*’ foi realizada com QU-movido (4a) e, com essa palavra, o adulto produziu apenas uma inversão, que está em (4b), sendo o restante com QU-movido.

- (4) a. quelle carte tu veux, Lucas? (Madeleine, 2;05.12)
qual carta você quer Lucas
“*Qual carta você quer, Lucas?*”
- b. avec quel légume prépare-t-on la purée? (input Anaé, 2;06.26)
com qual legume prepara a gente a purê
“*Com qual legume se prepara o purê?*”

A única ocorrência infantil de ‘*qui*’ movido está em (5a) – lembrando que excluimos das análises as perguntas com sujeito em que não era possível detectar abertamente o movimento-QU. Por fim, o pronome ‘*quoi*’ ocorreu com QU-movido como objeto de preposição (5b); já com ESK e inversão ele apareceu em sua forma ‘*que*’.

- (5) a. pour qui est-c(e) brac(e)let? (Madeleine, 4;01.26)
para quem é-esse bracelete
“*Para quem é esse bracelete?*”
- b. sur quoi tu es monté? (input Anaé, 4;01.17)
sobre o que você é montado
“*No que você montou?*”

Na fala infantil, houve uma associação forte e positiva entre o ‘*que*’ e a estratégia com QU-movido + ESK e uma associação forte e negativa desse pronome com o QU-movido, conforme esperado. Houve também associações positiva entre ‘*où*’, ‘*comment*’ e ‘*pourquoi*’ com o fronteamto simples e uma associação negativa desses pronomes com QU+ESK (Pearson's *Chi-squared test*, *p-value* = 0. 0004998). Já na fala adulta, houve uma associação

forte e positiva de ‘comment’ e ‘pourquoi’ com o deslocamento simples e associações negativas entre ‘comment’ e QU+ESK e ‘que’ e QU-movido, assim como na fala infantil (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*):

Gráfico 7 – Associação entre as perguntas-QU *ex situ* e as palavras-QU em francês infantil (N=4)

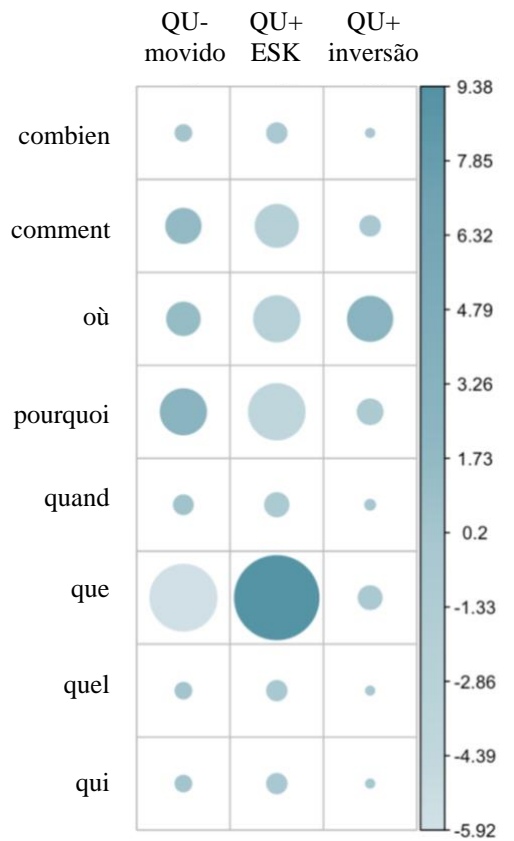
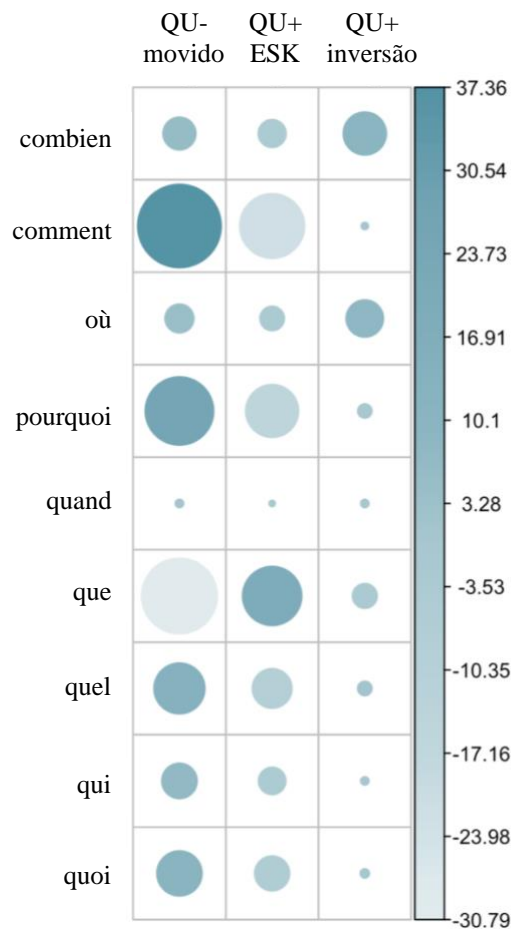


Gráfico 8 – Associação entre as perguntas-QU *ex situ* e as palavras-QU em francês adulto (N=42)



Para finalizar a análise do francês quanto às palavras-QU, observemos a emergência dos pronomes na fala de cada criança na tabela abaixo:

Tabela 10 – idade de emergência das palavras-QU na fala das crianças francesas (N=4)

Palavras-QU	Anaé	Antoine	Madeleine	Théophile
quoi	1;10.17	2;05.23	2;02.06	2;06.03
où	2;00.01	2;02.12	1;10.07	2;09.07
quel	2;03.29	3;05.00	2;05.12*	4;06.20
qui	2;03.29	2;07.22	1;11.03	2;00.20
pourquoi	2;05.29*	2;08.20*	2;04.15*	2;10.01*

que	2;05.29*	4;08.02*	2;09.17*	2;10.27*
comment	2;09.03	2;11.16	2;01.02	2;11.28*
quand	-	5;04.27*	-	4;11.11*
combien	-	5;04.27*	5;05.08	-

*palavra-QU realizada pela primeira vez com QU-*ex situ*

A maior parte das palavras interrogativas foram produzidas pelas crianças pela primeira vez em sua versão com QU-*in situ*, com algumas poucas exceções: ‘*pourquoi*’ e ‘*que*’, pois são mais aceitáveis com QU-*ex situ*, como já sabemos; ‘*quel*’, na fala de Madeleine, que produziu apenas uma pergunta com esse pronome movido e o restante com QU-*in situ* (9 ocorrências), i.e., sua preferência para essa palavra continua sendo o QU-*in situ*; ‘*comment*’ na fala de Théophile, que de fato produziu mais perguntas com essa palavra em sua versão movida (5 ocorrências) e apenas duas com QU-*in situ*. Por fim, temos ‘*quand*’ e ‘*combien*’ nos dados de Antoine e ‘*quand*’ nos dados de Théophile. Essas palavras-QU, sendo tardias e raras, ocorreram com QU-*ex situ* pela primeira vez, sendo preferidas pelas duas crianças na forma com movimento, que, nessa idade já parece mais incorporada à gramática infantil.

7.2. Função sintática do constituinte interrogativo

Nesta seção, analisaremos as possíveis influências da função sintática do constituinte interrogativo na produção de perguntas-QU e se alguma delas contribui para uma maior produtividade de QU-*in situ* em PB ou em francês¹⁰⁹.

No PB, conforme podemos observar nas tabelas 11 e 12, todas as funções sintáticas, com exceção da categoria ‘outras’, favoreceram o emprego de QU-*ex situ*. No entanto, vimos um aumento de QU-*in situ* nas perguntas com objeto indireto (22,4% na fala adulta e 10,6% na fala infantil), como exemplos em (6); e um aumento ainda maior nas com objeto de preposição (49,5% nos dados adultos, 34,8% nos dados infantis), como em (7). Com objeto de preposição houve, inclusive, um equilíbrio entre as duas opções de perguntas-QU na fala adulta (50,5% de QU-*ex situ* contra 49,5% de QU-*in situ*).

(6) a. aonde foi o tubarão?

(Túlio, 2;06.06)

¹⁰⁹ Nas análises dessa seção, incluímos também as perguntas com contraparte movida impossível, a fim de observarmos também o comportamento das perguntas com QU-*in situ* obrigatório.

- b. vai pôr onde? (Luana, 3;01.07)
- (7) a. com qual você que(r) desenha(r)? (Túlio, 3;11.21)
- b. é de que essa bolachinha? (Leonardo, 2;09.21)

Tabela 11 – distribuição das funções sintáticas entre o QU-*ex situ* e QU-*in situ* nos dados infantis do PB (N=4)

Função	QU- <i>ex situ</i>	QU- <i>in situ</i>	Total
Sujeito	100% (38)	0% (0)	100% (38)
Objeto direto	97,7% (424)	2,3% (10)	100% (434)
Objeto indireto	89,4% (42)	10,6% (5)	100% (47)
Objeto de preposição	65,2% (15)	34,8% (8)	100% (23)
Predicativo	98% (589)	2% (12)	100% (601)
Adjunto	98,7% (673)	1,3% (9)	100% (682)
Outras	0% (0)	0% (0)	-

Tabela 12 – distribuição das funções sintáticas entre o QU-*ex situ* e QU-*in situ* nos dados adultos do PB (N=23)

Função	QU- <i>ex situ</i>	QU- <i>in situ</i>	Total
Sujeito	100% (537)	0% (0)	100% (537)
Objeto direto	85,1% (3365)	14,9% (588)	100% (3953)
Objeto indireto	77,6% (602)	22,4% (174)	100% (776)
Objeto de preposição	50,5% (210)	49,5% (206)	100% (416)
Predicativo	91,9% (1565)	8,1% (138)	100% (1703)
Adjunto	92,3% (1993)	7,7% (167)	100% (2160)
Outras	8% (2)	92% (23)	100% (25)

Na categoria ‘outras’ incluímos perguntas como (8), que foram majoritariamente produzidas com QU-*in situ* apenas pelos adultos em nosso *corpus*. Nelas, a palavra-QU aparece complementando um sintagma nominal. Essas são as já discutidas *Probe-questions*, ou

perguntas de sondagem, realizadas quando o falante procura acessar o conhecimento de seu interlocutor, deixando uma lacuna com o elemento-QU para ser preenchida.

- (8) a. **que** que era uma vez? (input Maria, 1;05.03)
b. **que** que o Ben+10 tem quatro mesmo? (input Túlio, 4;05.03)
c. isso aqui é um **o quê**? (input Túlio, 3;03.19)
d. (es)tá um pouquinho **o quê**, filha? (input Luana, 4;00.04)

Embora muito próximas da estrutura das perguntas-eco, os exemplos em (8) não podem ser interpretadas como eco, pois não pedem a repetição de algo dito imediatamente antes. Elas não pedem exatamente novas informações, desconhecidas pelo falante, mas pedem que o interlocutor complete a frase com um valor já bem conhecido por eles. Na pergunta em (9), por exemplo, a tia procura acessar o conhecimento do sobrinho sobre o que as figuras do livro representam.

- (9) Contexto: tia e sobrinho veem um livro com figuras diversas.

Tia: e eu tro(u)xe também uma surpresa p(a)ra você.

Tia: olha aqui.

Tia: tem um guarda-chuva.

Tia: uma nuvem com arco-íris.

Criança: e isso?

Tia: **isso aqui é um o quê?**

Tia: um bodinho?

(corpus Túlio, 3;03.19)

Parece-nos, além disso, que uma pergunta como essa, que exige a complementação de um sintagma com uma informação conhecida pelos sujeitos, faz mais sentido *in situ*. Com isso, o falante pode produzir uma pergunta, em que basta o interlocutor preencher a lacuna que falta, antes marcada pelo elemento-QU. Em (9), por exemplo, a criança poderia responder apenas com o complemento, 'bodinho'.

A propósito, as duas únicas perguntas desse tipo com QU-*ex situ* (8a-b) fariam mais sentido se produzidas *in situ*. Na continuação do diálogo de (8b), por exemplo, a criança responde “ele vira o quat(r)o b(r)ações!”, não oferecendo apenas o complemento que falta, mas reformulando o fragmento da pergunta a que faz referência. Imaginamos que, se a pergunta tivesse sido produzida com o elemento-QU *in situ*, como em (10a), a criança responderia mais naturalmente com o complemento ausente, preenchendo apenas a lacuna. Já em (8a), o

investigador estimula a participação da criança na contação de histórias, produzindo a fórmula cristalizada de contos de fada “era uma vez...”, que funcionaria muito melhor, em nossa opinião, na forma *in situ* em (10b).

(10) a. Tia: o Ben+10 tem quatro **o quê** mesmo?

Criança: b(r)ações!

b. Investigador: era uma vez **o quê**?

Investigador: uma princesa...

No gráfico 9, observamos na fala infantil uma associação forte e positiva do QU-*in situ* com o objeto de preposição (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*). A mesma associação pôde ser verificada na fala adulta (gráfico 10). Além disso, houve uma associação positiva entre o QU-*in situ* e a categoria ‘outras’; associações negativas entre QU-*in situ* e adjuntos e predicativos e entre QU-*ex situ* e objetos de preposição (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*):

Gráfico 9 – Associação entre o QU-*ex situ* e o QU-*in situ* e as funções sintáticas do constituinte-QU em PB infantil (N=4)

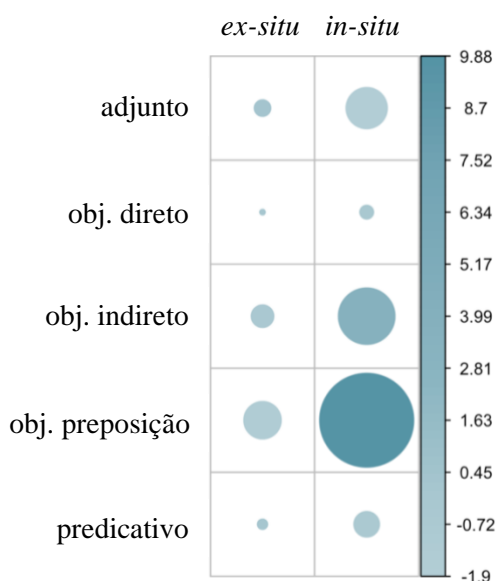
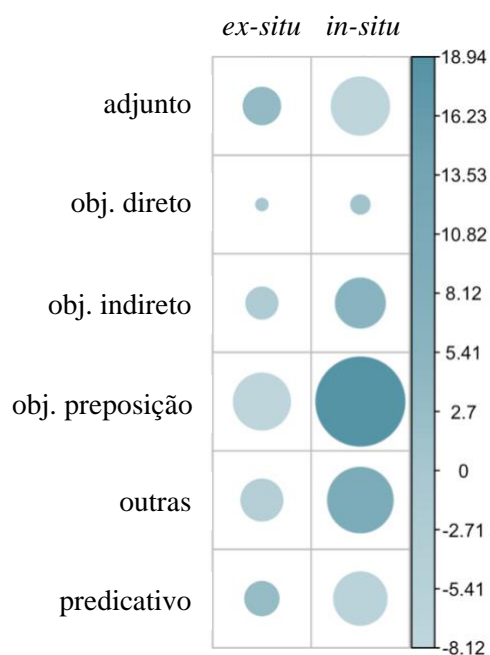


Gráfico 10 – Associação entre o QU-*ex situ* e o QU-*in situ* e as funções sintáticas do constituinte-QU em PB adulto (N=23)



Antes de passarmos ao francês, observemos brevemente a influência da função sintática na escolha das estratégias-QU contendo movimento (tabelas 13 e 14). De modo geral, todas as funções sintáticas favoreceram o emprego de QU-movido na fala infantil, seguindo a preferência geral da criança por essa estratégia. Na fala adulta, no entanto, o adjunto favoreceu o emprego de QU-é-que, enquanto com as outras funções prevaleceu o emprego de QU-que, seguindo a preferência dos adultos por essa estratégia-QU:

Tabela 13 – distribuição das funções sintáticas entre as perguntas-QU *ex situ* nos dados infantis do PB (N=4)

Função	QU-movido	QU-que	QU-é-que	Total
Sujeito ¹¹⁰	-	39,5% (15)	60,5% (23)	100% (38)
Objeto direto	74,7% (317)	22,9% (97)	2,4% (10)	100% (424)
Objeto indireto	52,4% (22)	47,6% (20)	0% (0)	100% (42)
Objeto de preposição	86,6% (13)	6,7% (1)	6,7% (1)	100% (15)
Predicativo	84,9% (500)	14,1% (83)	1% (6)	100% (589)
Adjunto	72,4% (487)	26,3% (177)	1,3% (9)	100% (673)
Outras	0% (0)	0% (0)	0% (0)	-

Tabela 14 – distribuição das funções sintáticas entre as perguntas-QU *ex situ* nos dados adultos do PB (N=23)

Função	QU-movido	QU-que	QU-é-que	Total
Sujeito	-	67,4% (362)	32,6% (175)	100% (537)
Objeto direto	18,5% (623)	80% (2692)	1,5% (50)	100% (3365)
Objeto indireto	37% (223)	44% (265)	19% (114)	100% (602)
Objeto de preposição	47,2% (99)	51,4% (108)	1,4% (3)	100% (210)
Predicativo	40,8% (639)	58% (908)	1,2% (18)	100% (1565)
Adjunto	28,1% (560)	31,3% (624)	40,6% (809)	100% (1993)
Outras	0% (0)	100% (2)	0% (0)	100% (2)

No gráfico 11, abaixo, observamos que na fala infantil houve uma associação forte e positiva entre o QU-que e objeto indireto e uma associação forte e negativa entre QU-que e predicativo. Houve também associações positivas entre QU-que e adjunto; além de QU-movido e predicativo (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*). Já na fala adulta (gráfico 12), notamos uma associação forte e positiva entre QU-é-que e adjunto e associações negativas entre

¹¹⁰ Lembremos que as perguntas com sujeito e QU-movido, sem complementizador ou cópula, foram excluídas das análises por não ser possível identificar movimento-QU aberto.

QU-que e adjunto e entre QU-é-que e objeto direto (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*)¹¹¹:

Gráfico 11 – Associação entre as perguntas-QU *ex situ* e as funções sintáticas do constituinte-QU em PB infantil (N=4)

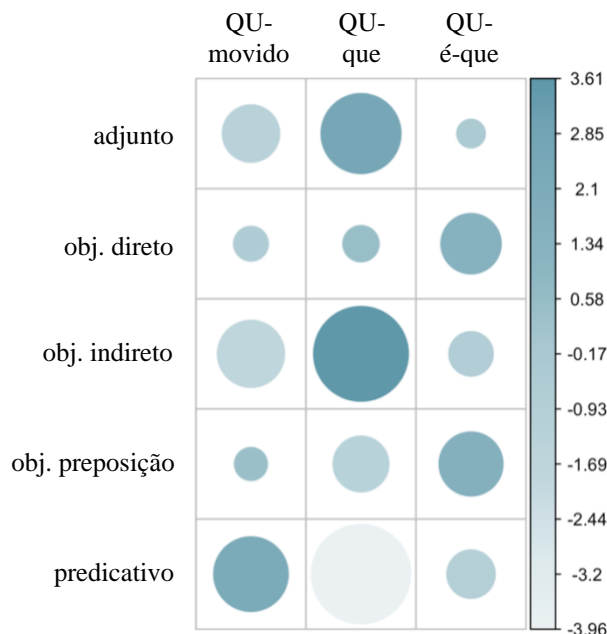
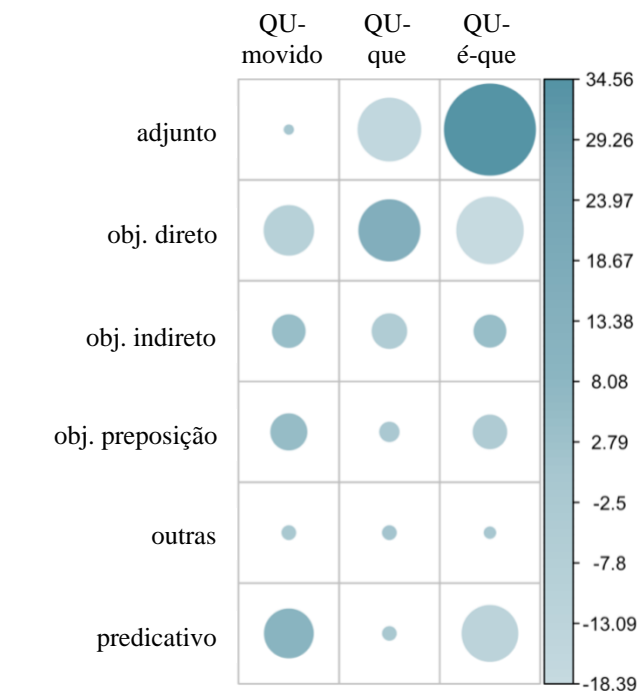


Gráfico 12 – Associação entre as perguntas-QU *ex situ* e as funções sintáticas do constituinte-QU em PB adulto (N=23)



¹¹¹ Para os gráficos de associação 11 e 12, retiramos toda a categoria 'sujeito', não apenas aquela envolvendo o QU-movido. Mantendo essa categoria, faríamos uma leitura errônea do gráfico, que sugeriria uma associação negativa entre QU-movido e essa função, pois não há nenhuma ocorrência desse tipo em nossa análise.

No francês, todas as funções favoreceram o emprego de *QU-in situ* na fala infantil, seguindo a preferência do grupo por essa construção (tabela 15). Já na fala adulta, apenas o objeto direto favoreceu o emprego de *QU-ex situ*, enquanto em todas as outras funções houve maior produção de *QU-in situ* (tabela 16), com exceção do sujeito, para ambos os grupos, pois, conforme discutimos, essa função foi excluída das análises:

Tabela 15 – distribuição das funções sintáticas entre o *QU-ex situ* e *QU-in situ* no francês infantil (N=4)

Função	QU-<i>ex situ</i>	QU-<i>in situ</i>	Total
Sujeito	100% (8)	0% (0)	100% (8)
Objeto direto	20,7% (37)	79,3% (142)	100% (179)
Objeto indireto	8,9% (4)	91,1% (41)	100% (45)
Objeto de preposição	1,7% (1)	98,3% (57)	100% (58)
Predicativo	4,5% (14)	95,5% (294)	100% (308)
Adjunto	20,3% (60)	79,7% (263)	100% (323)
Outras	0% (0)	100% (5)	100% (5)

Tabela 16 – distribuição das funções sintáticas entre o *QU-ex situ* e *QU-in situ* no francês adulto (N=42)

Função	QU-<i>ex situ</i>	QU-<i>in situ</i>	Total
Sujeito	100% (354)	0% (0)	100% (354)
Objeto direto	78,4% (3055)	21,6% (842)	100% (3897)
Objeto indireto	27% (142)	73% (383)	100% (525)
Objeto de preposição	15,2% (85)	84,8% (476)	100% (561)
Predicativo	29,3% (638)	70,7% (1537)	100% (2175)
Adjunto	46,1% (1097)	53,9% (1283)	100% (2380)
Outras	0% (0)	100% (24)	100% (24)

As funções mais produtivas com *QU-ex situ* na fala infantil foram o adjunto (11) e objeto direto (12). Na fala adulta, houve um emprego praticamente equilibrado entre *QU-in situ* e *QU-*

ex situ na presença de adjuntos (53,9% vs. 46,1%, respectivamente). As perguntas na categoria ‘outras’ foram todas produzidas com QU-*in situ*, tanto pelo adulto como pela criança e fazem parte das chamadas Perguntas de sondagem (13).

- (11) a. comment on fait pour en(le)ver la ceinture? (Madeleine, 2;03.03)
como a gente faz para remover a cinto
“*Como a gente faz pra tirar o cinto?*”
b. je fais comment? (Madeleine, 2;03.03)
eu faço como
“*Eu faço como?*”
- (12) a. qu'est-ce que tu racontes? (Anaé, 2;08.04)
o que ESK você diz
“*O que que você está falando?*”
b. il faisait quoi le clown? (Anaé, 2;05.29)
ele fazia o que o palhaço
“*O palhaço fazia o quê?*”
- (13) a. c'est mon quoi? (Théophile, 2;07.29)
este é meu o que
“*Este é meu o quê?*”
b. c'est le quoi? (Anaé, 3;04.27)
este é o que
“*Este é o quê?*”

Em (14), observamos o contexto desenvolvido que resulta na produção da pergunta em (13b). Na pergunta realizada pela criança, ela requisita o preenchimento da lacuna ocupada pelo elemento-QU e acompanhado de um determinante ‘*le quoi*’. Novamente, não estamos diante de uma pergunta-eco. Embora com estruturas bastante similares, esse tipo de pergunta não pede uma repetição de algo dito anteriormente, mas sim uma informação nova.

- (14) Contexto: criança abre seu livro sobre o qual mãe e filha discutirão.
Mãe: c'est qui?
Mãe: c'est le...
Criança: **c'est...c'est le quoi?**

(*corpus* Anaé, 3;04.27)

No gráfico em (13), observamos que na fala infantil houve uma associação forte e positiva do QU-*ex situ* com o adjunto e o objeto direto e uma associação forte e negativa do QU-*ex situ* com o predicativo (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*). Na fala adulta (gráfico 14), observamos também uma associação forte e positiva entre QU-*ex situ* e objeto direto e, em contrapartida, uma associação forte e negativa entre essa função e QU-*in situ*. Além disso, notamos associações positivas do QU-*in situ* com objetos de preposição e predicativos e negativas dessas mesmas funções com QU-*ex situ* (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*):

Gráfico 13 – Associação entre o QU-*ex situ* e o QU-*in situ* e as funções sintáticas do constituinte-QU em francês infantil (N=4)

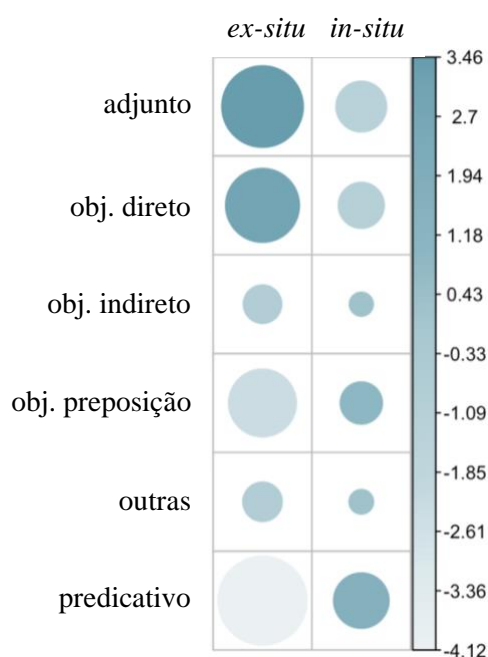
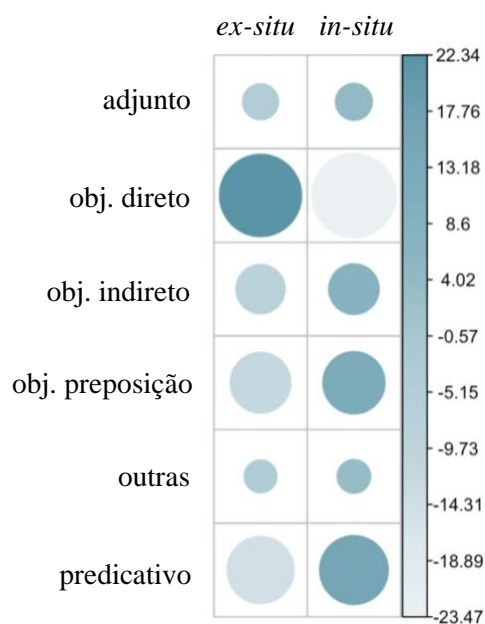


Gráfico 14 – Associação entre o QU-*ex situ* e o QU-*in situ* e as funções sintáticas do constituinte-QU em francês adulto (N=42)



Para finalizar esta seção, observemos brevemente a influência da função sintática na escolha das estratégias-QU contendo movimento (tabelas 17 e 18). Abaixo, vemos que na fala infantil o QU-movido foi mais produzido com adjuntos, objetos de preposição e objetos indiretos e o QU+ESK com objetos diretos e predicativos. Todavia, há poucos dados infantis com objeto direto e objeto de preposição em perguntas com movimento-QU para traçarmos uma tendência. Na fala adulta, o QU-movido foi mais produzido com adjuntos e objetos de preposição e com as outras funções prevaleceu o uso de QU+ESK, com exceção da função objeto indireto, em que praticamente houve um equilíbrio entre QU-movido e QU+ESK:

Tabela 17 – distribuição das funções sintáticas entre as perguntas-QU *ex situ* no francês infantil (N=4)

Função	QU-movido	QU+ESK	QU+inversão	Total
Sujeito ¹¹²	-	100% (8)	0% (0)	100% (8)
Objeto direto	2,7% (1)	97,3% (36)	0% (0)	100% (37)
Objeto indireto	75% (3)	0% (0)	25% (1)	100% (4)
Objeto de preposição	100% (1)	0% (0)	0% (0)	100% (1)
Predicativo	0% (0)	100% (14)	0% (0)	100% (14)
Adjunto	95% (57)	3,3% (2)	1,7% (1)	100% (60)

Tabela 18 – distribuição das funções sintáticas entre as perguntas-QU *ex situ* no francês adulto (N=42)

Função	QU-movido	QU+ESK	QU+inversão	Total
Sujeito	-	100% (354)	0% (0)	100% (354)
Objeto direto	2,6% (79)	97,3% (2972)	0,1% (4)	100% (3055)
Objeto indireto	45,8% (65)	53,5% (76)	0,7% (1)	100% (142)
Objeto de preposição	87% (74)	11,8% (10)	1,2% (1)	100% (85)
Predicativo	3,8% (24)	96,2% (614)	0% (0)	100% (638)
Adjunto	78% (856)	20,8% (228)	1,2% (13)	100% (1097)

No gráfico de associação em 15, notamos que na fala infantil houve uma associação forte e positiva do QU-movido com o adjunto, e, em contrapartida, dessa mesma função com o QU+ESK. Além disso, houve também uma associação forte e positiva do objeto direto com o QU+ESK e, em contrapartida, uma associação forte e negativa da mesma função com o QU-movido. Houve também associações positivas do objeto indireto com perguntas envolvendo inversão e do predicativo com QU+ESK (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*). Também na fala adulta (gráfico 16), podemos observar uma associação forte e positiva entre os adjuntos e o QU-movido e, em contrapartida, uma negativa entre essa função e o QU+ESK.

¹¹² Lembremos que as perguntas com sujeito e QU-movido, sem ESK ou inversão, foram excluídas das análises por não ser possível identificar movimento-QU aberto.

Assim como na fala infantil, também houve associação negativa entre QU-movido e objeto direto (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*)¹¹³:

Gráfico 15 – Associação entre as perguntas-QU *ex situ* e as funções sintáticas do constituinte-QU em francês infantil (N=4)

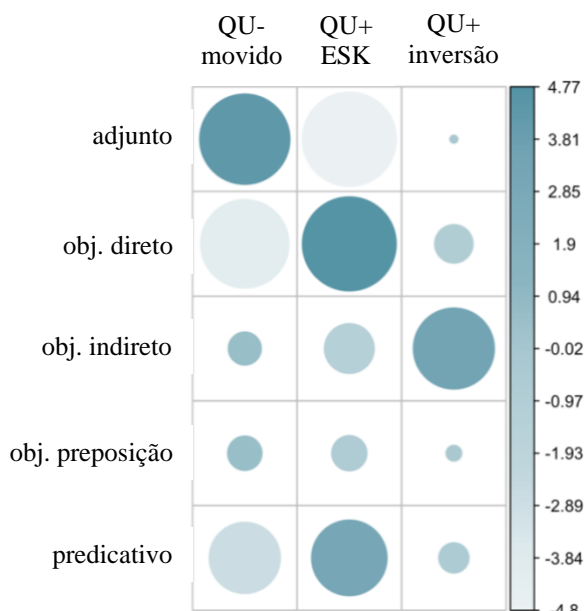
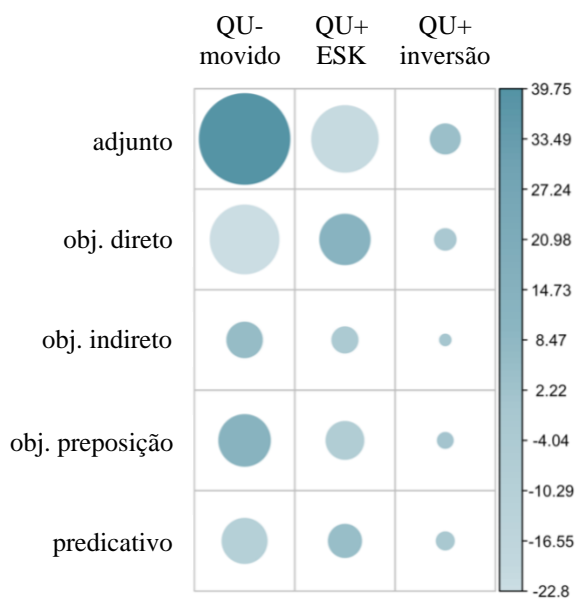


Gráfico 16 – Associação entre as perguntas-QU *ex situ* e as funções sintáticas do constituinte-QU em francês adulto (N=42)



¹¹³ Para os gráficos de associação 15 e 16, retiramos completamente a categoria 'sujeito', visto que, em nossa análise, havíamos retirado as perguntas com QU-movido e sujeito. Mantendo essa categoria, faríamos uma leitura errônea do gráfico, que sugeriria uma associação negativa entre QU-movido e essa função, pois não há nenhuma ocorrência desse tipo sendo considerada.

7.3. Complexidade do constituinte-QU

Conforme vimos na seção anterior, no PB houve um aumento de QU-*in situ* nas perguntas com objeto indireto e um aumento ainda maior nas com objeto de preposição. Uma explicação possível para essa preferência no PB é que ambas as funções sintáticas em jogo envolvem uma preposição (ou ela é exigida pelo verbo) e talvez seja menos custoso manter o elemento-QU *in situ* do que movê-lo, fazendo *pied-piping* da preposição. Em nossos resultados, vemos que de todas as funções sintáticas que poderiam ocorrer *in situ*, as mais produtivas com essa construção são as únicas que envolveriam *pied-piping* da preposição (na contraparte envolvendo movimento), ou seja, as supostamente mais complexas. Assim, é possível traçar uma tendência inicial de que, diante desses constituintes, há uma preferência pela manutenção do elemento-QU *in situ*. Por isso, nesta seção, analisaremos a influência da complexidade do constituinte interrogativo na produção das perguntas-QU e, mais especificamente, se constituintes mais complexos favorecem sua manutenção *in situ*.

Diante de um complemento preposicionado, os falantes de PB e de francês têm algumas opções: (i) podem mover o constituinte-QU inteiro para a periferia esquerda (15a e 16a); mantê-lo *in situ*, junto com a preposição, como em (15b e 16b); ou elidir a preposição, produzindo uma sentença como (15c e 16c):

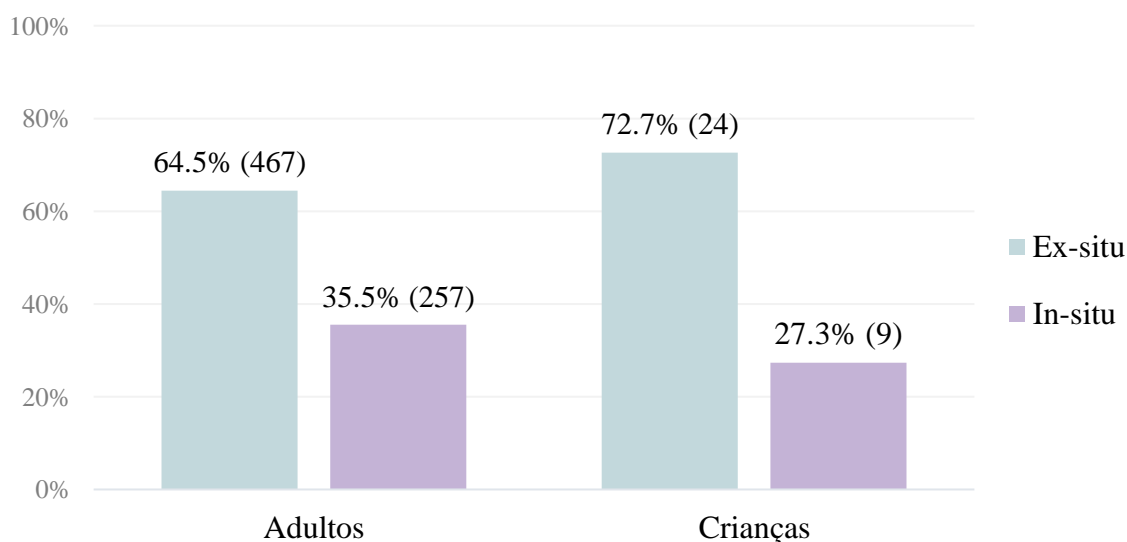
- (15) a. Em qual prédio ele mora?
b. Ele mora em qual prédio?
c. Qual p(r)édio ele mora? (Túlio, 3;10.11)
- (16) a. Dans quel jardin elle va?
em qual jardim ela vai
“*Para qual jardim ela vai?*”
b. Elle va dans quel jardin?
ela vai em qual jardim
“*Ela vai para qual jardim?*”
c. Quel jardin elle va? (input Antoine, 4;00.09)
qual jardim ela vai
“*Qual jardim ela vai?*”

A estrutura em (15c) e (16c) – em que não há conectividade categorial entre os sintagmas preposicionados que são selecionados por verbos como “morar” e “ir” e os elementos-QU não preposicionados aparecendo na periferia esquerda – é produtiva no PB, mas

não tão produtiva em nossos dados do francês (16c). Nesse tipo de estrutura, apesar de termos um verbo que seleciona um complemento preposicionado, o constituinte-QU movido não seria de fato mais ‘complexo’, uma vez que ele não possui a preposição¹¹⁴.

Em nossos dados do PB, quando acompanhado de preposição, o constituinte-QU continua sendo mais produtivo na versão movida, ou seja, não houve associação entre presença de preposição e tipo de pergunta na fala infantil e adulta. Isso indica que, apesar de o constituinte-QU ser supostamente mais complexo quando preposicionado, os falantes de PB continuam preferindo movê-lo, carregando, com ele, a preposição. Não houve diferença significativa entre os grupos etários com relação à presença de preposição (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.3718*)¹¹⁵:

Gráfico 17 – Associação entre os sintagmas-QU preposicionados e movimento para a periferia esquerda da sentença em PB adulto (N=23) e infantil (N=4)



¹¹⁴ Podemos considerar algumas análises para esta derivação sem o PP: (i) o constituinte-QU é primeiro movido para Spec,CP e depois sua preposição é apagada; (ii) a preposição é elidida antes do movimento do elemento interrogativo para a periferia esquerda; (iii) ou ainda, a palavra-QU é gerada diretamente na base enquanto um *pro* especial coindexado é gerado em posição temática (ver Grolla, 2000). Na primeira análise, teríamos à princípio uma derivação mais custosa para o *parser*, já que ela envolveria o *pied-piping* do elemento interrogativo junto à preposição. Já as duas últimas possibilidades não exigiriam *pied-piping* da preposição.

¹¹⁵ Nessa análise, consideramos apenas os constituintes com preposição, como os exemplos abaixo:

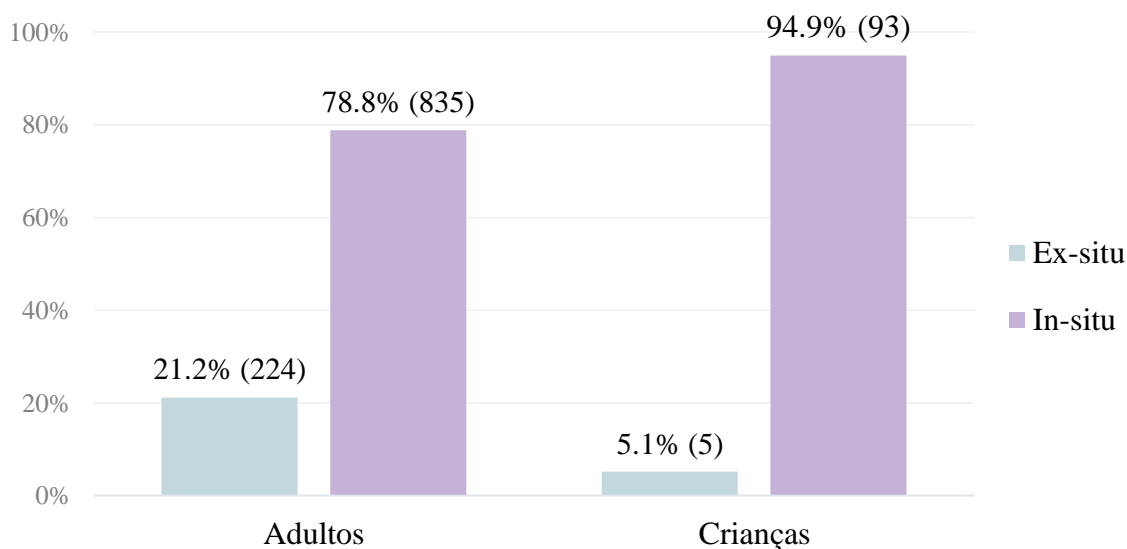
- (i) p(a)ra onde é que vai leva(r) o macaco? (*corpus* Luana, 1;08.09)
- (ii) o Paco (es)tá na casa de quem, filha? (*corpus* Maria, 1;08.26)

Perguntas com ‘onde’ não preposicionado foram excluídas. Esse pronome, embora nos pareça mais produtivo sem a preposição – como em (iii) – só foi considerado em sua versão de fato preposicionada, como em (i). Seria possível argumentar que ‘onde’, em casos como (iii), já parece contar com uma preposição ‘embutida’, mas deixaremos essa discussão para trabalhos futuros.

- (iii) onde (vo)cê vai?

No francês, tanto na fala infantil como na adulta houve favorecimento do QU-*in situ* diante de constituintes preposicionados. Observou-se, além disso, uma maior produtividade do QU-*in situ* na fala infantil do que na adulta – diferença esta significativa (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*), que segue a tendência do primeiro grupo em favor dessa construção:

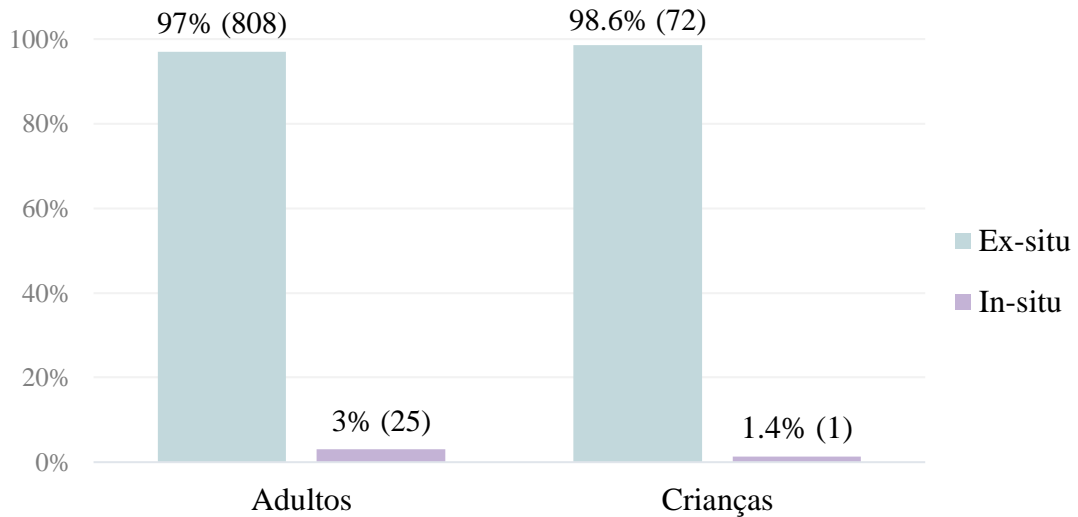
Gráfico 18 – Associação entre os sintagmas-QU preposicionados e movimento para a periferia esquerda da sentença em francês adulto (N=42) e infantil (N=4)



Um outro fator que pode contribuir para deixar o constituinte-QU mais complexo é a presença de um NP, formando um constituinte do tipo QU+NP. A seguir, compararemos as taxas de produção de perguntas com QU-*ex situ* e QU-*in situ* separando aqueles compostos por palavras-QU simples ('que', 'o que', 'quando', etc) e aqueles compostos por sintagmas envolvendo um NP ('que livro', 'qual boneca', 'que dia', etc). Verificaremos, então, se sintagmas-QU constituídos apenas por uma palavra-QU têm mais chances de serem produzidos com movimento, por serem, a princípio, menos complexos; e se sintagmas-QU envolvendo NPs têm mais chances de aparecer *in situ*, por serem, em oposição, mais complexos.

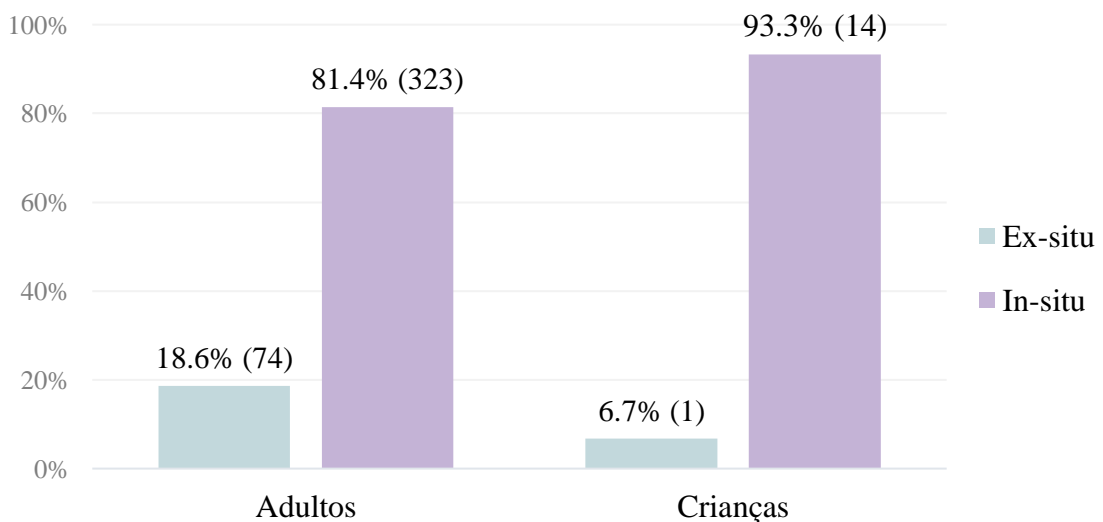
No PB, conforme percebemos no gráfico abaixo, diante de constituintes-QU + NP, tanto os adultos como as crianças produziram majoritariamente o QU-*ex situ*. Em outras palavras, a presença de um constituinte acompanhado de NP não favoreceu o emprego do QU-*in situ*, acompanhando a tendência da língua em desfavorecer a estrutura. A diferença entre os grupos etários não foi significativa (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.5177*), ou seja, ambos desfavoreceram o emprego de QU-*in situ* nesse contexto sintático em proporções semelhantes:

Gráfico 19 – Associação entre constituintes QU + NP e movimento para a periferia esquerda da sentença em PB adulto (N=23) e infantil (N=4)



Já no francês (gráfico 20), notou-se o oposto do PB: tanto os adultos como as crianças privilegiaram o uso de QU-*in situ* em oposição ao *ex situ*, diante de constituintes-QU + NP e a diferença entre os grupos etários não foi significativa (*Pearson's Chi-squared test*, *p-value* = 0.3338). Na fala infantil, principalmente, é provável que as crianças tenham produzido mais QU-*in situ* nesses contextos sintáticos não por estarem na presença de um constituinte-QU mais complexo, mas por estarem seguindo sua tendência geral em favor da estrutura *in situ*:

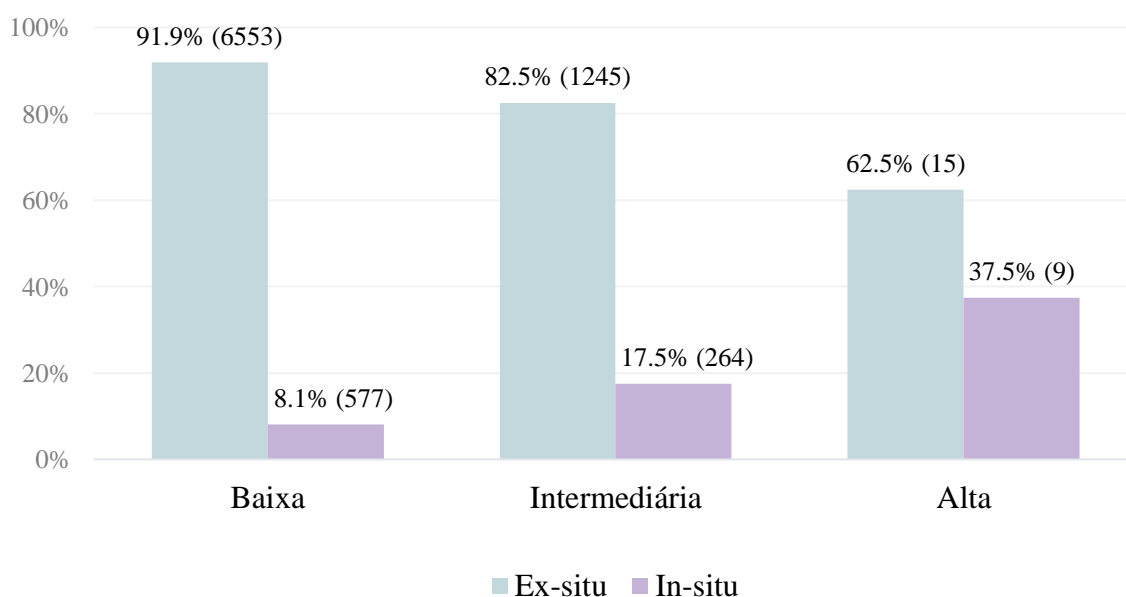
Gráfico 20 – Associação entre constituintes QU + NP e movimento para a periferia esquerda da sentença em francês adulto (N=42) e infantil (N=4)



Comparamos agora estruturas diferentes para os constituintes-QU a que relacionaremos a três níveis de complexidade: **baixa**, sem NP e sem preposição (“ele fez o quê?”), ou seja, estruturas em que temos um constituinte não ramificado; **intermediária**, com apenas um dos dois (NP ou preposição) (“ele fez que lanche?” ou “ele colocou em qual?”), i.e., estruturas em que há uma ramificação; e **alta**, com NP e com preposição (“ele colocou em qual estante?”), ou seja, estruturas em que há mais uma ramificação.

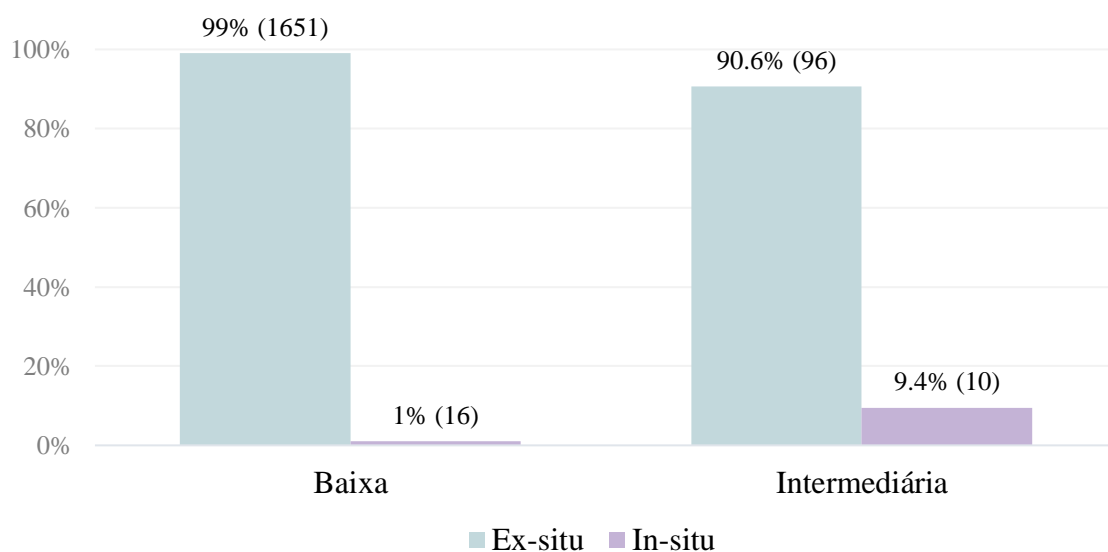
No PB, observamos um aumento na taxa de produção de QU-*in situ* conforme a complexidade do constituinte aumenta, mas ainda assim existe uma preferência majoritária pela versão com movimento, seguindo a tendência geral da língua. Na fala adulta (gráfico 21), a construção foi produzida em 8,1% dos sintagmas com complexidade baixa, 17,5% dos intermediários e 37,5% dos com complexidade alta:

Gráfico 21 – Associação entre a complexidade do constituinte-QU e o movimento para a periferia esquerda da sentença em PB adulto (N=23)



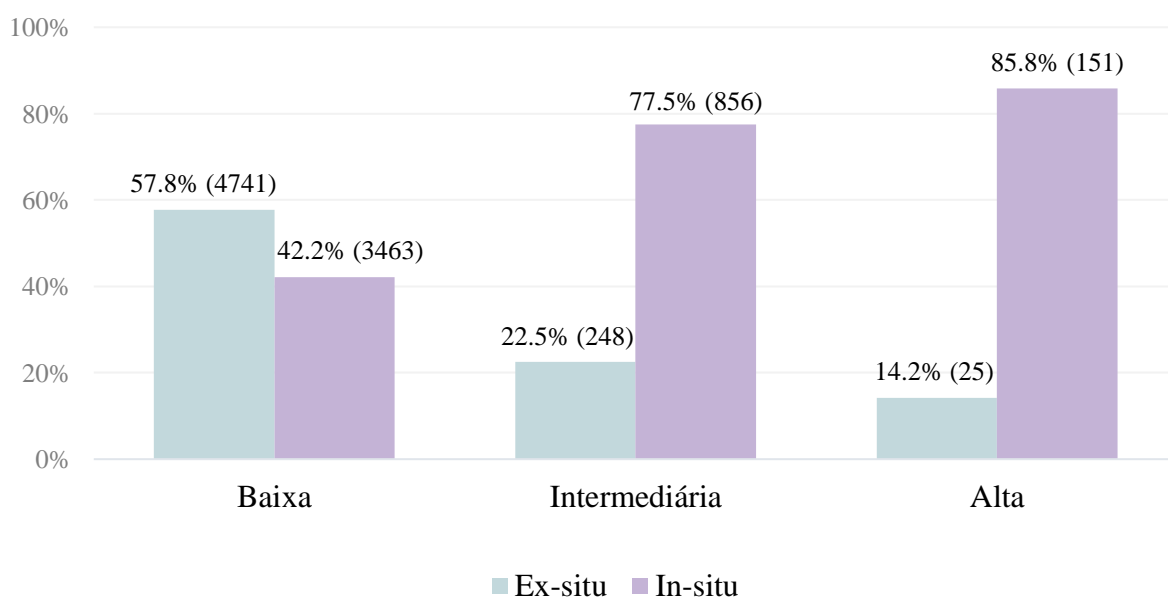
A mesma tendência foi notada na fala infantil (gráfico 22): a construção foi produzida em 1% dos sintagmas com complexidade baixa e 9,4% dos intermediários. Não houve nenhuma ocorrência de perguntas-QU com sintagmas de complexidade alta na fala desse grupo. Em outras palavras, nessa língua, quanto mais complexo o constituinte, maiores suas chances de permanecer *in situ*:

Gráfico 22 – Associação entre a complexidade do constituinte-QU e o movimento para a periferia esquerda da sentença em PB infantil (N=4)



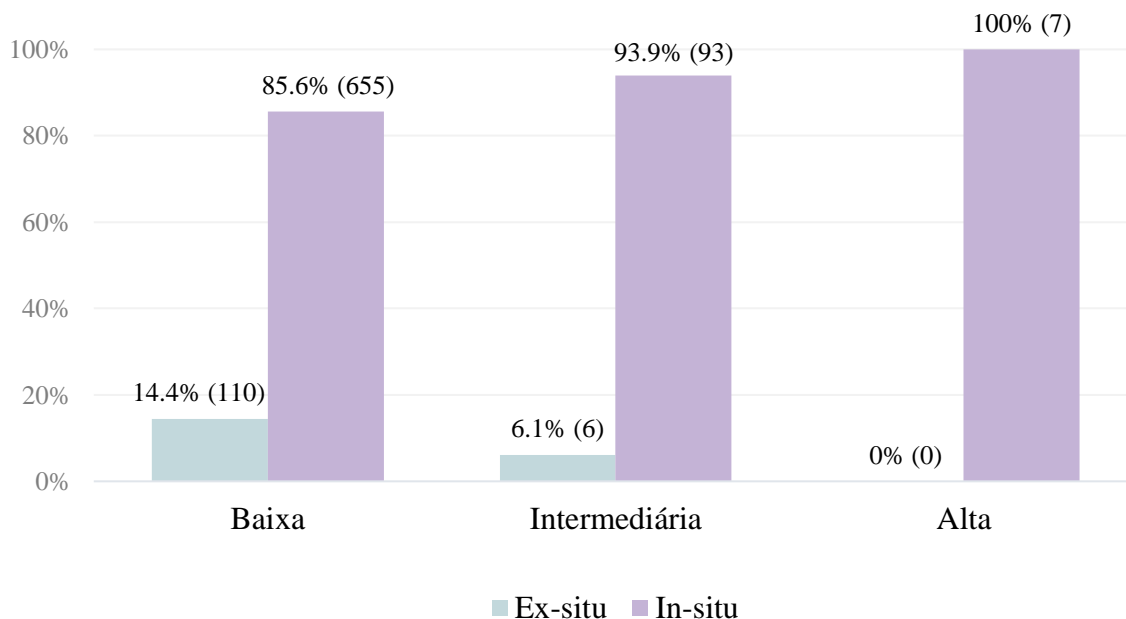
Observemos agora como se comportam os falantes de francês quanto à complexidade do constituinte-QU. Nessa língua, houve uma progressão em direção ao QU-*in situ* conforme a complexidade do constituinte aumentou. Os adultos produziram 42,2% de QU-*in situ* quando o constituinte-QU envolvia sintagmas de complexidade baixa, preferindo, nesse caso, o QU-*ex situ*; passando a 77,5% de QU-*in situ* com sintagmas intermediários e 85,8% com sintagmas de complexidade alta (gráfico 23):

Gráfico 23 – Associação entre a complexidade do constituinte-QU e o movimento para a periferia esquerda da sentença em francês adulto (N=42)



Na fala infantil, notamos a mesma tendência: as crianças produziram 85,6% de QU-*in situ* com sintagmas de complexidade baixa, 93,9% com sintagmas intermediários e 100% com de complexidade alta. Os resultados sugerem, então, que a complexidade do constituinte interrogativo contribui para sua permanência *in situ* (gráfico 24):

Gráfico 24 – Associação entre a complexidade do constituinte-QU e o movimento para a periferia esquerda da sentença em francês infantil (N=4)



7.4. Tipo de verbo: cópula vs. lexical

Conforme discutimos na seção 7.2, no francês houve uma associação positiva entre o QU-*in situ* e o predicativo, o que nos fez especular sobre o papel dos diferentes tipos de verbo na produção das perguntas-QU. Portanto, para finalizar as análises com respeito aos fatores morfossintáticos, verificaremos agora se o tipo de verbo, se lexical (17) ou copular (18), influenciam na produção de QU-*ex situ* ou QU-*in situ*.

- (17) a. então... (vo)cê vai aonde, bisnaga? (Leonardo, 3;01.23)
 b. je fais comment? (Madeleine, 2;03.03)
 eu faço como
 “Eu faço como?”
- (18) a. é o que isso? (Luana, 3;02.19)
 b. ça c'est quoi? (Anaé, 2;01.05)
 esse isso-é o que

“Isso é o quê?”

No PB, conforme vemos nos gráficos 25 e 26 abaixo, houve um pequeno aumento na produção de QU-*in situ* na fala infantil em sentenças com cópula e uma diminuição na fala adulta:

Gráfico 25 – Associação entre o tipo de verbo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em PB infantil (N=4)

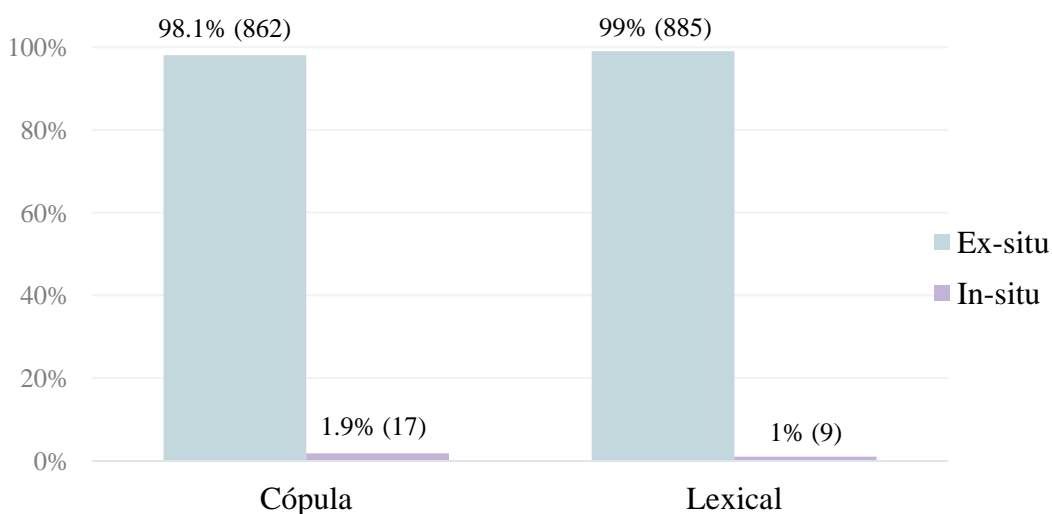
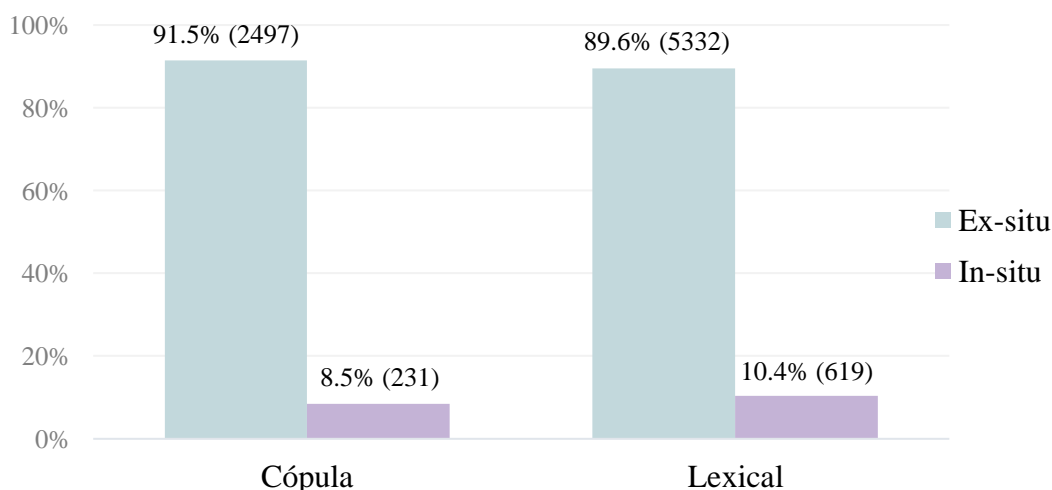


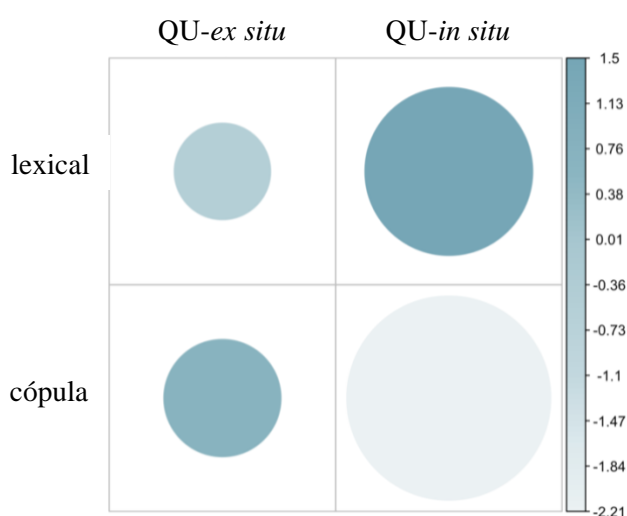
Gráfico 26 – Associação entre o tipo de verbo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em PB adulto (N=23)



Na fala infantil essa diferença, no entanto, não foi significativa (*Pearson's Chi-squared test*, $p\text{-value} = 0.1199$), ou seja, não parece haver associação entre o tipo de verbo e a presença ou ausência de movimento-QU e a presença ou ausência de cópula não aumenta ou diminui a

produção de uma estratégia em particular. Já na fala adulta, essa diferença foi significativa (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.003498*) e a presença de um verbo lexical parece associada a uma maior produção de *QU-in situ* do que a presença de cópula. Portanto, nos dados desse grupo, o tipo de verbo influencia o tipo de pergunta. Conforme notamos no gráfico de associação abaixo, o *QU-in situ* está negativamente associado à presença de cópula e positivamente associado ao verbo lexical:

Gráfico 27 – Associação entre o tipo de verbo e o tipo de pergunta em PB adulto (N=23)



No francês, em ambos os grupos etários a cópula contribuiu para a produção de *QU-in situ*. Na fala infantil, as crianças produziram 91,9% de *QU-in situ* com cópula e 76% com verbos lexicais; os adultos produziram 75,4% da estrutura com cópula e 29% com verbos lexicais. Ou seja, na fala adulta houve um aumento de 46,4% e na fala infantil, 15,9%, conforme notamos nos gráficos 28 e 29:

Gráfico 28 – Associação entre o tipo de verbo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em francês infantil (N=4)

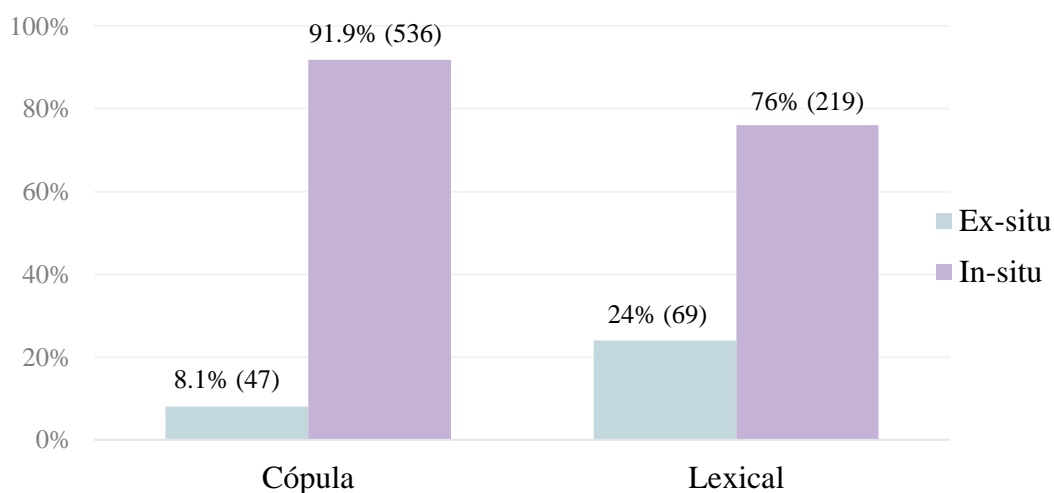
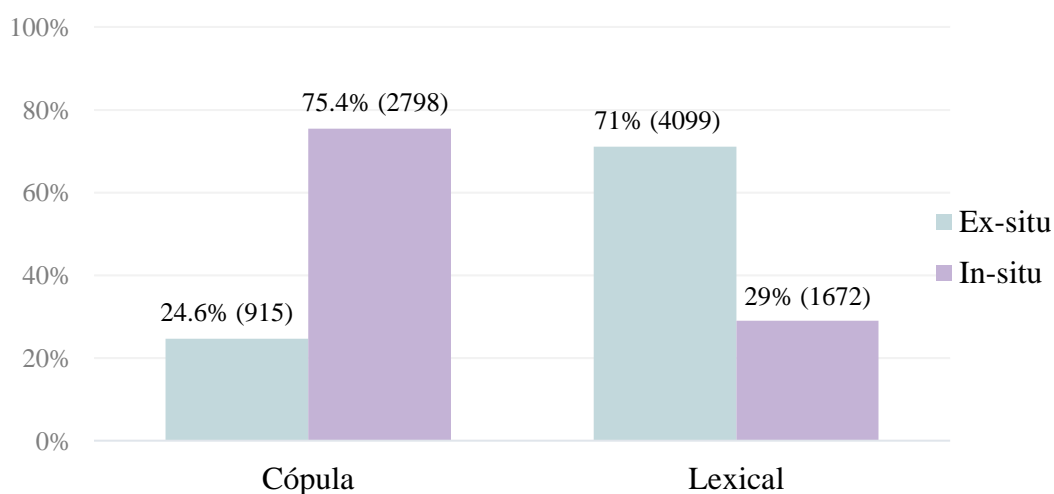


Gráfico 29 – Associação entre o tipo de verbo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em francês adulto (N=42)



Na fala infantil (gráfico 30), notamos uma associação forte e positiva entre o QU-*ex situ* e o verbo lexical e uma associação negativa entre QU-*ex situ* e cópula. Na fala adulta (gráfico 31), notamos uma associação forte e positiva entre o QU-*in situ* e a cópula e negativa entre QU-*ex situ* e a cópula. Em contrapartida, houve associação positiva entre QU-*ex situ* e verbo lexical e negativa entre QU-*in situ* e o verbo lexical. Essa diferença foi significativa tanto na fala infantil (*Pearson's Chi-squared test*, *p-value* = 0.0004998), como na adulta (*Pearson's Chi-squared test*, *p-value* = 0.0004998).

Gráfico 30 – Associação entre o tipo de verbo e o tipo de pergunta em francês infantil (N=4)

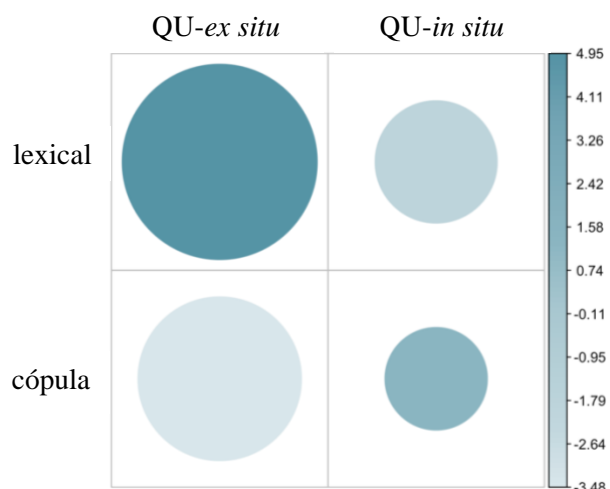
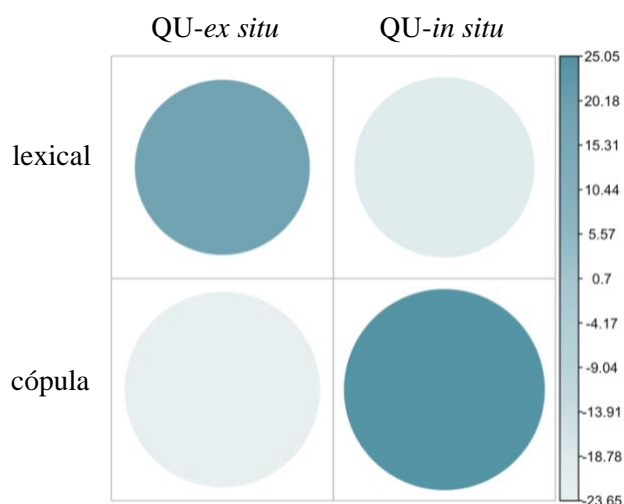


Gráfico 31 – Associação entre o tipo de verbo e o tipo de pergunta em francês adulto (N=42)



7.5. Regressão Linear Múltipla

Nesta seção, submetemos os dados a uma Regressão Linear Múltipla com função *Link Logit*, na qual a variável dependente é a presença ou ausência de movimento nas perguntas-QU e as variáveis independentes os fatores morfosintáticos analisados, para verificarmos o quanto cada uma das variáveis prediz a produção de *QU-in situ*. Os resultados devem ser lidos tendo como referência o *QU-in situ*, i.e., eles devem ser lidos em termos do que aumenta ou diminui a probabilidade de ocorrência dessa construção.

Para o PB adulto, obtivemos o *output* na tabela abaixo. A Sintaxe no R para o modelo adulto foi: `glm(Classificacao ~ Palavra.QU + Funcao.QU + Verbo + Complexidade, family = binomial, data)`.

Tabela 19 – *output* do modelo de Regressão Linear Múltipla para o PB adulto (N=23)

Coefficientes	Estimativa	SE	Valor-z	Pr(> z)¹¹⁶
(Intercept)	2.826272e-02	0.2018	-17.671	< 2e-16 ***
Palavra.QU (o que)	1.758298e+01	0.2889	9.925	< 2e-16 ***
Palavra.QU (onde)	9.287864e+00	0.2373	9.391	< 2e-16 ***
Palavra.QU (por que)	2.592215e+00	0.2964	3.214	0.001311**
Palavra.QU (qual)	1.804195e+00	0.3589	1.644	0.100151
Palavra.QU (quando)	1.774736e-05	207.5336	-0.053	0.957962
Palavra.QU (quanto)	2.635017e+00	0.4786	2.025	0.042910*
Palavra.QU (que)	1.206097e+00	0.3073	0.610	0.541975
Palavra.QU (quem)	5.955396e+00	0.3220	5.541	3.01e-08***
Função (obj. direto)	5.538257e-01	0.2220	-2.661	0.007785**
Função (obj. indireto)	5.031319e-01	0.2021	-3.399	0.000677***
Função (obj. preposição)	3.061561e+00	0.2563	4.366	1.26e-05***
Função (outras)	1.770394e+01	1.0752	2.673	0.007522**
Função (predicativo)	1.295509e+00	0.2438	1.062	0.288234
Complexidade (2)	2.119718e+00	0.1508	4.983	6.27e-07***
Complexidade (3)	8.358522e+00	0.5153	4.121	3.78e-05***
Verbo (cópula)	5.143624e-01	0.1562	-4.256	2.08e-05***

Testes com significância estatística segundo critério .05 seguem a legenda *p <.05, **p <.01, ***p<.0001

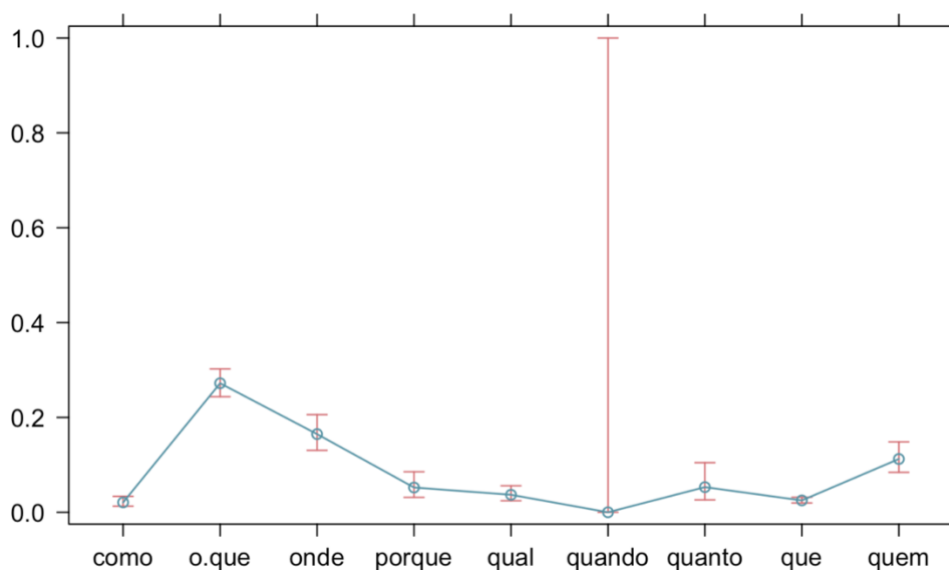
Para a Palavra.QU, o intercepto é ‘como’, para o qual houve 2.826272e-02 razão de chance de termos QU-*in situ*, o que significa que ele tem 2.826272e-02 a menos de chance de aparecer *in situ* do que *ex situ*. Com o pronome ‘o que’, temos 1.758298e+01 a mais de chance de emprego de QU-*in situ* em relação ao intercepto ‘como’; com ‘onde’, tivemos 9.287864e+00 a mais de chance de emprego de QU-*in situ* em relação ao intercepto ‘como’ e assim por diante. Com as Palavras-QU ‘qual’, ‘quando’ e ‘que’ não obtivemos significância. Para função sintática do constituinte-QU, o intercepto é ‘adjunto’. Com ‘objeto indireto’, tivemos 5.031319e-01 a menos de chance de emprego de QU-*in situ* em relação ao intercepto ‘adjunto’; já com ‘objeto de preposição’, obtivemos 3.061561e+00 a mais de chance de emprego de QU-*in situ* em

¹¹⁶ P-valores foram computados usando a aproximação da distribuição-z de Wald.

relação ao ‘adjunto’ e assim em diante. Todas as funções sintáticas, com exceção do ‘predicativo’, atingiram significância. Para Complexidade do constituinte, o intercepto é complexidade ‘baixa’ (1). Com complexidade ‘intermediária’ (2), tivemos 2.119718e+00 a mais de chance de emprego de QU-*in situ* em relação à ‘baixa’ (1) e 8.358522e+00 a mais de chance com a ‘alta’ (3). A razão de chance para o ambos foi significativa. Para Tipo de verbo, o intercepto é ‘verbo lexical’ e houve 5.143624e-01 a menos de chance de ocorrência de QU-*in situ* quando havia cópula em relação a quando havia um verbo lexical. A razão de chance nesse caso foi significativa.

Para melhor visualizarmos os resultados, vejamos os gráficos de efeitos abaixo¹¹⁷. No que concerne à Palavra-QU: com ‘como’, tivemos a menor probabilidade de emprego de QU-*in situ*, junto a ‘quando’, ‘qual’ e ‘que’ que não foram estatisticamente significantes; e com ‘o que’, tivemos a maior probabilidade de ocorrência da construção (gráfico 32):

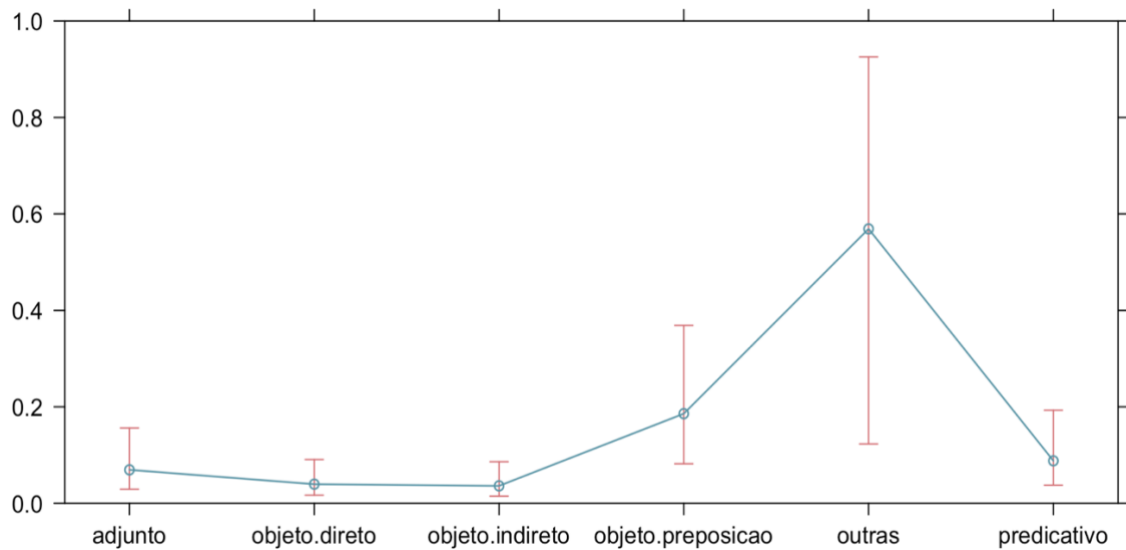
Gráfico 32 – Probabilidade de termos QU-*in situ* com cada Palavra.QU no PB adulto (N=23)



No que concerne à Função sintática do constituinte interrogativo: com ‘objeto direto’ e ‘objeto indireto’, tivemos as menores probabilidades de emprego do QU-*in situ* em relação ao intercepto; e com ‘outras’ e ‘objeto de preposição’ tivemos as maiores (gráfico 33):

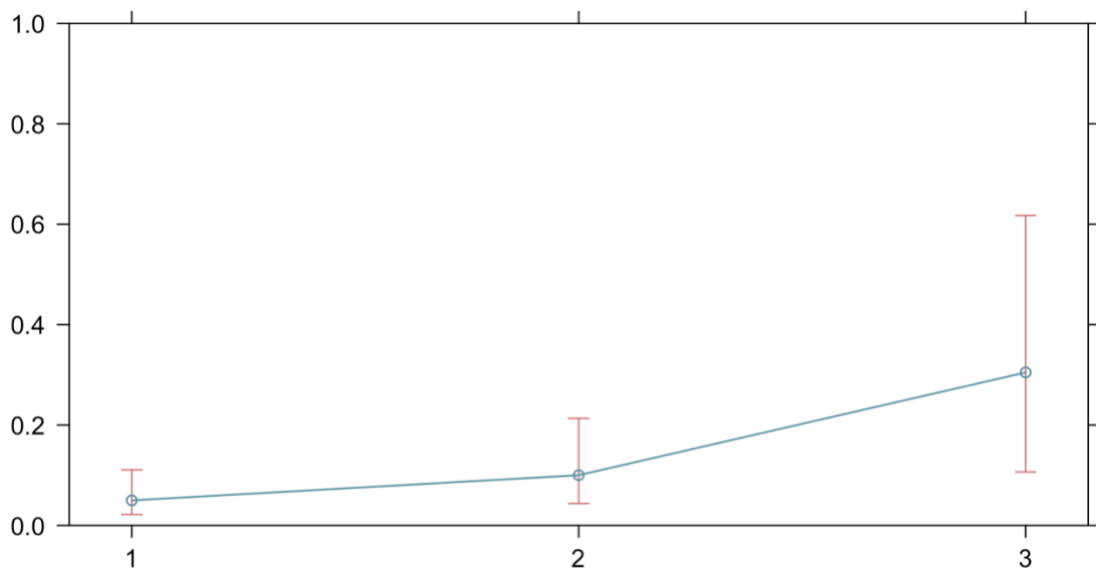
¹¹⁷ Os gráficos de probabilidade mostram, quando a variável é significativa (e.g. função sintática), qual de suas variantes (e.g. objeto de preposição) mais prevê o emprego de QU-*in situ*. Os gráficos mostram a resposta do *output* do teste de regressão linear com o apoio visual.

Gráfico 33 – Probabilidade de termos QU-*in situ* com cada Função sintática do elemento-QU no PB adulto (N=23)



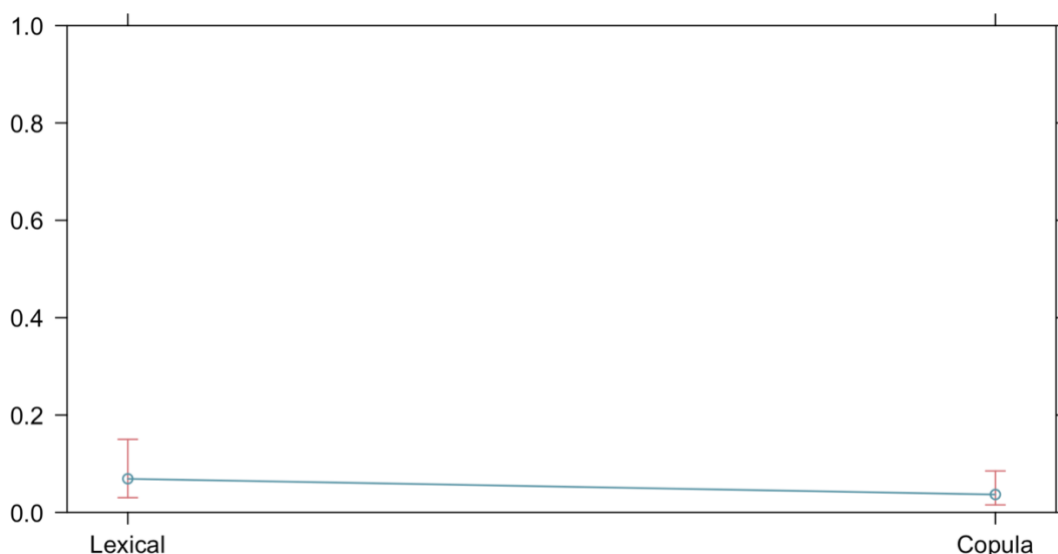
Com relação à complexidade do constituinte: tivemos a maior probabilidade de ocorrência de QU-*in situ* com constituintes de complexidade 3 (alta), i.e., sintagmas acompanhados de NP e preposicionados; e a menor probabilidade de ocorrência com complexidade 1 (baixa), i.e., sintagmas com QU nu e sem preposição (gráfico 34):

Gráfico 34 – Probabilidade de termos QU-*in situ* de acordo com a complexidade do constituinte no PB adulto (N=23)



Já com relação ao tipo de verbo: tivemos a maior probabilidade de ocorrência de QU-*in situ* com verbos lexicais e a menor na presença de cópula (gráfico 35):

Gráfico 35 – Probabilidade de termos QU-*in situ* na ausência e presença de cópula no PB adulto (N=23)



Para o PB infantil, com o mesmo modelo do adulto não obtivemos significância estatística, uma vez que as crianças pouco produziram o QU-*in situ*. Reduzimos, então, o modelo a algo mais simples, abrangendo apenas variáveis que atingiram significância nas análises individuais e retirando, portanto, a variável ‘tipo de verbo’. A sintaxe no R para o modelo foi: `glm(Classificacao ~ Palavra.QU + FunPalavra.QU + Complexidade, family = binomial, data)`. Com isso, obtivemos o *output* abaixo:

Tabela 20 – *output* do modelo de Regressão Linear Múltipla para o PB infantil (N=4)

Coefficientes	Estimativa	SE	Valor-z	Pr(> z)
(Intercept)	1.144593e-09	1270.10854	-0.016	0.9871
Palavra.QU (o que)	6.436242e+07	1270.10909	0.014	0.9887
Palavra.QU (onde)	1.585166e+07	1270.10867	0.013	0.9896
Palavra.QU (por que)	2.818299e+06	1270.10893	0.012	0.9907
Palavra.QU (qual)	9.914449e+06	1270.10936	0.013	0.9899
Palavra.QU (quando)	1.022395e+00	6396.00874	0.000	1.0000
Palavra.QU (quanto)	3.740239e-01	4329.03045	0.000	0.9998
Palavra.QU (que)	1.989469e+07	1270.10907	0.013	0.9894
Palavra.QU (quem)	7.971054e+06	1270.10929	0.013	0.9900
Função (obj. direto)	1.746597e-01	1.25632	-1.389	0.1649
Função (obj. indireto)	1.150941e+00	1.07575	0.131	0.8960
Função (obj. preposição)	5.639063e+00	1.38971	1.245	0.2133

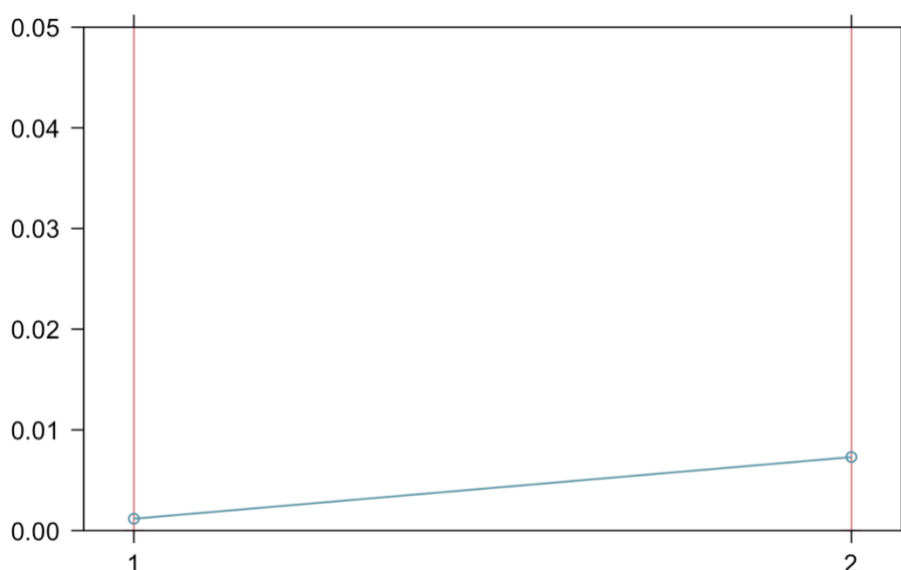
Função (predicativo)	2.798138e-01	1.19634	-1.065	0.2871
Complexidade (2)	6.238188e+00	0.75655	2.420	0.0155*

Testes com significância estatística segundo critério .05 seguem a legenda *p <.05, **p <.01, ***p<.0001.

Para Palavra.QU e função sintática do constituinte-QU, nenhum dos itens atingiu significância estatística. Já para a complexidade do constituinte-QU, a complexidade ‘intermediária’ (2) teve 6.238188e+00 a mais de chance de emprego da construção em relação à ‘baixa’ (1). Nesse caso, a razão de chance foi significativa.

Para melhor visualizarmos os resultados, vejamos o gráfico de efeitos abaixo para a única variável que atingiu significância. Com relação à complexidade do constituinte interrogativo, tivemos as maiores probabilidades de ocorrência de QU-*in situ* com complexidade 2 (intermediária) em relação à complexidade 1 (baixa), conforme podemos visualizar no gráfico abaixo:

Gráfico 36 – Probabilidade de termos QU-*in situ* de acordo com a complexidade do constituinte no PB infantil (N=4)



Para o francês adulto, obtivemos o *output* da tabela 21. A Sintaxe no R para o modelo adulto foi: `glm(Classificacao ~ Palavra.QU + Funcao.QU + Verbo + Complexidade, family = binomial, data)`¹¹⁸.

¹¹⁸ Para o modelo do francês retiramos as palavras-QU ‘*que*’, ‘*pourquoi*’ e ‘*quoi*’ que são usualmente produzidas com *ex situ* ou *in situ*, no caso da última, e poderiam enviesar os dados.

Tabela 21 – output do modelo de Regressão Linear Múltipla para o francês adulto (N=42)

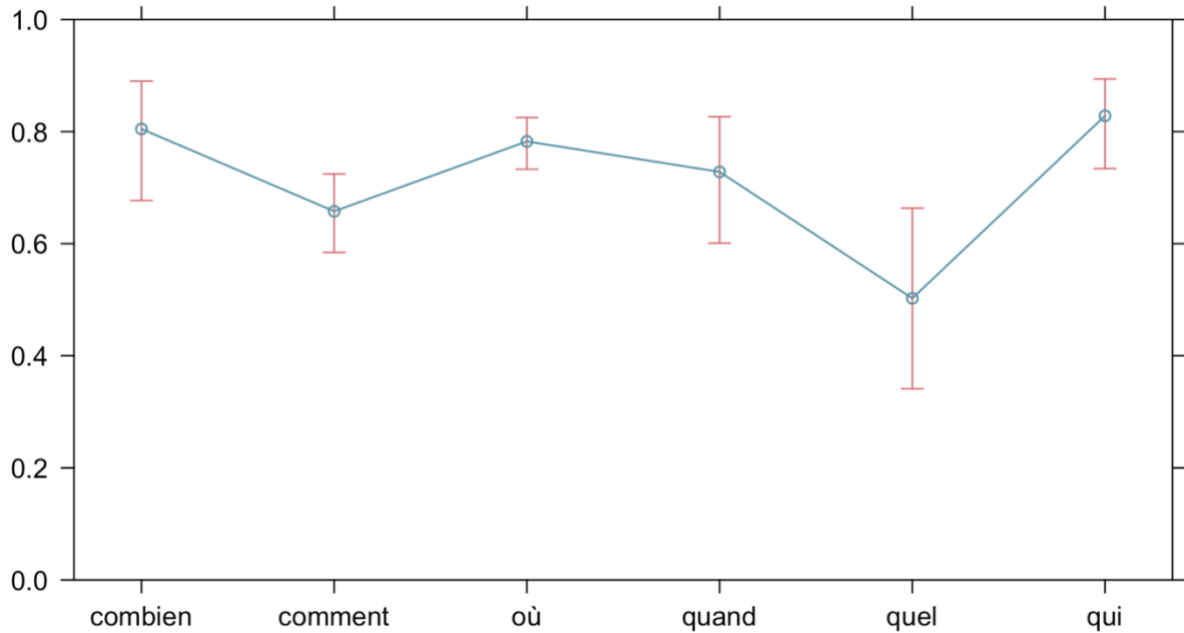
Coefficientes	Estimativa	SE	Valor-z	Pr(> z)
(Intercept)	0.7944694	0.4429	-0.519	0.603443
Palavra.QU (comment)	0.4664675	0.4470	-1.706	0.088011
Palavra.QU (où)	0.8731255	0.4389	-0.309	0.757205
Palavra.QU (quand)	0.6499916	0.5085	-0.847	0.396869
Palavra.QU (quel)	0.2450538	0.3368	-4.176	2.97e-05 ***
Palavra.QU (qui)	1.1697988	0.3264	0.480	0.630922
Função (obj. direto)	8.9570155	0.4291	5.110	3.23e-07 ***
Função (obj. indireto)	3.4332879	0.3334	3.700	0.000215 ***
Função (obj. preposição)	2.5660268	0.4947	1.905	0.056775
Função (predicativo)	8.0060798	0.4443	4.682	2.85e-06 ***
Verbo (cópula)	5.5779811	0.1184	14.516	< 2e-16 ***
Complexidade (2)	1.1925499	0.2954	0.596	0.551155
Complexidade (3)	4.3386759	0.6043	2.428	0.015166 *

Testes com significância estatística segundo critério .05 seguem a legenda *p <.05, **p <.01, ***p<.0001.

Para a Palavra.QU, o intercepto é ‘*combien*’, para o qual houve 0.79 razão de chance de emprego de QU-*in situ*. Com ‘*quel*’, houve 0.24 razão de chance de emprego da construção em relação ao intercepto e foi a única palavra-QU a atingir significância estatística. Para a função sintática do constituinte interrogativo, o intercepto é ‘adjunto’. Com ‘objeto direto’, tivemos 8.95 a mais de chance de emprego do QU-*in situ* em relação ao intercepto; com ‘objeto indireto’, tivemos 3.43 a mais de chance de termos QU-*in situ* em relação ao adjunto. Todas as razões de chance para Função sintática do constituinte-QU foram significantes, com exceção do ‘objeto de preposição’. Para Tipo de verbo, o intercepto é o ‘verbo lexical’ e na presença de ‘cópula’, tivemos 5.57 a mais de chance de termos QU-*in situ* em relação ao verbo lexical. A razão de chance para Tipo de verbo foi significante. Para Complexidade do constituinte, o intercepto é complexidade ‘baixa’ (1). Com constituintes de complexidade ‘alta’ (3), tivemos 4.33 a mais de chance de emprego do QU-*in situ* em relação a constituintes-QU de complexidade baixa e essa razão foi significante.

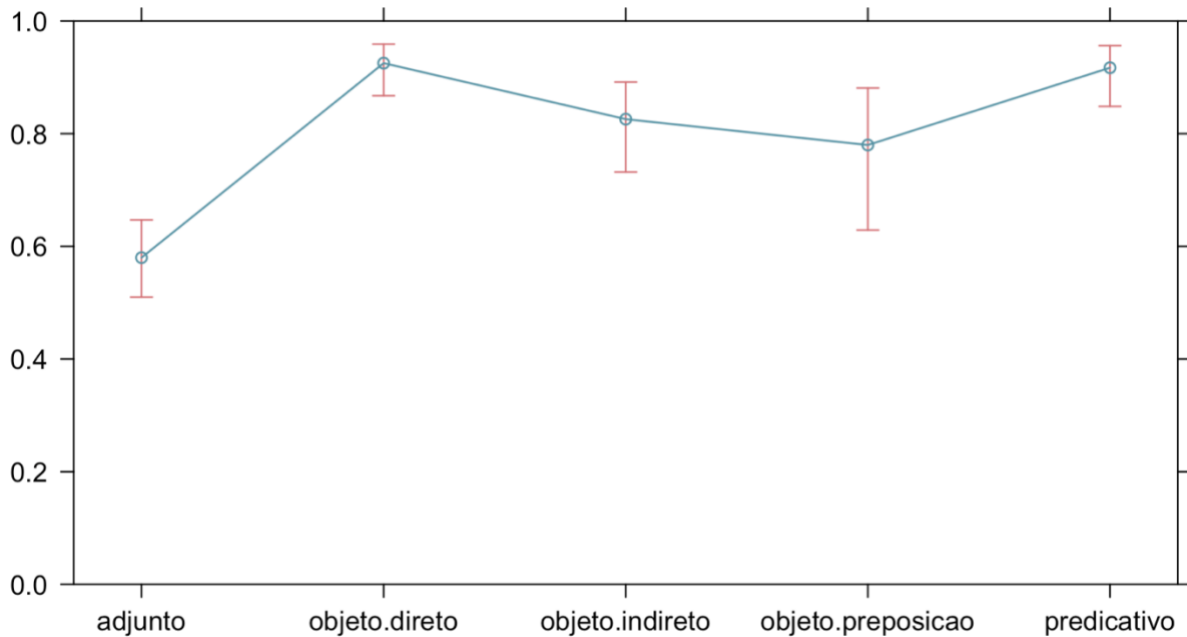
Para melhor visualizarmos os resultados do modelo, recorramos aos gráficos de efeito abaixo. No que concerne à Palavra-QU: com ‘*quel*’, tivemos a menor probabilidade de ocorrência de QU-*in situ* (gráfico 37):

Gráfico 37 – Probabilidade de termos QU-*in situ* com cada Palavra.QU no francês adulto (N=42)



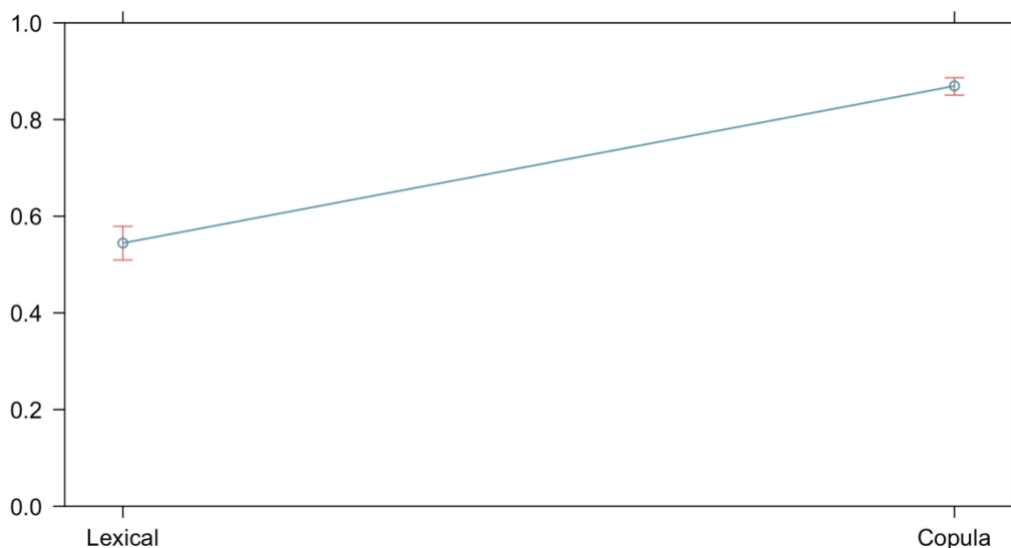
No que concerne à Função sintática do constituinte interrogativo, houve chances semelhantes de ocorrência de QU-*in situ*. Com ‘objetos diretos’ e ‘predicativos’, no entanto, obtivemos as maiores probabilidades (gráfico 38):

Gráfico 38 – Probabilidade de termos QU-*in situ* com cada Função sintática do elemento-QU no francês adulto (N=42)



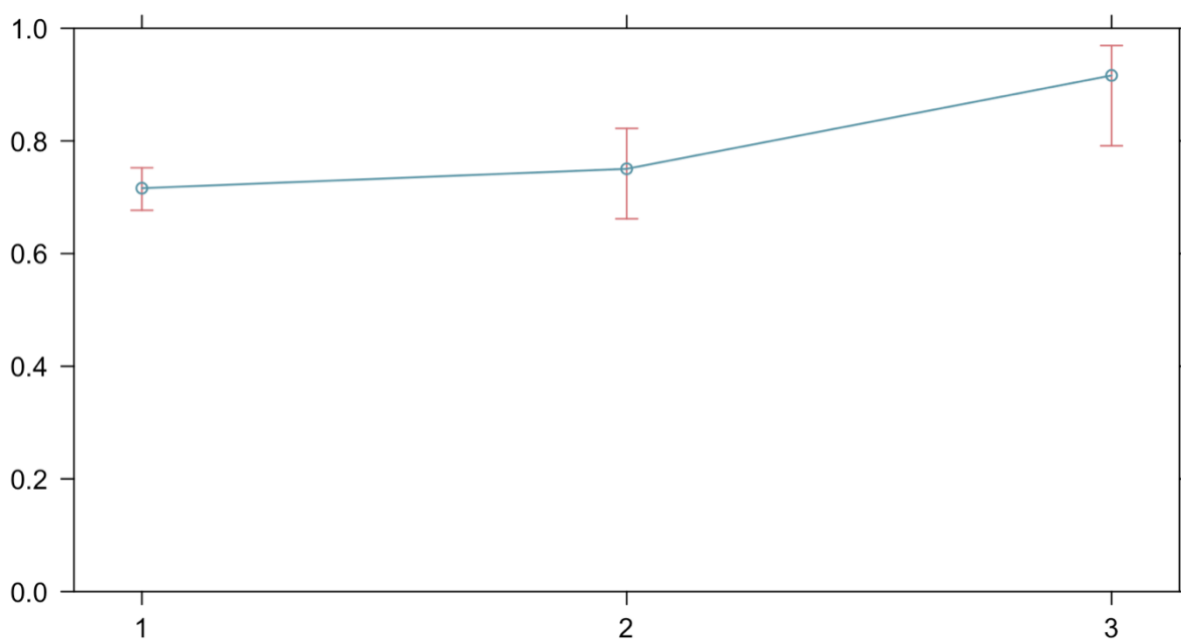
Com relação ao tipo de verbo: houve uma maior probabilidade de ocorrência de *QU-in situ* na presença de cópulas (gráfico 39):

Gráfico 39 – Probabilidade de termos *QU-in situ* na ausência e presença de cópula no francês adulto (N=42)



Quanto à complexidade do constituinte, a maior probabilidade de ocorrência de *QU-in situ* ocorreu com constituintes de complexidade 3 (alta), i.e., sintagmas acompanhados de NP e preposicionados (gráfico 40):

Gráfico 40 – Probabilidade de termos *QU-in situ* de acordo com a complexidade do constituinte no francês adulto (N=42)



Para o francês infantil, retiramos a variável Complexidade que não atingiu significância e, reduzindo o modelo a algo mais simples, a sintaxe no R foi: `glm(Classificacao ~ Palavra.QU + Funcao.QU + Verbo, family = binomial, data)`. Com isso, obtivemos o *output* em abaixo:

Tabela 22 – *output* do modelo de Regressão Linear Múltipla para o francês infantil (N=4)

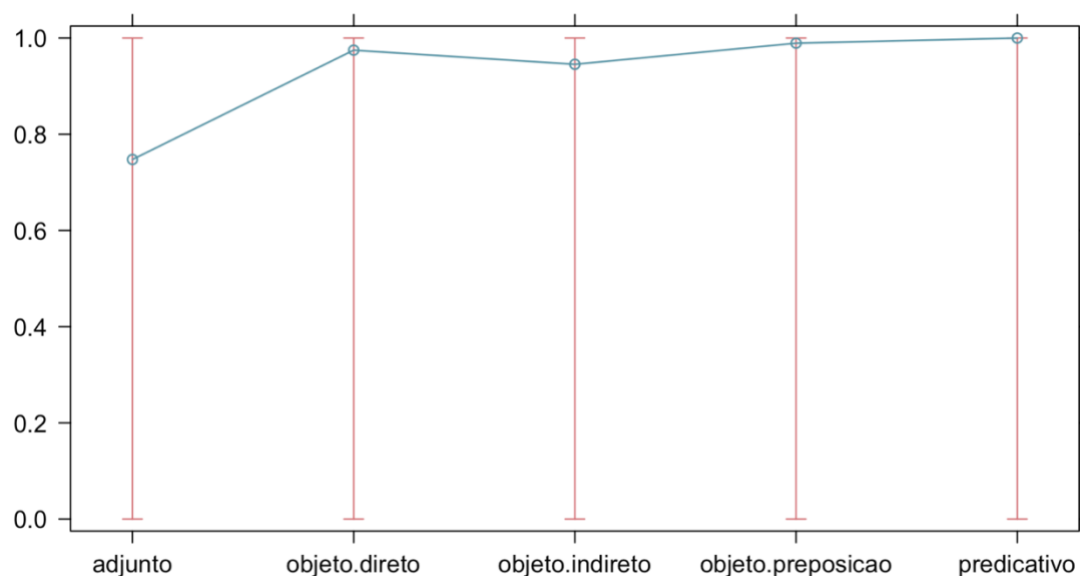
Coefficientes	Estimativa	SE	Valor-z	Pr(> z)
(Intercept)	2.214148e+00	1.2044	0.660	0.50929
Palavra.QU (comment)	4.883727e-01	1.2325	-0.581	0.56090
Palavra.QU (où)	7.286986e-01	1.3004	-0.243	0.80771
Palavra.QU (quand)	3.905281e-09	4612.2021	-0.004	0.99665
Palavra.QU (quel)	3.827309e-01	2.2120	-0.434	0.66416
Palavra.QU (qui)	2.184205e-01	2.4693	-0.616	0.53783
Função (obj. direto)	1.310573e+01	2.1127	1.218	0.22327
Função (obj. indireto)	5.849621e+00	0.7515	2.351	0.01874*
Função (obj. preposição)	3.148461e+01	2.1515	1.603	0.10887
Função (predicativo)	5.547654e+07	742.5299	0.024	0.98084
Verbo (cópula)	4.157411e+00	0.5205	2.737	0.00619**

Testes com significância estatística segundo critério .05 seguem a legenda *p <.05, **p <.01, ***p<.0001.

Para a palavra-QU, o intercepto é ‘*combien*’. Com relação a ele, ‘*quand*’ foi a palavra-QU que teve menos chances de ser empregado com QU-*in situ*. Nenhuma das razões de chance para palavra-QU foi significativa. Para a função sintática do constituinte interrogativo, o intercepto é ‘adjunto’. Com ‘predicativo’ houve mais chances de emprego do QU-*in situ*. Contudo, apenas a razão de chance referente ao ‘objeto indireto’ – que teve 5.849621e+00 a mais de chance de emprego de QU-*in situ* em relação ao intercepto – atingiu significância. Com tipo de verbo, o intercepto é o ‘verbo lexical’ e na presença de ‘cópula’ houve 4.157411e+00 a mais de chance de emprego de QU-*in situ*. A razão de chance para Tipo de verbo foi significativa.

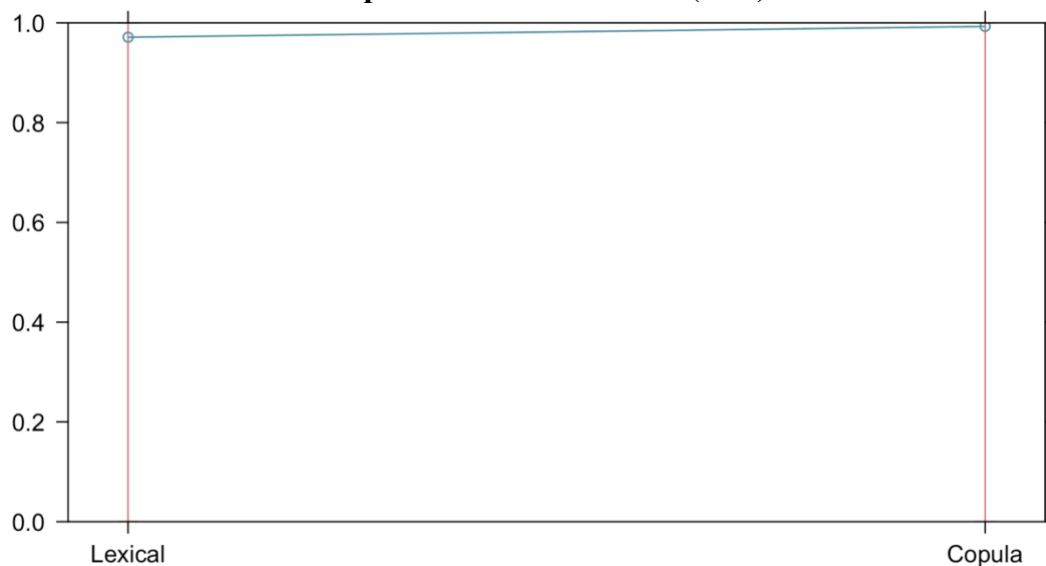
Para melhor visualizarmos os resultados do modelo, recorramos aos gráficos de efeitos abaixo. Com relação à função sintática, houve maior probabilidade de emprego do QU-*in situ* com predicativos e menor probabilidade com adjuntos (gráfico 41):

Gráfico 41 – Probabilidade de termos QU-*in situ* com cada função sintática do elemento-QU no francês infantil (N=4)



Já com relação ao tipo de verbo, houve maior probabilidade de ocorrência de QU-*in situ* na presença de cópula (gráfico 42).

Gráfico 42 – Probabilidade de termos QU-*in situ* na ausência e presença de cópula no francês infantil (N=4)



7.6. Considerações sobre o capítulo

Para sumarizar os resultados desta seção, consideramos, então, a influência da palavra-QU, da função sintática do constituinte interrogativo, de sua complexidade e do tipo de verbo envolvido na produção das perguntas-QU nos quatro grupos estudados.

Quanto à relação entre as palavras-QU e a produção das estratégias *ex situ* e *in situ* de perguntas-QU, no PB, vimos que, independente do pronome escolhido, ele fez pouco pelo modelo porque há uma tendência geral da língua em direção ao QU-*ex situ*. Inclusive, apenas uma das palavras-QU, ‘onde’, na fala de apenas uma das crianças, emergiu pela primeira vez com QU-*in situ*. Com relação às estratégias-QU de movimento, observamos que na fala infantil o QU-movido foi preferido com todas as palavras-QU, exceto com ‘onde’, em que houve preferência por QU-que. Já na fala adulta, a estratégia-QU variou conforme a palavra-QU: junto a ‘onde’ e ‘quanto’, observamos uma maior produtividade de QU-movido; na presença de ‘o que’, ‘por que’, ‘que’ e ‘quem’ a estratégia predominante foi o QU-que; na presença de ‘como’, a estratégia preferida foi o QU-é-que; e com ‘qual’ tivemos mais ocorrências com QU-movido.

Já no francês, a maioria das palavras-QU, com exceção de ‘*quand*’, ‘*pourquoi*’ e ‘*que*’, foram mais produzidas pelas crianças com QU-*in situ*. Lembremos, contudo, que ‘*pourquoi*’ é mais aceitável com QU-*ex situ* e ‘*que*’ ocorre geralmente em conjunto com a partícula ESK ou com inversão; na ausência, ela é produzida *in situ* em sua forma ‘*quoi*’. Contudo, a seleção do pronome pouco fez pelo modelo infantil e não houve significância com nenhum deles. Podemos então concluir que a tendência nesse grupo foi manter o elemento-QU *in situ*, independente da palavra-QU. Na fala adulta, houve maior emprego de QU-*in situ* com ‘*quoi*’ – que só pode ocorrer associada à movimento quando preposicionada – e ‘*où*’. Com relação às outras estratégias-QU envolvendo movimento, observamos na fala infantil uma maior produtividade do QU-movido em conjunto com todas as palavras-QU, com exceção de ‘*que*’, que é mais utilizado junto ao ESK.

Quanto à função sintática do constituinte-QU, no PB, todas as funções, com exceção da categoria ‘outras’, favoreceram o emprego de QU-*ex situ* tanto na fala infantil como adulta. Observando cada função separadamente, houve um aumento de QU-*in situ* nas perguntas com ‘objeto indireto’ (de todas as perguntas com objeto indireto, o QU-*in situ* foi empregado em 10,6% na fala infantil e em 22,4% na fala adulta) e um aumento ainda maior nas com ‘objeto de preposição’ (de todas as perguntas com essa função, houve 49,5% de QU-*in situ* nos dados adultos e 34,8% nos dados infantis). Observando todas as palavras-QU juntas, houve um emprego maior de QU-*in situ* com ‘objeto direto’ e ‘indireto’ na fala adulta, mas os pronomes

pouco fizeram pelo modelo infantil, ao que podemos concluir que, independente da função sintática, a criança brasileira tende em direção ao *QU-ex situ*.

Na fala adulta, observamos também a ocorrência das Perguntas de sondagem (incluídas na categoria ‘outras’), que foram majoritariamente produzidas com *QU-in situ*. Nelas, a palavra-QU aparece complementando um sintagma nominal e elas são realizadas quando o falante procura acessar o conhecimento de seu interlocutor, deixando uma lacuna com o elemento-QU na pergunta para ser preenchida. Parece-nos, inclusive, que uma pergunta como esta é mais aceitável *in situ*. Com relação às outras estratégias-QU envolvendo movimento, de modo geral, todas as funções sintáticas favoreceram o emprego de *QU-movido* na fala infantil, seguindo a preferência geral da criança por essa estratégia. Na fala adulta, no entanto, o adjunto favoreceu o emprego de *QU-é-que*, enquanto, com as outras funções, prevaleceu o emprego de *QU-que*, seguindo a preferência dos adultos por essa estratégia-QU.

Por sua vez, no francês, todas as funções favoreceram o emprego de *QU-in situ* na fala infantil. Podemos interpretar isso como uma tendência geral do grupo em preferir essa construção, independente da função do constituinte-QU. Na fala adulta, apenas o ‘objeto direto’ favoreceu o emprego de *QU-ex situ*, enquanto com todas as outras funções houve maior produção de *QU-in situ*. As perguntas na categoria ‘outras’, que incluem as chamadas Perguntas de sondagem, foram todas produzidas com *QU-in situ*, tanto pelo adulto como pela criança. Quanto às estratégias de movimento, notamos na fala infantil e adulta associações positivas entre o *QU-movido* e o adjunto e entre o objeto direto e o *QU+ESK*, e negativas entre *QU-movido* e objeto direto.

Conforme vimos, no PB houve um aumento de *QU-in situ* nas perguntas com objeto indireto e um aumento ainda maior nas com objeto de preposição. Uma explicação para essa preferência no PB é que ambas as funções sintáticas em jogo envolvem uma preposição e talvez seja menos custoso manter o elemento-QU *in situ* do que movê-lo, realizando *pied-piping*. Esse fato observado no PB – língua em que o *QU-in situ* é majoritariamente preterido em lugar do *QU-ex situ* – nos fez considerar a influência da complexidade do constituinte interrogativo na produção das perguntas-QU. Para tanto, analisamos os dados quanto à presença ou ausência de preposição, com relação ao tipo de constituinte-QU - se nu ou acompanhado de NP - e quanto à complexidade do sintagma - baixa, sem NP e sem preposição; intermediária, com apenas um dos dois (NP ou preposição); e alta, com NP e com preposição.

Em nossos dados do PB, quando acompanhado de preposição, o constituinte-QU continua sendo preferido na versão movida, i.e., apesar de o constituinte-QU ser supostamente mais complexo quando preposicionado, os falantes de PB continuam preferindo movê-lo,

carregando, com ele, a preposição. No francês, tanto na fala infantil como na adulta houve favorecimento do QU-*in situ* diante de constituintes preposicionados. Quanto à presença ou ausência de NP no constituinte-QU, observamos que no PB, diante de constituintes-QU + NP, tanto adulto como criança produziram majoritariamente o QU-*ex situ*. Em outras palavras, a presença de um constituinte acompanhado do nominal não favoreceu o emprego do QU-*in situ*, acompanhando a tendência da língua em desfavorecer a estrutura. No francês, notou-se o oposto, já que tanto os adultos como as crianças privilegiaram o uso de QU-*in situ* em oposição ao movido, diante de constituintes-QU + NP. Nesse caso, o constituinte seguido do nominal favoreceu o uso de QU-*in situ*. Por fim, quanto à complexidade do sintagma interrogativo, observamos nas duas línguas uma progressão em favor do QU-*in situ* conforme o constituinte se tornava mais complexo. Em outras palavras, quanto mais complexo o constituinte, maiores suas chances de permanecer *in situ*.

Em suma, no PB a presença de preposição ou de NP, considerados isoladamente, não alteraram a preferência geral da língua pelo QU-*ex situ*. Considerando, no entanto, a complexidade do constituinte, notamos uma maior produtividade de QU-*in situ* quanto mais complexo o constituinte se tornava. Inclusive, conforme notamos no modelo, a complexidade do constituinte foi a variável que mais conseguiu prever o emprego de QU-*in situ* na fala infantil.

Por sua vez, no francês, houve uma prevalência do QU-*in situ* sobre o *ex situ*, independente da presença ou ausência de preposição e do NP. No entanto, assim como no PB, a complexidade do constituinte contribuiu para a produção de QU-*in situ*: quanto mais complexo, maiores eram as chances de o constituinte-QU permanecer *in situ*. Na fala infantil, no entanto, essa diferença não foi significativa.

Finalmente, conforme vimos nesta seção, no francês, houve uma associação positiva entre o QU-*in situ* e o predicativo, o que nos levou a verificar o papel que a presença de cópula exerce na produção das perguntas-QU. No PB, houve um pequeno aumento na produção de QU-*in situ* na fala infantil em sentenças com cópula, que, no entanto, não foi significativa, ou seja, não parece haver associação entre o tipo de verbo e a presença ou ausência de movimento-QU na fala das crianças. Na fala adulta, contudo, essa diferença foi significativa e a presença de um verbo lexical parece associada a uma maior produção de QU-*in situ* em relação à presença de cópula. No francês, em contrapartida, ocorreu o oposto do que observamos no PB adulto, visto que em ambos os grupos etários dessa língua a cópula contribuiu para a produção de QU-*in situ*. Inclusive, esta foi a variável que mais conseguiu prever o emprego de QU-*in situ* na fala infantil.

Influência de fatores pragmáticos

Neste capítulo, analisaremos as possíveis influências pragmáticas na produção de perguntas-QU e suas interações com cada grupo etário em PB e em francês. Para tanto, analisaremos as estratégias com QU-*in situ* obrigatório e opcional separadamente, verificando os contextos que mais favorecem o emprego dos diferentes tipos. Na primeira seção, analisaremos, então, a ocorrência das perguntas-QU opcionais, considerando apenas as perguntas com contrapartes *ex situ* e *in situ* possíveis; na segunda, analisaremos as perguntas com QU-*in situ* obrigatório, considerando ocorrências como as perguntas de esclarecimento que, conforme vimos, não oferecem contexto sintático apropriado para deslocamento do elemento-QU e, por isso, não aceitam contraparte *ex situ*; na terceira, realizaremos uma Regressão Linear Múltipla, com o objetivo de verificar o quanto o contexto pragmático prediz a produção de QU-*ex situ* ou QU-*in situ* e se há interação entre os grupos etários nesse quesito; por fim, na quarta seção, faremos as considerações sobre o capítulo.

8.1. Contexto em perguntas-QU opcionais

Nos capítulos anteriores, discutimos as diferentes análises pragmáticas para o PB e o francês e concluímos que nenhuma delas parece dar conta sozinha das possibilidades dessas línguas, que parecem ser menos restritas que outras de movimento-QU opcional, como o espanhol, o português europeu, o grego, entre outras. Desse modo, sugerimos que o QU-*in situ* é possível, no PB e no francês, quando a porção não-QU pode ser inferida a partir da situação extralinguística (1); do discurso, seja explícita (2) ou implicitamente (3); ou de conhecimentos compartilhados em interações prévias ou que façam parte de pressuposições culturais e universais (4).

- (1) a. **Contexto extralinguístico:** mãe e filha envolvidas em uma atividade conjunta de desenho.

Criança: olha!

Mãe: (es)to(u) olhando!

Criança: **é que cor?**

(Luana, 2;05.07)

- b. **Contexto extralinguístico:** mãe e filha brincam com uma tartaruga de brinquedo. Criança a entrega para a mãe e para outra participante da gravação (Aliyah) para que elas a beijem, até que a criança repara em um detalhe na cabeça do brinquedo.

Mãe: vas-y amène la à Aliyah pour qu'elle lui fasse un bisou.

vá-lá traga a a Aliyah para que ela ela faça um beijo

“Vai. Traga pra Aliyah para que ela dê um beijo”

Criança: **euh dans sa tête il y a quoi?**

euh dentro sua cabeça EXPL-tem o que

“Na cabeça dela tem o quê?”

Mãe: sur sa tête là?

sobre sua cabeça aqui

“Em cima da cabeça dela?”

Criança: oui.

sim

“Isso.”

Mãe: bah qu'est-ce que c'est?

bah o que ESK isso-é

“Bah, o que é isso?”

Mãe: un petit noeud.

um pequeno nó

“Um pequeno nó”

(Anaé, 2;05.29)

- (2) a. **Antecedente discursivo explícito:** criança e mãe escolhem um novo jogo para brincar. A porção não-QU da pergunta infantil é inserida no discurso pela fala da mãe imediatamente anterior a “é um jogo”.

Criança: eu quero pega(r) esse.

Mãe: só que esse é difícil de faze(r) p(a)ra tua idade, né?

Criança: ah!

Mãe: (es)tá?

Criança: não! Esse.

Mãe: esse aqui é viagem submarina.

Mãe: é um jogo.

Criança: **mas é de quê o jogo?**

Mãe: (es)tá, mas tem que aprende(r) como joga.

Mãe: não é verdade?

Criança: sim, mas vamos.

Mãe: posso le(r) p(a)ra ve(r) como é que joga?

(Luana, 4;03.05)

- b. **Antecedente discursivo explícito:** mãe e filha leem um livro sobre peixes. A porção não-QU da pergunta infantil é introduzida no discurso pela fala da mãe imediatamente anterior à pergunta. Após sua pergunta, a criança procura no livro o peixe para mostrar à Martine.

Mãe: alors tu montres le poisson tout bariolé à Martine?

então você mostra o peixe todo colorido a Martine

“Então você mostra o peixe todo colorido pra Martine?”

Criança: **il est où le poisson tout bariolé?**

ele está onde o peixe todo colorido

“Ele está onde o peixe todo colorido?”

(Madeleine, 2;02.06)

- (3) a. **Antecedente discursivo implícito:** mãe e criança conversam sobre a namorada do filho e sobre casamento. A pergunta infantil é realizada para resolver o questionamento em discussão implícito “quem casa com quem?”.

Mãe: tua namorada nova não é a Mariana?

Criança: é.

Criança: mas a gente não caso(u).

Mãe: hmm?

Criança: quando (es)tive(r) grande eu vo(u) casa(r) com ela.

Mãe: é?

Criança: **e você caso(u) com quem?**

Mãe: eu casei com quem?

Criança: com meu pai, não é?

Mãe: casei com seu pai.

(Leonardo, 3;10.08)

- b. **Antecedente discursivo implícito:** mãe, criança e observador conversam. A pergunta infantil é realizada para resolver o questionamento em discussão implícito “quem nasceu de quem?”.

Obs: tu te rappelles quand maman elle avait un bébé dans son ventre?

você te lembra quando mamãe ela tinha um bebê dentro seu ventre

“Você se lembra de quando a mamãe estava com um bebê na barriga?”

Criança: **ouais...et moi étais dans le ventre de qui?**

sim e eu estava dentro o ventre de quem

“Sim...e eu estava na barriga de quem?”

Mãe: de maman...aussi.

de mamãe também

“Da mamãe...também”

Mãe: t(u) as été dans mon ventre et Antoine aussi.

você tem estado dentro meu ventre e Antoine também

“Você esteve na minha barriga e Antoine também”

(Théophile, 3;04.10)

- (4) a. **Conhecimento previamente compartilhado:** mãe e criança jogam bingo. A pergunta da criança é possibilitada pela pressuposição culturalmente compartilhada (OUSHIRO, 2010) de que, em um jogo, alguém ganha e alguém perde e pessoas torcem para cada um dos lados.

Mãe: você tem vinte e quatro na sua cartela.

Mãe: vê aí.

Criança: não tem.

Mãe: eu não tenho na minha.

Mãe: vinte e quatro.

Mãe: coloca lá.

Criança: **mãe, você torce p(a)ra quem?**

Criança: p(a)ra mim?

Mãe: mas se eu (es)to(u) jogando contra você.

Mãe: eu (es)to(u) torcendo p(a)ra mim, né?

Mãe: e você torce p(a)ra você, né?

(Luana, 5;04.09)

- b. **Conhecimento previamente compartilhado:** criança, mãe e observadora folheiam um livro com figuras de diferentes animais. Criança observa uma pantera bebê e pergunta sua idade. Seu questionamento é possibilitado pela pressuposição universal (OUSHIRO, 2010) de que todo mundo tem alguma idade.

Criança: **il...il a quel âge lui?**

ele ele tem qual idade ele

“Ele...ele tem qual idade?”

Mãe: je sais pas quel âge il a mais c'est...

eu sei não qual idade ele tem mas isso é

“Eu não sei qual idade ele tem, mas é...”

Obs: mais c'est un...c'est un petit...

mas isso é um isso é um pequeno

“Mas é um...um pequeno...”

Mãe: c'est une panthère...c'est un bébé panthère peut-être.

este é uma pantera isso é um bebê pantera pode ser

“É uma pantera...um bebê pantera talvez”

(Anaé, 2;11.22)

Em suma, o QU-*in situ* seria facilitado por esses contextos e menos aceito em situações *out-of-the-blue*. No entanto, não esperamos de forma alguma que nesses contextos apenas o QU-*in situ* seja aceito. O QU-*ex situ* seria aceito em todos eles, mas também em perguntas de sopetão, ou seja, ele seria menos restrito do que sua contraparte *in situ* e, por isso, uma opção mais neutra das línguas. Vejamos, então, como o PB e o francês se comportam com relação aos contextos envolvidos na produção de QU-*in situ*.

Separando as perguntas-QU por contexto – considerando que há contextos mais raros nesse tipo de interação – e retirando a categoria ‘indisponível’ que aqui não nos interessa¹¹⁹,

¹¹⁹ Nas análises pragmáticas, a categoria ‘indisponível’ se refere a perguntas realizadas no início da gravação ou com muito ruído externo, de forma que foi impossível depreender o contexto. Elas, portanto, não serão analisadas segundo esses fatores.

chegamos aos resultados dos gráficos 1 e 2. Em ambos os grupos, todos os contextos favoreceram o emprego de QU-*ex situ*, seguindo a tendência geral da língua em favor dessa construção. O QU-*in situ* foi mais produzido na fala adulta com antecedentes discursivos (gráfico 1); e na fala infantil com conhecimento prévio e, em seguida, com antecedentes discursivos, embora poucas ocorrências tenham sido encontradas (gráfico 2).

Gráfico 1 – Associação entre o contexto pragmático e o movimento para a periferia esquerda da sentença em PB adulto (N=23)

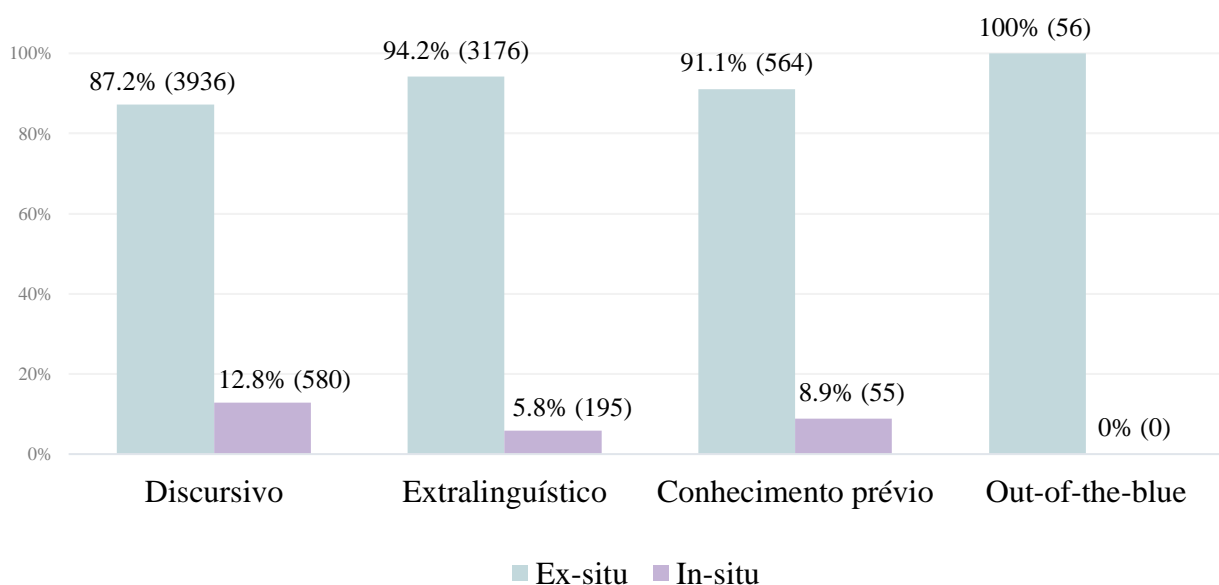
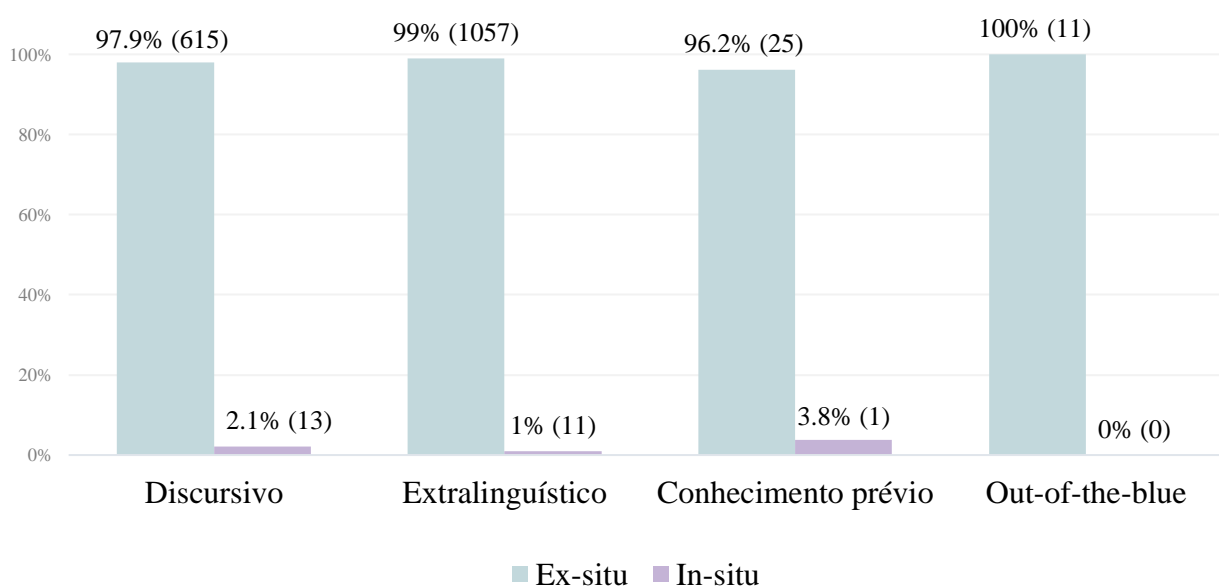
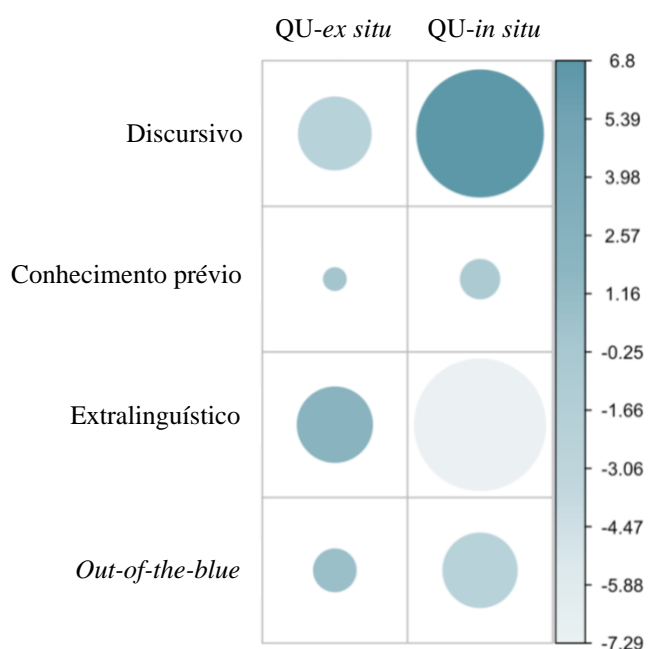


Gráfico 2 – Associação entre o contexto pragmático e o movimento para a periferia esquerda da sentença em PB infantil (N=4)



Na fala infantil do PB, então, o antecedente discursivo e o conhecimento prévio levaram a um leve aumento do QU-*in situ* comparado aos demais contextos. Todavia, encontramos apenas poucas ocorrências da construção e, por isso, os resultados para as crianças não foram significantes (*Pearson's Chi-squared test*, *p-value* = 0.2579). Na fala adulta, por outro lado, houve um aumento na produção de QU-*in situ* com antecedentes discursivos e, por isso, no gráfico 3 abaixo notamos uma associação forte e positiva entre as variáveis. Enquanto isso, o contexto extralinguístico está forte e negativamente associado ao QU-*in situ*, favorecendo o emprego de QU-*ex situ* (*Pearson's Chi-squared test*, *p-value* = 0.0004998).

Gráfico 3 – Associação entre o tipo de pergunta e o contexto em PB adultos (N=23)



Desmembrando agora o antecedente discursivo em antecedente explícito e implícito, obtivemos os resultados no gráfico 4 e 5. Na fala adulta (gráfico 4), houve um equilíbrio na produção de QU-*ex situ* e QU-*in situ* com os dois tipos de antecedente discursivo, ou seja, não houve diferença entre antecedentes explícitos ou implícitos (*Pearson's Chi-squared test*, *p-value* = 0.6402). Na fala infantil (gráfico 5), houve um leve aumento na produção de QU-*in situ* com antecedentes explícitos, que, todavia, não foi significativa (*Pearson's Chi-squared test*, *p-value* = 0.5452). Em suma, na fala dos dois grupos, houve chances similares de o QU-*in situ* ser produzido com antecedentes explícitos ou implícitos.

Gráfico 4 – Associação entre o contexto discursivo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em PB adulto (N=23)

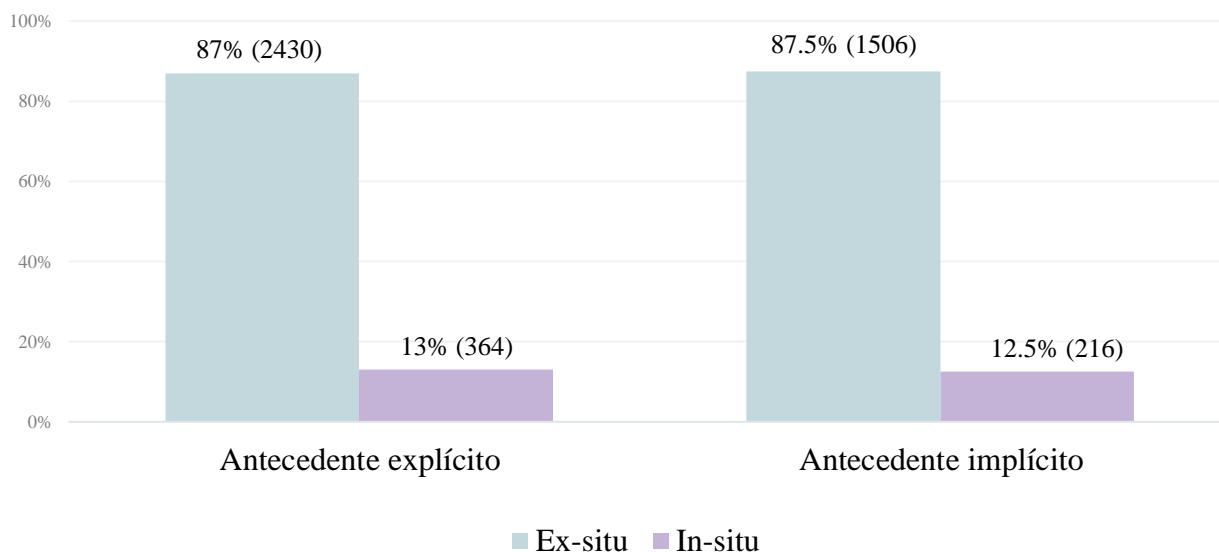
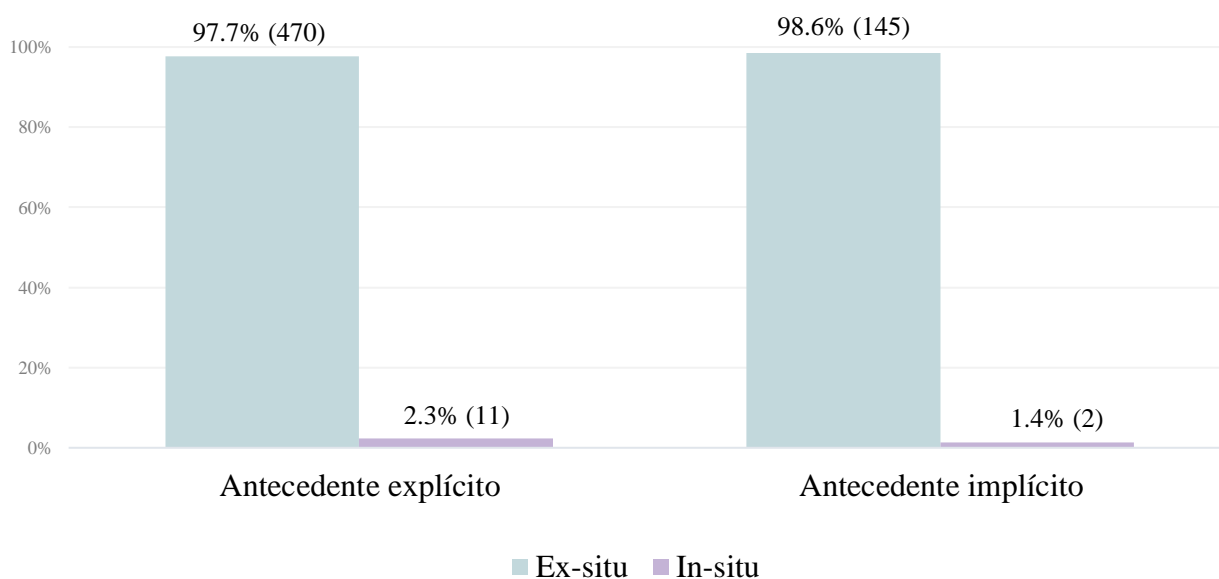


Gráfico 5 – Associação entre o contexto discursivo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em PB infantil (N=4)



Por sua vez, no francês adulto (gráfico 6), apenas o contexto discursivo favoreceu o emprego de QU-*in situ* e todos os outros favoreceram a produção de QU-*ex situ*, com destaque para o *out-of-the-blue*, no qual apenas 2 ocorrências de QU-*in situ* foram produzidas (3,6%). Na fala infantil (gráfico 7), em contrapartida, todos os contextos favoreceram o emprego de QU-*in situ*, com exceção de situações *out-of-the-blue* na qual nenhuma pergunta desse tipo foi produzida.

Gráfico 6 – Associação entre o contexto pragmático e o movimento para a periferia esquerda da sentença em francês adulto (N=42)

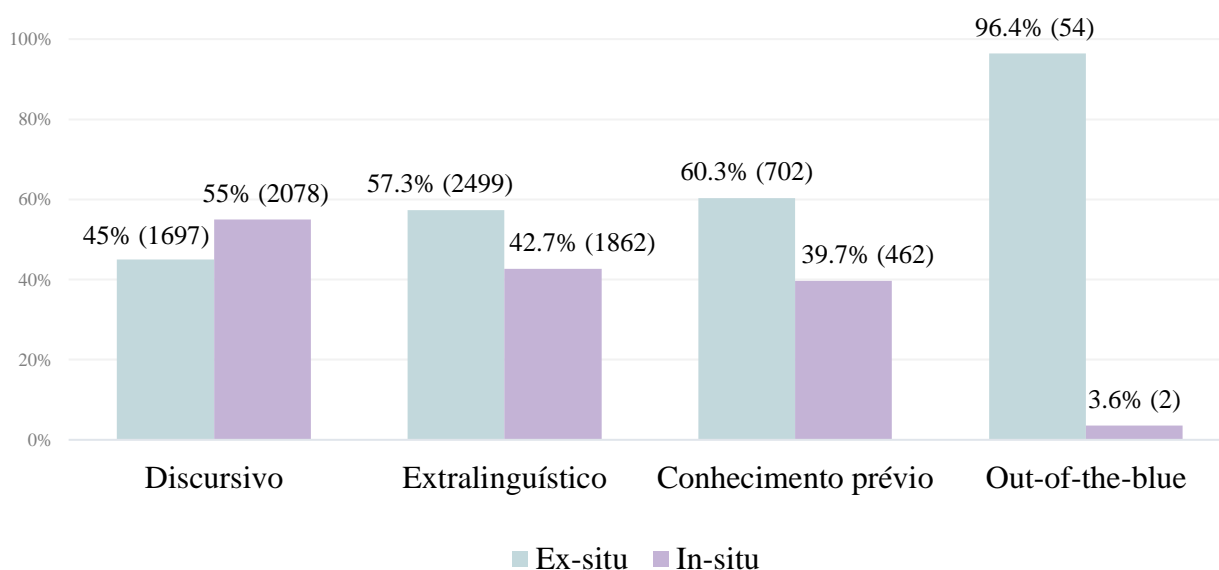
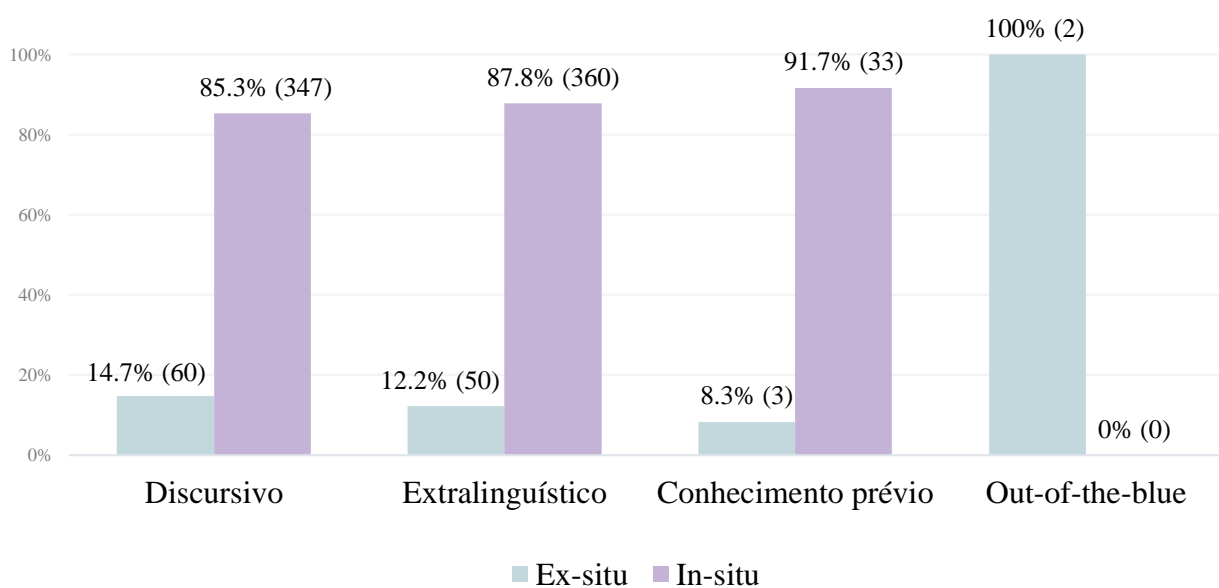


Gráfico 7 – Associação entre o contexto pragmático e o movimento para a periferia esquerda da sentença em francês infantil (N=4)



Algumas das perguntas-QU realizadas em contextos *out-of-the-blue* estão exemplificadas abaixo. O QU-*in situ* foi utilizado duas vezes pelos adultos em perguntas como (5a), em que sugestões para troca de assunto ou atividade eram feitas. No entanto, esse tipo de pergunta-QU, embora possível com QU-*in situ*, conforme vemos em (5a), foi bem mais produtiva com QU-*ex situ*, como em (5b).

- (5) a. Contexto: mãe dá banho e veste a criança, acompanhada da observadora. Elas discutem sobre a criança já estar usando roupas de tamanho extragrande. A mãe então, de sopetão, pergunta o que a filha quer jogar.

Obs.: toi tu es grande.

você você é grande

“Você está grande”

Obs.: c'est extra ça!

isso é extra isso

“Esse é tamanho grande!”

Mãe: oui c'est une bonne chose!

sim isso é uma boa coisa

“Sim, isso é bom!”

Mãe: **tu veux jouer à quoi, Madeleine?**

você quer jogar a o que Madeleine

“Você quer jogar o quê, Madeleine?”

Criança: je sais pas.

eu sei NEG

“Eu não sei”

(corpus Madeleine, 2;04.15)

- b. Contexto: mãe e criança comem pão com Nutella, acompanhadas da observadora.

Obs.: je sais pas si vous mangez du Nutella.

eu sei NEG se vocês comem de Nutella

“Eu não sei se vocês comem Nutella”

Obs.: on peut faire avec du miel ou de la confiture.

a gente pode fazer com de mel ou de a geleia

“A gente pode fazer com mel ou geleia”

Mãe: oh oui on mange du Nutella.

oh sim a gente come de Nutella

“Oh, a gente come Nutella sim”

Mãe: t'inquiète pas!

te preocupe NEG

“Não se preocupe”

Mãe: on va le laisser là pour l'instant.
a gente vai o deixar aqui por o instante
“A gente vai deixar (o presente) aqui por enquanto”

Mãe: **qu'est-ce que tu veux faire, Anaé?**
que ESK você quer fazer Anaé
“Que que você quer fazer, Anaé?”

Criança: il est où le cadeau?
ele está onde o presente
“O presente está onde?”

Mãe: il est là le cadeau.
ele está aqui o presente
“O presente está aqui”

(corpus Anaé, 2;04.28)

Na fala infantil, houve uma associação forte e negativa entre o QU-*in situ* e o contexto *out-of-the-blue*, já que nenhuma pergunta desse tipo foi produzida nessa situação, conforme observamos no gráfico 8 abaixo. Todos os outros contextos favoreceram o emprego de QU-*in situ* na fala infantil (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.009495*). Na fala adulta, o contexto que mais favoreceu o emprego de QU-*in situ* foi o antecedente discursivo, sendo desfavorecido em todos os outros, conforme podemos observar no gráfico 9 abaixo (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*)

Gráfico 8 – Associação entre o tipo de pergunta e o contexto em francês infantil (N=4)

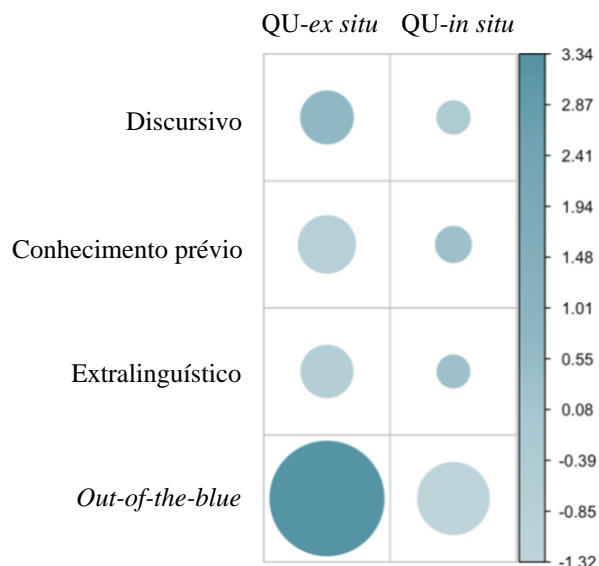
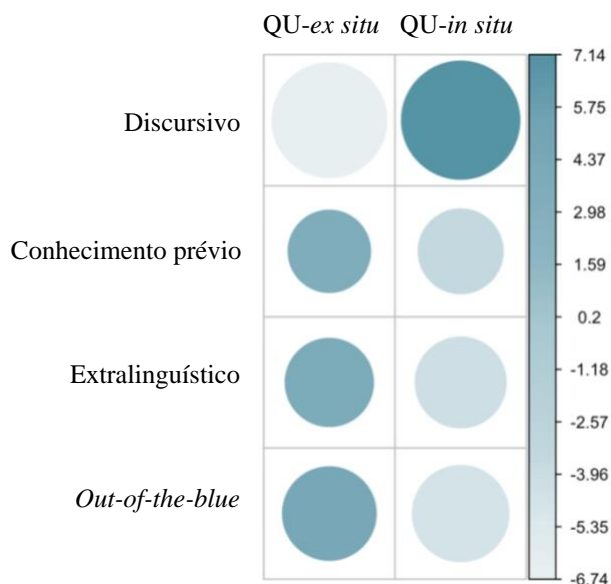


Gráfico 9 – Associação entre o tipo de pergunta e o contexto em francês adulto (N=42)



Desmembrando agora o antecedente discursivo em antecedente explícito e implícito, obtivemos os resultados nos gráficos abaixo. As crianças (gráfico 10), independente do tipo de antecedente discursivo, preferiram o *QU-in situ*. Houve, contudo, um decréscimo considerável quando o antecedente era implícito (64,7%) em relação ao explícito (89,4%). Já os adultos (gráfico 11) produziram mais *QU-in situ* quando o antecedente era explícito (59,6%) e mais *QU-ex situ* com antecedentes implícitos (55,6%). Essa diferença foi significativa nas falas infantil (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*) e adulta (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*), ou seja, a presença explícita da porção não-QU no discurso anterior foi um diferencial para a produção de *QU-in situ* tanto na fala adulta como infantil no francês, embora a criança continue seguindo sua tendência geral em favor do *QU-in situ*.

Gráfico 10 – Associação entre o contexto discursivo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em francês infantil (N=4)

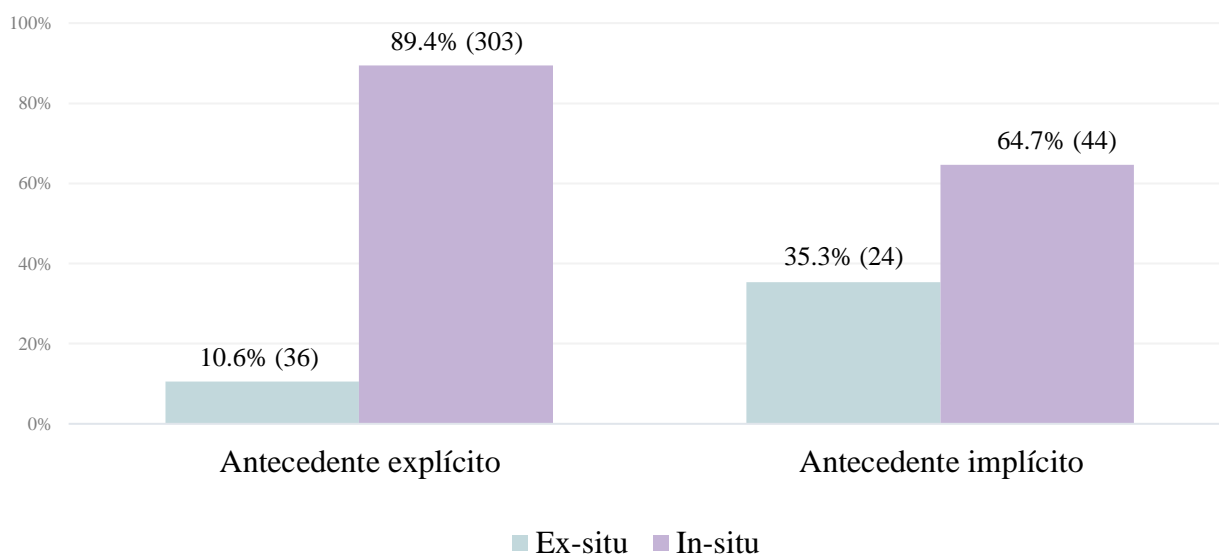
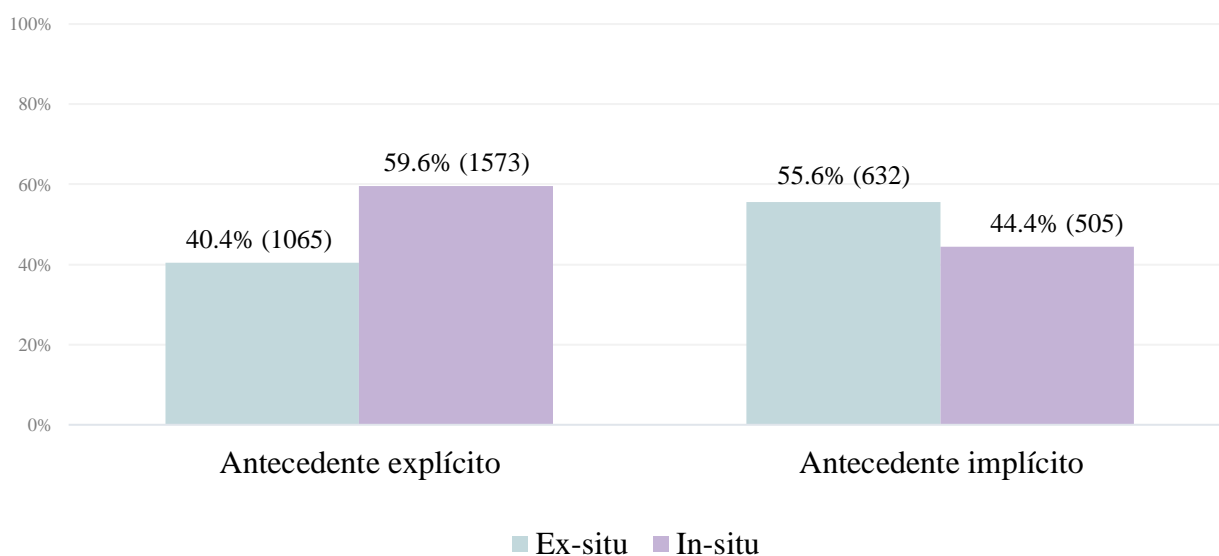


Gráfico 11 – Associação entre o contexto discursivo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em francês adulto (N=42)



8.2. Contexto em perguntas-QU não opcionais

Na seção anterior, consideramos em nossas análises apenas o QU-*in situ* opcional. Nesta seção, nos deteremos na análise das perguntas que não podem ser produzidas com movimento-QU, como os exemplos em (6).

- (6) a. **Contexto com porção não-QU explícita:** avô pede que criança remova suas roupas para tomar banho. Criança constrói pergunta a partir da sentença imediatamente anterior, com imperativo.

Avô: então tira.

Criança: **tira o quê?**

(Túlio, 2;10.11)

- b. **Contexto com porção não-QU implícita:** observadora e criança conversam sobre ir à padaria. Criança constrói sua pergunta como um movimento de *follow-up*, ou seja, um movimento conversacional com o intuito de dar seguimento à discussão. A porção não-QU é baseada no que ainda não foi completamente resolvido pela sentença anterior – “se ela vai a algum lugar, qual seu objetivo lá?”. A porção elidida da pergunta, “tu vas”, pode também ser recuperada facilmente a partir do discurso anterior.

Obs.: moi j(e) sais ce que j(e) ferais.

eu eu sei isso que eu farei

“*Eu sei o que eu vou fazer*”.

Obs.: j’irais à la boulangerie moi.

eu irei para a padaria eu

“*Eu vou pra padaria*”

Criança: **faire quoi?**

fazer o que

“*Fazer o quê?*”

Obs.: acheter un éclair au chocolat.

comprar um bomba ao chocolate

“*Comprar uma bomba de chocolate*”

(Anaé, 5;10.30)

- (7) a. **Contexto extralinguístico:** tia e sobrinho leem um livro, observando conjuntamente as imagens nele contidas.

Tia: e aí então ele veio e deu um pom! assim nele e ele ficou com medo.

Tia: e aí que aconteceu?

Criança: todo mundo caiu.

Tia: nossa!

Tia: **virou o que?**

Tia: uma...avalanche de elefantes!

(Túlio, 3;03.19)

- b. **Contexto extralinguístico:** mãe e criança leem livro, observando conjuntamente as imagens nele contidas.

Mãe: où elles sont les chaussettes?

onde elas estão as meias

“Onde as meias estão?”

Criança: là.

ali

“Ali”

[criança aponta o livro]

Mãe: **sont de quelle couleur?**

são de qual cor

“São de qual cor?”

Criança: eh...sont roses!

eh são rosas

“Eh...são rosas!”

(Anaé, 2;04.28)

No PB, 83,4% de todas as ocorrências de QU-*in situ* obrigatório dos adultos (gráfico 12) e 83,3% das ocorrências de QU-*in situ* das crianças (gráfico 13) foram produzidas com antecedente discursivo (como em (6a)). Apenas 13,5% nos dados adultos e 16,7% nos dados infantis foram produzidos em contextos extralinguísticos, nos quais a porção não-QU deveria ser recuperada a partir da interação conjunta entre os participantes (como (7a)). O QU-*in situ* opcional também foi mais produtivo com antecedentes discursivos e, em seguida, extralinguísticos. Contudo, sendo o QU-*in situ* opcional menos restritivo que o obrigatório, ele pôde também ser produzido com contextos baseados em conhecimento prévio, não ligados à interação aqui-e-agora. Como há poucas ocorrências de QU-*in situ* na fala infantil, não houve significância estatística nos dados desse grupo (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.08796*). Na fala adulta, todavia, houve significância, sugerindo que a presença de uma porção não-QU

presente na interação aqui-e-agora, especialmente discursiva, contribui para a produção de QU-*in situ* obrigatório (*Pearson's Chi-squared test, p-value = 0.0004998*).

Gráfico 12 – Associação entre o contexto discursivo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em PB adulto (N=23)

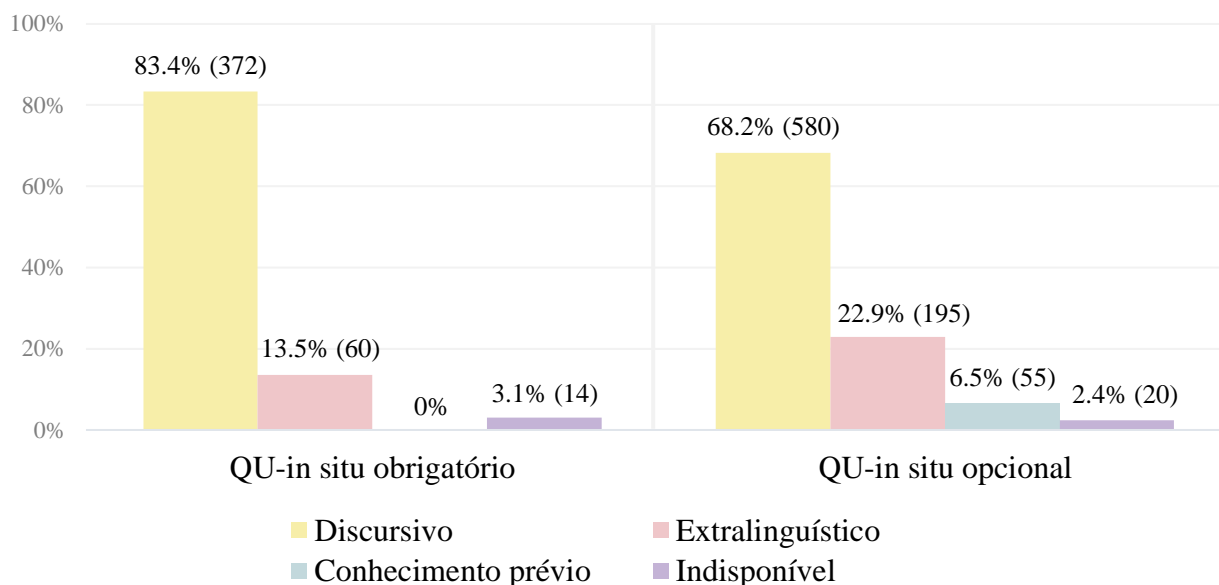
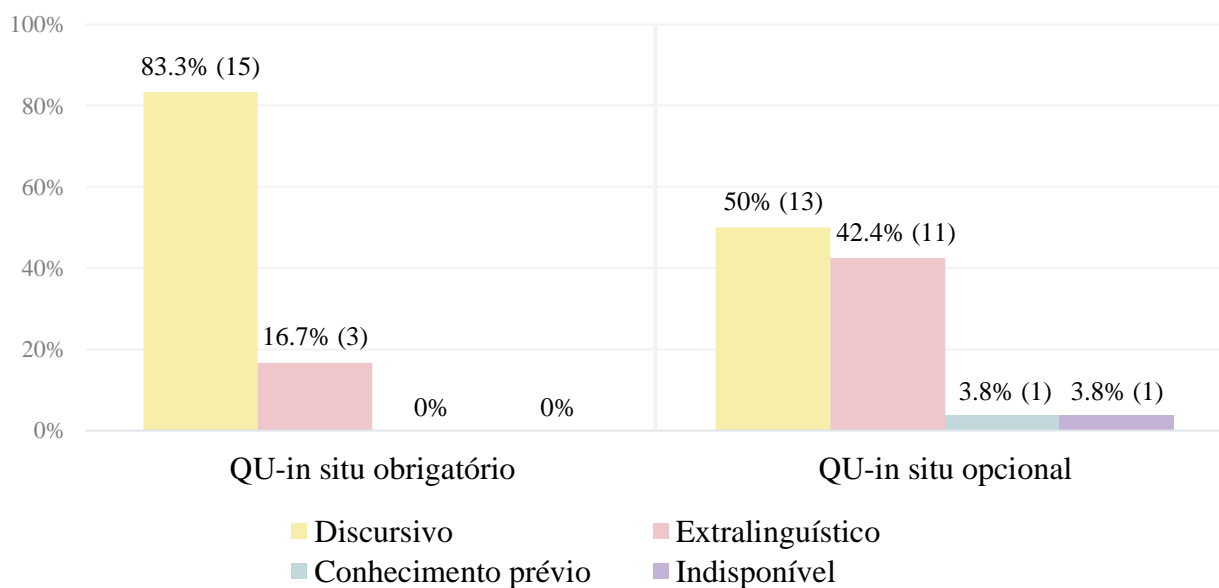


Gráfico 13 – Associação entre o contexto discursivo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em PB infantil (N=4)



No francês, os adultos e as crianças mantiveram o padrão observado no PB. De todas as perguntas com QU-*in situ* obrigatório, 86,7% das ocorrências adultas (gráfico 14) e 85% das ocorrências infantis (gráfico 15) foram produzidas com antecedente discursivo. Esse tipo de pergunta também foi produzido em contextos extralinguísticos, nos quais a porção não-QU era facilmente recuperada a partir da interação, em 10,7% das ocorrências adultas e em 15% das infantis. Nenhum QU-*in situ* obrigatório foi encontrado em contextos baseados em conhecimento prévio, uma vez que a porção não-QU (geralmente formada a partir de fragmento da sentença anterior) seria dificilmente recuperada; ou em situações *out-of-the-blue*, já que a porção não-QU seria ainda mais inacessível. Nas perguntas com QU-*in situ* opcional, houve um equilíbrio entre os contextos discursivo e extralinguístico, sendo os dois os que mais favoreceram o emprego da construção tanto na fala adulta como infantil. Essa diferença foi significativa na fala adulta (*Pearson's Chi-squared test*, *p-value* = 0.0004998) e na infantil (*Pearson's Chi-squared test*, *p-value* = 0.01799).

Gráfico 14 – Associação entre o contexto discursivo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em francês adulto (N=42)

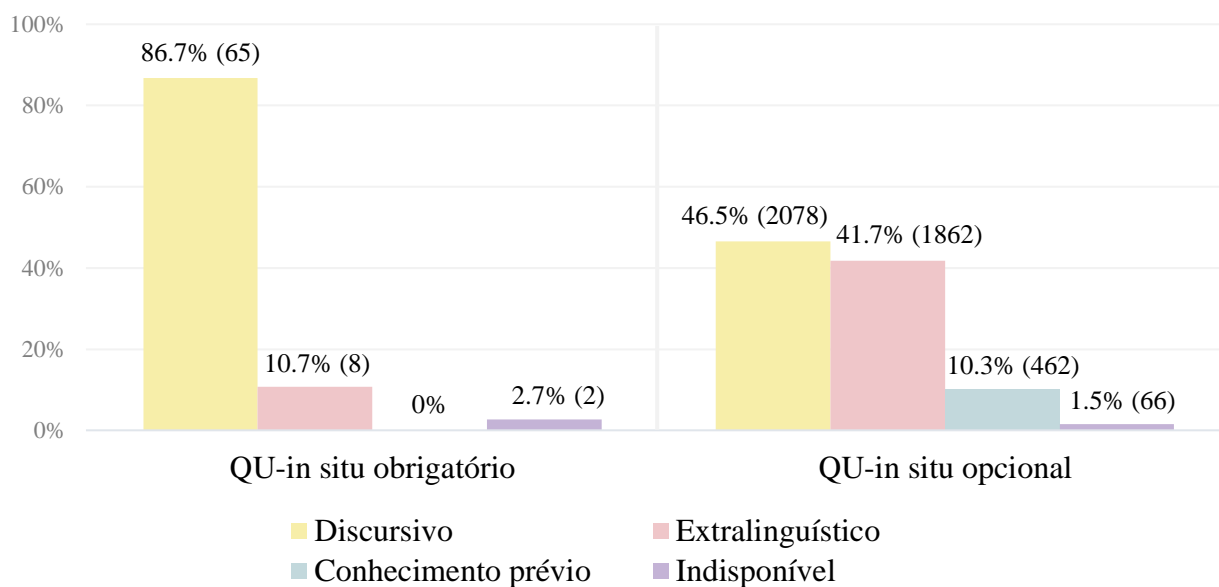
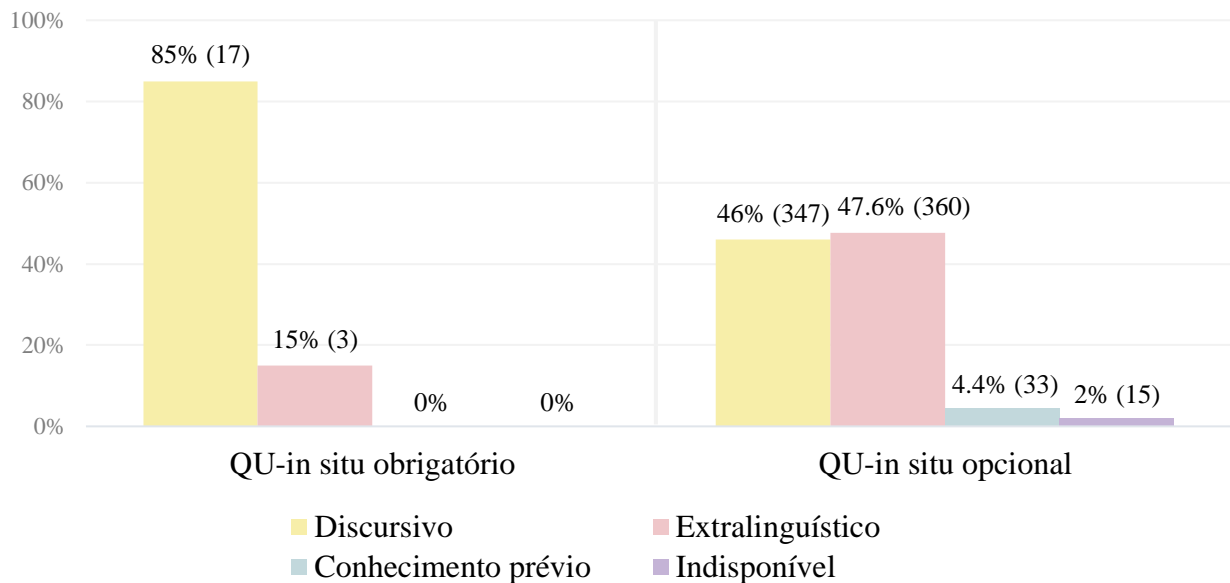


Gráfico 15 – Associação entre o contexto discursivo e o movimento para a periferia esquerda da sentença em francês infantil (N=4)



8.3. Regressão Linear Múltipla

Por fim, submetemos os dados referentes aos fatores pragmáticos a uma Regressão Linear Múltipla com função *Link Logit*, na qual a variável dependente foi a presença ou ausência de movimento nas perguntas-QU e as variáveis independentes o contexto e o grupo etário, para verificarmos o quanto cada uma das variáveis prediz a produção de QU-*in situ* e se há interação com o grupo etário. A Sintaxe no R para o modelo do PB foi: `glm(Classificacao ~ Contexto * Falante, family = binomial, data_PB)` e os resultados devem ser lidos tendo como referência o QU-*in situ*, i.e., eles devem ser lidos em termos do que aumenta ou diminui a probabilidade de ocorrência dessa construção. Para o PB, obtivemos o *output* na tabela abaixo:

Tabela 1 – *output* do modelo de Regressão Linear Múltipla para o PB adulto (N=23) e infantil (N=4)

Coeficientes	Estimativa	SE	Valor-z	Pr(> z)
(Intercept)	2.281879e-01	0.03592	-41.138	< 2e-16***
Adultos: conhecimento prévio	3.679838e-01	0.14491	-6.899	5.24e-12***
Adultos: extralinguístico	3.395624e-01	0.07427	-14.543	< 2e-16***
Adultos: <i>out-of-the-blue</i>	7.611142e-07	194.48568	-0.072	0.942
Crianças: discursivo	1.953915e-01	0.19646	-8.311	< 2e-16***

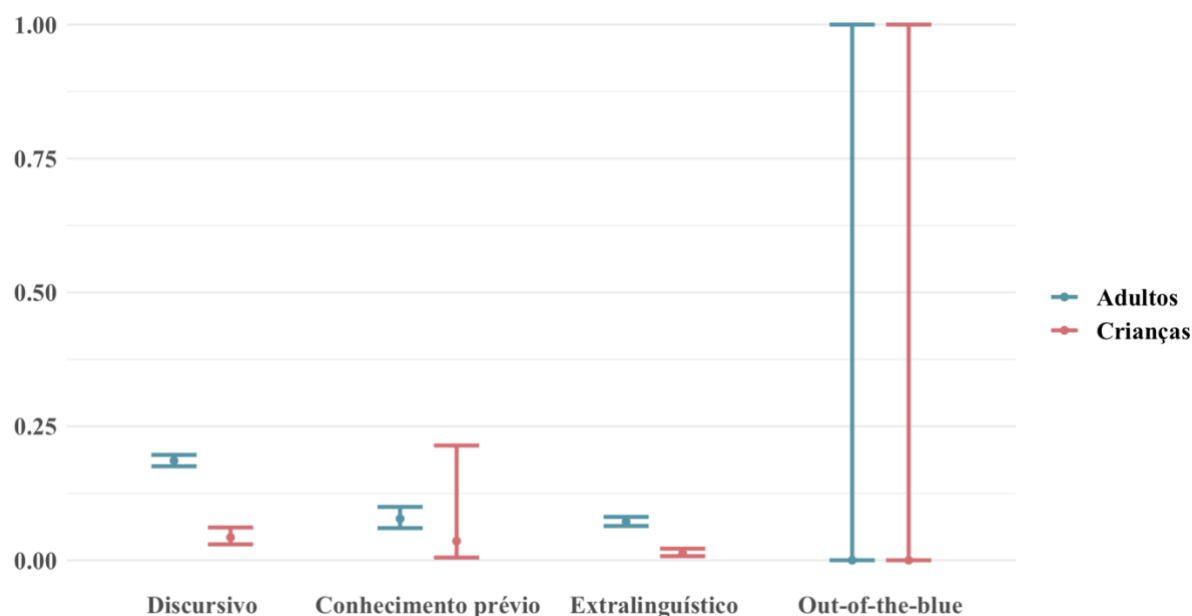
Crianças: conhecimento prévio	2.257403e+00	1.04659	0.778	0.437
Crianças: extralinguístico	8.602042e-01	0.33938	-0.444	0.657
Crianças: out-of-the-blue	5.117929e+00	479.98616	0.003	0.997

Testes com significância estatística segundo critério .05 seguem a legenda *p <.05, **p <.01, ***p<.0001

Com intercepto em ‘contexto discursivo: adultos’ houve 2.281879e-01 razão de chance de termos QU-*in situ*, com relação ao QU-*ex situ*, ou seja, houve 2.281879e-01 menos chance de ocorrência de QU-*in situ* em relação ao QU-*ex situ* nesse contexto na fala adulta. Com ‘conhecimento prévio: adultos’, houve 3.679838e-01 menos chance de termos a construção, e assim por diante. Todas as razões de chance na fala adulta foram significantes, com exceção do contexto *out-of-the-blue*. Na fala infantil, apenas o contexto ‘discursivo’ foi significante e houve 1.953915e-01 a menos de chance de ocorrência de QU-*in situ* em relação ao *ex situ* nesse contexto na fala desse grupo. Em outras palavras, todos os contextos em que houve significância desfavoreceram o emprego de QU-*in situ* em relação ao *ex situ* na fala dos dois grupos etários.

Para melhor visualização dos dados, recorramos ao gráfico em 16:

Gráfico 16 – Probabilidade de ocorrência do QU-*in situ* no PB no adulto (N=23) e infantil (N=4)



Conforme observamos acima, tanto adultos como crianças desfavoreceram o uso de QU-*in situ* em comparação ao *ex situ* em todos os contextos. No entanto, crianças o desfavorecem ainda mais se comparado a adultos, exceto em contextos *out-of-the-blue* que apenas ocorreram com QU-*ex situ* na fala dos dois grupos; e com conhecimento prévio, na qual

a probabilidade de escolha de cada estratégia é similar para adultos e crianças, pois o intervalo de confiança para adultos inclui o intervalo de confiança para crianças. Não houve interação entre grupo etário e contexto, i.e., tanto crianças como adultos se comportaram de forma similar com relação aos contextos.

No francês, a Sintaxe no R para o modelo do francês foi: `glm(Classificacao ~ Contexto * Falante, family = binomial, data_FR)`. Com ele, obtivemos o *output* na tabela abaixo:

Tabela 2 – *output* do modelo de Regressão Linear Múltipla para o francês adulto (N=42) e infantil (N=4)

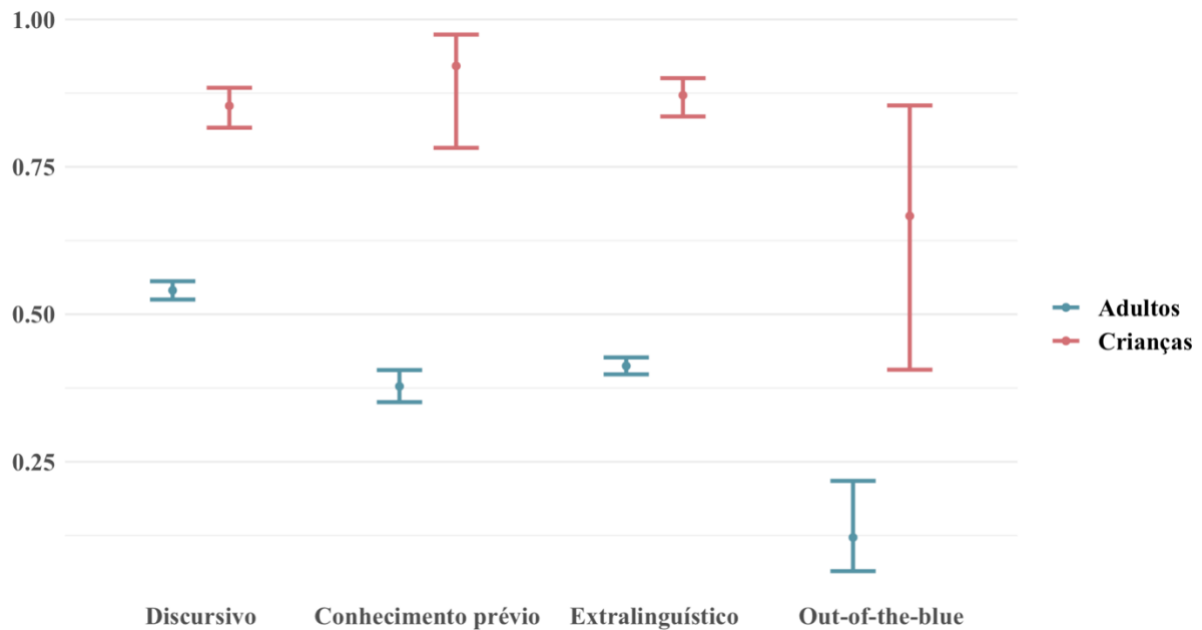
Coefficientes	Estimativa	SE	Valor-z	Pr(> z)
(Intercept)	1.177473e+00	0.03188	5.125	2.97e-07***
Adultos: conhecimento prévio	5.135679e-01	0.06700	-9.945	< 2e-16***
Adultos: extralinguístico	5.959278e-01	0.04389	-11.795	< 2e-16***
Adultos: <i>out-of-the-blue</i>	3.088279e-02	0.72055	-4.826	1.39e-06***
Crianças: discursivo	4.986076e+00	0.14104	11.391	< 2e-16***
Crianças: conhecimento prévio	3.648255e+00	0.62209	2.080	0.03748*
Crianças: extralinguístico	1.852743e+00	0.20351	3.030	0.00244**
Crianças: <i>out-of-the-blue</i>	5.229986e-05	139.27911	-0.071	0.94357

Testes com significância estatística segundo critério .05 seguem a legenda *p <.05, **p <.01, ***p<.0001

Com intercepto em ‘contexto discursivo’, na fala adulta houve 1.177473e+00 razão de chance de termos QU-*in situ*, com relação ao *ex situ*. Com ‘conhecimento prévio’, tivemos 5.135679e-01 a menos de chance; com ‘extralinguístico’, tivemos 5.959278e-01 a menos de chance e com contextos *out-of-the-blue* tivemos 3.088279e-02 a menos de chance de ocorrência de QU-*in situ*, sendo o contexto que mais desfavoreceu o emprego da construção. Todas as razões de chance na fala adulta foram significantes. Na fala infantil, tivemos com ‘contexto discursivo’ 4.986076e+00 a mais de chance de ocorrência de QU-*in situ*; com ‘conhecimento prévio’, houve 3.648255e+00 a mais de chance de emprego do QU-*in situ*; e com ‘extralinguístico’ uma razão de chance de 1.852743e+00. Todas as razões de chance, com exceção do contexto ‘*out-of-the-blue*’ obtiveram significância na fala infantil.

Para melhor visualizarmos os resultados do modelo, observemos o gráfico a seguir:

Gráfico 17 – probabilidade de ocorrência do QU-*in situ* no francês no adulto (N=42) e infantil (N=4)



As crianças favoreceram o emprego de QU-*in situ* em todos os contextos, comparado ao intercepto ‘adulto: contexto discursivo’, com exceção de contextos *out-of-the-blue*, em que apenas poucas ocorrências foram produzidas e não houve significância na fala infantil, por isso, não é possível afirmar nada sobre a interação entre crianças e adultos nesse caso. Os adultos favorecem o emprego da construção em relação a sua contraparte movida apenas com contextos discursivos e a desfavoreceram consideravelmente em contextos *out-of-the-blue*, claramente preferindo o QU-*ex situ* nesses casos. No francês, houve interação entre grupo etário e contexto, visto que as crianças não se comportaram de forma similar aos adultos, preferindo majoritariamente o QU-*in situ* em todos os contextos.

8.4. Considerações sobre o capítulo

Neste capítulo, verificamos como as crianças e os adultos se comportam com relação aos contextos pragmáticos de produção das perguntas-QU, com destaque para o QU-*in situ*, que, segundo boa parte da literatura, não pode ocorrer sem ancoragem a um contexto pressuposicionalmente marcado. Em um primeiro momento, verificamos como o QU-*in situ* opcional se comporta nas duas línguas e, em seguida, analisamos como o QU-*in situ* obrigatório se comporta, comparado ao opcional.

No PB, houve preferência geral pelo QU-*ex situ*, tanto na fala infantil como adulta, seguindo a tendência geral da língua em favor dessa construção. O QU-*in situ* foi mais produzido na fala adulta com antecedentes discursivos; e na infantil, o antecedente discursivo e o conhecimento prévio levaram a um leve aumento do QU-*in situ* comparado aos demais contextos. Quanto aos dois tipos de contextos discursivos, nos dados adultos não houve diferença se o antecedente era explícito ou implícito. Na fala infantil, houve um leve aumento na produção de QU-*in situ* com antecedentes explícitos, mas que não foi significativo. Em suma, na fala dos dois grupos, houve chances similares de o QU-*in situ* ser produzido com antecedentes explícitos ou implícitos. Além disso, em contextos *out-of-the-blue*, todas as perguntas-QU foram realizadas em sua versão com movimento, tanto na fala adulta como infantil.

Quanto à produção de QU-*in situ* obrigatório, houve uma larga preferência pela construção em contextos discursivos tanto na fala adulta como infantil do PB, 83,4% e 83,3%, respectivamente. Algumas, no entanto, foram produzidas em contextos extralinguísticos, nos quais a porção não-QU devia ser recuperada a partir da interação conjunta entre os participantes (13,5% nos dados adultos e 16,7% nos dados infantis). Já o QU-*in situ* opcional, sendo uma estratégia menos restritiva que a primeira, pôde também ser produzido com contextos baseados em conhecimento prévio, não ligados à interação aqui-e-agora.

Em suma, no PB, tanto adultos como crianças desfavoreceram o uso de QU-*in situ* em comparação ao *ex situ* em todos os contextos. No entanto, crianças o desfavorecem ainda mais se comparado a adultos, exceto em contextos *out-of-the-blue* que apenas ocorreram com QU-*ex situ* na fala dos dois grupos. Os resultados do PB sugerem que tanto crianças como adultos se comportaram de forma similar com relação aos contextos e, embora o QU-*in situ* pareça estar restrito a situações em que há um *Common Ground* entre os participantes da conversa, o QU-*ex situ* é ainda a tendência geral da língua na fala dos dois grupos, independente do contexto, ou seja, não é porque os antecedentes discursivos favorecem o emprego de QU-*in situ* na fala adulta que esse grupo vai preferir a construção em lugar de sua contraparte movida. Com isso, podemos concluir que o QU-*ex situ* é a construção interrogativa *default* da língua, em relação à *in situ*, que é usada de forma mais restrita.

Os dados mais importantes foram, portanto, que contextos discursivos levaram a um aumento na produção de QU-*in situ* nos dois grupos, o que confere aos antecedentes discursivos (explícitos ou implícitos) um papel importante na produção da construção; e que o QU-*in situ* não foi encontrado em contextos *out-of-the-blue*, conforme esperávamos por sugestão de boa parte da literatura especializada. Não é possível, no entanto, traçar uma conclusão a partir desse

resultado, visto que: primeiro, esses contextos já são raros nas interações cotidianas por natureza e é difícil imaginar uma conversa totalmente livre de pressupostos, já que estamos todos inseridos em comunidades linguísticas; segundo, o *QU-in situ* já é uma construção pouco produtiva na fala adulta e rara na infantil e, em combinação a um contexto raro, suas ocorrências tornam-se compreensivelmente ainda mais raras, senão inexistentes (conforme nossos resultados sugerem). Em outras palavras, o *QU-in situ* não precisa ser necessariamente inaceitável nesses contextos, mas por já ser uma construção rara na língua, torna-se ainda menos expressiva em situações menos frequentes.

No francês, na fala adulta, apenas o contexto discursivo favoreceu o emprego de *QU-in situ* e todos os outros favoreceram a produção de *QU-ex situ*, com destaque para o *out-of-the-blue*, no qual apenas 2 ocorrências de *QU-in situ* (3,6%) foram encontradas. Na fala infantil, em contrapartida, todos os contextos favoreceram o emprego de *QU-in situ*, com exceção de situações *out-of-the-blue*. Quanto ao tipo de contexto discursivo, os resultados sugerem que a presença explícita da porção não-*QU* no discurso anterior foi um diferencial para a produção de *QU-in situ* tanto na fala adulta como infantil no francês, embora a criança continue seguindo sua tendência geral em favor do *QU-in situ*. Além disso, as crianças não produziram nenhum *QU-in situ* em contextos *out-of-the-blue* e os adultos produziram apenas 2 ocorrências. E aqui, diferente do que notamos para o PB, podemos concluir que a construção é de fato menos favorecida nesses contextos, sendo majoritariamente produzida quando ancorada a um contexto.

Com relação ao *QU-in situ* obrigatório, no francês, os adultos e as crianças mantiveram o padrão observado no PB, produzindo majoritariamente essa construção com antecedentes discursivos. De todas as perguntas com *QU-in situ* obrigatório, os adultos produziram a construção em 86,7% das vezes e as crianças, em 85%. Ela também foi produzida em contextos extralinguísticos, nos quais a porção não-*QU* era facilmente recuperada a partir da interação, em 10,7% das ocorrências adultas e em 15% das infantis. Por isso, podemos concluir que a interação baseada no aqui-e-agora tem papel fundamental para a produção dessas construções que, geralmente, têm uma porção da sentença elidida, que só pode ser recuperada a partir do antecedente discursivo ou da interação imediata com atenção conjunta.

Para finalizar, no francês, as crianças favoreceram o emprego de *QU-in situ* em todos os contextos, com exceção de *out-of-the-blue*. Os adultos favorecem o emprego da construção em relação à sua contraparte movida apenas com antecedentes discursivos e a desfavoreceram consideravelmente em contextos *out-of-the-blue*, claramente preferindo o *QU-ex situ* nesses casos. Por isso, nessa língua, houve interação entre grupo etário e contexto, visto que as crianças

não se comportaram de forma similar aos adultos, preferindo majoritariamente o QU-*in situ* em todos os casos. Os resultados sugerem então que os adultos ajustam suas perguntas-QU pragmaticamente, optando pela versão *in situ* mais frequentemente com antecedentes discursivos, a partir dos quais recuperam a porção não-QU da pergunta mais imediatamente. Já as crianças optam majoritariamente pelo QU-*in situ*, independente do contexto. Elas, nos primeiros estágios de aquisição, parecem ainda ignorar as restrições pragmáticas a que a construção está sujeita, sendo guiadas por outros fatores em sua escolha de pergunta-QU.

Influência de fatores fonológicos

Neste capítulo, consideraremos algumas características fonológicas do PB e do francês com relação à curva entoacional de algumas estruturas relevantes, com o intuito de explorar as diferenças entre as línguas que possam explicar a assimetria entre elas no que concerne à aquisição de QU-*in situ*. Na primeira seção, então, discutiremos os padrões entoacionais das estruturas relevantes no PB; na segunda, discutiremos os padrões do francês; e na terceira e última seção, faremos as considerações finais sobre o capítulo.

No que segue, faremos a análise usando a seguinte metodologia. Para checar as influências fonológicas na diferenciação entre as línguas, fizemos medições do *pitch* e segmentação de sentenças relevantes, como estruturas declarativas, perguntas sim/não, perguntas-QU envolvendo movimento aberto do constituinte interrogativo e QU-*in situ* comum e eco. Para tanto, os áudios foram ouvidos e exemplares das sentenças foram segmentados e, posteriormente, medidos e anotados com auxílio do *textgrid*. As medições foram realizadas utilizando o software Praat (BOERSMA; WEENINK, 2014) e, para isso, definimos como média de frequência fundamental o intervalo de 50Hz a 400Hz, considerando a variação encontrada na produção de diferentes falantes. Em algumas falas, no entanto, foi necessário ajustar o intervalo máximo de F0 em pontos com descontinuidade da curva, para melhores resultados, principalmente em dados de fala infantil.

9.1. Português brasileiro

A seguir, consideraremos algumas características do PB com relação à curva entoacional que serão de grande importância na comparação entre as línguas aqui analisadas. Lembrando, De Moraes (1998:183) descreve que a declarativa neutra nessa língua é caracterizada por uma queda em F0 ao fim da sentença, enquanto o *pitch* inicial permanece em nível médio. Isso é o que notamos na figura 1, com a curva entoacional de uma declarativa produzida por um adulto, e na figura 2, com a curva de uma declarativa produzida por uma criança.

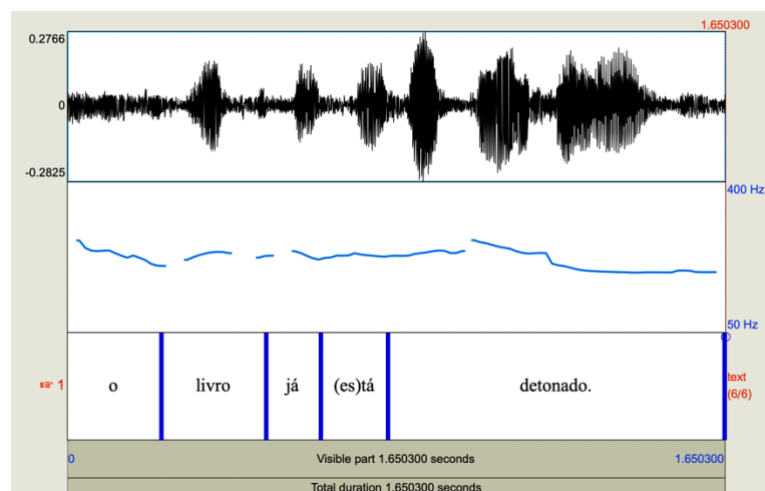


Figura 1: curva entoacional da declarativa “o livro já (es)tá detonado” produzida pela mãe da criança, no *corpus* de Luana, 4;06.13.

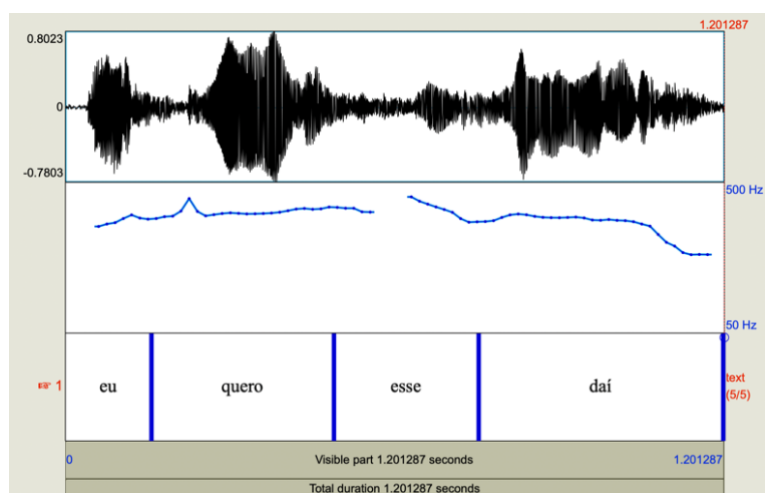


Figura 2: curva entoacional da declarativa “eu quero esse daí” produzida pela criança, no *corpus* de Leonardo, 4;05.01.

Uma pergunta sim/não, por sua vez, apresenta tipicamente uma curva ascendente ao final, mais especificamente na última sílaba acentuada. Além disso, o *pitch* inicial dessa interrogativa é levemente mais alto do que seria o de uma declarativa (DE MORAES, 1998:184), conforme vemos na figura 3, com uma sentença produzida por um adulto, e na figura 4, com uma sentença produzida por uma criança.

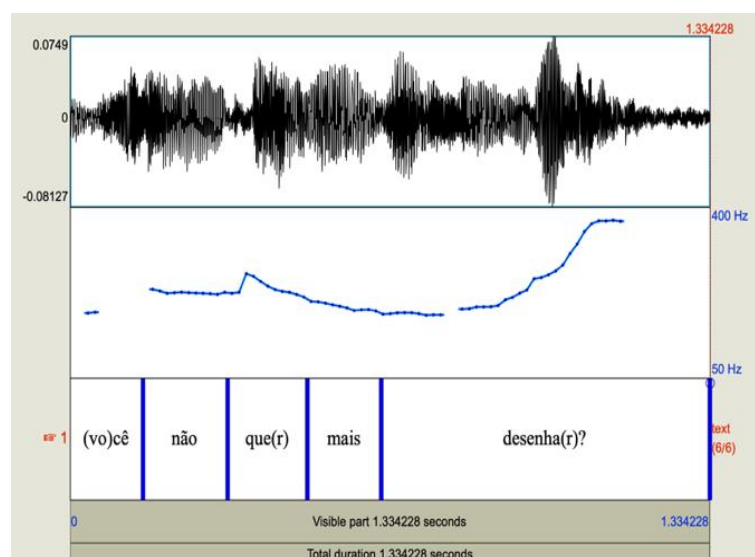


Figura 3: curva entoacional da pergunta sim/não “(vo)cê não que(r) mais desenha(r)?” produzida pela mãe da criança, no *corpus* de Maria E., 4;04.07.

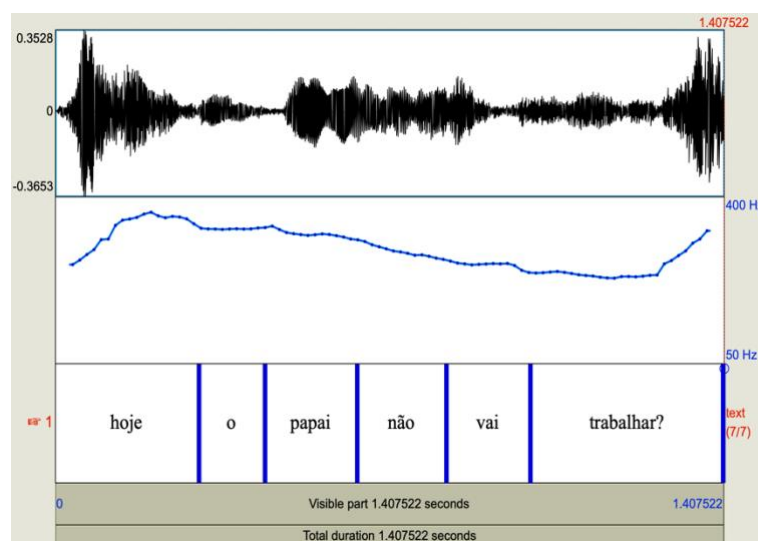


Figura 4: curva entoacional da pergunta sim/não “hoje o papai não vai trabalha(r)?” produzida pela criança, no *corpus* de Leonardo, 4;05.01.

Em uma pergunta com QU-*ex situ*, é possível notar uma elevação do *pitch* na palavra-QU inicial e logo em seguida uma descida que se estabiliza até o fim da sentença (DE MORAES, 1998:186). Nas figuras 5 e 6 podemos observar perguntas com QU-movido produzidas por um adulto e uma criança, respectivamente.

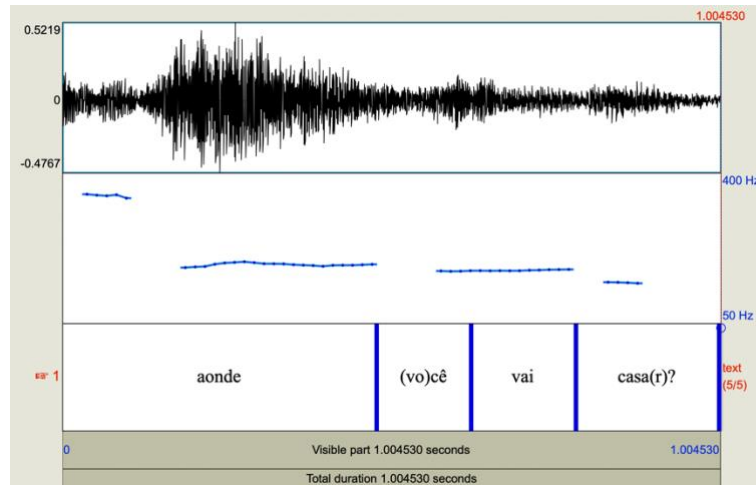


Figura 5: curva entoacional da pergunta com QU-movido “aonde (vo)cê vai casa(r)?” produzida pela mãe da criança, no *corpus* de Leonardo, 3;10.08

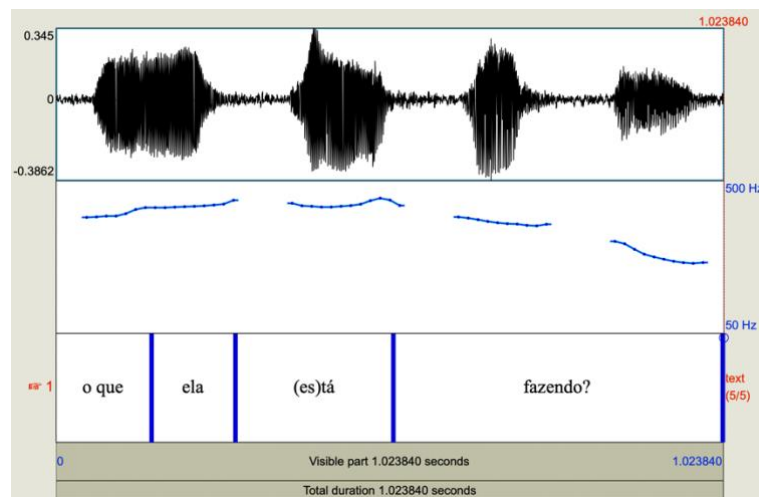


Figura 6: curva entoacional da pergunta QU-movido “o que ela (es)tá fazendo?” produzida pela criança, no *corpus* de Luana, 2;10.00.

Nas figuras 7 e 8 podemos observar perguntas com QU-que produzidas por um adulto e uma criança, respectivamente.

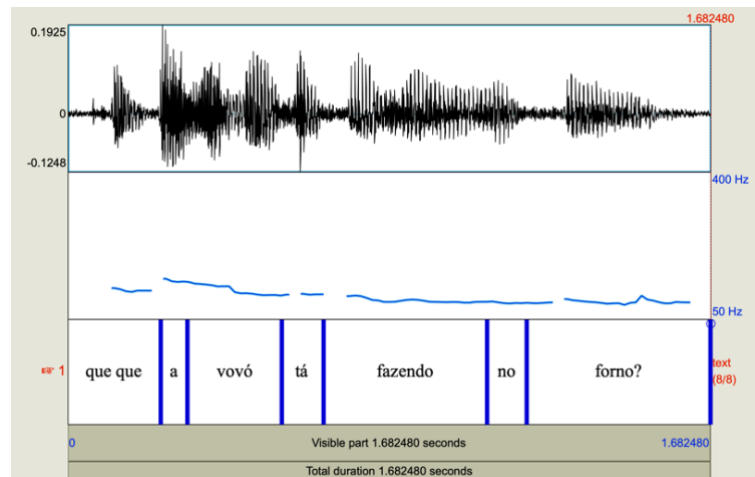


Figura 7: curva entoacional da pergunta com QU-que “que que a vovó (es)tá fazendo no forno?” produzida pelo pai da criança, no *corpus* de Maria E., 4;01.19.

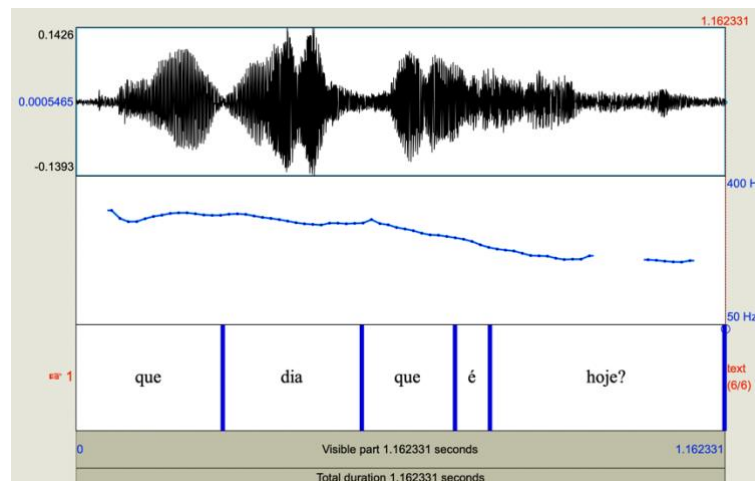


Figura 8: curva entoacional da pergunta com QU-que “que dia que é hoje?” produzida pela criança, no *corpus* de Leonardo, 4;05.01.

Nas figuras 9 e 10 podemos observar perguntas com QU-é-que produzidas por um adulto e uma criança, respectivamente.

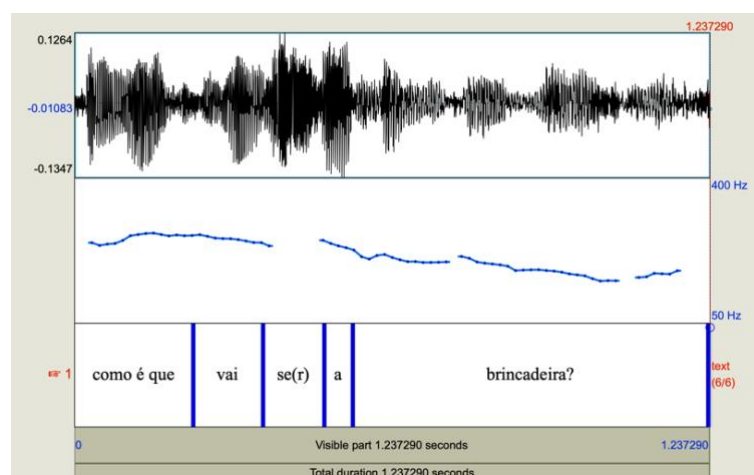


Figura 9: curva entoacional da pergunta com QU-é-que “como é que vai se(r) a brincadeira?” produzida pela mãe da criança, no *corpus* de Maria E., 4;01.19.

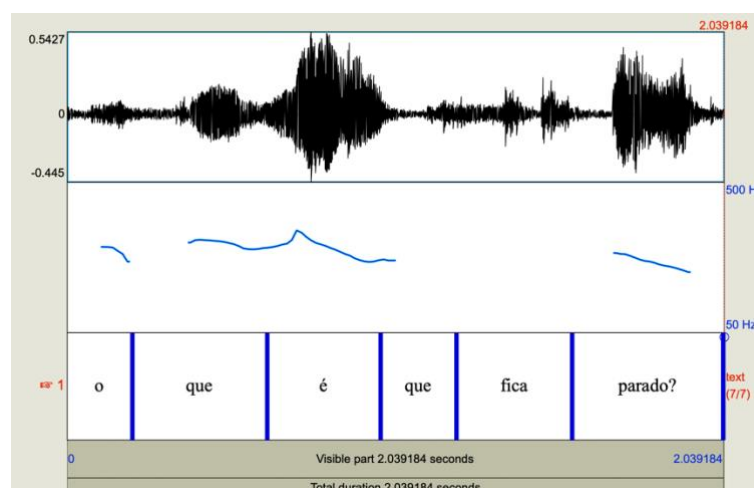


Figura 10: curva entoacional da pergunta com QU-é-que “o que é que fica parado?” produzida pela criança, no *corpus* de Luana, 4;08.07.

Atribuimos esta elevação do *pitch* na palavra-QU à posição de foco que ela ocupa na derivação adotada aqui. Sendo uma instância de foco, a palavra-QU deve ser considerada a informação nova, recebendo proeminência em relação ao restante da sentença (ROCHEMONT, 1986). Presumivelmente, o mesmo fenômeno deve ser notado também no QU-*in situ*, dado que nele o constituinte interrogativo estaria associado à mesma projeção. E é exatamente isso que notamos na figura 11 abaixo, em que ocorre uma elevação um pouco antes do sintagma-QU, seguida de uma descida que se acentua ao fim da sentença.

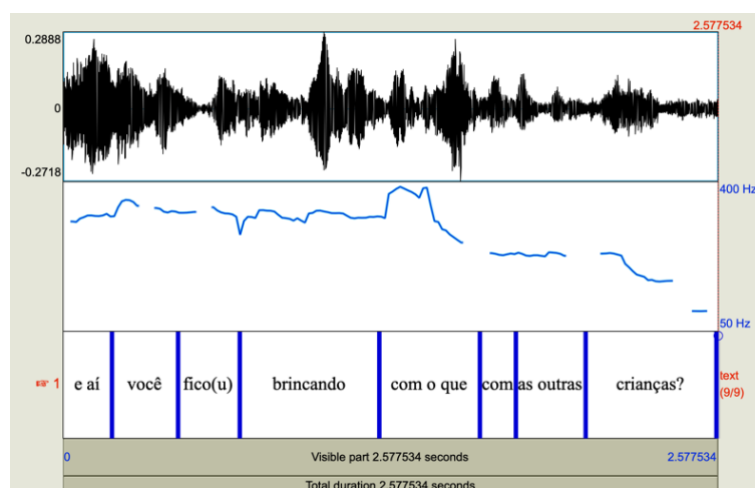


Figura 11: curva entoacional da pergunta com QU-*in situ* “E aí, você fico(u) brincando com o que com as outras crianças?”, produzida pela mãe da criança, no *corpus* de Túlio, 3;01.16.

Esta proeminência do sintagma-QU em relação ao restante da sentença, no entanto, pode não ser tão marcada, como está na Figura 11. Na imagem abaixo, por exemplo, há uma sutil elevação antes da palavra-QU ‘o que’ seguida de uma descida. Esta parece ser a curva entoacional típica de uma pergunta com QU-*in situ* genuína (KATO, 2004, 2013; BARILE; MAIA, 2008). Kato (2004, 2013) dá a este padrão entoacional o nome de “curva descendente”, mas é importante salientar que há, primeiro, uma elevação antes do constituinte interrogativo – mais especificamente na sílaba acentuada imediatamente anterior (em “faZER”, na figura 12) para depois a curva abaixar.

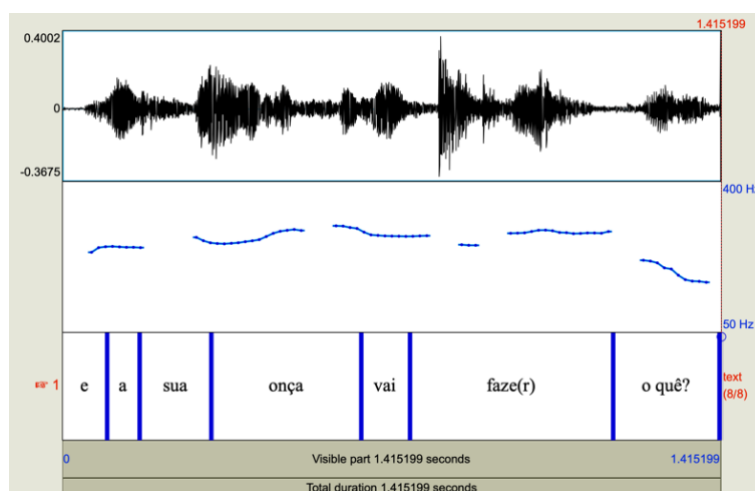


Figura 12: curva entoacional da pergunta com QU-*in situ* “E a sua onça vai faze(r) o quê?”, produzida pela tia da criança, no *corpus* de Túlio, 2;06.00.

Na figura 13 abaixo, contendo a curva entoacional de uma sentença infantil, observamos uma ascendência na preposição ‘com’, parte do constituinte interrogativo, e uma descida após o início da palavra-QU.

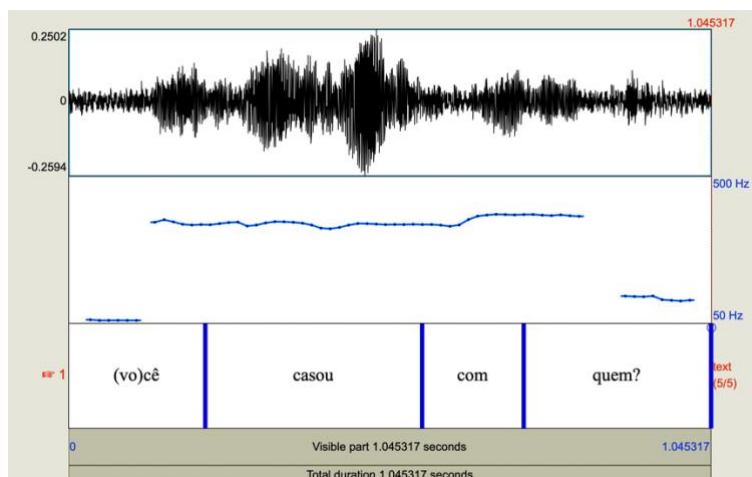


Figura 13: curva entoacional da pergunta com QU-*in situ* “você casou com quem?”, produzida pela criança, no *corpus* de Leonardo, 3;10.08.

Na figura 14 abaixo, contendo a curva entoacional de uma sentença adulta, observamos uma ascendência um pouco antes da palavra-QU e uma descida logo após.

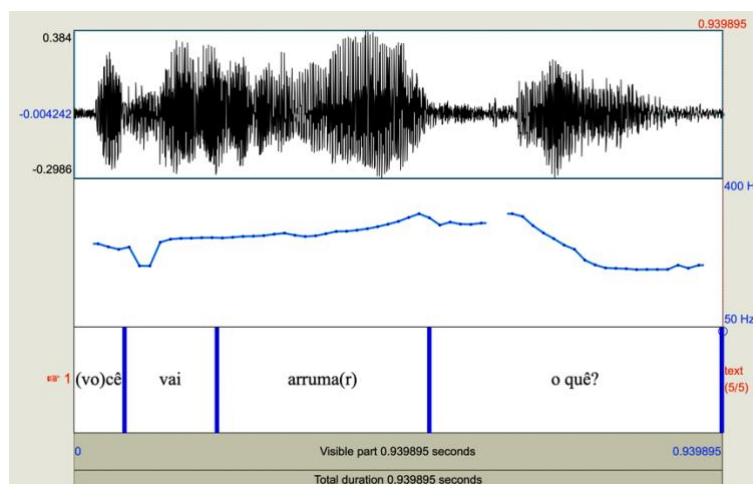


Figura 14: curva entoacional da pergunta com QU-*in situ* “(vo)cê vai arruma(r) o quê?”, produzida pela mãe da criança, no *corpus* de Leonardo, 3;08.16.

Na Pergunta de esclarecimento, que pede o preenchimento de um argumento nulo e que geralmente é construída a partir de um fragmento de um antecedente imediatamente anterior gerando uma estrutura que não aceita a contraparte movida, observamos o mesmo padrão entoacional. Nas figuras 15 e 16 temos uma subida um pouco antes da palavra-QU e logo após uma descida.

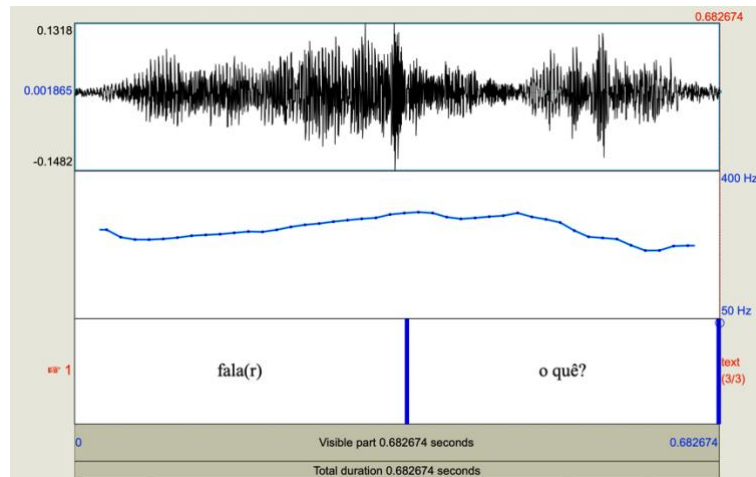


Figura 15: curva entoacional da pergunta com QU-*in situ* “fala(r) o quê?”, produzida pela mãe da criança logo após a criança falar “vou fala(r)”, no *corpus* de Leonardo, 4;05.11.

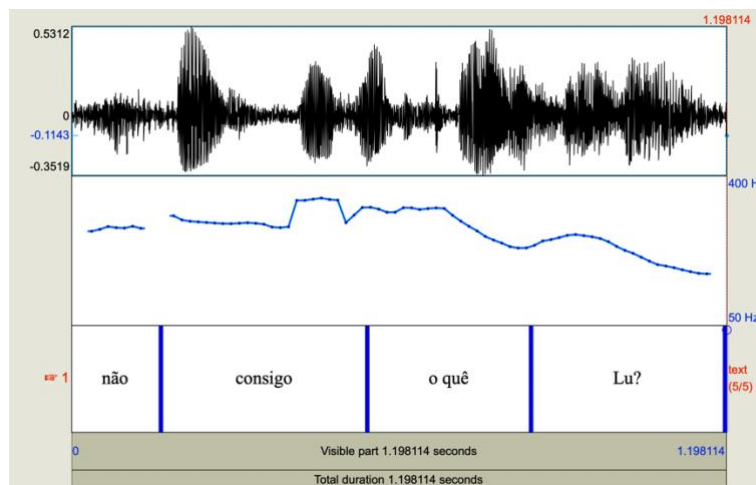


Figura 16: curva entoacional da pergunta com QU-*in situ* “não consigo o quê, Lu?”, produzida pela mãe da criança logo após a criança falar “não consigo” no *corpus* de Luana, 2;10.00.

Já para a pergunta eco (figura 17), temos uma elevação mais acentuada na palavra-QU, similar ao que observamos nas perguntas sim/não. Essa elevação é comumente atribuída ao foco estreito na palavra-QU e, conseqüentemente, toda a porção não QU deve fazer parte do fundo comum (REIS, 2012).

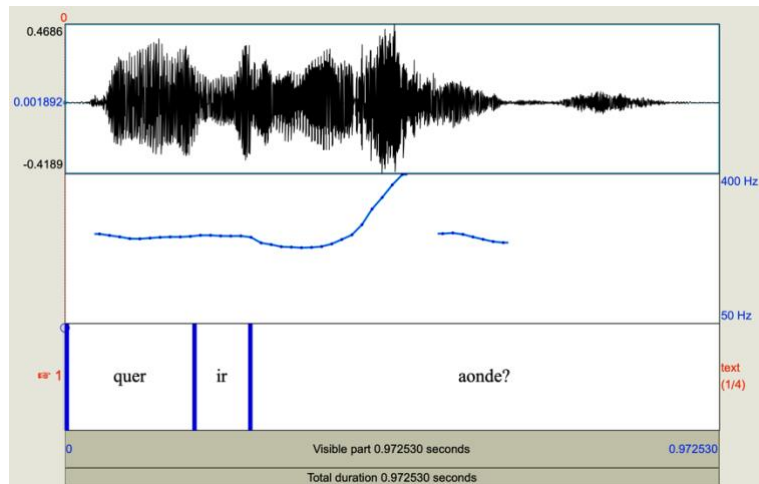


Figura 17: curva entoacional da pergunta com QU-*in situ* eco “quer i(r) aonde?”, produzida pela mãe da criança logo após a criança falar “quero i(r) na xxx”, no *corpus* de Luana, 2;06.05.

9.2. Francês

No francês, as declarativas são produzidas com pouca elevação na frequência fundamental. Na figura 18, as pequenas elevações são realizadas ao fim do constituinte formado pelo sujeito e verbo “*il veut manger*” (ele quer comer) e, a segunda, no objeto “*un papillon*” (uma borboleta), que se estende até seu fim.

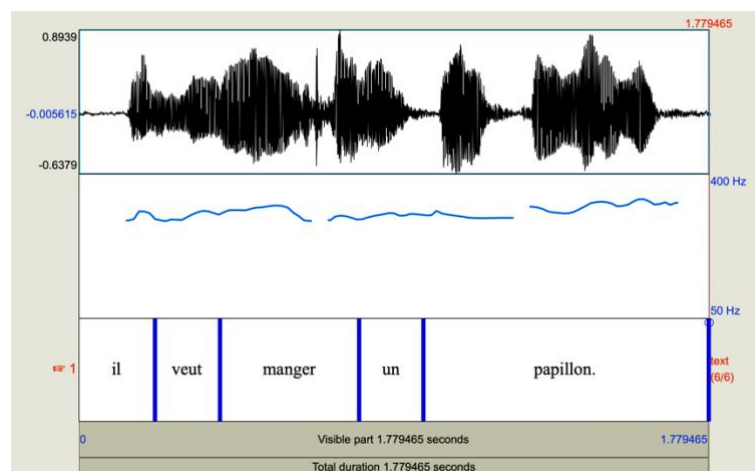


Figura 18: curva entoacional da declarativa “*il veut manger un papillon*” (ele quer comer uma borboleta), produzida pela criança, no *corpus* de Anaé, 2;06.26.

Na declarativa representada pela figura 19, produzida também com pouca variação de F0, temos sutis elevações ao fim do constituinte “*je fais*” (eu faço) e ao fim de “*des blagues*” (as brincadeiras).

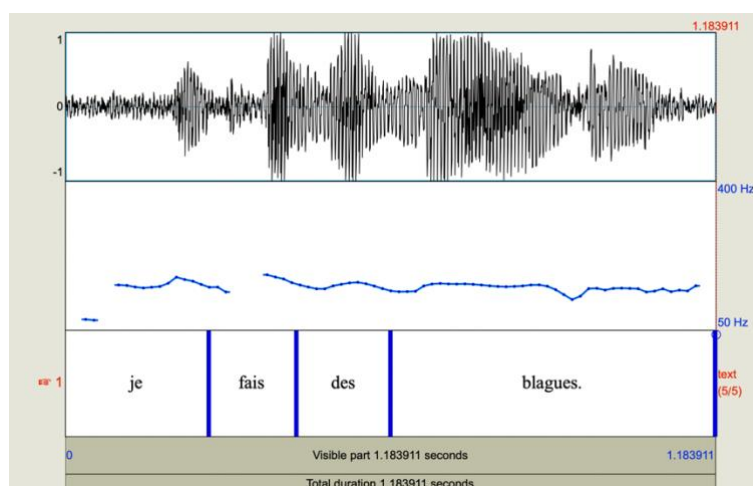


Figura 19: curva entoacional da declarativa “*je fais des blagues*” (eu estou brincando), produzida pela observadora, no *corpus* de Madeleine, 5;05.08.

Nas perguntas sim/não encontramos uma curva ascendente ao final (DI CRISTO, 1998; DELAIS-ROUSSARIE, 2015), conforme observamos nas figuras 20 e 21.

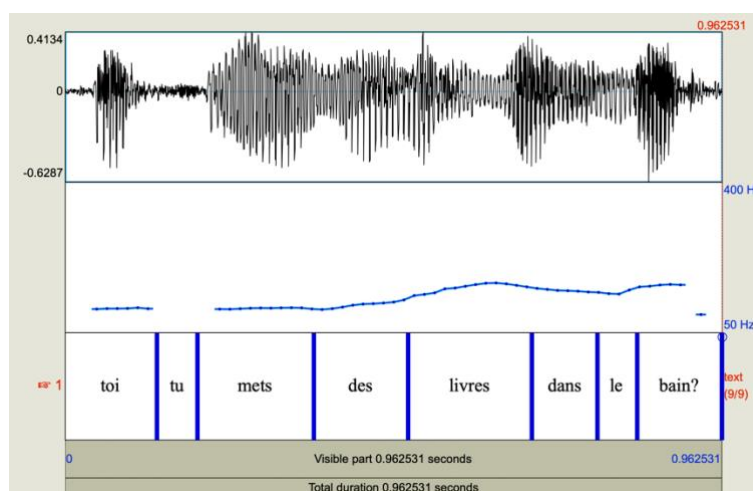


Figura 20: curva entoacional da pergunta sim/não “*toi, tu mets des livres dans le bain?*” (você coloca livros no banho?) produzida por um adulto no *corpus* de Antoine, 3;02.24.

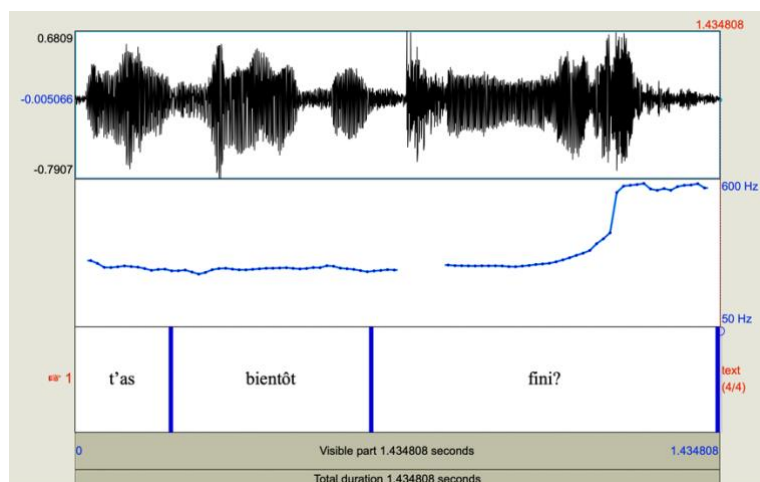


Figura 21: curva entoacional da pergunta sim/não “t(u) as bientôt fini?” (você já acabou?) produzida pela criança no corpus de Antoine, 3;02.24.

Segundo Delais-Roussarie et al. (2015:83), a entoação ascendente da pergunta sim/não serve para diferenciá-la de uma declarativa. Se, no entanto, a pergunta vier acompanhada de um marcador interrogativo como ESK, a ascendência não precisa ser alta, já que o próprio marcador ficará responsável por definir a sentença como interrogativa (figura 22).

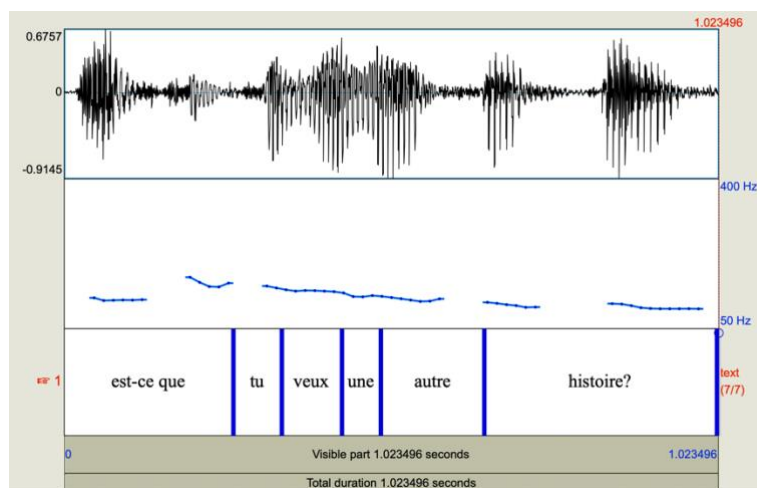


Figura 22: curva entoacional da pergunta sim/não com ESK “*est-ce que tu veux une autre histoire?*” (você quer uma outra história?) produzida por um adulto no *corpus* de Antoine, 3;02.24.

Em perguntas com QU-*ex situ*, é possível notar uma elevação sutil do *pitch* na palavra-QU inicial e logo em seguida uma descida que se estabiliza até o fim da sentença. Assim como no PB, atribuímos esta elevação do *pitch* na palavra-QU à posição de foco que ela ocupa na derivação adotada nesta tese. Na figura 23, podemos observar uma pergunta com QU-movido

produzida por um adulto. Na figura 24, observamos uma interrogativa com QU-movido produzido por uma criança.

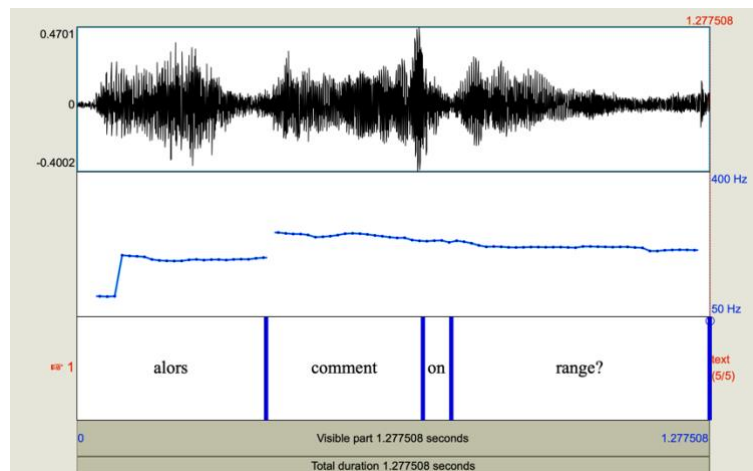


Figura 23: curva entoacional da pergunta com QU-movido “*alors comment on range?*” (então, como a gente come?) produzida pela observadora no *corpus* de Madeleine, 5;05.08.

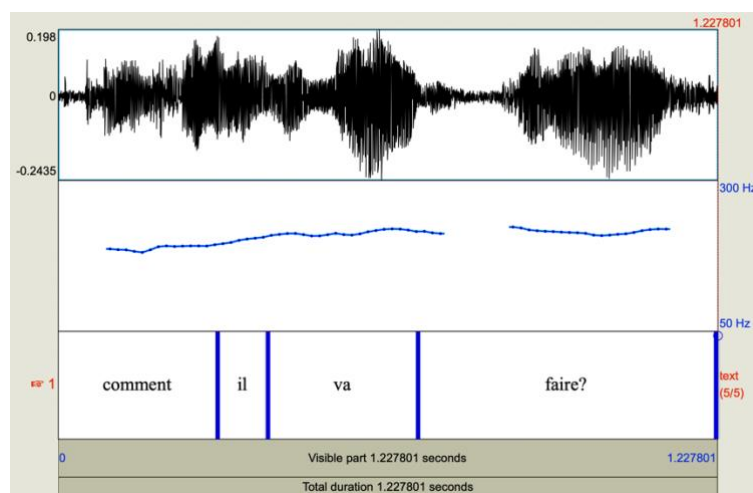


Figura 24: curva entoacional da pergunta com QU-movido “*comment il va faire?*” (como ele vai fazer?) produzida pela criança no *corpus* de Antoine, 3;02.24.

Nas figuras 25 e 26, estão representadas perguntas com QU-movido + ESK:

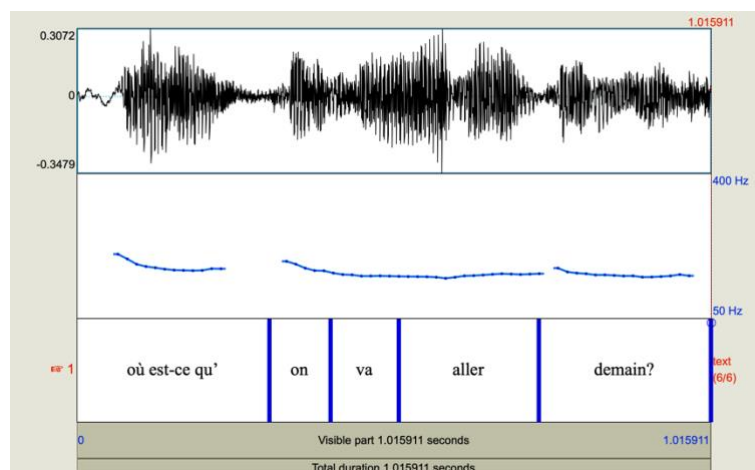


Figura 25: curva entoacional da pergunta com QU-movido + ESK “*où est-ce qu'on va aller demain?*” (onde que a gente vai amanhã?) produzida pela mãe no *corpus* de Anaé, 2;06.26.

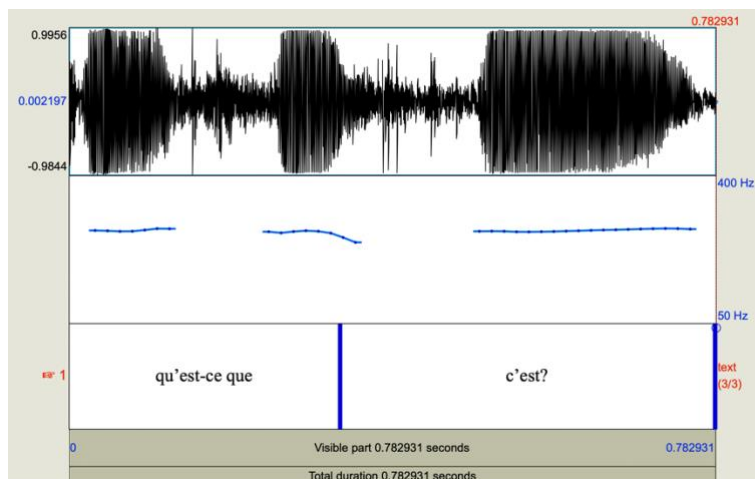


Figura 26: curva entoacional da pergunta com QU-movido + ESK “*qu'est-ce que c'est?*” (o que é isso?) produzida pela criança no *corpus* de Madeleine, 5;02.05.

Na figura 27 abaixo, temos uma pergunta com QU-movido + inversão e nela também podemos observar uma proeminência da palavra-QU e subsequente descida no contorno.

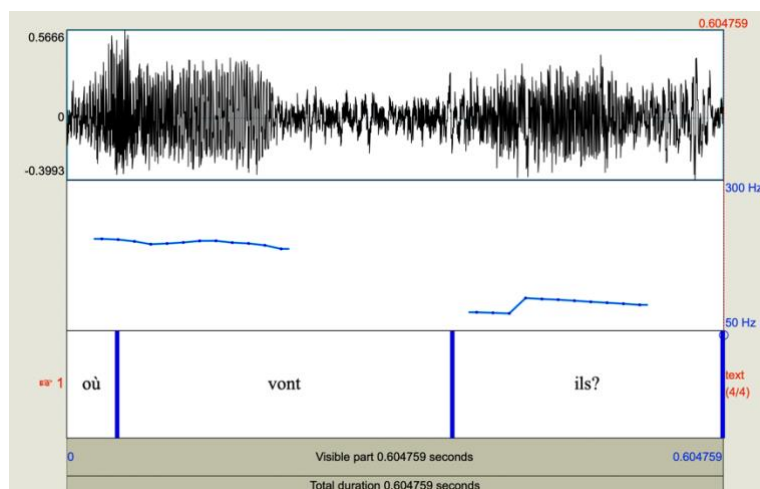


Figura 27: curva entoacional da pergunta com QU-movido + inversão “où vont-ils?” (aonde eles vão?) produzida pela criança no *corpus* de Antoine, 2;02.27.

Da mesma forma, na pergunta com constituinte-QU *in situ*, encontramos uma elevação na palavra-QU. Na curva representada na figura 28, o *pitch* da porção não-QU se mantém estável, com ascendência final no constituinte interrogativo. Essa ascendência começa no início do constituinte “*de qui*” (de quem). Já na figura 29, há uma proeminência na palavra-QU “*où*” (onde) – possivelmente por seu *status* de foco – seguida de uma descendência ao fim da palavra-QU e, por fim, uma ascendência final, similar a de perguntas sim/não.

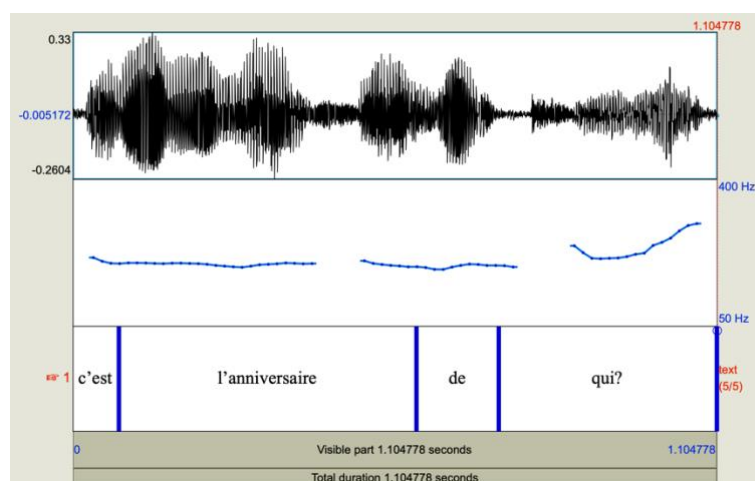


Figura 28: curva entoacional da pergunta com QU-*in situ* “*c'est l'anniversaire de qui?*” (é o aniversário de quem?) produzida pela mãe no *corpus* de Anaé, 2;00.00.

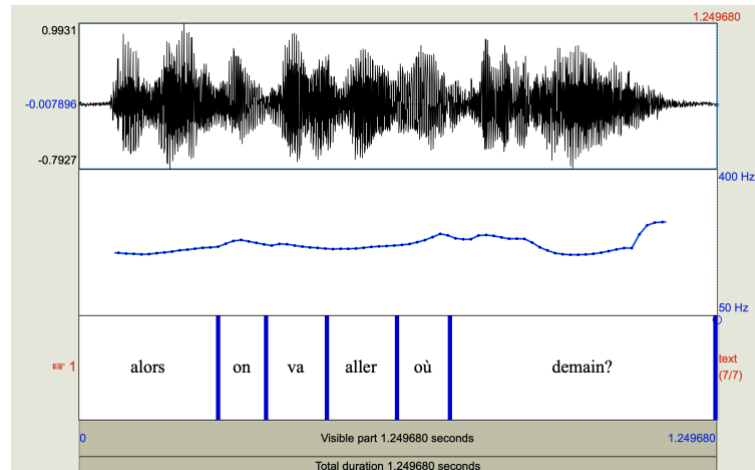


Figura 29: curva entoacional da pergunta com QU-*in situ* “*alors, on va aller où demain?*” (então, a gente vai para onde amanhã?) produzida pela mãe no *corpus* de Anaé, 2;06.26.

Comparando as figuras 28 e 29, podemos observar que a elevação final não necessariamente coincide com a elevação do constituinte interrogativo. Em 28, a elevação de “*de qui*” (de quem) coincide com a do final da sentença; já em 29, com um adjunto após a palavra-QU “*où*” (onde), temos uma primeira ascendência sutil no elemento-QU e uma mais acentuada ao fim da pergunta, similar à ascendência mais marcada das perguntas sim/não.

Por fim, nas perguntas eco, há uma ascendência mais acentuada na palavra-QU, correspondendo à porção com ruído na sentença anterior, conforme vemos na figura 30:

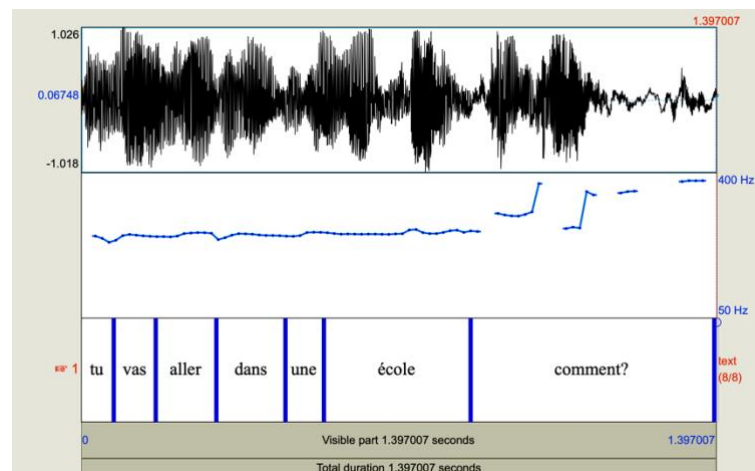












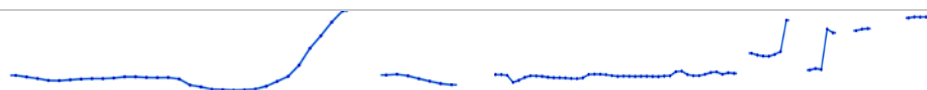
Figura 30: curva entoacional da pergunta com QU-*in situ* com leitura eco “*tu vas aller dans une école comment?*” (você vai pra uma escola como) realizada após a sentença com ruído “*on va xxx*” (a gente vai xxx) produzida pela mãe no *corpus* de Théophile, 4;09.07.

9.3. Considerações sobre o capítulo

No francês, conforme discutimos no capítulo 3, não há consenso quanto à curva entoacional do QU-*in situ*, que pode ou não apresentar uma ascendência final. Todavia, parece haver uma tendência em produzir a construção com final ascendente, não necessariamente marcado como a de perguntas sim/não; e o padrão mais frequente, embora não obrigatório, para QU-*ex situ* é similar a de declarativas simples, com tendência a uma entoação descendente e com elevação sutil no constituinte-QU. No PB, temos também uma elevação, ainda que sutil, no constituinte-QU com uma descida estável até o fim da sentença. No entanto, o QU-*in situ* é identificado pela elevação usual um pouco antes da palavra-QU – mais especificamente na última sílaba tônica antes do elemento interrogativo – e posterior abaixamento ao fim da sentença. Para melhor visualizarmos essas diferenças, façamos uma comparação superficial abaixo, com alguns exemplos de curvas mais prototípicas:

Tabela 1 – comparativo entre os padrões entoacionais no PB e no francês

Sentenças	PB	Francês
Declarativa	- descendência ao fim da sentença 	- descendência ao fim da sentença 
Sim/não	- ascendência final 	- ascendência final 
QU-<i>ex situ</i>	- proeminência no constituinte-QU inicial e descendência que permanece estável até o fim. 	- proeminência no constituinte-QU e descendência que permanece estável até o fim. 
QU-<i>in situ</i>	- proeminência no constituinte-QU final e descendência final. 	- proeminência no constituinte-QU e ascendência final 
QU-<i>in situ</i> eco	- ascendência final na palavra-QU 	- ascendência final na palavra-QU 



Acima, notamos que a maior diferença entre os tipos de sentença nas duas línguas se encontra na tendência da curva entoacional do *QU-in situ*: as declarativas possuem uma frequência fundamental estável em *plateau*; as perguntas sim/não possuem ascendência final; o *QU-ex situ* possui proeminência na palavra-QU, seguida de uma descida que permanece estável até o final; já o *QU-in situ* tem proeminência no constituinte interrogativo, mas, enquanto no PB notamos uma descida ao fim, no francês notamos uma elevação, que, conforme vimos, não necessariamente coincide com a da palavra-QU. Grosso modo, no PB, a curva entoacional do *QU-in situ* é similar ao das declarativas neutras, com uma sutil ascendência um pouco antes da palavra-QU, que marca o foco da sentença. Já as perguntas sim/não possuem ascendência final marcada e no *QU-ex situ*, embora também possua descendência final, esta parece não ser tão marcada como é a do *QU-in situ*. No francês, diferentemente, o *QU-in situ* se comporta de forma similar às perguntas sim/não, enquanto o *QU-ex situ* se comporta como uma declarativa.

Discutiremos no próximo capítulo as repercussões que os padrões entoacionais podem trazer ao processo de aquisição. A princípio, podemos já concluir a partir da análise esboçada acima que, enquanto as crianças brasileiras têm contato com um *QU-in situ* com final descendente, similar a uma declarativa neutra, e com um padrão oposto à de perguntas sim/não; no francês, temos o contrário: as crianças têm contato com um *QU-in situ* diferente das declarativas e similar a perguntas sim/não. E este padrão com ascendência final do francês pode se tornar, nos primeiros estágios de aquisição, uma pista bastante saliente para a criança perceber que em sua língua as interrogativas são mais frequentemente realizadas com ascendência final, o que a leva, por consequência, a enviesar sua produção de perguntas em direção ao *QU-in situ*.

Discussão de Resultados

Neste capítulo, os resultados apresentados nos capítulos anteriores serão discutidos e comparados à literatura especializada existente. Com isso, pretendemos contribuir para as pesquisas sobre a aquisição de estruturas interrogativas – mais especificamente as de *QU-in situ* – por crianças falantes de PB e de francês, guiando-nos pelas principais controvérsias levantadas pela literatura como: o *QU-ex situ* e o *QU-in situ* são estratégias-QU verdadeiramente opcionais no PB e no francês ou os dois tipos de pergunta estão sujeitos a fatores sintáticos e pragmáticos que os diferenciam? Como se dá a distribuição de *QU-in situ* na fala adulta e infantil? A estratégia é de fato produtiva no *input* das crianças falantes de PB? E no francês, o *QU-in situ* é tão produtivo na fala adulta como é na infantil? Que fatores morfossintáticos e pragmáticos influenciam na produção de *QU-in situ* nas duas línguas? Que pistas as crianças falantes de PB e de francês utilizam nos primeiros estágios de aquisição para selecionar as variantes e compor sua gramática inicial?

Para responder a essas questões, na primeira seção, trataremos da aquisição de *QU-in situ* em oposição à sua versão *ex situ*; na segunda seção, incluiremos a análise das variações de *QU-ex situ*, abarcando também aquelas com complementizador aberto, partícula ESK etc; na terceira seção, analisaremos as influências dos fatores morfossintáticos atestadas no capítulo sete; na quarta seção, discutiremos as influências dos fatores pragmáticos; na quinta seção, analisaremos como a curva entoacional pode servir como pista saliente para que a criança francesa analise seu *input* ambíguo entre *QU-in situ* e *ex situ*; na sexta seção, faremos as considerações finais sobre o capítulo.

10.1. *QU-ex situ* x *QU-in situ*

Estudos anteriores realizados no dialeto paulista do PB sugeriram uma produtividade do *QU-in situ* na fala adulta: Lopes-Rossi (1996:68), por exemplo, reportou uma taxa de 32,4% da

construção em seu *corpus* televisivo contendo 279 perguntas-QU; Oushiro (2012:57), por sua vez, encontrou 22,7% em um *corpus* sociolinguístico contendo 999 perguntas-QU. Por outro lado, as crianças parecem nunca (ou quase nunca) produzir a construção: Sikansi (1999a: 99) não encontrou nenhuma ocorrência de QU-*in situ* e Grolla (2000: 41) encontrou apenas 1,7% de um total de 500 perguntas-QU.

Em nosso estudo, as crianças falantes de PB produziram 1747 perguntas com QU-*ex situ* (98,5%) e 26 com QU-*in situ* (1,5%). Já os adultos empregaram o QU-*ex situ* em 7829 perguntas (90,2%) e o QU-*in situ* em 850 ocorrências (9,8%). A proporção encontrada por nós na fala infantil corrobora os achados anteriores (SIKANSI, 1999; GROLLA, 2000, 2009), visto que o QU-*in situ* é de fato bastante raro nos dados espontâneos. Quanto à fala adulta, não notamos uma produtividade tão considerável quanto àquela reportada por Lopes-Rossi (1996) e Oushiro (2012) e nossos resultados estão alinhados com os achados de Grolla (2009), que observou no *input* de L. uma proporção de 9,3% de QU-*in situ* (67 de 719 perguntas-QU).

Essa diferença entre nossos dados e os de Grolla por um lado, com os de Lopes-Rossi e Oushiro por outro pode ser resultado do tipo de *corpus* em análise: nestes últimos, a fala adulta considerada era dirigida a outros adultos, em debates e entrevistas televisivas (no caso do primeiro estudo) e entrevistas sociolinguísticas (no caso do segundo). Já em nosso *corpus* (e também no de Grolla (2009)), consideramos a fala dirigida à criança, em interações cotidianas dos adultos diretamente com a criança observada.

Conforme vimos anteriormente, em contextos como *quizzes* e interrogatórios, em que novos questionamentos são esperados, perguntas com QU-*in situ* são permitidas, mesmo em línguas como o inglês, na qual há predomínio da opção com movimento (QUIRK et al., 1985; HUDDLESTON; PULLUM, 2002). Essas perguntas servem como movimentos de *follow-up*, segundo Biezma (2018), por proporem uma continuidade ao questionamento. É possível pensar, então, que entrevistas sociolinguísticas ou para a TV, em que novos questionamentos são esperados, oferecem mais oportunidades para emprego do QU-*in situ* do que interações cotidianas como as gravações espontâneas com crianças usadas em nosso estudo. Vejamos alguns exemplos produzidos por adultos nesse tipo de *corpus*:

- (1) a. depois fomos para onde?
- b. mas faz o quê com essa grana?
- c. e tiraram o quê?
- d. comprar com que dinheiro?

(LOPES-ROSSI, 1996:77-78)

- (2)
- a. você fez uma diferenciação entre isso e saúde né? E a saúde seria o quê?
 - b. cê tá há quanto tempo na Bela Vista?
 - c. e não autorizou por quê? Que que ele disse?
 - d. aí eu falei “não mas eu só quero lhe ver” “mas vai me ver pra quê? Pra me fotografar e mostrar por aí? Não...”
 - e. e cês trabalhavam em quantas pessoas?
 - f. é...então...seus irmãos também trabalharam com o quê?

(OUSHIRO, 2011:74-76)

Note que as perguntas selecionadas sugerem uma entrevista ou um relato em andamento e, embora não tenhamos os contextos disponíveis, é possível supor a partir dos conectores como ‘depois’, ‘e’, ‘mas’, ‘aí’, que elas estão ligadas a um antecedente – seja qual for – ao qual a pergunta se refere. Essa interação é típica desse tipo de registro e parece realmente facilitar o uso de QU-*in situ*, principalmente quando há um questionamento em discussão não completamente respondido, como em (2a); ou quando há necessidade de esclarecimento, como em (1d) – nesse caso, inclusive, a opção com QU-*ex situ* é impossível.

Evidentemente, não é possível fazer uma análise adequada dos dados de Lopes-Rossi e Oushiro, principalmente sem acesso aos contextos. O que temos aqui é apenas uma hipótese dada a natureza da interação em que os adultos observados pelas autoras estavam inseridos e que pode ter facilitado o emprego da construção. Esse tipo de interação – típica de entrevista e interrogatório – não necessariamente emerge nas conversas espontâneas com crianças, que são muito mais ligadas ao que elas estão fazendo no momento, como uma brincadeira de bonecas ou uma refeição. Assim, uma possibilidade para explicar a menor produtividade de QU-*in situ* na fala adulta em nosso estudo do PB é a natureza do *corpus*, com menos chances de emprego da estrutura que seria mais produtiva em interações do tipo “interrogatório”.

Além disso, é possível também que haja uma diferença entre a fala dirigida à criança e a dirigida ao adulto no que diz respeito ao emprego das perguntas-QU e, nesse caso, o QU-*in situ* seria mais utilizado entre adultos do que com crianças. Por exemplo, caso o QU-*in situ* seja de fato facilitado em contextos de “forte pressuposição”, conforme têm defendido diversos autores (SIKANSI, 1999; PIRES; TAYLOR, 2007; OUSHIRO, 2010; DEROMA, 2011; VIEIRA, 2018; VIEIRA; GROLLA, 2020; CHANG, 1997; BOECKX, 1999; BOECKX; STATEVA; STEPANOV, 2001; BAUNAZ, 2005, 2011, 2016; HAMLAOUI, 2011; LARRIVÉE, 2019; GLASBERGEN-PLAS, 2021; GARASSINO, 2022; BAUNAZ; BONAN, no prelo, a.o.), é possível especular que na fala com outros adultos, haja uma maior carga

pressuposicional, ou seja, mais pressuposições compartilhadas, do que na fala com crianças, já que estas ainda estão construindo seu repertório de pressuposições culturais e universais. Isso tornaria o QU-*in situ* mais produtivo na fala dirigida a adultos do que na fala dirigida a crianças.

Outras duas possibilidades, que nunca devemos esquecer, são a variação individual e o acaso. Em outras palavras, a construção pode, por acaso ou por variação de sujeito para sujeito, não ter sido tão empregada no *corpus* aqui reportado, quanto foi nos estudos de Oushiro (2012) e Lopes-Rossi (1996). Optamos, então, por interpretar essa discrepância como fruto de todos esses fatores em conjunto. O fato é que os resultados aqui reportados correspondem a um *input* potencial mais apropriado do que os dados reportados anteriormente, visto que lidam exclusivamente com fala dirigida à criança, i.e., com uma amostra do que de fato as crianças ouvem em seu cotidiano. E esses resultados sugerem que o QU-*in situ* não é tão produtivo na fala adulta do que a princípio se imaginava: o QU-*ex situ* é empregado em mais de 90% dos casos em que é possível ter as duas estruturas.

Ademais, das 44 perguntas com QU-*in situ* feitas pelas crianças, 18 eram perguntas com contraparte movida impossível e apenas 26 eram de fato opcionais, i.e., 41% das ocorrências de QU-*in situ*. Na fala adulta, 446 foram perguntas com QU-*in situ* obrigatório, o que equivalem a 34,4% de todos os QU-*in situ* adultos. É importante notar, então, que nem todas as estruturas com QU-*in situ* podem representar pistas válidas para a criança de que sua língua permite tanto o movimento-QU como a permanência do elemento-QU *in situ*. É possível argumentar, por exemplo, que apenas as perguntas com QU-*in situ* de fato opcional podem servir como uma pista clara para a criança e os casos relevantes de opcionalidade de movimento-QU, em nossos dados, representam menos de 10% do que a criança ouve.

Quanto ao francês, observamos também algumas assimetrias com relação aos resultados de pesquisas anteriores: em nosso estudo, os adultos produziram 47,1% de QU-*in situ* e 52,9% de QU-*ex situ*; enquanto isso, as crianças produziram massivamente o QU-*in situ*, em 86,7% das perguntas-QU, desfavorecendo, em contrapartida, o QU-*ex situ*, com 13,3% das perguntas-QU. Nossos resultados corroboram, por exemplo, estudos como os de Hamlaoui (2009) e Boucher (2010) que encontraram proporções de QU-*in situ* bastante similares às nossas na fala adulta – 47,3% e 47%, respectivamente – em *corpora* baseados na variedade de francês coloquial. Por outro lado, nossos resultados vão de encontro aos achados de Zuckerman (2001), que observou apenas 5% da construção na fala adulta; e de Becker & Gotowski (2015) que encontraram 16,6% de QU-*in situ* na fala adulta, enquanto as crianças com quem o adulto interagiu produziram 88,2% da construção.

Conforme discutimos, o QU-*in situ* é preferencialmente usado em *français familier*, ou fala coloquial (COVENEY, 1996; ADLI, 2006; TAILLEUR, 2013; BAUNAZ; BONAN, no prelo). Uma possibilidade para explicar a assimetria de nossos resultados com os de Zuckerman (2001) e de Becker & Gotowski (2015) é, então, justamente o registro utilizado nas gravações. Nosso estudo é baseado em *corpus* de fala espontânea em interações cotidianas entre as crianças e os adultos de seu convívio, em que preferencialmente o *français familier* era usado. Já no estudo de Zuckerman (2001), foi conduzido um método experimental de produção eliciada, em que pode ter ocorrido uma maior monitoração da fala e apreço pela norma padrão. No estudo de Becker & Gotowski (2015), composto pela análise da interação entre 20 crianças e seu professor, é possível que a mesma variável tenha estado em jogo: o adulto, sendo professor, pode ter dado uma maior atenção à norma, conseqüentemente favorecendo o QU-*ex situ* em lugar do *in situ*. Já as 20 crianças observadas por Becker & Gotowski (2015), ainda não influenciadas pela norma padrão aos 2;09 e 3;10 anos, produziram 88,2% de QU-*in situ*, achado que pode ser corroborado pelos nossos resultados. Além disso, acompanhamos também os achados de Hamann (2006), que observou uma média e 80% de QU-*in situ* na fala de três crianças.

Comparando as duas línguas, as crianças brasileiras produziram apenas 1,5% de QU-*in situ*, ouvindo 9,8% dessas estruturas. Elas, então, favoreceram o QU-*ex situ* (98,5%), sendo também a estratégia mais produtiva na fala adulta. Já as crianças francesas receberam de seu *input* uma produtividade considerável de QU-*in situ* – totalizando quase metade das perguntas-QU (47,1%) – produzindo, por sua vez, 86,7% da construção e desfavorecendo a contraparte movida, 13,3%. O *input* do PB, nesse caso, é mais esclarecedor em relação ao do francês: no PB fica claro que a preferência adulta é pelo QU-*ex situ*; enquanto isso, no francês, o *input* é ambíguo – em metade das construções há movimento aberto e na outra não.

Há evidências substanciais que apontam o papel crucial do *input* no processo de aquisição de linguagem. Mesmo em uma abordagem racionalista (como a adotada aqui), não devemos nunca desmerecer a influência da experiência na seleção das informações relevantes ao processo do desenvolvimento linguístico. Lidz & Gagliardi (2015) argumentam que, nesse modelo, o falante deve procurar em seu *input* as pistas que podem ajudá-lo a escolher entre as representações abstratas dentro de um conjunto de possíveis gramáticas, que, por sua vez, são inatas. A experiência, então, “fornece as informações relevantes para a identificação dessas representações”¹²⁰ (p. 12.2) e, apenas a partir de informações advindas do ambiente, o falante

¹²⁰ “Experience provides the information that is relevant to the identification of those representations” (Lidz & Gagliardi (2015:12.2).

pode selecionar as características da gramática daquela língua específica e, posteriormente, extrapolar seu *input* fazendo generalizações.

Estudos apontam, por exemplo, que as crianças são menos propensas a erros com variantes mais frequentes no *input* do que com as menos frequentes (ROWLAND; PINE, 2000); ou que há uma relação entre a complexidade sintática na fala infantil e na fala adulta de seus pais (HUTTENLOCHER, VASILYEVA, CYMERMAN; LEVINE, 2002); ou que a ordem de emergência de alguns verbos na fala infantil está relacionada à frequência com que eles aparecem na fala adulta (THEAKSTON et al., 2004); ou que estruturas mais frequentes no *input* são mais facilmente produzidas pelas crianças do que as menos frequentes (KIDD et al., 2007). E mesmo que a frequência no *input* sozinha não dê conta de explicar todo o comportamento infantil, há evidência, em PB inclusive, sugerindo essa influência na produção infantil no caso de estruturas aparentemente opcionais, como discutimos no capítulo 4. Lessa-de-Oliveira (2003) observou, em um dialeto falado na Bahia, que o QU-*in situ* foi a primeira estratégia-QU a emergir na fala espontânea de L., aos 1;07 anos, sendo também a mais frequente em seu *input*, em mais de 80% das perguntas-QU. É possível, então, que o que guia a criança nos primeiros estágios de aquisição sejam as pistas estatísticas fornecidas pelo *input*.

Perkins, Feldman & Lidz (2017) propuseram um modelo computacional de aquisição da estrutura argumental, que foi capaz de categorizar 2/3 dos verbos mais frequentes, filtrando construções não básicas como “ruído”. Essa mesma percepção foi depois retomada por Schneider, Perkins & Feldman (2019) que modelaram a aquisição da concordância no inglês, assumindo que o *input* é uma mistura entre “sinal” e “ruído”. Filtrando o que seria considerado “ruído”, ou seja, filtrando o que seria uma construção não básica da língua como erro por estatística inferencial, o modelo foi capaz de fazer as regularizações necessárias para chegar a uma gramática consistente da língua alvo. Nguyen & Legendre (2021), aplicando a hipótese de “filtro do *input*”, observam que a produção das perguntas de sondagem (discutidas no capítulo 2 e 3) em inglês, na forma com QU-*in situ*, pode ser o resultado da atuação desse mecanismo nos primeiros estágios de aquisição: esse tipo de pergunta é empregado em ~10% das perguntas-QU em fala dirigida à criança e, se comparada a uma variante mais frequente, como o QU-*ex situ* (>80%), pode ser filtrada como “erro” pela gramática infantil. As autoras, então, apontam que as crianças tendem a regularizar em direção à opção mais frequente, considerando a variante menos frequente como “ruído”.

Aplicando o conceito de um “filtro de *input*” aos nossos dados do PB, notamos que as crianças são expostas a ~10% de QU-*in situ* e ~90% de QU-*ex situ*. Essa diferença desproporcional pode servir como uma pista estatística que leva a criança a filtrar o QU-*in situ*

como “ruído”, de modo análogo ao inglês. Com isso, ela produz massivamente a variante mais frequente em seu *input*, o QU-*ex situ*, produzindo-o em quase todas as suas perguntas-QU. A criança adquirindo o dialeto paulista do PB observa então que em sua língua 90% das perguntas são produzidas com movimento-QU, sendo o restante analisado como “erro”. Essa “escolha” seria realizada a despeito de o QU-*in situ* ser supostamente mais econômico do que o *ex situ*. Mesmo se ele for de fato mais econômico (o que é discutível), essa pista estatística teria maior impacto do que cálculos sobre custo derivacional, que não entrariam nesse momento do processo de aquisição, fazendo com que ela opte pelo QU-*ex situ* justamente por não ter, em seu *input*, evidências robustas de que em sua língua o movimento-QU é opcional. Essa “decisão” seria realizada nos primeiros estágios de aquisição, apenas porque ainda não ficou claro para criança que as duas variantes não são inteiramente opcionais. Posteriormente, notando que o QU-*in situ* envolve particularidades pragmáticas e sintáticas, as crianças passarão a produzi-lo em maiores proporções, principalmente quando a situação clama pela estrutura – como é o caso das situações de entrevistas e interrogatórios – equiparando-se às taxas adultas.

Evidentemente, a frequência no *input* não é capaz de explicar toda a produção infantil. E há casos em que a criança não acompanha o que recebe dele. Em nossos dados, por exemplo, vimos que, a despeito de a opção mais produtiva na fala adulta ser o QU-que (totalizando 54,1% das perguntas-QU) e o QU-movido ser empregado em 24,6% das interrogativas-QU, as crianças produzem mais a versão com QU-movido, totalizando 75,5% de suas perguntas-QU, sendo esta a primeira estratégia-QU a emergir em seus dados, ao 1;05 ano. Nesse caso, não parece ser a frequência que guia a criança na aquisição e produção das estratégias-QU, mas o possível custo derivacional resultante da inserção do complementizador “que”¹²¹.

A explicação do PB não poderia ser estendida para o francês. A criança aprendiz dessa língua, mesmo igualmente guiada por um “filtro de *input*” que a ajuda a filtrar outras variantes para construção de uma gramática consistente, não poderia aplicar esse procedimento no caso das interrogativas, já que nessa língua temos duas estratégias-QU igualmente produtivas no *input*. Mesmo assim, ao invés de reproduzir o que recebe do ambiente, produzindo também metade de QU-*in situ* e metade de QU-*ex situ*, a criança nos primeiros estágios de aquisição do francês produz massivamente apenas uma das variantes: nesse caso, o QU-*in situ*, empregado em ~87% de suas perguntas-QU. O que então guia a criança francesa no favorecimento massivo dessa estrutura, em lugar da opção *ex situ*, igualmente produtiva em sua língua?

¹²¹ Conforme já discutimos, seguimos a análise de Miotto (1994), Sikansi (1999) e Grolla (2009), para os quais o QU-que possui a mesma estrutura do QU-movido, com o preenchimento do núcleo C pelo complementizador “que”.

Uma opção bastante explorada na literatura é a noção de economia. Conforme já discutido, Zuckerman (2001) observa que diante das duas estratégias-QU, a criança francesa tende a preferir a estrutura supostamente mais econômica, o QU-*in situ*. Para ele, ela faz uma escolha pela derivação menos custosa e isso a guia nos primeiros estágios de aquisição, até que ela se torne ciente das diferenças entre as duas estratégias e caminhe para uma gramática adulta, produzindo menos perguntas com QU-*in situ* e mais o QU-*ex situ*. Sem dúvida, o Princípio da Economia é uma explicação bastante persuasiva para dar conta dos dados infantis do francês. Mas, novamente, ainda resta analisar o quanto de fato o QU-*in situ* é mais econômico do que o *ex situ* e, se este for o caso, porque as crianças brasileiras também não produzem massivamente a opção mais econômica. Ao final desse capítulo, ofereceremos uma análise alternativa para o francês, baseada na influência de fatores fonológicos.

10.2. Estratégias com QU-*ex situ*

No PB, as crianças produziram majoritariamente QU-movido, sendo este empregado por elas em 75,5% das perguntas-QU, enquanto o QU-que foi utilizado em 21,4%, o QU-é-que em 1,6% e o QU-*in situ* em 1,5%. Já os adultos produziram com mais frequência a construção com QU-que, sendo ela utilizada em 54,1% das ocorrências, diferente do que se observou na fala das crianças. O QU-movido foi empregado em 24,6% das perguntas; o QU-é-que, em 11,5%, e o QU-*in situ* em 9,8% dos dados. Quanto à ordem de emergência, o QU-movido emergiu nos dados infantis já aos 1;05.17 (Maria Eliza) e o QU-que aos 1;07.12 (Luana). A partir de 2;03.01 anos (Leonardo), as primeiras ocorrências com QU-*in situ* foram produzidas, e, somente mais tarde, aos 2;10.00 (Luana), as primeiras perguntas com QU-é-que. Nossos dados, então, sugerem que as crianças seguem a ordem de emergência representada em (i).

(i) Ordem de emergência das produções infantis:

QU-movido > QU-que > QU-*in situ* > QU-é-que

Enquanto isso, os adultos produzem a ordem em (ii), sendo QU-que o mais produtivo e o QU-*in situ* o menos produtivo.

(ii) Frequência das produções adultas:

QU-que >> QU-movido >> QU-é-que >> QU-*in situ*

Os dados espontâneos analisados por Grolla (2000) sugerem um padrão similar ao que encontramos aqui: N., observada entre os 2 e 4 anos de idade, produziu apenas perguntas com

QU-movido até os 2;09. A partir dessa idade, ela começou a utilizar perguntas com o complementizador aberto e aos 3;02, perguntas com o complementizador seguido de cópula, ‘é-que’. Somente mais tarde, aos 3;09 anos, o QU-*in situ* emergiu na fala da criança e de modo pouco frequente (~2% dos dados). Embora tenhamos encontrado todas as estruturas mais precocemente em relação aos dados de Grolla, isso pode ter acontecido por conta das já discutidas limitações que a metodologia de investigação de dados naturalísticos apresenta: a construção pode não ter surgido nas sessões de gravação observadas, embora isso não signifique que a criança não possua a estrutura em sua gramática. De toda forma, o QU-*in situ* parece emergir mais tardiamente em relação ao QU-movido e ao QU-que, o que não é surpreendente, considerando a distribuição desproporcional das estratégias envolvendo movimento-QU em relação ao QU-*in situ* no *input* recebido pelas crianças.

Silveira (2011), observando amostras transversais e longitudinais de 17 e 6 crianças, respectivamente, com faixa etária entre 1;10 e 5;0 anos de idade, encontrou ocorrências de QU-*in situ* já a partir de 2;04 anos. O autor não apresenta em seu trabalho a frequência da construção na fala das crianças observadas, mas já é possível constatar uma aquisição não tão tardia da estrutura, conforme a relatada por Grolla (2000, 2009). Ainda assim, o QU-*in situ* emergiu, segundo o autor, de forma tardia em relação às outras estratégias, seguindo a ordem: QU-movido > QU-que > QU-é-que/QU-*in situ* (SILVEIRA, 2011:185). Conforme vimos acima, o percurso sugerido pelo autor é similar ao encontrado em nossos dados – também nossas crianças seguem uma ordem similar: elas iniciaram a aquisição pelo QU-movido, em seguida começaram a produzir o QU-que, e somente mais tarde o QU-*in situ* e o QU-é-que emergiram no *corpus*.

Nossos resultados servem como evidência contrária à proposta de Kato & Raposo (1994), segundo a qual interrogativas do tipo QU-movido seriam derivadas de orações clivadas. Relembrando o que discutimos no capítulo quatro, segundo os autores, a partir de uma oração clivada, poderíamos gerar uma interrogativa do tipo QU-é-que; posteriormente, com o apagamento da cópula, geraríamos o QU-que; e somente depois do apagamento do ‘que’, o QU-movido simples. Contudo, olhando para os dados de aquisição aqui descritos, vemos que as crianças produzem majoritariamente o QU-movido, sendo o QU-é-que bem pouco empregado por elas. Curioso pensar, então, que o QU-é-que seja a pergunta que dá origem ao QU-que e ao QU-movido, sendo ela a menos utilizada e de aquisição mais tardia em relação às outras duas estratégias. Em verdade, o QU-movido é o mais produtivo na fala infantil e, de acordo com essa análise de Kato & Raposo (1994), teria de ser considerado o último estágio da derivação, surgindo apenas após o alçamento do foco para FP (resultando em QU-é-que), apagamento da

cópula (QU-que) e apagamento do complementizador (QU-movido). Assim, consideramos essa análise teoricamente e intuitivamente problemática e por isso, seguiremos Miotto (1994), Sikansi (1999) e Grolla (2009), para os quais o QU-movido e o QU-que correspondem a estruturas distintas em relação ao QU-é-que, não sendo aquelas resultado do mero apagamento da cópula da última. Nesse cenário, o QU-que possui a mesma estrutura do QU-movido, com o preenchimento do núcleo C pelo complementizador 'que'. Por sua vez, teríamos o QU-é-que, com uma estrutura mais complexa derivada da sentença clivada, o que explicaria também sua aquisição mais tardia.

Passando agora ao francês, observamos em nossos dados que as crianças produziram majoritariamente o QU-*in situ*, em 86,7% das perguntas-QU; em seguida o QU-movido, em 7,1%; o QU-movido + ESK, com 6% e, por último, o QU-movido + inversão, com 0,2% dos dados. A opção com QU-*in situ* também foi a mais produtiva na fala adulta, totalizando 47,1% das perguntas-QU; logo em seguida, o QU-movido + ESK, com 41,1%; o QU-movido com 11,6% e, por último, a opção com inversão, com apenas 0,2% dos dados. Quanto à ordem de emergência na fala infantil, o QU-*in situ*, além de ser o mais produtivo, foi também o primeiro a emergir na fala de todas as crianças, a partir de 1;10.07 (Madeleine). O QU-movido surgiu logo em seguida, a partir de 1;11.03 (Madeleine); a opção com inversão aos 2;02.27 (Antoine) e, por último, a variante com ESK, a partir de 2;05.29 (Anaé). Assim, nossos resultados sugerem que as crianças seguem a ordem de aquisição em (iii).

(iii) Ordem de emergência das produções infantis:

QU-*in situ* > QU-movido > QU + inversão > QU + ESK

Já os adultos produzem mais a ordem em (iv), sendo QU-*in situ* o mais produtivo e o QU-movido com inversão o menos produtivo.

(iv) Frequência das produções adultas:

QU-*in situ* >> QU + ESK >> QU-movido >> QU + inversão

Nossos resultados infantis do francês corroboram a hierarquia baseada na economia proposta por Zuckerman & Hulk (2001:73-75). Segundo eles, a opção mais econômica seria o QU-*in situ*, seguido do QU-movido, da opção com acréscimo de ESK e, por fim, da variante com inversão entre sujeito e verbo. Caso de fato as crianças sigam o Princípio da Economia na produção das perguntas-QU, elas devem adquirir a opção mais econômica, o QU-*in situ*, e somente mais tarde a opção menos econômica, o QU-movido + inversão, conforme atestam nossos dados.

Além disso, a opção com ESK, embora bastante produtiva na fala adulta, é pouquíssimo produzida pelas crianças, sendo também a última estratégia a emergir em seus dados. Conforme discutimos, antes da aquisição dessa partícula, a criança falante de francês não tem muita escolha na produção de perguntas com o pronome “*que/quoi*” a não ser utilizá-lo *in situ*, em sua forma “*quoi*”, visto que a forma “*que*” é mais usualmente empregada acompanhada de ESK ou com inversão (sendo esta uma opção bastante restrita mesmo no *input*). Portanto, parece que o portfólio da criança com relação ao emprego dos pronomes-QU aumenta com a emergência de ESK, que, antes, fica mais restrito ao QU-*in situ*. Nossos resultados corroboram os recém-publicados achados de Palasis et al. (2023:1), para quem “a emergência de ‘*qu’est-ce que*’ (o que é que) *ex situ*, em oposição ao ‘*quoi*’ *in situ*, é identificada como um fator responsável pelo aumento gradual de QU-*ex situ*”¹²².

A pergunta que fica é: as crianças favorecem massivamente o QU-*in situ* e, por isso, ficam “cegas” às outras possibilidades com QU-*ex situ*, demorando a adquirir a partícula ESK? Ou elas tendem ao QU-*in situ* por ainda não terem adquirido o ESK que garantiria a elas um leque mais diversificado de uso dos pronomes-QU, como o “*que*”? Aqui, argumentamos em prol da primeira opção.

10.3. Influência dos fatores morfossintáticos

No português brasileiro, todas as palavras-QU favorecem o emprego de QU-*ex situ* em relação ao *in situ*. Na fala infantil, o pronome mais produtivo em estrutura *in situ* foi ‘quem’ (12% das perguntas-QU com ‘quem’) e todas as palavras-QU emergiram pela primeira vez na posição *ex situ* na fala de todas as crianças (com exceção de ‘onde’, na fala de Leonardo). Já na fala adulta, os pronomes interrogativos mais produtivos com QU-*in situ* foram: ‘o que’ (24,4% das perguntas-QU com ‘o que’), ‘onde’ (16,9% das perguntas-QU com ‘onde’) e ‘quem’ (20,1% das perguntas-QU com ‘quem’). Contudo, conforme discutimos no capítulo 7, as crianças produziram massivamente o QU-*ex situ*, independente da palavra-QU.

Desmembrando as estratégias com movimento, observamos que, na fala infantil, o QU-movido é preferido com todas as palavras-QU, exceto com ‘onde’, em que há preferência por QU-que. As crianças, portanto, seguiram sua tendência inicial em favor do QU-movido. Já na fala adulta, não parece haver uma preferência: a estratégia-QU variou conforme a palavra-QU: junto a ‘onde’ e ‘quanto’, observamos maior produtividade de QU-movido; na presença de ‘o

122 “The emergence of the *ex-situ qu’est-ce que* ‘what is it that’, as opposed to the *in-situ quoi* ‘what’, is identified as a factor accounting for the gradual increase in *wh-ex-situ*” (PALASIS et al., 2023:1).

que’, ‘por que’, ‘que’ e ‘quem’ a estratégia predominante foi o QU-que; na presença de ‘como’, a estratégia preferida foi o QU-é-que e com ‘qual’ tivemos apenas um pouco mais de ocorrências com QU-movido do que com QU-que.

No francês, todas as palavras-QU em que o movimento-QU opcional – com exceção de ‘*quand*’ com apenas duas ocorrências produzidas e ambas na versão movida – foram mais produzidas pelas crianças com QU-*in situ*. Após ‘*quand*’, a palavra-QU mais produtiva com QU-*ex situ* foi o ‘*comment*’, com 39,7% das perguntas-QU com esse pronome. Os pronomes que mais favoreceram o emprego de QU-*in situ* na fala infantil foram: ‘*quoi*’ (100%) – que somente pode ocorrer movido quando acompanhado de preposição –, ‘*qui*’ (99%) e ‘*quel*’ (95,5%). Na fala adulta, ‘*comment*’ e ‘*quand*’ foram as únicas palavras-QU em que houve prevalência do QU-*ex situ* sobre o *in situ*, quando o movimento-QU era opcional. Para todas as outras palavras-QU, o adulto produziu mais o QU-*in situ*. Os pronomes mais empregados *in situ* no francês foram: ‘*quoi*’ (96,6%), conforme esperado, e ‘*qui*’ (94,4%). Esses resultados estão alinhados com a literatura do francês, segundo a qual o advérbios-QU favorecem o emprego de QU-*ex situ* (ZUCKERMAN; HULK, 2001; HAMLAOUI; 2009; PALASIS et al., 2019).

Quanto à função sintática do constituinte interrogativo, no PB, todas as funções, com exceção da categoria ‘outras’ – e.g. “isso aqui é um o quê?”, que, conforme vimos, é preferível *in situ* –, favoreceram o emprego de QU-*ex situ*, seguindo a preferência geral dos falantes por essa estratégia. Contudo, observamos um aumento de QU-*in situ* nas perguntas com objeto indireto (22,4% na fala adulta e 10,6% na fala infantil, de todas as perguntas-QU com essa função) e um aumento ainda mais significativo nas com objeto de preposição (49,5% nos dados adultos, 34,8% nos dados infantis, de todas as perguntas com essa função). Mesmo assim, a função sintática do constituinte-QU não contribuiu para o aumento do QU-*in situ* na fala das crianças, que continuaram produzindo massivamente a versão *ex situ*.

No francês, todas as funções favoreceram o emprego de QU-*in situ* na fala infantil, seguindo a preferência do grupo por essa construção. Já na fala adulta, apenas o objeto direto favoreceu o emprego de QU-*ex situ*, enquanto com todas as outras funções houve maior produção de QU-*in situ*. As que mais favoreceram o uso do QU-*in situ* foram as categorias ‘outras’ (100% na fala adulta e infantil, das perguntas com essa função) – e.g. “*c’est le quoi?*” (é o quê?), preferencialmente produzida com elemento-QU final – e ‘objeto de preposição’ (84,8% na fala adulta e 98,3% na fala infantil, de todas as perguntas com essa função). Além dessas funções, houve também uma produção alta de QU-*in situ* com predicativo (95,5% na

fala infantil e 70,7% na fala adulta, de todas as perguntas com predicativo) e de objeto indireto (91,1% na fala infantil e 73% na fala adulta, de todas as perguntas com objeto indireto).

Deixando de lado a categoria ‘outras’ que é preferível em sua versão *in situ*, as funções que mais facilitaram o emprego de QU-*in situ* nas duas línguas foram o objeto indireto e o objeto de preposição. É possível então que o que tenha contribuído para o uso da estrutura nesses casos tenha sido a presença de preposição, no caso do objeto indireto e do objeto de preposição. Parece, portanto, haver uma maior tendência em utilizar a estrutura *in situ* quando o complemento está preposicionado ou a preposição é exigida pelo verbo e, nesse caso, talvez seja menos custoso manter o elemento-QU *in situ* do que movê-lo, fazendo *pied-piping* da preposição. Além disso, no caso do francês, o predicativo também está associado ao emprego de QU-*in situ*, provavelmente pela presença da cópula, conforme discutiremos ainda nesta seção.

Quanto à presença de preposição, os dados de Coveney (1995) para o francês indicam que em elementos-QU com quatro ou mais sílabas, temos 36,9% de QU-*in situ*, enquanto em constituintes-QU com uma ou menos sílabas apenas 5,8%. Ou seja, o QU-*in situ* parece ser preferível quanto mais longo for o elemento-QU e isso inclui, por exemplo, elemento-QU preposicionados.

Com isso, passaremos agora à discussão da influência da complexidade do constituinte-QU na produção do QU-*in situ*. Em nossos dados do PB, o constituinte-QU continua sendo mais produtivo na versão movida mesmo quando acompanhado de preposição, que exige o *pied-piping*, ou seja, não houve associação entre presença de preposição e tipo de pergunta na fala infantil e adulta. Em outras palavras, os dois grupos seguiram a tendência da língua ao favorecer o QU-*ex situ*. Já no francês, tanto na fala infantil como na adulta houve favorecimento do QU-*in situ* diante de constituintes preposicionados.

Seguindo a proposta de Coveney (1995), também verificamos se a presença de um nominal no constituinte-QU, gerando sintagmas mais complexos na forma QU+NP, poderia favorecer o emprego de QU-*in situ*. No PB, diante desses constituintes, tanto adulto como criança produziram majoritariamente o QU-*ex situ*, acompanhando a tendência da língua em favorecer a estrutura. Já no francês, notou-se o oposto do PB: os dois grupos privilegiaram o uso de QU-*in situ* em oposição ao *ex situ* diante de constituintes-QU + NP.

Para finalizar a análise da complexidade do constituinte-QU, comparamos três complexidades diferentes para os sintagmas-QU: baixa (i.e., sem NP e sem preposição); intermediária (i.e., com apenas um dos dois – com NP ou preposição); e alta (i.e., com NP e com preposição). Como verificamos, no PB, observamos um aumento na taxa de produção de

QU-*in situ* conforme a complexidade do constituinte aumentava. Em outras palavras, nessa língua, quanto mais complexo o constituinte, maiores suas chances de permanecer *in situ* e essa foi a variável que mais conseguiu prever o emprego de QU-*in situ* na fala infantil. Porém, ainda assim, houve uma produção majoritária da versão com movimento, seguindo a tendência geral da língua.

E essa mesma tendência foi verificada no francês: o QU-*in situ* foi produzido em 42,2% das perguntas com sintagmas-QU de complexidade baixa pelos adultos e em 85,6% pelas crianças; em 77,5% das ocorrências envolvendo sintagmas-QU de complexidade intermediária na fala adulta e em 93,9% na fala infantil; e em 85,8% com sintagmas-QU de complexidade alta na fala adulta e 100% na fala infantil. Ou seja, houve uma progressão em direção ao QU-*in situ* de sintagmas menos para mais complexos.

Os dados das duas línguas, portanto, corroboram a proposta de Coveney (1995) para quem constituintes-QU mais complexos – ou mais longos, nas palavras do autor – favorecem o emprego de QU-*in situ*. Todavia, no PB, mesmo esse tipo de constituinte ainda é mais produtivo com QU-*ex situ*, enquanto no francês ocorre o oposto. Isso provavelmente acontece não porque no PB os falantes são insensíveis à complexidade do constituinte (embora ela talvez seja sutil), mas porque nessa língua o QU-*in situ* não é uma alternativa de fato produtiva, enquanto no francês sim.

Passando agora à influência do tipo de verbo, observamos que no PB, houve um pequeno aumento na produção de QU-*in situ* na fala infantil em sentenças com cópula (que não foi significativa) e uma diminuição na fala adulta. Em outras palavras, a presença de um verbo lexical favoreceu uma maior produção de QU-*in situ* do que a presença de cópula na fala do último grupo. Já no francês, notamos a tendência oposta: em ambos os grupos etários a cópula contribuiu para a produção de QU-*in situ* – de todas as perguntas com cópula, as crianças produziram 91,9% de QU-*in situ* e o adultos, 75,4%; enquanto isso, nas perguntas com verbos lexicais, as crianças produziram 76% de QU-*in situ* e os adultos, 29%. Essa foi a variável que mais conseguiu prever a produção de QU-*in situ* na fala infantil, segundo nosso modelo.

Conforme observamos acima, no francês, mas não no PB, houve um aumento na produção de QU-*in situ* em perguntas com predicativo. Isso pode ter ocorrido não especificamente por conta da função sintática, mas por causa do tipo de verbo envolvido, corroborando os achados de Coveney (1995), para quem a cópula favorece o emprego de QU-*in situ*. Nossos resultados também estão alinhados aos de Hamlaoui (2009), para quem o QU-*in situ* ocorre preferencialmente quando a porção não-QU é menos informativa, ou seja, quando

ela contém apenas informações já presentes no *common ground*. Por isso, verbos não lexicais, por serem menos informativos, favorecem o uso da construção.

Nossos resultados também estão alinhados aos de Palasis et al. (2019) e Palasis et al. (2023) que reportam um aumento na produção de QU-*in situ* com verbos de cópula e de QU-*ex situ* com verbos lexicais. Os autores notam, inclusive, uma maior relação entre o QU-*in situ* e a forma fixa com verbo “*être*” – e.g. “*c’est quoi ça?*” – em oposição à forma livre – e.g. “*où il est?*”. A partir de seus achados, eles concluem que a distribuição dos pronomes-QU entre as versões com QU-*in situ* e QU-*ex situ* se deve ao desenvolvimento ainda em curso do sistema verbal infantil, que gradualmente passa a incluir verbos lexicais, substituindo as formas fixas com “*c’est*”, predominantes nos primeiros estágios de aquisição do francês (PALASIS et al., 2023:18).

10.4. Influência dos fatores pragmáticos

No PB, todos os contextos favoreceram o emprego de QU-*ex situ*, nas duas faixas etárias, seguindo a tendência geral da língua em favor dessa construção. Na fala infantil do PB, no entanto, o antecedente discursivo (seja implícito ou explícito) e o conhecimento prévio levaram a um leve aumento do QU-*in situ* comparado aos demais contextos, embora poucas ocorrências tenham sido encontradas. E na fala adulta, houve um aumento na produção de QU-*in situ* com antecedentes discursivos. Nenhuma pergunta com QU-*in situ* foi produzida em situações *out-of-the-blue*. Analisando apenas o QU-*in situ* obrigatório – categoria que conta com perguntas do tipo “*tira o quê?*” em que a contraparte movida não é possível – observamos uma forte tendência na fala adulta em produzi-la quando a porção não-QU da pergunta fazia parte do antecedente imediatamente anterior. Já as crianças produziram poucas ocorrências desse tipo de pergunta para chegarmos a uma relevância estatística.

Perguntas baseadas em um fragmento da sentença anterior, como é o caso de algumas ocorrências de QU-*in situ* obrigatório, são preferíveis quando o antecedente é facilmente recuperável, seja a partir do discurso ou de uma situação extralinguística que deixe suficientemente saliente a porção elidida da pergunta. Todavia, ambos os grupos produziram mais QU-*ex situ*, mesmo na presença de um antecedente contendo a porção não-QU. Portanto, a presença de um *common ground* saliente não levou a uma alteração da preferência dos falantes de PB. Por outro lado, a ausência desse *common ground* levou à ausência completa da construção na fala dos dois grupos e nenhuma ocorrência com QU-*in situ* foi observada em situações *out-of-the-blue*. Em outras palavras, a presença de um *common ground* parece

fundamental para a ocorrência de QU-*in situ*, mas ela não leva necessariamente a um aumento significativo da construção no PB. A propósito, sequer podemos concluir que o QU-*in situ* seja de fato infeliz nesses casos: é possível apenas que a construção seja tão rara na língua que, pareada a um contexto por si só pouco frequente, como é o *out-of-the-blue*, ela se torne ainda mais rara e, por isso, nenhuma ocorrência foi encontrada nos dados.

Vimos também que os adultos produziram mais QU-*in situ* do que as crianças e isso pode ter ocorrido por uma maior sensibilidade às diferenças pragmáticas entre as construções. No entanto, os resultados sugerem que as crianças se comportam de forma similar aos adultos no emprego de seus poucos casos de QU-*in situ*, no que tange ao uso pragmático: (i) na fala infantil, o contexto com conhecimento prévio e o antecedente discursivo levaram a um leve aumento do QU-*in situ* comparado aos demais contextos, embora poucas ocorrências tenham sido encontradas; na fala adulta, os mesmos contextos também levaram a um aumento na produção da construção, com destaque para as perguntas baseadas em antecedente discursivo, nas quais o QU-*in situ* foi empregado em 12,8% das ocorrências; (ii) o QU-*in situ* obrigatório foi utilizado nos mesmos contextos pelos dois grupos etários; (iii) nenhuma pergunta com QU-*in situ* foi realizada em contexto *out-of-the-blue*.

A criança, portanto, parece sensível às pistas pragmáticas deixadas pelas estruturas interrogativas, contrariando a proposta de Zuckerman (2001). Ela se equipara ao adulto, principalmente porque a maior parte das pistas relacionadas ao QU-*in situ* é deixada por antecedentes discursivos, mais facilmente recuperáveis pelas crianças do que pistas deixadas por pressupostos mais abstratos, como os culturais e os universais. Em verdade, o que parece fazer com que a criança pouco produza o QU-*in situ* nos primeiros estágios de aquisição do PB é o próprio *input*: no início do processo, as crianças adquirindo essa língua pouco dispõem de pistas salientes para supor que em sua língua haja movimento-QU opcional, já que os casos relevantes de opcionalidade desse movimento representam no *input* menos de 10% de todas as perguntas-QU.

Quanto ao francês, na fala adulta, apenas o contexto discursivo favoreceu o emprego de QU-*in situ* e todos os outros favoreceram a produção de QU-*ex situ*, especialmente o contexto *out-of-the-blue*, no qual apenas 2 ocorrências de QU-*in situ* foram produzidas (3,6%) sendo o restante QU-*ex situ* (96,4%). Já na fala infantil, todos os contextos favoreceram o emprego de QU-*in situ*, com exceção de situações *out-of-the-blue*, na qual nenhuma pergunta do tipo foi produzida. Além disso, nessa língua, a presença explícita da porção não-QU no discurso anterior, ao invés de apenas implícita, foi um diferencial para a produção de QU-*in situ* tanto na fala adulta como infantil no francês, o que não se verificou no PB.

Na categoria QU-*in situ* obrigatório, com perguntas como “*enlever quoi?*” (tirar o quê?), observamos a mesma tendência do PB: há maior incidência dessas interrogativas com antecedentes discursivos, nos quais a porção não-QU pode ser recuperada imediatamente; menor incidência com antecedentes extralinguísticos, nos quais a porção não-QU era recuperada a partir da interação; e nenhum QU-*in situ* desse tipo foi encontrado em contextos baseados em conhecimento prévio, uma vez que a porção não-QU (geralmente formada a partir de fragmento da sentença anterior) seria dificilmente recuperada.

Ao produzir o QU-*in situ* opcional, as crianças francesas, diferente das brasileiras, não seguiram o padrão observado na fala adulta. Enquanto os adultos favorecem o emprego de QU-*ex situ* em todos os contextos, com exceção do discursivo, as crianças fizeram o oposto, favorecendo o emprego de QU-*in situ* de modo geral, excetuando as situações *out-of-the-blue* nas quais apenas a versão movida foi empregada. Para explicar a assimetria encontrada entre o francês adulto e infantil, Becker & Gotowski (2015) propuseram que o QU-*in situ*, estando relacionado a um *common ground* saliente, é mais produtivo na fala infantil, pois as crianças atribuem de maneira exagerada o referente ao *common ground*, ou seja, elas interpretam o referente como mais saliente no contexto do que de fato ele é, produzindo maiores taxas da construção do que os adultos. Essa proposta poderia, então, dar conta dos resultados aqui analisados: as crianças de fato produzem mais QU-*in situ* do que os adultos, favorecendo a construção mesmo quando o adulto a desfavorece. Seria necessário explicar, no entanto, porque as crianças não são completamente insensíveis ao contexto, já que quando o QU-*in situ* é realmente infeliz – como é o caso das perguntas sem qualquer pressuposto *a priori* – elas nunca o produzem. Se elas de fato estivessem atribuindo de forma demasiada o referente ao contexto, seria esperado que elas o fizessem também em perguntas de sopetão.

Essa proposta também não encontra respaldo nos dados do PB: se nas duas línguas o QU-*in situ* é facilitado diante de contextos com *common ground* saliente e desfavorecido em situações *out-of-the-blue*, como parece o caso, teríamos de concluir que as crianças francesas atribuem em demasia o referente ao fundo comum, enquanto as crianças brasileiras fazem o contrário. Com base na comparação entre as línguas, nós questionamos essa proposta. As crianças francesas de fato produzem mais QU-*in situ* do que as brasileiras, mas isso pode ser facilmente explicado pelo nível de experiência que as crianças têm com as diferentes estruturas: enquanto quase metade das perguntas-QU do *input* da criança francesa é composta por QU-*in situ*, a brasileira encontra menos de 10% da estrutura em seu *input*. O que precisa ser de fato explicado é porque as crianças francesas produzem massivamente o QU-*in situ*, mesmo frente a um *input* ambíguo entre as duas opções, o que será discutido a seguir.

10.5. Influência da prosódia

No capítulo anterior, comparamos a curva entoacional de diferentes sentenças no PB e no francês e observamos que as duas línguas seguem um padrão similar para alguns tipos de sentença, mas não para o QU-*in situ* como pedido de informação. Grosso modo, nas duas línguas produzimos declarativas com descendência final; perguntas sim/não com ascendência final; QU-*ex situ* com elevação no constituinte-QU seguida de uma descida que permanece estável até o fim da sentença; e QU-*in situ* eco com ascendência final. Com relação ao QU-*in situ*, temos, no PB, uma proeminência um pouco antes do constituinte-QU e uma descida final e, no francês, uma proeminência no constituinte-QU e ascendência final que pode ou não culminar com a elevação própria do sintagma interrogativo.

Essa proeminência encontrada no QU-*in situ* francês não constitui uma regra do francês, já que é possível encontrar a construção com final descendente e, de modo análogo, também a versão com movimento e curva ascendente. A elevação final é, todavia, a curva entoacional mais produtiva para o QU-*in situ* nessa língua. Conforme vimos com o trabalho de Reinhardt (2019), o QU-*in situ* geralmente está associado a uma curva final ascendente, ainda que opcional, e essa elevação não é idêntica a de perguntas sim/não ou de perguntas eco. Já o padrão mais frequente para o QU-*ex situ*, também não obrigatório, é similar ao de declarativas simples, com entoação descendente e esses padrões podem variar de acordo com dialeto ou contexto em que as interrogativas são empregadas. E, conforme discutiremos, esses padrões entoacionais podem se tornar uma pista saliente para a criança francesa “escolher” qual estrutura interrogativa priorizar nos primeiros estágios de aquisição.

Bohn & Santos (2018), analisando a aquisição das vogais pretônicas na fala de três crianças adquirindo o dialeto paulista do PB, observam que elas adquirem as vogais altas pretônicas em contraste com as vogais médias – /i/ seria adquirido junto ao /o/ e /e/ junto ao /u/. Inspiradas na Teoria de Hierarquia Contrastiva de Traços (DRESHER, 2009), as autoras propõem um Princípio de Contraste Máximo que rege a emergência da pauta pretônica na fala infantil. Essa aquisição obedeceria a um contraste entre os traços e as crianças selecionariam, dentro da hierarquia vocálica, os valores mais contrastivos. Em outras palavras, “os segmentos tendem a emergir contrastando maximamente” (p. 222). As autoras citam o exemplo da criança L., que começa produzindo a vogal /a/, aos 1;6, e, aos 1;10, também o /i, o/ quando já possui na pauta tônica o /a, i, e, o/. Segundo elas, se L. selecionasse /o, e/ ou /i, u/ ela teria um contraste em relação a /a/, mas não um contraste máximo dentro dos pares vocálicos. Se, no entanto, a criança selecionar /i, o/, ela terá um contraste maior dentro do par (que contrasta também quanto

à altura) e, com isso, ficará com três alturas distintas em sua pauta pretônica: /a/ (baixa), /o/ (média-alta) e /i/ (alta) (p. 221)¹²³.

Aplicando o Princípio de Contraste aos nossos dados, observamos no francês um contraste prosódico entre os diferentes tipos de sentença analisados: de um lado, temos as declarativas não marcadas e o QU-*ex situ*, com curva final descendente e; de outro, as perguntas sim/não e as interrogativas com QU-*in situ*, produzidas na maioria das vezes com curva ascendente. A partir do contato com perguntas com curva final ascendente e, ao mesmo tempo, declarativas com final descendente, a criança francesa pode concluir que em sua língua as interrogativas são mais frequentemente realizadas com ascendência final, em contraste com as declarativas.

A distinção entre os contornos descendentes e ascendentes é um dos primeiros contrastes a ser adquirido pelas crianças (VIGÁRIO; FROTA, 1992) e, durante o primeiro ano de vida, elas já demonstram sensibilidade aos padrões entoacionais de sua língua (FROTA; SANTOS, no prelo). Além disso, há evidências robustas sugerindo a utilização por bebês das propriedades prosódicas como um “pontapé” para a aquisição de diferentes aspectos da língua, hipótese conhecida como “*booststrapping* prosódico” e mesmo “recém-nascidos [...] demonstram sensibilidade a traços suprasegmentais relevantes e contrastes em diferentes níveis da hierarquia prosódica”¹²⁴ (GERVAIN, 2018:377). Mais especificamente, em um estudo realizado com 32 crianças entre 5 e 9 meses de idade falantes de PE, Frota et al. (2014) reportam que os bebês, desde os 5 meses de idade, já são capazes de discriminar entre sentenças declarativas e perguntas sim/não, com base apenas no contraste entoacional existente entre elas, ou seja, logo cedo, as crianças fazem uso de pistas prosódicas para discriminar entre diferentes tipos de sentença e isso facilita sua aquisição.

A similaridade entre a interrogativa sim/não e o QU-*in situ* e, conseqüentemente, o contraste com o QU-*ex situ*, foram anteriormente notados por Cheng & Rooryck (2000), os quais defendem que os dois tipos de sentença compartilham um mesmo morfema entoacional, responsável por checar o traço-QU em perguntas QU-*in situ* e atribuir a entoação ascendente às perguntas. Conforme já discutimos, todavia, o padrão entoacional do QU-*in situ* é diferente da pergunta sim/não e, embora mais frequentemente produzido com ascendência final, essa elevação final nem sempre é marcada como a da interrogativa sim/não. Por isso, questionamos

¹²³ Agradeço à Prof^a. Dr^a. Raquel Santana Santos por trazer à minha atenção esta possibilidade de análise e leituras relevantes (comunicação pessoal).

¹²⁴ “*newborns [...] show sensitivity to relevant suprasegmental features and contrasts at different levels of the prosodic hierarchy*” (GERVAIN, 2018:377).

a necessidade de postular que um mesmo morfema entoacional seja responsável tanto pelo licenciamento das duas estruturas. Sem depender de um mesmo morfema para o QU-*in situ* e a pergunta sim/não que, como vimos, estão associadas a padrões nem sempre idênticos, podemos ainda assim, em conformidade com as observações de Cheng & Rooryck (2000), atribuir a esse contraste um papel fundamental nos primeiros estágios de aquisição do francês.

10.6. QU-*in situ* em PB e francês: percurso de desenvolvimento infantil

Por fim, propomos que as crianças francesas seguem a seguinte trajetória no desenvolvimento de suas interrogativas-QU. Com um *input* ambíguo, a criança pode realizar uma “escolha” entre as alternativas aparentemente opcionais. Ela opta, então, por aquela mais saliente, a saber, o QU-*in situ*, que contrasta entoacionalmente com a declarativa, diferente de sua contraparte movida. Lembremos, ainda, dos fatores que facilitam o emprego de QU-*in situ*. Sozinhos, no entanto, esses fatores não dão conta de explicar a tendência da criança em direção à construção. Vejamos cada um deles:

- a) **Aquisição tardia de ESK:** antes da aquisição da partícula ESK, ‘*quoi*’ *in situ* é a única opção para a realização de perguntas com ‘o que’. Apenas a aquisição tardia dessa partícula não daria conta de explicar a tendência infantil, pois, mesmo sem ela, ainda é possível realizar perguntas com outros pronomes-QU movidos (como ‘*qui*’ ou ‘*où*’) que, a despeito disso, são mais produtivos na fala infantil na versão *in situ*.
- b) **Sistema verbal:** com um sistema verbal ainda em desenvolvimento, a criança opta mais frequentemente pela cópula associada ao QU-*in situ*. A pergunta que surge, todavia, é: a cópula está associada ao QU-*in situ* pois essa é a primeira estratégia-QU a emergir; ou ela emerge primeiro justamente por estar associada à cópula? Aqui, advogaremos em prol da primeira opção.

A criança francesa, mais tarde, percebe que, embora não contrastante com a curva entoacional das declarativas, a curva descendente também é um padrão válido para interrogativas-QU em sua língua e começa a produzir o movimento-QU em conjunto a algumas palavras-QU, mas de modo bem pouco produtivo. Após a entrada da partícula ESK em sua gramática, por volta os 2;5 anos, seu leque de possibilidades para realização de perguntas com movimento-QU é ampliado. Apenas mais tarde, ela percebe as diferenças estilísticas entre as opções, sendo, por exemplo, o QU-*in situ* mais restrito ao francês coloquial do que o *ex situ*, e aproxima-se da gramática adulta.

Já no dialeto paulista do PB, a criança não precisa buscar pistas na entoação, pois o *input* não é ambíguo, o que torna o processo mais direto. Com o auxílio de um mecanismo que filtra o *input* e ajuda as crianças a tomarem decisões com base em informações estatísticas retiradas do ambiente (PERKINS; FELDMAN; LIDZ, 2017; SCHNEIDER; PERKINS; FELDMAN, 2019; NGUYEN; LEGENDRE, 2021), ela assume que o QU-*ex situ* é a “norma” em sua língua e processa o QU-*in situ*, que compreende apenas 1/10 das interrogativas-QU de seu *input*, como “ruído”. A criança nota, mais tarde, que, em perguntas-QU com constituintes interrogativos mais complexos, é possível evitar o custo derivacional do movimento, mantendo-o *in situ*. E assim começa também a produzir perguntas com a estrutura. E esses casos, conforme discutimos, foram os que mais favoreceram o emprego do QU-*in situ* na fala da criança brasileira.

Uma outra possibilidade levantada por Grolla (2000) é a percepção, por parte das crianças, da existência de um [pro_{especial}] em construções como “Quem que você gosta [pro_{especial}]?”. Esse pronome apareceria em predicados sem conectividade categorial com seu argumento, como no exemplo em que o verbo gostar, que subcategoriza sintagmas preposicionados, aparece com um argumento DP (“quem”). Para a autora, essa ausência de conectividade categorial se deve ao fato de não ter havido movimento do elemento-QU, sendo ele gerado diretamente na base, em Spec,FocP, enquanto a posição de objeto de ‘gostar’ seria ocupada pelo pronome nulo especial. Esse tipo de sentença evidenciaria à criança a existência de uma relação a distância entre a palavra interrogativa e sua posição argumental sem a intermediação de movimento para a periferia esquerda, o que a torna capaz de produzir sentenças com o QU-*in situ*. Em seus dados, as crianças produziram estruturas do tipo, como em “nenhum brinquedo eu brinco”, de forma tardia, apenas após os 3;5 anos, o que sugere uma aquisição tardia do [pro_{especial}] e, conseqüentemente, também do QU-*in situ*.

De todo modo, mesmo na gramática adulta, essa forma interrogativa não é tão produtiva como é no francês, pois, como vimos, no PB, o movimento-QU não parece ser realmente opcional. O PB distancia-se então do francês e se aproxima de línguas como inglês, com movimento-QU obrigatório e que, em raros casos, permite e favorece o emprego da construção, como é o caso das perguntas de esclarecimento.

Considerações finais

“I wish life was not so short, he thought.
Languages take such a time, and so do all the
things one wants to know about.”

– J. R. R. Tolkien, *The Lost Road*

Esta pesquisa investiga a aquisição de *QU-in situ* e *QU-ex situ* por crianças falantes de PB e francês, tendo como pano de fundo teórico o modelo Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e o Programa minimalista (CHOMSKY, 1993, 1995). O trabalho nasceu da percepção de uma curiosa assimetria existente entre o PB e o francês em dados espontâneos: as crianças francesas iniciam o processo de aquisição produzindo massivamente o *QU-in situ*, mesmo essa não sendo a estratégia-QU mais produtiva na fala adulta. Inversamente, no PB as crianças nunca (ou quase nunca) produzem o *QU-in situ*, enquanto na fala adulta temos evidências de taxas produtivas.

Essa assimetria verificada entre a fala infantil e adulta com relação à produção e emergência do *QU-in situ* fez com que várias explicações e importantes questionamentos fossem colocados. Zuckerman (2001), por exemplo, propôs para o francês que a criança é guiada pelo Princípio da Economia e que, a despeito do que observa em seu *input*, opta mais frequentemente pela interrogativa menos custosa nos primeiros estágios de aquisição, a saber, o *QU-in situ*, para, apenas mais tarde, perceber as diferenças estilísticas e pragmáticas entre as estruturas, aproximando-se da gramática adulta e, enfim, produzindo mais *QU-ex situ*. Já Becker & Gotowski (2015) propuseram que a criança francesa atribui exageradamente o referente ao fundo comum, mesmo em contextos em que ele não está saliente e, por isso, produz mais *QU-in situ*.

No PB, vimos também surgir propostas, baseadas na noção de custo derivacional, argumentando que o *QU-in situ* não é a estratégia-QU mais econômica da língua, por envolver dois movimentos (KATO, 2004, 2013). Em um âmbito mais geral, questionou-se também a

noção de opcionalidade entre o QU-*ex situ* e o *in situ*, visto que, em uma abordagem minimalista, o movimento de sintagmas e núcleos não deve ser livre e somente é realizado quando necessário. Vimos então surgir algumas propostas para lidar com essa aparente opcionalidade e, especialmente, para verificar se as estruturas são de fato intercambiáveis, principalmente com base em restrições sintáticas ou pragmáticas (CHANG, 1997; CHENG; ROORYCK, 2000; MATHIEU, 2004; HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005; PIRES; TAYLOR, 2007; OUSHIRO, 2010; DEROMA, 2011; BECKER; GOTOWSKI, 2015; a.o.).

Com base na análise dos dados espontâneos das duas línguas, contendo a fala de 4 crianças brasileiras e 4 francesas e dos adultos com quem elas interagem nas sessões de gravação, questionamos alguns dos pressupostos que inicialmente motivaram este trabalho. Em primeiro lugar, ao analisar a fala dirigida à criança, o QU-*in situ* não se mostrou tão produtivo no PB e nem tão pouco produtivo no francês, conforme previa a literatura anterior. Vimos, no decorrer dessas páginas, que os adultos brasileiros pouco produziram a construção durante as sessões com as crianças e tenderam massivamente em direção ao QU-*ex situ*, produzindo taxas bem distantes daquela reportada por Lopes-Rossi (1996); por outro lado, os adultos franceses produziram uma porcentagem equilibrada entre o QU-*ex situ* e o *in situ*, bem diferente da proporção reportada por Zuckerman (2001).

Foi necessário, então, reconstituir o cenário com o qual antes trabalhávamos: talvez a assimetria entre fala infantil e adulta não seja assim tão marcada. No PB, por exemplo, as crianças seguem o adulto em sua preferência pelo QU-*ex situ*; e no francês, as crianças, expostas a um *input* ambíguo entre as duas estruturas, precisam buscar pistas mais salientes que as guiam no processo de aquisição. Propomos aqui que essa pista seja de caráter prosódico, visto que evidências robustas têm sugerido que as crianças são sensíveis desde cedo a esse tipo de informação (FROTA et al., 2014; GERVAIN, 2018) e elas, quando disponíveis, têm prioridade sobre informações estatísticas retiradas no *input* (JOHNSON; JUSCZYK, 2001). Ou seja, mesmo que o adulto francês produza o QU-*ex situ* em aproximadamente metade de suas perguntas-QU, a pista menos ambígua de que a criança francesa dispõe nos primeiros estágios de aquisição é a informação sobre a curva entoacional das diferentes interrogativas.

Questionamos também a noção de que o custo derivacional seja a única explicação para a assimetria entre os dados infantis e adultos. Primeiramente, fazemos eco às indagações de Becker & Gotowski (2015), para as quais não há evidência suficiente para considerar o movimento coberto envolvido no QU-*in situ* tão mais econômico do que o movimento aberto envolvido na versão *ex situ*, a ponto de fazer com que as crianças francesas “desconsiderem” metade das interrogativas-QU de seu *input*, tendendo massivamente em direção ao QU-*in situ*.

Além disso, se postulássemos que o Princípio de Economia é o único a guiar as primeiras produções interrogativas infantis, teríamos de dizer que as crianças falantes de PB não seguem esse mesmo Princípio – o que representaria por si só um problema em termos teóricos – ou que o QU-*in situ* não é a opção mais econômica da língua (KATO, 2004, 2013), explicação esta que descartamos após muito escrutínio. Ademais, conforme bem aponta Palasis et al. (2019), precisaríamos explicar também por que em línguas como o inglês em que o movimento-QU é preferível, as crianças nunca produzem o QU-*in situ* – que seria uma opção mais econômica e derivacionalmente possível – em suas primeiras construções.

Questionamos também a proposta de Becker & Gotowski (2015) para as quais o QU-*in situ* no francês infantil é mais produtivo por a criança atribuir em demasia o referente ao fundo comum. Se, conforme vimos, a construção nas duas línguas está ligada a um contexto pressuposicionalmente marcado, não podendo ocorrer em situações *out-of-the-blue*, seria esperado que também as crianças falantes de PB produzissem taxas altas de QU-*in situ*, o que não é verificado. Não desejamos concluir, no entanto, que as crianças francesas atribuem exageradamente o referente ao fundo comum, produzindo, com isso, mais QU-*in situ*, enquanto as brasileiras se comportam de forma diferente.

Por fim, questionamos também a opcionalidade entre as duas construções e, para tanto, discutimos aspectos sintáticos, fonológicos e pragmáticos que diferenciam as estruturas, com o intuito de sugerir que elas não são completamente intercambiáveis. Vimos que há contextos sintáticos em que apenas o QU-*in situ* é permitido, enquanto em outros apenas a versão *ex situ* é possível. Discutimos também as diferenças pragmáticas entre as construções e a infelicidade do QU-*in situ* em contextos de *sopetão* e, finalmente, como a derivação sintática e a constituição pragmática contribui para que as perguntas-QU tenham diferentes curvas entoacionais que, no processo de aquisição, servem como pista para que a criança francesa – diante do *input* ambíguo que recebe – tome uma decisão sobre qual gramática selecionar e, conseqüentemente, qual construção privilegiar nos primeiros anos do desenvolvimento linguístico.

Esperamos que este trabalho represente não uma linha de chegada, mas o ponto de largada para várias outras pesquisas e indagações futuras. A título de exemplo, seria interessante continuar a discussão sobre como as informações a respeito da curva entoacional podem ajudar as crianças no processo de aquisição das perguntas-QU em línguas de movimento-QU opcional: se a hipótese levantada aqui estiver no caminho certo, é esperado que, em línguas com um *input* ambíguo como o francês, o contraste entoacional guie a criança na escolha da interrogativa com curva mais distante da declarativa, a fim de diferenciar os dois tipos de enunciados. Seria possível, além disso, estender a noção de um Filtro do *Input* a outras línguas de movimento-

QU opcional e, com isso, questionar a existência de uma real opcionalidade, ao menos do ponto de vista do processo de aquisição. Ou seja, se a criança se depara com duas construções equivalentes em sua língua, mas apenas uma delas é de fato produtiva em seu *input*, é válido dizer que ela tem as duas opções igualmente disponíveis em sua língua? No PB, por exemplo, a criança não parece ter muita escolha nos primeiros estágios de aquisição a não ser produzir massivamente o QU-*ex situ*, a única opção realmente produtiva em seu *input*. Essa indagação aproxima o PB de línguas como o inglês que, mesmo sendo uma língua com movimento-QU obrigatório, em alguns casos permite o QU-*in situ*; e distancia a língua do francês, que conta com um equilíbrio na taxa de produção adulta entre as duas opções de pergunta-QU.

A criança adquirindo uma língua conta com diversos mecanismos que a guiam nesse processo. Apenas um dos fatores, sozinho, não daria conta de explicar esse quebra-cabeça que é a aquisição das perguntas-QU. Em nosso caso, a criança brasileira produz mais QU-*in situ*, seguindo seu *input*, e, ao mesmo tempo, emprega mais QU-movido em lugar do QU-que (opção preferida pelos adultos com quem interage). Além disso, mesmo produzindo massivamente a construção, ela é sensível às pistas pragmáticas e segue o adulto ao produzir mais o QU-*in situ* em associação a antecedentes presentes no contexto aqui-e-agora. E, mesmo desfavorecendo a construção em todos os outros casos, ela parece perceber que em alguns contextos sintáticos, como na presença de constituintes-QU mais complexos, o QU-*in situ* é uma opção válida e, inclusive, menos custosa de sua língua. Já a criança francesa, observando que seu *input* não apresenta pistas estatísticas claras sobre qual estrutura interrogativa sua língua privilegia, precisa procurar algum outro mecanismo que a guie nos primeiros estágios de aquisição. E nesse cenário, o contraste entoacional entre as estruturas relevantes ajuda a “clarificar” seu *input* e, com isso, ela começa sua aquisição produzindo a opção com curva entoacional menos ambígua. Mesmo, no entanto, favorecendo massivamente o QU-*in situ*, a criança francesa ainda parece ser sensível aos contextos pragmáticos, surpreendentemente nunca empregando a construção em contextos de sopetão, desde cedo.

O que essa tese sugere é que, diante de estruturas aparentemente opcionais, como é o caso das perguntas-QU estudadas aqui, as crianças francesas e brasileiras contam com pistas do *input*, da entoação, da pragmática e da computação de economia das derivações. Não à toa, a criança parece já saber onde buscar as “pistas” que utiliza para construir uma gramática mais consistente. O aprendiz de uma língua as busca em seu *input*, seja a partir da frequência com que as construções aparecem em seu *input*; do cálculo do custo derivacional envolvido nas estruturas; do contraste entoacional entre os diferentes tipos de sentença aos quais está exposta na língua; ou do uso pragmático reservado a cada construção. Utilizando, então, todo um “feixe

de pegadas” deixadas pela experiência com a língua, a criança é, então, levada a escolher dentre as representações abstratas, inatas *a priori*, aquelas que deverão compor sua gramática adulta.

Referências Bibliográficas

- ABBOTT, Barbara. Presuppositions and common ground. *Linguist and Philos*, Springer Science-Business Media B.V. 2009: 523–538.
- ABOH, Enoch. Leftward Focus versus Rightward Focus, the Kwa-Bantu Conspiracy. In N. C. Kula & L. Marten (eds.) *Bantu in Bloomsbury: Special Issue on Bantu Linguistics*. SOAS Working Papers in Linguistics 15. SOAS University of London. 81–104, 2007.
- ADLI, Aria. Y at-il des morphèmes intonatifs impliqués dans la syntaxe interrogative du français? Le cas du QU-in-situ. *Nouveaux départs en phonologie: les conceptions sub-et suprasegmentales* 199215, 2004.
- ADLI, Aria. French wh-in-situ questions and syntactic optionality: Evidence from three data types. *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, 25(2), 163-203, 2006.
- AL, Bernard. La notion de grammatialité en grammaire générative transformationnelle. *Etude générale et application à la syntaxe de l'interrogation directe en français parlé*. Leyden: University Press, 1976.
- ALVAREZ, Bruno L. de P. *A Aquisição de Constituintes-Qu In Situ Em Português Brasileiro*. Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.
- AMBAR, Manuela. How do wh-exclamatives and in situ wh-questions correlate? Comunicação apresentada ao XXVI Incontro di Grammatica Generativa, Roma, 2000.
- AMBAR, Manuela. WH-questions and Wh-exclamatives: unifying mirror effects. *BEYSSADE, C.; BOK-BENNEMA, R.; DRIJKONINGEN, F:* 15-40, 2002.
- ASHBY, William. Interrogative forms in Parisian French. *Semasia*, 4, 35-52, 1977.
- AUGUSTO, Marina R.A. QU deslocado e QU in situ em PB: aspectos da derivação linguística e questões para a aquisição da linguagem In Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN, p.535-546, 2005.
- BADAN, Linda; CROCCO, Claudia. Italian wh-questions and the low periphery. *Linguistics*, vol. 59, no. 3, 2021, pp. 757-784.
- BAKEMAN, Roger; ADAMSON, Lauren B. Coordinating attention to people and objects in mother-infant and peer-infant interaction. *Child development*, 1278-1289, 1984.
- BARILE, Wendy; MAIA, Marcus Antonio Rezende. Aspectos prosódicos do QU-in-situ no português brasileiro. *Veredas-Revista de Estudos Linguísticos* 12.2, 2008.
- BAUNAZ, Lena. The syntax and semantics of WH-in-situ and existentials: The case of French. *Leiden Working Papers in Linguistics*, 2.2:1–27, 2005.
- BAUNAZ, Lena. The grammar of French quantification. *Springer Science & Business Media* vol. 83., 2011.
- BAUNAZ, Lena. French “quantifiers” in questions: interface strategies. *Acta Linguistica Hungarica*, 63.2, 125-168, 2016.
- BAUNAZ, Lena; PATIN, Cédric. Prosody refers to semantic factors: evidence from French wh-words. *Proceedings of Interface Discourse-Prosody Conference*, Berne: Lang, 2009.
- BAUNAZ, Lena; BONAN, Caterina. Activation levels: A fresh perspective on French wh in-situ, no prelo.
- BECKER, Misha; GOTOWSKI, Megan. Explaining children’s WH-in situ questions: Against economy. *Proceedings of the 39th annual Boston University Conference on Language Development [BUCLD 39]*, 2015.

- BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. *The Structure of IP and CP: The Cartograph of Syntactic Structures*. Luigi Rizzi (ed), New York: Oxford University Press, 16-51, 2004.
- BEYSSADE, Claire. The Prosody of French Interrogatives. *Nouveaux Cahiers de Linguistique Française*, Université de Genève, pp.163-175, 2007.
- BIEZMA, María. Givenness and the difference between WH-fronted and WH-*in-situ* questions in Spanish. *Romance Languages and Linguistic Theory: Selected papers for Going Romance 29*, 2018.
- BIEZMA, María. Non-informative assertions: The case of non-optional wh-*in-situ*. *Semantics and Pragmatics*, 13(18), 2020.
- BIEZMA, María; RAWLINS, Kyle. Or what? *Semantics and Pragmatics* 10(16), 2017.
- BIEZMA, María; BRAUN, Bettina, JAMES, Angela. Prosody is adding what? Echo questions are not a thing. *Semantics and Linguistic Theory*, vol. 31, pp. 241-261, 2021.
- BOD, Rens; HAY, Jennifer; JANNEDY, Stefanie (Eds.). *Probabilistic Linguistics*. The MIT Press, Cambridge, MA, 2003.
- BOECKX, Cédric. Decomposing French Questions. *Proceedings of the 23rd Annual Penn Linguistics Colloquium*, J. Alexander, N.R. Han and M. Minnick Fox (eds.), Philadelphia, PA: University of Pennsylvania, pp. 69–80, 1999.
- BOECKX, Cédric; STATEVA, Penka; STEPANOV, Arthur. Optionality, Presupposition, and WH-*in situ* in French. *Amsterdam Studies in The Theory And History Of Linguistic Science Series 4*, pp. 57-72, 2001.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. Praat: Doing Phonetics by Computer (Version 5.4.01). Disponível em: <http://www.praat.org>, 2014.
- BOHN, Graziela Pigatto; SANTOS, Raquel Santana. A aquisição das vogais pretônicas em português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v.62, n.1, pp. 195-226, 2018.
- BONAN, Caterina. On In-situness and (very) low Wh-Positions. The Case of Trevigiano. *Proceedings of the 1st SynCart Meeting. Generative Grammar in Geneva*, Université de Genève, 2018.
- BONAN, Caterina. From northern Italian to Asian wh-*in situ*: A theory of low focus movement. *Isogloss. Open Journal of Romance Linguistics* 7, pp. 1-59, 2021.
- BOŠKOVIĆ, Željko. Sometimes in SpecCP, sometimes *in-situ*. *Step by Step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*, MARTIN, Roger, MICHAELS, David et URIAGEREKA, Juan (orgs.), Cambridge: MIT Press, 2000.
- BOŠKOVIĆ, Željko. LF movement and the Minimalist Program. *Proceedings of NELS 28*, Pius N. Tmanji & Kiyomi Kusumoto (eds.), University of Massachusetts, Amherst: GLSA Publications, pp. 43-51, 1998.
- BOUCHER, Paul. Wh-questions in French and English. *Comparative and contrastive studies of information structure*, 165, pp. 101-138, 2010.
- BRANIGAN, Holly P.; PICKERING, Martin J.; LIVERSEDGE, Simon P., STEWART, Andrew J.; URBACH, Thomas P. Syntactic priming: Investigating the mental representation of language. *Journal of Psycholinguistic Research* 24, pp. 489-506, 1995.
- BRANIGAN, Holly. Syntactic priming. *Language and Linguistics Compass*, 1(1-2), pp. 1-16, 2007.
- BROWN, Roger. The development of wh-questions in child speech. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior* 7, 1968.
- BROWN, Roger. *A first language: The early stages*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1973.
- BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency and the Emergence of Language Structure*. John Benjamins, Amsterdam, 2001.

- CABLE, Seth. Wh-fronting (in Hungarian) is not focus-fronting. *Manuscript. ling. auf.*, 2008.
- CHANG, Hsing-Wu. The Acquisition of Chinese Syntax. *Language Processing in Chinese*. H.C. Chen and O.J.L. Tzeng (Editors), pp. 277-311, 1992.
- CHANG, Lisa. Wh-in-situ phenomena in French. Master's thesis, University of British Columbia, 1997.
- CHENG, Lisa Lai-Shen. On the Typology of Wh-questions, PhD Dissertation, MIT, 1991.
- CHENG, Lisa Lai-Shen. Wh-in-situ. *Glott International*, 7(4), 103-109, 2003.
- CHENG, Lisa Lai-Shen. Wh-in-situ, from the 1980s to Now. *Language and Linguistics Compass*, pp. 767-791, 2009.
- CHENG, Lisa Lai-Shen; ROORYCK, Johan. Licensing wh-in-situ. *Syntax*, 3(1), pp. 1-19, 2000.
- CHIERCHIA, Gennaro. Semântica. Tradução Luiz Arthur Pagani, Lígia Neri, Rodolfo Ilari - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- CHOMSKY, Noam. Deep Structure, Surface Structure, and Semantic Interpretation. In D. Steinberg & L. Jakobovits, eds., *Semantics*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1971.
- CHOMSKY, Noam. On wh-movement. *Formal syntax*, pp. 71-132, 1977.
- CHOMSKY, Noam. Principles and parameters in syntactic theory. *Explanation in linguistics: The logical problem of language acquisition*, Norbert Hornstein and David Lightfoot (eds.), London: Longman, pp. 32-75, 1981.
- CHOMSKY, Noam. Some notes on economy of derivation and representation. *Principles and parameters in comparative grammar*, Robert Freidin (ed.), Cambridge, Mass: MIT Press, pp. 417-454, 1991.
- CHOMSKY, Noam. A minimalist program for linguistic theory. *The view from building 20*, Kenneth Hale, Samuel J. Keyser (eds.), Cambridge, Mass : MIT Press, pp. 1-52, 1993.
- CHOMSKY, Noam. The Minimalist Program. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. On the nature, use, and Acquisition of Language. *Handbook of child language acquisition*, Ritchie, William, Tej Bhatia (eds.), Brill, 1998.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics* 18, 1999.
- CHOMSKY, Noam. The Minimalist Program: 20th Anniversary Edition. The MIT Press. Cambridge, Massachusetts, 2015.
- CHOMSKY, Noam; LASNIK, Howard. Filters and control. *Linguistic inquiry* 8.3, pp. 425-504, 1977.
- COVENEY, Aidan. The use of the QU-final interrogative structure in spoken French. *Journal of French language studies* 5.2, pp. 143-171, 1995.
- COVENEY, Aidan. Variability in spoken French. *A sociolinguistic study of interrogation and negation*. Exeter: Elm Bank Publications, 1996.
- CRISMA, Paola. On the Acquisition of Wh-Questions in French, *GenGenP* 0 (1-2), pp. 115-122, 1992.
- DAYAL, Veneeta. Questions. *Oxford surveys in semantics and pragmatics*, 2016.
- DELAIS-ROUSSARIE, Elisabeth; POST, Brechtje, AVANZI, Mathieu, BUTHKE, Caroline, DI CRISTO, Albert, FELDHAUSEN, Ingo, JUN, Sun-Ah, MARTIN, Philippe, MEISENBURG, Trudel, RIALLAND, Annie, SICHEL-BAZIN, Rafèu; YOO, Hiyon. Intonational Phonology of French: Developing a ToBI system for French. *Intonation in Romance*, S. Frota e P. Prieto (eds.), Oxford: Oxford University Press, 2015.
- DEMUTH, Katherine. Collecting Spontaneous Production Data. *Methods for Assessing Children's Syntax (Language, Speech, and Communication)*, McDaniel, Dana, Cecile McKee, and Helen Smith Cairns (eds.), MIT Press, 1996.
- DENHAM, Kristin. Minimalist Account of optional Wh-Movement. Seattle: University of Washington Press, 1997.

- DÉPREZ, Viviane; SYRETT, Kristen; KAWAHARA, Shigeto. Interfacing information and prosody: French wh-in situ questions. *Romance Languages and Linguistic Theory: Selected Papers from 'Going Romance' 2010*, Irene Franco, Sara Lusini and Andrés Saab (eds.), Amsterdam: John Benjamins, pp. 135-154, 2012.
- DÉPREZ, Viviane; SYRETT, Kristen; KAWAHARA, Shigeto. The interaction of syntax, prosody, and discourse in licensing French WH-in-situ questions. *Lingua* 124, pp. 4-19, 2013.
- DEROMA, Cynthia Levart Zocca. And the wh goes where - Wh in situ in Brazilian Portuguese. University of Connecticut, 2007.
- DEROMA, Cynthia Levart Zocca. Divide et Impera—Separating Operators from their Variables. Doctoral dissertation, University of Connecticut, 2011.
- DE MORAES, João Antônio. Intonation in Brazilian Portuguese. *Intonation systems: A survey of twenty languages*, pp. 179-194, 1998.
- DE VILLIERS, Jill; ROEPER, Tom. Twenty questions. *Comunicação apresentada no Annual Meeting of the American Speech Language Association*, 2003.
- DIESSEL, Holger; TOMASELLO, Michael. The development of relative clauses in spontaneous child speech. *Cognitive Linguistics* 11 (1-2), pp. 131-151, 2000.
- DI CRISTO, Albert. Intonation in French. *Intonation systems: A survey of twenty languages*, 195-218, 1998.
- DRESHER, Elan B. *The Contrastive Hierarchy in Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- DUARTE, Inês. Sobre interrogativas-Q em português europeu e português brasileiro. In *Comunicação apresentada no Congresso Internacional*, vol. 500, pp. 8-13, 2000.
- ECKARDT, Regine. Inherent focus on wh-phrases. *Proceedings of Sinn und Bedeutung*, vol. 11, 2007.
- ELSIG, Martin. *Grammatical Variation across Space and Time: The French Interrogative System*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- FAURE, Richard; PALASIS, Katerina. Exclusivity! Wh-fronting is not optional wh-movement in Colloquial French. *Natural Language & Linguistic Theory*, 39(1), pp. 57-95, 2021.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 119-138, 1996.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; GROLLA, Elaine. Some syntactic and pragmatic aspects of WH-in-situ in Brazilian Portuguese. *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*, pp. 259-285, 2015.
- FROTA, Sónia; BUTLER, Joseph; VIGÁRIO, Marina. Infants' perception of intonation: Is it a statement or a question? *Infancy* 19 (2), pp. 194-213, 2014.
- FROTA, Sónia; DE MORAES, João Antônio. Intonation in European and Brazilian Portuguese. *The Handbook of Portuguese Linguistics* (2016): 141-166.
- FROTA, Sónia; SANTOS, Raquel Santana Santos. Aquisição da Prosódia no Português, no prelo.
- FROTA, Sónia; CRUZ, Marisa; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane; COLLISCHONN, Gisela; FONSECA, Aline; SERRA, Carolina; OLIVEIRA, Pedro; VIGÁRIO, Marina. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In S. Frota & P. Prieto (eds). *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press, pp. 235-283, 2015.
- GARASSINO, Davide. A contrastive perspective on French and Italian wh-in situ questions: A discourse-pragmatic approach. *Functions of Language* 29.1, pp. 25-57, 2022.
- GERVAIN, Judit. Gateway to language: The perception of prosody at birth. *Boundaries crossed, at the interfaces of morphosyntax, phonology, pragmatics and semantics*, pp. 373-84, 2018.

- GLASBERGEN-PLAS, Aliza. Questions in context: the case of French wh-in-situ. *LOT dissertation series*. LOT, Amsterdam, 2021.
- GLASBERGEN-PLAS, Aliza, Stella Gryllia, and Jenny Doetjes. "The prosody of French wh-in-situ questions: Echo vs. non-echo." *Journal of Linguistics* 57.3 (2021): 569-603.
- GRICE, Herbert P. Logic and Conversation. *Syntax and Semantics*, vol. 3 Speech Acts, Peter Cole e Jerry L. Morgan (eds.), New York: Academic Press, pp. 41-58, 1975.
- GROLLA, Elaine. Aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro. Dissertação de mestrado, Campinas: UNICAMP, 2000.
- GROLLA, Elaine. Sobre a Aquisição Tardia de QU-*in situ* em Português Brasileiro. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 21, n. 1, pp. 57-73, 2005.
- GROLLA, Elaine. Speculations about the Acquisition of Wh-Questions in Brazilian Portuguese. *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*, Acrísio Pires & Jason Rothman (eds.). Mouton deGruyter (Studies on Language Acquisition (SOLA)), 2009.
- GROLLA, Elaine; ALVAREZ, Bruno. The Optionality of WH-in-Situ Questions in Brazilian Portuguese: Child and Adult Data. *Paper to be presented at the I Experimental Psycholinguistics: Formal Approaches*, Unicamp/IEL, Brazil, 2010.
- GRYLLIA, Stella; CHENG, Lisa Lai-Shen; DOETJES, Jenny. On the intonation of French wh-in-situ questions: What happens before the wh-word is reached. *Speech Prosody 2016*, pp. 611-614, 2016.
- GOTOWSKI, Megan. Wh-in situ production in child French. *Linguistica Atlantica*, 2017.
- GOTOWSKI, Megan; BECKER, Misha. An information-structural account of children's wh-in situ questions in French. *Proceeding of the 6th Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America (GALANA 2015)*, 2016.
- GUASTI, Maria Teresa. An excursion into interrogatives in early English and Italian. *The acquisition of syntax: Studies in comparative developmental linguistics*, pp. 105-128, 2000.
- HAMANN, Cornelia. Speculations about early syntax: The production of wh-questions by normally developing French children and French children with SLI. *Catalan Journal of Linguistics*, 5(1), pp. 143-189, 2006.
- HAMBLIN, Charles L. Questions in Montague English. *Foundations of Language* 10, pp. 41-53, 1973.
- HAMLAOUI, Fatima. A prosodic study of wh-questions in French natural discourse. *Proceedings of the LangUE*, pp. 27-38, 2009.
- HAMLAOUI, Fatima. Anti-givenness, prosodic structure and "intervention effects", pp. 347-364, 2010.
- HAMLAOUI, Fatima. On the role of phonology and discourse in Francilian French wh-questions. *Journal of linguistics*, pp. 129-162, 2011.
- HARRIS, Barbara; PETERSEN, Dana. Developing Math Skills in Early Childhood. *Mathematica Policy Research*, Princeton, 2017.
- HORNSTEIN, Norbert, NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes K. Introduction to Minimalist Program, Cambridge University Press, 2005.
- HORVATH, Julia. Focus in the theory of grammar and the syntax of Hungarian. Dordrecht: Foris, 1986.
- HORVATH, Julia. Discourse features, syntactic displacement and the status of contrast. *Lingua* 120, pp. 1346-1369, 2010.
- HUANG, C. T. James. Move wh in a language without wh-movement. *The linguistic review*, 1(4), pp. 369-416, 1982.

- HUBLEY, Penelope; TREVARTHEN, Colwyn. Sharing a task in infancy. *New Directions for Child and Adolescent Development* 1979.4, pp. 57-80, t1979.
- HUDDLESTON, Rodney; PULLUM, Geoffrey. *The Cambridge Grammar of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- HUTTENLOCHER, Janellen; VASILYEVA, Marina; CYMERMAN, Elina; LEVINE, Susan. Language input and child syntax. *Cognitive Psychology* 45 (3), pp. 337–374, 2002.
- JACKENDOFF, Ray S. Focus and Presupposition. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusettes: MIT Press, 1972.
- JAYASEELAN, Karattuparambil Achuthan. Question-word movement to focus and scrambling in Malayalam. *Linguistic Analysis* 26, pp. 63–83, 1996.
- JIMÉNEZ, Maria Luisa. Semantics and pragmatics conditions on word order in Spanish. Ph.D. thesis. Georgetown University, Washington D.C., 1997.
- JOHNSON, Elizabeth K.; JUSCZYK, Peter W. Word segmentation by 46 8-month-olds: when speech cues count more than statistics. *Journal of memory and language* 44, pp. 1–20, 2001.
- KAISER, Georg; QUAGLIA, Stefano. In search of wh in-situ in Romance: an investigation in detective stories, pp. 92-103, 2015.
- KAHNEMUYIPOUR, Arsalan. On Wh-Questions in Persian. *Canadian Journal of Linguistics/Revue Canadienne de Linguistique* 46 (1/2), pp. 41–51, 2001.
- KARTTUNEN, Lauri. Syntax and semantics of questions. *Linguistics and Philosophy* 1, pp. 3-44, 1977.
- KANDYBOWICZ, Jason. On prosodic variation and the distribution of wh- in situ. *Linguistic Variation* 17:1, 2017.
- KATO, Mary Aizawa. Dislocated and in-situ wh-questions in Brazilian Portuguese. *Trabalho apresentado no Symposium on Spanish and Portuguese*, UC Santa Barbara, 2004.
- KATO, Mary Aizawa. Deriving “wh-in-situ” through movement in Brazilian Portuguese. *Information structure and agreement*, 177-191, 2013.
- KATO, Mary Aizawa; RAPOSO, Eduardo. European and Brazilian Portuguese Word Order: Questions, Focus and Topic Constructions. *Trabalho apresentado no Linguistic Symposium on Romance Languages XXIV*, Washington, DC., 1994.
- KIDD, Evan; BRANDT, Silke, LIEVEN, Elena; TOMASELLO, Michael. Object relatives made easy: A cross-linguistic comparison of the constraints influencing young children's processing of relative clauses, *Language and Cognitive Processes*, 22:6, pp. 860-897, 2007.
- KREIN, Kristi. Prosodic Licensing of French WH-in-situ: An Agree-base Approach. *University of Washington Working Papers in Linguistics (UWWPL)*, vol. 36., 2007.
- KRIFKA, Manfred. Basic notions of information structure. *Acta Linguistica Hungarica* 55(3-4), pp. 243-276, 2008.
- KRIFKA, Manfred. Questions. *Semantics. An international handbook of natural language and meaning*, ed. Maienborn, C.e.a.Berlin: Mouton de Gruyter, 2011.
- LACERDA, Renato. Middle-field syntax and Information Structure in Brazilian Portuguese. Tese de doutorado, University of Connecticut, Estados Unidos, 2020.
- LARRIVÉE, Pierre. Contextes promoteurs et émergence des questions in situ en français. *Des parlars d’oil à la francophonie: Contact, variation et changement linguistiques*, A. Dufter, K. Grübl & T. Scharinger (eds.), Berlin, Boston: De Gruyter, pp. 97-116, 2019a.
- LARRIVÉE, Pierre. Historical pragmatics, explicit activation and wh in situ in French. *Romance languages and linguistic theory* 15. *Selected papers from ‘Going Romance’* 30, I. Feldhausen, M. Elsig, I. Kuchenbrandt & M. Neuhaus (eds.), Amsterdam: Benjamins, pp. 114–132, 2019b.

- LEROY, Marie, MATHIOT, Emmanuelle; MORGENSTERN, Aliyah. Pointing gestures and demonstrative words: Deixis between the ages of one and three. *Studies in Language and Cognition Cambridge Scholars Publishing*. Jordan Zlatev, Marlene Johansson Falck, Carita Lundmark and Mats Andrén (eds.), pp. 386-404, 2009.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. Aquisição de constituintes-QU em dois dialetos do português brasileiro. Tese de mestrado. Unicamp, Brazil, 2003.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. Aquisição da linguagem e variação linguística. *Estudos Linguísticos XXXIV*, pp. 409-414, 2005.
- LEVINSON, Stephen C. Pragmática. Tradução de Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. Martins Fontes, São Paulo, 2007.
- LEWIS, David. Scorekeeping in a Language Game. *Journal of Philosophical Logic* 8, pp. 339-359, 1979.
- LI, Lulu. Discourse-conditioned WH-*in situ* in L1 Francilian French and as acquired by advanced English and Mandarin-speaking learners. Tese de doutorado, University of Toronto, 2021.
- LIDZ, Jeffrey; GAGLIARDI, Annie. How nature meets nurture: Universal grammar and statistical learning. *Annu. Rev. Linguist.* 1.1, pp. 333-353, 2015.
- LIEBAL, Kristin, CARPENTER, Malinda; TOMASELLO, Michael. Young children's understanding of cultural common ground. *British Journal of Developmental Psychology* 31.1, pp. 88-96, 2013.
- LOPES-ROSSI, Maria A. G. A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do Português. Tese de Doutorado, Departamento de Linguística, Unicamp, 1996.
- MACWHINNEY, Brian. The CHILDES Project: Tools for analyzing talk. Third Edition. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.
- MATHIEU, Éric. The syntax of non-canonical quantification: a comparative study. University of London. Tese de doutorado, 2002.
- MATHIEU, Eric. The mapping of form and interpretation: The case of optional wh-movement in French. *Lingua* 114, pp. 1090-1132, 2004.
- MATHIEU, Éric. Les questions en français: micro et macro-variation. In France Martineau, Raymond Mougeon, Terry Nadasdi & Mireille Tremblay (eds.), *Le Français D'ici: Études Linguistiques Et Sociolinguistiques Sur La Variation Du Français Au Québec Et En Ontario*, Toronto: GREF, pp. 37-66, 2009.
- MATHIEU, Éric. The WH parameter and radical externalization. *Rethinking Parameters*. Luis Eguren, Olga Fernandez-Soriano & Amaya Mendikoetxea (eds.), Oxford: Oxford University Press, pp. 252-290, 2016.
- MARCOTTE, Florence. Analyse syntaxique des interrogatives partielles directes en français québécois. *ScriptUM: la revue du colloque VocUM*. no. 4, 2020.
- MCDANIEL, Dana; MCKEE, Cecile; CAIRNS, Helen Smith. Methods for Assessing Children's Syntax (Language, Speech, and Communication). MIT Press, 1996.
- MIOTO, Carlos. As interrogações no português brasileiro e o critério-WH. *Letras de Hoje*, 96, pp. 19-33, 1994.
- MIOTO, Carlos. Interrogativas WH no português europeu e no português brasileiro." *Percursos em Teoria da Gramática*. Florianópolis: Editora da UFSC (2011): 43-72.
- MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. WH-que = WH-é-que. *Delta*, n 11, vol 2, 1995.
- MIOTO, Carlos; KATO, Mary A. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. *Revista da Abralin*, vol. 4, no 1 e 2, pp. 171-196, 2005.
- MIOTO, Carlos; LOBO, Maria. Wh-movement: Interrogatives, Relatives and Clefts. *The Handbook of Portuguese Linguistics*, First Edition. W. Leo Wetzels, João Costa, and Sergio Menuzzi (eds.), 2016.

- MIYAGAWA, Shigeru. The EPP, Scrambling, and *wh*-in situ. *Ken Hale: A Life in Language*. Kenstowicz, M. (ed). Cambridge, Mass: The MIT Press, 2001.
- MORGENSTERN, Aliyah; PARISSE, Christophe. Codage et interprétation du langage spontané d'enfants de 1 à 3 ans. *Corpus n°6 "Interprétation, contextes, codage"*, pp. 55-78, 2007.
- MORGENSTERN, Aliyah; SEKALI, Martine. What can child language tell us about prepositions? A contrastive corpus-based study of cognitive and social-pragmatic factors. *Studies in Language and Cognition*. Jordan Zlatev, Marlene Johansson Falck, Carita Lundmark and Mats André (eds.), Cambridge Scholars Publishing, pp. 261-275, 2009.
- MORGENSTERN, Aliyah. Un JE en construction. Ontogenèse de l'auto-désignation chez l'enfant. *Bibliothèque de Faits de langues*. Ophrys, 2006.
- MORGENSTERN, Aliyah. with the collaboration of Benazzo, S., Leroy, M., Mathiot, E., Parisse, C., & Sekali, M. L'enfant dans la langue. *De l'observation du naturaliste à l'analyse du linguiste*, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2009.
- MUNARO, Nicola; POLETO, Cecilia; POLLOCK, Jean-Yves. Eppur si muove! On comparing French and Bellunese Wh-movement. University of Padua and Université de Picardie à Amiens, 2001.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. Prosodic phonology. Dordrecht: Foris, 1986.
- NGUYEN, An D.; LEGENDRE, Géraldine. The acquisition of *wh*-questions: Beyond structural economy and input frequency. *Language Acquisition*, pp. 1-26, 2021.
- NUNES, Jairo; SANTOS, Raquel Santana. Stress shift as a diagnostics for identifying empty categories in Brazilian Portuguese. *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*, Nunes, J. (ed.). Amsterdam: John Benjamins, pp. 121-136, 2007.
- OIRY, Magda; DEMIRDACHE, Hamida. Evidence from L1 acquisition for the syntax of *wh*-scope marking in French. *The acquisition of syntax in romance languages*, pp. 289-315, 2006.
- OIRY, Magda. A case of true optionality: *Wh*-in situ patterns like long movement in French. *Linguistic Analysis*, 37(1), pp. 115-142, 2011.
- OWENS, Robert E. Language development: An introduction. London: Pearson College Division, 2015.
- OUSHIRO, Livia. As Interrogativas Q-*in situ* têm restrições pragmáticas? *Anais - VI Congresso Internacional da ABRALIN*. João Pessoa: Ideia, volume 1. pp. 2445-2452, 2009.
- OUSHIRO, Livia. Condicionamento discursivo-pragmático no uso variável de Interrogativas-Q. *Estudos Linguísticos*, 39(2), pp. 628-639, 2010.
- OUSHIRO, Livia. Uma análise variacionista para as Interrogativas-Q. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- OUSHIRO, Livia. Análise sociolinguística da posição variável do constituinte interrogativo. *Revista da ABRALIN*, v.11, n.2, pp. 43-87, 2012.
- PALASIS, Katerina; FAURE, Richard; LAVIGNE, Frédéric. Explaining variation in *wh*-position in child French: A statistical analysis of new seminaturalistic data, *Language Acquisition*, 2019.
- PALASIS, Katerina; FAURE, Richard; MEUNIER, Fanny. *Wh*-in-situ in child French: Deictic triggers at the syntax-semantics interface. *Journal of French Language Studies*, pp. 1-26, 2023.
- PERCUS, Orin. Prying open the cleft. *Proceedings of NELS 27*, 337-351. Amherst: GLSA, 1997.
- PERKINS, Laurel; FELDMAN, Naomi; LIDZ, Jeffrey. Learning an input filter for argument structure acquisition. *Proceedings of the 7th workshop on cognitive modeling and computational linguistics*, p. 11-19, 2017.

- PIRES, Acrisio; TAYLOR, Heather. The syntax of wh-in-situ and common ground. *Proceedings from the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society*, Chicago Linguistic Society, vol. 43, no. 2, pp. 201-215, 2007.
- POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20, pp. 365-424, 1989.
- POLLOCK, Jean-Yves. Langage et Cognition: Introduction au programme minimaliste de la grammaire générative. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.
- POLETTI, Cecilia; POLLOCK, Jean-Yves. Arguing for remnant movement in Romance. *Remnant Movement*. G. Grewendorf (ed), Mouton De Gruyter, 2015.
- QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LEECH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan. A Comprehensive Grammar of the English Language. New York: Longman, 1985.
- REGLERO, Lara. A'-Dependencies in Spanish and Basque. Tese de doutorado, University of Connecticut, 2004.
- REGLERO, Lara. Wh-in-situ constructions: Syntax and/or phonology?. *Proceedings of the 24th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, Mass.: Cascadilla Proceedings Project, pp. 334– 342, 2005.
- REGLERO, Lara. Wh-in-situ interrogatives in Spanish. *Probus* 19.2, pp. 267-297, 2007.
- REGLERO, Lara; TICIO, Emma. Wh-in-situ and the Spanish DP: Movement or no movement? *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, 2008.
- REGLERO, Lara. A unified analysis of wh-in-situ in Spanish. *Linguistic review* 30.4, 2013.
- REINHART, Tanya. Wh-in-Situ in the Framework of the Minimalist Program. *Natural Language Semantics* 6, pp. 29-56, 1998.
- REINHARDT, Janina. Regularity and variation in French direct Interrogatives: An analysis of the morpho-syntax and intonation of question forms in reality TV shows, audio books, and teaching materials. Tese de doutorado. University of Konstanz, 2019.
- REIS, Marga. On the analysis of echo questions. *Tampa Papers in Linguistics* 3, pp. 1–24, 2012.
- RIZZI, Luigi. Relativized minimality. Cambridge: MIT Press, 1990.
- RIZZI, Luigi. Residual verb second and the Wh criterion. *Parameters and functional heads: essays in comparative syntax*. BELLETTI, A; RIZZI, L. (eds.). New York; Oxford: Oxford University Press, pp. 64-90, 1996.
- RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. *Elements of Grammar*. Liliane Haegeman (ed), Kluwer, pp. 281-337, 1997.
- ROBERTS, Craige. Information structure: Towards an integrated formal theory of pragmatics. *Semantics and pragmatics* 5, 2012.
- ROCHEMONT, Michael S. Focus in Generative Grammar. *Studies in generative linguistic analysis*. John Benjamins Publishing Company, pp. 1-231, 1986.
- ROORYCK, Johan. On two types of underspecification: towards a feature theory shared by syntax and phonology, *Probus* 6, pp. 207-233, 1994.
- ROOTH, Mats. Association with Focus. Tese de doutorado. University of Massachussets at Amherst, 1985.
- ROOTH, Mats. Alternative Semantics. *The Oxford Handbook of Information Structure*. FÉRY, Caroline; ISHIHARA, Shinichiro (eds.). Reino Unido: Oxford University Press, pp. 19-40, 2016.
- ROSSI-GENSANE, Nathalie; URSI, Biagio. Syntaxe et genre interactionnel: le cas des interrogatives directes partielles dans les interactions commerciales. *Langages* 219, pp. 147-160, 2020.
- ROWLAND, Caroline F.; PINE, Julian M. Subject–auxiliary inversion errors and wh-question acquisition: ‘What children do know?’. *Journal of child language* 27.1, pp. 157-181, 2000.

- ROWLETT, Paul. *The Syntax of French*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- ROUSSOU, Anna; VLACHOS, Christos; PAPAZACHARIOU, Dimitris. In situ, ex situ, and (non) echo questions. *Major Trends in Theoretical and Applied Linguistics 1: Selected papers from the 20th ISTAL*. Nikolas Lavidas, Thomai Alexiou, and Areti Maria Sougari (eds.), pp. 475-494, 2014.
- SANTOS, Raquel Santana. Categorias Sintáticas Vazias e Retração de Acento em Português Brasileiro. *D.E.L.T.A.*, pp. 67 – 86, 2002.
- SANTOS, Raquel Santana. Traces, *pro* and Stress Retraction in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 2, pp. 101–113, 2003.
- SANTOS, Raquel Santana. Projeto de Aquisição do Ritmo em Português Brasileiro. FAPESP 2003/13565-4, 2005.
- SCAIFE, Michael; BRUNER, Jerome S. The capacity for joint visual attention in the infant. *Nature*, pp. 265-266, 1975.
- SCHAEFFER, Jeannette. *The acquisition of direct object scrambling and clitic placement*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.
- SCHNEIDER, Jordan; PERKINS, Laurel; FELDMAN, Naomi H. A noisy channel model for systematizing unpredictable input variation. *Proceedings of the 44th Annual Boston University conference on language development*, MA: Cascadilla Press, 533-547, 2020.
- SCHWARZSCHILD, Roger. GIVENness, AvoidF and other constraints on the placement of accent. *Natural language semantics*, 7(2), pp. 141-177, 1999.
- SELKIRK, Elizabeth O. *Phonology and Syntax: The relation between sound and structure*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1984.
- SIKANSI, Nilmara. As interrogativas-Q na gramática infantil do PB. *Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas* (36), pp. 85-103, 1999a.
- SIKANSI, Nilmara A aquisição das interrogativas-Q do Português do Brasil. *Memorial para Qualificação de Tese de Doutorado*, Unicamp, 1999b.
- SILVEIRA, Victor L. *A Emergência de Estruturas A-Barra no Contexto da Aquisição do Português Brasileiro como Língua Materna*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.
- SIMPSON, Andrew. *Wh-movement and the theory of feature-checking*. John Benjamins Publishing, 2000.
- SHLONSKY, Ur. Notes on wh in situ in French. *Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures*. Laura Brugé, Anna Cardinaletti, Giuliana Giusti, Nicola Munaro & Cecilia Poletto (eds.), Oxford: Oxford University Press, pp. 242-252, 2012.
- SOARES, Carla. Computational complexity and the acquisition of the CP field in European Portuguese. *Proceedings of Console*, vol. 12, pp. 125-140, 2004.
- SPINNER, Patti; GRINSTEAD, John. Subjects, topicalizations and wh-questions in child German and Southern Romance. *Selected proceedings of the 9th hispanic linguistics symposium*, 2006.
- STALNAKER, Robert. Presuppositions. *Journal of Philosophical Logic*, 2, pp. 447- 457, 1973.
- STALNAKER, Robert. Pragmatic presuppositions. *Proceedings of the Texas conference on performatives, presuppositions, and implicatures*. Arlington, VA: Center for Applied Linguistics, pp. 135-148, 1977.
- STALNAKER, Robert. Assertion. *Pragmatics: Syntax and Semantics*. Peter Cole (ed.), vol. 9, New York: Academic Press, 1978.
- STALNAKER, Robert. Common Ground. *Linguistics and Philosophy*, v. 25, pp. 701-721, 2002.
- STARKE, Michael. *Move Dissolves into Merge: A Theory of Locality*. Tese de doutorado, University of Geneva, 2001.

- STEIN, Cirineu Cecote. A Pré-Indicação Prosódica para as Orações Subordinadas Adverbiais no Português Brasileiro e no Francês. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- STRIK, Nelleke. L'acquisition des phrases interrogatives chez les enfants francophones. *Psychologie Française*, 52.1, pp. 27-39, 2007.
- STRIK, Nelleke. Syntaxe et acquisition des phrases interrogatives en français et en néerlandais: une étude contrastive. Tese de doutorado, Paris 8, 2008.
- STROMSWOLD, Karin. The acquisition of subject and object wh-questions. *Language Acquisition*, 4.1-2, pp. 5-48, 1995.
- STROMSWOLD, Karin. Analyzing Children's Spontaneous Speech. *Methods for Assessing Children's Syntax (Language, Speech, and Communication)*. McDaniel, Dana, Cecile McKee, and Helen Smith Cairns (eds.), MIT Press, 1996.
- TAILLEUR, Sandrine. The French Wh Interrogative System: Est-ce que, Clefting? Tese de doutorado, Toronto: University of Toronto, 2013.
- THEAKSTON, Anna; LIEVEN, Elena V. M.; PINE, Julian M.; ROWLAND, Caroline F. Semantic generality, input frequency and the acquisition of syntax. *Journal of Child Language*, 31(1), pp. 61-99, 2004.
- TYACK, Dorothy; INGRAM, David. Children's production and comprehension of questions. *Journal of Child Language*. 4(2), pp. 211-24, 1977.
- URIBE-ETXEBARRIA, Myriam. In situ questions and masked movement. *Linguistic Variation Yearbook 2*, pp. 259-303, 2002.
- WAGNER, Michael. Givenness and Locality. *SALT XVI*, Ithaca, New York, pp. 295 - 312, 2006.
- WIKLUND, Mari; RIIPPA, Anne. L'intonation des énoncés interrogatifs dans la parole des apprenants finnophones du français. *Journal of French Language Studies* 32.3, pp. 383-411, 2021.
- YANG, Charles. Universal Grammar, statistics or both?. *Trends in cognitive sciences* 8.10, pp. 451-456, 2004.
- YANG, Charles. For and against frequencies. *Journal of Child Language*. Cambridge University Press 42, pp. 287-293, 2015.
- YANG, Charles; CRAIN, Stephen, BERWICK, Robert C.; CHOMSKY, Noam; BOLHUIS, Johan J. The growth of language: Universal Grammar, experience, and principles of computation. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 81, pp. 103-119, 2017.
- VIEIRA, Clariana. O constituinte-QU in situ no português brasileiro infantil. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- VIEIRA, Clariana; GROLLA, Elaine. The pragmatics of wh-in-situ questions in Brazilian Portuguese: Data from child and adult language. *Proceedings of the 44th Boston University Conference on Language Development*, MA: Cascadilla Press, pp. 677-690, 2020.
- VIGÁRIO, Marina; FROTA, Sónia. Aquisição da Prosódia I: uma categorização das produções sonoras de e para a criança. *Análise Psicológica* 4.X, pp. 457-478, 1992.
- VLACHOS, Christos; CHIOU, Michalis. The syntax, semantics and pragmatics of 'optional' wh-in situ in Greek. *Journal of Greek Linguistics*, 20.1, pp. 102-131, 2020.
- ZIMMERMANN, Michael; KAISER, Katharina. Refining current insights into the wh-in-situ interrogative construction in French: the case of Contemporary Hexagonal French. *Romanistisches Jahrbuch*, 70(1), pp. 123- 157, 2019.
- ZUBIZARRETA, María Luisa. Prosody, Focus and Word Order. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.
- ZUCKERMAN, Shalom; HULK, Aafke. Acquiring optionality in French wh- questions: An experimental study. *Revue Québécoise de Linguistique* 30, pp. 71- 97, 2001.

ZUCKERMAN, Shalom. The Acquisition of “Optional” Movement. Tese de Doutorado.
Boston, Massachussetts, 2001.